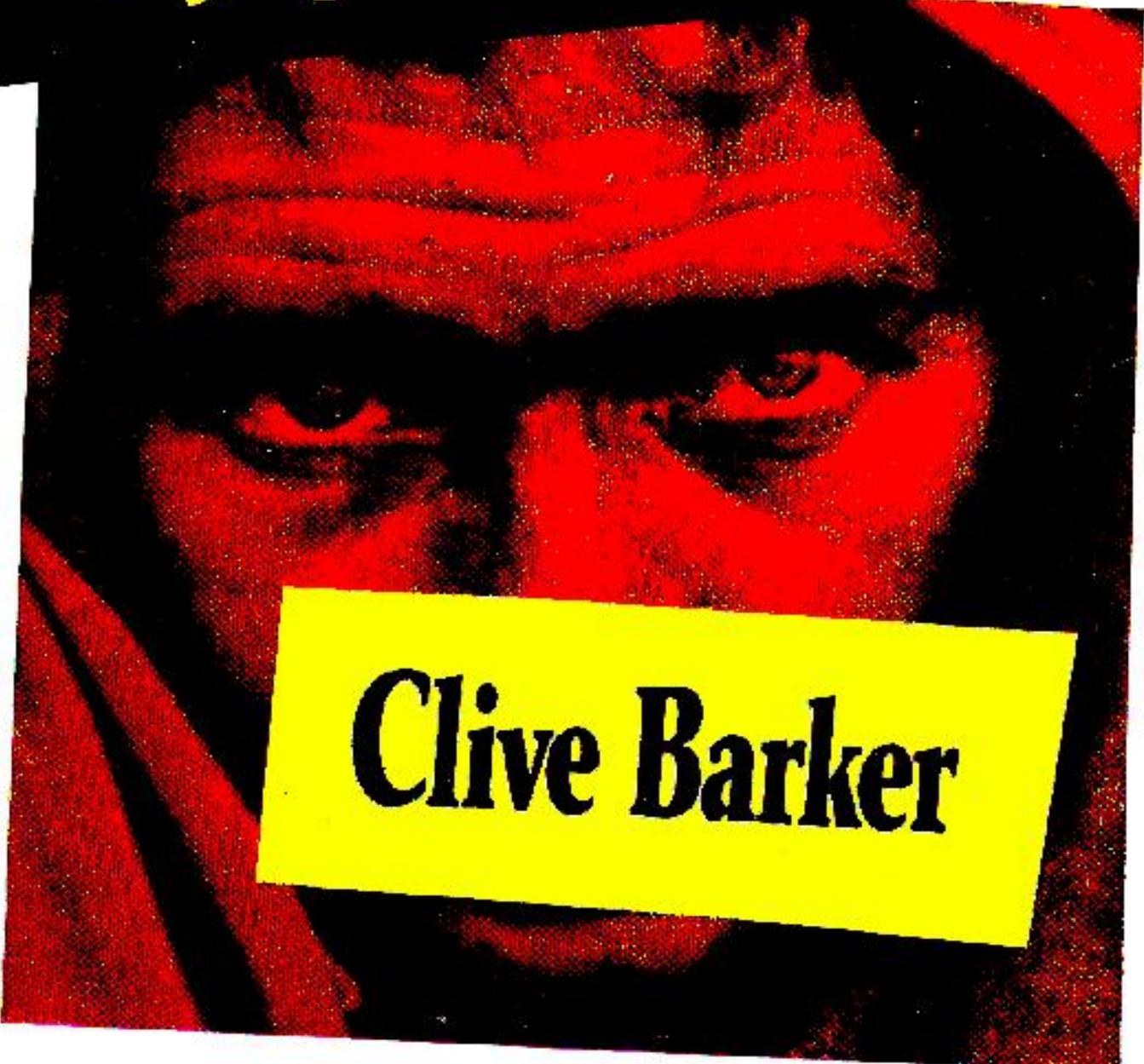
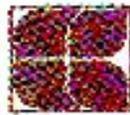


O Jogo da Perdição



Clive Barker





DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

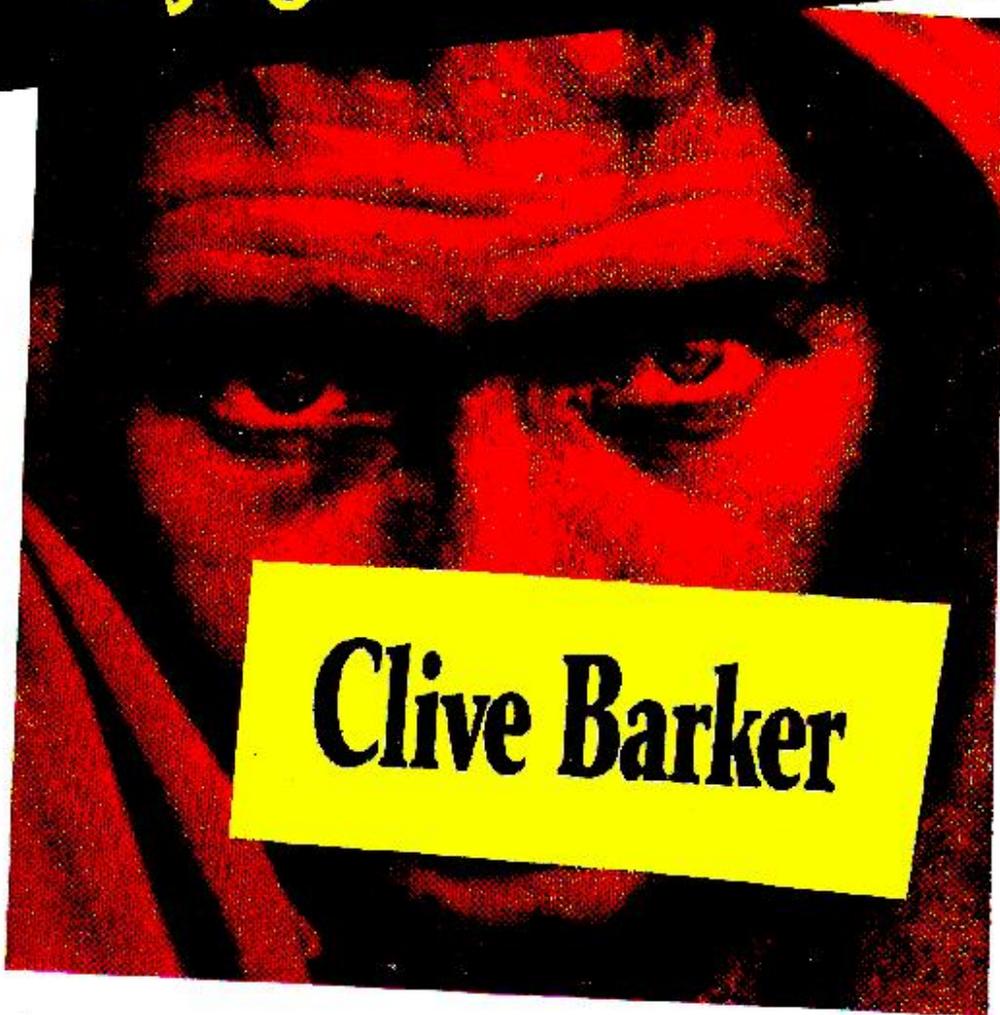
O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



O Jogo da Perdição



Clive Barker





UMA TEMPORADA NO INFERNO

Poucos romances contemporâneos conseguirão impressionar tanto seus leitores quanto este. Horror, horror profundo será o que sentirão diante desta delirante fantasia que torna plausíveis, *reais*, as mais chocantes fantasias da imaginação.

Seus cabelos ficarão em pé, seus corações baterão mais rápido, o fôlego lhes faltará ao acompanharem as aventuras (e sobretudo as desventuras) de Marty Strauss quando teve sua pena de prisão indultada para trabalhar como guarda-costas do estranho e misterioso milionário Joseph Whitehead.

Um cortejo de abomináveis horrores passa a envolvê-lo, num clima que combina morbidez e erotismo, corrupção física e moral com amor e lealdade, forçando-o a uma viagem ao inferno, de onde regressará para sempre alterado em seu modo de ver e sentir a aventura de viver.

Mais um lançamento de categoria da
civilização brasileira



Título do original inglês: *THE DAMNATION GAME*
Copyright © 1985 by Clive Barker

Revisão de Texto: *ÊNIO SILVEIRA*

Capa: projeto gráfico de *FELIPE TABORDA*

Composição: *ART LINE* Produções Gráficas Ltda.

ISBN-85-200-0017-7

1989

Direitos desta edição reservados pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.
Rua Benjamim Constant, 142
20241 — Rio de Janeiro, RJ (tel.: (021) — 221-1132

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Agradecimentos

AGRADEÇO a Mary Roscoe, que trabalhou incansavelmente na datilografia dos originais deste romance e ainda encontrou tempo para oferecer inúmeras sugestões valiosas; também sou grato a David. T. Cunningham, que datilografou inúmeras adições de última hora. Entre os leitores cujo entusiasmo e compreensão foram inestimáveis, quero agradecer a Julie Blake, John Gregson e Vernon Conway. Sou muito reconhecido também a Douglas Bennett, que promoveu minha inesquecível visita a uma prisão, e a Alasdair Cameron, que me encomendou duas peças de teatro, dando-me sustento enquanto eu escrevia este livro. Finalmente — porém não menos importante — meus agradecimentos a Barbara Boote e Nann du Sautoy, da *Sphere Books*.

A

J.R.G.

- O Jogo da Perdição
 - Primeira Parte: TERRA INCOGNITA
 - I Providência
 - Segunda Parte: ASILO
 - II A Raposa
 - III O Último Europeu
 - IV Dança do Esqueleto
 - Terceira Parte: DUQUE
 - V. Superstição
 - VI A Árvore
 - VII. Sem Limites
 - VIII. A Desordem
 - Quarta Parte: A HISTÓRIA DO LADRÃO
 - Quinta Parte: O DILÚVIO
 - IX Má Fé
 - X Nada; e Depois
 - XI O Outro Mundo
 - XII A Dança do Homem Gordo
 - XIII No Hotel Pandemônio
 - XIV Depois da Onda
-

Clive Barker

O Jogo da Perdição (*The Damnation Game*)

Ainda não livre, embora dominando-as como escravas,
da chance, da morte e da inconstância.

- Shelley, *Prometeu Libertado*

Primeira Parte. TERRA INCÓGNITA

O inferno é o lugar dos que se negaram;
Encontram ali o que plantaram e o que cavaram,
Um Lago de Espaços, e um Bosque de Nada,
E vagueiam, andando à deriva, e nunca param
De mendigar substância.

-W.B. YEATS, *A Ampulheta*.

I Providência

1

O AR estava elétrico no dia em que o ladrão atravessou a cidade, certo de que, naquela noite, depois de semanas de frustração, ia finalmente encontrar o jogador. Não era uma jornada fácil. Varsóvia estava com oitenta e cinco por cento de sua área arrasada, depois dos meses de bombardeio que haviam precedido a libertação pelos russos e da sistemática demolição executada pelos nazistas antes de sua retirada. Vários setores estavam intransitáveis para veículos. Montanhas de destroços — alimentando ainda os mortos, como tubérculos prontos para brotar ao calor da primavera — entulhavam as ruas. Mesmo nos bairros mais acessíveis, as fachadas outrora elegantes curvavam-se perigosamente, suas bases gemendo enfraquecidas.

Mas, depois de três meses agindo na cidade, o ladrão já estava acostumado a encontrar seu caminho na selva urbana. Na verdade, sentia até prazer com aquele esplendor desolado: as largas avenidas tingidas de lilás pela poeira que se depositava ainda, vindo da estratosfera, as praças e parques tão estranhamente silenciosos; tinha a impressão de que, invadindo aquela ruína, entrava na região do fim do mundo. Durante o dia o viajante podia se orientar por alguns pontos de referência ainda visíveis — placas de sinalização abandonadas, que seriam destruídas dentro de pouco tempo. O gasômetro, ao lado da Ponte Poniatowski, podia ainda ser reconhecido, bem como o zoológico, no outro lado do rio; a torre da Estação Central lá estava, mas seu relógio de há muito tinha desaparecido; esses e mais um punhado de pequenos e esparsos marcos, testemunhas da beleza cívica de Varsóvia, tinham sobrevivido, e sua presença trêmula era comovente até mesmo para o ladrão.

Esta não era sua terra. Há dez anos não tinha lar. Era um nômade, um animal carniceiro, curto espaço de tempo Varsóvia ainda poderia oferecer despojos suficientes para mantê-lo por ali. Logo que tivesse recuperado as

energias gastas em suas recentes andanças, estaria na hora de procurar outro lugar. Mas enquanto os primeiros sinais da primavera pairassem no ar, sem dúvida ele ficaria desfrutando, havia perigos, mas onde não existiriam eles para um homem na sua profissão? Os anos de guerra haviam refinado a tal ponto seus poderes de auto-conservação que quase nada mais o intimidava. Sentia-se mais seguro do que os verdadeiros cidadãos de Varsóvia, os poucos atônitos sobreviventes do holocausto que gradualmente voltavam à cidade, procurando lares desfeitos, rostos perdidos. Remexiam os destroços ou paravam nas esquinas escutando o lamento do rio, esperando que os russos os recolhessem em nome de Karl Marx. Novas barricadas eram erguidas todos os dias. Os militares iam lenta mas sistematicamente recuperando um pouco de ordem em meio à confusão, dividindo e subdividindo a cidade em setores, como fariam, dentro em pouco, com todo o país. Entretanto, o toque de recolher e os postos de controle não perturbavam o ladrão. Sob o forro do paletó elegante tinha documentos de identificação de todos os tipos — alguns falsificados, a maioria roubada —, um para cada situação. O que lhes faltava em credibilidade era compensado por conversa inteligente e cigarros, duas coisas que ele possuía em abundância. Era tudo o que um homem precisava — naquela cidade, naquele ano — para sentir-se como o senhor da criação.

E que criação! Nenhum desejo, nenhuma necessidade precisavam ficar insatisfeitos. Os segredos mais profundos do corpo e do espírito estavam acessíveis a quem se dispusesse a pagar para ver, já que se transformavam em jogos. Na semana anterior o ladrão ouvira falar de um homem que fazia o antigo jogo de três xícaras e uma bola (num instante você a vê, noutro não a vê mais), substituindo, com humor insano, as xícaras por baldes e a bola por uma cabeça de criança.

Isso era o de menos; a criança estava morta e os mortos não sofrem. Mas havia outros divertimentos na cidade, prazeres que usavam os vivos como matéria-prima. Para os que desejavam e tinham dinheiro para pagar, estava começando o tráfico de carne humana. O exército de ocupação, não mais ocupado em batalhas, redescobrira o sexo, e havia possibilidade de muito lucro com ele. Meio pão comprava uma refugiada — algumas tão jovens que mal tinham seios para ser manipulados — para ser usada e reusada sob a proteção da noite, suas queixas não ouvidas ou silenciadas por uma baioneta, quando perdia seus encantos. Esse tipo de homicídio

casual era ignorado numa cidade onde dezenas de milhares tinham morrido. Durante algumas semanas — entre um regime e o outro — tudo podia acontecer: nenhum ato era considerado culposos, nenhuma depravação proibida.

No Distrito Zoliborz haviam inaugurado um bordel de garotos. Ali, num salão subterrâneo adornado com quadros salvos da destruição, era possível escolher garotos a partir de seis ou sete anos, todos emaciados elegantemente pela subnutrição e tão apertados quando podia desejar o conhecedor mais exigente. Era muito frequentado pelos oficiais, mas caro demais, o ladrão ouvira alguém comentar, para soldados rasos. Ao que parecia, os dogmas de Lênin sobre escolha igual para todos não se aplicavam à pederastia.

Modalidades esportivas — de certo tipo eram mais, acessíveis. Brigas de cães eram a principal atração naquela temporada. Vira-latas, que voltavam à cidade para se alimentar de carne dos seus donos, eram apanhados, alimentados muito bem e depois lançados na arena em lutas mortais. Um espetáculo chocante, mas o amor ao jogo leva o ladrão constantemente a essas lutas. Certa noite chegou a ganhar um bom dinheiro apostando num terrier raquítico mas esperto, que venceu o adversário três vezes maior do que ele mastigando seus testículos.

E se, depois de algum tempo, o entusiasmo por cães, garotos ou mulheres diminuía, era sempre possível encontrar outras distrações mais esotéricas.

Num anfiteatro toscamente construído nas ruínas do Bastião de Santa Maria, o ladrão vira um ator anônimo encenar, sozinho, a primeira e segunda partes do Fausto de Goethe. Embora o ladrão não dominasse a língua alemã, aquele desempenho causou-lhe uma impressão duradoura. A história era bastante conhecida para que pudesse acompanhar a peça — o pacto com Mefistófeles, os debates, os encantamentos e então, quando a condenação prometida estava próxima, desespero e terrores. Grande Parte do argumento era indecifrável, mas a atuação do ator nos dois papéis — num momento o Tentador, no outro, o Tentado — era tão impressionante que o ladrão sentiu que suas entranhas se contraíam.

Dois dias depois voltou para ver a peça, ou pelo menos falar com o ator. Mas descobriu que ela não seria apresentada: o entusiasmo do artista por Goethe fora interpretado como de propaganda pró-nazista, e o ladrão o

encontrou dependurado, sua alegria apodrecida, num poste de rua. Estava nu. Os pés tinham sido devorados, os olhos arrancados pelos pássaros, seu corpo crivado de balas. Aquele espetáculo tranquilizou o ladrão. Era uma prova de que os sentimentos confusos despertados pelo ator eram pecaminosos; se a isso o havia levado sua arte, sem dúvida o homem era um patife e um impostor. Estava com a boca escancarada, mas os pássaros, além dos olhos, haviam-lhe tirado a língua também. Não se perdia nada.

Além disso, havia diversões muito mais proveitosas. Para o ladrão, as mulheres lhe eram indiferentes; de garotos não gostava, mas adorava o jogo, sempre gostara de jogar. Assim, estava de volta à briga de cães para arriscar a sorte em um vira-latas. Ou, então, ao jogo de dados numa dependência de quartel, ou ainda — em desespero — apostando com um sentinela entediado na velocidade das nuvens que passavam. O método e as circunstâncias não importavam: o importante era o jogo. Desde a adolescência era seu único vício; para jogar tornara-se ladrão. Antes da guerra jogara nos cassinos de toda à Europa; vinte-e-um era seu jogo, embora gostasse também da roleta. Agora, recordava esses anos através do véu que o conflito colocara sobre eles, lembrando-se das disputas como quem se recorda de um sonho ao acordar: algo irrecuperável, distanciando-se a cada respiração.

Mas essa sensação de perda mudou quando ouviu falar do homem que jogava cartas — Mamoulian eles o chamavam — , que, segundo diziam, jamais perdia um jogo e se movimentava naquela cidade enganadora como uma criatura quase irreal.

E então, depois de Mamoulian, tudo mudou.

GRANDE PARTE do que se falava sobre ele eram boatos; e boatos nem ao menos baseados em fatos verdadeiros. Mentiras simplesmente, contadas por soldados entediados. A mentalidade de militares, o ladrão descobriu, era

capaz de invenções ainda mais barrocas do que a de um poeta, e certamente mais letais.

Assim, quando ouviu falar de um mestre no jogo de cartas que surgia do nada, desafiava qualquer possível oponente e sempre ganhava, pensou que a história era exatamente isso: outra história. Porém, algo na persistência da informação apócrifa parecia desmentir essa idéia. Não desaparecia parecendo espaço a um romance mais absurdo. Continuava a aparecer com frequência — na conversa dos homens que apostavam nos cães; nas fofocas, no graffiti. Além disso, embora os nomes mudassem, os fatos importantes eram os mesmos em todas as versões. O ladrão começou a achar que era uma história verdadeira, afinal. Talvez existisse mesmo um jogador brilhante operando em alguma parte da cidade. Não completamente invulnerável, por certo; ninguém era. Mas o homem, se existia, era sem dúvida algo especial. Sempre falavam dele com uma espécie de reverência; soldados que afirmavam tê-lo visto jogar falavam da sua elegância, sua calma quase hipnótica. Quando se referiam a Mamoulian pareciam camponeses falando da nobreza, e o ladrão — jamais disposto a conceder superioridade a homem algum — acrescentou às suas razões para encontrar o jogador a intenção determinada de destronar esse rei tão apregoadado.

Mas além do quadro geral deduzido das conversas, poucas eram as indicações específicas sobre ele. Sabia que era fundamental encontrar e interrogar primeiro alguém que o tivesse enfrentado na mesa de jogo antes de começar a separar a verdade da lenda.

Levou duas semanas para encontrar esse homem. Chamava-se Konstantin Vasiliev, um segundo tenente que, diziam, perdera tudo jogando com Mamoulian. O russo era grande como um touro, e o ladrão sentiu-se muito pequeno perto dele. Mas, enquanto alguns homens grandes possuem espírito capaz de preencher sua forma anatômica, Vasiliev parecia quase vazio. Se algum dia possuísse tal virilidade, ela havia desaparecido. No invólucro seco e murcho havia somente uma criança frágil e rabujenta.

Só depois de uma hora de persuasão, mais de metade de uma garrafa de vodca do mercado negro e meio maço de cigarros, conseguiu de Vasiliev mais de um monossílabo como resposta, quando a revelação começou, veio torrencialmente, as confissões de um homem prestes a sofrer colapso total. Havia autocomiseração e raiva em sua voz; mas imperava acima de tudo a cantiga do medo. Vasiliev era um homem mortalmente aterrorizado. Causou

profundo impacto no ladrão, menos pelas lágrimas ou pelo desespero, mas pelo fato de Mamoulian, o jogador misterioso, ter destruído o gigante que estava à sua frente. A pretexto de confortá-lo e dar-lhe conselhos começou a tirar do homem cada migalha de informação que ele podia dar, atento a qualquer pormenor, por mais insignificante que fosse, capaz de transformar em carne e sangue a quimera que estava procurando.

— Você diz que ele ganha sempre?

— Sempre!

— Então, qual é seu método? Como é que ele trapaceia?

Vasiliev ergueu os olhos das tábuas nuas do assoalho.

— Trapaceia?, replicou incrédulo. — Ele não trapaceia. Joguei cartas todas a minha vida, com os melhores e os piores. Conheço todos os truques possíveis. E, posso garantir, o homem é honesto.

— O jogador mais afortunado perde uma vez ou outra. As leis da probabilidade...

Uma expressão de inocente ironia passou pelo rosto de Vasiliev e por um momento o ladrão pôde vislumbrar o homem que havia ocupado aquela fortaleza da antes de se tornar insano.

— As leis da probabilidade não significam nada para ele. Não compreende? Não é como você ou eu. Como é que um homem poderia ganhar sempre se não tivesse algum poder especial sobre as cartas?

— Acredita nisso?

Vasiliev deu de ombros e curvou o corpo novamente.

— Para ele, respondeu quase contemplativo no seu desânimo completo — ganhar é essencial. É como a própria vida.

Os olhos vazios voltaram a seguir as linhas das tábuas no chão e o ladrão revirou as palavras em sua mente: "ganhar é essencial. Como a própria vida". Palavras estranhas que o perturbaram. Porém, antes que pudesse tentar compreender seu significado, Vasiliev inclinou-se para ele, o hálito fedorento no seu rosto, a enorme mão agarrando a manga do ladrão, explicando:

— Pedi transferência. Não lhe contaram? Daqui a poucos dias vou sair deste lugar e ninguém vai saber. Vou ganhar medalhas quando chegar em casa. Por isso estão me transferindo; porque sou um herói, e heróis recebem o que pedem. Então, vou embora e ele nunca mais me encontrará.

— Por que ia querer encontrá-lo?

Os dedos se apertaram na sua manga; Vasiliev puxou o ladrão para ele.

— Porque devo ao jogador até mesmo esta camisa. — Se ficar aqui, vai mandar me matar. Já mataram outros, ele e seus companheiros.

— Não está sozinho? — perguntou o ladrão.

Tinha imaginado o jogador como um homem solitário, na verdade à sua própria imagem.

Vasiliev assoou o nariz na mão e recostou-se na cadeira, que estalou sob o peso.

— Quem sabe o que é verdadeiro ou falso neste lugar? — respondeu o russo, com olhos vagos. — Quero dizer, se eu lhe disse que ele anda em companhia de cadáveres, você acreditaria? — Respondeu à própria pergunta balançando a cabeça. — Não! Ia pensar que estou louco...

Alguma vez, pensou o ladrão, este homem já tivera certezas, fora capaz de ação, talvez até mesmo de heroísmo. Agora, toda a antiga nobreza fora sugada dele; o campeão estava reduzido a um trapo lamuriento, choramingando tolices. Aplaudiu no íntimo o brilho da vitória de Mamoulian. Sempre detestara heróis.

— Uma última pergunta — começou a dizer.

— Você quer saber onde pode encontrá-lo, não é?...

— Isso mesmo.

O russo olhou para a ponta do polegar, suspirando profundamente. Era tudo tão cansativo.

— O que vai ganhar se jogar com ele? — perguntou, e mais uma vez respondeu à própria pergunta — Só humilhação. Talvez a morte.

O ladrão levantou-se. — Então não sabe onde ele está?, perguntou, fazendo o gesto de guardar no bolso o maço de cigarros quase vazio que estava na mesa entre eles.

— Espere — Vasiliev estendeu a mão para o maço de cigarros antes que desaparecesse. — Espere.

O ladrão colocou os cigarros novamente na mesa, cobriu o maço com mão de proprietário. Ergueu os olhos para o interrogador.

— A última vez que ouvi falar dele, estava ao norte daqui. Na Praça Muranowski. Conhece?

O ladrão fez um gesto afirmativo. Não era um lugar que gostasse de visitar, mas conhecia.

— E como é que o encontro quando chegar lá? — perguntou.

O russo pareceu confuso com a pergunta.

— Nem sei como ele é — continuou o ladrão, tentando fazer com que Vasiliev entendesse.

— Não precisa encontrá-lo — respondeu Vasiliev, compreendendo perfeitamente. — Se ele quiser jogar com você, ele o encontrará.

3

NA NOITE seguinte, a primeira de muitas noites iguais, o ladrão começou a procurar pelo jogador. Embora já estivesse em abril, a temperatura continuava fria naquele ano. Voltou depois para o quarto no hotel parcialmente demolido, transido de frio, de frustração e — por menos que quisesse admitir — de medo. A região próxima da Praça Muranowski era um inferno dentro do inferno. Muitas das crateras feitas pelas bombas abriam-se para os esgotos e o fedor era terrível. Outras, usadas como crematório para cidadãos executados, flamejavam intermitentemente quando o fogo encontrava um abdome cheio de gases ou uma poça de gordura humana. Cada passo nessa terra recém-descoberta era uma aventura até mesmo para o ladrão. A morte espreitava por toda a parte em suas múltiplas formas. Sentada na beirada de um cratera, aquecendo os pés nas chamas; de pé, lunática, entre os destroços; brincando risonha num jardim cheio de ossos e estilhaços de granadas.

Apesar do medo, voltou diversas vezes; mas o jogador não aparecia. E a cada tentativa fracassada, cada jornada que terminava em derrota, o ladrão mais se preocupava com a busca.

Em sua mente, O jogador sem rosto começava a tomar a força da lenda. Apenas vê-lo em carne e osso, verificar sua existência física no mundo que ele, o ladrão, habitava, era agora um artigo de fé. Um meio, que Deus o ajudasse, de ratificar sua própria existência.

Depois de uma semana e meia de inútil procura, voltou em busca de Vasiliev. O russo estava morto. O corpo, com a garganta cortada de orelha a orelha, fora encontrado na véspera, boiando de braços num dos esgotos que o exército estava limpando, em Wola. E não estava só. Havia três cadáveres com ele, todos mortos do mesmo modo, todos incendiados e queimados como navios em chamas enquanto deslizavam pelo túnel em um rio de excremento. Um dos soldados que trabalhava nos esgotos, quando apareceu a macabra flotilha, disse ao ladrão que os corpos pareciam flutuar na escuridão. Por um terrível momento era como que uma aproximação lenta de anjos.

Depois, naturalmente o horror. O fogo apagado, os cabelos, as costas; viraram todos para cima e o rosto de Vasiliev, à luz da lanterna, apareceu com uma expressão atônita, como uma criança tremendo de medo de um inimigo letal.

A ordem de transferência do russo tinha chegado naquela mesma tarde.

Na verdade, os papéis haviam aparentemente provocado um erro administrativo que dava à tragédia de Vasiliev um toque final de comédia. Os corpos, depois de identificados, foram sepultados em Varsóvia, exceto o do segundo-tenente Vasiliev, cuja ficha de guerra exigia tratamento menos superficial. Planos foram feitos para enviar o corpo para a Mãe Rússia a fim de ser sepultado com honras de Estado em sua cidade natal. Mas alguém, examinando os papéis de transferência, achou que se aplicavam a Vasiliev morto, não a Vasiliev vivo. Misteriosamente o corpo desapareceu. Ninguém queria assumir a responsabilidade, mas o fato é que o cadáver simplesmente fora removido para o novo posto que lhe coubera.

A morte de Vasiliev só serviu para intensificar a curiosidade do ladrão. A arrogância de Mamoulian o fascinava. Ali estava um abutre, um homem que ganhava a vida com as fraquezas dos outros, tão ousado com o sucesso que se atrevia a assassinar ou mandar assassinar — os que o traíam. O ladrão vivia uma expectativa frenética. Em sonhos, quando conseguia dormir, vagueava pela Praça Muranowski. Estava envolta em uma névoa que parecia viva, prestes a se abrir, revelando o jogador. O ladrão era como um homem apaixonado.

NAQUELA NOITE, o teto de nuvens sombrias que cobria a Europa abriu-se: o azul, muito pálido, espalhava-se acima da sua cabeça, cada vez mais extenso. Agora, quase ao cair da noite, o céu estava completamente claro. No sudoeste havia cúmulos imensos, suas cabeças de couve-flor tingidas de ocre e ouro, adensavam-se num prenúncio de temporal, mas a idéia de sua possível fúria o excitava. Naquela noite, o ar estava elétrico, e ele iria encontrar o jogador, tinha certeza disso. Estava convencido desde o momento em que acordara.

Quando a noite começou a cair, foi para o norte, na direção da praça, quase sem pensar para onde ia, tão acostumado estava com aquele caminho. Passou por dois postos de controle sem ser detido, a confiança do seu passo valendo como uma senha. Naquela noite ele era uma figura vitoriosa. Sem lugar ali, respirando o ar perfumado de lilás, com as estrelas piscando no seu zênite, era inexpugnável. Sentia a eletricidade nos cabelos das costas das mãos e sorriu. Viu um homem gritando numa janela com algo nos braços que não pôde identificar e sorriu. Não muito longe, o Vístula, caudaloso com a água da chuva e do gelo derretido, rugia descendo para o mar. Ele não era menos irresistível.

O dourado desapareceu dos cúmulos; o azul lícido ficou sombrio, encaminhando a noite.

Quando entrou na Praça Muranowski algo cintilou na sua frente, um redemoinho de vento passou rápido por ele e o ar encheu-se de confetes brancos. Não era possível que houvesse um casamento ali, àquela hora. Um dos fragmentos rodopiantes alojou-se nas suas pestanas e ele o retirou. Não era confete, era uma pétala. Apertou-a entre o polegar e o indicador. O óleo perfumado espirrou do tecido partido.

Procurando saber de onde vinha, caminhou um pouco e, dobrando a esquina que dava na praça, descobriu o fantasma de uma árvore, prodigiosamente em flor, dependurado no ar. Parecia não ter raízes, a copa branca de neve iluminada pela luz das estrelas, o tronco na sombra. Prendeu a respiração, chocado com tanta beleza, e caminhou para a árvore como

quem se aproxima de um animal selvagem, cauteloso para não assustá-lo. Seu estômago se contraiu. Não era de temor respeitoso pelas flores, nem mesmo restos da alegria que sentira enquanto se encaminhava para ali. Tudo isso o abandonou. Uma sensação diferente o envolveu ali na praça.

Era um homem tão habituado com atrocidades que há muito tempo considerava-se incapaz de empalidecer. Então, por que estava agora a pouca distância da árvore, as unhas cuidadosamente manicuradas ferindo a palma da mão com ansiedade, desafiando aquele guarda-chuva florido a revelar o que havia de pior? Não havia nada a temer. Apenas pétalas no ar, sombra no chão. Mas sua respiração continuava tensa e rápida, esperando sem muita esperança que seus temores fossem infundados.

— Vamos — pensou —, se tem alguma coisa para me mostrar, estou esperando.

Em resposta ao convite silencioso duas coisas aconteceram.

Atrás dele uma voz gutural perguntou-lhe em polonês — “Quem é você”?

Perturbado momentaneamente pela surpresa, desviou os olhos da árvore e nesse instante um vulto moveu-se sob os galhos pesados de flores, delineando-se rapidamente à luz das estrelas. Na escuridão ambígua, o ladrão não tinha certeza do que tinha visto: um rosto sem corpo olhando para ele sem expressão, talvez, o cabelo queimado. Uma caraça sarnenta, imensa como à de um touro. As vastas mãos de Vasiliev.

Tudo ou nada disso; e o vulto já desaparecia atrás da árvore, a cabeça ferida raspando os galhos mais baixos. Uma garoa de pétalas caiu nos ombros queimados.

— Não me ouviu? — perguntou a voz atrás dele.

O ladrão não se voltou. Continuou olhando para a árvore, entrecerrando os olhos, tentando separar a matéria de ilusão, Mas o homem fosse lá quem fosse, não estava mais lá. Naturalmente, não podia ser o russo, ponderava a razão. Vasiliev estava morto, encontrado de bruços boiando no esgoto. Provavelmente seu corpo já estava a caminho de algum posto distante no império russo. Ele não estava ali; não podia estar ali. Mas o ladrão sentiu uma necessidade urgente de perseguir o estranho, só para bater no seu ombro, fazer com que se voltasse, olhar no seu rosto e certificar-se de que não era Konstantin. Tarde demais; o homem atrás dele segurava seu braço

com força, exigindo uma resposta. Os ramos da árvore não se balançavam mais, as pétalas deixaram de cair, o homem desapareceu.

Suspirando, o ladrão voltou-se para o homem que o interrogava.

A figura à sua frente sorria acolhedora. Era uma mulher, apesar da aspereza da voz, com calças muito largas seguras com uma corda na cintura, e nada mais. Tinha a cabeça raspada, as unhas dos pés pintadas. Tudo isso ele percebeu com os sentidos aguçados pela visão chocante da árvore e pelo prazer com a nudez da mulher. Os globos brilhantes dos seios eram perfeitos; sentiu que suas mãos se abriam, as palmas ávidas para tocá-los. Mas talvez sua apreciação do corpo fosse por demais evidente. Ergueu os olhos para ver se ela sorria ainda. Sorria; mas desta vez, olhando com mais atenção, notou que o que tomara por sorriso era um esgar permanente. Os lábios tinham sido cortados, deixando à mostra as gengivas e os dentes. Havia cicatrizes horríveis no rosto dela, marcas de ferimentos que haviam cortado os tendões, provocando o esgar que mantinha a boca aberta. Ficou impressionado.

— Você quer...? perguntou ela.

“Quer?”, pensou ele, baixando os olhos para os seios. A nudez descontraída o excitava, a despeito da mutilação do rosto. Repelia-o a ideia de possuí-la — beijar aquela boca sem lábios era mais do que valia um orgasmo —, contudo, se ela se oferecesse, aceitaria, que se danasse o nojo.

— Você quer...? — Repetiu ela, com aquela voz arrastada e híbrida, nem masculina nem feminina. Era difícil formar palavras sem ajuda dos lábios. Ainda assim conseguiu terminar a pergunta: “Você quer as cartas?”

Estava completamente enganado. Ela não queria nada com ele, sexo ou outra coisa qualquer. Não passava de uma mensageira. Mamoulian estava ali. Provavelmente muito perto. Talvez vigiando-o naquele momento.

Mas à confusão de emoções diminuiu a intensidade da alegria que devia ter sentido. Ao invés de triunfo, lutava com uma porção de imagens contraditórias: flores, seios, escuridão: o rosto do homem queimado — voltando-se brevemente para ele; desejo, medo, uma única estrela surgindo ao lado de uma nuvem.

Sem pensar no que dizia, respondeu:

— Quero. Quero as cartas.

Ela fez um gesto afirmativo, deu as costas a ele e começou a andar para além da árvore, os ramos balançando-se ainda onde o homem que não era

Vasiliev os havia tocado, e atravessou a praça. Ele a seguiu. Era possível esquecer o rosto dessa intermediária olhando a graça de seus pés nus. Não parecia se importar com o que os pés pisavam. Nem uma vez hesitou, apesar dos cacos de vidro, de tijolos e estilhaços pelo chão.

Conduziu-o através das ruínas de uma grande casa na outra extremidade da praça. A parte externa semi-destruída, antes opulenta, ainda esta de pé; havia até mesmo um batente sem porta. Do outro lado a luz de uma fogueira tremulava. Destroços do interior da casa interditavam a parte inferior da porta, obrigando o ladrão e a mulher a passarem por cima com as cabeças abaixadas. A manga do seu casaco enganchou em alguma coisa que não podia ver na semi-obscuridade e se rasgou. A mulher não se voltou para ver se ele tinha se machucado, embora o ladrão tivesse esbravejado em voz alta. Simplesmente continuou, conduzindo-o através de montes de tijolos e vigas caídas do telhado, o homem tropeçando atrás dela, sentindo-se ridículo e desajeitado. À luz da fogueira viu o interior da casa; no passado, uma boa casa. Mas não tinha tempo para estudar o ambiente. A mulher passou pela fogueira e começou a subir uma escada. Ele a seguiu, suando. O fogo estalou, cuspidando fagulhas; ele olhou em volta e divisou um vulto na outra extremidade, procurando não ser visto atrás das chamas. Enquanto ele olhava, o encarregado do fogo atirou madeira na fogueira e uma constelação de fagulhas arroxeadas foi atirada para o céu.

A mulher continuou escada acima. Apressou-se atrás dela sua sombra — desenhada pelas chamas — imensa na parede. Ela estava no topo dos degraus e ele no meio da subida quando ela entrou por uma porta e desapareceu. Acompanhou-a o mais depressa que pôde e atravessou o batente atrás dela.

A luz do fogo iluminava fracamente o quarto no qual acabava de entrar e a princípio não enxergou quase nada.

— Feche a porta — pediu alguém.

Só depois de alguns segundos compreendeu que falava com ele. Voltou-se, procurou a maçaneta, verificou que não havia, empurrou a porta nas dobradiças doloridas.

Então, voltou a olhar a sala. A mulher estava de pé, a uns três metros, na sua frente, o rosto perpetuamente risonho voltado para ele, o sorriso uma foice cinzenta.

— Seu sobretudo — pediu ela, estendendo a mão para ajudá-lo. Depois saiu da linha de visão dele e o objeto de sua longa procura apareceu.

— Porém, não foi Mamoulian que primeiro prendeu sua atenção, mas o retábulo de madeira trabalhada, encostado na parede atrás dele: uma obra-prima de estilo gótico que cintilava, mesmo com a pouca luz, em ouro, vermelho e azul. Espólio de guerra, pensou o ladrão; então é isso que o bastardo faz com sua fortuna. Olhou então para o homem na frente do tríptico. Um único pavio imerso em óleo queimava-se, soltando fumaça, sobre a mesa. A luz que lançava sobre o rosto do jogador era brilhante mas instável.

— Então, peregrino — disse o homem. — Encontrou-me afinal. Finalmente.

— Você me encontrou, isso sim — respondeu o ladrão; exatamente como Vasiliev havia previsto.

— Ouvi dizer que gostaria de um jogo ou dois. É certo?

— Por que não?

Tentou parecer o mais descontraído possível, embora seu coração tivesse disparado no peito. Ali, na presença do jogador, sentia-se penosamente despreparado. O suor fazia o cabelo grudar em sua cabeça; tinha pó de tijolo nas mãos e sujeira sob as unhas. Devo estar parecendo, pensou constrangido, exatamente o ladrão que sou.

Em contraste, Mamoulian era à imagem da discrição. Nada nas roupas sóbrias gravata negra, terno cinzento — sugeria um aproveitador; aquela figura lendária mais parecia um corretor da bolsa. O rosto, como a roupa, era extremamente comum, a pele lisa cor de cera devido à luz bruxulcante do pavio no óleo. Teria sessenta e poucos anos, maçãs do rosto levemente encovadas, nariz grande, aristocrático; testa larga e alta. O cabelo fugira para a parte de trás da cabeça; o que restava era fino e branco. Mas não havia fragilidade e nem fadiga no seu porte. Estava sentado ereto na cadeira e as mãos ágeis apanharam o baralho, abrindo as cartas em leque com amorosa familiaridade. Só os olhos pertenciam ao homem do sonho do ladrão. Nenhum corretor da bolsa teria jamais olhos como aqueles. Tão nus, tão glaciais, tão impiedosos.

— Esperava que viesse, peregrino. Mais cedo ou mais tarde — continuou ele. Falava inglês sem sotaque.

— Estou atrasado? — perguntou o ladrão, com leve zombaria.

Mamouliau colocou as cartas na mesa. Ao que parecia, encarava a conversa seriamente.

— Veremos. — Fez uma pausa e depois: — Você naturalmente, sabe, que meu jogo é muito alto.

— Ouvi dizer.

— Se quiser desistir agora, antes de iniciarmos compreenderei perfeitamente. — O pequeno discurso foi feito sem nenhum traço de ironia.

— Não quer que eu jogue?

Mamouliau apertou os lábios finos e secos e franziu a testa.

— Ao contrário — respondeu. — Desejo muito que jogue.

Havia um lampejo — ou não? — de compaixão em sua voz. O ladrão não pôde dizer se se devia a um lapso ou se era uma atitude sutilmente teatral.

— Mas não tenho a menor simpatia... — continuou ele — por aqueles que não pagam suas dívidas.

— Refere-se ao tenente? — arriscou o ladrão.

Mamouliau olhou fixamente para ele.

— Não conheço nenhum tenente — replicou com voz seca.

— Só conheço jogadores, como eu. Alguns são bons, a maioria não é. Todos vêm aqui para testar suas habilidades, como você.

Apanhou as cartas novamente e nas mãos elas pareciam ter vida. Cinquenta e duas mariposas ajeitando na luz trêmula, cada uma com uma marca diferente da outra. Eram quase indecentemente belas; suas superfícies brilhantes as coisas mais perfeitas que o ladrão tinha visto há muito tempo.

— Quero jogar — disse ele, desafiando a passagem hipnótica das cartas.

— Sente-se, então, peregrino — convidou Mamouliau, como se nunca tivesse tido dúvida a respeito.

Quase em silêncio completo, a mulher colocou uma cadeira atrás dele. O ladrão sentou-se e seus olhos encontraram os de Mamouliau. Havia alguma coisa naqueles olhos sem alegria que desejasse seu mal? Não, nada. Nada havia a temer.

Murmurando um agradecimento pelo convite, desabotoou os punhos da camisa e arregaçou as mangas, apressado para começar o jogo.

Depois de algum tempo, o jogo começou.

Segunda Parte: ASILO

"O Demônio não é, de modo algum a pior coisa que existe; preferiria tratar com ele do que com muitos seres humanos. Ele cumpre os acordos melhor do que muito trapaceiro na Terra. Na verdade, quando chega a hora do pagamento, lá está ele — e, assim, que soa a meia-noite, apanha sua alma e vai para casa, para o Inferno, como um bom demônio. Não passa de um negociante fazendo o que deve."

J.N. NESTROY, *Hollenangst*

5

DEPOIS DE cumprir seis anos da sentença em Wandsworth, Marty Strauss estava acostumado a esperar. Esperava para se lavar e fazer a barba todas as manhãs; esperava para comer, esperava para defecar, esperava pela liberdade. Tanta espera. Tudo parte da punição, naturalmente; como a entrevista para a qual fora chamado naquela tarde terrível. Mas, se agora lhe parecia fácil esperar, as entrevistas jamais eram. Detestava a evidência burocrática; a pasta de livramento condicional repleta de relatórios sobre disciplina, relatórios sobre circunstâncias domiciliares avaliações psiquiátricas; detestava ficar despido na frente de um funcionário mal-educado que dizia o quanto ele era sujo. Tudo tão doloroso que Marty pensava jamais poder se livrar dessas sensações; jamais esqueceria as salas quentes repletas de insinuações e esperanças malogradas. Sonharia com tudo aquilo para sempre.

— Entre, Strauss.

Nada tinha mudado desde a última vez; apenas a sala parecia mais embolorada. O homem no outro lado da mesa era também o mesmo. Chamava-se Somervale e muitos prisioneiros de Wandsworth rezavam

todas as noites pedindo sua pulverização. No momento, ele não estava sozinho atrás da mesa de tampo de plástico.

— Sente-se Strauss.

Marty olhou para o companheiro de Somervale. Não era funcionário da prisão. Sua roupa era elegante demais, as unhas bem cuidadas demais. Parecia ter passado da meia-idade, corpo musculoso e o nariz levemente deformado, como se tivesse sido quebrado e mal recomposto. Somervale apresentou:

— Strauss, este é o Sr. Toy...

— Olá — cumprimentou Marty.

O rosto bronzeado voltou-se para ele com um um olhar de indisfarçada avaliação.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo — disse Toy.

A atenção com que o observava era mais do que curiosidade, embora Marty não pudesse imaginar o que havia para ver nele. Um homem com tempo nas mãos e no rosto; um corpo pesadão por excesso de comida de má qualidade e falta de exercício; um bigode mal-aparado; olhos opacos de tédio. Marty conhecia cada detalhe desagradável de sua própria aparência, não valia mais um segundo olhar de ninguém. Contudo, os olhos azuis brilhantes não se desviavam dele, como que fascinado.

— Acho que devemos ir direto ao assunto — disse Toy dirigindo-se a Somervale. Apoiou as duas mãos abertas na mesa. — O que já contou ao Sr. Strauss?

Sr Strauss. Uma cortesia quase esquecida.

— Não contei nada — respondeu Somervale.

— Então vamos começar do início — decidiu Toy. Recostou-se na cadeira sem tirar as mãos da mesa.

— Como quiser — respondeu Somervale, preparando-se para um discurso. — O Sr. Toy... — começou.

Mas o outro o interrompeu.

— Permite? — Talvez eu possa resumir a situação.

— O que achar melhor — concordou Somervale. Procurou o maço de cigarros no bolso do paletó, mal disfarçando seu desapontamento. Toy o ignorou. O rosto de nariz torto continuava voltado para Marty.

— Meu patrão — começou Toy — chama-se Joseph Whitehead. Não sei se o nome significa alguma coisa para o senhor... — Não esperou

resposta e continuou. — Se não tem idéia, sem dúvida conhece a Companhia Whitehead, fundada por ele. Um dos maiores impérios farmacêuticos do mundo...

O nome parecia vagamente familiar a Marty, associado a algo escandaloso. Mas era uma lembrança muito imprecisa e não teve tempo para lembrar, porque Toy continuara, a todo pano.

— ... Embora o Sr. Whitehead esteja agora quase com setenta anos, mantém ainda o controle da companhia. É um homem que se fez sozinho, como sabe, e devotou a vida à sua criação. Entretanto, resolveu não ser mais tão *visível* quanto antes...

Uma fotografia de primeira página projetou-se na mente de Marty. O homem com a mão erguida para evitar a luz do flash; um momento de privacidade violado por algum paparazzi para consumo do público.

— ... Ele evita a publicidade quase completamente, e desde a morte da mulher não se interessa mais pela arena social...

Compartilhando daquela imagem, Strauss via uma mulher de beleza estonteante, mesmo naquela luz pouco favorável. A mulher de quem Toy estava falando, talvez.

— ... preferindo agora dirigir sua companhia fora das luzes da publicidade, ocupando-se, nas horas de lazer, com obras sociais. Entre elas, o problema do excesso de detentos nas prisões e a deterioração do serviço que, de modo geral, elas deveriam realizar.

A última observação era sem dúvida uma indireta agressiva que atingiu Somervale em cheio. Ele apagou no cinzeiro de lata o cigarro fumado pela metade, olhando para Toy com ar ofendido.

— Quando chegou o momento de contratar um novo guarda-costas pessoal — continuou Toy — o Sr. Whitehead resolveu procurar um candidato entre homens que estão em liberdade condicional, ao invés de fazer uso das agências.

“Não pode estar falando de mim,” pensou Strauss. “A idéia é boa demais para uma brincadeira e até ridícula no fundo. Mas, então, por que Toy estava ali, com todo aquele falatório?”

— Está procurando um homem quase no fim da sua sentença. Um homem que, na opinião do Sr. Whitehead e na minha, mereça a oportunidade de ser reintegrado na sociedade com um emprego garantido e

um pouco de auto-estima para ajudar. Seu caso chamou minha atenção, Martin. Pessoal chamá-lo de Martin?

— Geralmente me chamam de Marty.

— Ótimo. Então é Marty. Francamente, não quero lhe dar muitas esperanças. Estou entrevistando outros candidatos e naturalmente até o fim do dia posso achar que nenhum de vocês é o que queremos. Neste momento quero apenas saber se estaria interessado, caso o emprego lhe fosse oferecido.

Marty começou a sorrir. Não com os lábios, mas no íntimo, onde Somervale não podia ver.

— Compreende o que estou perguntando?

— Sim, eu compreendo.

— Joe... O Sr. Whitehead... precisa de alguém que se dedique completamente ao seu bem-estar; na verdade, que até esteja disposto a arriscar a própria vida para defender a dele. Sei que é pedir muito...

Marty franziu as sobrancelhas. Era muito, especialmente depois dos seis anos e meio do aprendizado de auto-preservação em Wandsworth. Toy percebeu imediatamente a hesitação de Marty.

— Isso o preocupa? — perguntou ele.

Marty ergueu levemente os ombros.

— Sim e não. Quero dizer, nunca me pediram para fazer isso antes. Não quero enganá-lo com a conversa de estar ansioso para ser morto defendendo a vida de outra pessoa, porque não estou. Estaria mentindo se dissesse o contrário.

— Toy balançava a cabeça afirmativamente, encorajando Marty a continuar.

— Essa é a verdade — concluiu.

— Você é casado? — perguntou Toy.

— Separado.

— Posso perguntar-lhe se há algum processo de divórcio em andamento?

Marty fez uma careta. Detestava falar no assunto. Era seu ferimento, seu, para tratar e para se preocupar. Nenhum companheiro na prisão tinha conseguido arrancar dele a história, nem mesmo naquelas confissões, às três horas da manhã, com o antigo companheiro de cela, antes da chegada de Feaver, que só falava de comida e de mulheres. Mas precisava dizer alguma

coisa agora. Certamente deviam ter todos os detalhes arquivados. Toy provavelmente sabia mais sobre o que Charmaine estava fazendo, e com quem, do que ele próprio.

— Charmaine e eu... — tentou expressar em palavras seus sentimentos confusos, mas só conseguiu uma afirmação contundente. — Acho que não temos muita chance de voltar a viver juntos, se é o que quer saber.

Toy percebeu a mágoa na voz de Marty; Somervale também. Pela primeira vez, desde que o visitante entrara em cena, o diretor começou a demonstrar algum interesse na conversa. “Ele quer me ver perder o emprego”, pensou Marty, vendo essa expectativa escrita no rosto de Somervale. Muito bem! Para o diabo com ele, mas não lhe darei esse prazer”.

— Não é um problema — continuou Marty secamente. — Ou, se for, é meu problema. Estou ainda tentando me acostumar com a idéia de que ela não estará por perto quando eu sair. Na verdade, isso é tudo.

— Toy sorriu, com ar amistoso.

— Francamente, Marty —, não pense que eu queira me intrometer. Quero apenas compreender a realidade da situação. Se for empregado pelo Sr. Whitehead, terá de morar na casa dele e uma das condições do emprego é não sair de lá sem a permissão dele ou minha. Em outras palavras, não terá liberdade incondicional. Longe disso. É importante para mim saber se tem alguma ligação que possa tentá-lo a desobedecer essas restrições.

— Sim, eu compreendo.

— Além disso, se, por qualquer motivo, seu relacionamento com o Sr. Whitehead não for satisfatório; se um dos dois achar que não é conveniente, então temo que...

— ... Terei de voltar e terminar a sentença.

— Isso mesmo.

Fez-se um silêncio constrangido e Toy suspirou discretamente. Levou alguns instantes para recuperar o equilíbrio e então mudou a direção da conversa.

— Gostaria de fazer mais algumas perguntas. Lutou box por algum tempo, certo?

— Um pouco. Há muitos anos...

Toy ficou desapontado.

— Desistiu?

— Desisti — respondeu Marty. — Mas continuei por algum tempo com o levantamento de peso.

— Aprendeu alguma arte de auto-defesa? Judô? Karatê? Marty pensou em mentir, mas de que adiantava? Bastava Toy consultar os arquivos de Wandsworth.

— Não — respondeu.

— Uma pena.

O estômago de Marty se contraiu.

— Mas tenho muita saúde. — E sou forte. Posso aprender.

Percebeu que um tremor insidioso entrava em sua voz.

— Não queremos um aprendiz, sinto muito — explicou Somervale, mal disfarçando o triunfo na voz.

Marty inclinou-se para a frente, tentando anular a presença de sanguessuga de Somervale.

— Posso fazer o serviço, Sr. Toy — insistiu. — Sei que posso fazer. Dê-me uma oportunidade...

O tremor crescia; seu estômago parecia um acrobata. Melhor parar antes de dizer algo de que se pudesse arrepender. Mas as palavras e os sentimentos continuavam a subir aos seus lábios.

— Dê-me uma oportunidade para provar que posso fazer o trabalho. Não estou pedindo muito, estou? E se me borrar todo a culpa é minha, compreende? Só uma chance, é tudo que estou pedindo.

Toy ergueu os olhos para ele com um ar pesaroso. “Tudo acabado, então? Tudo decidido? — uma resposta errada e a coisinha toda fora por água abaixo —, o homem já estaria mentalmente arrumando a mala e devolvendo a pasta Strauss, M. às mãos pegajosas de Somervale, para ser arquivada entre um condenado esquecido e outro...”

Marty mordeu a língua e recostou-se na cadeira desconfortável, os olhos fixos nas mãos trêmulas. Não suportava olhar para a elegância deformada do rosto de Toy, não agora, depois de se abrir tanto com ele. Toy perceberia, sem dúvida, toda a sua mágoa e a esperança, perdida, e Marty não podia suportar isso.

— No seu Julgamento... — começou Toy a dizer...

O que mais agora? Por que estava prolongando o tormento? Tudo o que Marty queria era voltar para sua cela, onde Feaver devia estar sentado na cama brincando com suas bonecas de papel, para aquele tédio familiar no

qual podia encontrar refúgio. Mas Toy não tinha terminado ainda; queria a verdade, toda a verdade, nada menos do que a verdade.

—... no seu julgamento você declarou que o principal motivo de se envolver em roubo foi para pagar uma grande dívida de jogo. Estou certo?

A atenção de Marty passou das mãos para os sapatos. Os cordões estavam desamarrados, e embora fossem bastante longos para um nó duplo, nunca tinha paciência para nós complicados. Gostava de laços simples. Para desatar um laço era só puxar a ponta e ele logo se desfazia como mágica.

— Estou certo? — insistiu Toy.

— Sim, está certo — respondeu Marty. Já que chegara até aí, por que não terminar a história? — Éramos quatro. Dois revólveres. Tentamos assaltar o carro-forte. As coisas não deram certo. — Ergueu os olhos dos sapatos; Toy o observava atentamente. — O motorista levou um tiro no estômago. Morreu mais tarde. Está tudo na minha ficha, não está? — Toy fez um gesto afirmativo. — E o carro-forte? Está na ficha também? — Toy não respondeu. — Pois estava vazio —. Erramos tudo desde o começo. Aquela porra de cofre estava vazio.

— E as dívidas?

— O quê?

— Suas dívidas com Macnamara. Continuam válidas?

O homem começava a dar nos nervos de Marty. O que importava a Toy se Marty devia algum mangos aqui e ali? Não passava de camuflagem para agradar, permitindo-lhe retirar com dignidade o convite esboçado.

— Responda ao Sr. Toy, Strauss — ordenou Somervale.

— Para que quer saber?

— Mera curiosidade — respondeu Toy com franqueza.

— Compreendo...

“Que se foda sua curiosidade”, pensou Marty. “Que se engasgue com ela”. Não iam ter mais confissão alguma de sua parte.

— Posso ir agora? — perguntou.

Ergueu os olhos. Não para Toy, mas para Somervale, que ria ironicamente atrás da fumaça do cigarro, satisfeito com o fracasso da entrevista.

— Acho que sim, Strauss — respondeu ele. — Desde que o Sr. Toy não tenha mais perguntas.

— Não — respondeu Toy com voz inexpressiva. — Não, estou satisfeito.

Marty levantou-se, sempre evitando os olhos de Toy. A saleta estava repleta de feios ruídos. Os pés da cadeira raspando o chão, a tosse áspera de fumante de Somervale. Toy guardava seus papéis. Tudo acabado.

Somervale disse então:

— Pode ir.

— Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Strauss — disse Toy quando Marty, de costas para ele, chegava à porta, e Marty voltou-se não esperando ver o homem sorridente, com a mão estendida.

— Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Strauss.

Marty fez um gesto afirmativo e apertou a mão dele.

— Obrigado pelo seu tempo — agradeceu Toy.

Marty saiu, fechou a porta e voltou para a cela, escoltado por Priestley, o supervisor do andar. Não trocaram palavra.

Marty olhou os pássaros descendo em mergulho sobre o telhado da prisão, pousando nas amuradas para catar migalhas. Iam e vinham quando queriam, procurando nichos na parede para os ninhos, seguros da própria soberania. Não os invejava. Ou, se invejava, esse não era o momento para admití-lo.

6

TREZE DIAS se passaram sem nenhuma notícia de Toy ou de Somervale. Não que Marty realmente esperasse alguma coisa. À oportunidade estava perdida; ele próprio a torpedeara com sua recusa final em falar de Macnamara. Com isso esperava ter cortado qualquer esperança pela raiz. Mas falhou. Por mais que se esforçasse não conseguia esquecer a entrevista com Toy. Aquele encontro o havia abalado profundamente, e essa instabilidade lhe era tão dolorosa quanto sua causa. Pensava que havia dominado a arte da indiferença, depois de todo aquele tempo, do mesmo modo que as crianças aprendem que água quente queima: através de dolorosa experiência.

E a sua era vasta. Nos primeiros doze meses da sentença, tinha lutado contra tudo e contra todos. Não fez amigos naquele ano, nem causou

impressão maior no sistema; só o que ganhou com todo o esforço foram escoriações e maus pedaços.

No segundo ano, abrandado pela derrota, recolheu-se ao subterrâneo para sua guerra particular; começou a treinar levantamento de peso e box, concentrando-se no desafio de reforçar e manter um corpo que lhe seria útil quando chegasse a hora da vingança. Mas, no meio do terceiro ano a solidão entrou em jogo; uma dor que nenhuma intensidade de autopunição (músculos levados ao limiar da dor e além, dia após dia) podia disfarçar. Nesse ano resolveu fazer uma trégua consigo mesmo e com a prisão. Era uma paz intranquila, mas as coisas começaram a melhorar. Começou até a sentir-se em casa nos corredores cheios de ecos, na cela, e no reduzido bastião do seu cérebro, onde experiências mais agradáveis eram agora lembranças distantes.

O quarto ano trouxe-lhe novos terrores. Completara vinte e nove anos; os trinta pairavam ameaçadoramente sobre sua cabeça e ele se lembrava com dolorosa exatidão de que, quando era jovem, com tempo para gastar, considerava homens dessa idade como velharias imprestáveis. Uma constatação dolorosa, e a velha claustrofobia (aprisionada não atrás das grades, mas atrás da sua vida) voltou com mais força do que nunca e, com ela, uma nova imprudência. Nesse ano ganhou suas tatuagens: um relâmpago vermelho e azul na parte superior do braço esquerdo e USA no antebraço direito. Um pouco antes do Natal, Charmaine escreveu-lhe sugerindo que seria melhor se divorciassem e Marty não deu muita importância. De que adiantava? A indiferença era o melhor remédio. Uma vez aceita a derrota, na vida passara a ser um colchão de plumas. À luz desse critério, o quinto ano foi fácil. Tinha acesso a drogas; tinha a experiência, de antigo presidiário, tinha tudo menos a liberdade, mas por ela Marty podia esperar.

Foi então que conheceu Toy e, por mais que tentasse esquecer que algum dia tinha ouvido o nome do homem, aquela meia hora da entrevista repetia-se constantemente em seus pensamentos, Marty ruminando cada palavra, cada mínimo detalhe, como se pudesse descobrir neles uma valiosa pepita de profecia. Um exercício infrutífero, naturalmente, mas que não impedia a repetição e o processo todo tornou-se quase reconfortante, de certo modo. Não o revelou a ninguém, nem a Feaver. Era seu segredo: a sala, Toy, a derrota de Somervale.

No segundo domingo depois da entrevista com Toy, Charmaine o visitara. O encontro foi a droga de sempre, como um telefonema transatlântico — todo o senso de oportunidade perdido pela demora entre pergunta e resposta. Não foi a zoada das outras conversas na sala que estragou tudo: as coisas simplesmente já estavam estragadas. Não adiantava negar esse fato agora. Suas tentativas iniciais de salvar a ambos do desastre de há muito tinham sido abandonadas. Depois das perguntas indiferentes, saúde de parentes e de amigos, a dura verdade da dissolução.

Nas primeiras cartas, Marty lhe escrevia: *Você é linda, Charmaine. Penso em você à noite, sonho com você o tempo todo.*

Mas então, os traços dela aos poucos ficaram indefinidos — e os sonhos com o rosto e o corpo de Charmaine sob o dele cessaram — e embora continuasse a fingir durante algum tempo, suas frases soavam falsas e Marty parou de escrever sobre aquelas intimidades. Era coisa de adolescente dizer que sonhava com o rosto dela... O que Charmaine iria pensar, que ele ficava suando no escuro e se masturbando como um garoto de doze anos? Não, não queria que ela tivesse tal idéia.

Mas, refletindo sobre isso agora, talvez tenha sido um erro. A deterioração do casamento talvez tivesse começado ali, com sua sensação de ridículo, com a interrupção das cartas de amor. Mas Charmaine não tinha mudado também? Quando olhava para ele, agora, era com visível expressão de suspeita.

— Flynn mandou lembranças.

— Oh. Ótimo. Você se encontra com ele, não é?

— Uma vez ou outra.

— Como vai ele?

Ela adquirira o hábito de olhar para o relógio e não para ele, e Marty gostava disso, pois lhe dava a oportunidade de observá-la, sem parecer indiscreto. Quando Charmaine permitia que seu rosto ficasse menos tenso, Marty ainda a achava atraente. Mas estava certo de que agora tinha perfeito controle sobre as próprias reações. Podia olhar para ela — para os lobos transparentes das suas orelhas, a curva do pescoço — com frieza. Isso, pelo menos, a prisão lhe havia ensinado: não querer o que não pudesse alcançar.

— Oh, ele está bem — respondeu ela.

Marty demorou um pouco para se reorientar; de quem ela estava falando? Oh, sim, de Flynn. Ali estava um homem que nunca sujava as

mãos. Flynn, o sensato, Flynn, o brilhante.

— Mandou lembranças — continuou ela.

— Você já disse — lembrou Marty.

Outra pausa; a conversa era mais martirizante a cada visita. Não tanto para ele quanto para ela. Charmaine parecia sofrer um trauma cada vez que dizia uma palavra.

— Fui falar com os advogados outra vez.

— Ah, sim.

— Aparentemente, as coisas estão indo bem. Acreditam que os papéis estarão prontos no próximo mês.

— O que a gente faz, é só assinar?

— Bem... disseram que precisamos conversar sobre a casa e todas as coisas que compramos juntos.

— É tudo seu.

— Mas é nosso, não é? Quero dizer, pertence a nós dois. E quando sair, você vai precisar de um lugar para morar, móveis e tudo o mais.

— Quer vender a casa?

Outra pausa constrangedora, como se ela estivesse vacilando antes de dizer coisas mais importantes do que as banalidades que certamente viriam à tona.

— Eu sinto muito, Marty.

— Por quê?

Ela balançou a cabeça levemente. O cabelo tremulou.

— Não sei...

— Não é sua culpa. Nada disto é culpa sua

— Não posso evitar...

Interrompeu-se e olhou para ele, de repente mais alerta na urgência do seu medo — seria mesmo *medo*? — do que em muitas outras conversas que haviam tido numa ou noutra daquelas salas abafadas. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— O que há?

Olhou para ele, as lágrimas prontas para descer pelo rosto.

— Char... o que aconteceu?

— Está tudo acabado, Marty — respondeu ela, como se a realidade a atingisse pela primeira vez: acabado, terminado, adeus para sempre.

Ele fez um gesto afirmativo:

— Está.

— Não quero que você... — interrompeu-se, fez uma pausa, e tentou outra vez. — Não deve me culpar.

— Não culpo você. Nunca culpei. Cristo, você tem vindo aqui, não tem? Esse tempo todo. Detesto ver você neste lugar, sabe. Mas você veio; sempre que precisei de você, você estava aqui.

— Pensei que tudo ia dar certo — ela continuou como se ele não tivesse falado. — Pensei mesmo. Pensei que você ia sair logo, e talvez a gente conseguisse, você sabe. Tínhamos ainda a casa e tudo o mais. Mas, nestes dois últimos anos, tudo começou a desmoronar.

Marty observou o sofrimento dela, pensando: “Nunca vou esquecer isto, porque fui eu o causador e sou a merda mais desprezível do mundo! Veja só o que fiz!” Naturalmente, tinha havido lágrimas no começo, e cartas dela eram cheias de mágoa e de acusações veladas, mas essa dor cortante que agora demonstrava o atingia mais profundamente. Não era o sofrimento de uma jovem de vinte e dois anos, mas de uma mulher adulta; e sentia-se envergonhado, pensando que tinha provocado aquilo, envergonhando-se de um modo que pensava jamais experimentar. Ela assoou o nariz com um lenço de papel que tirou da bolsa.

— Está tudo numa bagunça danada, comentou.

— Tem razão.

— Só quero pôr ordem nas coisas. Consultou rapidamente o relógio, depressa demais para ter visto a hora e levantou-se.

— Acho melhor eu ir, Marty.

— Um encontro?

— Não... — respondeu, uma mentira transparente que ela não se esforçou para disfarçar. — Talvez faça compras mais tarde. Sempre me sinto melhor quando faço compras. Você me conhece.

Não, pensou ele. Não, não a conheço. Se a conheci no passado, e não tenho muita certeza, era uma pessoa diferente e, Deus, sinto falta dela. Afastou esses pensamentos. Não devia se separar dela assim; sabia disso pelos outros encontros. O truque era ficar frio, terminar com uma atitude formal, para poder voltar à sua cela e esquecer Charmaine até a próxima vez.

— Quero que compreenda — disse ela. — Mas acho que não expliquei muito bem. É tudo uma grande confusão.

Não disse adeus; as lágrimas começavam a aparecer outra vez e Marty teve certeza de que ela estava com medo, influenciada pela conversa dos advogados, de desistir no último instante — por fraqueza, por amor, ou pelos dois — e, afastando-se sem olhar para trás, mantinha bloqueada essa possibilidade.

Derrotado, voltou para a cela. Feaver estava dormindo. Grudara com cuspe, na testa, uma vulva recortada de revista, um dos seus rituais favoritos. Era como que uma fenda — um terceiro olho — sobre as pálpebras fechadas, olhando e olhando, sem esperança de poder dormir.

7

— STRAUSS?

Priestley estava diante da porta aberta, olhando para dentro da cela. Ao lado dele, algum humorista tinha rabiscado na parede: *Se ficar com tesão um pontapé na porta. Uma boceta vai aparecer.* Uma frase batida. Tinha visto a mesma ou outra semelhante em várias paredes das celas, mas agora, olhando para o rosto grosseiro de Priestley, a associação de idéias — o inimigo e o sexo de uma mulher — lhe pareceu obscena.

— Strauss?

— Sim, senhor.

— O Sr. Somervale quer ver você. Mais ou menos às três e quinze. Virei buscá-lo. Esteja pronto às três e dez.

— Sim, senhor.

Priestley voltou-se para sair.

— Pode me dizer do que se trata, senhor?

— Eu é que vou saber?

SOMERVALE estava esperando na Sala de Entrevista às três e quinze. A pasta de Marty estava sobre a mesa, na frente dele, o barbante ainda

amarrado em volta. Ao lado, um envelope pardo sem nada escrito. Somervale estava de pé ao lado da janela de vidro reforçado, fumando.

— Entre — resmungou. Não o convidou a sentar-se, nem virou a cabeça.

Marty fechou a porta e esperou. Somervale soltou fumaça pelo nariz, ruidosamente.

— O que você acha, Strauss? — perguntou ele.

— Não entendi, senhor...

— Eu disse: o que você acha, hein? Imagine!

Marty não estava entendendo nada e imaginou se a confusão era sua ou de Somervale. Depois de um tempão, continuou: — Minha mulher morreu.

Marty pensou que devia dizer as palavras usuais, mas Somervale não lhe deu tempo de articular uma reação, pois disse quatro palavras como se elas continuassem a mesma frase formada pelas três primeiras:

— Estão soltando você, Strauss!

Colocou os dois fatos lado a lado como se formassem um conjunto; como se o mundo inteiro estivesse conspirando contra ele.

— Vou trabalhar para o Sr. Toy? — perguntou Marty.

— Ele e o conselho acham que você é um candidato aceitável para trabalhar na casa do Sr. Whitehead... Imagine só... Deixou então escapar um som surdo da garganta, que podia ser uma risada. — Naturalmente você vai estar sob severa vigilância. Não de minha parte, mas de quem vier depois de mim. E se sair da linha uma única vez que seja...

— Compreendo.

— Será que compreende? — Somervale deu uma tragada no cigarro, ainda olhando para fora, pela janela. — Será que compreende mesmo o tipo de liberdade que escolheu?...

Marty não ia deixar que esse tipo de conversa estragasse sua euforia crescente. Somervale fora vencido; podia falar à vontade.

— Joseph Whitehead pode ser um dos homens mais ricos da Europa, mas é também um dos mais excêntricos, ouvi dizer. Só Deus sabe no que você está se metendo. Quero até dizer-lhe uma coisa: acho que você vai achar que a vida da prisão era muito mais agradável.

As palavras de Somervale se evaporaram; suas uvas verdes caíram em ouvidos moucos. Fosse por exaustão, ou por perceber que tinha perdido a audiência, desistiu do monólogo depreciativo ainda no começo e afastou-se

da janela para apresentar a tarefa desagradável. Marty ficou chocado com a mudança que viu no homem. Naquelas poucas semanas, desde seu último encontro, Somervale envelhecera anos; era como se tivesse passado o tempo todo com cigarros e sofrimento. Sua pele parecia pão amanhecido.

— O Sr. Toy vem apanhá-lo no portão, sexta-feira próxima à tarde. Dia 13 de fevereiro. Você é supersticioso?

— Não.

Somervale estendeu o envelope sobre a mesa.

— Todos os detalhes estão aí. Amanhã ou depois vai fazer um exame médico e alguém estará aqui para resolver sua situação em relação ao Conselho da Condicional. Regras estão sendo ignoradas por sua causa, Strauss. Só Deus sabe porque. Só na sua ala existe mais de uma dúzia de candidatos melhores. Marty abriu o envelope, examinou rapidamente as folhas datilografadas e as colocou no bolso.

— Não nos veremos mais — disse Somervale —, o que, tenho certeza, você agradece de coração. Marty não permitiu que seu rosto demonstrasse a menor reação. Sua indiferença fingida aparentemente acendeu uma reserva de ódio no corpo fatigado de Somervale. Os dentes escuros apareceram quando disse:

— Se fosse você, agradeceria a Deus, Strauss. Agradeceria a Deus do fundo do coração.

— Por que... senhor?

— Mas, afinal, acho que não há muito espaço para Deus em você, certo?

Havia dor e desprezo em partes iguais nas suas palavras. Marty não pôde deixar de ver Somervale sozinho numa cama de casal; um marido sem mulher, e sem fé suficiente para acreditar que iria vê-la outra vez; um homem incapaz de chorar. Outro pensamento adiantou-se rápido sobre o primeiro: o coração de pedra de Somervale, partido por um golpe terrível, não era muito diferente do seu. Ambos homens fortes, ambos mantendo o mundo à distância enquanto travavam suas guerras particulares, íntimas. Ambos acabando com as mesmas armas que haviam forjado para derrotar o inimigo voltadas contra si mesmos. Uma idéia terrível, e se Marty não estivesse tão feliz com a notícia da liberdade não ousaria sequer pensar nisso. Mas ali estavam: ele e Somervale, como lagartos na mesma lama fedorenta, repentinamente, parecendo dois gêmeos.

— No que está pensando, Strauss? — perguntou Somervale. Marty deu de ombros.

— Em nada — respondeu.

— Mentiroso! Apanhou a pasta que estava sobre a mesa e saiu da Sala de Entrevistas, deixando a porta aberta.

MARTY telefonou para Charmaine no dia seguinte e contou o que tinha acontecido. Ela aparentemente ficou satisfeita, o que foi gratificante. Quando saiu da cabine telefônica estava tremendo, mas sentia-se bem. Viveu os últimos dias em Wandsworth com olhos roubados, ou pelo menos era como sentia. Tudo aquilo a que se tinha habituado na vida da prisão — a crueldade casual, a atmosfera de infindável acampamento, os jogos de poder, os jogos de sexo —, tudo parecia novo outra vez, como há seis anos.

Anos desperdiçados, naturalmente. Nada os traria de volta, nada podia enchê-los com experiência útil. A idéia o deprimiu. Tinha tão pouca coisa para reentrar no mundo. Duas tatuagens, um corpo que vira dias melhores, lembranças de fúrias e desespero. Na jornada que o aguardava, ia viajar sem qualquer bagagem.

8

NA VÉSPERA da sua saída de Pentonville teve um sonho. Sua vida noturna não tinha sido nada para comentar durante aqueles anos. Os sonhos eróticos com Charmaine logo cessaram, bem como os vôos mais arrebatados da imaginação, como se o sub-consciente, respondendo ao confinamento, procurasse evitar a tortura de sonhos de liberdade. Uma vez ou outra acordava no meio da noite com a cabeça mergulhada em idéias gloriosas, mas a maioria dos seus sonhos era tão sem objetivo e tão repetitiva quanto a sua vida na prisão. Mas esta, agora, era uma experiência completamente nova.

Sonhou com uma espécie de catedral, uma obra-prima inacabada, talvez inacabável, com torres, agulhas e arcobotantes magníficos, vasta demais para existir no mundo real — à força da gravidade não o permitiria —, mas

ali, em sua mente, uma grandiosa realidade. Era noite e ele caminhava para ela, o cascalho rangendo sob seus pés, o ar perfumado de madressilva, ouvindo o canto que vinha de dentro da catedral. Vozes extasiadas, um coro de meninos, pensou, subindo e descendo sem palavras. Não via ninguém na sedosa escuridão que o envolvia; nenhum turista para admirar boquiaberto aquela maravilha. Só ele, e as vozes.

E então, milagrosamente, ele voou. Não tinha peso — e o vento o levou, e estava subindo pelo lado íngreme da catedral com incrível velocidade. Voava, não como um pássaro, mas, paradoxalmente, como um peixe voador. Como um golfinho — sim, era isso —, os braços encostados às vezes no corpo, às vezes agitando-se no ar enquanto subia, uma coisa macia e nua que deslizava pelas telhas e dava a volta nas agulhas, as pontas dos dedos roçando no orvalho da pedra trabalhada, espargindo gotas de chuva acumuladas nas calhas. Não se lembrava de ter jamais sonhado com algo tão delicioso. A intensidade de sua alegria era sem dúvida excessiva, e isso o fez acordar sobressaltado.

Regressou, com olhos arregalados, ao calor abafado da cela, com Feaver se masturbando no beliche inferior. O beliche balançava ritmicamente, em velocidade crescente, e Feaver se satisfez com um gemido abafado. Marty tentou bloquear a realidade, fazendo esforços mentais para recapturar o sonho. Fechou os olhos, procurando a imagem, dizendo, *venha, venha* para o escuro da cela. Por um breve momento o sonho voltou, mas agora já não era triunfal, e sim aterrorizante: ele mergulhava do céu, de centenas de quilômetros de altura, e a catedral subia na sua direção, aguçando as agulhas, preparando-se para sua chegada...

Acordou trêmulo, cancelando o mergulho antes que ele terminasse, e ficou acordado o resto da noite, os olhos fixos no teto, até que um brilho sombrio, a primeira luz da aurora, se infiltrasse pela janela anunciando o dia.

NÃO FOI um céu generoso que saudou sua libertação. Apenas uma tarde comum de sexta-feira, com os negócios de sempre em Trinity Road.

Toy já estava à sua espera na ala de recepção, quando Marty foi trazido da cela. Teve de esperar ainda mais algum tempo enquanto se processavam uma dúzia de rituais burocráticos; objetos pessoais verificados e entregues, papéis de soltura assinados e contra-assinados. As formalidades demoraram uma hora, e só então destrancaram as portas e os deixaram sair para o ar livre.

Com pouco mais do que um aperto de mão formal, Toy o conduziu através do pátio externo até o Daimler vermelho-escuro que os esperava, com motorista.

— Ande depressa, Marty — disse ele, abrindo a porta. — Está frio demais para ficar aí fora.

Estava frio de fato, e o vento não podia ser mais agressivo. Mas não deu para congelar sua alegria. Era um homem livre, graças a Deus! Livre, dentro de limites cuidadosamente determinados talvez, mas isso era o começo. Pelo menos estava deixando para trás toda a parafernália da prisão: o balde no canto da cela, as chaves, os números. Agora podia considerar escolhas e oportunidades que surgiriam a partir daquele momento.

Toy já se refugiara no banco traseiro do carro.

— Marty — chamou outra vez, acenando com a mão enluvada de pelica. — Precisamos nos apressar, do contrário vamos ficar presos no trânsito na saída da cidade.

— Certo. Estou aqui.

Marty entrou no carro que cheirava a cera, fumaça velha de cigarro e couro; perfumes deliciosos.

— Devo pôr minha tralha na mala do carro? — perguntou Marty.

O motorista voltou-se.

— Tem lugar aí atrás — indicou.

Era um antilhano, não uniformizado com uma jaqueta de aviador muito usada, e olhou Marty de cima a baixo, sem o menor sorriso de boas-vindas.

— Luther — apresentou-o Toy —, este é Marty.

— Ponha a mala no banco da frente — continuou o motorista; inclinou-se e abriu a porta que corresponde ao lado do passageiro. Marty saiu do carro e colocou a mala de plástico com seus pertences no assento da frente, sobre alguns jornais e um exemplar muito lido de Playboy; depois, voltou a entrar na parte de trás, sentando-se ao lado de Toy, e bateu a porta com força.

— Não precisa bater com tanta força — reclamou Luther, mas Marty mal o ouviu. “Não são muitos os detentos que saem de Wandsworth num Daimler”, pensou ele; “acho que desta vez caí de pé”.

O carro afastou-se silenciosamente dos portões e virou para a esquerda no rumo de Trinity Road.

— Luther trabalha conosco há dois anos — comentou Toy.

— Três — corrigiu o homem.

— É mesmo? — Três, então. Ele me conduz a todos os lugares, assim como ao Sr. Whitehead, quando ele vem a Londres.

— Já não faz mais isso...

Marty olhou para os olhos do motorista no espelho.

— Esteve muito tempo naquele monte de merda?, — perguntou o homem, sem a menor hesitação. — O bastante — respondeu Marty.

— Não pretendia esconder coisa alguma, era tolice. Esperou a pergunta seguinte, inevitável: por que foi parar lá? Mas não chegou. Luther ficou atento à direção, aparentemente satisfeito. Marty achou ótimo não continuar a conversa. Tudo o que queria era ver passar aquele admirável mundo novo, absorvendo o mais que pudesse. As pessoas, as lojas, os anúncios, sedento por cada detalhe, por mais insignificante que fosse. Grudou os olhos no vidro. Tanta coisa para ver, contudo tinha a impressão de que era tudo artificial, como se as pessoas nas ruas, nos outros carros, fossem atores, um elenco escolhido, compenetrado dos papéis. Sua mente, procurando acomodar aquele tumulto de informação — de cada lado uma nova vista, em cada esquina uma diferente massa humana —, simplesmente lhe rejeitava a realidade. Era tudo teatro, dizia seu cérebro, tudo ficção. Porque, veja, aquela gente agia como se tivesse vivido sem ele, como se o mundo tivesse continuado enquanto estava preso e à criança que havia nele — a parte que, escondendo os olhos, acredita que não pode ser vista — não podia conceber a vida sem que ele estivesse presente para vê-la.

Naturalmente, o bom senso dizia o contrário. Fosse o que fosse que sua imaginação pudesse criar, o mundo estava mais velho e provavelmente mais cansado, desde a última vez que se haviam encontrado. Precisava renovar seu relacionamento com ele, aprender onde e como sua natureza tinha mudado, aprender outra vez sua etiqueta, sua sensibilidade, seu potencial de prazer.

Atravessaram o rio na Ponte Wandsworth e passaram por Earl's Court e Shepherd's Bush, chegando a Westway. A tarde de sexta-feira ia em meio e o tráfego já era intenso, moradores dos subúrbios ávidos para chegar em casa para o fim de semana. Marty olhava para os motoristas dos outros carros, tentando adivinhar o que faziam, ou procurando atrair os olhares das mulheres.

Quilômetro após quilômetro, a sensação de estranheza começou a diminuir, e quando chegaram à rodovia M40, já se cansara um pouco do espetáculo. Toy cochilava no canto do banco com as mãos cruzadas no colo. Luther ocupava-se em costurar entre o tráfego da estrada.

Só um acontecimento atrasou o avanço do Daimler. A cinquenta quilômetros de Oxford, luzes azuis piscaram na estrada e o som da sireia atrás deles anunciara um acidente. A fila de carros diminuiu a marcha, como se eles fossem pessoas num velório, empurrando-se, para olhar o caixão.

Um carro tinha derrapado na pista, atravessado O canteiro divisório e batido de frente num caminhão que vinha em direção oposta. Todas as pistas para o oeste estavam bloqueadas, impedidas pelo destroços ou pelas viaturas policiais, e os carros tinham de usar o acostamento para evitar os restos do acidente.

— O que aconteceu, dá para ver? — perguntou Luther, muito ocupado em passar pelo policial que mostrava o caminho, para observar a cena. Marty a descreveu da melhor maneira possível.

Um homem, com o sangue escorrendo pelo rosto, como se lhe tivessem quebrado um ovo cheio de sangue na cabeça, estava de pé no meio do caos, desorientado pelo choque. Atrás dele um grupo — polícia e passageiros salvos — perto do carro que tinha a frente completamente amassada, falava com alguém que estava preso lá dentro no lugar do motorista. A vítima estava abaixada no banco, imóvel. Quando passaram lentamente, uma dessas pessoas, com o casaco empapado de sangue, dela própria ou da vítima, afastou-se do veículo e começou a bater palmas. Pelo menos Marty interpretou as batidas das mãos da mulher como aplauso. Era como se estivesse tomada por uma alucinação, como a que Marty havia experimentado recentemente, de que tudo não passava de meticuloso pesadelo, de mau gosto, que a qualquer momento ia acabar bem. Teve vontade de pôr a cabeça para fora do carro e dizer àquela senhora que ela

estava enganada, que aquele era o mundo real: mulheres de longas pernas, céu de cristal e tudo o mais. Mas ela iria descobrir amanhã, não iria? Muito tempo para sofrer, então. No momento, ela batia palmas, e estava ainda aplaudindo quando o acidente desapareceu do vidro traseiro do Daimler.

II A Raposa

10

ASILO, WHITEHEAD sabia, era uma palavra traiçoeira. Podia significar santuário, lugar de refúgio, de segurança. E podia também ser uma casa de loucos, um buraco para enterrar mentes perturbadas. Um artifício semântico, nada mais, pensou ele. Desde quando a ambiguidade assaltava sua mente com tanta frequência?

Estava sentado na confortável poltrona ao lado da janela, onde se havia habituado a ficar durante toda uma longa série de tardes, vendo a noite se estender sorrateira sobre o gramado, com seus pensamentos quase desconexos sobre como uma coisa se transformava em outra, como era difícil conservar o que quer que fosse. A vida era uma jornada fortuita. Whitehead tinha aprendido isso há anos com um mestre e jamais se esquecera. Dependia de mero acaso uma pessoa ser recompensada por seus bons trabalhos ou esfolada viva. De nada adiantava adotar um sistema de números ou de divindades; todos eles desmoronavam no fim. A fortuna pertencia ao homem que estava disposto a arriscar tudo numa só jogada decisiva.

Whitehead fizera isso. Não uma, mas muitas vezes no começo da sua carreira, quando ainda estava construindo as bases do seu império. E graças ao extraordinário sexto sentido que possuía, a habilidade de determinar com antecedência o movimento dos dados, os riscos quase sempre eram compensadores. Outras companhias tinham seus virtuosos: computadores que calculavam as probabilidades até a dezena, conselheiros que mantinham os ouvidos grudados às bolsas de valores de Tóquio, Londres e Nova York, mas todos eram suplantados pelo instinto de Whitehead. Quando se tratava de saber o momento exato, sentir a interação do tempo com a oportunidade que transformava uma boa decisão em algo muito grande, uma simples transação num golpe brilhante, ninguém era superior

ao velho Whitehead, todos os jovens e competentes executivos da companhia sabiam disso. O conselho oracular do chefe precisava ser ouvido antes que fosse posta em prática qualquer expansão importante ou assinado qualquer contrato.

Ele bem imaginava que dessa autoridade, que permanecia absoluta, se ressentiam alguns círculos. Sem dúvida, muitos achavam que ele devia abrir mão dela completamente e deixar que os homens formados pelas universidades e os computadores se encaregassem do negócio. Mas Whitehead tinha conquistado essa arte, esses poderes excepcionais de intuição, expondo-se a certos riscos; seria tolice portanto relegá-los ao esquecimento, quando ainda podiam ser usados para manter as mãos firmes na direção. Além disso, o velho tinha um argumento que os jovens audaciosos não podiam negar: seus métodos funcionavam. Jamais cursara uma escola de nível superior; sua vida, antes da fama — para desapontamento dos jornalistas — era uma página em branco, mas o fato é que ele criara a Companhia Whitehead a partir do nada. O destino da empresa, para o melhor e para o pior, era ainda assunto do seu mais apaixonado interesse.

Nessa noite, porém, não havia lugar para paixão, ali sentado naquela cadeira (uma cadeira para se morrer nela, pensava às vezes) ao lado da janela. Nessa noite, tudo o que havia era mal-estar, aquela aflição constante dos velhos.

Como detestava o envelhecimento! Era quase insuportável ser reduzido desse modo. Não que estivesse doente, mas dezenas de pequenos desconfortos o perturbavam e raramente passava um dia sem que alguma irritação — aftas na boca, ou uma assadura entre as nádegas que coçava furiosamente — não o obrigasse a fixar a atenção no próprio corpo, quando o sentido de autoconservação deveria voltar-lhe para outras coisas. A maldição da idade avançada, pensava ele, era a distração, e não se podia dar ao luxo de pensamentos aleatórios. Era perigoso pensar em úlceras ou coceiras. Assim que sua mente se distraísse, algo cortaria sua garganta. Era isso que aquela sensação de mal-estar lhe dizia agora. *Não desvie os olhos nem por um momento, não pense que está seguro, porque, velho, tenho uma mensagem para você: o pior ainda está por vir.*

Toy bateu uma vez na porta antes de entrar.

— Bill...

Whitehead momentaneamente esqueceu o gramado e a noite que avançava voltando-se para o migo.

— ... você chegou.

— Naturalmente que chegamos, Joe. Estamos atrasados?

— Não, não. Nenhum problema?

— Tudo está perfeito.

— Ótimo.

— Strauss está lá embaixo.

Na luz que diminuía progressivamente, Whitehead foi até a mesa e serviu-se de uma dose de vodca. Não tinha bebido até aquele momento e agora tomou um gole para comemorar a chegada a salvo de Toy.

— Quer uma bebida?

A pergunta ritual com a resposta ritual.

— Não, obrigado.

— Vai voltar para a cidade, então?

— Depois de você conversar com Strauss.

— É muito tarde para ir ao teatro. Por que não fica, Bill? Você volta amanhã, quando estiver claro.

— Tenho negócios a tratar — respondeu Toy, permitindo-se um sorriso suave com a palavra “negócios”. Outro ritual, um dos muitos entre os dois. Os negócios de Toy em Londres, que o velho sabia nada terem a ver com a companhia, não foram questionados. Nunca eram.

— Que impressão teve dele?

— De Strauss? A mesma que tive na entrevista. Acho que vai servir. E, se não der certo, há muitos outros no lugar de onde ele veio.

— Preciso de alguém que não se assuste com facilidade. As coisas podem ficar bastante desagradáveis.

Toy resmungou algo ininteligível, desejando que a conversa parasse por ali. Estava cansado depois de um dia de espera e de viagem e ansioso por seu programa daquela noite; não era hora para tratar uma vez mais daquele mesmo assunto.

Whitehead colocou o copo vazio na bandeja e voltou para perto da janela. Escurecia rapidamente na sala, agora, e quando o velho ficou de costas para Toy, sua sombra projetou-se de forma quase monolítica. Depois de trinta anos trabalhando para Whitehead e três décadas quase sem uma palavra de desavença entre os dois —, Toy sentia ainda por Whitehead a

admiração temerosa que nos inspira alguém com poder de vida e de morte. Ele ainda fazia uma pausa para se compor antes de chegar à presença de Whitehead; às vezes ainda gaguejava como quando se tinham conhecido. Era uma reação perfeitamente legítima. Aquele homem era poder, mais do que Toy jamais poderia esperar, ou, na verdade, desejar possuir; um poder que se acomodava com enganadora leveza nos ombros fortes de Joe Whitehead. Durante todos os anos em que haviam trabalhado juntos, nas conferências particulares ou na sala da diretoria, jamais vira faltar a Whitehead o gesto ou a observação adequados. Era simplesmente o homem mais auto-confiante que Toy conhecia; seguro até à medula do próprio valor, suas habilidades aperfeiçoadas ao ponto de poder destruir um homem com uma palavra, aniquilá-lo para sempre, anular sua auto-estima e esfacelar sua carreira. Ele tinha visto Whitehead fazer isso muitas vezes, e quase sempre a homens que Toy considerava superiores a si próprio. O que levava à pergunta (que Toy se fez naquele momento, olhando para a nuca de Whitehead—: “por que o grande homem passava tanto tempo na sua companhia? Talvez fosse simplesmente história. Seria? História e sentimento”).

— Estou pensando em mandar aterrar a piscina externa.

Toy agradeceu a Deus a mudança de assunto. Nada de falar do passado, pelo menos não naquela noite.

— Não nado mais, nem mesmo no verão.

— Podemos colocar alguns peixes nela.

Whitehead virou um pouco a cabeça para ver se Toy estava sorrindo. O tom de voz dele jamais indicava se estava brincando ou não, e era fácil, Whitehead sabia, ofender sua sensibilidade, rindo de algo que não tivesse sido dito como piada, ou contrário. Toy não estava sorrindo.

— Peixes? — perguntou Whitehead.

— Carpas ornamentais, talvez. Chamam-se Koi, não é? São peixes belíssimos!

Toy gostava da piscina. À noite era iluminada de baixo para cima e a superfície se agitava em redemoinhos hipnotizantes, a água de encantadora em sua tonalidade turquesa. Quando o ar estava um pouco frio, a piscina aquecida emitia um sussurro suave que desaparecia a dez centímetros da superfície. Na verdade, embora detestasse nadar, a piscina era um dos seus lugares favoritos. Não tinha certeza se Whitehead sabia disso ou não,

provavelmente sabia. Papá sabia quase tudo, tanto as coisas ditas quanto as não-ditas.

— Você gosta daquela piscina — sentenciou Whitehead.

Ali estava: a prova.

— Sim, gosto.

— Então vamos deixar como está.

— Ora, não por minha causa...

Whitehead ergueu a mão para evitar mais discussão, satisfeito com a dádiva que fazia.

— A piscina fica — E pode enchê-la com as tais Koi.

Voltou para a poltrona.

— Quer que acenda as luzes do jardim? — perguntou Toy.

— Não.

A luz mortiça da janela parecia emoldurar sua cabeça em bronze, um Medici fora de época, talvez, com os olhos fundos de pálpebras cansadas, a barba branca e o bigode curto, toda a estrutura parecendo pesada demais para a coluna que a sustentava. Percebendo que estava com os olhos pregados nas costas de Whitehead e que ele sem dúvida sentia isso, Toy libertou-se da letargia da sala e se lançou à ação novamente.

— Bem... quer que traga Strauss, Joe? Quer ver o homem ou não?

As palavras levaram séculos para atravessar a sala na semiobscuridade espessa. Por alguns segundos Toy não teve certeza de que Whitehead tinha ouvido.

Então o oráculo falou. Não uma profecia, mas uma pergunta.

— Será que sobreviveremos, Bill?

As palavras foram pronunciadas em voz tão baixa que pareciam ter flutuado dos lábios aprisionadas em grãos de poeira. O coração de Toy se apertou. O velho tema outra vez: o mesmo refrão paranóico. — Tenho ouvido muitos boatos, Bill. Nem todos podem ser infundados.

Continuava a olhar pela janela. A uns quinhentos metros do jardim corvos voavam em círculo acima do bosque. Estaria olhando para eles? Toy duvidava. Muitas vezes vira Whitehead assim, mergulhado em si mesmo, examinando o passado com os olhos da mente. Toy não tinha acesso a essa visão, mas podia adivinhar os temores de Whitehead naquele momento — afinal, estava presente quando tudo começou — e sabia também que, por mais que amasse o velho homem, não teria forças nem disposição para

compartilhar de algumas das suas preocupações. Não era bastante forte para isso; no íntimo era ainda o lutador de box que Whitehead empregara como guarda-costas há três décadas. Agora, naturalmente, vestia um terno de 400 libras e suas unhas eram tão cuidadas quanto suas maneiras. Mas a mente continuava a mesma, supersticiosa e frágil. Os sonhos dos grandes não estavam ao seu alcance. Nem seus pesadelos.

Whitehead repetiu a pergunta assustadora.

— Será que sobreviveremos, Bill?

Dessa vez Toy sentiu-se obrigado a responder.

— Tudo vai muito bem, Joe. Você sabe disso. Lucros altos em quase todos os setores...

Mas fugiu do assunto não era o que Whitehead desejava, e Toy sabia disso. Não terminou a frase, deixando cair entre eles um silêncio mais deprimente do que nunca. Os olhos de Toy fixavam-se agora, parados, novamente em Whitehead, sombreados pela noite que invadia a sala. Abaixou as pálpebras; pareciam lixas sobre os olhos. Desenhos dançavam em sua cabeça (rodas, estrelas e janelas) e quando os abriu novamente a noite tinha finalmente se apossado do ambiente.

A cabeça de bronze continuava imóvel. Mas falou e as palavras pareciam saídas das entranhas de Whitehead, maculadas de Pavor.

— Tenho medo, Willy. — Em toda a minha vida, nunca senti tanto medo quanto agora.

Falou lentamente, sem ênfase, como se desprezasse o melodrama implícito em suas palavras e se recusasse a lhes conceder magnitude.

— Vivi todos esses anos sem experimentar o medo, e me esqueci do que significava. De quanto é incapacitante. De como suga nossa força de vontade. Fico sentado aqui, dia após dia. Trancado neste lugar, com os alarmes eletrônicos, as cercas, os cães, Vigio o jardim e as árvores...

(Estava vigiando, enquanto falava).

— ... e mais cedo ou mais tarde, as luzes começam a se apagar. Fez uma pausa, um silêncio imóvel, longo e profundo, só quebrado pelo voejar dos corvos distantes.

— A noite eu posso suportar melhor. Não é agradável, mas não é ambígua. O que me atormenta é o lusco-fusco. Então o suor do medo cobre meu corpo. Quando a luz começa a desaparecer e nada mais é real, nada

tem solidez. Apenas formas vagas. Coisas que antes tinham formas definidas...

Tinha sido um inverno de noites como essa: garoas incolores que corroíam as distâncias e matavam o som; semanas infindáveis de luz incerta, quando a madrugada confusa se transformava em cair da noite confuso, sem o dia no meio. Poucos dias de frio gelado como aquele, um mês tristonho depois do outro.

— Agora, fico aqui sentado ao cair da noite — continuou o velho — um teste que me imponho a mim mesmo. Sento-me aqui e vejo tudo corroído. Desafiando tudo.

Toy sentia o sabor da profundidade do desespero de Papá. Nunca o vira assim; nem mesmo depois da morte de Evangeline. Lá fora estava quase completamente escuro; sem as luzes do jardim, o terreno era negro como breu. Mas Whitehead continuava sentado, de frente para a janela negra, vigiando.

— Está tudo lá, naturalmente.

— O quê?

— As árvores, O gramado. Quando a aurora chegar amanhã, estarão esperando.

— Naturalmente que sim.

— Sabe, quando eu era pequeno pensava que à noite alguém levava o mundo embora e na manhã seguinte o trazia de volta, desenrolando-o como um tapete.

Moveu-se na cadeira, levou a mão na cabeça. Impossível ver o que estava fazendo.

— As coisas em que acreditamos quando somos crianças nunca nos abandonam, não é mesmo? Ficam esperando que o tempo passe e que comecemos a acreditar nelas outra vez. Sempre o mesmo velho pedaço de terra, Bill. Sabe? Quero dizer, pensamos que estamos nos movendo, ficamos mais fortes, mais sábios, mas o tempo todo estamos no mesmo pedaço de terra.

Suspirou e virou a cabeça para Toy. A luz do corredor entrava em leque pela porta entreaberta. Do outro lado da sala Toy viu à luz fraca que os olhos e o rosto de Whitehead estavam brilhantes de lágrimas.

— Acho melhor acender as luzes, Bill — pediu ele.

— Está bem.

— E traga Strauss.

Não havia nenhum sinal de depressão em sua voz. Mas Joe era um mestre em disfarçar os próprios sentimentos. Toy sabia disso há muito tempo. Podia abaixar o capuz sobre os olhos e selar a boca, e nem um adivinho saberia o que estava pensando. Uma arte que usava com efeito devastador nas reuniões de negócios; ninguém sabia para que lado a velha raposa ia saltar. Provavelmente tinha aprendido a técnica jogando cartas. Isso e a arte de esperar.

11

TINHAM PASSADO pelos portões elétricos da casa de Whitehead e entrado em outro mundo. Gramados muito bem tratados estendiam-se ladeando a entrada de carros recobertas de cascalho marrom; a paisagem distante de bosques à direita, desaparecendo atrás de uma fila de ciprestes que circundava a casa. Chegaram no fim da tarde, e a luz suave realçava o encanto do lugar, a formalidade atenuada pela névoa incipiente que tornavam indefinidos os contornos da relva e das árvores.

A casa era menos espetacular do que Marty esperava, uma construção georgiana grande, sólida mas simples, com anexos modernos projetando-se nos lados da estrutura principal. O carro passou pela porta da frente, com o pórtico de colunas, e parou numa entrada lateral. Toy o convidou a entrar na cozinha.

— Deixe as malas no chão e sirva-se de café — disse ele Vou ver o patrão. Fique à vontade. Sozinho pela primeira vez desde que saíra de Wandsworth, Marty sentiu-se estranho. A porta estava aberta atrás dele; não havia cadeados nas janelas, nenhum guarda patrulhava os corredores além da cozinha. Paradoxalmente sentiu-se desprotegido, quase vulnerável. Depois de alguns minutos levantou-se da cadeira ao lado da mesa, acendeu a luz fluorescente (a noite caía rapidamente e ali não existiam interruptores automáticos), e serviu-se de café da máquina elétrica. Café forte e

levemente amargo, coado e recoado, pensou ele, não como a bebida insípida a que estava acostumado.

Vinte minutos depois Toy voltou, pediu desculpas pela demora e disse que o Sr. Whitehead ia vê-lo agora.

— Deixe as malas — instruiu. — Luther se encarrega delas.

Toy saiu na frente, deixando a cozinha que era parte do anexo, e passaram para a casa principal. Os corredores eram sombrios, mas os olhos de Marty viam maravilhas por toda a parte. A casa era um museu. Quadros cobriam as paredes do chão ao teto; nas mesas e estantes havia vasos e bibelôs de cerâmica decorados com esmalte brilhante. Mas não tinha tempo para ver com vagar. Caminharam pelo labirinto de corredores, o senso de direção de Marty confundindo-se cada vez mais a cada volta, até chegarem à sala de trabalho. Toy bateu, abriu a porta e convidou Marty a entrar.

Baseado apenas em uma fotografia semi-esquecida de Whitehead, o retrato que Marty tinha imaginado era uma invenção — e completamente errado. Onde imaginou fragilidade, encontrava robustez. Onde esperava a excentricidade de um recluso, via um rosto atento e vincado de rugas que o examinou, assim que entrou na sala, com eficiência e humor.

— Sr. Strauss — cumprimentou Whitehead —, seja bem-vindo.

Atrás de Whitehead as cortinas estavam ainda abertas, e pela janela a luz dos holofotes entrou repentinamente iluminando o verde agressivo do gramado por uma extensão de duzentos metros. Era como um truque de mágica, o aparecimento inesperado de toda aquela grama, mas Whitehead pareceu não notar. Caminhou para Marty. Era um homem grande e uma parte do seu corpo tinha se transformado em gordura, mas o peso acomodava-se na estrutura com naturalidade. Sem o menor sinal de embaraço. A graça dos seus passos, a fluidez quase azeitada do movimento do braço que se estendia para Marty, a elasticidade dos dedos, tudo sugeria um homem em paz com seu físico.

Trocaram um aperto de mãos. Ou Marty estava quente, ou o outro homem estava frio. Imediatamente Marty admitiu que o erro era seu. Um homem como Whitehead naturalmente nunca estava muito quente ou muito frio; controlava a própria temperatura com a mesma facilidade com que controlava suas finanças. No carro, Toy não lhe havia dito, em uma das breves e raras trocas de palavras que tiveram, que Whitehead nunca ficara seriamente doente na vida? Agora que Marty estava face a face com aquela

figura formidável, podia acreditar nisso. Nem um murmúrio de flautulência ousaria perturbar as entranhas daquele homem.

— Sou Joseph Whitehead — apresentou-se. — Seja bem-vindo ao Santuário.

— Muito obrigado.

— Aceita um drinque? Para comemorar.

— Aceito, por favor.

— O que quer beber?

A mente de Marty esvaziou-se de repente, e ficou de boca aberta como um peixe fígado. Toy, que Deus o abençoasse, sugeriu:

— Scotch?

— Está ótimo.

— O de sempre para mim — pediu Whitehead. — Venha sentar aqui, Sr. Strauss.

— Sentaram-se. As cadeiras eram confortáveis; não antiguidades, como as mesas nos corredores, mas peças funcionais e modernas. Toda a sala acompanhava esse estilo: ambiente de trabalho, não um museu. Os poucos quadros nas paredes pintadas de azul escuro pareciam, aos olhos não entendidos de Marty, tão novos quanto os móveis, grandes e arrumados ao acaso. O que estava em lugar mais visível, o mais representativo, era assinado por Matisse, a figura de uma mulher cor de rosa-amarelado refestelada em uma espreguiçadeira cor de rosa-amarelado.

— Seu uísque.

Marty aceitou o copo oferecido por Toy.

— Mandamos Luther comprar algumas roupas para você; estão no seu quarto — disse Whitehead. — Uns dois ternos, camisas e coisas assim, combinando. Mais tarde, talvez possa comprar algo de sua própria escolha. — Esvaziou O copo de vodka pura antes de continuar. — Ainda dão ternos aos prisioneiros ou não? Resquícios dos asilos de pobre, eu acho. Não seria de bom gosto nestes tempos avançados. Podiam pensar que os presos são criminosos por necessidade...

Marty não estava muito certo do significado da conversa, estaria Whitehead caçoando dele? O monólogo continuou, em tom amistoso, enquanto Marty tentava distinguir a ironia da opinião sincera. Era difícil. Depois de ouvir Whitehead por alguns minutos, lembrou-se do quanto as coisas eram mais sutis fora da prisão. Comparada à agilidade da prosa

daquele homem, o discurso caprichado do mais inteligente conversador de Wandsworth era coisa de amador. Toy passou outra grande dose de uísque para a mão de Marty, mas ele quase não notou. A voz de Whitehead era hipnótica e estranhamente calmante.

— Toy já explicou suas obrigações, não é mesmo?

— Sim, acho que sim.

— Quero que faça desta casa seu lar, Strauss. Procure se familiarizar com ela. Um ou dois lugares são proibidos a você; Toy dirá quais são. Por favor obedeça essa restrição. O resto está às suas ordens.

Marty fez um gesto afirmativo e tomou o uísque, que desceu por sua garganta como mercúrio.

— Amanhã...

Whitehead levantou-se, o pensamento inacabado, e voltou para a janela. A grama brilhava como se tivesse sido pintada recentemente.

— ...Vamos dar um passeio pelo terreno, você e eu.

— Ótimo.

— Ver o que precisa ser visto. Apresentar você a Bella e aos outros.

Mais empregados? Toy não havia mencionado isso; mas naturalmente devia haver: guardas, cozinheiros, jardineiros. A casa provavelmente estava cheia de empregados.

— Venha falar comigo amanhã, certo?

Marty tomou o resto de Scotch e Toy, com um gesto, indicou-lhe que podia se levantar. Whitehead parecia ter perdido todo o interesse nos dois. A avaliação tinha terminado, pelo menos naquele dia; seus pensamentos já estavam em outra parte, o olhar parado olhando para o gramado cintilante lá fora.— Sim, senhor. Amanhã.

— Mas antes disso... — observou Whitehead, voltando-se para Marty.

— Sim, senhor.

— Tire esse bigode. Podem pensar que está tentando esconder alguma coisa.

TOY CONDUZIU Marty numa rápida excursão pela casa, antes de levá-lo ao andar superior, prometendo um passeio mais demorado quando tivesse tempo. Então, deixou Marty em um quarto comprido e arejado no último andar, em um dos lados da casa.

— Este é o seu — indicou. Luther tinha colocado a valise e a mala de plástico sobre a cama; sua vulgaridade parecia deslocada na elegante funcionalidade do quarto. Como a sala de trabalho, a decoração era contemporânea.

— Está um pouco desguarnecido no momento — continuou Toy. — Faça o que quiser com ele. Se tiver fotografias...

— Não tenho.

— Bem, precisamos colocar alguma coisa nas paredes. Temos alguns livros — indicou com a cabeça a outra extremidade do quarto onde as estantes pareciam gemer ao peso de alguns volumes —, mas a biblioteca lá embaixo está à sua disposição. Na semana que vem eu mostro toda a casa, quando estiver instalado. Tem também uma televisão aqui e outra lá embaixo. Joe não se interessa muito por ela, portanto use quando quiser.

— Parece muito bom.

— Ali à esquerda há um quarto de vestir. Como Joe disse, vai encontrar algumas roupas. Seu banheiro é naquela porta. Chuveiro e tudo o mais. Acho que é tudo. Espero que esteja a seu gosto.

— Está ótimo! — exclamou Marty com sinceridade.

Toy consultou o relógio e voltou-se para sair.

— Antes que se vá...

— Algum problema?

— Nenhum problema — disse Marty. — Jesus, nenhum problema. Só quero que saiba que lhe sou muito agradecido...

— Não precisa agradecer coisa alguma.

— Mas sou — insistiu Marty. Estava tentando encontrar a deixa para o discurso, desde Trinity Road. — Sou muito agradecido. Não sei como ou porque me escolheram, mas agradeço.

Toy ficou um tanto embaraçado com essa demonstração de sentimento, mas Marty sentiu-se satisfeito de a ter dado.

— acredite, Marty. Não o teria escolhido se achasse que não era capaz de fazer o serviço. Agora está aqui. Depende de você fazer o melhor

possível. Naturalmente, estarei por perto, mas depois disto está mais ou menos por sua conta.

— Sim. Compreendo isso.

— Então, já vou. Eu o vejo no começo da semana. A propósito Pearl deixou comida para você na cozinha. Boa noite.

— Boa noite.

Toy o deixou sozinho. Marty sentou na cama e abriu a valise. As roupas mal dobradas cheiravam ao detergente da prisão e ele não queria tirá-las da mala. Enfiou a mão entre as roupas e tirou do fundo o barbeador e o sabão de barba. Despiu-se, deixou a roupa usada no chão e foi para o banheiro.

Era espaçoso, cheio de espelhos e atraentemente iluminado. Toalhas limpas estavam dispostas na prateleira aquecida, tinha chuveiro, banheira e bidê, uma complicação de instalações de água. Fosse o que fosse que lhe acontecesse, estaria limpo. Acendeu a lâmpada sobre o espelho e arrumou os apetrechos para fazer a barba na prateleira de vidro sobre o lavatório. Não precisava ter se incomodado. Toy, ou talvez Luther, tinha arrumado um conjunto completo de barbear para ele. Olhou para o espelho com a atenção íntima própria das mulheres e rara nos homens quando estão sozinhos no banheiro. As ansiedades do dia estavam descritas no seu rosto: a pele parecia anêmica, as bolsas sob os olhos acentuadas. Como um homem à procura de um tesouro, perscrutou o rosto à procura de pistas. Seu passado estaria escrito ali, pensou, com todos os detalhes sórdidos talvez gravados profundamente demais para serem apagados?

Precisava de um pouco de sol, era evidente, e exercício ao ar livre. A partir do dia seguinte, pensou, um novo regime. Pretendia correr todos os dias, até conseguir uma forma perfeita e irreconhecível. Procuraria um bom dentista também. Suas gengivas sangravam com assustadora frequência e em um ou dois pontos começavam a se retrair. Tinha orgulho dos seus dentes: eram regulares e fortes, como os de sua mãe. tentou um sorriso no espelho, mão não encontrou nele o brilho de antes. Precisava exercitar o sorriso também. Estava outra vez no grande e vasto mundo e talvez, com o tempo, encontrasse mulheres para encantar com seu sorriso.

O exame passou do rosto para o corpo. Uma tira de gordura começava a se formar sobre o músculo da barriga, devia estar com uns seis quilos em excesso. Precisava cuidar disso. Dieta e exercício, até voltar aos 78 quilos de quando ingressara em Wandsworth. A não ser pelo excesso de peso, não

estava nada mau. Talvez a luz morna o favorecesse, mas a prisão aparentemente não provocara nenhuma mudança radical. Tinha ainda todo o cabelo, nenhuma cicatriz — somente as tatuagens e uma pequena marca no lado esquerdo da boca, não estava viciado em drogas. Talvez fosse um sobrevivente, afinal de contas.

Levantou a mão à virilha e inadvertidamente provocou uma pequena ereção. Não estava pensando em Charmaine. Se havia desejo nessa reação era puro narcisismo. Muitos dos detentos que tinha conhecido achavam fácil saciar a sede de sexo com os companheiros, mas Marty jamais gostou da idéia. Não apenas por repulsa pelo ato — embora sentisse essa repulsa acentuadamente —, mas por causa da atitude antinatural a que obrigava. Era outro modo pelo qual a prisão humilhava os homens. Marty, então, preferiu arquivar sua sexualidade e usava o pênis para urinar e pouco mais. Agora, brincando com ele como um adolescente vaidoso, imaginava se podia ainda usar a maldita coisa.

Regulou o chuveiro com água morna e ensaboou o corpo todo da cabeça aos pés com sabonete cheirando a limão. Em um dia de prazeres, aquele era talvez o maior. A água era estimulante, como chuva de primavera. Seu corpo começou a despertar. Sim, era isso, pensou, estive morto e estou voltando à vida. Estivera enterrado no cu do mundo, tão profundamente que pensou jamais poder sair dali, mas tinha saído, que diabo. Estava fora, Tirou o sabonete do corpo e repetiu o ritual, dessa vez com a água bem mais quente e o jato mais forte. O banheiro encheu-se de vapor e do ruído da água nos azulejos.

Quando saiu e fechou a torneira, sua cabeça zunia com o calor, uísque e fadiga. Foi até o espelho embaçado, limpou uma área oval no vidro. A água dera nova cor ao seu rosto. o cabelo estava grudado na cabeça como um solidéu louro. Deixaria o cabelo crescer, pensou, se Whitehead não fizesse objeção; um corte moderno, talvez. Mas agora tinha coisas mais importantes para fazer; retirar o bigode condenado. Não tinha a barba muito espessa. O bigode levava várias semanas para crescer e nesse tempo teve de agüentar as observações maliciosas dos companheiros, na prisão. Mas se o patrão queria sua cara raspada, quem era ele para discutir? A opinião de Whitehead parecia mais uma ordem do que uma sugestão O armarinho do banheiro tinha de tudo (desde aspirina até remédios contra chatos), mas não tinha tesoura, e depois de ensaboar o bigode para amolecer os pêlos, teve de

tirá-lo diretamente com a navalha. A lâmina protestou, e sua pele também, mas aos poucos o lábio superior apareceu, o bigode conseguido a duras penas, amontoado no lavatório no meio da espuma branca, logo levado pelo ralo. Levou uma hora para um trabalho perfeito, e fechou os cortes do melhor modo possível, com cuspe.

Quando terminou, o vapor já tinha desaparecido do banheiro e só algumas manchas opacas escondiam seu reflexo. Examinou o rosto no espelho. A pele onde estivera o bigode estava avermelhada e vulnerável e o pequeno sulco no centro parecia curiosamente perfeito, mas aquela nudez repentina não ficava mal.

Satisfeito, retirou com água os restos do bigode nos lados do lavatório, enrolou uma toalha na cintura e voltou para o quarto. Estava praticamente seco por causa do aquecimento central da casa, nem precisava da toalha. Cansaço e fome lutavam quando Marty sentou-se na cama. Tinham deixado comida para ele lá embaixo, Toy dissera. Bem, talvez fosse melhor deitar naqueles lençóis virginais, apoiar a cabeça no travesseiro perfumado e fechar os olhos por meia hora, depois descer para o jantar. Tirou a toalha da cintura e deitou-se, cobrindo-se parcialmente, e adormeceu. Sem sonhos, ou, se sonhou, o sono foi muito tranquilo para que lembrasse depois.

Em poucos instantes a manhã chegou.

13

SE MARTY tinha esquecido a geografia da cada depois da breve excursão da noite anterior, o olfato o levou diretamente à cozinha. Fritavam toucinho defumado, o café fresco estava sendo feito. Uma mulher de cabelos vermelhos estava perto do fogão. Voltou-se e cumprimentou Marty com um aceno da cabeça.

— Você deve ser Martin — disse, com um leve sotaque irlandês — Levantou tarde.

Marty olhou para o relógio de parede. Passava pouco das sete.

— Uma bela manhã para começar.

A porta dos fundos estava aberta; ele atravessou a cozinha para ver o dia. Estava bonito; outro céu claro. A geada era como açúcar na grama. A distância, através da neblina leve, Marty viu o que talvez fossem quadras de tênis, e, mais além, um grupo de árvores.

— A propósito, sou Pearl — apresentou-se a mulher. — Cozinheiro para o Sr. Whitehead. Está com fome, não está?

— Agora que estou aqui, sim.

— Nesta casa acreditamos no café da manhã. Alguma coisa para começar o dia. — Passava o bacon da frigideira para o forno. A bancada ao lado do fogão estava cheia de alimentos: tomates, salsichas, fatias de pudim. — Tem café naquele lado. Sirva-se.

A máquina de fazer café arrotou e assobiou quando Marty se serviu, o mesmo café forte e cheiroso que tinha experimentado na noite passada.

— Tem de se acostumar a usar a cozinha quando eu não estiver aqui. Não durmo na casa. Venho trabalhar e vou embora.

— Quem cozinha para o Sr. Whitehead quando não está aqui?

— Às vezes ele mesmo gosta de fazer comida. Mas você vai ter de ajudar.

— Mal sei ferver água.

— Vai aprender.

Voltou-se e olhou para ele, com um ovo na mão. Era mais velha do que Marty tinha pensado, cinquenta anos, talvez.

— Não se preocupe com isso — disse ela. — Muita fome?

— Devoradora.

— Deixei um lanche frio ontem à noite.

— Eu dormi.

Ela quebrou o ovo na frigideira, depois outro e disse:

— O Sr. Whitehead não é exigente, a não ser com seus morangos. Não se preocupe, ele não espera que faça suflês. Quase tudo está no freezer na sala ao lado, é só desembulhar e colocar no forno de microondas.

Marty examinou a cozinha, notando todo o equipamento: processador, forno de microondas, faca elétrica. Atrás dele, embutidas na parede, havia uma série de telas de televisão. Não tinha notado antes. Não chegou a perguntar sobre elas porque Pearl oferecia mais detalhes gastronômicos:

— Geralmente ele tem fome no meio da noite, pelos menos Nick dizia. Tem uns horários tão estranhos, sabe.

— Quem é Nick?

— Seu antecessor. Saiu antes do Natal. Eu gostava dele, mas Bill disse que estava ficando com os dedos leves.

— Compreendo.

Ela deu de ombros.

— Mas, nunca se sabe, não é mesmo? Quero dizer, ele...

Interrompeu-se, xingando em voz baixa a própria língua e disfarçou o embaraço passando os ovos da frigideira para o prato ao lado das outras coisas. Marty terminou o pensamento para ela, em voz alta.

— Ele não parecia um ladrão, é o que ia dizer?

— Não era bem isso — desviou ela, passando o prato do fogão para a mesa — Cuidado, está quente — Seu rosto estava da cor dos cabelos.

— Está tudo bem.

— Eu gostava de Nick — repetiu ela. — Gostava mesmo. Parti uma das gemas, desculpe.

Marty olhou para o prato. Uma das gemas formava uma poça em volta do tomate.

— Para mim está ótimo — disse ele, começando a comer com apetite. Pearl encheu de novo a xícara de café, apanhou outra para ela, e sentou-se à mesa com Marty.

— Bill falou muito bem de você.

— À princípio não tinha certeza de que gostava de mim.

— Oh, gosta muito — exclamou ela. — Em parte porque você luta box, naturalmente. Ele foi lutador profissional de box.

— Verdade?

— Pensei que tivesse contado. Isso foi há trinta anos. Antes de vir trabalhar para o Sr. Whitehead. Quer torrada?

— Se tiver.

Ela levantou-se, cortou duas fatias de pão e colocou na torradeira. Hesitou um momento, antes de voltar para a mesa.

— Eu sinto muito mesmo.

— Por causa do ovo?

— Por mencionar Nick e roubo...

— Eu perguntei — respondeu Marty — Além disso, tem toda razão em ser cautelosa. Sou um ex-condenado. Nem mesmo um ex de verdade. Posso

voltar se der um passo errado — detestava dizer isso, como se só falar a possibilidade ficasse mais real —, mas não vou desapontar o Sr. Toy. Nem a mim mesmo. Certo?

Ela fez um gesto afirmativo, satisfeita por não ter estragado nada entre eles e sentou-se para terminar o café.

— Você não é como o Nick — Posso dizer desde agora.

— Ele era estranho? — perguntou Marty — Olho de vidro ou coisa assim?

— Bem, ele não era... — Arrependeu-se do rumo da conversa antes de terminar a frase. — Não importa — disse, pondo ponto final no assunto.

— Não. Continue.

— Bem, não sei se isso importa, mas acho que Nick tinha dívidas.

Marty tentou não demonstrar nada além de um interesse discreto. Mas algo deve ter aparecido nos seus olhos, um clarão de pânico, talvez. Pearl franziu a testa.

— Que tipo de dívidas? — perguntou, descontraidamente.

As torradas saltaram na torradeira, exigindo a atenção de Pearl. Levantou-se, apanhou as duas fatias e levou-as para a mesa.

— Desculpe pegar com a mão.

— Obrigado.

— Nem sei quanto ele devia.

— Não, não estou perguntando quanto, quero dizer... dívidas de quê?

Estaria fazendo com que a conversa parecesse um pequeno interrogatório, pensou ele, ou será que ela percebia, pela força com que segurava o garfo ou pela perda repentina do apetite, que era pergunta importante? Mas tinha de perguntar, não importava a impressão que causasse. Pearl pensou por um momento antes de responder. Quando falou afinal, havia na voz mais baixa algo da fofoca das esquinas; o que ia dizer devia ser segredo entre eles.

— Ele costumava vir até aqui a qualquer hora do dia para telefonar. Dizia que eram negócios — Nick era um dublê cinematográfico, ou tinha sido —, mas eu logo descobri que vivia fazendo apostas. Acho que daí é que vinham as dívidas. Jogo. De certo modo, Marty sabia a resposta antes de Pearl contar. Naturalmente, isso o obrigava a outra pergunta: seria apenas coincidência o fato de Whitehead ter empregado dois guarda-costas, ambos, em certa época de suas vidas, jogadores? Ambos — sabia agora —

ladrões para sustentar o jogo? Toy não tinha demonstrado muito interesse nesse aspecto da vida de Marty. Mas talvez todos os fatos estivessem na pasta que Somervale sempre tinha com ele: os relatórios dos psicólogos, a transcrição do julgamento, tudo que Toy precisava saber sobre a compulsão que fizera de Marty um ladrão. Tentou ignorar a sensação de desconforto que sentia. Que diabo, não era importante. Coisa do passado: estava curado agora.

— Já terminou?

— Sim, obrigado.

— Mais café?

— Eu mesmo apanho.

Pearl tirou o prato da frente de Marty, passou os restos de comida para outro prato — “para os passarinhos”, explicou ela — e começou a colocar pratos, talheres e panelas na máquina de lavar. Marty encheu a xícara de café e observou Pearl trabalhando. Era uma mulher atraente, a meia-idade combinava com ela.

— Quantas pessoas trabalham para Whitehead?

— Sr. Whitehead — corrigiu ela, delicadamente. — Quantas? Bem, eu. Como já disse, não durmo aqui. E o Sr. Toy, naturalmente.

— Ele também não mora aqui, certo?

— Passa a noite, quando têm reuniões aqui.

— São frequentes?

— Oh, sim. Estão sempre fazendo reuniões na casa. Gente que entra e sai o tempo todo. Por isso, o Sr. Whitehead se preocupa tanto com a segurança.

— Ele às vezes vai a Londres?

— Atualmente não. — Costumava ir de jatinho, frequentemente. Para Nova York ou Hamburgo ou lugares assim. Mas agora, não. Agora fica em casa o ano todo e faz o resto do mundo vir até ele. Onde eu estava?

— O pessoal da casa.

— Oh, sim. A casa estava sempre cheia de gente. Pessoal da segurança; empregados, arrumadeiras do segundo andar. Mas então ele entrou numa fase de muita desconfiança. Pensava que um deles podia envenená-lo ou matá-lo no banho. Então, despediu todos: de uma hora para outra. Disse que

ficava mais satisfeito com poucos de nós, só aqueles em quem confiava. Assim, não precisava viver rodeado de pessoas que não conhecia.

— Ele não me conhece.

— Talvez não, ainda. Mas é esperto, a pessoa mais esperta que conheço.

O telefone tocou. Ela atendeu. Marty sabia que era Whitehead. Pearl parecia apanhada em flagrante.

— Oh... sim. Minha culpa, Comecei a conversar. Imediatamente — Desligou o telefone. — O Sr. Whitehead está à sua espera. Acho melhor se apressar. Ele está com os cães.

14

OS CANIS ficavam atrás de um grupo de construções externas — antes estábulos, talvez — a duzentos metros dos fundos da casa. Consistiam numa série de divisões de tijolos furados e cerca de arame, construídas exclusivamente para o que se destinavam, sem preocupação com beleza arquitetônica, e eram um acinte ao bom gosto.

Estava frio lá fora e atravessando a relva meio congelada na direção dos canis, Marty arrependeu-se de estar sem agasalho sobre a camisa. Mas havia urgência na voz de Pearl e ele não queria fazer Whitehead — não, precisava se acostumar a pensar no patrão como Sr. Whitehead — esperar mais do que já tinha esperado. Mas, afinal, o grande homem não demonstrou se importar com o atraso.

— Achei que podíamos ver os cães esta manhã. Depois, talvez uma volta pela propriedade, que tal?

— Ótimo senhor.

Whitehead estava com um sobretudo negro pesado, a gola de pele aconchegada em volta da nuca.

— Gosta de cachorros?

— Quer que responda honestamente, senhor?

— Naturalmente.

— Não muito.

— Sua mãe foi mordida, ou você? — Havia a sugestão de sorriso nos olhos congestionados.

— Nenhum dos dois, que eu me lembre, senhor.

Whitehead resmungou.

— Bem, vai conhecer a tribo, Strauss, goste deles ou não. É importante que conheçam você. São treinados para estraçalhar intrusos. Não queremos que cometam nenhum erro.

Uma pessoa saiu de um dos canis maiores, com uma mordaca na mão. Marty teve de olhar duas vezes para decidir se era homem ou mulher. O cabelo cortado curto, a jaqueta surrada com capuz e as botas sugeriam masculinidade, mas havia algo nos traços do rosto que traía essa ilusão.

— Esta é Lillian. Toma conta dos cães.

A mulher cumprimentou com um gesto de cabeça, sem olhar Marty.

Quando ela se aproximou, alguns cães — grandes e peludos Alsacianos — saíram dos canis para o quadrado de cimento a frente e farejaram através da cerca de arame, ganindo as boas-vindas. Ela tentou fazer com que se calassem, inutilmente, os ganidos se transformaram em latidos e, agora, um ou dois estava de pé nas patas traseiras, da altura de um homem, apoiados na cerca de arame, balançando as caudas freneticamente. O barulho aumentou.

— Fiquem quietos — ordenou ela irritada, e quase todos obedeceram. Porém, um macho, maior do que os outros, continuou de pé na cerca de arame, exigindo atenção, até Lillian tirar a luva de couro e enfiar os dedos pela cerca para coçar a garganta peluda do animal.

— Martin aqui vai substituir Nick — disse Whitehead. — De agora em diante vai estar aqui o tempo todo. Achei que devia conhecer os cães, e fazer com que eles o conheçam.

— Faz sentido — respondeu Lillian, sem muito entusiasmo.

— Quantos cães tem? — perguntou Marty.

— Adultos? Nove. Cinco machos, quatro fêmeas. Este é Saul — mostrou, falando do cão que estava agradando ainda —, O mais velho e o maior. O macho naquele canto é Jó. É um dos filhos de Saul. Não está muito bem neste momento.

Jó estava meio deitado no canto do canil lambendo os testículos com algum entusiasmo. Como se compreendesse que falavam dele, ergueu os olhos da sua toaleta por um momento. Naquele olhar Marty viu tudo que

detestava na espécie: ameaça, trapaça, o ressentimento mal disfarçado contra os donos.

— As cadelas estão daquele lado...

Dois cães andavam de um lado para outro no canil.

— ...a mais clara é Dido, e a mais escura Zoé.

Era estranho ouvir aqueles animais selvagens chamados por tais nomes, parecia completamente inadequado. E sem dúvida não gostavam da escolha de Lillian; provavelmente caçoavam dela.

— Venha cá — Lillian chamou Marty como se estivesse chamando um dos seus cães. Como os cães, ele obedeceu.

— Saul — disse ela para o animal do outro lado do arame — este é uma amigo. Chegue mais perto — disse para Marty —, não pode sentir seu cheiro tão longe.

O cachorro estava agora de quatro. Marty se aproximou cautelosamente.

— Não tenha medo. Chegue perto, deixe que ele o fareje.

— Eles não gostam de medo — interrompeu Whitehead. — Certo, Lillian?

— Certo. Se sentirem o cheiro do medo em você, sabem que o apanharam, e então são impiedosos. Precisa enfrentá-los.

Marty aproximou-se do cão. Saul olhou para ele com arrogância; Marty devolveu o olhar.

— Não tente fazer com que ele desvie os olhos — aconselhou Lillian. — Faz com que fique agressivo. Deixe apenas que sintam o seu cheiro para conhecer você.

Para grande desconforto de Marty, através da cerca Saul farejou suas pernas e sua virilha. Então, aparentemente satisfeito, afastou-se.

— Muito bem — disse Lillian. — Da próxima vez, sem a grade. E em pouco tempo estará passando a mão nele.

Ela parecia sentir prazer com seu desconforto, Marty tinha certeza mas não disse nada acompanhou-a até um dos maiores barracões.

— Agora precisa conhecer Bella .

Dentro dos canis era intenso o cheiro de desinfetante, urina velha e cachorros. A entrada de Lillian foi recebida com outra série de latidos e arranhões na grade de arame. O barracão tinha uma passagem no centro, com os canis dos dois lados. Dois deles tinham um único animal, duas cadelas, uma muito menor do que a outra. Lillian ia descrevendo os

detalhes à medida que passavam — nomes dos cães e sua colocação na incestuosa árvore genealógica. Marty ouvia tudo o que ela dizia para esquecer imediatamente. Sua mente estava ocupada com outra coisa. Não era apenas a presença próxima dos cães que o incomodava, mas a familiaridade sufocante do interior do canil. A passagem no centro; as celas com chão de cimento, os cobertores, as lâmpadas nuas; era como o lar longe do lar. E agora começava a ver os cães sob um novo aspecto; via outro significado no olhar tristonho de Jó quando interrompeu suas abluções; compreendia, melhor do que Lillian ou Whitehead jamais compreenderiam, como aqueles prisioneiros viam a ele a à sua espécie.

Parou para olhar um dos canis; não por interesse especial, mas para desviar a mente da ansiedade que sentia naquele barracão claustrofóbico.

— Como é o nome deste? — perguntou.

— O cachorro estava perto da porta; outro macho grande, mas menor do que Saul.

— Esse é Larousse — respondeu Lillian.

O cão parecia mais amistoso do que os outros, e Marty, dominando os nervos, abaixou-se na passagem estreita, estendendo a mão para o animal.

— Não vai fazer nada — disse ela.

Marty enfiou os dedos na grade. Larousse farejou a mão inquisitivamente; seu nariz estava úmido e frio.

— Bom cachorro — disse Marty. — Larousse.

O cão começou a abanar o rabo, feliz por ouvir seu nome dito pelo estranho coberto de suor.

— Bom cachorro.

Ali embaixo, mais perto dos cobertores e da palha, o cheiro de excremento e de pêlo era mais forte. Mas o cachorro ficou feliz por ver Marty no mesmo nível que ele e tentava lambe seus dedos através da cerca. Marty sentiu o medo desaparecer com o entusiasmo do animal; longe de querer fazer mal, demonstrava uma satisfação genuína.

Só então percebeu a atenção de Whitehead. O velho estava de pé, a alguma distância à sua esquerda, o corpo grande bloqueando a estreita passagem entre as jaulas, observando atentamente. Marty levantou-se constrangido, deixando para trás o cachorro ainda fazendo festa e abanando o rabo, e acompanhou Lillian pela fileira de canis. Ela cantava os louvores a outro membro da tribo. Marty sintonizou a atenção ao que ela dizia.

— ...e esta é Bella — anunciou. Sua voz ficou mais suave, com uma qualidade de sonho que Marty não ouvira antes. Quando chegou perto, viu porquê.

Bella estava meio deitada, meio sentada, na sombra, nos fundos da Jaula, como uma madona de nariz negro em um leito de cobertores, e palha, com um filhotinho cego mamando em cada teta. Olhando para ela, a antipatia de Marty por cães se evaporou.

— Seis filhotes — informou Lillian, orgulhosa como se fossem dela — todos fortes e saudáveis.

Mais do que fortes e saudáveis, eram belos; bolinhas gorduchas de contentamento, aninhadas uma contra a outra no luxo magnífico do colo da mãe. Parecia incrível que criaturinhas tão vulneráveis se transformassem em senhores cor de aço como Saul, ou rebeldes desconfiados como Jó.

Bella, sentindo a presença de um estranho na sua congregação, levantou as orelhas. Sua cabeça era soberbamente proporcionada, tons de bege e ouro misturando-se no pêlo para um efeito encantador, os olhos castanhos vigilantes mas suaves na meia luz. Era tão completa; tão perfeitamente ela mesma. A única reação à sua presença — uma reação que Marty de boa vontade aceitou — era do respeito e admiração.

Lillian espiou pela grade de arame, apresentando Marty àquela mãe das mães.

— Este é o Sr. Strauss, Bella vai vê-lo uma vez ou outra; é um amigo.

Não havia em sua voz o tom condescendente que se usa com crianças. Falava com a cadela como a um igual e, apesar da impressão inicial, Marty sentiu agora simpatia por ela. O amor não é algo fácil de ser encontrado, sabia por experiência própria. Fosse qual fosse sua forma, devia ser respeitado. Lillian amava aquele animal — sua graça, sua dignidade. Com um amor que Marty podia aprovar, embora não pudesse compreender completamente.

Bella farejou o ar e aparentemente achou que já conhecia Marty. Lillian, com relutância, desviou os olhos do canil para Strauss.

— Ela pode até gostar de você, com o tempo. É uma grande sedutora, sabe. Uma grande sedutora. Atrás deles, Whitehead resmungou, ouvindo aquela tolice sentimental.

— Vamos dar uma volta lá fora? — sugeriu com impaciência. — Acho que já vimos tudo por aqui.

— Volte quando estiver instalado — convidou Lillian; ela havia descongelado acentuadamente desde que Marty demonstrara apreciação pelos seus cães — e eu lhe mostrarei o que eles sabem fazer.

— Obrigado. Vou voltar.

— Queria que visse os cães — disse Whitehead quando se afastaram dos canis, começando a andar em passo rápido pelo gramado, na direção da cerca externa da propriedade.

Mas essa era apenas parte do motivo da visita, Marty sabia muito bem. Whitehead queria que a experiência fosse uma lembrança didática do mundo que Marty acabara de deixar. Do lugar para onde, a não ser por Whitehead, podia voltar outra vez. Muito bem, a lição estava aprendida. Ele saltaria fogueiras pelo homem para não voltar aos corredores e às celas. Lá não havia sequer uma Bella; nenhuma mãe sublime e secreta aprisionada no coração de Wandsworth. Só homens perdidos como ele.

O dia começava a esquentar; o sol se elevava, um balão cor de limão deslizando sobre os ninhos dos corvos, e a geada derretia na grama. Pela primeira vez Marty teve idéia da escala da propriedade. Dos dois lados estendiam-se distâncias; via água, um lago, talvez um rio, brilhando além de um grupo de árvores. A oeste da casa enfileiravam-se os ciprestes, sugerindo aléias talvez fontes; do outro lado, um jardim inclinado era rodeado por um muro baixo de pedra. Ele levaria semanas para conhecer todo o traçado do terreno.

Chegaram às duas fileiras de cercas que circundavam toda a propriedade. Com quase três metros de altura, ambas eram encimadas por pontas de aço que se curvavam na direção do provável intruso. Sobre elas havia espirais de arame farpado. Toda a estrutura zumbia, quase imperceptivelmente, com a corrente elétrica. Whitehead olhou para a cerca com visível satisfação.

— Impressionante, não é?

— Oferece um certo grau de segurança — murmurou Whitehead.

Virou-se para a esquerda e começou a andar ao longo da cerca, a conversa — se podia ser chamada assim — prosseguindo sob a forma de uma série de *non sequiturs*, como se a estrutura elíptica da comunicação verbal comum o impacientasse. Simplesmente lançava afirmações, ou

conjuntos de observações esperando que Marty os interpretasse da melhor forma possível.

— Não é um sistema perfeito? Cercas, cães, câmeras... Viu os receptores de televisão na cozinha?

— Vi.

— Tenho outros iguais no andar de cima. O sistema oferece vigilância total dia e noite. — Apontou o polegar para um dos holofotes ao lado das câmeras. Havia um conjunto a cada dez postes da cerca, e eles giravam lentamente para a frente e para trás, como cabeças de pássaros mecânicos.

— Luther vai lhe mostrar como fazer com que funcionem em sequência. Custaram uma pequena fortuna para serem instalados, mas tenho minhas dúvidas de que não passem de enfeite. Os assaltantes já não são tão tolos como antigamente.

— Alguém já tentou entrar aqui?

— Aqui não. Na casa de Londres acontecia sempre. Naturalmente isso foi quando eu era mais visível. O magnata impenitente. Evangeline e eu em todos os jornalecos escandalosos. O esgoto de Fleet Street; até hoje me sinto chocado.

— Pensei que o senhor também fosse dono de algum jornal...

— Esteve lendo a meu respeito?

— Não, para falar a verdade, mas eu ...

— Não acredite nas biografias, nem nas colunas de mexericos, nem mesmo no *Who's Who*. Todos mentem. Eu minto... — terminou a declinação, divertido com o próprio cinismo —, ele, ela mentem. Escribas. Mercadores de calúnias. Desprezíveis, todos eles.

O que ele estava tentando manter do lado de fora com aquelas cercas letais: mercadores de calúnias? Uma fortaleza para se proteger de uma onda de escândalo e sujeira? Nesse caso, era um modo um tanto exagerado de se defender. Marty pensou se não seria apenas a evidência de um ego monstruoso. Estaria o mundo tão interessado assim na vida particular de Joseph Whitehead?

— Em que está pensando, Sr. Strauss?

— Nas cercas — mentiu Marty, comprovando a afirmação anterior de Whitehead.

— Não, Strauss — corrigiu o velho. — Você está pensando. “Onde foi que me meti, preso aqui dentro com este lunático?”

Marty achou que qualquer outra negação poderia parecer culpa. Não disse nada.

— Não é a idéia geral que se tem a meu respeito? O plutocrata doente, apodrecendo em sua misteriosa solidão. Não é isso o que dizem de mim?

— Mais ou menos isso — respondeu Marty, afinal.

— Mesmo assim você veio.

— Sim.

— Naturalmente que veio. Pensou que, por mais biruta que eu fosse, nada podia ser pior do que mais tempo atrás das grades, não estou certo? E você queria sair. A qualquer preço. Estava desesperado.

— Naturalmente que queria sair. Qualquer pessoa ia querer.

— Fico satisfeito em ver que admite. Porque isso me dá um poder considerável sobre você, não acha? Não vai ter coragem de me enganar. Vai se manter fiel a mim como os cães são fiéis a Lillian, não porque ela represente sua próxima refeição, mas porque ela é seu mundo. Deve fazer de mim seu mundo, Sr. Strauss; minha preservação, minha sanidade, meu menor conforto devem dominar seu espírito todos os momentos do dia. Se for assim, eu lhe prometo uma liberdade que jamais sonhou conhecer. O tipo de liberdade que só pode ser a dádiva de homens muito ricos. Se não for, eu o mando de volta para a prisão com sua ficha irremediavelmente estragada. Está compreendendo?

— Estou compreendendo.

Whitehead balançou a cabeça. — Venha então — chamou-o. — Caminhe ao meu lado.

Voltou-se e começou a andar. Naquele ponto a cerca dava uma volta por trás dos bosque e em lugar de entrar no mato Whitehead sugeriu interromperem a caminhada, dirigindo-se para a piscina.

— Uma árvore é igual a todas as outras — comentou.

— Você pode voltar aqui e entrar no mato à vontade, quando quiser.

Passaram pela beirada do bosque e Marty teve oportunidade de ver como era denso. As árvores não tinham sido plantadas sistematicamente; não se tratava duma reserva da Comissão Florestal. Juntavam-se umas às outras, os galhos entrelaçados, uma mistura de espécies, todas lutando por espaço para crescer. Só ocasionalmente, onde um carvalho ou uma limeira se erguia desfolhada naquela época do ano, a luz abençoava o chão. Prometeu a si mesmo voltar à floresta antes que a primavera a enfeitasse.

Whitehead trouxe os pensamentos de Marty outra vez para o presente.

— De agora em diante quero que esteja ao alcance do meu chamado a maior parte do tempo. Não quero você perto de mim o dia inteiro... só nas vizinhanças. Uma vez ou outra, e só com minha permissão, vai poder sair sozinho. Sabe dirigir?

— Sei.

— Bem, carros não faltam, vamos escolher um para você. Isto não está exatamente de acordo com as diretrizes da Comissão de Livramento Condicional. A recomendação é para ficar aqui, vamos dizer, sob custódia, durante seis meses como experiência. Mas, francamente, não vejo motivo para impedir que visite seus entes queridos — pelo menos quando houver outra pessoa por perto para tomar conta de mim.

— Obrigado. Fico muito agradecido.

— Temo que não possa lhe dar nenhum tempo livre no momento. Sua presença aqui é vital.

— Problemas?

— Minha vida está constantemente ameaçada, Strauss. Eu, ou melhor, meus escritórios, recebem cartas ameaçadoras o tempo todo. A dificuldade está em separar os malucos, que passam o tempo escrevendo insultos aos homens públicos, dos verdadeiros assassinos em potencial.

— Po que alguém ia querer assassinar o senhor?

— Sou um dos homens mais ricos fora da América. Sou dono de companhias que empregam dezenas de milhares de pessoas. Tenho extensões de terra tão imensas que se começasse agora não teria tempo de atravessar todas até o fim da minha vida; sou proprietário de navios, obras de arte, cavalos. É fácil fazer de mim um ícone, e pensar que, se eu e minha vida terminássemos, haveria paz na terra e boa vontade entre os homens.

— Compreendo.

— Doces sonhos — disse ele com amargura.

Estavam andando mais devagar. O grande homem agora respirava com mais dificuldade do que quando haviam começado há meia hora. Ouvindo-o falar era fácil esquecer sua idade. Suas opiniões tinham todo o absolutismo da juventude. Nada da suavidade dos anos avançados; nenhum lugar para ambiguidades ou dúvidas.

— Acho que está na hora de voltarmos — disse ele.

O monólogo tinha finalmente cessado e Marty não sentia disposição para mais conversa. Nem energia. O estilo de Whitehead — com as mudanças bruscas e curvas inesperadas — o deixara exausto. Precisava se acostumar a manter a pose do ouvinte atento; encontrar uma expressão para usar quando comesçassem as palestras e ficar com ela até o fim. Aprender a assentir com um gesto nos momentos certos, murmurar banalidades nas pausas adequadas da torrente. Ia levar algum tempo, mas aprenderia a manejar Whitehead.

— Está é minha fortaleza, Sr. Strauss — anunciou o velho quando se aproximavam da casa.

Não parecia especialmente armada; o tijolo era um material doméstico demais para se converter num bastião.

— Sua única função é me livrar do mal.

— Como a minha, também...

— Como a sua, Sr. Strauss.

Atrás da casa, um dos cães começou a latir. O solo logo se transformou num coro.

— Hora de comer — disse Whitehead.

SÓ DEPOIS de algumas semanas Marty começou a entender todo o ritmo da propriedade de Whitehead. Como a ditadura benigna que era, cada dia era definido absolutamente segundo os planos e os caprichos de Whitehead. Como ele próprio tinha dito a Marty no primeiro dia, a casa era seu santuário; seus adoradores compareciam todos os dias para tocar a fímbria da sua opinião. Alguns ele reconhecia: capitães da indústria; dois ou três ministros do governo (um deles havia há pouco tempo deixado o ministério em desgraça; estaria ali, pensou Marty, à procura de perdão ou vingança?); intelectuais, guardiães da moralidade pública — muitas pessoas que Marty conhecia de vista, — mas cujos nomes não sabia, muitas outras que não conhecia. Nunca se deram ao cuidado de apresentá-lo a alguém.

Uma ou duas vezes por semana, mandavam que ele se recolhesse a seu quarto durante as reuniões, mas em geral devia ficar ao alcance da voz de Whitehead. Em qualquer lugar onde ficasse, era como se estivesse invisível para a maioria dos visitantes, ignorado, tratado, na melhor das hipóteses, como uma peça do mobiliário. A princípio era irritante, todos na casa tinham um nome, menos ele. Com o passar do tempo, entretanto, começou a ficar satisfeito com esse anonimato. Não precisava dar opinião sobre coisa alguma, assim sua mente divagava, sem perigo de ser incluído na conversa. Era bom estar alheio aos assuntos daquelas pessoas todo-poderosas; suas vidas, pensava ele, pareciam carregadas e artificiais. Encontrava em muitos daqueles rostos expressões que tinha visto nos anos passados em Wandsworth: os problemas que as determinavam, começou a entender, eram basicamente os mesmos. Não passavam de jogos pelo poder, de um tipo ou de outro. Estava satisfeito por não tomar parte neles.

Além disso, tinha coisas mais importantes para pensar. Para começar, havia Charmaine. Mais por curiosidade do que por paixão, talvez, agora pensava nela com frequência. Imaginava como estaria seu corpo depois de oito anos. Ainda rasparia a tênue linha de pêlos que ia do umbigo ao púbis? Será que seu suor teria ainda aquele cheiro tão marcante? Imaginava também se ela ainda gostasse de sexo como antes. Charmaine demonstrava um apetite mais declarado pelo ato físico do que qualquer outra mulher que ele conhecia; era uma das razões pelas quais se havia casado com ela. Ainda seria assim? E, se fosse, com quem estaria saciando sua sede? Fazia-se mentalmente essas e outras dezenas de perguntas, e prometia a si mesmo que na primeira oportunidade iria procurá-la.

Seu estado físico melhorou durante aquelas semanas. O regime rigoroso de exercícios que se havia determinado começara como um tormento, mas, depois de alguns dias de músculos castigados e doloridos, o esforço começou a dar frutos. Levantava-se todos os dias às 5:30 e corria durante uma hora. Depois de uma semana fazendo o mesmo circuito, mudava a rota, o que lhe permitia explorar o terreno enquanto se exercitava. Havia muito para ver. A primavera ainda não chegara com toda a sua força, mas já se anunciava. Os crocus começavam a se exhibir, bem como as hastes dos narcisos. Nas árvores, botões gorduchos começavam a se abrir; as folhas se desenrolavam. Levou quase uma semana para percorrer toda a propriedade

e entender a relação de uma parte com a outra; agora; tinha uma idéia da disposição.

Conhecia o lago, o pombal, a piscina, as quadras de tênis, os canis, os bosques e os jardins. Certa manhã, quando o céu estava excepcionalmente claro, deu volta em todo o terreno, correndo ao lado da cerca o tempo todo, mesmo quando ela entrava pelos bosque. Achava que agora conhecia o lugar tão bem quanto qualquer outro, incluindo o dono.

Era uma alegria; não só a exploração e a liberdade de correr quilômetros sem ninguém espiando por sobre seus ombros o tempo todo, mas também pela renovação do contato com tantos espetáculos da natureza. Gostava de estar de pé vendo o sol nascer e era quase como se estivesse correndo para se encontrar com ele, como se o nascer do dia fosse um espetáculo preparado para ele, e só para ele, uma promessa de luz, calor e vida que estavam por vir.

Logo perdeu o anel de gordura em volta da cintura; a linha divisória da barriga aparecia outra vez, bem como o estômago, liso como tábua de lavar, de que tanto se orgulhava quando era jovem, e pensava ter perdido para sempre. Músculos esquecidos voltavam a funcionar, primeiro fazendo sentir sua presença por meio de dor, depois, simplesmente, para uma vida luminosa e “cheia de vigor. Estava transpirando anos de frustração e se desfazendo deles, e achava-se mais leve. Mais uma vez sentia o corpo como um sistema, percebia suas partes, a saúde dependendo do seu equilíbrio e de seu uso adequado.

Se Whitehead notou alguma mudança no seu modo ou no seu físico, não fez qualquer comentário. Mas Toy, numa das suas visitas vindo de Londres, percebeu-a imediatamente. Marty notou uma alteração em Toy também, mas para pior. Não convinha comentar sobre o quanto lhe parecia cansado; Marty achou que o relacionamento entre eles não permitia ainda esse tipo de familiaridade. Só desejou que Toy não estivesse com alguma doença grave. O abatimento do rosto sugeria que algo o estava devorando por dentro. Aquele andar ágil, que Marty atribuía aos anos de ringue, tinha desaparecido.

Havia outros mistérios além da decadência física de Toy. Para começar, a coleção de quadros: as obras dos grandes mestres, que se alinhavam nos corredores do santuário, estavam esquecidas. Ninguém tinha espanado suas superfícies há meses, talvez anos, e, além do verniz amarelado que

empanava sua perfeição, estavam recobertas por uma camada de poeira. Marty nunca tivera muito gosto por arte, mas agora, com tempo para examinar todos aqueles quadros, descobriu que os apreciava. De muitos deles, dos retratos e das obras religiosas, não gostava tanto: não eram de pessoas que conhecia ou de fatos que compreendesse. Mas no pequeno corredor do andar térreo que levava ao anexo, que fora a suíte de Evangeline e era agora a sauna e o solário, encontrou dois quadros que despertaram sua imaginação. Eram ambos paisagens, do mesmo pintor anônimo e, a julgar por sua localização, tão escondidos estavam, que não deviam ser grande coisa. Mas a curiosa amálgama de cenário real — árvores e estradas sinuosas sob céus azuis e amarelos — com detalhes completamente imaginários — um dragão com asas pintadas devorando um homem na estrada; um bando de mulheres levitando acima da floresta; uma cidade distante, em chamas —, aquela combi- nação do real com o irreal era pintada de forma tão convincente que Marty quase instintivamente voltava aos dois quadros estranhos, cada vez encontrando mais detalhes fantásticos escondidos nas moitas ou no vapor quente do ar.

Os quadros não eram as únicas coisas que aguçavam sua curiosidade. O andar superior da casa, onde ficava a suíte de Whitehead, era zona interdita para ele, e mais de uma vez pensou em subir sem ser visto, quando Whitehead estava ocupado com outras coisas e dar uma espiada no território proibido. Desconfiava que Whitehead usava a parte superior da casa para vigiar os movimentos dos seus acólitos. Isso de certa forma explicava outro mistério; a impressão que tinha, quando corria de manhã, de estar sendo observado. Mas resistiu à tentação de investigar. Talvez fosse mais do que valia seu emprego.

Quando não estava trabalhando, passava grande parte do tempo na biblioteca. Ali, para satisfazer a curiosidade sobre o mundo exterior, encontrava números-recentes da revista Times, The Washington Post, The Times, e de outros jornais — Le Monde, Frankfurter Allgemeine Zeitung, New York Times — levados para casa por Luther. Marty folheava os jornais, procurando notícias interessantes e às vezes os levava para ler na sauna. Quando se cansava dos jornais podia escolher entre milhares de livros, nem todos, para sua satisfação, intimidadores. Havia muitos desse tipo, coleções de clássicos da literatura mundial, mas, ao lado deles, havia também nas estantes ficção científica, em brochura muitos lidos e relidos,

com desenhos insinuantes nas capas os textos paradigmas de excesso. Marty começou a ler, escolhendo primeiro as capas mais sugestivas. Havia também o vídeo. Toy dera a ele algumas fitas com os grandes momentos do box que Marty estava estudando sistematicamente, revendo exaustivamente as lutas favoritas. Podia passar parte da noite vendo-as, admirando com reverência a economia de movimentos e a graça dos grandes lutadores. Toy, sempre atencioso, tinha também fornecido alguns cassetes pornográficos, que entregou a Marty com um sorriso cúmplice e a sugestão de não os ver todos de uma só vez. Os teipes eram cópias de cenas sem enredo, pares e trios anôni- mos que tiravam a roupa nos primeiros trinta segundos e em menos de um minuto iam às vias de fato. Nada sofisticado, mas eram úteis e, como Toy obviamente tinha adivinhado, o ar puro, os exercícios e o otimismo estavam fazendo maravilhas com a libido de Marty. Ia chegar o momento em que a masturbação na frente da tela de vídeo não seria mais suficiente. Marty sonhava freqüentemente com Charmaine. Toy prometeu falar com o patrão, mas não Voltara ao assunto. Enquanto isso, tinha de se contentar com as fitas e seus gemidos e suspiros teatrais.

SISTEMATICAMENTE começou a dar nomes aos rostos que apareciam com maior regularidade na casa; os conselheiros de maior confiança de Whitehead. Toy, naturalmente, estava sempre em evidência. Havia também um advogado chamado Ottaway, magro e bem vestido, com quarenta anos mais ou menos com quem Marty antipatizou na primeira vez que ouviu o homem conversando. Ottaway falava como se fosse uma strip-teaser jurídica, cheio de provocações e mistérios que Marty conhecia de primeira mão. Lembranças amargas vieram à sua mente.

Havia outro, chamado Curtsinger, um indivíduo com roupas discretas, um gosto terrível para gravatas e pior ainda para água de colônia, que, embora sempre aparecesse com Ottaway. parecia muito mais simpático do que ele. Era um dos poucos que demonstravam perceber a presença de Marty na sala — geralmente com um pequeno aceno de cabeça. Certa vez, comemorando algum negócio que acabavam de fazer, Curtsinger colocou um grande charuto no bolso do paletó de Marty; depois disso, Marty perdoaria qualquer coisa a ele.

O terceiro rosto que parecia estar regularmente ao lado de Whitehead era o mais enigmático dos três: um gigante moreno chamado Dwoskin. Ali estava um Cássio para o Brutus de Toy. Seus ternos cinzentos imaculados,

os lenços meticulosamente dobrados, a precisão de cada gesto — tudo indicava uma personalidade obsessiva cujos rituais de ordem e limpeza destinavam-se a compensar os excessos do seu físico. Mas havia outra coisa: uma insinuação de perigo, naquele homem, que Marty aprendera a reconhecer em Wandsworth. Na verdade, existia nos outros também. Sob o frio exterior de Ottaway e a cobertura açucarada de Curtsinger existiam indivíduos que — como dizia Somervale — não eram completamente palatáveis.

De início Marty desprezou essa intuição como preconceito de classe inferior; um João-ninguém desconfiando dos ricos e influentes, por questão de princípio. Mas quanto maior o número de reuniões que assistia, quanto maior o número de acalorados debates dos quais era mantido à margem, mais certeza adquiria de que havia nas suas ações um mal-oculto subtexto de má-fé, até mesmo de criminalidade. Grande parte da conversa Marty não entendia — as sutilezas da Bolsa eram um livro fechado para ele —, mas o vocabulário civilizado não conseguia esconder completamente o significado essencial do que diziam. Interessavam-se pela mecânica da trapaça: como manipular a lei e o mercado ao mesmo tempo. As conversas eram cheias de sonegação de impostos, de transações, entre subsidiárias coligadas para inflacionar os preços artificialmente, ou criar subterfúgios ou panacéias. Não havia desculpas implícitas em sua atitude; ao contrário, manobras ilícitas, alianças políticas compradas e vendidas, eram recebidas com vivos aplausos. Entre esses manipuladores, Whitehead era o rei. Mostravam-se reverentes em sua presença. Longe dele, lutando por posições mais próximas de seus pés, eram implacáveis. Ele podia silenciá-los com um movimento da mão e fazia isso com frequência. Suas palavras eram veneradas como se viessem dos lábios de um Messias. Aquele jogo divertia extremamente Marty; aplicando o método empírico aprendido na prisão, sabia que, para merecer aquela devoção, Whitehead devia ter pecado muito mais do que seus admiradores. Não duvidava da astúcia de Whitehead, pois já conhecera de perto a força dos seus poderes de persuasão. Mas, com o correr do tempo, outro pensamento passou a preocupá-lo: seria ele também um ladrão? Se não fosse, que crime teria ele cometido?

DESCONTRAÇÃO É tudo, definiu ela observando da janela o homem que corria; se não tudo, era a melhor parte do que ela gostava de ver nele. Não sabia o nome dele, embora pudesse ter perguntado. Preferia mantê-lo assim anônimo, um anjo com uniforme cinzento de jogging, sua exalação um fluxo de névoa nos lábios enquanto corria. Tinha ouvido Pearl falar do novo guarda-costas e achava que devia ser ele. Que importância podia ter o seu nome? Detalhes como esse só serviam para prejudicar a fantasia.

Estava atravessando uma época difícil, por muitos motivos, e naquelas manhãs desanimadas, sentada ao lado da janela depois de uma noite quase insone, a visão do anjo correndo pelo gramado ou bruxuleando entre os ciprestes era um símbolo ao qual ela se agarrava, uma promessa de dias melhores. A regularidade do seu exercício era algo com que ela contava agora; quando dormia bem e acordava tarde, de manhã, tinha uma sensação de perda pelo resto do dia, prometendo a si mesma não faltar ao encontro no dia seguinte.

Mas não tinha coragem de deixar seu recanto ensolarado e atravessar tantos recifes perigosos para chegar até ele. Até mesmo deixar que soubesse da sua presença na casa era muito arriscado. Imaginava se ele não seria, afinal, um detetive. Se fosse, talvez já tivesse descoberto sua presença por meio de qualquer pequeno detalhe: as pontas de cigarros na pia da cozinha, seu perfume numa sala da qual tivesse acabado de sair. Ou talvez os anjos, como divindades, não precisassem dessas coisas. Talvez ele simplesmente soubesse, sem qualquer indício material, que ela estava ali, em pé, numa janela quase tão alta quanto o céu — ou encostada atrás da porta trancada, quando ele passava assobiando pelo corredor.

Mesmo que tivesse coragem, de que adiantaria chegar até ele? O que poderia dizer-lhe? Nada! E se ele, inevitavelmente, suspirasse irritado e lhe desse as costas, estaria perdida na terra de ninguém, isolada do lugar onde ainda se sentia segura, aquela ilha de sol que chegara para ela saída de uma nuvem pura e branca, aquele lugar que as papoulas sangraram para lhe dar.

— Não comeu nada hoje — censurava Pearl. Era sua queixa usual — Vai definir se não comer mais.

— Me deixa em paz, está bem?

— Vou ter que contar a ele, não se esqueça...

— Não, Pearl! — Carys pediu com olhar de súplica —, ...não diga nada. Por favor! Bem sabe como ele fica. Se disser qualquer coisa, vou odiar você.

Pearl ficou parada à porta com a bandeja nas mãos, toda ela desaprovação. Não estava disposta a ceder à súplica nem à chantagem.

— Está querendo definhar outra vez? — perguntou zangada.

— Não, acontece que não tenho tido apetite, só isso.

Pearl deu de ombros.

— Não compreendo você — resmungou — Metade do tempo parece que vai cometer suicídio. Hoje, porém...

Carys deu um sorriso radiante.

— Bem, é a sua vida...

— Antes de ir, Pearl...

— O que é?

— Fale-me daquele homem que corre todas as manhãs.

Pearl ficou intrigada; a jovem não costumava demonstrar o menor interesse pelo que acontecia na casa. Ficava trancada no seu quarto, sonhando. Mas agora estava insistente:

— Aquele que corre todas as manhãs, com a roupa de jog- ging. Quem é ele?

Que mal fazia contar? Curiosidade era sinal de saúde, e ela demonstrava tão pouco das duas.

— O nome dele é Marty.

Marty. Carys repetiu o nome mentalmente, e ele se adaptou com perfeição. O nome do anjo era Marty.

— Marty do quê?

— Não me lembro.

Carys levantou-se. O sorriso desapareceu. Estava com a expressão dura de quando queria alguma coisa, os cantos da boca voltados para baixo. Uma expressão que compartilhava com o Sr. Whitehead e que intimidava Pearl. Carys sabia disso disso.

— Sabe como sou esquecida — disse Pearl se desculpando.

— Não me lembro do sobrenome dele.

— Tudo bem, quem é ele?

— Guarda-costas do seu pai; ficou no lugar de Nick — respondeu Pearl.
— Acho que é um ex-prisioneiro. Roubo com violência.

— É mesmo?

— E não é muito educado.

— Marty.

— Strauss — lembrou Pearl, com ar de triunfo. — Martin Strauss, é isso!

Pronto, já tinha nome, pensou Carys. Havia uma força primitiva em dar nomes às pessoas, uma certa ascendência. Martin Strauss.

— Obrigada — disse, genuinamente satisfeita.

— Por que quer saber?

— É que fiquei imaginando quem poderia ser ele... As pessoas vão e vêm...

— Bem, acho que ele vai ficar — comentou Pearl, ao sair do quarto. Quando ia fechando a porta, Carys perguntou:

— Ele tem outro nome?

Mas Pearl não ouviu.

ERA ESTRANHO pensar nele como um ex-prisioneiro; como *um prisioneiro ainda*, de certo modo, pois só podia correr em volta da propriedade, respirando o ar puro, nuvens saindo de sua boca, a testa franzida enquanto corria. Talvez ele compreendesse, mais do que o velho, Toy ou Pearl, o que significava para ela permanecer na ilha de sol, sem saber como sair dali. Ou, pior saber como, mas jamais ter a coragem de tentar, pelo medo de nunca mais voltar para a área de segurança.

Agora que sabia seu nome e seus crimes, o romance da corrida matinal não parecia maculado pela informação. Ele ainda deixava um rastro de glória, mas agora Carys imaginava o peso do seu corpo, quando antes lhe admirava apenas a leveza do passo.

Depois de séculos de indecisão, concluiu que só olhar para ele não ia ser suficiente.

QUANTO MAIS melhorava sua forma física, mais Marty exigia da corrida matinal. O circuito percorrido aumentou, embora levasse o mesmo tempo em que completava o anterior, mais curto. Às vezes, para variar, entrava no bosque, sem se preocupar com o mato rasteiro e os galhos baixos, o passo regular degenerando numa sequência de saltos e corridas curtas. No outro lado do bosque ficava o açude onde, quando tinha vontade, parava por alguns minutos. Havia garças ali, já vira três. Logo chegaria o tempo de fazerem seu ninho, e elas provavelmente iam se acasalar. Imaginava o que ia acontecer ao terceiro passaro, então. Voaria para longe à procura de um companheiro ou companheira, ou ficaria por ali, com pensamentos adúlteros? As semanas intes responderiam a isso.

Certos dias fascinado pelo modo como Whitehead o vigiava do andar superior da casa, diminuía o passo, esperando ver o rosto dele. Mas o vigia era muito esperto para ser apanhado.

NUMA DADA manhã, ela estava esperando por ele no pombal, quando fazia a longa curva para voltar à casa, e Marty compreendeu imediatamente que se tinha enganado, ao pensar que era o velho quem o vigiava. Esta era a cautelosa observadora na janela do andar superior. Eram apenas 6:45 da manhã e fazia frio ainda. A julgar pelo vermelho do rosto e do nariz, devia estar esperando há algum tempo. Seus olhos brilhavam de frio.

Marty parou, soltando vapor como se fosse uma locomotiva.

— Oi Marty — saudou ela.

— Oi.

— Você não me conhece.

— Não.

Ela apertou o casaco contra o corpo. Era muito magra e parecia ter no máximo vinte anos. Os olhos, de um castanho tão escuro que pareciam negros a três metros de distância, fincavam-se nele como garras. O rosto corado era largo e não tinha qualquer maquiagem. Parecia, pensou Marty, faminta. Ele parecia, pensou Carys, esfomeado.

— Você é quem fica lá em cima — disse ele.

— Sou. Não se importa que eu o observe, importa-se? — perguntou sem constrangimento.

— Por que iria me importar?

Ela estendeu a mão esguia e não enluvada para a parede de pedra do pombal.

— É bonito, não é?

A construção nunca havia impressionado ou interessado Marty. Era simplesmente um marco na sua corrida.

— É um dos maiores pombais da Inglaterra — explicou ela.

— Sabia disso?

— Não.

— Já esteve lá dentro?

Ele balançou a cabeça.

— É um lugar estranho — disse ela, dando a volta na construção em forma de barril e dirigindo-se para a porta. Teve alguma dificuldade para abrí-la pois a madeira estava empenada pela umidade. Marty teve de se apressar para entrar atrás dela. Estava mais frio do que lá fora e ele estremeceu, o suor na sua testa e no peito congelando-se com a parada da corrida. Mas o local era de fato bizarro, como a moça havia dito, uma sala redonda com a abertura no teto para a entrada e a saída das aves. Nichos quadrados enfileiravam-se nas paredes, ninhos talvez, em perfeito alinhamento — como janelas de prédios —, do chão até o teto. Todos estavam vazios. A julgar pela ausência de excremento e penas, o pombal não era usado há anos. O abandono emprestava a tudo um ar de melancolia; a arquitetura original impedia que fosse usado para qualquer outra coisa que não um abrigo de pombos. A jovem tinha atravessado o chão de terra batida e contava os nichos a partir da porta.

— Dezesete, dezoito...

Marty observou as costas da moça. O cabelo tinha um corte irregular na nuca. O casaco era grande demais para ela; talvez nem fosse seu, pensou. Quem seria? Filha de Pearl?

Ela parou de contar. Enfiou a mão em um dos nichos com uma pequena exclamação de descoberta quando os dedos encontraram alguma coisa. Era um esconderijo, compreendeu Marty. Ela ia confiar a ele um segredo. A jovem voltou-se e mostrou o tesouro.

— Tinha me esquecido até agora — explicou — do que eu costumava esconder aqui.

Era um fóssil, ou melhor, um fragmento, uma concha espiral do fundo de algum mar pré-cambriano, de quando o mundo ainda não era verde. Nas espirais da concha, que ela acariciava com os dedos, a poeira tinha se acumulado. Observando o ar intensamente absorto com que a jovem observava aquele absorto de pedra, Marty concluiu que ela não devia ser muito normal. Mas tal ideia desapareceu quando ela ergueu os olhos para ele; tinham uma expressão clara de voluntariosa. Se havia alguma insanidade, era provocada, um traço de loucura que ela talvez gostasse de ostentar. Deu um largo sorriso como se adivinhasse o que Marty estava pensando; dissimulação e charme se combinavam no seu rosto em partes iguais.

— Então, já não há mais pombos aqui - comentou ele.

— Não, nenhum, desde que vim para cá.

— Nem uns poucos, ao menos?

— Quando são poucos, eles morrem no inverno. Com o pombal cheio eles se aquecem mutuamente. Mas quando é só a punhado, não produzem calor suficiente e morrem congelados.

Marty fez um gesto afirmativo. Parecia uma pena deixar o pombal vazio.

— Deviam encher o pombal outra vez.

— Não sei, disse ela. — Gosto dele vazio assim.

Colocou o fóssil novamente no esconderijo.

— Agora conhece meu lugar secreto — observou ela. A dissimulação tinha desaparecido, deixando apenas charme. Marty ficou encantado.

— Não sei seu nome.

— Carys — respondeu ela e acrescentou depois de um momento: — É um nome galês.

— Ah.

Marty não podia tirar os olhos dela. Carys de repente pareceu ficar embaraçada e voltou rapidamente para a porta, abaixando a cabeça e saindo para o ar livre. Começava a chover, uma garoa suave de meados de março. Carys colocou o capuz de jaqueta, Marty o capuz da roupa de corrida.

— Que tal me mostrar outros recantos da propriedade? — pediu ele, sem saber se era a pergunta certa, mas sabendo que não queria que a conversa terminasse ali, talvez com probabilidade de nunca mais se

encontrarem. Ela respondeu com um murmúrio neutro. Os cantos da sua boca estavam virados para baixo.

— Amanhã? — perguntou Marty.

Dessa vez ela não respondeu, e começou a andar na direção da casa. Marty acompanhou-a, sabendo que a comunicação ia ser cortada se não descobrisse um meio de mantê-la viva.

— É estranho morar naquela casa sem ter com quem conversar.

Isso aparentemente despertou alguma atenção.

— É a casa de Papá — respondeu ela simplesmente. — E é onde moramos.

Papá. Então era filha dele. Agora via a boca do velho na jovem, os mesmos cantos abaixados que nele pareciam tão estóicos, e nela apenas tristes.

— Não conte a ninguém — advertiu ela.

Marty supôs que ela se referisse aquele encontro, mas não insistiu. Tinha perguntas mais importantes para fazer, se ela não fugisse. Queria demonstrar seu interesse por ela. Mas não sabia o que dizer. A mudança brusca no ritmo da jovem, da conversa calma e elíptica para aquele *staccato* o confundia.

— Você está se sentindo bem? — perguntou.

Carys virou a cabeça para ele, e sob o capuz parecia quase estar se lamentando.

— Tenho de me apressar — disse ela. — Procuram por mim. Acelerou o passo, a curva dos ombros indicando que queria deixá-lo para trás. Marty obedeceu, diminuindo o passo, e ela dirigiu-se para a casa sem um olhar ou um aceno.

Ao invés de ele voltar para a cozinha, onde teria de aturar conversa de Pearl, enquanto tomava o café, atravessou o campo no sentido contrário passando bem longe do pombal até chegar à cerca externa impondo-se outra volta completa. Quando entrou no bosque, surpreendeu-se olhando involuntariamente para o chão, à procura de fósseis.

DOIS DIAS depois, mais ou menos às onze horas da noite foi chamado por Whitehead.

— Estou no escritório — disse ele pelo telefone. — Quero falar com você.

O escritório, embora tivesse uma meia dúzia de lâmpadas, estava quase às escuras. Só a luminária inclinável, posta sobre a escrivaninha, estava acesa, iluminando uma pilha de papéis e não a sala. Whitehead estava na poltrona de couro ao lado da janela. Na console perto dele havia uma garrafa de vodca e um copo quase vazio. Não se voltou quando Marty bateu na porta e entrou, mas dirigiu-se a ele de onde estava, de frente para o gramado iluminado pelos holofotes.

— Acho que está na hora de lhe dar uma folga, Strauss. — Até agora você fez um ótimo trabalho. Estou satisfeito.

— Muito obrigado, Senhor.

— Bill Toy vai passar aqui a noite de amanhã. Luther também, e isso lhe dará a oportunidade de ir a Londres.

Fazia quase exatamente oito semanas que Marty tinha chegado, e ali estava, finalmente, um sinal de que seu lugar estava garantido.

— Mandei Luther escolher um carro para você. Fale com ele quando chegar. E ali, na escrivaninha, está algum dinheiro...

Marty olhou para a escrivaninha e viu um maço de notas.

— Vamos, apanhe o dinheiro.

Marty sentiu um comichão nos dedos, mas controlou o entusiasmo.

— Dá para a gasolina e uma noite na cidade.

Marty não contou o dinheiro; simplesmente dobrou as notas e guardou no bolso.

— Muito obrigado, Senhor.

— Há também um papel com um endereço.

— Sim, Senhor.

— Apanhe-o. A loja pertence a um homem chamado Halifax. Ele me fornece morangos fora da estação. Quer apanhar minha encomenda, por favor?

— Naturalmente.

— É a única tarefa que lhe dou. Desde que esteja de volta no sábado de manhã, o resto do tempo é seu.

— Obrigado.

A mão de Whitehead segurou o copo de vodca e Marty pensou que viraria a cabeça e olharia para ele. Não a virou. A entrevista tinha acabado.

— Isso é tudo, Senhor?

— Tudo? Sim, acho que sim. Não acha?

HÁ MUITOS meses Whitehead não ia sóbrio para a cama. Ele tinha começado a usar vodca como sonífero quando apareceram os terrores noturnos; a princípio só um ou dois copos para aparar as arestas do medo, depois gradualmente aumentando a dose à medida em que, com o tempo, seu corpo se imunizava contra o efeito. Não sentia o menor prazer em se embriagar. Detestava o redemoinho na cabeça quando a encostava no travesseiro com os pensamentos lamentando-se nos seus ouvidos. Mas tinha mais medo do próprio medo.

Agora, ali sentado olhando para o jardim, viu uma raposa atravessar o limite das luzes, quase branca sob a iluminação intensa. Ela parou um instante e olhou para a casa. A imobilidade lhe realçou a elegância: os olhos, refletindo a luz, cintilavam na cabeça triangular. De repente, parecendo sentir algum perigo — os cães talvez —, voltou-se e desapareceu. Whitehead ficou olhando para onde ela estivera durante muito tempo, ansiando para que voltasse a fim de compartilhar por um momento a sua solidão. Mas a raposa tinha outras coisas para fazer dentro da noite.

Houve um tempo em que ele fora como uma raposa: magro e rápido, um andarilho noturno. Mas as coisas tinham mudado: a providência fora generosa, seus sonhos se realizaram, e a raposa, adaptando-se sempre às circunstâncias, ficou gorda e lenta. O mundo mudou também: era uma geografia de lucros e perdas, e as distâncias tinham se reduzido à extensão do seu comando. Com o tempo, ele acabou por se esquecer daquela vida anterior.

Ultimamente, porém, pensava cada vez mais nela. Voltava à sua lembrança com detalhes brilhantes mas acusadores, ao passo que os acontecimentos da própria véspera estavam envoltos em densa neblina. Ele sabia, contudo, bem no fundo do coração, que não era possível voltar àquele estado abençoado.

E dali em diante? Uma jornada para algum lugar sem esperança, onde nenhum indicador de direção apontasse para esquerda ou para a direita, pois todas as direções eram iguais, sem que houvesse uma montanha, uma árvore ou alguma habitação como ponto de referência. Que lugar! Que lugar terrível!

Mas não estaria sozinho. Naquele ermo teria companheiro.

E quando, no fim do tempo, seus olhos vissem aquela terra e seu habitante, por certo desejaria, oh, Cristo, como desejaria, ter sido sempre uma raposa.

III O Último Europeu

18

ANTHONY BREER, O Engolidor de Giletes, voltou para seu pequeno apartamento no fim da tarde, preparou café instantâneo na sua xícara favorita e então sentou-se à mesa na luz esmaecida e começou a fazer um laço corredio em um pedaço de corda. Desde a manhã sabia que aquele era o dia. Não precisava ir à biblioteca; se, depois de algum tempo, notassem sua ausência e escrevessem perguntando onde ele estava, não teria condições de responder. Além disso, de madrugada, o céu lhe parecera tão sujo quanto seus lençóis e, sendo um homem sensato, pensara: por que me dar ao trabalho de lavar os lençóis quando os do mundo estão tão sujos, eu estou tão sujo também e não há à menor chance de conseguir que alguma coisa fique limpa? O melhor que faço é dar fim a esta miserável existência de uma vez por todas.

Tinha visto muita gente enforcada. Só fotografias, naturalmente, num livro sobre crimes de guerra, que roubara no trabalho, onde estava escrito. “*Não colocar nas estantes de livre acesso. Só deve ser entregue a pedido*” Tal aviso pôs em funcionamento sua imaginação: ali estava um livro que as pessoas não deviam ver. Tinha-o metido na sacola, sem abri-lo, imaginando, pelo título — *Documentos Soviéticos sobre as Atrocidades Nazistas* —, que fosse uma obra quase tão rica em promessas quanto na própria leitura. Mas estava enganado. Passou o dia praticamente com água na boca, sabendo que sua sacola continha aquele tesouro proibido; o prazer não foi nada comparado às revelações do livro. Havia fotografias das ruínas calcinadas da casa de campo de Chekhov em Istra e outras da profanação da residência de Tchaikovsky. Mas, especialmente — e mais importante —, havia fotografias dos mortos. Alguns amontoados em pilhas, outros na neve ensaguentada, congelados. Crianças com a cabeça partida, pessoas em trincheiras, mortas com tiros nos

rostos, outras com suásticas recortadas no peito e nas nádegas. Para os olhos ávidos do Engolidor de Giletes, as melhores, porém, eram as dos enforcados. Havia uma que Breer examinava frequentemente. Mostrava um belo jovem dependurado no patíbulo improvisado. O fotógrafo o apanhara nos seus últimos instantes, olhando diretamente para a câmara, um sorriso pálido e beatífico nos lábios.

Essa era a expressão que Breer queria que vissem em seu rosto quando arrombassem a porta daquele mesmo quarto e o encontrassem dependurado ali, girando com a brisa que vinha do corredor. Pensou em como iam olhar para ele, murmurar, balançar as cabeças, espantados, olhando para seus pés brancos e pálidos e maravilhados com sua coragem para fazer aquela coisa tremenda. E, enquanto pensava, fazia e desfazia o nó, resolvido a executar um trabalho tão profissional quanto possível.

Sua única angústia era a confissão. Apesar de trabalhar com livros todos os dias, as palavras não eram seu forte; fugiam dele assim como a leveza não chegava às suas mãos gorduchas. Mas queria dizer alguma coisa sobre as crianças, para que todos soubessem, as pessoas que o encontrassem e o fotografassem, que não estavam olhando para um João-ninguém, mas para um homem que tinha feito as piores coisas possíveis no mundo, pelas melhores razões. Isso era vital! Que soubessem quem ele era, porque, com o tempo, talvez, pudessem compreendê-lo como ele jamais se conseguira compreender.

Eles tinham métodos de interrogação, sabia disso, até mesmo com os mortos. Iriam colocá-lo num quarto gelado e examinar seu corpo minuciosamente e, depois de terem estudado a parte de fora, passariam para a parte de dentro e então, oh, as coisas que iriam encontrar! Serrariam o topo da sua cabeça e lhe retirariam o cérebro; verificariam a existência de tumores, cortando-o em fatias finas como se fosse um presunto caro analisando-o de mil modos para descobrir o como e o porquê da sua pessoa. Mas nada disso iria funcionar, não é? Ele, especialmente ele devia saber. Corta-se uma coisa viva e bela para descobrir *como* está viva e por que é bela, mas, antes de que se possa dar conta ela já não é mais nada disso, e se fica por ali com sangue no rosto e lágrimas nos olhos, além de uma terrível dor de culpa como resultado. Não, não iriam conseguir nada do seu cérebro, teriam de procurar muito mais além. Teriam de abrir seu corpo do pescoço até o púbis, erguer as costelas e virá-las para trás. Só então,

poderiam desenrolar suas entranhas, procurar no seu estômago, embaralhar seu fígado e seus pulmões. Aí sim, aí poderiam encontrar muitas coisas para encher os olhos.

Talvez essa fosse então a melhor confissão, pensou ele, dando a volta final no nó. Não adiantava procurar as palavras certas, porque, afinal, o que eram palavras? Lixo, inúteis para a essência ardente das coisas. Não, encontrariam tudo o que precisavam se procurassem bem dentro dele. A história das crianças perdidas, a glória do seu martírio. E saberiam, de uma vez para sempre, que ele era da tribo dos Engolidores de Giletes.

Terminou o nó, preparou outra xícara de café e começou a trabalhar para firmar a corda. Primeiro, removeu a lâmpada dependurada no centro do teto, depois amarrou a corda no lugar dela. Era forte. Dependurou-se para verificar se estava firme e, embora as vigas gemessem um pouco e fragmentos de estuque caíssem na sua cabeça, aguentou o peso.

Agora a noite estava chegando e ele estava cansado, a fadiga tornando-o mais desajeitado do que de costume. Deu uma volta pelo quarto arrumando as coisas, seu corpo de suíno estremecendo com suspiros quando enrolou os lençóis sujos e os escondeu num canto, lavou a xícara de café e cuidadosamente despejou o leite na pia, para que não talhasse antes da chegada deles. Ligou o rádio enquanto trabalhava; ajudaria a encobrir o barulho da cadeira empurrada por seus pés quando chegasse o momento; havia outras pessoas na casa, e ele não queria um adiamento de última hora. As banalidades de sempre do programa de rádio encheram o quarto; canções de amor perdido e recontrado. Mentiras dolorosas e cheias de maldade, todas elas.

Quando acabou de preparar a sala, pouca força ainda restava ao dia lá fora. Ouviu passos no corredor e portas que se abriam acolhendo os moradores que chegavam do trabalho. Eles, como Breer, viviam sozinhos. Não sabia o nome de nenhum e eles, vendo-o sair escoltado pela polícia, também ignorariam o seu.

Tirou toda a roupa e se lavou na pia, os testículos, pequenos como avelãs, apertados contra o corpo, a barriga flácida — a gordura do peito e dos braços — estremecendo em convulsões de frio. Satisfeito com a limpeza do próprio corpo, sentou-sena beirada do colchão e cortou as unhas dos pés. Vestiu então suas roupas recentemente lavadas; a camisa azul, a

calça cinzenta. Não calçou meias nem sapatos. Do corpo que o enchia de vergonha, os pés eram seu único orgulho.

Estava quase escuro quando terminou e a noite, escura e chuvosa. Hora de partir, pensou.

Colocou a cadeira cuidadosamente no lugar, subiu nela e segurou a corda. O laço estava uns dois ou três centímetros alto demais e precisou ficar na ponta dos pés para passá-lo pelo pescoço, mas conseguiu, com jeito. Com o nó apertado contra ele, fez suas orações e empurrou a cadeira com os pés.

O pânico começou imediatamente e suas mãos, nas quais sempre havia confiado, o trairam naquele momento decisivo, erguendo-se dos lados do corpo e agarrando a corda que começava a se apertar. A queda inicial não lhe tinha partido o pescoço, mas sua espinha parecia uma vasta centopéia costurada em suas costas, contorcendo-se para todos os lados, provocando convulsões nas pernas. A dor era o de menos: a angústia verdadeira era a falta de controle, o cheiro do produto de suas entranhas soltando-se sem sua ordem, o penis enrijecendo sem nenhum pensamento de desejo em sua mente, os calcanhares se debatendo no ar, à procura de apoio, os dedos agarrados ainda na corda. Tudo de repente não mais lhe pertencendo, tudo procurando ardentemente a própria preservação ao invés de ficar imóvel e morrer.

Mas esses esforços foram em vão. Ele havia planejado aquilo com muito cuidado, para evitar falhas na nora final. A corda esticava-se ainda, os movimentos insanos da centopéia diminuía. A vida, visitante indesejada, ia despedir-se em breve. O barulho era intenso em sua cabeça, quase como se estivesse num subterrâneo ouvindo todos os sons da Terra. Ruídos apressados, o rugido de grandes represas escondidas, o borbulhar de pedras derretidas. Breer, o Grande Engolidor de Giletes, conhecia muito bem a Terra. Tinha muitas vezes enterrado nela belezas mortas, e enchia a boca com terra como penitência pela intrusão, mastigando enquanto comia os corpos pálidos. Agora, os ruídos da Terra dominavam tudo — seus soluços, a música do rádio e o tráfego do outro lado da janela. Sua vista começava a desaparecer também; uma escuridão rendada encheu o quarto, seus desenhos pulsando. Sabia que seu corpo estava girando — lá estava a cama, agora o guarda-roupa, agora a pia —, mas as formas que ele via espasmodicamente diminuía de intensidade.

O corpo tinha desistido da boa luta. Sua língua balançava fora da boca, ou talvez fosse imaginação, como também devia ser imaginação aquela voz chamando seu nome.

Bruscamente o sentido da visão desapareceu por completo e a morte estava nele. Nenhuma torrente de remorsos lhe acompanhou o fim, nenhuma regurgitação relâmpago da história da sua vida, cravejada de culpa. Só o escuro, depois um escuro mais profundo, e agora um escuro tão profundo que a noite, em comparação era luminosa. E tudo se acabou facilmente, ainda pôde pensar.

Não, em verdade não se acabou.

Não completamente. Sensações indesejáveis e emaranhadas formigaram em seu corpo, violando a privacidade da morte. Uma brisa aqueceu seu rosto, assaltando os terminais nervosos. Um bafo desgraçoso o sufocou, pressionando sem o menor encorajamento seus pulmões flácidos.

Lutou contra a ressurreição, mas seu Salvador era insistente. O quarto começou a se montar novamente à sua volta. Primeiro a luz, depois as formas. Agora as cores, embora pálidas e sujas. Os ruídos — rios de chamas e pedra líquida — desapareceram. Estava ouvindo a própria tosse, sentindo o cheiro do próprio vômito. O desespero zombava dele. Será que nem era capaz de se matar adequadamente?

Alguém disse seu nome. Balançou a cabeça, mas a voz voltou e dessa vez seus olhos se ergueram e encontraram um rosto.

E *oh*, não estava acabado; longe disso. Não fora entregue no Céu nem no Inferno. Nenhum dos dois ousaria usar o rosto ara o qual ele olhava agora.

— Pensei que o tinha perdido, Anthony — disse o Último Europeu.

TINHA ERGUIDO do chão a cadeira usada por Breer para sua tentativa de suicídio e estava sentado nela, tão imaculado como sempre. Breer tentou dizer alguma coisa, mas a língua parecia grande demais para a boca e quando levou os dedos a ela, voltaram sujos de sangue.

— Você mordeu a língua no seu entusiasmo o explicou o Europeu. — Não vai poder comer nem falar direito por algum tempo. Mas você vai ficar bem, Anthony. Tudo fica bem com o tempo.

Breer não tinha forças para se levantar do assoalho; tudo o que podia fazer era ficar deitado ali, o laço ainda apertado no seu pescoço, olhando para cima, para a corda cortada que pendia do lustre. O Europeu evidentemente apenas cortara a corda, deixando-o cair no chão. Seu corpo começou a tremer; seus dentes batiam como os de um macaco ensandecido.

— Você está em choque — continuou o Europeu. — Fique aí deitado... Vou fazer-lhe um chá, posso? Chá com açúcar é o que você precisa.

Com algum esforço, Breer conseguiu se erguer do chão e passara para a cama. Sua calça estava suja na frente e atrás; estava nojento. Mas o Europeu não se importava. Perdoava tudo, Breer sabia disso. Nenhum outro homem que Breer conhecia era tão capaz de perdão quanto ele. Sentia-se humilde na companhia e aos cuidados daquele humanitarismo tão natural. Ali estava um homem que conhecia o segredo da sua corrupção, e nem uma vez lhe dissera uma só palavra de censura.

Recostado na cama, sentindo os sinais de vida que voltavam ao corpo massacrado, Breer observou o Europeu fazendo chá. Eram pessoas muito diferentes. Breer sentia, como sempre, um respeito temeroso por aquele homem. Contudo, não lhe havia dito o Europeu certa vez: *“Sou o último da minha tribo, Anthony, assim como você é o último da sua. De certo modo somos a mesma coisa”*? Breer não compreendeu o significado das palavras na primeira vez que as ouviu, mas com o tempo chegou a compreender. *“Sou o último verdadeiro Europeu; você o último dos Engolidores de Gilete. Devemos tentar nos ajudar mutuamente”*. E o Europeu tinha feito exatamente isso, evitando em duas ou três ocasiões que Breer fosse capturado, quando comemorava suas transgressões, e lhe ensinando que ser um Engolidor de Gilete era ter uma ocupação digna. Em troca desse apoio tinha-lhe pedido quase nada: alguns pequenos trabalhos, só isso. Mas Breer não era tão ingênuo a ponto de não suspeitar que mais cedo ou mais tarde

chegaria a hora em que o Último Europeu — por favor, me chame de Mamoulian, costumava dizer, mas Breer nunca foi capaz de pronunciar aquele nome engraçado —, em que aquele companheiro estranho lhe fosse pedir algo mais substancial. Não seria um ou dois trabalhos sem importância; seria algo terrível. Breer sabia disso e tinha medo.

Matando-se, estaria livre da cobrança da dívida. Quanto mais tempo ficava longe do Sr. Mamoulian — há seis anos que não se viam —, mais a lembrança do homem o apavorava. A imagem do Europeu não tinha esmaecido com o tempo, ao contrário. Os olhos, as mãos, a carícia da sua voz permaneciam claros como cristal, mesmo quando os acontecimentos do passado já estavam embaçados. Era como se Mamoulian nunca tivesse realmente partido, como se tivesse deixado uma lasca de si mesmo na cabeça de Breer, para avivar seu retrato quando o tempo o cobrisse de pó; para vigiar cada ato do seu servo.

Não era surpresa, portanto, o homem ter aparecido naquela hora, interrompendo a cena da morte antes que a peça terminasse. Não era de admirar, também, que falasse com Breer agora como se nunca se tivessem separado, como se ele fosse um marido amoroso e Breer a mulher dedicada, para quem os anos jamais tivessem decorrido. Breer observava Mamoulian indo da pia para a mesa preparando o chá, encontrando o bule, arrumando as xícaras, realizando cada ato doméstico com hipnótica economia. A dívida teria de ser paga, sabia agora. Não haveria repouso para ele enquanto não fosse paga. Pensando nisso, Breer começou a soluçar mansamente.

— Não chore — disse Mamoulian num tom bastante calmo, sem se voltar da pia.

— Eu queria morrer — murmurou Breer. As palavras saíam como se estivessem passando por um monte de cascalhos.

— Você não pode falecer ainda, Anthony. Deve-me algum, tempo. Com certeza se lembra disso, não é?

— Eu só queria morrer — era tudo que Breer podia repetir como resposta.

Estava tentando não odiar o Europeu, porque o homem logo o perceberia. Certamente iria senti-lo e talvez perdesse a calma. Mas era tão difícil: seu ressentimento borbulhava através dos soluços.

— A vida o está tratando mal? — perguntou o Europeu.

Breer fungou. Não queria um padre confessor, queria as trevas. Será que Mamoulian não entendia que ele já estava além das explicações, além da cura? Era merda na sola do sapato de um mongol, a coisa mais vil e irreparável da criação. A visão de si próprio como Engolidor de Giletes, como o último representante de uma tribo antes terrível, havia mantido intacto seu auto-respeito durante alguns anos incertos, mas a fantasia há muito perdera a força de santificar sua vilania. Não era possível usar o mesmo truque duas vezes. E era um truque, apenas um truque, Breer sabia, e odiava Mamoulian mais ainda por suas manipulações. “Eu queria estar morto” foi o que pensou.

Teria dito isso em voz alta? Não ouviu a própria voz, mas Mamoulian lhe respondeu como se tivesse falado.

— Naturalmente que quer. Eu compreendo, compreendo mesmo. Pensa que é tudo uma ilusão: tribos e sonhos de salvação. Mas acredite em mim, não é. Ainda existe algum objetivo no mundo. Para nós dois.

Breer passou as costas da mão pelos olhos inchados e tentou controlar os soluços. Seus dentes não batiam mais, já era alguma coisa.

— Esses anos foram assim tão cruéis? — perguntou o Europeu.

— Foram — respondeu Breer sombriamente.

O outro fez um gesto afirmativo, olhando para o Engolidor de Giletes com olhos compassivos; ou, pelo menos, uma boa representação desse sentimento.

— Pelo menos eles não o prenderam. Você tem sido cuidadoso.

— Você me ensinou a ser cuidadoso — concordou Breer.

— Eu só lhe mostrei o que você já sabia, mas estava muito confundido por outras pessoas para poder ver. Se já esqueceu, posso ensinar-lhe outra vez...

Breer olhou para a xícara de chá doce e sem leite que o Europeu tinha colocado na mesa de cabeceira.

— ...ou já não confia mais em mim?

— As coisas mudaram — murmurou Breer com os lábios inchados.

Foi a vez de Mamoulian suspirar. Sentou-se e tomou um gole de chá antes de responder.

— Sim, acho que tem razão. Cada vez existe menos lugar para nós aqui. Mas será que isso significa que devemos erguer as mãos e morrer?

Olhando para o rosto sóbrio e aristocrático, para os olhos fundos e misteriosos, Breer começou a lembrar porque tinha confiado naquele homem. O medo que sentia começava a diminuir, a raiva também. Havia uma calma no ar, e começava a penetrar no corpo de Breer.

— Tome o seu chá, Anthony.

— Obrigado.

— Depois, acho que deve trocar de calça.

Breer corou, não pode evitar.

— Seu corpo reagiu naturalmente, não precisa se envergonhar. Sêmen e merda fazem girar o mundo.

O Europeu riu suavemente na xícara e Breer, sentindo que a piada não era à sua custa, riu também. — Nunca me esqueci de você — disse Mamoulian. — Eu disse que ia voltar para buscá-lo e não estava mentindo.

Breer segurou a xícara com as mãos que tremiam ainda e fitou os olhos de Mamoulian. Olhos insondáveis, como Breer lembrava, mas sentiu uma certa cordialidade para com o homem. Como o Europeu disse, não tinha esquecido, não fora embora para nunca mais voltar. Talvez tivesse seus motivos para estar ali naquele momento, talvez tivesse voltado para exigir pagamento de um devedor antigo, mas isso era por certo melhor do que ser completamente esquecido.

— Por que voltou agora? — perguntou, colocando a xícara na mesa.

— Tenho negócios a tratar — respondeu Mamoulian.

— E precisa da minha ajuda?

— Isso mesmo.

Breer fez um gesto afirmativo. As lágrimas tinham parado. O chá caiu bem: sentia-se bastante forte para fazer uma ou duas perguntas indiscretas.

— E quanto a mim?

O Europeu franziu a testa. A lâmpada ao lado da cama bruxuleou, como se estivesse em ponto de crise, prestes a se apagar.

— O quê, quanto a você?

Breer percebeu que estava pisando terreno minado, mas havia resolvido deixar de ser fraco. Se Mamoulian queria ajuda, devia estar preparado para dar-lhe alguma coisa em troca.

— O que vou ganhar com isso? — perguntou.

— Você terá de novo a minha companhia — respondeu-lhe o Europeu.

Breer resmungou. A oferta não era nada tentadora.

— Isso não é o bastante? — quis saber Mamoulian.

A luz da lâmpada ficou mais espasmódica e Breer subitamente perdeu o gosto pela insolência.

— Responda, Anthony — insistiu o Europeu. — Se tem alguma objeção, diga.

O tremor da lâmpada estava cada vez pior e Breer compreendeu que havia cometido um erro, pressionando Mamoulian para um acordo. Por que não se lembrou de que o Europeu detestava regateios e regateadores? Instintivamente levou a mão à marca da corda em volta do pescoço. Era profunda e permanente.

— Desculpe... — disse, humildemente.

Um pouco antes da lâmpada se apagar, vira Mamoulian balançar a cabeça. Um movimento muito leve, como o do pêndulo de um relógio. Então, o quarto mergulhou na escuridão.

— Você está comigo, Anthony? — murmurou o Último Europeu.

A voz, geralmente tão uniforme, estava incrivelmente distorcida.

— Estou... — respondeu Breer.

Seus olhos preguiçosos não pareciam se acomodar ao escuro com a rapidez habitual. Apertou-os, tentando distinguir o vulto do Europeu na escuridão que os envolvia. Não precisava ter se preocupado. Alguns segundos depois, algo na outra extremidade do quarto pareceu se acender e repentina e impressionantemente, o Europeu estava providenciando a própria iluminação.

Agora, com aquele espetáculo de sobrenatural cinematografia para transtornar ainda mais a sua sanidade, chá e desculpas foram esquecidos. A treva, a própria vida foram esquecidas; e havia somente o tempo, naquele quarto virado do avesso com terror e pétalas, para olhar e olhar e, talvez, para quem tivesse o senso de ridículo, fazer uma pequena oração.

SOZINHO NO sórdido quarto-sala de Breer, o Último Europeu sentou-se e começou a jogar paciência com seu baralho favorito. O Engolidor de

Giletes, depois de se vestir, tinha saído para degustar a noite. Concentrando-se, Mamoulian podia sempre localizar o parasita com sua mente e participar, por telepatia, de tudo o que o outro estivesse experimentando. Mas não tinha apetite agora para esse jogo. Além do mais, sabia muito bem o que Breer devia estar fazendo, e isso francamente o enojava. Todos os atos da carne, convencionais ou pervertidos, o chocavam e, à medida que ficava mais velho, essa revolta se acentuava. Em certos dias mal suportava olhar para o animal humano sem que o brilho dos seus olhos ávidos ou o vermelho da sua língua o deixassem nauseado. Mas Breer lhe seria útil na luta a que se propunha: seus desejos bizarros davam a ele uma intuição, embora primária, da tragédia de Mamoulian, uma intuição que fazia dele um auxiliar mais dócil do que os companheiros usuais que o Europeu havia tolerado em sua longa, longa vida.

A maior parte dos homens e mulheres nos quais Mamoulian tinha confiado o traira. O padrão repetira-se com tanta regularidade através dos anos, que, tinha certeza, acabaria ficando insensível à dor provocada por essas traições. Mas, até então, jamais conseguira alcançar essa preciosa indiferença. A crueldade das outras pessoas — o uso abusivo que faziam dele — jamais deixava de ferí-lo e, embora tivesse estendido a mão caridosa a todos os tipos de aleijões psíquicos, tal ingratidão era imperdoável. Talvez quando o jogo final estivesse terminado e resolvido — pensava ele, quando tivesse cobrado as dívidas com sangue, medo e trevas —, então talvez desaparecesse, O terrível impulso que o atormentava dia e noite que o levava sem esperança de paz a novas ambições e novas traições. Talvez, quando tudo acabasse, lhe fosse então possível deitar-se e morrer.

O baralho que manuseava era pornográfico. Jogava com ele apenas quando se sentia forte, e sempre sozinho. Manejar as imagens de sensualidade extrema era um teste que fazia a si mesmo e, se falhasse, o fracasso seria particular. Nesse dia, aquela sujeira nas cartas era, afinal de contas, apenas a depravação humana; podia virar os desenhos para baixo e não se perturbar com eles. Apreciava até mesmo a sutileza: o modo pelo qual cada naipe mostrava detalhadamente uma área da atividade sexual, os pontos marcados em cada desenho complexo. Copas representavam o relacionamento homem/mulher, de modo nenhum limitado à posição missionária. Espadas eram oralistas, mostrando a felação simples e suas variações mais elaboradas. Paus eram anais: as cartas numeradas

representando a relação anal homossexual e heterossexual, as figuradas, o sexo anal com animais. Ouros, o naipe com desenhos mais caprichados, eram sadomasoquistas e aí a imaginação do artista não tinha encontrado limites. Nestas cartas, homens e mulheres eram submetidos a todo o tipo de humilhações, os corpos mutilados mostrando ferimentos com a forma do naipe de ouros para designar cada carta.

Mas a imagem mais grosseira do baralho era o curinga. Um coprófilo sentado na frente de um prato cheio de excremento quente, os olhos imensos de avidez, enquanto um macaco imundo, o rosto glabro horrivelmente humano, descobria o traseiro para o observador.

Mamoulían apanhou essa carta e estudou o desenho. O rosto zombeteiro do bobo comedor de merda fez surgir o mais amargo sorriso em seus lábios sem cor. As outras figuras nas cartas, com sua pretensão de amor e de prazer físico, apenas escondiam por algum tempo aquela terrível verdade: mais cedo ou mais tarde, por mais belo que fosse o corpo, por mais glorioso que fosse o rosto, fossem quais fossem as promessas da riqueza, poder ou fé, o homem seria conduzido a uma mesa que mal suportava o peso do seu excremento e obrigado, muito embora seus instintos se revoltassem, a comê-lo.

Era precisamente para isso ele estava ali: para fazer um homem comer merda.

Deixou cair a carta na mesa, e uma risada que era um misto de grunhido e engasgo escapou de sua garganta. Não faltava muito para que tanto tormento, e cenas igualmente terríveis, se desenrolassem diante dele...

Nenhum abismo é suficientemente profundo, assegurou ele ao quarto vazio, às cartas e às xícaras, a todo o mundo sujo, enfim.

Nenhum abismo é bastante profundo!

IV A Dança dos Esqueletos

21

O HOMEM no metrô recitava os nomes de constelações.

— Andrômeda... Ursa... O Cisne...

O monólogo era ignorado por quase todos, mas, quando dois jovens o mandaram calar a boca, ele, mal alterando o ritmo da lista de nomes, respondeu com um sorriso e a ameaça “Vocês irão morrer por causa disso”, entre uma estrela e a seguinte. A resposta silenciou os importunos e o lunático continuou sua ladainha.

Toy achou que era um bom sinal. Andava muito preocupado com sinais ultimamente, embora nunca se tivesse considerado um sujeito supersticioso. Talvez fosse o catolicismo de sua mãe, que ele havia rejeitado muito cedo, encontrando finalmente uma válvula de escape. Ao invés dos muitos da Imaculada Conceção e da transubstanciação de água em vinho, começava a descobrir significados em pequenas coincidências — não passar por debaixo de escadas e excutar rituais quase esquecidos com sal derramado. Tudo isso era muito recente — coisa de um ou dois anos — e tinha começado com a mulher que ele ia ver agora: Yvonne. Não que fosse uma mulher temente a Deus. Não o era. Mas o consolo que dera à sua vida trouxera consigo o perigo de que ele terminasse. Por isso tinha cuidado com escadas e respeitava o sal: o medo de perdê-la. Com Yvonne em sua vida, Toy encontrara novos motivos para manter relações amistosas com o destino.

Conhecia Yvonne há seis anos. Ela trabalhava então como secretária na filial britânica duma companhia alemã de produtos químicos. Uma mulher alegre e de boa aparência, com trinta e poucos anos, cuja formalidade, Toy logo percebeu, apenas disfarçava bom humor e cordialidade em abundância. Sentiu-se atraído por ela desde o começo, mas sua hesitação natural nesses assuntos, além da considerável diferença de idade, impediram que tomasse

a iniciativa. Foi Yvonne, finalmente quem quebrou o gelo, comentando pequenos detalhes da aparência dele — um corte de cabelo recente, uma gravata nova —, demonstrando assim claramente seu interesse. Sem avançar o sinal, Toy a convidara para: jantar e ela aceitou. Foi o começo dos meses mais gratificantes da sua vida.

Ele não era um homem dado a grandes emoções. Era exatamente essa ausência de extremos em sua natureza que o tornava um membro útil entre os auxiliares de Whitehead, e Toy alimentou essa reserva como um produto vendável. Quando conheceu Yvonne, estava quase acreditando na própria publicidade. Foi ela quem pela primeira vez o chamou de insensível; foi ela quem lhe ensinou (difícil lição!) a importância de demonstrar fraqueza, se não para todo o mundo, pelo menos para os íntimos. Toy precisou de tempo. Tinha cinquenta e três anos quando se conheceram, e esse novo modo de pensar ia contra todos os seus princípios. Mas ela insistiu e lentamente começou o degelo. Uma vez começado, Toy perguntou-se a si mesmo como podia ter vivido diferentemente durante os vinte anos anteriores: uma vida de servidão a um homem sem complacência e dono de monstruoso ego. Descobriu, através dos olhos de Yvonne, a crueldade de Whitehead, sua arrogância, e o cultivo do próprio mito; embora não demonstrasse — pelo

menos assim esperava — qualquer mudança nas suas atitudes superficiais para com o patrão, sob a obediência e a humildade ostensivas fervia progressivamente um ressentimento que já se transformara em quase ódio. Só agora, depois de seis anos, Toy podia reconhecer seus próprios sentimentos contraditórios com relação ao velho, e ainda agora surpreendia-se esquecendo o pior, pelo menos quando estava fora da esfera de influência de Yvonne. Era muito difícil para ele, quando estava na casa e sujeito aos caprichos de Whitehead, manter a perspectiva que ela lhe havia dado e ver o monstro sagrado como era realmente: monstruoso, mas nada sagrado.

Depois de doze meses Toy instalou Yvonne na casa em Pimlico, que Whitehead comprara para ele, um refúgio do mundo da Companhia Whitehead sobre o qual o velho nunca perguntava, um lugar onde ele e Yvonne podiam conversar — ou ficar em silêncio — juntos; onde podia dar asas à sua paixão por Schubert e ela podia escrever cartas para a família, que se espalhava pelo mundo todo.

Naquela noite, quando voltou, Toy contou sobre o homem no trem, o que recitava os nomes das constelações. Yvonne achou a história sem sentido, não entendeu por que ele lhe dera tanta atenção.

— Só achei estranho — concluiu ele.

— Acho que tem razão — respondeu ela desinteressadamente, voltando aos preparativos do jantar. Um pouco depois, ela parou.

— O que há, Billy?

— Não há nada, por quê?

— Está tudo bem?

— Tudo.

— De verdade?

Ela sempre percebia seus segredos. Toy desistia antes que Yvonne começasse a insistir; não valia o esforço procurar enganá-la. Passou a mão pelo nariz quebrado, um gesto habitual quando estava nervoso. Então, disse:

— Tudo vai desmoronar. Tudo.

Sua voz tremeu e ele se calou. Quando ficou evidente que Toy não ia continuar, ela deixou na mesa os pratos que segurava e se aproximou dele. Toy ergueu os olhos, quase sobressaltado, quando Yvonne tocou sua orelha.

— No que está pensando? — perguntou ela, com voz mais suave.

Toy segurou a mão dela.

— Pode chegar o momento... que talvez não esteja tão longe... em que lhe pedirei que vá embora comigo.

— Ir embora?

— Sim. Partir imediatamente.

— Para onde?

— Ainda não pensei nisso. Apenas iremos embora — parou, olhou para os dedos dela que estavam agora entrelaçados com os seus. — Você irá comigo? — perguntou finalmente.

— Claro que sim!

— Sem perguntas?

— Que história é essa, Billy?

— Eu disse: sem perguntas!

— Apenas ir embora?

— Apenas ir embora.

Yvonne olhou longa e fixamente para ele; Toy estava abatido, pobre querido... Devia ser algum problema com aquele velho miserável de Oxford. Como odiava Whitehead, embora não o conhecesse.

— Sim, claro que vou — repetiu.

Toy fez um gesto afirmativo com a cabeça. Yvonne pensou que ele ia chorar.

— Quando partiremos? — perguntou.

— Não sei. — Toy tentou sorrir, mas ele pareceu falso em seu rosto. — Talvez nem seja necessário. Mas acho que tudo vai desmoronar e, quando acontecer, não quero que nós dois estejamos por perto.

— Você fala

como se estivéssemos chegando ao fim do mundo.

Ele não respondeu. Yvonne achou que não devia insistir com perguntas; Toy era muito delicado.

— Posso fazer uma pergunta só? — experimentou. — E importante para mim...

— Pode.

— Você fez alguma coisa, Billy? Quero dizer, alguma coisa ilegal? É esse o caso?

— Toy engoliu seu desgosto, o pomo de Adão subindo e descendo. Havia ainda tanta coisa que ela precisava ensinar-lhe, como, por exemplo, o modo de desabafar aqueles sentimentos. Ele queria, Yvonne percebia isso nos olhos dele, mas iam ficar ali dentro por enquanto. Sabia que não devia pressioná-lo. Só ia conseguir fazer com que se retraísse ainda mais. E ele precisava antes da sua presença tranquila, sem curiosidade, do que ela das respostas.

— Tudo bem — disse Yvonne —, não precisa me dizer se não quer.

A mão dele apertava seus dedos com tanta força como se nunca mais fosse soltá-los.

— Oh, Billy. Nada é tão terrível assim — murmurou.

Mais uma vez ele nada respondeu.

OS ANTIGOS lugares que costumava frequentar pareciam exatamente como deles se lembrava, mas Marty ali agora sentia-se como um fantasma. Nos becos cheios de lixo onde tinha lutado e corrido quando garoto havia novos combatentes e, ele suspeitava, jogos muito mais sérios. Segundo os

tablóides dominicais, aqueles garotinhos sujos eram viciados em cheirar cola de sapateiro, futuros marginais dependentes das agulhas e dos comprimidos; não se preocupavam com ninguém e com coisa alguma, muito menos consigo próprios.

Ele mesmo tinha sido um adolescente criminoso. O furto era um rito de passagem naquele ambiente. Mas era num estilo suave, quase passivo: aproximar-se sorrateiramente de alguma coisa e sair andando, ou de carro, com o objeto. Se um furto parecia problemático demais, o melhor era esquecê-lo. Havia muitas outras coisas atraentes para serem roubadas. Não era crime, como mais tarde passou a compreender a palavra. Era o instinto da apropriação, aproveitando-se de qualquer oportunidade que aparecesse, jamais com intenção de ferir ou prejudicar, nem de esquentar muito a cabeça quando as coisas não davam certo.

Mas esses garotos de agora — viu um grupo deles na esquina da Rua Knox — pareciam ser duma espécie mais letal. Embora tivessem crescido no mesmo ambiente impuro, ele e eles, com as mal sucedidas tentativas de arborização, os muros encimados por cacos de vidro e as cercas de arame farpado, o paredão implacável de concreto — embora compartilhassem de tudo isso, Marty sabia que não tinham nada mais em comum. O desespero e a lassidão moral daqueles garotos o intimidavam; sentia que seriam capazes de tudo. Não era um lugar para crescer, aquela rua, nem as outras mais próximas. De certo modo se alegrava por sua mãe ter morrido antes que a pior das mudanças tivesse desfigurado o bairro.

Chegou ao número 26. A casa tinha sido pintada. Numa das suas visitas à prisão, alguns anos atrás, Charmaine contara que o cunhado, Terry, havia pintado a casa, mas Marty tinha-se esquecido disso e a mudança de cor, depois de tantos anos imaginando-a verde e branco, era como uma bofetada. Um péssimo trabalho, meramente, superficial, e a tinta já começava a descascar em volta da janela. As cortinas de renda, que ele sempre havia detestado, tinham sido substituídas por persianas, agora des- cidas. No espaço disponível entre o vidro e a persiana, uma coleção de figurinhas de porcelana acumulava poeira.

Marty tinha ainda a chave, mas não teve coragem de usá-la. Além disso, ela provavelmente teria mudado a fechadura. Tocou a campainha. Não soou dentro da casa, e Marty sabia que podia ser ouvida da rua. Portanto, não estava funcionando. Bateu na porta.

Durante meio minuto não ouviu nada dentro da casa. Então, finalmente, passos arrastados (ela devia estar usando sandálias abertas atrás, que mudavam seu modo de andar) e Charmaine abriu a porta. Seu rosto não estava maquiado, o que tornou mais evidente sua reação. Reação de desagradável surpresa.

— Marty! — foi tudo o que disse. Nenhum sorriso de boas-vindas, nenhuma lágrima.

— Vim sem avisar — explicou-se ele, tentando parecer descontraído. Mas entendeu o erro tático cometido, no momento em que ela abriu a porta.

— Pensei que não o deixavam sair — disse, e se corrigiu —, quero dizer, que não podia sair da casa, você sabe.

— Pedi uma licença especial. Posso entrar, ou vamos conversar aqui na porta?

— Oh... sim. Naturalmente.

Marty entrou e Charmaine fechou a porta. Houve um momento embaraçoso no corredor. A proximidade dos dois parecia exigir um abraço, mas Marty sentia-se incapaz e ela pouco disposta a fazer o gesto. Charmaine o substituiu por um sorriso forçado e um leve beijo no rosto dele.

— Desculpe-me — disse ela, desculpando-se por nada especial. Foram até a cozinha. — Só que não esperava, só isso. — Venha. Não repare na desordem.

A casa cheirava a mofo, como se precisasse ser arejada. Roupa lavada secando nos aquecedores umedeciam a atmosfera, como lá na sauna do Santuário.

— Sente-se — convidou ela, tirando uma sacola de compras da cadeira. — Vou acabar isto aqui — Sobre a mesa havia mais roupa para lavar (ela continuava higiênica como sempre), que ela começou a colocar na máquina, falando nervosamente, os olhos evitando os dele enquanto se concentrava no que fazia; toalhas, roupa de baixo, blusas. Marty não reconhecia aquelas roupas e instintivamente começou a prestar atenção, esperando encontrar alguma coisa que tivesse visto no corpo dela antes. Não há oito anos talvez, mas pelo menos nas visitas à prisão. Mas tudo era novo.

— É que eu não o esperava — repetiu ela, fechando a máquina depois de colocar o sabão em pó. — Tinha certeza de que telefonaria antes. Olhe só para mim, pareço um trapo molhado. Meu Deus, tinha de ser logo hoje,

quando tenho tanta coisa para fazer. — Arregaçou as mangas do suéter e perguntou: — Quer um café? —, voltando-se para a chaleira, sem esperar resposta. — Você está bem, Marty, muito bem mesmo.

Como sabia? Mal tinha olhado para ele naquela atividade frenética. Ao passo que Matry não podia tirar os olhos dela. Ficou ali sentado vendo-a torcer um pedaço de pano para passar na pia e nada tinha mudado em oito anos — nada importante —, apenas algumas linhas nos seus rostos. Sentiu algo que parecia pânico; algo que devia ser controlado para não fazer papel de tolo.

Ela fez café; falou sobre as mudanças no bairro; sobre Terry e a saga da escolha da tinta para a fachada da casa; sobre o preço do metrô de Mile End a Wandsworth; sobre a ótima aparência dele.

— É verdade, Marty, não estou dizendo só por dizer...

Falou de tudo, sem dizer nada. Não era Charmaine falando e isso lhe doía. Doía a ela também, Marty sabia. Ela estava fazendo hora com ele, era isso, enchendo os minutos com palavras vazias até Marty desistir e ir embora.

— Escute — disse ela. Preciso trocar de roupa.

— Vai sair?

— Vou.

— Oh...

— Se me tivesse avisado que viria, Marty, eu teria reserva do meu tempo para ficar com você. Por que não me telefonou?

— Quem sabe podemos jantar juntos algum dia? — sugeriu ele.

— Talvez...

Estava decidida a não se comprometer.

— ...as coisas estão um pouco atrapalhadas no momento...

— Eu gostaria de um tempo para conversarmos. Você sabe, conversar direito.

Ela começava a ficar nervosa; Marty conhecia os sinais e Charmaine sabia que ele a observara. Apanhou as xícaras de café e levou-as para a pia.

—

Tenho de sair. — Faça mais café se quiser. As coisas estão no — você sabe onde. Há uma porção de coisas suas aqui, você sabe. Revistas de motos e coisas assim. Vou separar para você. Desculpe-me. Preciso trocar de roupa.

Saiu apressada — praticamente correndo, pensou ele — para o corredor e subiu a escada. Marty ouviu seus movimentos lá em cima; ela sempre teve o passo pesado. Água correndo na banheira. A descarga. Ele foi até o quarto dos fundos. Cheirava a cigarro velho, e um cinzeiro equilibrado no braço do sofá novo estava cheio até em cima. Parou na porta olhando para os objetos, como tinha olhado para a roupa por lavar, à procura de algo que conhecesse. Havia muito pouco. O relógio na parede era um presente de casamento e estava no mesmo lugar. O estéreo no canto era novo, um modelo elegante, provavelmente comprado por Terry para ela. A julgar pela poeira na tampa de acrílico raramente era usado, e a coleção de discos empilhados sem ordem continuava pequena como antes. Entre os discos estaria ainda aquele de Buddy Holly, *True Love Ways*? Eles o tocavam tanto que já devia estar mais do que gasto; dançavam essa música juntos naquela mesma sala — não dançavam exatamente, mas usavam a música como pretexto para ficar abraçados, como se precisassem de uma desculpa para isso. Era uma daquelas canções de amor que o faziam sentir-se romântico e infeliz ao mesmo tempo — como se cada frase estivesse carregada com a perda do mesmo amor que comemorava. Era o melhor tipo de canção de amor e o mais verdadeiro.

Sem poder suportar a sala por mais tempo, subiu a escada. Ela ainda estava no banheiro. Não tinha chave na porta; quando era menina,

Charmaine ficou certa vez trancada em um banheiro e tinha tanto pavor que isso se repetisse que insistia em não ter chave em nenhuma das portas internas da casa. No banheiro eles assobiavam para evitar que alguém entrasse de surpresa. Marty abriu a porta. Ela estava só de calcinha, um braço levantado, raspando a axila. Seus olhos se encontraram rapidamente no espelho e ela continuou o que estava fazendo.

— Não estava com vontade de tomar mais café — disse ele.

— Já se acostumou com o pó mais caro, não é? — observou Charmaine.

O corpo dela estava a menos de um metro dele e Marty sentiu a atração. Conhecia cada sinal daquelas costas, conhecia os lugares que quando tocados provocavam riso. Essa familiaridade era como uma espécie de propriedade; ela era dona dele pela mesma razão, se quisesse excercer seus direitos. Marty aproximou-se e encostou as pontas dos dedos na parte inferior das costas dela e os fez subir pela linha da coluna.

— Charmaine.

Ela olhou para ele pelo espelho outra vez — O primeiro olhar direto desde sua chegada — e Marty compreendeu que qualquer esperança de um contato físico era uma causa perdida. Ela não o queria; ou, se queria, não estava disposta a admitir.

— Não estou disponível, Marty — disse ela simplesmente.

— Ainda estamos casados.

— Não quero que você fique, desculpe.

Exatamente como tinha começado o encontro, “Desculpe”. Agora queria terminar do mesmo modo; sem nenhuma intenção de se desculpar realmente, apenas uma despedida delicada.

— Pensei nisto tantas vezes — disse ele.

— Eu também — foi a resposta. — Mas parei de pensar há uns cinco anos. Não adianta nada; você sabe disso tão bem quanto eu.

Os dedos dele estavam agora nos ombros de Charmaine. Tinha certeza de sentir uma mudança no contato, um tremor de excitação estabelecido entre a carne dela e a dele. Os bicos dos seios de Charmaine estavam eretos; talvez uma corrente de ar do corredor, talvez o toque dos seus dedos.

— Gostaria que você fosse embora — repetiu ela em voz firme, olhando para baixo, para o lavatório. Havia um tremor em sua voz que podia facilmente se transformar em lágrimas. Ele queria que ela chorasse, por mais estranho que isso fosse. Se ela chorasse, poderia beijá-la como

consolo, e o consolo ficaria mais forte enquanto ela se enfraquecesse, e acabariam na cama; ele sabia disso. Pelo mesmo motivo ela lutava para não demonstrar coisa alguma, conhecendo o roteiro tão bem quanto ele e resolvida a não se abrir para a afeição de Marty.

— Por favor — disse ela outra vez, claramente decidida. As mãos de Marty afastaram-se dos ombros dela. Não havia mesmo qualquer centelha entre eles; tudo estava, na sua imaginação. Tudo não passava de história antiga.

— Talvez numa outra ocasião — ele murmurou essa frase batida como se fosse angustiada.

— Talvez — respondeu ela, satisfeita em terminar tudo num tom conciliatório, por mais tênue que fosse.

— Mas telefone antes, por favor.

— Até logo. Você não precisa me acompanhar até a porta.

ANDOU A esmo durante uma hora, desviando-se das hordas de escolares que voltavam para casa, fazendo barulhada e procurando briga. Até mesmo ali naquele bairro viam-se os sinais da primavera. Era difícil para a natureza mostrar-se generosa naquelas circunstâncias, mas fazia o melhor possível: Nos minúsculos jardins à frente das casas, nas fileiras de vasos nas janelas, as flores se abriam; as poucas mudas de árvore que tinham sobrevivido ao vandalismo exibiam tenras folhas verdes. Se conseguissem sobreviver mais algumas estações de geada e de maus-tratos, poderiam crescer o bastante para abrigar ninhos. Nada exótico: na melhor das hipóteses, ninhos de briguentos estorninhos. Mas iam oferecer sombra no verão e um lugar ou dois para o luar se refletir quando alguém olhasse pela janela do quarto, tarde da noite. Surpreendeu-se com essa invasão de pensamentos inadequados — lua e estorninhos — como se ela fosse um adolescente com seu primeiro amor. Voltar tinha sido um erro; uma crueldade que infligira a si mesmo e a Charmaine. Não adiantava voltar lá e pedir desculpas, só podia piorar as coisas. Telefonaria, como Charmaine

tinha sugerido e a convidaria para um jantar de despedida. Então diria a ela, fosse verdade ou não, que estava preparado para a separação permanente, que esperava vê-la uma vez ou outra e diriam adeus civilizadamente, sem inimizade, e ela podia voltar à vida que estava levando, fosse lá qual fosse, e ele para a sua. Para Whitehead, para Carys. Sim, para Carys.

Então, de repente, as lágrimas o dominaram com uma fúria, fazendo-o em pedaços, e ele se viu em pé no meio de uma rua que não conhecia, cego por elas. Os garotos davam encontrões nele quando passavam, alguns se voltando, outros vendo sua angústia e gritando obscenidades para ele. Isto é ridículo, pensou Marty, mas nenhuma auto-censura, por mais pesada que fosse, fazia parar a torrente. Assim ele entrou num beco vazio, com a mão no rosto, e ficou ali até passar a crise. Uma parte dele sentia-se completamente desligada dessa explosão sentimental. Essa parte olhava para a outra, que soluçava, balançando a cabeça com desprezo por aquela fraqueza e confusão. Marty detestava ver homens chorando, ficava embaraçado, mas não havia como negar: ele estava perdido, essa era a verdade, perdido e com medo. Valia a pena chorar por isso.

Quando as lágrimas cessaram sentiu-se melhor, mas abalado. Enxugou o rosto e ficou no refúgio do beco até se acalmar.

Eram quatro e quarenta. Já tinha passado por Holborn e apanhado os morangos; seu primeiro dever logo que chegou à cidade. Agora isso tendo sido feito, e mais a visita a Charmaine, o resto da noite estendia-se à sua frente, esperando que a enchesse de prazer. Mas tinha perdido quase todo o entusiasmo por uma noite de aventura. Logo os bares estariam abertos e podia tomar algumas doses de uísque. Isso o ajudaria a se libertar dos espasmos no estômago. Talvez até mesmo aguçasse seu apetite novamente, mas duvidava.

Para passar o tempo até a abertura dos bares, resolveu dar uma volta pelo shopping. Inaugurado dois anos antes de Marty ser preso, era um prédio de azulejos brancos, palmeiras de plásticos e lojas elegantes com preços absurdos. Agora, menos de uma década depois, parecia pronto para ser demolido. Estava rabiscado com graffiti, os túneis e escadas imundos, várias lojas fechadas, outras tão desprovidas de atração e elegância que, sem dúvida, a única opção aberta aos proprietários era a de tocar fogo em tudo, receber o seguro e fugir para as montanhas. Encontrou uma pequena

banca de jornais com um paquistanês tristonho, comprou um maço de cigarros e se encaminhou para o *Eclipse*.

O bar acabava de abrir e os fregueses eram poucos. Dois rapazes com cara de roqueiros jogavam dardos; na sala do bar alguém comemorava: o coro desafinado cantava “Parabéns para você, querida Maureen’ ”. A televisão estava ligada para as notícias da noite, mas ele não podia ouvir grande coisa com o barulho da festa e, além disso, não estava interessado. Apanhou o uísque no bar, sentou-se a uma mesa e começou a fumar, um após .outro, os cigarros que tinha comprado. Sentia-se vazio. O álcool, ao invés de animá-lo, parecia fazer seus membros mais pesados.

Seus pensamentos divagaram. Livre associação de idéias levava as imagens a estranhas comunhões. Carys e ele e Buddy Holly. Aquela canção *True Love Ways* tocando no pombal, enquanto ele dançava com a jovem no ar gelado.

Quando afastou as imagens da mente já havia novos fregueses no bar; um grupo de jovens barulhentos, risadas eqüinas, abafando o som da televisão e da festa de aniversário. Um deles era evidentemente o centro da reunião, um indivíduo alto e magro, desconjuntado, com um sorriso tão largo que dava para tocar Chopin em seus dentes. Mark levou alguns segundos para registrar o fato de que conhecia aquele palhaço: era Flynn. De todas as pessoas que esperava encontrar por ali, Flynn era a última. Marty começou a se levantar e os olhos de Flynn — por uma coincidência quase mágica — passaram pelo salão e pararam nele. Marty interrompeu o movimento, como um ator que, esquecendo do que devia fazer em seguida, não sabe se vai para a frente ou para trás. Não tinha certeza de estar preparado para um dose de Flynn.

Então, o rosto do comediante se iluminou, reconhecendo-o, e era tarde demais para a retirada.

— Jesus cristo! — exclamou Flynn. O sorriso desaparecera momentaneamente, dando lugar a uma expressão de espanto total, ante de voltar, mais radiante do que nunca. — Vejam quem está aqui, vejam só! — e agora aproximava-se de Marty, braços estendidos acolhedores, a camisa mais berrante que alguém já vira aparecendo sob o paletó bem-feito.

— Puta que o pariu! Marty! Marty!

Um misto de abraço e aperto de mãos. Era um reencontro difícil, mas Flynn ignorou os obstáculos com a eficiência de um bom vendedor.

— Veja só! Imagine quem, imagine quem!

— Alô, Flynn.

Marty sentia-se como um primo pobre na frente daquela máquina de alegria instantânea, toda ela riso e cor. O sorriso de Flynn não lhe saía mais dos lábios e ele conduziu Marty para o bar, apresentando o círculo da sua audiência (Marty ouviu metade dos nomes, mas não conseguiu juntar nenhum com os respectivos rostos), então foi uma rodada de conhaque duplo para comemorar a volta ao lar de Marty.

— Não sabia que ia sair tão cedo — disse Flynn, brindando sua vítima.
— À diminuição da pena por bom comportamento!

Os outros homens não tentaram interromper a fala do mestre, mas começaram a conversar entre si, deixando Marty à mercê de Flynn. Flynn tinha mudado muito pouco. O estilo das roupas, naturalmente, era outro; estava vestido de acordo com a moda do ano anterior; estava começando a perder cabelo com certa rapidez; fora isso, era o mesmo farsante cheio de piadas que sempre fora, expondo uma coleção cintilante de mentiras para a inspeção de Marty. Suas ligações com o mundo da música, seus contatos em Los Angeles, seus planos para abrir um estúdio de gravação nas vizinhanças.

— Pensei muito em você — confirmava ele. — Imaginava como estava indo. Pensei em fazer-lhe uma visita, mas achei que não ia me agradecer por isso. — Estava certo — Além do mais, nunca estou por aqui, sabe? Diga então, meu filho, o que pretende fazer agora que voltou?

— Vim ver Charmaine.

— Oh. — Parecia ter-se esquecido de quem era ela — Ela está bem?

— Mais ou menos. Você é que parece estar muito bem.

— Tenho meus problemas, você sabe, mas quem não tem? Mas estou bem, sabe? — Abaixou a voz o máximo possível — O dinheiro graúdo está em drogas hoje em dia. Não em erva, mas a droga pesada. Trabalho especialmente com cocaína; uma vez ou outra com a heroína. Não gosto de usar... mas tenho gostos muitos caros. — Fez uma cara de “que mundo é este”, virou para o bar para pedir mais bebida e continuou a falar, uma sequência infundável de observações de mau gosto e de auto-promoção. Depois da resistência inicial, Marty sucumbiu ao estilo dele. Sua maré criativa continuava tão irresistível como antes. Apenas ocasionalmente fazia uma pausa para perguntar alguma coisa à audiência, o que convinha a Marty, que não tinha muita coisa que quisesse contar. Sempre fora assim.

Flynn, o garoto mal-educado, rápido e malandro; Marty o quieto, o que tinha todas as dúvidas. Como alter-egos. Simplesmente por estar com Flynn outra vez, Marty pôde ver-se com maior nitidez.

A noite passou rapidamente. As pessoas se aproximavam de Flynn, bebiam com ele e se afastavam, depois de se divertirem por alguns momentos com o bobo da corte. Alguns deles Marty conhecia e até houve alguns encontros embaraçosos, mas tudo foi mais fácil do que esperava, o caminho amaciado pela bonomia do antigo companheiro. Mais ou menos às dez e quinze ele saiu por alguns minutos — “Só para tratar de um pequeno negócio” — e voltou com um maço de notas no bolso interno do paletó, que começou a gastar imediatamente.

— O que você precisa — disse para Marty, quando já tinham bebido bastante — o, que você precisa é de uma boa mulher. Não — deu uma risadinha —, não, não, não! O que você precisa é uma mulher boa!

Marty assentiu com a cabeça, que lhe parecia instável no pescoço.

— Você acertou em cheio — respondeu ele.

— Vamos procurar umas garotas, hein? Que tal?

— Para mim está bem.

— Quero dizer, você precisa de companhia, cara, e eu também. E fazer um pouco daquilo como extra, você sabe. Tenho algumas damas disponíveis. Você vai gostar.

Marty estava bêbado demais para discutir. Além disso, a idéia de uma mulher — comprada ou seduzida, que diabo importava isso? — era a melhor que tinha ouvido há muito tempo. Flynn afastou-se, deu um telefonema e voltou com um sorriso malicioso.

— Sem problemas. — Nenhum problema. Mais um drinque, e pé na estrada.

Como um carneiro, Marty seguiu o seu guia. Tomaram mais um drinque juntos e saíram cambaleando do Eclipse para o carro de Flynn, um Volvo que já tinha visto melhores dias. Em cinco minutos chegaram a uma casa. A porta foi aberta por uma negra bonita.

— Úrsula, este é meu amigo Marty. Marty, diga oi para Úrsula.

— Oi, Úrsula.

— Onde estão os copos, meu bem? O papai aqui trouxe uma garrafa.

Beberam mais um pouco juntos e depois subiram; só então Marty compreendeu que Flynn não ia embora. Ia ser um menage à trois, como nos

velhos tempos. Sua inquietação inicial desapareceu quando a mulher começou a se despir para eles. A bebida havia amaciado as arestas das suas inibições. Sentou-se na cama, encorajando-a a tirar a roupa, vagamente consciente de que era provável que Flynn estivesse mais interessado no seu desejo do que na mulher. Que olhe, pensou Marty, a festa é dele.

No quarto pequeno e mal iluminado, o corpo de Úrsula parecia esculpido em manteiga negra. Entre os seios generosos uma pequena cruz de ouro brilhava. Sua pele brilhava também, cada poro marcado com uma gotícula de suor. Flynn começou a se despir também e Marty o imitou, quase caindo quando tirou a calça jeans, sem tirar os olhos da negra, depois sentou-se na cama e pôs a mão na coxa da mulher.

O que se seguiu foi uma rápida reeducação na arte do sexo. Como um nadador que volta à água depois de anos de ausência, lembrou-se imediatamente das braçadas. Nas duas horas seguintes reuniu punhados de lembranças para levar com ele: desviando os olhos do rosto divertido de Úrsula e vendo Flynn ajoelhado nos pés da cama chupando os dedos dos pés dela; Úrsula arrulhando como uma pomba negra sobre seu pênis ereto, antes de engolir-lo até a raiz, Flynn lambendo as mãos com um largo sorriso, lambendo e sorrindo. E, finalmente, ambos compartilhando Úrsula, Flynn mergulhado no traseiro dela, tornando realidade aquilo que aos onze anos ele afirmava que se fazia com as mulheres.

Depois dormiram juntos. No meio da noite Marty acordou e viu Flynn se vestindo e saindo de mansinho. Para casa, provavelmente; fosse onde fosse que estivesse a casa naqueles dias e noite.

ACORDOU ANTES do nascer do dia, desorientado por alguns segundos, até ouvir a respiração tranquila de Úrsula a seu lado. Despediu-se dela meio adormecida ainda e tomou um táxi até seu carro. Às oito e meia estava de volta ao Santuário. O cansaço ia se manifestar em algum

momento, e a ressaca também, mas Marty conhecia bem o relógio do seu corpo. Teria algumas horas de clemência antes de pagar o que devia.

Pearl estava na cozinha lavando a louça do café. Trocaram algumas amabilidades e Marty sentou-se para tomar três xícaras de café, uma atrás da outra. Tinha um gosto terrível na boca, e o perfume de Úrsula que parecia ambrosia na noite anterior, era doce demais nessa manhã. Sentia-o nas mãos e no cabelo.

— Teve uma boa noite? — perguntou Pearl. Ele fez um gesto afirmativo, sem responder. — Acho melhor tomar um bom café. Hoje não vou ter tempo de fazer almoço.

— Por que não?

— Muito ocupada com o jantar.

— Que jantar?

— Bill te conta. Ele quer falar com você. Está na biblioteca.

Toy parecia cansado, mas não tão abatido quando da última vez que tinham se encontrado. Talvez tivesse procurado um médico no intervalo, ou tirado umas férias curtas.

— Quer falar comigo?

— Sim, Marty, quero. Aproveitou sua noite na cidade?

— Muito. Obrigado por fazer com que fosse possível.

— Não foi obra minha; foi Joe. Gostam de você, Marty, Lillian disse que até os cachorros gostaram de você.

— Toy foi até a mesa, abriu a caixa de cigarros e escolheu um. Marty nunca o tinha visto fumar antes.

— Hoje você não vai ver o Sr. Whitehead; esta noite vai haver uma pequena reunião...

— É, Pearl me contou.

— Nada especial. O Sr. Whitehead dá jantares para umas poucas pessoas, uma vez ou outra. O caso é que gosta que sejam ocasiões privadas, portanto não vamos precisar de você.

Marty gostou. Pelos menos podia se deitar, recuperar um pouco do sono perdido.

— Naturalmente, vamos querer que fique na casa, para o caso de precisarmos, mas é pouco provável.

— Obrigado, Senhor.

— Acho que quando estamos sozinhos você pode me chamar de Bill, Marty; não vejo mais nenhum motivo para mantermos tanta formalidade.

— Como quiser...

— Afinal de contas... — parou para acender o cigarro — ... somos todos empregados aqui, não somos? De um modo ou de outro.

Quando terminou seu banho de chuveiro, Marty pensou em dar uma corrida mas abandonou a idéia, achando que seria quase masoquismo; deitou-se para um cochilo, sentindo os primeiros sinais da inevitável ressaca. Não conhecia cura para isso. A única escolha era dormir até passar tudo.

Só acordou no meio da tarde, e assim mesmo porque sentiu fome. A casa estava silenciosa. A cozinha vazia; só o zumbido de uma mosca na janela — a primeira que Marty via naquela estação — interrompia a calma glacial. Pearl devia ter terminado os preparativos para o jantar e ido para casa, talvez para voltar mais tarde. Marty foi até a geladeira à procura de alguma coisa para acalmar o estômago que roncava de fome. O sanduíche que fez parecia uma cama mal arrumada, com lençóis de presunto caindo para fora entre cobertores de pão, mas serviu para o que ele queria. Ligou a máquina de fazer café e saiu à procura de companhia.

Era como se todos tivessem desaparecido da face da terra. Vagueando pela casa, o abismo da tarde o devorou. A quietude e os restos de uma dor de cabeça conspiravam para deixá-lo nervoso. Surpreendeu-se olhando por sobre o ombro como um homem em um rua escura. Lá em cima estava mais quieto ainda; seus passos no patamar eram tão silenciosos como se ele não tivesse peso nenhum. Mesmo assim, começou a investigar.

No meio do caminho — no andar de Whitehead — ficava a barreira que não devia transpor. A suíte particular do velho ficava naquela extremidade da casa, bem como o quarto de Carys. Qual seria o dela? Tentou lembrar a planta externa da casa, a fim de localizar o quarto, por eliminação, mas não tinha imaginação suficiente para relacionar o exterior com as portas fechadas do corredor à sua frente.

Nem todas estavam fechadas. A terceira à direita estava entreaberta e agora, com os ouvidos atentos para o menor ruído, escutou o som de movimento no quarto. Sem dúvida era ela. Atravessou o liminar do território proibido, sem pensar em qual seria a punição pela invasão, ansioso demais para ver o rosto dela, talvez falar com ela. Chegou à porta e espiou para dentro.

Carys estava lá. Recostada na cama, olhava para um ponto distante. Marty ia entrar e falar com ela quando alguém se moveu no quarto, fora do seu campo de visão, escondido pela porta. Não precisou ouvir a voz para saber que era Whitehead.

— Por que me trata tão mal? — perguntou ele, com voz abalada — Sabe como sofro quando fica desse modo.

Ela não respondeu; se o ouviu, não deu nenhum sinal.

— Não peço muita coisa a você, peço? — lamentou-se o velho. Os olhos dela voltaram-se por um segundo para o pai. — Então, peço?

Finalmente ela se dignou responder. Quando o fez, sua voz estava tão baixa que Marty mal conseguiu ouvir.

— Você não se envergonha? — perguntou ela.

— Existem coisas piores, Carys, do que ter alguém que precisa de nós, pode acreditar.

— Eu sei — respondeu Carys, desviando os olhos.

Havia tanta dor, e tanta submissão na face daquela dor, naquelas duas palavras *Eu sei*. Marty sentiu um desejo quase doentio de tocá-la, de tentar sanar aquela mágoa anônima. Whitehead atravessou o quarto e sentou na beirada da cama, ao lado dela. Marty recuou, com medo de ser visto, mas a atenção de Whitehead concentrava-se no enigma dentro do quarto.

— O que é que você sabe? — perguntou. A delicadeza tinha se evaporado — Está escondendo alguma coisa de mim?

— Só sonhos — respondeu ela — Mais a mais.

— Que sonhos?

— Você sabe. Sempre a mesma coisa.

— Sua mãe?

Carys fez um gesto afirmativo.

— E outros — disse.

— Quem?

— Eles nunca se mostram.

O velho suspirou e olhou para o lado.

— E nos sonhos? — perguntou. — O que acontece?

— Ela tenta falar comigo. Tenta me dizer alguma coisa.

Whitehead não fez mais perguntas; parecia não saber mais o que perguntar. Seus ombros estavam curvados. Carys olhou para ele, pressentindo a derrota do velho.

— Onde está ela, Papá? — perguntou, inclinando-se para a frente pela primeira vez e passando o braço pelo pescoço dele. Um gesto claramente ardiloso; uma intimidade oferecida só para conseguir o que queria. Quanto teria ela oferecido, ou ele tomado, durante sua vida juntos? Aproximou o rosto do dele; a luz do fim do dia banhava-o com mágica.

— Diga, Papá pediu outra vez, — onde pensa que ela esteja?

E dessa vez Marty percebeu a provação que se escondia sob a pergunta aparentemente inocente. O que significava, ele não sabia, O que queria dizer aquela cena, a referência a frieza e vergonha, não estava claro. Mas a pergunta, fingida amorosidade estava feita — e ele teve de esperar mais um momento para ouvir a resposta.

— Onde está ela, Papá?

— Nos sonhos — respondeu ele, sem olhar para a filha. — Só nos sonhos.

Carys tirou o braço do ombro dele.

— Nunca minta para mim — advertiu ela secamente.

— É só o que lhe posso dizer — respondeu Whitehead com voz quase lamurienta. — Se você sabe mais do que eu... — Voltou-se e olhou para ela, uma aflição na voz. — Você sabe alguma coisa?

— Oh, Papá — censurou ela num murmúrio. — De novo com essas conspirações?

Quanta finta, quanta negação havia naquela conversa, pensou Marty.

— Espero que não suspeite de mim agora — disse ela.

Whitehead franziu a testa.

— Ora, de você jamais, meu bem — jamais de você.

Levou a mão ao rosto dela e inclinou-se para beijá-la na boca com seus lábios secos. Antes que se tocassem, Marty afastou-se silenciosamente.

Certas coisas ele não tinha força para assistir.

OS CARROS começaram a chegar no começo da noite. Marty reconheceu algumas vozes no vestíbulo. O grupo de sempre, pensou; entre eles o Dançarino do Leque e seus companheiros; Ottaway, Curtsinger e Dwoskin. Ouviu vozes de mulheres também. Haviam levado as esposas ou as amantes. Imaginou que tipo de mulheres seriam. Antes belas, agora amargas e desamadas. Entediadas com os maridos, sem dúvida, que pensavam mais em lazer dinheiro do que nelas. Ouviu fragmentos de risos e mais tarde sentiu o perfume delas, no corredor. Sempre teve um bom olfato. Saul teria orgulho dele.

Às oito e quinze foi à cozinha e esquentou o prato de ravióli que Pearl havia deixado para ele, depois retirou-se para a biblioteca a fim de assistir alguns vídeos de box. Os acontecimentos daquela tarde o perturbavam ainda. Por mais que tentasse, não conseguia tirar Carys da cabeça, e aquele estado emocional, sobre o qual quase não tinha controle, o irritava. Por que não era como Flynn, que comprava uma mulher para a noite e ia embora na manhã seguinte? Por que seus sentimentos sempre ficavam confusos, sem que pudesse distinguir uns do outros? Na tela a luta ficava cada vez mais sangrenta, mas ele mal registrou na mente o castigo ou a vitória. Via o rosto enigmático de Carys sentada em sua cama, examinava-o, procurando explicações.

Deixou o comentador tagarelando na televisão e foi até a cozinha apanhar algumas cervejas da geladeira. Nesse lado da casa não havia sequer um eco do barulho da festa. Além disso, uma reunião tão civilizada devia ser silenciosa, não é mesmo? Apenas o tilintar do cristal lapidado e conversas sobre prazeres de ricos.

Ora, que se fodessem, pensou. Whitehead, Carys e todo o resto. Não era seu mundo e não queria nada com ele, ou com eles, ou com ela. Podia ter todas as mulheres que quisesse em qualquer tempo — era só apanhar o telefone e chamar Flynn. Nenhum problema. Que eles ficassem com seus jogos idiotas, não estava interessado. Esvaziou a primeira lata de cerveja, de pé, na cozinha, apanhou mais duas latas e levou-as para a sala. Ia ficar

bêbado essa noite. Oh, sim, ia ficar tão bêbado que nada mais importaria. Especialmente ela. Porque ele não se importava. Ele não se importava.

O teipe tinha terminado e a tela estava vazia. Zumbia com um trêmulo desenho de pontos. Ruído branco. Não era assim que chamavam? Um retrato do caos, aquele zumbido, aqueles pontos se contorcendo; o universo zumbindo para si mesmo. Ondas de ar vazias nunca estavam realmente vazias.

Desligou o aparelho. Não queria mais ver lutas de box. Sua cabeça zunia também: ruído branco.

Recostado na poltrona tomou a segunda lata de cerveja em dois goles. A imagem de Carys com Whitehead entrou em foco outro vez. “Vá embora”, disse Marty em voz alta; mas ela não foi. Ele a desejava, era isso? Esta inquietação acabaria se a levasse para o pombal um dessas tardes e trepasse até ela pedir que jamais parasse? A idéia maldosa o deixou enojado; não podia desarmar essas ambiguidades com pornografia.

Quando abriu a terceira lata de cerveja percebeu que suava nas mãos, um suor pegajoso, que Marty associava com doença, como os primeiros sinais de um resfriado. Enxugou as palmas na calça jeans e pôs a lata de cerveja na mesa. Havia mais do que obsessão alimentando seu nervosismo. Algo estava errado. Levantou e foi até a janela. Estava olhando para a escuridão lá fora do outro lado do vidro, quando pensou ter descoberto o que estava errado. As luzes do gramado e na cerca externa não estavam acesas. Precisava fazer isso. Pela primeira vez, desde que chegara, havia trevas reais lá fora, uma noite mais negra do que vira em muitos anos. Em Wandsworth havia sempre luz; os holofotes iluminavam os muros do cair da noite até a madrugada. Mas ali, sem luzes da rua, lá fora era apenas noite.

Noite; e ruído branco.

EMBORA MARTY tivesse pensado o contrário, Carys não estava presente ao jantar. Poucas liberdades lhe restavam, e uma delas era recusar os convites do pai nessas ocasiões. Tinha aturado uma tarde cheia das suas lágrimas súbitas e de suas acusações igualmente repentinas. Estava cansada dos beijos e das dúvidas dele. Assim, nessa noite tomara uma dose maior do que costumara, ansiosa por se esquecer de tudo. Agora, o que queria era ficar deitada e se entregar à sensação de não existir.

Quando encostou a cabeça no travesseiro, alguma coisa, ou alguém a tocou. Voltou a si, sobressaltada. O quarto estava vazio. As luzes acesas e as cortinas fechadas. Não havia ninguém ali; era um truque dos sentidos, nada mais. Mas sentia um tremor nos nervos da nuca onde sentira o toque, uma reação nervosa como a de uma anêmona. Massageou o lugar com as pontas dos dedos. O susto desfez-lhe a letargia por alguns instantes. Não voltou a encostar a cabeça no travesseiro antes que seu coração diminuísse a disparada.

Sentou-se então na cama, imaginando onde estaria o corredor seu conhecido. Provavelmente no jantar, com o resto da corte de Papá. Iam gostar disso, convidá-lo para se divertirem sendo condescendentes com ele. Já não pensava naquele homem como um anjo. Afinal, agora tinha um nome e uma história (Toy tinha contado tudo o que sabia). Há muito perdera sua divindade. Era o que era — Martin Francis Strauss —, um homem de olhos verdes acinzentados, com uma cicatriz no rosto e mãos eloquentes

como as de um ator, mas ela não achava que ele fosse muito bom como profissional da farsa: os olhos o traíam facilmente.

Então sentiu o toque novamente, e dessa vez era mesmo dedos na sua nuca, como se os ossos da coluna tivessem sido apertados de leve, muito de leve, entre um polegar e um indicador. Ilusão absurda, mas muito persuasiva para ser ignorada.

Sentou-se à frente da peneteadeira e sentiu os tremores que se irradiavam do estômago para o resto do corpo. Seria apenas resultado de uma viagem perfeita? Jamais tivera problemas antes: a heroína que Luther lhe trazia dos fornecedores de Stratford era sempre da melhor qualidade. Papá podia pagar.

“Volte para a cama,” ordenou-se a si própria. “Mesmo que não consiga dormir, fique deitada.” Mas, quando se levantou, a cama parecia afastar-se dela, tudo o que havia no quarto reunindo-se num canto como desenhos num lençol puxado por mão invisível.

Então os dedos voltaram à sua nuca, mais insistentes agora, como se quisessem penetrar nela. Ergueu o braço e esfregou-a com movimentos vigorosos, maldizendo Luther em voz alta por lhe ter trazido mercadoria inferior. Provavelmente estava comprando heroína misturada e não pura e ficando com a diferença de preço. A fúria desanuviou sua cabeça por alguns momentos, pelos menos aparentemente, pois nada mais aconteceu. Caminhou firme para a cama apoiando a palma da mão no papel florido da parede. As coisas começaram a voltar aos lugares; o quarto entrou em perspectiva adequada outra vez. Com um suspiro de alívio deitou-se sem se cobrir e fechou os olhos. Algo dançava no interior das suas pálpebras. Figuras se formavam, se dispersavam para se formar outra vez. Nenhuma fazia sentido, eram borrões e manchas, graffiti de um lunático. Via-se com os olhos fechados, mesmerizada por sua fluente transformação, tão fascinante que mal percebeu os dedos outra vez no seu pescoço insinuando-se em sua substância com a sutil eficiência de um bom massagista.

E então o sono a venceu.

Não ouviu quando os cães começaram a latir. Marty ouviu. A princípio só um latido solitário, em algum ponto a sudeste da casa, mas o chamado de

alarme foi quase imediatamente acompanhado por um coro de outros latidos .

Levantou-se meio tonto da frente da televisão desligada e foi até a janela.

Agora estava ventando, e provavelmente o vento tinha derrubado algum galho seco, assustando os cães. Tinha visto vários olmos mortos que precisavam ser derrubados, numa das extremidades do terreno. Talvez um deles fosse o culpado. Porém, era melhor verificar. Foi até a cozinha e ligou as telas do circuito fechado de TV, passando de câmera a câmera em toda a cerca externa. Nada. Quando passou para as câmeras a leste dos bosques entretanto, a imagem desapareceu. Ruído branco substituiu a imagem da grama iluminada. Três câmeras estavam fora de ação.

“Merda”, disse ele. Se uma árvore tinha caído, e essa parecia a explicação mais lógica, especialmente porque as câmeras não estavam funcionando, ia ter um grande trabalho nas mãos. Era estranho, porém, que os alarmes não tivessem funcionado. Qualquer avaria incapacitando três câmeras teria de interromper o sistema da cerca; contudo, nenhuma campainha estava tocando, nenhuma sirenia apitando. Tirou a jaqueta com capuz do cabide atrás da porta, apanhou uma lanterna e saiu.

As luzes da cerca cintilavam na periferia da sua visão; rapidamente viu que estavam todas acesas. Caminhou na direção dos latidos dos cães. A noite não estava fria, apesar do vento; o primeiro calor confiante da primavera. Ficou satisfeito por estar andando, mesmo que fosse uma caminhada inútil. Podia não ser nem uma árvore, afinal, apenas uma falha elétrica. Nada era infalível. A casa estava mais distante agora, a luz das janelas mais fraca. Tudo à sua volta era escuridão. Estava isolado, a duzentos metros das luzes da cerca e das luzes da casa, tropeçando em terra de ninguém, a luz da lanterna insuficiente iluminando apenas alguns passos à frente. No bosque, o vento ocasionalmente trazia de longe algum som de vozes; o resto era silêncio.

Chegou afinal a cerca mais próxima dos latidos dos cães. Todas as luzes dos dois lados estavam acesas, sem nenhum sinal visível de qualquer perturbação. Apesar da exatidão tranquilizadora do cenário, algo naquilo tudo, algo na noite e no vento parecia estranho. Talvez o escuro não fosse tão benigno assim, o calor do ar tão natural para a estação. Sentiu um aperto no estômago e a cerveja pesada em sua bexiga. Era estranho não ver

e nem ouvir mais os cães. Errara no cálculo da posição deles ou tinham mudado de lugar perseguindo alguma coisa. Ou ocorreu-lhe o pensamento absurdo, sendo perseguidos.

As lâmpadas no alto da cerca balançavam suas cabeças encapuzadas às rajadas de vento; a cena ondulava estonteante na luz em movimento. Resolveu que não podia ir mais adiante sem aliviar a bexiga dolorida. Desligou a lanterna, guardou-a no bolso e abriu o fecho da calça, de costas para a cerca e para a luz. Era um alívio urinar na grama; a satisfação física o animou.

Estava no meio da operação quando as luzes às suas costas tremularam. Pensou a princípio que fosse uma brincadeira do vento. Mas não, estavam realmente diminuindo. Enquanto elas se apagavam, ao longo da cerca externa à sua direita, os cães recomeçaram a latir, raiva e pânico em seus latidos.

Não podia parar de urinar agora e durante valiosos segundos amaldiçoou sua falta de controle. Terminou, fechou a calça e começou a correr na direção do barulho. Enquanto corria, as luzes se acenderam outra vez incertas, os circuitos zumbindo, mas estavam colocadas muito longe umas das outras na cerca para tranquilizar Marty. Entre elas, manchas de escuridão se espalhavam, de modo que para um passo em dez tudo era claridade, para os outros nove, noite. Apesar do medo que apertava suas entranhas, continuou correndo, a cerca passando por ele, suas luzes tremeluzindo. Luz, escuridão, luz, escuridão.

Bem na sua frente armava-se o espetáculo. Um intruso estava de pé na extremidade da mancha de luz de uma das lâmpadas. Os cães estavam por toda a parte, nos calcanhares dele, no peito, mordendo e rasgando. O homem continuava de pé, pernas separadas, enquanto os animais se juntavam em volta dele.

Marty compreendeu que estava muito perto de assistir um massacre. Os cães pareciam enlouquecidos, atacando o intruso com toda a fúria que podiam reunir. Estranhamente, a despeito da violência do ataque, tinham os rabos entre as pernas e seus ganidos e rosnados eram baixos, enquanto davam a volta à procura de outra abertura, pois estavam em dúvida com medo. Job, ele notou, não estava sequer tentando atacar, rodeava os outros, os olhos semicerrados, assistindo aos atos heróicos dos companheiros.

Marty começou a chamá-los pelos nomes, usando os comandos fortes que Lillian tinha ensinado.

— Pare! Saul! Pare! Dido!

Os cães eram impecavelmente treinados; Marty os tinha visto fazer esse exercício uma dezena de vezes. Agora, a despeito da intensidade de sua fúria, largaram a vítima ao ouvir o comando. Relutantemente recuaram, orelhas pregadas nas cabeças, dentes à mostra, olhos fixos no homem.

Marty começou a andar na direção do intruso que estava de pé dentro do círculo de cães atentos, cambaleando um pouco e sujo de sangue. Não tinha nenhuma arma à vista; na verdade, parecia mais um vagabundo do que um assassino. O paletó simples e escuro estava rasgado em vários lugares onde a pele estava exposta o sangue brilhava.

— Mantenha os cachorros... longe de mim — pediu ele, a voz ferida. Tinha mordidas por todo o corpo. Em alguns lugares, especialmente nas pernas, pedaços de carne tinham sido arrancados. O dedo médio da mão esquerda fora cortado na segunda falange e pendia por um fino tendão. O sangue se espalhava pela relva. Marty admirou-se do homem estar ainda de pé.

Os cães continuavam em círculo em volta dele, prontos para recomeçar o ataque quando recebessem ordem; um ou dois olhavam impacientes para Marty. Estavam ansiosos para acabar com a vítima ferida. Mas o vagabundo não lhes dava a satisfação de nem uma grama do seu medo. Só tinha olhos para Marty e esses olhos eram pontos miúdos no branco sem brilho.

— Não se mexa — disse Marty. — se quer continuar vivo. Se tentar correr, eles vão derrubar você. Está entendendo? Não tenho muito controle sobre eles.

O outro não disse nada, simplesmente continuou olhando. Sua agonia Marty calculou, devia ser enorme. E ele já nem era mais um jovem. A barba meio crescida mostrava mais fios brancos do que escuros. Os ossos da cabeça sob a pele flácida e pálida configuravam uma disposição severa, os traços que desenhavam, abatidos e cansados, eram quase trágicos. O sofrimento aparecia só no brilho oleoso da pele e na fixidez dos músculos faciais. Seu olhar tinha a imobilidade do olho dum furacão, e a mesma ameaça.

— Como entrou? — perguntou Marty.

— Tire eles daqui — disse o homem. Falou como se esperasse ser obedecido.

— Venha até a casa comigo.

O homem balançou a cabeça, sem querer nem discutir essa possibilidade.

— Tire eles daqui — disse outra vez.

Marty cedeu à autoridade do estranho, sem saber bem porque. Chamou os cães pelos nomes. Obedeceram com olhares de censura, insatisfeitos por entregar a presa.

— Agora, vamos até a casa — ordenou Marty.

— Não é preciso.

— Vai morrer de hemorragia, pelo amor de Deus.

— Odeio cães — respondeu o homem, sem tirar os olhos de Marty. — Nós dois odiamos.

Marty não teve tempo para pensar no que o homem estava dizendo, só queria evitar que a situação ficasse crítica outra vez. A perda de sangue sem dúvida havia enfraquecido o homem. Se ele caísse, Marty não poderia evitar que os cães o atacassem para matar. Estavam em volta das suas pernas, olhando irritados para ele, que sentia seu hálito quente.

— Se não vier por bem, vou ter de levá-lo.

— Não. — O intruso levou a mão ferida à altura do peito e examinou o ferimento. — Não preciso da sua bondade, obrigado.

Mordeu o tendão do dedo mutilado como uma costureira mordendo o fio de linha. As falanges soltas caíram na relva. Então fechou a mão cheia de sangue e enfiou-a no bolso do paletó rasgado.

Marty disse:

— Cristo todo poderoso! — De repente as luzes na cerca começaram a tremular outra vez. Mas agora apagaram todas ao mesmo tempo. Na escuridão repentina, Saul ganiu. Marty reconheceu a voz do cão e compartilhou sua apreensão.

— O que está acontecendo, menino? — perguntou ao cão, desejando sinceramente que ele pudesse responder. E então as trevas se partiram: algo que não era eletricidade e nem a luz das estrelas iluminou a cena. O intruso era a fonte da luz: ele começou a arder com uma leve luminosidade. A luz pingava dos seus dedos e escorria dos orifícios sangrentos do seu paletó. Envolveu sua cabeça com um halo trêmulo acinzentado que não consumia a

carne e nem os ossos, derramando-se da boca, dos olhos, e do nariz. Agora começava a tomar formas estranhas, ou pelo menos assim parecia. Era tudo como se fosse uma série de ilusões. Fantasmas soltavam do fluxo de luz. Marty viu cães, depois uma mulher, e então um rosto; tudo e talvez nada, uma plêiade de aparições que se transformavam umas nas outras antes de se congelarem. Mas, no centro daqueles fenômenos rapidíssimos como mutações caleidoscópicas, os olhos do intruso se mantinham fixos em Marty, claros e frios.

Então, sem mais esta nem aquela, o espetáculo mudou de estilo. Uma expressão angustiada espalhou-se pelo rosto do ilusionista; uma baba de trevas sanguinolentas saiu dos seus olhos, extinguindo tudo aquilo que rodopiava no vapor, deixando somente vermes brilhantes de fogo delineando sua cabeça. Então eles também desapareceram e, com a mesma rapidez com que tinha começado, tudo acabou e ali estava apenas um homem ferido e rasgado de pé ao lado da cerca que zumbia.

As luzes estavam voltando, tão reais que eliminaram quaisquer vestígios de mágicas. Marty olhou para a carne flácida, os olhos vazios, a extrema pobreza do homem na sua frente e não acreditou no que via...

— Diga ao Joeseph — disse o intruso.

Talvez tudo não passasse de uma alucinação...

— Dizer o quê?

— Que eu estive aqui.

(Mas, se era só um truque, por que ele não se adiantava e prendia o homem?)

— Quem é você? — perguntou

— Apenas diga a ele.

Marty fez um gesto afirmativo; não tinha mais nenhuma vontade própria dentro de si.

— Então, vá para casa.

— Para casa?

— Para longe daqui — disse o intruso. — Para fora do perigo. Deu as costas a Marty e aos cães e com seu movimento as luzes tremularam e apagaram por uns doze metros de cada lado.

Quando se acenderam novamente, o mágico tinha desaparecido.

— ISSO FOI tudo o que ele disse?

Como sempre, Whitehead falava de costas para Marty e era impossível calcular sua reação ao que acabava de ouvir. Marty tinha feito uma descrição cuidadosamente elaborada do que realmente acontecera. Contou como tinha ouvido os cães, sua procura e a breve conversa com o intruso. Não contou o que não podia explicar: as imagens que o homem parecia ter tirado do próprio corpo. Isso não tentou descrever, nem mesmo contar. Simplesmente disse que as luzes na cerca tinham se apagado e que acobertado pela escuridão, o intruso tinha partido. Era um final muito fraco para o encontro mas não tinha capacidade para melhorar a história. Sua mente, dominada ainda pelas visões da noite anterior, estava pouco certa do que era a verdade objetiva para pensar em uma mentira mais elaborada.

Há vinte e quatro horas que Marty não dormia. Tinha passado o resto da noite examinando a propriedade, procurando na cerca o lugar por onde o intruso pudesse ter entrado. Mas não havia qualquer abertura. Ou o homem conseguira entrar quando os portões estavam abertos para a entrada de um dos carros dos convidados, o que era possível, ou tinha escalado a cerca, ignorando a carga elétrica que teria matado qualquer outro homem. Depois de ver os truques daquele mágico, Marty não eliminava essa possibilidade. Afinal de contas, ele tinha inutilizado os alarmes — e de algum modo retirado a força das lâmpadas da cerca. Como conseguira isso era um mistério. Poucos minutos depois do desaparecimento do intruso todos os sistemas estavam funcionando perfeitamente de novo; os alarmes e as câmeras em ordem, em todo o perímetro do terreno.

Depois de verificar as cercas, Marty tinha voltado para a casa e sentado na cozinha para reconstruir todos os detalhes do que acabara de acontecer. Mais ou menos às quatro horas da manhã a festa terminou; risadas, portas

de carros se fechando. Não tentou comunicar a ocorrência naquele momento. Não adiantava, pensou, estragar a noite de Whitehead. Ficou ali sentado ouvindo os ruídos dos convidados na outra extremidade da casa. As vozes eram borrões incoerentes, como se ele estivesse sob a terra e eles lá em cima. E enquanto escutava, exausto depois do intenso afluxo de adrenalina, lembranças do homem na cerca voltavam à sua mente.

Não contou nada disso a Whitehead. Apenas os fatos reais e aquelas poucas palavras: “Diga a ele que eu estive aqui”. Isso era o bastante.

— Ele estava muito ferido? — perguntou Whitehead, sempre olhando pela janela.

— Perdeu um dedo, como eu disse. E estava sangrando muito.

— Sentindo dor, você diria?

Marty hesitou antes de responder. Dor não era a palavra que queria usar; não dor como ele a compreendia. Mas se usasse outra qualquer, como angústia — algo que sugerisse os abismos atrás dos olhos glaciais —, arriscava-se a invadir áreas nas quais não estava preparado para entrar, pelo menos não com Whitehead. Tinha certeza de que permitindo que o velho sentisse sua ambivalência, as armas estariam à mostra. Portanto, respondeu:

— Sim. Ele estava sentindo dor.

— E disse que tirou o pedaço do dedo com os dentes?

— Tirou.

— Talvez deva procurá-lo mais tarde.

— Já procurei. Acho que um dos cães o apanhou.

Teria Whitehead dado uma risadinha divertida? Parecia que sim.

— Não acredita? Perguntou Marty, pensando que o velho ria dele.

— Naturalmente que acredito. Era só uma questão de tempo a vinda dele.

— Sabe quem ele é?

— Sei.

— Então pode mandar prender aquele homem.

Whitehead não parecia estar se divertindo agora. Suas palavras seguintes foram ditas num tom de voz inexpressivo.

— Não se trata de um intruso comum, Strauss, como já deve ter percebido. O homem é um assassino profissional de primeira classe. Veio

até aqui com o objetivo expresso de me matar. Não conseguiu por causa da sua intervenção e da dos cães. Mas vai tentar outra vez...

— Mais uma razão para mandar procurá-lo, Senhor.

— Nenhuma força policial da Europa pode encontrar esse homem.

— ...mas se é um assassino conhecido... — Marty insistiu. Sua teimosa decisão de não abandonar o assunto, até conseguir alguma coisa, começava a irritar o velho, que resmungou sua resposta:

— Eu o conheço. Talvez alguns outros, muito poucos, que se encontraram com ele através dos anos... mas isso é tudo.

Whitehead deixou a janela e foi até a escrivaninha, abriu a gaveta com a chave e tirou uma coisa envolta num pano. Colocou na mesa polida e desembalou. Era um revólver.

— Vai usar isto sempre, daqui em diante — disse para Marty. — Apanhe-o, ele não morde.

Marty apanhou a arma da mesa. Era fria e pesada.

— Não hesite, Strauss. Esse homem é portador da morte.

Marty passou a arma de uma das mãos para a outra; uma sensação desagradável.

— Algum problema? — perguntou Whitehead.

Marty resmungou baixinho antes de responder.

— É só que... bem, estou sob liberdade condicional, Senhor. Esperam que obedeça a lei. Agora, o Senhor me dá uma arma e me manda atirar sem hesitação. Quero dizer, estou certo de que tem razão a respeito desse assassino, mas acho que ele nem estava armado.

— A expressão de Whitehead, até então desligada, mudou enquanto Marty falava. Os dentes amarelados apareceram quando ele respondeu.

— Você é propriedade minha, Strauss. Preocupe-se comigo, do contrário ponho você para fora daqui amanhã cedo. Comigo! Bateu no peito com a ponta do dedo indicador. — Não com você. Esqueça-se de você!

Marty engoliu todas as respostas possíveis: nenhuma delas era educadas.

— Quer voltar para Wandsworth? — perguntou o velho. A raiva tinha desaparecido; os dentes amarelos haviam sido embainhados. — Quer?

— Não. Naturalmente que não.

— Se quiser, pode ir. É só dizer.

— Eu disse não!... Senhor.

— Então, escute — disse o velho. —, o homem que viu a noite passada quer me fazer mal. Veio aqui para me matar. Se voltar — e vai voltar — quero que lhe retribua a gentileza. Depois cuidaremos do resto, ouviu, meu rapaz? — Os dentes apareceram outra vez no sorriso de raposa. — Isso mesmo... depois veremos...

Carys acordou abatida. A princípio, não se lembrou de nada da noite anterior, mas aos poucos recordou a péssima viagem: o quarto como uma coisa viva, os dedos fantasmagóricos que tinham beliscado — ternamente — sua nuca.

Não se lembrava do que tinha acontecido quando os dedos se aprofundaram em sua carne. Tinha se deitado, não era isso? Sim, lembrava agora, tinha se deitado. Só então, com a cabeça no travesseiro e o sono chegando começou realmente a viagem terrível.

Nenhum sonho; pelo menos não como os que tinha antes. Nenhum espetáculo, nenhum símbolo, nenhuma lembrança fugitiva se entrelaçando com horrores. Nada. E isso foi (e ainda era) o terror. Sentiu-se solta no vazio.

— Vazio.

Uma palavra sem vida quando dita assim em voz alta; não descrevia nem de perto o lugar que descobrira; o vazio mais imaculado, os terrores que despertava mais atrozes, a esperança de salvação no seu interior mais frágil do que em qualquer outro lugar que conhecia. Um lendário Lugar Nenhum, ao lado do qual qualquer outra treva era luz ofuscante, qualquer outro desespero era mero namoro com o abismo, não o próprio abismo.

O arquiteto daquele vazio estava lá também. Lembrava alguma coisa do rosto suave, que não a tinha convencido. Veja como é extraordinário este vazio, clamava ele; como é puro, como é absoluto. Um mundo de maravilhas não se compara com ele, jamais poderá ter esperança de se comparar com tão sublime nada.

E, quando acordou, a afirmação ainda estava ali. Era como se a visão fosse verdade, e a realidade ficção. Como se cor, forma e substância fossem pequenas distrações destinadas a obscurecer a verdade daquele vazio que

ele havia mostrado. Agora Carys esperava, mal consciente da passagem do tempo, ocasionalmente passando a mão pelo lençol ou sentindo o tapete sob os pés nus, esperando em desespero pelo momento em que tudo ia desaparecer e o vazio ia voltar para devorá-la.

Muito bem, pensou, vou para a ilha ensolarada. Mais do que nunca merecia brincar ali agora, depois de tanto sofrimento. Mas algo contrariava a idéia. A ilha não era também ficção? Se fosse para lá, não estaria mais fraca quando o arquiteto voltasse com seu vazio? Seu coração começou a bater loucamente nos ouvidos. Quem podia ajudar? Ninguém compreendia. Só Pearl, com seus olhos acusadores e seu desprezo disfarçado; e Whitehead, satisfeito em fornecer-lhe a heroína, desde que isso a fizesse obediente; e Marty, o corredor, com certa doçura de atitudes mas tão ingenuamente pragmático que ela jamais poderia sequer começar a explicar-lhe a complexidade das dimensões nas quais vivia. Era homem de um só mundo; ia olhar espantado, tentando inutilmente compreender.

Não; não tinha nenhum guia, nenhuma placa indicadora do caminho. Seria melhor voltar do modo que sabia. Voltar para a ilha.

Era uma mentira química, que mataria com o tempo; mas a vida também matava com o tempo, não matava? E se a morte era a realidade final, não era mais sensato ir para ela feliz do que apodrecer num buraco sujo, num mundo onde o vazio murmurava em cada canto? Assim, quando Pearl subiu com sua heroína, Carys a apanhou, agradeceu delicadamente e foi para a ilha, dançando.

O MEDO podia fazer o mundo girar se as engrenagens estivessem suficientemente engraxadas. Marty tinha visto o sistema praticado em

Wandsworth: uma hierarquia construída sobre o medo. Era violenta, instável e injusta, mas perfeitamente funcional.

Ver Whitehead, o calmo e imóvel centro do seu universo, tão alterado pelo medo, suando frio, cheio de pânico, foi um choque inesperado. Marty não sentia nada pessoal pelo velho — pelo menos não que soubesse —, mas tinha visto o tipo de integridade de Whitehead em funcionamento e tirara proveito dela. Agora, pensava, a estabilidade que tanto o agradava estava ameaçada de extinção. Pois o velho já lhe começava a sonegar informações — talvez a chave para que Marty entendesse a situação — sobre o intruso e seus motivos. Ao invés da franqueza de antes, Marty via insinuações e ameaças. Era prerrogativa dele, sem dúvida. Mas deixava Marty com um enigma nas mãos.

Uma coisa era indiscutível: apesar do que Whitehead tinha dito, o homem na cerca não era um assassino convencional alugado. Várias coisas inexplicáveis tinham acontecido. As luzes que se enfraqueceram e se apagaram, como que obedecendo a algum sinal; as câmeras misteriosamente inoperante quando o homem apareceu. Os cães tinham percebido o mistério também. Do contrário, não teriam demonstrado aquele misto de raiva e apreensão. E restavam as ilusões — aquelas figuras se queimando no ar. Nenhum truque de mágica, por mais sofisticado que fosse, podia explicar isso satisfatoriamente. Se Whitehead conhecia aquele “assassino” tão bem quanto dizia, devia conhecer também as habilidades do homem; simplesmente estava assustado demais para falar nelas.

Marty passou o dia fazendo um interrogatório muito discreto, mas logo se tornou aparente que Whitehead não tinha contado nada a Pearl, Lillian ou Luther. Estranho. Evidentemente era o momento para todo mundo redobrar a vigilância. A única pessoa que sugeriu saber alguma coisa sobre os acontecimentos da noite foi Bill Toy, mas, quando Marty tocou no assunto, foi evasivo.

— Compreendo que ficou numa situação difícil, Marty, mas todos nós estamos nesse caso agora.

— Sei que posso fazer melhor meu trabalho...

— ...se souber dos fatos.

— Isso mesmo.

— Bem, acho que tem de concordar que Joe é quem sabe — fez uma careta. — Devíamos ter isto tatuado em nossas mãos, não acha? Joe sabe o

que faz. Gostaria de poder dizer mais. Gostaria de saber mais. Acho que é melhor para todos os interessados que você deixe as coisas como estão.

— Ele me deu uma arma, Bill.

— Eu sei.

— E disse que devo fazer uso dela.

Toy assentiu com a cabeça; parecia magoado com tudo aquilo, até mesmo com pena.

— São tempos ruins, Marty. Nós todos... temos de fazer muitas coisas que não queremos, acredite.

Marty acreditou; confiava em Toy o bastante para saber que se pudesse dizer algo sobre o assunto teria dito. Era possível que nem mesmo soubesse quem tinha violado o Santuário. Se era um confronto particular entre Whitehead e o estranho, então talvez a explicação completa só pudesse vir do velho, e era evidente que não ia ser dada.

Marty tinha uma última entrevista. Carys.

Não a via desde que invadira a área proibida no andar de cima. A cena entre Carys e o pai o deixara perturbado e sabia que, por uma birra infantil, procurava puní-la negando-lhe sua companhia. Agora via-se obrigado a procurar Carys, por mais desagradável que fosse o encontro.

Encontrou-a naquela tarde perto do pombal. O casaco de pele que vestia parecia comprado numa loja de segunda mão; duas vezes maior do que ela e roído de traça. Na verdade, agasalhada demais. A temperatura estava quente apesar das rajadas de vento, e as nuvens que passavam pelo céu azul de Wedgewood não pareciam ameaçadoras, muito pequenas, muito brancas. Nuvens de abril, contendo na pior das hipóteses uma chuva de verão.

— Carys!

Os olhos que se voltaram para ele estavam tão abatidos e cansados que pareciam machucados. Tinha na mão um ramo de flores que mais parecia uma trouxa, algumas ainda em botão.

— Cheire — ordenou ela, estendendo as flores para ele.

Marty cheirou. Eram praticamente sem perfume, cheiravam somente a ansiedade e a terra.

— Não sinto muito perfume.

— Ótimo! — Pensei que estava perdendo meus sentidos.

Deixou cair as flores, impaciente com elas.

— Não se importa se a interrompo?

Balançou a cabeça.

— Pode interromper à vontade.

O modo estranho de Carys o impressionou mais do que nunca; ela sempre falava como se estivesse pensando em uma piada particular. Marty queria entrar na brincadeira, aprender aquela linguagem secreta, mas ela parecia completamente fechada, uma anacoreta atrás de um muro de sorrisos.

— Deve ter ouvido os cães a noite passada — disse ele.

— Não me lembro — Carys franziu a testa — Talvez.

— Alguém falou sobre isso com você?

— Por quê?

— Não sei. Só estava pensando.

Ela o tirou do embaraço com um aceno decidido da cabeça.

— Sim, se quer saber. Pearl me disse que tivemos um intruso. E você o espantou, não foi isso? Você e os cães.

— Eu e os cachorros.

— E qual de vocês arrancou um pedaço do dedo dele?

Teria Pearl contado isso também ou o velho tinha feito questão de relatar o detalhe? Teriam estado juntos nesse mesmo dia no quarto dela? Cancelou a cena antes que se formasse em sua mente.

— Pearl lhe contou isso?

— Não vi o velho, se é o que você quer saber.

Os pensamentos de Marty se fecharam; era tenebroso. Ela usava até suas palavras. O velho, ela dizia, não Papá.

— Vamos andar até o lago? — sugeriu Carys, não parecendo se importar em ir ou não.

— Vamos.

— Estava certo sobre o pombal, sabe — comentou ela. — É feio mesmo, quando está assim vazio. Nunca tinha pensado nisso antes.

A imagem do pombal deserto parecia realmente deixá-la nervosa. Estremeceu sob o casaco pesado.

— Correu hoje? — perguntou.

— Não. Estava muito cansado.

— Foi tão ruim?

— O quê foi tão ruim?

— A noite passada.

Ele não sabia como começar a responder. Sim, naturalmente tinha sido péssimo, mas, mesmo que confiasse nela o bastante para contar o pesadelo que tivera — e não estava de modo nenhum certo do que tinha visto —, seu vocabulário seria penosamente inadequado.

Carys parou quando avistaram o lago. Floreszinhas brancas pintavam como estrelas a relva sob seus pés. Marty não sabia como se chamavam. Observou as flores e ela perguntou:

— É só outra prisão, Marty?

— O quê?

— Isto aqui.

Tinha a arte do pai dos non sequiturs. Marty não esperava a pergunta e ficou perturbado. Ninguém havia perguntado como se sentia até então. Apenas perguntas superficiais sobre seu conforto físico. Talvez por isso não se tivesse dado ao trabalho de perguntar a si mesmo. A resposta — quando chegou afinal — foi hesitante.

— É... acho que é ainda uma prisão. Não tinha pensado... quero dizer, não posso ir embora quando quiser, posso? Mas não se compara... com Wandsworth — mais uma vez seu vocabulário falhou —, isto é apenas outro mundo.

Marty queria dizer que amava as flores, o tamanho do céu, as floreszinhas brancas nas quais pisavam, mas sabia que tudo isso ia parecer pesado em sua boca. Não tinha o talento para aquele tipo de conversa; não era como Flynn, que podia inventar poesia num momento como se fosse sua segunda língua. Sangue irlandês, ele dizia, para explicar sua loquacidade. Tudo o que Marty pode dizer foi:

— Posso correr aqui.

Ela murmurou alguma coisa que Marty não ouviu; talvez apenas concordando. Fosse como fosse, a resposta aparentemente a satisfez e ele sentiu que a raiva, o ressentimento contra a facilidade com que ela falava e contra a sua vida secreta com Papá, estavam se dissolvendo.

— Joga tênis? — ela perguntou outra vez, sem motivo nenhum.

— Não. Nunca joguei.

— Gostaria de aprender? — sugeriu, olhando de lado para ele, com um largo sorriso — Posso ensinar. Quando ficar mais quente.

Parecia frágil demais para aquele exercício cansativo; viver na margem das coisas aparentemente esgotava suas forças, embora Marty não soubesse

que margem era essa.

— Você me ensina, eu jogo — respondeu ele, satisfeito com o acordo.

— Fechado? — perguntou Carys.

— Fechado.

... e seus olhos, pensou ele, são tão escuros, olhos tão ambíguos que se desviam e ficam às vezes velados e às vezes, quando menos se espera, olham para nós tão diretamente que é como se estivessem despindo nossa alma.

... e ele não é bonito, pensou ela; usado demais para isso, e corre para se manter em forma porque se parar vai ficar flácido. Provavelmente um narcisista; aposto que fica na frente do espelho todas as noites e deseja ser outra vez um garotinho bonito ao invés de sólido e sombrio.

Apanhou um pensamento dele, sua mente erguendo-se, facilmente subindo, acima da sua cabeça (pelo menos era assim que ela visualizava isso) e agarrando o pensamento no ar. Fazia isso sempre — com Pearl, com o pai —, esquecendo que as outras pessoas não tinham essa facilidade de entrar na mente dos outros.

O pensamento que agarrou era: Tenho de aprender a ser delicado; isso ou alguma coisa parecida. Ele estava com medo de que ela se quebrasse, pelo amor de Deus. Por isso ficava todo cheio de dedos quando estavam juntos, tão cuidadoso em tudo o que fazia e dizia.

— Não vou quebrar — murmurou ela, e uma área do rosto dele ficou vermelho.

— Desculpe — disse Marty.

Carys não sabia se ele estava admitindo o erro ou não tinha entendido a observação.

— Não precisa me tratar com luvas de pelica. Não quero isso de você. É o que tenho o tempo todo.

Marty olhou para ela desconsolado. Por que não acreditava no que ela estava dizendo? Carys esperou, ansiosa por uma pista, mas nenhuma foi oferecida, nem tentada.

Tinham chegado à nascente que alimentava o lago. Era rápida e profunda. Tinha morrido gente afogada ali, contavam, há uns vinte anos, um pouco antes de Papá comprar a propriedade. Ela começou a explicar tudo isso e contou sobre uma carruagem que tinha caído no lago com cavalos e tudo durante uma tempestade, falando sem ouvir as próprias

palavras, pensando em como atravessar a cortesia e o machismo dele e chegar à parte

que pudesse ser útil para ela.

— E a carruagem ainda está lá? — perguntou Marty, olhando para a água em movimento.

— Provavelmente — respondeu ela. A história já tinha perdido o encanto.

— Por que não confia em mim? — Carys perguntou-lhe de choque.

Ele não respondeu; mas era claro que vacilava em dizer alguma coisa. A expressão intrigada na testa franzida foi substituída pelo desapontamento. Diabo, pensou ela, agora estraguei tudo. Mas estava feito. Fizera uma pergunta direta e estava pronta para ouvir as más novas, fossem quais fossem.

Quase sem planejar o furto, roubou outro pensamento dele que era tão chocantemente claro como se estivesse acontecendo. Através de seus olhos Carys viu a porta do próprio quarto, ela deitada na cama, os olhos vidrados, e Papá sentado ao seu lado. Quando foi isso?, pensou ela. Ontem? Anteontem? Teria Marty escutado a conversa e por isso o desagrado que demonstrava? Quis bancar o detetive e não gostou da descoberta.

— Não sou muito bom de relacionar-me com as pessoas — explicou-se ele, respondendo à pergunta sobre confiança. — Nunca fui.

Como se esquivava em lugar de dizer a verdade! Estava sendo obscenamente delicado com ela. Teve vontade de estrangulá-lo.

— Você esteve nos espiando — disse Carys com brutal sinceridade. — É isso, não é? Você me viu com Papá...

Tentou fazer com que parecesse uma suposição. Mas não foi convincente e percebeu isso, mas, que diabo, estava dito e ele te-ria de inventar as razões que a tinham levado a essa conclusão.

— O que foi que ouviu? — perguntou, mas não teve resposta.

Não era a raiva que o impedia de falar, mas vergonha por ter espiado. Agora todo seu rosto estava corado.

— Trata você como se fosse propriedade dele — murmurou, sem tirar os olhos da água agitada.

— E de certo modo eu sou, mesmo.

— Por quê?

— Sou tudo o que ele tem. Está sozinho...

— Eu sei.

— ... e com medo.

— Alguma vez ele deixa você sair do Santuário?

— Não tenho vontade de sair. Tenho aqui tudo o que quero.

Marty teve vontade de perguntar o que ela fazia quando queria um companheiro de cama, mas já estava bastante embaraçado. De qualquer modo, ela havia descoberto o pensamento e logo depois, a imagem de Whitehead inclinando-se para beijá-la. Mais, talvez, do que um beijo paterno. Embora ela procurasse não pensar muito nessa possibilidade, não podia evitar. Marty era mais perspicaz do que tinha pensado; percebera aquele sub-texto em toda a sua sutileza.

— Não confio nele — disse Marty. Desviou os olhos da água e voltou-se para ela. Sua confusão era aparente.

— Eu sei como manejá-lo — respondeu Carys. — Fiz um trato com ele. Ele entende de tratos. Ele tem a minha companhia e eu tenho o que quero.

— E o que é que você quer?

Agora foi ela quem desviou os olhos. A espuma da água era marrom.

— Um pouco de sol — respondeu finalmente.

— Pensei que isso era de graça — comentou Marty, intrigado.

— Não do jeito que eu gosto — O que ele queria? Desculpas? Se era isso, ia ficar desapontado.

— Preciso voltar para a casa — disse ele.

De repente, Carys implorou:

— Não me odeie, Marty.

— Não a odeio — disse de com sinceridade.

— Somos iguais em várias coisas...

— Iguais?

— Ambos pertencemos a ele.

Outra verdade terrível. Decididamente, Carys estava repleta delas nessa tarde.

— Você podia dar o fora daqui se quisesse, não podia? — perguntou Marty provocadoramente.

Ela assentiu.

— Creio que sim. Mas para onde?

A pergunta não fazia sentido para ele. Havia um mundo inteiro do outro lado da cerca e ela sem dúvida tinha dinheiro suficiente para explorá-lo,

sendo afinal a filha de Joseph Whitehead. Será que achava essa perspectiva tão sem encantos? Formavam um estranho par. Ele com sua experiência artificialmente abreviada — anos de vida desperdiçados — e agora ansioso para compensar o tempo perdido. Ela, tão indiferente, fatigada só com a idéia de escapar da prisão que tinha escolhido.

— Você poderia ir para qualquer lugar — disse ele.

— Isso é tão bom quanto nenhum lugar — respondeu Carys secamente. Era esse o ponto de destino que não lhe saía da cabeça. Olhou para ele, esperando alguma compreensão, mas não havia nenhuma.

— E resmungou. — Mudemos de assunto, determinou Carys.

— Você vem comigo?

— Não. Acho que vou ficar um pouco mais por aqui.

— Não se atire na água.

— Você não sabe nadar, não é? — perguntou ela com voz seca.

Marty franziu a testa, sem compreender.

— Não tem importância. Nunca pensei que fosse um herói.

Deixou-a a poucos centímetros da margem, olhando para a água. O que tinha dito era verdade: ele não tinha jeito de tratar com as pessoas. Mas, com mulheres, era pior ainda. Devia ter sido padre, como sua mãe queria. Isso resolveria o problema, só que não tinha a menor queda para a religião. Talvez fosse parte do problema entre ele e Carys: nenhum dos dois acreditava em coisa alguma. Não havia nada para dizer, nenhum assunto para discutir. Olhou em volta. Ela havia caminhado um pouco para longe. O sol refletia-se no espelho d'água, delineando em fogo sua figura. Era quase como se ela não fosse real.

Terceira Parte: DUQUE

DUQUE (1) sub. O *dois*, em jogos de dados ou cartas; (Tênis) estado da contagem (40 os dois lados e número igual de *games*) no qual cada jogador precisa fazer dois pontos (ou *games*) consecutivos para ganhar.

••

DUQUE (2), sub. Praga, maldade, o Demônio. (Na gíria americana, *deuce* — duque — tem esse sentido também.)

V. Superstição

29

MENOS DE uma semana depois da conversa perto da nascente, as primeiras rachaduras muito finas começaram a aparecer nos pilares do Império Whitehead. Alargaram-se rapidamente. Foi iniciada uma venda espontânea de suas ações nas Bolsas de todo o mundo, uma súbita queda de confiança na credibilidade do Império. Perdas significativas nos valores dos títulos logo se multiplicaram. A febre de vender, uma vez contraída, parecia incurável. Em um dia mais visitantes apareceram na casa do que durante todo o tempo que Marty estava ali. Entre eles, naturalmente, os rostos conhecidos. Mas desta vez havia dezenas de outros, analistas financeiros, pensou ele. Visitantes japoneses e europeus misturavam-se com os ingleses, até o lugar soar com mais sotaques do que as Nações Unidas.

A cozinha, para grande irritação de Pearl, imediatamente se transformou em ponto de reunião improvisado para os que não precisavam estar no momento na presença do grande homem. Reuniam-se em volta da grande mesa, pedindo café o tempo todo, discutindo as estratégias que tinham ido formular ali. Grande parte das conversas não era compreendida por Marty, mas era claro, pelo que ouvia, que a Companhia enfrentava uma emergência inexplicável. Quedas de proporções monstruosas aconteciam em toda a parte. Falava-se da intervenção do governo para impedir o colapso iminente na Alemanha e na Suécia. Falavam da sabotagem que dera origem à catástrofe. Aparentemente todos aqueles profetas concordavam com a idéia de que somente um plano cuidadoso — preparado durante anos poderia ter prejudicado tão profundamente o destino da Companhia. Havia insinuações de interferência oculta do governo; de conspiração dos concorrentes. A paranóia na casa não tinha limites.

Havia alguma coisa na preocupação nervosa daqueles homens, as mãos se agitando no ar para contradizer as observações do interlocutor, que para Marty parecia absurda. Afinal de contas, nunca tinham visto os bilhões perdidos e ganhos, nem as pessoas cujas vidas organizavam tão casualmente. Era tudo uma abstração, números em sua cabeças. Marty não via a utilidade de tudo aquilo. Ter poder sobre fortunas imaginárias era apenas sonho de poder, não o poder.

No terceiro dia, quando todos se viam vazios de soluções e rezavam agora por uma ressurreição que não dava sinais de estar chegando, Marty encontrou Bill Toy, discutindo caloradamente com Dwoskin. Para sua surpresa, Toy, quando o viu, interrompeu a conversa e o chamou. Dwoskin afastou-se rapidamente franzindo a testa, deixando Toy e Marty sozinhos.

— Como vai, forasteiro? — perguntou Toy — Como vão as coisas?

— Eu estou bem — respondeu Marty. Toy estava com cara de quem não dormia há muito tempo

— E você?

— Acho que sobreviverei.

— Alguma idéia do que está acontecendo?

Toy deu um sorriso cansado.

— Não realmente — respondeu. — Nunca fui um homem de finanças. Detesto a raça. Fuinhas.

— Todo mundo está dizendo que é um desastre.

— Oh, sim — respondeu ele calmamente. — Acho que é mesmo.

Marty ficou desapontado. Esperava algumas palavras tranquilizadoras. Toy percebeu o desaponto e sua origem.

— Não vai acontecer nada terrível — enquanto não perdermos a cabeça. Você continua com o emprego, se é isso que o preocupa.

— A idéia me passou pela cabeça.

— Esqueça — Toy pôs as mãos nos ombros de Marty. — Se eu achasse que as coisas estavam tão más, eu lhe diria.

— Sei disso. Só que fiquei nervoso.

— Quem não fica? — Os dedos de Toy apertaram o ombro de Marty.

— Que tal irmos juntos à cidade quando isto tudo acabar?

— Eu gostaria.

— Já estive no Cassino Academia?

— Nunca tive dinheiro para isso.

— Vou levar você. Vamos perder um pouco da fortuna de Joe, certo?

— Parece ótimo.

A ansiedade continuava nos olhos de Marty.

— Escute — Toy acrescentou. — Não é a sua luta. Você compreende? Acontece o que acontecer daqui em diante, não vai ser sua culpa. Cometemos alguns erros no caminho, e agora temos de pagar por eles.

— Erros?

— As vezes as pessoas não perdoam, Marty.

— Tudo isto... — Marty ergueu a mão aberta mostrando em volta — ...porque as pessoas não perdoam?

— acredite em mim. É a melhor razão do mundo.

Marty pensou que ultimamente Toy vinha sendo marginalizado; já não era mais o pivô na visão do mundo do velho, como antes. Será que isso explicava sua expressão amarga dos últimos tempos?

— Sabem quem é responsável? — Marty perguntou.

— O que sabem os lutadores de box? — respondeu Toy com evidente tom de ironia; e Marty ficou certo de que ele sabia de tudo.

Os DIAS DE pânico completaram semana sem qualquer indício de alívio. As expressões dos conselheiros mudavam, mas os ternos elegantes e a conversa complicada era a mesma. A despeito do influxo de gente nova, Whitehead cada vez mais se descuidava da própria segurança. Marty era chamado cada vez menos; a crise ao que parecia tinha feito desaparecer todas as idéias de assassinato da cabeça de Papá.

O período não foi isento de surpresas. No primeiro domingo, Curtsinger levou Marty para um canto e entrou num complexo discurso de sedução que começou com box, desviou lateralmente para os prazeres dos contatos físicos entre homens e terminou com uma oferta direta de dinheiro. “Só meia hora. nada complicado”. Marty adivinhou o que estava no ar alguns minutos antes de Curtsinger abrir o jogo e já tinha preparado uma recusa delicada. Separaram-se amistosamente. Fora essas diversões, foi um período enfadonho. O ritmo da casa fora quebrado e era impossível estabelecer outro. Para preservar a sanidade, Marty começou a ficar fora da

casa o maior tempo possível. Correu bastante naquela semana, geralmente dando voltas e voltas pelo terreno da propriedade até transformar o estado de fuga em exaustão, e então ia para o quarto, abrindo caminho entre os manequins bem vestidos que enchiam os corredores. Lá em cima, protegido pela porta trancada (para mantê-los lá fora, não para mantê-lo dentro), tomava banho de chuveiro e dormia durante longas horas o sono profundo e sem sonhos do qual tanto gostava.

CARYS NÃO tinha essa liberdade. Desde a noite em que os cães encontraram Mamoulian, resolveu bancar a espiã uma vez ou outra. Não sabia ao certo por quê. Nunca se tinha interessado muito pelo que acontecia ao Santuário. Na verdade, evitava ativamente qualquer contato com Luther e Curtsinger, bem como o resto dos visitantes do pai. Agora, entretanto, imperativos agitavam-se dentro dela imprevisivelmente: ir à biblioteca, ou até a cozinha ou ao jardim e simplesmente observar. Não sentia o menor prazer com isso. Grande parte do que ouvia estava além da sua compreensão; eram simplesmente as fofocas vazias das comadres do mundo das finanças. Ainda assim, ficava horas sentada até satisfazer um apetite vago, e então passava para outra parte da casa, talvez para ouvir outra discussão. Alguns dos visitantes sabiam quem ela era; aos que não sabia ela oferecia a mais simples das apresentações. Uma vez estabelecidas suas credenciais, ninguém questionou sua presença.

Foi também ver Lillian e os cães naquela horrível construção atrás da casa. Não por gostar dos animais, simplesmente porque sentia um impulso de vê-los, só para ver; olhar para os cachorros e para as jaulas e os filhotes brincando em volta da mãe. Mentalmente desenhava a posição dos canis em relação à cerca e à casa, medindo os passos, para o caso de ter de encontrar o lugar à noite. Por que poderia precisar disso algum dia não era capaz de dizer.

Nesses passeios tinha cuidado para não ser vista por Marty, ou por Toy ou, pior ainda, pelo pai. Era um jogo que fazia, embora o objetivo exato fosse um mistério. Seria por isso que andava várias vezes de uma extremidade à outra da casa, verificando e reverificando a geografia, calculando o comprimento dos corredores, procurando guardar na memória

como os quartos se comunicavam. Fosse qual fosse o motivo, o jogo tolo respondia a alguma necessidade não-conhecida e quando terminava, só então, aquela necessidade era satisfeita e ela podia descansar por algum tempo. No fim daquela semana, Carys conhecia a casa como nunca conhecera antes; tinha estado em todos os cômodos, exceto o quarto do pai, que era proibido até para ela. Tinha verificado todas as entradas e saídas, escadas e passagens, com a minuciosidade de um ladrão.

Dias estranhos; estranhas noites. Seria insanidade? Começou a se indagar.

No SEGUNDO domingo — onze dias de crise já transcorridos —, Marty foi chamado à biblioteca. Whitehead estava lá, talvez um pouco cansado, mas não muito abatido pela pressão daqueles dias. Estava vestido para sair com o sobretudo de gola de pele que tinha usado naquele primeiro dia na simbólica visita aos canis.

— Há dias que não saio de casa, Marty e minha cabeça está ficando embolorada. Acho que devemos andar um pouco, você e eu.

— Vou apanhar um casaco.

— Certo. E a arma.

Foram para os fundos da casa, evitando as delegações recém-chegadas que subiam as escadas e enchiam o vestíbulo, esperando o acesso ao santo dos santos.

O dia estava agradável; 17 de abril. Sombras de nuvens leves passavam pelo gramado em grupos esparsos.

— Vamos até o bosque — disse o velho, saindo na frente.

Marty caminhava alguns passos respeitosos um pouco atrás, certo de que Whitehead estava ali para descansar a cabeça e não para conversar.

O bosque zumbia de atividade. Novos brotos espiavam entre os restos do outono; pássaros ousados mergulhavam e subiam entre as árvores, trinados de namoro nos galhos. Caminharam durante alguns minutos, sem destino certo, sem que Whitehead erguesse os olhos dos sapatos. Longe da casa e dos olhos dos seus discípulos, assumia mais claramente o fardo daquele cerco. Cabeça inclinada para a frente, caminhava entre as árvores, indiferente ao canto dos pássaros e ao renascer das plantas.

Marty estava gostando do passeio. Sempre que passava por ali era correndo. Agora, a passo obrigatoriamente lento, os detalhes do bosque apareciam. A confusão das flores no chão, os cogumelos brotando nos lugares úmidos entre as raízes, tudo era prazer para ele. Apanhou algumas pedrinhas enquanto andavam. Uma tinha a marca fossilizada de uma folha de samambaia. Pensou em Carys e no pombal e um desejo inesperado por ela surgiu nas margens da sua consciência. Não tendo razão para evitar tal sentimento, deixou que ele viesse.

Uma vez admitido, a intensidade do seu sentimento por ela o espantou. Sentiu que conspiravam contra ele, como se nos últimos dias suas emoções tivessem trabalhado em algum lugar secreto, transformando o simples interesse por Carys em algo mais profundo. Entretanto, não teve oportunidade para resolver o problema. Quando ergueu os olhos da pedra, Whitehead estava muito na frente. Deixando de lado os pensamentos sobre Carys, apressou o passo. Passagens de sol e de sombra moviam-se no meio das árvores à medida que as nuvens leves que tinham se acomodado no vento, no começo do dia, se transformavam em grupos mais pesados. O vento começava a ficar frio, trazendo ocasionais gotas de chuva.

Whitehead tinha levantado a gola do sobretudo. Enfiara as mãos nos bolsos. Quando chegou perto dele, Marty foi recebido com uma pergunta.

— Acredita em Deus, Martin?

Uma pergunta vinda do espaço. Despreparado, Marty só conseguiu dizer:

— Não sei — o que, em se tratando de uma resposta à esse tipo de pergunta, era bastante honesta.

Mas Whitehead queria mais. Seus olhos brilhavam.

— Eu não rezo, se é isso que quer dizer — acrescentou Marty.

— Nem mesmo antes do seu julgamento? Uma palavrinha rápida com o Todo Poderoso?

Não havia humor, malicioso ou não, na pergunta. Mais uma vez Marty respondeu o mais honestamente possível.

— Não me lembro exatamente... Acho que devo ter dito alguma coisa sim. — Parou de falar, lá em cima as nuvens passavam na frente do sol — Adiantou muito mesmo...

— E na prisão?

— Não, nunca rezava. — Tinha certeza. — Nem uma vez.

— Mas havia homens tementes a Deus em Wandsworth, não havia?

Marty lembrou-se de Heseltine, com quem compartilhou a cela no começo da sua sentença. Um veterano da prisão, Tiny tinha passado mais dias atrás das grades do que fora delas. Todas as noites murmurava uma versão bastarda do Padre Nosso, no travesseiro, antes de dormir — *Pai Nosso, que estais no céu, sagrado seja vosso nome.* —, sem entender as palavras nem seu significado, simplesmente dizendo a oração de ouvido. Provavelmente tinha dito durante boa parte da sua vida, até o sentido se corromper além de qualquer possibilidade de salvação — *Venha ao nosso reino se for da vossa vontade, para sempre, para sempre, Amém.*

Era isso que Whitehead queria dizer? Haveria respeito pelo Criador, agradecimento pela criação, ou mesmo alguma antecipação de julgamento na prece de Heseltine?

— Não — Marty respondeu. — Não tementes a Deus de verdade. Quero dizer, de que lhes adiantaria...?

Havia mais no lugar de onde o pensamento tinha saído, e Whitehead esperou com a paciência do abutre. Mas as palavras ficaram na língua de Marty, recusando-se a sair. O velho procurou ajudar.

— Não adiantaria por quê, Marty?

— Por que tudo é acidente, não é? Quero dizer, tudo é acaso.

Whitehead fez um gesto quase imperceptível de concordância. Fez-se um longo silêncio, até o velho dizer:

— Sabe por que escolhi você, Martin?

— Na verdade, não Senhor.

— Toy nunca lhe disse nada?

— Disse que me achou capaz de realizar o trabalho.

— Bem, muita gente me aconselhou a não escolher você. Achavam que não servia, por várias razões que não preciso enumerar agora. O próprio Toy não estava muito seguro. Gostou de você, mas não tinha certeza.

— Mas me contrataram assim mesmo.

— Naturalmente que sim.

Marty começava a achar insuportável o jogo de gato e rato.

— Mas agora o Senhor vai me dizer por que, não é isso?

— Você é um jogador — respondeu Whitehead. Marty sentiu que sabia a resposta muito antes de ouvi-la. — Não se teria metido em encrenca se não tivesse de pagar grandes dívidas de jogo. Estou certo?

— Mais ou menos.

— Você gastava cada centavo que ganhava. Pelo menos foi o que seus amigos disseram no tribunal. Praticamente torrava tudo.

— Nem sempre. Tive alguns grandes lucros. Grandes de verdade.

Whitehead olhou para ele com expressão atenta.

— Depois de tudo que passou — de tudo o que essa doença o fez sofrer você ainda fala de grandes lucros!...

— Lembro-me dos melhores tempos, como qualquer outra pessoa — respondeu Marty defensivamente.

— Mera sorte ocasional...

— Não! Eu era bom mesmo, ora essa!

— Sorte, Martin. Você mesmo disse há pouco. Disse que tudo é acaso. Como pode ser bom numa coisa que é acidental? Não faz sentido, faz?

O homem estava certo, pelo menos superficialmente. Mas não era tão simples como ele queria fazer parecer, era? Tudo era chance, não podia negar essa condição básica. Mas uma parte de Marty acreditava no contrário. Mas não sabia descrever o que era.

Não foi o que você disse? — insistiu Whitehead. — Acidente!

— Nem sempre é assim.

— Alguns têm a sorte do seu lado. É isso que está dizendo? Alguns têm os dedos...

O indicador de Whitehead descreveu um círculo no ar, uma roda. O dedo parou. Mentalmente, Marty completou a imagem: a bola saltou de buraco em buraco e encontrou um nicho, um número. Um ganhador gritou seu triunfo.

— Nem sempre — ele disse. — Só às vezes.

— Descreva. Descreva a sensação.

Por que não? Qual era o inconveniente?

— Às vezes, era fácil, sabe, como tirar doces de um bebê. Eu ia ao clube e as fichas me davam comichão nos dedos, e eu sabia, Jesus, eu sabia, não podia deixar de ganhar.

Whitehead sorriu.

— Mas não ganhava sempre — disse a Marty com delicada brutalidade. — Muitas vezes deixava de ganhar. Foram tantas as vezes que no fim devia tudo o que tinha e mais ainda.

— Fui um idiota. Joguei mesmo quando as fichas não me davam comichão nos dedos, quando sabia que não estava em maré de sorte.

— Por quê?

Marty fechou a cara.

— O que o Senhor quer, uma confissão assinada? — disse em tom mal-humorado. — Eu fui ganancioso, o que acha que foi? E gostava de jogar, mesmo quando não tinha chance de ganhar, ainda queria jogar.

— Por amor ao jogo?

— Acho que sim. Isso meso. Pelo jogo.

Uma expressão extremamente complexa passou pelo rosto de Whitehead. Pena e uma terrível, dolorosa perda, e mais, incompreensão. Whitehead, o mestre, Whitehead o senhor de todos, repentinamente mostrava — brevemente, é verdade — outra face mais acessível, o rosto de um homem confuso ao ponto do desespero.

— Eu queria alguém com a sua fraqueza — explicou então, e agora era ele quem se confessava. — Por que, mais cedo ou mais tarde, sabia que ia chegar um dia como o de hoje, quando eu teria de lhe pedir que enfrentasse um risco comigo.

— Que tipo de risco?

— Nada tão simples quanto uma roleta, ou um jogo de cartas. Bem que gostaria se fosse. Então, talvez eu pudesse explicar, ao invés de pedir um ato de fé. Mas é tão complicado. E estou cansado.

— Bill me disse alguma coisa...

Whitehead interrompeu-o.

— Toy deixou a casa. Não vai vê-lo mais.

— Quando?

— No começo da semana. Nosso relacionamento vinha se deteriorando há algum tempo. — Percebeu o desapontamento de Marty. — Não se preocupe com isso. Sua posição aqui está mais segura do que nunca. Mas tem de confiar em mim completamente.

— Senhor...

— Nada de afirmações de lealdade, são inúteis para mim. Não por não acreditar na sua sinceridade. Mas estou rodeado de pessoas que dizem tudo o que acham que quero ouvir. É assim que mantém as esposas agasalhadas com peles e os filhos com cocaína. — A mão enluvada passou nervosa no rosto barbado. — Muito raros os honestos. Toy era um deles. Evangeline,

minha mulher, era outra. Mas são tão poucos... Tenho de confiar no instinto; esquecer as palavras e seguir o que minha cabeça manda. E meu instinto confia em você, Martin.

Marty ficou calado; apenas ouvindo, enquanto a voz de Whitehead ficava mais baixa, os olhos tão intensos que um olhar seu podia acender uma fogueira.

— Se ficar comigo, se me mantiver a salvo, não haverá nada que não possa ter. Você compreende? Nada!

Não era a primeira vez que o velho oferecia essa forma de sedução; mas as circunstâncias tinham mudado desde a chegada de Marty ao Santuário. Havia maior risco agora.

— Qual é a pior coisa que lhe pode acontecer? — perguntou.

O rosto insondável estava flácido, só os olhos incendiários davam ainda mostras de vida.

— O pior? — repetiu Whitehead — Quem sabe o que é o pior? — Os olhos incandescentes pareciam a ponte de serem apagados por lágrimas, mas ele as controlou. — Tenho visto tantas coisas. E passei por elas pelo outro lado. Nunca pensei... nem uma vez...

Um tamborilar suave anunciou chuva; o eco acompanhou a voz de Whitehead, hesitante e incerta. Todos os seus dotes oratórios desapareceram; estava abatido. Mas algo, algo vasto, precisava ser dito.

— Nunca pensei... que pudesse acontecer comigo.

Não disse nada mais, balançando a cabeça para o absurdo do que tinha dito.

— Você vai me ajudar? — perguntou, ao invés de dar mais explicações.

— Naturalmente.

— Muito bem... Disse ele... Vamos ver, certo?

Inesperadamente, parou adiante de Marty e retomou na sentido contrário o caminho por onde tinham vindo. Aparentemente o passeio tinha terminado. Durante alguns minutos andaram, como na ida, Whitehead na frente, Marty dois metros atrás. Um pouco antes de avistarem a casa, Whitehead falou outra vez. Não mudou o ritmo do passo, mas fez a pergunta sobre o ombro. Só quatro palavras.

— E o diabo, Marty?

— O quê, Senhor?

— O Diabo. Alguma vez rezou para ele?

Uma piada. Um pouco pesada talvez, mas o modo do velho fingir que não era importante sua confissão.

— Então, rezou?

— Uma ou duas vezes — respondeu Marty, com um sorriso.

Assim que terminou de falar, Whitehead parou ficou imóvel, estendendo a mão para fazer Marty parar.

— Ssh.

A uns vinte metros, parada no meio da trilha, estava uma raposa. Não tinha visto os dois ainda, mas em uma questão de segundos o cheiro chegaria ao seu nariz.

— Para que lado? — murmurou Whitehead.

— O quê?

— Para que lado ela vai virar? Mil libras. Apostada fechada.

— Não tenho... — começou Marty.

— Uma semana de ordenado.

Marty começou a sorrir. O que era uma semana de ordenado? Não podia mesmo gastar o dinheiro.

— Mil libras e digo que ela vai para a direita — apostou Whitehead.

Marty hesitou.

— Rápido, homem...

— Feito.

Nesse instante o animal os farejou. Por um momento ficou surpreso demais para se mover, então correu. Por vários metros, seguiu pela trilha na frente deles, sem sair para lado nenhum, as patas levantando folhas mortas na corrida. Então, bruscamente, partiu para o abrigo das árvores, à esquerda. Não havia nada de ambíguo na vitória.

— Muito bem — disse Whitehead, tirando a luva e estendendo a mão para Marty. Quando ele a apertou, Marty sentiu o comichão das fichas em noite de sorte.

Quando voltaram a chuva estava mais forte. Uma quietude bem-vinda descera sobre a casa. Aparentemente, Pearl, não aguentando mais os bárbaros na sua cozinha, tivera um acesso de desespero e fora embora. Os invasores pareciam mais calmos. Seu vozerio se reduzira a murmúrios e

poucos se aproximaram de Whitehead quando ele entrou. Foram logo repelidos. “Ainda está aqui, Munrow?” disse a um dos acólitos; a outro, que cometeu o erro de tentar passar-lhe um maço de papéis, sugeriu em voz baixa que “os engolissem”. Chegaram à sala de trabalho com um mínimo de interrupção. Whitehead abriu o cofre na parede.

— Prefere em dinheiro, naturalmente.

Marty estudou o tapete. Era uma aposta ganha honestamente, mas o pagamento o deixava embaraçado.

— Dinheiro está bem — murmurou.

Whitehead contou de um maço cinquenta notas de vinte libras e estendeu-as a Marty.

— Divirta-se...

— Obrigado.

— Não me agradeça: foi uma aposta correta e eu a perdi.

Fez-se um silêncio embaraçoso enquanto Marty guardava o dinheiro no bolso.

— Nossa conversa — disse o velho — é estritamente confidencial, compreende?

— Naturalmente. Eu não...

Whitehead ergueu a mão, interrompendo as explicações.

— ... A mais estrita confidência. Meus inimigos têm agentes.

Marty fez um gesto afirmativo como se entendesse. De certo modo entendia. Talvez Whitehead suspeitasse de Luther ou de Pearl. Talvez até de Toy, que passara a ser *persona non grata*.

— Essas pessoas são responsáveis pela queda nos meus negócios. Tudo foi cuidadosamente planejado. — Deu de ombros, semicerrando os olhos.

“Meu Deus,” pensou Marty, “não quero jamais estar no lado errado deste homem”.

— Não esquento minha cabeça com essas coisas — continuou Whitehead. Se querem planejar minha ruína, que planejem. Mas não gostaria que meus sentimentos mais íntimos chegassem ao conhecimento deles. Compreende?

— Não chegarão.

— Não. — Franziu os lábios; um beijo frio de satisfação.

— Você tem estado com Carys, não é? Pearl me disse que às vezes ficam algum tempo juntos, é isso?

— É.

Whitehead voltou à atitude descuidada, evidentemente fingida.

— Ela parece equilibrada a maior parte do tempo, mas isso não passa duma atitude falsa. Carys não está bem, há anos não está bem. Naturalmente temos consultado os melhores psiquiatras que o dinheiro pode pagar, mas acho que sem resultado. No fim, a mãe dela estava assim também.

— O Senhor está me dizendo que não devo falar com ela?

Whitehead pareceu genuinamente surpreso.

— Não, nada disso! Sua companhia pode ser boa para ela. Mas, por favor, não se esqueça de que Carys é uma jovem muito perturbada. Não leve muito a sério o que ela diz. Metade do tempo não sabe o que está dizendo. Bem, acho que isso é tudo. Acho melhor você ir e acertar as contas com sua raposa.

Riu suavemente.

— Raposa esperta...

Durante os dois meses e meio da estada de Marty no Santuário, Whitehead tinha sido um iceberg. Agora precisava revisar essa imagem. Naquele dia vira um homem completamente diferente: inarticulado, sozinho, falando de Deus e de oração. Não só de Deus. Havia aquela pergunta final, feita despreocupadamente.

“E o Diabo? Alguma vez rezou a ele?”

Marty sentiu que tinha nas mãos peças de um quebra-cabeças, nenhuma delas parecendo pertencer ao mesmo retrato. Fragmentos de muitas cenas: Whitehead resplendente entre seus acólitos; sentado à janela olhando a noite; Whitehead, o potentado, senhor de todos que o rodeavam; ou apostando como um carregador bêbado no movimento de uma raposa.

O último fragmento era o que mais intrigava Marty. Sentia que nele estava a pista para unir as imagens desconstruídas. Tinha a estranha sensação de que aquela aposta fora preparada. Impossível, naturalmente, mas mesmo assim, mesmo assim... Suponhamos que Whitehead manipulasse a rodada da sorte a qualquer momento que quisesse, de modo

que pudesse decidir para qual lado a raposa ia correr... Poderia então saber o futuro antes que acontecesse... — Seria por isso que as fichas pareciam vibrar e os dedos também? — ou estaria ele modelando os acontecimentos?

Há algum tempo Marty teria rejeitado essas idéias como absurdas. Mas estava mudado. A vida no Santuário o tinha mudado; as elipses de Carys, também. De muitos modos ele era agora um ser mais complexo do que antes, embora boa parte dele desejasse voltar à confortável claridade do branco e preto. Mas sabia muito bem que essa simplicidade era uma mentira. A experiência da vida era feita de infinitas ambiguidades — de motivo, de sentimento, de causa e efeito — e, para vencer nessas circunstâncias, precisava entender como funcionavam essas ambiguidades.

Não, não para vencer. Não se tratava de vencer ou perder, não do modo que ele entendia antes. A raposa correu para a esquerda e ele tinha mil libras no bolso, mas não sentira a excitação de quando ganhava nas corridas ou no cassino. Apenas o preto escorrendo sobre o branco e vice-versa, até mal distinguir o certo do errado.

TOY TELEFONOU no meio da tarde, falou com uma Pearl mal-humorada (ela estava saindo) e deixou recado para que Marty lhe telefonasse, dando o número em Pimlico. Mas Marty não telefonou. Toy imaginou que Pearl não tivesse dado o recado ou que Whitehead houvesse de algum modo interceptado o telefonema. Fosse qual fosse o motivo, não falou com Marty antes de sair e sentia-se culpado por isso. Tinha prometido avisá-lo se as coisas ficassem piores, e elas tinham acabado de ficar. Nada que se pudesse ver, talvez; as ansiedades de Toy nasciam mais do instinto que de fatos concretos. Mas Yvonne o ensinara a confiar no coração e não na cabeça. As coisas estavam prestes a desmoronar afinal, e ele não tinha

avisado Marty. Talvez por isso aqueles pesadelos que o acordavam sempre, deixando lembranças de coisas terríveis.

Nem todos sobreviviam à juventude. Alguns morriam cedo, vítimas da própria avidez pela vida. Toy não fora uma dessas vítimas, mas esteve muito perto. Não que tivesse percebido na época. Estava por demais encantado com os novos lagos apresentados por Whitehead para perceber o quanto aquelas águas eram perigosas. E tinha obedecido aos desejos do grande homem com fervor incondicional, não tinha? Nem uma só vez falhou ao seu dever, por mais criminoso que ele parecesse. Por que ia ficar surpreso pelo fato de, depois de todos aqueles anos, os crimes cometidos tão casualmente o perseguissem agora em silêncio? Por isso se via deitado com o corpo coberto de um suor pegajoso, Yvonne dormindo ao seu lado e uma frase se repetindo em sua mente:

Mamoulian virá.

Era a única idéia clara. O resto — pensamentos sobre Marty e Whitehead — eram uma rapsódia de vergonhas e acusações. Mas aquela frase simples — *Mamoulian virá* — destacava-se no refugio das incertezas como um ponto fixo ao qual aderiam os seus terrores.

Nenhum pedido de desculpas seria suficiente. Nenhuma humilhação de sua parte diminuiria a ira do Último Europeu. Porque Toy era jovem então, brutal e com maldade no seu íntimo. Uma vez, quando era jovem demais para saber das coisas, tinha feito Mamoulian sofrer e o remorso que sentia agora vinha tarde demais — e, além de tudo, não tinha vivido dos lucros daquela brutalidade durante todos esses anos? Oh, Jesus! disse com o ritmo irregular da sua respiração, Ajudai-me, Jesus!

Apaixonado, e pronto a admitir que estava com medo se isso a levasse a consolá-lo, estendeu o braço para Yvonne. Ela não estava na cama. Ao seu lado, os lençóis estavam frios.

Toy sentou-se, momentaneamente desorientado.

— Yvonne?

A porta do quarto estava entreaberta e a luz fraca que vinha do andar térreo delineava os objetos. Um caos. Tinham estado fazendo as malas e o trabalho não estava terminado quando, a uma da manhã, foram para a cama. Roupas se empilhavam sobre a cômoda; uma mala aberta bocejava canto; suas gravatas estavam dependuradas numa cadeira como serpentes ressecadas, as línguas pendendo para o chão.

Ouviu um barulho no corredor. Conhecia o passo de Yvonne. Ela teria descido para um copo de suco de maçã, ou um biscoito, como fazia sempre. Sua silhueta apareceu na porta.

— Você está bem? — ele perguntou.

Yvonne murmurou algo que parecia assentimento. Toy deitou novamente a cabeça no travesseiro.

— Com fome outra vez — murmurou Toy deixando que os olhos se fechassem. — Sempre com fome.

O ar frio penetrou na cama quando ela levantou o lençol para se deitar ao lado dele.

— Deixou a luz acesa lá embaixo — observou ele, o sono dominando-o.

Ela não respondeu. Provavelmente já estava dormindo; era abençoada com uma facilidade incrível para dormir. Toy voltou-se para ela na semi-obscuridade. Yvonne não estava roncando ainda, mas também não estava em silêncio. Toy escutou com atenção, sentindo um aperto no estômago. Yvonne fazia um som líquido como se estivesse respirando através de lama.

— Yvonne... você está bem?

Ela não respondeu.

Do rosto dela, a poucos centímetros do seu, o som continuava a sair. Toy estendeu a mão para o interruptor acima da cama, sem tirar os olhos dos cabelos negros de Yvonne. Melhor fazer isto depressa antes que minha imaginação tome conta de mim, pensou ele. Os dedos encontraram o interruptor, apertaram-no para acender a luz.

O que estava diante dele, deitada no travesseiro não era Yvonne.

Toy gaguejou o nome dela e afastou-se da cama cambaleando. Como era possível estar viva, ter subido as escadas e murmurado sim à pergunta que lhe fizera? A profundidade do ferimento a tinha eliminado na hora, sem dúvida. Ninguém sobreviveria esfolada e desossada daquele modo.

Ela virou-se na cama, os olhos fechados, como se estivesse mudando de posição no sono. Então — horrivelmente — disse o nome dele. A boca não funcionou como antes: o sangue era como que uma graxa facilitando a saída da palavra. Toy não aguentava mais olhar para aquilo, acabaria gritando e seu grito traria quem quer que tivesse feito aquilo, aos berros, até ele, com seus escalpelos sujos de sangue. Provavelmente já estivessem à sua espera ao pé da porta, mas nada o faria ficar naquele quarto. Não com Yvonne virando na cama, dizendo seu nome e erguendo a camisola.

Toy cambaleou até o corredor. Para sua surpresa, ninguém estava ali.

No topo da escada, hesitou. Não era um homem corajoso, mas também não era tolo. Amanhã choraria por Yvonne, mas naquela noite ela simplesmente já tinha partido e nada havia a fazer além de tentar salvar-se das pessoas que tinham feito aquilo com ela. Das pessoas? Por que não admitia o nome? Mamoulian era o responsável: tinha a sua assinatura, e não estava sozinho. O Europeu jamais encostaria suas mãos purificadas na carne humana, como fizeram com Yvonne; sua repugnância era lendária. Mas fora ele quem lhe dera aquela semivida depois do crime. Só Mamoulian seria capaz disso.

E devia estar esperando lá embaixo agora, no mundo submarino, ao pé da escada. Esperando, como tinha esperado durante tanto tempo, que Toy descesse para ele.

— Vá para o inferno, murmurou Toy para o escuro, e caminhou (a vontade era de correr, mas o bom senso recomendava o contrário) pelo corredor até o quarto de hóspedes. A cada passo esperava um movimento do inimigo, mas nada aconteceu. Pelo menos não até ele chegar à porta do quarto.

Então, quando girou a maçaneta, ouviu a voz de Yvonne atrás dele:

— Willy... — A palavra estava mais clara do que antes.

Por um breve momento Toy duvidou da própria sanidade.

Seria possível que, se virasse agora, iria vê-la de pé na porta do quarto, tão desfigurada quanto antes? Ou seria tudo aquilo nada mais do que um sonho febril?

— Onde você vai? — perguntou ela.

Lá embaixo alguém se moveu.

— Volte para a cama.

Sem se voltar para recusar o convite, Toy abriu a porta do outro quarto e ouviu passos na escada, atrás dele. Os passos eram pesados, a pessoa ansiosa.

Não havia chave para atrasar seus perseguidos e não tinha tempo para encostar os móveis na porta. Toy atravessou o quarto sem luz em três longos passos, abriu as portas de vidro e saiu para a pequena varanda com a grade de ferro batido. A grade gemeu sobre seu peso, Toy achou que não ia aguentá-lo por muito tempo.

Lá embaixo o jardim estava escuro, mas tinha uma boa idéia de onde ficavam os canteiros e as pedras do caminho entre eles. Sem hesitar — os passos mais perto às suas costas — saltou sobre a grade. Suas articulações reclamaram o esforço e mais ainda quando ficou dependurado, suspenso pela força dos dedos que ameaçavam falhar num instante.

Um barulho dentro do quarto que acabava de deixar atraíu-lhe o olhar; seu perseguidor, um grandalhão com as mãos sujas de sangue e olhos de louco entrara no quarto — dirigindo-se agora para as venezianas da varanda, rosnando seu desagrado. Toy balançou o corpo o melhor que pôde, rezando para escapar das pedras que estavam diretamente sob seus pés nus, e cair na terra fofa do canteiro. Não tinha muita chance de calcular exatamente a manobra. Largou a grade no momento em que o grandalhão chegou à varanda e por um tempo que pareceu interminável caiu para trás no espaço, as portas diminuindo acima dele, e aterrissou, sem maior consequência do que uma pequena equimose, entre os gerânios que Yvonne tinha plantado há uma semana.

Levantou-se sem ar, mas intacto, e correu pelo jardim iluminado de luar até o portão dos fundos. Estava fechado com cadeado mas conseguiu subir por ele com facilidade — a adrenalina estimulando seus músculos. Não ouviu ruído algum do perseguidor, e olhando para trás viu o homenzarrão ainda na frente das venezianas da varanda, observando sua fuga como se não tivesse iniciativa suficiente para segui-lo. Estonteado com a excitação súbita, correu pela passagem estreita que se estendia atrás dos jardins, preocupado apenas em se distanciar da casa.

Foi só quando chegou à rua, as lâmpadas começando a se apagar e a madrugada esgueirando-se pela cidade, que Toy se deu conta de estar completamente nu.

MARTY FOI para a cama sentindo-se feliz. Embora não compreendesse muita coisa ainda, coisas que o velho — a despeito das promessas de explicação — parecia preferir manter em segredo, na verdade, nada daquilo o envolvia pessoalmente. Se Papá queria ter segredos, que os tivesse. Marty fora contratado para cuidar dele e tudo indicava que se estava desempenhado satisfatoriamente. Provas disso estavam nas intimidades compartilhadas com o patrão, e nas mil libras sob seu travesseiro.

A euforia afastou-lhe o sono. O coração de Marty parecia bater duas vezes mais rápido do que de hábito. Levantou-se, vestiu o roupão e tentou assistir alguns vídeos-cassetes para tirar da memória os acontecimentos do dia, mas as lutas de box o deprimiam, a pornografia também. Desceu para a biblioteca, encontrou um livro de ficção-científica muito manuseado e voltou para o quarto, passando antes pela cozinha para apanhar uma cerveja.

Carys estava no seu quarto quando voltou, com calça jeans, uma suéter, e descalça. Parecia abatida, mais velha do que seus dezenove anos. O sorriso com que o recebeu era forçado demais para ser real.

— Não se importa? — perguntou ela. — É que eu o ouvi andando pela casa.

— Você não dorme nunca?

— Raramente.

— Quer cerveja?

— Não, obrigada.

— Sente-se — convidou ele, tirando algumas roupas da única cadeira.

Mas Carys sentou-se na cama, deixando a cadeira para ele.

— Preciso falar com você — disse ela.

Marty pôs o livro na mesa. Na capa, uma mulher nua, a pele de um verde cintilante, saía de um ovo em um planeta com dois sóis. Carys disse:

— Você sabe o que está acontecendo?

— Acontecendo? O que quer dizer?

— Não sentiu algo estranho na casa?

— O quê, por exemplo?

A boca de Carys tomou sua forma favorita, caída nos cantos, cheias de irritação.

— Não sei... é difícil dizer.

— Tente.

Carys hesitou, como um mergulhador na ponta da prancha, então deu o salto.

— Sabe o que é uma pessoa sensitiva?

Ele balançou a cabeça.

— É uma pessoa que pode sentir ondas. Ondas de pensamento.

— Leitura da mente.

— Mais ou menos isso.

Marty olhou para ela com ceticismo.

— Você pode fazer isso? — perguntou.

— *Fazer* não. Não *faço* nada. É mais assim como se fosse feito comigo.

— Marty recostou-se na cadeira, confuso.

— É como se tudo ficasse pegajoso. Não posso me livrar. Ouço certas pessoas falarem sem mover os lábios. A maior parte do que dizem são coisas sem sentido, bobagens.

— E é o que elas estão pensando?

— É.

Marty não sabia o que dizer, exceto que duvidava dela, mas não era isso que Carys queria ouvir. Estava ali para ser tranquilizada, não era?

— Isso não é tudo — confirmou Carys. — Às vezes vejo formas, em volta dos corpos das pessoas. Formas vagas... como uma espécie de luminosidade.

Marty pensou no homem da cerca, em como ele exudava luz, ou pelo menos parecia. Mas não a interrompeu.

— O caso é que sinto coisas que outras pessoas não sentem. Não me acho com inteligência maior do que elas, ou coisa assim. Apenas me acontece. Nestas últimas semanas, tenho sentido algo na casa. Tenho pensamentos estranhos que vêm de lugar nenhum; sonho coisas terríveis. — Parou de falar, percebendo que sua descrição ficava cada vez mais vaga e que, se continuasse, estaria pondo em risco a pouca credibilidade que suas palavras podiam ter.

— Essa tal luminosidade que você vê — disse Marty, voltando um pouco atrás na conversa.

— Sim.

— Vi algo parecido.

Carys inclinou-se para a frente.

— Quando?

— O homem que entrou no terreno, aquela noite. Pensei ter visto luz saindo dele. Dos seus ferimentos, creio, bem como dos olhos e da boca. — Mal terminou a frase já estava procurando afastá-la, como algo contagioso — Sei-lá! Eu estava bêbado.

— Mas viu alguma coisa.

— Sim, vi — admitiu ele sem nenhum prazer.

Carys levantou-se e foi até a janela. Tal pai, tal filha, pensou Marty: maníacos por janelas, os dois. Enquanto Carys olhava para o gramado — Marty nunca fechava as cortinas —, teve oportunidade de olhar para ela.

— Alguma coisa... — murmurou Carys — alguma coisa...

A graça da perna dobrada, as nádegas mais alta de um lado por causa da posição; o rosto refletido no vidro, tão absorto no seu mistério, tudo o encantava.

— Por isso ele não fala mais comigo — completou Carys.

— Papá?

— Ele sabe que adivinho seus pensamentos e tem medo.

A observação era um beco sem saída; ela começou a bater com a ponta do pé no chão, irritada, sua respiração embaçando o vidro intermitentemente. Então, sem mais nem menos disse:

— Sabia que você tem manias por seios?

— O quê?

— Olha para ele o tempo todo.

— Uma ova que olho!

— E é também um mentiroso de marca!

Marty levantou-se sem saber o que ia fazer ou dizer até as palavras estarem ditas. Afinal, enredado e confuso, só a verdade lhe parecia adequada.

— Gosto de olhar para você.

Tocou o ombro dela. Nesse ponto, se quisessem, o jogo podia terminar; a ternura estava muito próxima. Podiam aproveitar a oportunidade ou não;

continuar a conversa ou esquecê-la. O momento estava na frente deles, aguardando instruções.

— Meu bem — disse ela. Não fique trémulo.

Marty se aproximou e beijou-a na nuca. Carys voltou-se e retribuiu-lhe o beijo, sua mão movendo-se por suas costas até chegar à nuca, como para calcular o peso da cabeça.

— Finalmente! suspirou ela, quando se afastaram. — Começava a pensar que você era excessivamente cavalheiro.

Caíram juntos na cama e Carys montou nele. Sem hesitação começou a soltar o cinto do roupão de Marty. Ele estava com metade do corpo sob o dela, desconfortavelmente preso. Algo embaraçado também. Ela abriu o roupão e passou as mãos abertas no seu peito. O corpo de Marty era sólido sem ser pesado; uma linha de pêlos macios ia desde o esterno até o meio do abdômen, tornando-se mais áspera à medida que descia. Carys ergueu um pouco o corpo para tirar o roupão de debaixo dela. O pênis de Marty, libertado ergueu-se imediatamente. Ela acariciou a parte inferior e o pênis respondeu imediatamente.

— Bonitinho — disse ela.

Marty começava a se acostumar com a aprovação dela. A calma de Carys era contagiosa. Ficou meio sentado, com os cotovelos apoiados na cama, para vê-la melhor. Carys estava atenta à sua ereção, levando o dedo indicador à boca e transferindo a saliva para o pênis dele, passando as pontas dos dedos para cima e para baixo com movimentos fluidos e preguiçosos. Marty contorceu-se de prazer. Uma mancha vermelha apareceu no seu peito, sinal evidente, se é que precisava de mais algum, da sua excitação. Seu rosto estava em fogo também.

— Beije-me — pediu ele.

Carys inclinou-se para a frente e suas bocas se encontraram. Caíram deitados na cama. As mãos de Marty procuraram o suéter dela e começaram a levantá-la, mas Cary o fez parar.

— Não — murmurou, a boca na sua boca.

— ...quero ver você...

Carys sentou-se outra vez. Marty olhava para ela, perplexo.

— Não com tanta pressa disse ela, erguendo a suéter, sem tirá-lo e mostrando a barriga e os seios. Marty olhou para aquele corpo como um cego recuperando a visão; a pele levemente arrepiada de frio, a plenitude

inesperada do corpo. Suas mãos percorreram tudo o que os olhos viam, apertando a pele clara, descrevendo espirais nos mamilos, observando o peso dos seios. A boca acompanhou então os olhos e as mãos: queria banhá-la com sua língua. Carys puxou a cabeça dele para seu corpo. Sob o cabelo despenteado, a cabeça dele brilhava como a de um bebê. Carys inclinou o pescoço para beijá-lo, mas não alcançou e então estendeu a mão para segurar o pênis dele.

— Tenha cuidado pediu ele.

Carys o acariciou, sentiu a umidade na mão e afrouxou os dedos.

Suavemente ele a tombou na cama, e ficaram deitados lado a lado. Carys empurrou a gola do roupão do pescoço dele enquanto os dedos de Marty se ocupavam com o botão na cintura da calça dela. Carys não fez o menor movimento para ajudar, deliciando-se com a concentração de Marty. Seria tão bom ficar completamente nua com ele, pele contra pele. Mas não era a hora para arriscar. Se ele visse as manchas e as marcas de agulha, não a rejeitaria? Seria terrível...

Marty conseguiu desabotoar-lhe a calça e abrir o fecho *éclair* e agora suas mãos estavam na calcinha dela. Havia uma urgência nele e por mais que Carys tivesse prazer em observar sua concentração, ajudou-o agora, erguendo os quadris e puxando a calça e a calcinha para baixo, expondo seu corpo dos seios até os joelhos. Marty passou para cima dela, deixando um rastro de saliva no seu caminho, lambendo-lhe umbigo e mais abaixo, o rosto vermelho, a língua nela, não exatamente perfeito, mas ávido para aprender, acariciando os lugares que davam prazer a Carys, guiando-se pelo som dos suspiros dela.

Abaixou mais a calça jeans e vendo que ela não resistia, tirou-a toda. Depois a calcinha, E Carys fechou os olhos, apagando tudo a não ser aquela exploração. Em sua avidez, Marty mostrava os instintos de um canibal; nada que o corpo dela oferecia era rejeitado; pressionava tão profundamente quanto a anatomia permitia.

Algo vibrou na nuca de Carys, mas ela ignorou, atenta naquele jogo erótico. Marty ergueu os olhos interrogativos da altura das coxas dela.

— Continue — pediu Carys.

Ela se ajeitou na cama, convidando-o a penetrar nela, mas a dúvida permanecia ainda no olhar de Marty.

— O que há?

— Nenhuma proteção disse ele.

— Esqueça.

— Não foi preciso um segundo convite. A posição de Carys, não deitada sob ele, mas meio sentada, permitia que assistisse os movimentos dele, apertando a base do pênis até a cabeça escurecer e brilhar, antes de penetrar lentamente nela, quase reverentemente. Então, ele colocou as duas mãos na cama, uma de cada lado dela, suas costas se arquearam, um crescente dentro de outro crescente, e deixou que o corpo conduzisse. Os lábios de Marty se entreabriram e a língua apareceu para lambe os olhos delas.

Carys se moveu ao encontro dele, apertando os quadris contra os de Marty. Ele suspirou, franziu a testa.

Oh, Jesus, pensou ela, ele já se satisfiz. Mas os olhos dele se abriram novamente e seus movimentos, depois da ameaça inicial de um descompasso, tornaram-se regulares e lentos.

Mais uma vez aquela sensação no pescoço; parecia mais do que uma coceira. Era uma picada, uma penetração. Tentou ignorar, mas a sensação ficou mais intensa quando seu corpo se entregou ao momento. Marty estava muito absorto nas duas anatomias intimamente ligadas para perceber seu desconforto. O hálito dele era quente no seu rosto. Carys tentou se mover, esperando que a dor na nuca fosse resultado da posição.

— Marty... — disse ofegante — saia de cima.

A princípio ele não entendeu bem a manobra, mas quando ficou de costas e ela sentada nele, apanhou o ritmo facilmente. Começou a escalada outra vez, atordoado com as alturas.

A dor na nuca persistia, mas Carys fez com que passasse para outro plano. Inclinada para a frente, o rosto a poucos centímetros do de Marty, deixou que a saliva escorresse na boca dele, um fio de bolhas recebido com um largo sorriso, penetrando nela de baixo para cima até onde era possível e mantendo-se ali.

Subitamente, algo se moveu nela. Não Marty. Algo, ou *alguém* adejando no seu corpo. A concentração se partiu, seu coração perdeu o ritmo. Perdeu a noção de onde estava e do que era. Outro par de olhos parecia olhar através dos dela: momentaneamente compartilhou da visão desses olhos. Viu o sexo como uma depravação, uma atividade crua e bestial.

— Não — rosnou Carys, tentando controlar a náusea que repentinamente a assaltou.

Marty abriu um pouco os olhos, entendendo aquele “não” como um pedido para adiar o clímax.

— Estou tentando, meu bem... — deu um largo sorriso — fique quietinha.

A princípio ela não entendeu; Marty estava a milhares de quilômetros de distância, deitado, coberto de suor mal cheiroso, ferindo-a contra sua vontade.

— OK.? — perguntou ele, controlando-se até quase sentir dor.

Parecia estar crescendo dentro dela. A sensação afastou a visão dupla de sua mente. O outro observador encolheu-se atrás dos seus olhos, revoltado com a plenitude e com a carnalidade do ato, com a realidade. Será que a mente instrusa também sentia Marty, ela se perguntou, seu córtex sondado pela cabeça do pênis que continuava a crescer?

— Deus... — disse ela.

Com o outro par de olhos de cena, a alegria voltou.

— Não posso parar, benzinho — disse Marty.

— Continue — ela respondeu — Está tudo bem. Continue.

Gotas do seu suor caíam sobre ele enquanto ela se movia em cima de Marty.

— Continue. Sim! — disse ela outra vez.

Era uma exclamação de puro prazer e levou Marty ao ponto de onde a volta era impossível. Tentou controlar a execução por alguns trémulos segundos. O peso dela sobre ele, o calor do seu canal, o brilho dos seios, tudo isso encheu sua mente.

Então alguém falou com voz baixa e gutural:

— Pare!

Os olhos de Marty se abriram sobressaltados, olhando para a direita e para a esquerda. Não havia mais ninguém no quarto. Sua cabeça tinha inventado aquela voz. Esqueceu a ilusão e olhou para Carys.

— Continue — ela disse. — Por favor, continue. Estava dançando em cima dele. Os ossos dos seus quadris refletiam a luz, o suor corria por eles, cintilante.

— Sim... sim... — ele respondeu, esquecendo a voz.

Carys olhou para ele, a iminência do fim no rosto de Marty e através da trama intrincada das próprias sensações sentiu a segunda mente outra vez. Era um verme na sua cabeça, procurando sair, a mente doentia pronta para macular sua visão. Lutou contra ele.

— Vá embora — disse em voz baixa —, vá embora.

Mas ele queria derrotá-la; derrotar aos dois. O que tinha parecido curiosidade era maldade agora. Queria estragar tudo.

— Eu te amo — murmurava Carys, desafiando aquela presença nela. — Eu te amo, eu te amo...

O invasor contorceu-se, furioso com ela e mais furioso por Carys não concordar com o que queria fazer. Marty estava rígido, no limiar; cego e surdo a tudo que não fosse o prazer. Então, com um gemido, começou a ejacular dentro dela e Carys gozava também. A sensação afastou todos os pensamentos de resistência de sua mente. Em algum lugar muito distante ouvia Marty ofegante...

— Oh, Jesus — ele estava dizendo —, meu bem... meu bem.

Mas ele estava em outro mundo. Não estavam juntos nem naquele momento. Ela no seu êxtase, ele no deles; cada um em uma corrida particular para o clímax.

Um espasmo estranho estremeceu o corpo de Marty. Abriu os olhos. As mãos de Carys estavam sobre o rosto, os dedos entreabertos.

— Você está bem, querida? — ele perguntou.

Quando ela abriu os olhos Marty fez um esforço tremendo para não gritar. Por um momento, não era Carys quem estava olhando entre as grades dos dedos. Era algo arrastado do fundo do mar. Olhos negros dançando numa cabeça cinzenta. Algo primitivo que olhava para ele — Marty sentiu dentro dos ossos — com ódio em suas entranhas.

A alucinação durou dois segundos, mas o bastante para que Marty olhasse o corpo dela e voltasse a olhar o rosto, encontrando o mesmo olhar.

— Carys?

Então as pálpebras dela adejaram e o leque dos dedos se fechou sobre o rosto. Por um lunático momento, Marty se encolheu, esperando a revelação. As mãos saindo da frente do rosto, os traços transformados, a cabeça de um peixe. Mas naturalmente era ela, só ela. Ali estava Carys agora, sorrindo para ele.

— Você está bem? — perguntou ele.

— O que você acha?

— Eu te amo, meu bem.

Ela murmurou alguma coisa, deitando-se molemente em cima dele. Ficaram assim por alguns minutos, o pênis dele diminuindo de tamanho em um banho refrescante de vários fluidos.

— Não está ficando com câimbras? — ele perguntou depois de algum tempo, mas ela não respondeu. Estava dormindo.

Suavemente Marty a empurrou para o lado, saindo de dentro dela com um som molhado. Carys continuou dormindo, o rosto impassivo. Marty beijou os seios dela, lambeu seus dedos e mergulhou no sono.

Mamoulian sentiu náuseas.

Ela não era uma presa fácil, aquela mulher, a despeito do domínio sentimental que tinha sobre seu espírito. Mas afinal, era de se esperar essa força. Ela da estirpe de Whitehead: meio-camponeses, meio-ladrões. Astuciosos e sujos. Sem saber exatamente o que estava fazendo, ela o havia vencido com a sensualidade que ele tanto desprezava.

Mas suas fraquezas — e eram muitas — podiam ser exploradas. A princípio ele usou as fugas com heroína, conseguindo chegar a ela quando estava saciada ao ponto da indiferença. A droga lhe deformava a percepção, impedindo que notasse estar sendo invadida, e através dos seus olhos Mamoulian viu a casa, de seus ouvidos bisbilhotou as conversas dos seus ocupantes, compartilhando com ela, embora isso o desagradasse, o cheiro das suas colônias e de suas flatulências. Carys era a espiã perfeita, vivendo no coração do campo inimigo. Com o passar dos dias, começou a achar

cada vez mais fácil entrar nela e sair sem ser notado. Isso o levava ao descuido.

Foi descuido não olhar antes do salto; limitar-se à cabeça de Carys, antes de verificar o que ela estava fazendo. Nem pensou na possibilidade dela ir para a cama com o guarda-costas e, quando compreendeu tal erro, estava compartilhando suas sensações — aquele êxtase ridículo, que o fez estremecer. Não cometeria o mesmo erro novamente.

Na sala da casa vazia que tinha comprado e compartilhava com Breer, tentou a turbulência experimentada, a expressão nos olhos de Strauss quando olhou para a moça. Teria o ladrão percebido talvez o rosto por trás do rosto dela? O Europeu achava que sim.

Não importava; nenhum dos dois sobreviveria. Não ia ser apenas o velho como planejara antes. Todos eles — seus acólitos, seus servos todos — iriam para o paredão com seu dono.

As lembranças da atividade sexual de Strauss estava ainda nas entranhas do Europeu; desejava evacuá-las. A sensação o deixava envergonhado e cheio de nojo.

Ouviu Breer lá embaixo, saindo ou entrando; a caminho ou de volta de alguma atrocidade. Mamoulian concentrou-se na parede vazia à sua frente, por mais que se esforçasse para afastar o trauma, sentia ainda a intrusão: a cabeça ejaculando, o calor animal do ato.

Esqueça, disse em voz alta. Esqueça a chama marrom dos dois. Não representa perigo para você. Veja só o vazio, a promessa do vazio.

Suas entranhas estremeceram. Sob seu olhar fixo, a tinta da parede pareceu se empolar. Erupções venéreas desfiguraram seu vazio. Ilusões; mas, ainda assim, horrivelmente reais para ele. Muito bem, se não podia afastar as obscenidades, ele as transformaria. Não lhe era difícil transformar sexo em violência, suspiros em gritos, estocadas em convulsões. A gramática era a mesma, apenas a pontuação era diferente. Imaginando os amantes morrendo juntos, a náusea que sentia diminuiu.

Em face daquele vazio, o que era a substância deles? Transitória. Suas promessas? Pretensão.

Começou a se acalmar. As pústulas na parede se fechavam e depois de alguns minutos restava apenas um eco do nada que ele tanto precisava. A vida chegava e partia. Mas a ausência, ele sabia, era eterna.

— AH, A propósito, telefonaram para você. Foi Bill Toy. Anteontem. Marty ergueu os olhos do bife que comia e fez uma cara zangada.

— Por que não me disse?

Pearl fez um ar contrito.

— Foi no dia que perdi a paciência com essa gente danada. Deixei recado para você...

— Não recebi.

— ...no bloco, perto do telefone.

Ainda esta lá, "telefone para Toy" e um número. Marty discou e esperou um minuto inteiro antes que alguém atendesse. Não era Toy. A mulher que disse o número tinha uma voz suave, perdida, arrastada, como se tivesse bebido.

— Posso falar com William Toy, por favor?

— Ele foi embora — disse a mulher.

— Oh, não me diga...

— Ele não vai voltar. Nunca mais.

A voz era fantasmagórica.

— Quem está falando? — perguntou.

— Não importa — respondeu Marty. Instintivamente achou que não devia dizer seu nome.

— Quem é — perguntou ela outra vez.

— Desculpe ter incomodado.

— Quem está falando?

Marty desligou, interrompendo a insistência lamurienta do outro lado da linha. Só então percebeu que sua camisa grudara-se ao corpo, com o suor frio que brotara do seu peito e das costas.

No ninho de amor em Pimlico, Yvonne perguntou para a linha vazia “Quem está falando?” durante mais meia hora, antes de desligar o telefone. Então ela se sentou. O sofá úmido; grandes manchas pegajosas espalhavam-se do lugar onde estava sentada. Achou que devia ser alguma coisa errada

com ela, não sabia o que nem por que. Também não sabia explicar as moscas que se juntavam nela, nos cabelos, nas roupas, zumbindo o tempo todo.

— Quem é? — perguntou outra vez.

A pergunta continuava a ser pertinente, embora não tivesse mais no telefone. A pele putrefata das mãos, o sangue que ficava na banheira, o medonho reflexo que via no espelho — tudo inspirava a mesma pergunta hipnótica: *Quem é?*

— Quem é? Quem é? Quem é?

VI A Árvore

34

Breer detestava a casa. Era fria e os habitantes daquela parte da cidade nada hospitaleiros. Ele era sempre olhado com suspeita, mal punha os pés fora de casa. Tinha de admitir que havia razões para isso. Nas últimas semanas um cheiro começou a envolvê-lo; um cheiro adocicado e enjoativo, que o fazia quase sentir vergonha de chegar muito perto daquelas belezinhas do outro lado da cerca da escola, com medo de que tampassem o nariz com uma exclamação de nojo e saíssem correndo dizendo-lhe nomes feios. Quando faziam isso, Breer tinha vontade de morrer.

Embora a casa não tivesse aquecimento e fosse obrigado ao banho frio, Breer se lavava dos pés à cabeça três ou quatro vezes ao dia, na esperança de se livrar do tal cheiro. Quando viu que isso não funcionou, comprou perfumes — sândalo especialmente — e os passava no corpo depois de cada ablução. Agora os comentários que faziam a respeito dele não tinham mais a ver com excremento, mas sobre sua vida sexual. Breer aceitava a grosseria das observações com equanimidade.

Ressentimentos profundos cresciam nele, porém. Não só pelo modo que era tratado no distrito. O Europeu, depois de o haver conquistado muito delicadamente, cada vez o tratava com desprezo maior, como a um lacaios, não como a um aliado. Ficava irritado pelo modo com que o mandava para um lugar ou outro à procura de Toy — obrigado a percorrer uma cidade de milhões de habitantes à procura de um velho murcho que Breer vira pela última vez escalando um muro, completamente nu, as flácidas nádegas brancas à luz da lua. O Europeu estava perdendo o senso de proporção. Fosse, quais fossem os crimes cometidos por Toy contra Mamouliau, não podiam ser profundos, e Breer sentia-se fraco e cansado só com a idéia de passar outro dia andando a esmo pelas ruas.

Apesar do cansaço, a capacidade de dormir parecia tê-lo abandonado quase completamente. Nada, nem a fadiga que matava seus nervos, convenciu o corpo a fechar as portas por mais do que alguns poucos minutos agitados e, mesmo então, sonhava com aquelas coisas, coisas tão terríveis que era impossível chamar de repousante aquele sono. O único conforto que lhe restava eram as suas belezinhas da escola ao lado.

Uma das poucas vantagens daquela casa era ter um porão habitável. Apenas um espaço seco e frio, que ele estava sistematicamente livrando do lixo deixado pelos antigos moradores. Era um longo trabalho mas, aos poucos, ia deixando o lugar a seu gosto; embora ambientes fechados não lhe agradassem, havia algo naquela escuridão, a sensação de estar sob a terra, que lhe satisfazia uma necessidade não conscientizada. Logo tudo estaria limpo. Pretendia colocar grinaldas de papel coloridos nas paredes e flores em vasos, no chão. Uma mesa talvez, com toalha, cheirando a violetas; poltronas confortáveis para seus convidados. Então poderia começar a receber amigos do modo a que esperava que se acostumassem.

Todo esse trabalho poderia ser feito mais rapidamente se não fossem as eternas interrupções para as tarefas idiotas que o Europeu exigia dele. Mas seu tempo de servidão, resolveu, estava no fim. Diria hoje mesma a Mamoulian que não admitia mais ser chantageado ou pressionado a fazer o jogo dele. Na pior das hipóteses, ameaçaria ir embora. iria para o norte. Havia lugares no norte onde o sol não aparecia durante cinco meses do ano — tinha lido sobre esses lugares — e achava isso ótimo. Sem sol; cavernas profundas onde morar, buracos em que nem a luz da lua conseguia penetrar. Estava na hora de pôr as cartas na mesa.

Se o ar da casa era frio mais frio ainda era no quarto de Mamoulian. O Europeu parecia exalar um hálito como o gelo de um necrotério.

Breer parou na porta. Só estivera uma vez naquele quarto e tinha um pavor tremendo dele. Era simples demais. O Europeu pedira a Breer para pregar tábuas nas janelas, o que tinha sido feito. Agora, à luz do pavio que queimava no prato com óleo, no chão, o quarto parecia sinistro e cinzento, tudo nele insubstancial, até o Europeu. Estava sentado na cadeira de madeira escura, o único móvel existente, e olhou para Breer com olhos tão vidrados que pareciam cegos.

— Não o chamei aqui — disse Mamoulian.

— Eu queria... falar com você.

— Então, feche a porta.

Embora contra sua intuição, Breer obedeceu. A fechadura estalou atrás dele; o quarto centralizava-se naquela única chama e na luminosidade trémula que ela oferecia. Vagamente Breer olhou à procura de um lugar para se sentar, ou pelo menos se apoiar. Mas não havia nenhum conforto ali: a austeridade no quarto teria humilhado um asceta. Apenas alguns cobertores sobre as tábuas, no canto, onde dormia o grande homem; alguns livros encostados na parede; um baralho, uma jarra com água e uma xícara, pouca coisa mais. As paredes, exceto pelo rosário pendurado num gancho, estavam nuas.

— O que você quer, Anthony?

Tudo o que Breer conseguiu pensar foi: detesto este quarto.

— Diga o que tem a dizer.

— Quero ir...

— Ir?

— Embora. As moscas me incomodam. Há moscas demais.

— Como sempre no mês de maio. Talvez esteja um pouco mais quente este ano. Tudo indica que o verão vai ser escaldante.

A idéia de calor e luz provocou náuseas em Breer. E havia outra coisa também: o modo como seu estômago se revoltava quando comia. O Europeu lhe havia prometido um novo mundo — saúde, riqueza e felicidade — mas Breer estava sofrendo os tormentos duma verdadeira danação. Era uma fraude, tudo não passava duma fraude.

— Por que não me deixou morrer? — perguntou, sem pensar no que dizia.

— Preciso de você

— Mas me sinto mal.

— O trabalho logo terminará.

Breer olhou diretamente para Mamoulian, uma coisa que raramente tinha coragem de fazer. Mas o desespero o impulsionava.

— Encontrar Toy, você quer dizer? — perguntou. — Não vamos encontrar. É impossível.

— Oh, mas vamos, sim, Anthony. Garanto-lhe que vamos!

Breer suspirou.

— Eu preferia estar morto...

— Não diga isso. Tem toda a liberdade que pode desejar, não tem? Já não sente mais culpa agora, sente?

— Não...

— Muita gente ficaria feliz com os pequenos desconfortos que está sofrendo só para não sentir culpa, Anthony; transmitir desejo do coração à carne e nunca ter de se arrepender. Descanse hoje. Amanhã vamos estar ocupados, você e eu.

— Por quê?

— Vamos visitar os Sr. Whitehead.

Mamoulian tinha falado sobre Whitehead, a casa e os cães. O mal que eles tinham causado a Mamoulian era evidente. Embora a mão tivesse cicatrizado rapidamente, os ferimentos eram irreparáveis. Faltava-lhe um dedo inteiro e a metade de outro; feias cicatrizes nas palmas e no rosto; um polegar estava com os movimentos comprometidos; sua habilidade com as cartas estava permanentemente danificada. Foi uma história longa e dolorosa a que contou a Breer quando voltou ensanguentado do seu encontro com os cães. Uma história de promessas não-cumpridas e confiança desprezada; de atrocidades contra a amizade. O Europeu tinha chorado abertamente enquanto falava, e Breer sentiu a profundidade da sua dor.

Eram ambos homens desprezados, vítimas de conspirações e de infâmias. Lembrando a confissão do Europeu, a sensação de injustiça que Breer tinha sentido naquele dia retornou. E ali estava ele, que devia tanto ao Europeu — sua vida, sua amizade — planejando dar as costas ao seu Salvador. O engolidor de giletes sentiu vergonha.

— Por favor — pediu ele, ansioso por reparar suas queixas mesquinhas —, deixe que eu mate esse homem para você.

— Não Anthony.

— Eu posso — insistiu Breer. — Não tenho medo de cães. Não sinto dor, não agora, desde que você voltou. Posso matá-lo na cama.

— Tenho certeza de que pode. E sem dúvida vou precisar de você para manter os cães longe de mim.

— Eu os farei em pedaços.

Mamoulian ficou extremamente satisfeito.

— Faça isso, Anthony. Odeio esses animais. Sempre odiei. Você se encarrega deles, enquanto cuido de Joseph.

— Por que se preocupar com ele? É tão velho.

— Eu também — respondeu Mamoulian. — Mais velho do que pareço, acredite. Mas trato é trato.

— É difícil — disse Breer, os olhos cheios de lágrimas pegajosas.

— O que é difícil?

— Ser o Último.

— Oh, sim, é.

— Precisar fazer tudo direito para que a tribo seja lembrada... — A voz de Breer ficou embargada. Todas as glórias que tinha perdido por não nascer na Grande Era. O que devia ser naquele tempo de sonho, quando os Engolidores de Gilete e os Europeus e todas as outras tribos tinham o mundo nas mãos? Jamais haveria outra Era igual; Mamoulian tinha dito.

— Você não será esquecido — prometeu o Europeu.

— Acho que serei.

O Europeu levantou-se. Parecia maior do que Breer se lembrava e mais escuro.

— Tenha um pouco de fé, Anthony. Há tanta coisa por vir.

Breer sentiu um toque na nuca. Como se uma mariposa tivesse pousado ali e acariciasse sua pele com a antena peluda. Sua cabeça começou a zunir, como se as moscas que o incomodavam tivessem posto ovos em seus ouvidos e eles estivessem agora se abrindo. Balançou a cabeça para se libertar daquela sensação.

— Está tudo bem — ouviu o Europeu dizer através do zumbido das asas dos insetos. — Fique calmo.

— Não me sinto bem — protestou Breer fracamente, esperando que sua fraqueza despertasse a misericórdia de Mamoulian. O quarto fragmentava-se ante seus olhos, as paredes separando-se do assoalho e do teto, os seis lados daquela caixa cinzenta separando-se nas juntas, deixando entrar todo o tipo de vazio. Tudo tinha desaparecido dentro da névoa, móveis, cobertores, até Mamoulian.

— Há tanto ainda por vir — ouviu o Europeu repetir, ou seria o eco chegando até ele da face de algum penhasco distante? Breer ficou apavorado. Embora não pudesse ver nem o próprio braço estendido, sabia que aquele lugar era para sempre e que estava perdido nele. As lágrimas saltaram espessas. Seu nariz estava escorrendo, suas entranhas retorcidas.

Quando pensou que precisava gritar ou ficar louco, o Europeu apareceu saindo do nada e à luz repentina da sua consciência em eclipse Breer o viu transformado. Ali estava a fonte de todas as moscas, todos os verões escaldantes e invernos assassinos, toda a perda, todo o medo, flutuando na sua frente mais despido do que qualquer homem tinha o direito de estar, despido a ponto de não ser. Agora estendeu a mão não-danificada para Breer. Nela estavam dados de osso, com rostos gravados neles, rostos que Breer reconheceu e o Último Europeu estava se agachando e jogando os dados, rostos e tudo, no vazio, enquanto ali perto uma coisa com cabeça de fogo chorava e chorava até parecer que iam todos se afogar em lágrimas.

Whitehead apanhou o copo de vodca e a garrafa e desceu para a sauna. Tinha se tornado seu refúgio favorito na semana de crise. Agora, embora o perigo não tivesse passado, ele perdera a visão global do estudo do império. Grandes setores da Companhia, na Europa e no Extremo Oriente, já tinham sido vendidos para diminuir as perdas; síndicos foram nomeados para algumas firmas menores; havia reestruturações substanciais planejadas para determinadas fábricas de produtos químicos na Alemanha e na Escandinávia, tentativas desesperadas para evitar seu fechamento ou venda. Entretanto, Joe tinha outros problemas. Impérios podiam ser reconquistados, mas a vida e a sanidade não. Despachou os financistas e os analistas do governo mandando estes de volta aos seus bancos e aos seus escritórios repletos de relatórios, em Whitehall. Não lhe tinham a dizer nada que ele quisesse ouvir. Gráficos, tabelas de computadores, previsões, nada disso o interessava. Nas cinco semanas que haviam transcorrido desde o

começo da Crise, lembrava-se com interesse de uma única conversa: a que tivera com Strauss.

Gostava de Strauss. Para ser mais exato, confiava em Strauss e isso era um bem mais raro do que urânio no bazar em que fazia suas transações. A análise instintiva de Toy sobre Strauss estava certa; Bill era capaz de descobrir a integridade alheia. Às vezes, especialmente quando várias doses de vodca despertavam sentimentos e remorsos, sentia muita falta de Toy. Mas não ia se lamentar, nunca fora seu estilo e não ia começar agora. Encheu outro copo de vodca e o ergueu.

— *À Queda!* — disse ele, e bebeu.

O compartimento de ladrilho brancos estava repletos de vapor e Joe, sentado no banco sob a luz fraca, a pele manchada e vermelha, sentia-se como uma planta polpuda. Gostava de sentir o suor nas dobras da barriga, axilas e na virilha; simples estímulos físicos que o distraíam dos maus pensamentos.

“Talvez o Europeu não venha, afinal”, pensou. “Que Deus me ouça”.

Em alguma parte da casa às escuras, uma porta foi aberta e fechada, mas a bebida e o vapor o distanciavam de tudo o que acontecia fora dali. A sauna era outro planeta, seu, exclusivamente seu. Colocou no chão o copo vazio e fechou os olhos, esperando poder cochilar.

Breer chegou ao portão. Um zumbido de carga emanava dele e havia o cheiro de eletricidade no ar.

— Você é forte — disse o Europeu. — Você mesmo afirmou isso. Abra o portão.

Breer colocou as mãos na grade. Sua bazófia era verdadeira: sentiu apenas um leve tremor e o cheiro de carne queimada, ouvindo seus dentes batendo uns contra os outros ao iniciar o arrombamento do portão. Estava mais forte do que pensava. Não sentia medo e isso lhe dava uma força hercúlea. Agora os cães tinham começado a latir na cerca, mas ele pensou apenas: que venham. Ele não ia morrer. Talvez não morresse nunca.

Rindo como um doido, abriu o portão; o zumbido cessou, o circuito estava desfeito e o ar se tingiu de fumaça azulada.

— Muito bem! — disse o Europeu.

Breer tentou largar o pedaço de arame que segurava, mas uma parte tinham se soldado à palma da sua mão. Teve de arrancar-la com a outra. Olhos incrédulos para a carne queimada. Estava escura e com um cheiro apetitoso. Logo, sem dúvida, iria começar a doer um pouco. Nenhum homem — nem mesmo um homem como Breer, sem noção de culpa e com força sublime — podia receber um ferimento daqueles e não sofrer. Mas não sentiu nada.

De repente — saindo da noite — um cão.

Mamouliau recuou, cheio de medo, mas Breer era a vítima escolhida. A alguns passos do alvo, o cão saltou e caiu com todo o peso sobre o peito de Breer. O impacto o fez cair de costas, e o cão logo estava em cima dele, as mandíbulas abertas para seu pescoço. Breer estava armado com uma faca de cozinha de lâmina longa, mas não parecia interessado nela, embora a arma estivesse ao seu alcance. Seu rosto gordo se abriu em uma risada quando o cão atirou-se ao seu pescoço. Breer simplesmente agarrou a mandíbula inferior do animal. O cachorro fechou a boca sobre a mão dele. Quase imediatamente percebeu o erro. Breer pôs a mão livre atrás da cabeça do cão, agarrou um punhado de pêlo e de carne e puxou a cabeça para um lado e o pescoço para o outro. Ouviu-se um ruído de coisa amassada. O cão rugiu surdamente, sem deixar a mão do seu executor, mesmo com o sangue jorrando entre seus dentes fechados. Breer deu outro puxão mortal. Os olhos do cão ficaram brancos e suas pernas rígidas. Caiu sobre o peito de Breer, morto.

Outros cães latiam ao longe, repondo ao grito de morte do companheiro. O Europeu olhou nervosamente para os dois lados da cerca.

— Levante-se! Rápido!

Breer retirou a mão da boca do cão e atirou o corpo morto para longe. Estava rindo ainda.

— Calma — disse ele.

— Há outros cães, alertou Mamouliau.

— Leve-me a eles.

— Talvez sejam muitos para aque você enfrente de uma só vez.

— Foi este? — perguntou Breer, chutando o corpo do animal para que o Europeu o visse melhor.

— Este o quê?

— Que arrancou seus dedos?

— Não sei — respondeu o Europeu, evitando o rosto sorridente e sujo de sangue de Breer, com olhos que cintilavam como os de um adolescente apaixonado.

— Acho melhor ir até os canis — sugeriu — e acabar com eles lá.

— Por que não?

O Europeu afastou-se da cerca e caminhou para os canis. Graças a Carys, a planta do Santuário era tão familiar para ele como a palma da sua mão. Breer o acompanhou, fedendo a sangue, seu passo pesado dando uma impressão de leveza. Poucas vezes sentira-se tão vivo assim.

A vida era boa, não era? Tão boa!

Os cães estavam latindo.

No seu quarto, Carys pôs o travesseiro sobre a cabeça para não ouvir o barulho. Amanhã tomaria coragem e diria a Lillian que não, gostava de ficar acordada metade da noite por causa dos cães histéricos. Se quisesse recuperar a saúde, precisava se reacostumar aos ritmos da vida normal. Isso significava fazer o que tinha a fazer enquanto o sol brilhasse, e dormir à noite.

Quando se virou à procura de uma parte da cama que estivesse fria ainda, uma imagem surgiu em seu espírito. Desapareceu antes que pudesse entender exatamente o que era, mas foi o bastante para despertá-la. Viu um homem — sem rosto, mas familiar — atravessando um pedaço de relva. Atrás dele, uma onda de imundice. Caminhava muito perto dele, com cega adoração, suas emanações sibilantes como serpentes. Carys não teve tempo de ver o que essas emanações continham e talvez fosse melhor assim.

Virou-se outra vez na cama, ordenando a si mesma que esquecesse essas bobagens.

Curiosamente, os cães tinham parado de latir.

E afinal, qual era a pior coisa que *ele* podia fazer, a *pior coisa*? Whitehead tantas vezes se fizera essa pergunta que ela já vinha naturalmente ao espírito. Os tormentos físicos possíveis eram intermináveis, sem a menor dúvida. Às vezes envolto no suor pegajoso, às três horas da madrugada, chegava a admitir que merecia todos — se um homem pudesse morrer dez, vinte vezes — porque os abusos de poder que havia cometido

não podia ser pagos facilmente. “Quantas coisas, oh, Cristo dos céus, que fui levado a fazer...”.

Mas afinal, que diabo, quem não teria crimes para confessar quando chegasse a hora? Quem nunca fora tocado pela cobiça e pela inveja? Quem nunca roubara para subir na vida, e uma vez conseguido o poder, passar a exercê-lo com autoridade absoluta ao invés de renunciar a ele? Não podia ser responsabilizado por tudo que a Companhia tinha feito. Se, uma vez no curso duma década, um medicamento que deformava fetos tinha sido posto no mercado, era sua culpa se lucrara com isso? Esse tipo de contagem moral era para os escritores politicamente engajados; não pertencia ao mundo real, onde muitos crimes ficavam impunes à custa de riqueza e opulência; onde os vermes raramente se movem e, quando se movem, são imediatamente esmagados; onde o melhor que um homem podia esperar, tendo atingido por esperteza as alturas da sua ambição, engano ou violência era encontrar um pouco de prazer na vista lá de cima. Esse era o mundo real e o Europeu conhecia suas ironias tanto quanto ele. Mamoulian não havia mostrado tantas delas a Whitehead? Como, em sã consciência, podia o Europeu mudar agora de atitude e punir o aluno por ter aprendido tão bem a lição?

Provavelmente morrerei num leito quente — pensou Whitehead —, com as cortinas parcialmente bloqueando o céu amarelo da primavera, rodeado de admiradores. Não há nada a temer, disse em voz alta. O vapor ondulava. Os azulejos, colocados com exatidão obsessiva, suavam com ele: mas permaneciam gelados, ao passo que Whitehead estava quente.

Nada a temer.

Da porta do canil, Mamoulian ficou observando o trabalho de Breer. Dessa vez a matança foi eficiente, não o teste de força que tivera com o cão na entrada. O homem gordo simplesmente abria as jaulas e depois as gargantas dos animais, uma por uma, com sua longa faca. Encurralados nas celas os cães eram presas fáceis. Tudo o que podiam fazer era girar e girar, inutilmente tentando morder o assassino, de certo modo sabendo que a batalha estava perdida antes mesmo de começar. Expeliam fezes quando caíam com os pescoços cortados, os flancos sangrentos, seus olhos castanhos voltados para Breer, como se vê na pintura sacra. Ele matou os filhotes também, arrancando-os das tetas da mãe e amassando as cabecinhas com as mãos. Bella lutou com maior fúria do que os outros cães, resolvidos a provocar o maior dano possível antes de ser também morta. Ele retribuiu o favor, mutilando o corpo dela depois de matá-la; ferimentos em troca dos ferimentos infligidos. Terminada a carnificina, quando os únicos movimentos nas celas eram, o tremor de uma pata ou o fluxo de uma bexiga estourada, Breer deu o trabalho como feito. Foram juntos para a casa.

Havia mais dois cães lá dentro; os últimos. O Engolidor de Giletes os liquidou rapidamente. Agora parecia mais um empregado de matadouro do que bibliotecário. O Europeu agradeceu. Fora mais fácil do que tinha imaginado.

— Agora tenho negócios a tratar dentro da casa — disse para Breer.

— Quer que eu vá também?

— Não. Mas pode abrir a porta para mim, se quiser.

Breer foi até a porta dos fundos e quebrou o vidro, depois enfiou a mão e abriu a maçaneta, e Mamoulian entrou na cozinha.

O Europeu desapareceu na escuridão azulada do interior da casa. Breer esperou que ele desaparecesse e entrou no Santuário atrás dele, o sangue e os sorrisos enfeitando seu rosto.

+ + +

Embora o volume de vapor abafasse os sons, Whitehead teve a impressão de que alguém se movia pela casa. Strauss talvez; nos últimos dias o homem parecia inquieto. Whitehead tornou

a fechar os olhos sonolentos.

Em algum lugar muito perto uma porta se abriu e se fechou, a porta da ante-sala, além da sauna. Levantou-se e olhou atento para o escuro.

— Marty?

Nenhuma resposta de Marty ou de qualquer outra pessoa. A certeza de ter ouvido o barulho da porta vacilou. Nem sempre lhe era fácil identificar os sons da casa quando ali na sauna. Nem ter visão clara do próprio ambiente: o vapor estava muito mais espesso; já não via a outra extremidade da sala.

— Tem alguém aí? — perguntou.

Ó vapor era uma parede morta e cinzenta na frente dos seus olhos. Praguejou por deixá-lo ficar tão denso.

— Martin? perguntou outra vez.

Embora nenhum som ou imagem confirmasse suas suspeitas, sabia que não estava sozinho. Alguém estava muito perto, mas não respondia. Estendeu a mão, centímetro após centímetro, para a toalha dobrada do seu lado. Seus dedos investigaram as dobras enquanto seus olhos permaneciam fixos na parede de vapor; na toalha havia um revólver. Os dedos agradecidos toca

ram a arma.

Dessa vez, em voz mais calma, falou com o visitante. A arma lhe dava confiança.

— Sei que está aí. Apareça, seu miserável. Não pode me assustar.

Algo moveu-se no vapor. Redemoinhos se agitaram multiplicando-se. Whitehead ouvia o pulsar duplo do coração nos ouvidos. Fosse quem fosse (não permita que seja ele, Cristo, não permita que seja ele), estava pronto. E então, inesperadamente o vapor se abriu, desfeito por um frio repentino. O velho ergueu a arma. Se fosse Marty, fazendo uma brincadeira de mau gosto, ia se arrepender. A mão que segurava a arma começou a tremer .

Agora, finalmente, havia uma figura diante dele. Permaneceu irreconhecível na névoa por alguns segundos, até quando a voz que Whitehead ouvira centenas de vezes nos seus sonhos de vodka lhe disse:

— Peregrino.

O vapor encolheu-se. O Europeu estava ali, de pé na frente dele. Seu rosto pouco revelava os dezessete anos que não se viam. A testa curva, os olhos mergulhados na órbitas que brilhavam como água no fundo de um poço. Tinha mudado tão pouco como se o tempo — com reverência — tivesse passado sem o tocar.

— Sente-se — ele disse.

Whitehead não se moveu; a arma estava ainda apontada diretamente para o Europeu.

— Por favor, Joseph, sente-se.

Seria melhor sentar-se? Poderia evitar os golpes mortais se fingisse docilidade? Ou seria melodrama pensar que esse homem desceria à baixeza de golpeá-lo? Em que espécie de sonho tenho vivido, pensou Whitehead censurando-se, imaginando que ele viria aqui só para me machucar, para me sangrar? Esses olhos têm mais do que isso em mente.

Sentou-se. Estava consciente da própria nudez mas não se importava. Mamoulian não estava vendo carne; ele olhava para algo mais profundo do que gordura e ossos. Whitehead sentia o olhar fixo nele agora, acariciando seu coração. De que outro modo poderia explicar o alívio de ver o Europeu afinal?

— Faz tanto tempo... — foi todo que conseguiu dizer, uma banalidade flácida. Será que parecia um amante esperançoso, desejando a reconciliação? Talvez isso não estivesse muito longe da verdade. A singularidade do ódio mútuo tinha a pureza do amor.

O Europeu o observou demoradamente.

— Peregrino — murmurou ele em tom de censura, olhando para a arma — você não precisa dela. Nem adiantará usá-la...

Whitehead sorriu e pôs a arma na toalha, ao seu lado.

— Estava com medo da sua vinda — explica-se ele. Por isso comprei os cães. Sabe como detesto cães. Mas sabia que você os detesta mais ainda.

Mamoulian levou o dedo aos lábios para que Whitehead parasse de falar.

— Eu perdôo os cães — disse ele. A quem estava perdoadando, aos animais ou ao homem que os havia usado contra ele?

— Por que teve de voltar? — perguntou Whitehead. — Devia saber que não seria recebido.

— Sabe porque vim.

— Não, não sei. Francamente, não sei.

— Joseph — suspirou Mamoulian. — Não me trate como a um dos seus políticos. Não aceito promessas como pagamento, nem posso ser descartado com a mudança da sorte. Não pode me tratar assim.

— Não tratei.

— Nada de mentiras, por favor. Não agora. Não com tão pouco tempo para nós dois. Desta vez, desta última vez, vamos ser honestos com o outro. Vamos abrir nossos corações. Não haverá mais oportunidades.

— Por que não? Por que não podemos recomeçar?

— Estamos velhos. E cansados.

— Eu não estou.

— Então, por que não lutou por seu império, se não por fadiga?

— Foi obra sua? — pergunto Whitehead, sabendo a resposta.

Mamoulian fez um gesto afirmativo.

— Você não é o único homem a quem ajudei a fazer fortuna. Tenho amigos nos mais altos círculos; todos, como você, estudantes da Providência. Podem comprar e vender metade do mundo se eu pedir; eles me devem isso. Mas nenhum deles jamais foi como você, Joseph. Você foi o mais ávido e o mais hábil. Só com você vi uma chance de...

— Continue — insistiu Whitehead —, chance do quê?

— Salvação — respondeu Mamoulian, logo descartando essa idéia. — Como se ela fosse possível — disse em voz baixa.

Whitehead jamais imaginou que seria assim; um debate em voz baixa na sala de azulejos brancos, dois velhos trocando mágoas. Levantando lembranças como pedras do caminho e olhando os vermes que fugiam assustados de debaixo deles. Muito mais suave e muito mais doloroso. Nada mais assolador do que perda.

— Eu cometi erros — disse Joe — e estou sinceramente arrependido.

— Diga a verdade — censurou Mamoulian.

— Essa é a verdade, que diabo. Estou arrependido. O que mais você quer? Terras? Companhias? O que você quer?!

— Você me espanta, Joseph. Mesmo agora, *in extremis*, você tenta negociar. Que grande fracasso você é. Que terrível! Eu poderia tê-lo feito grande.

— Eu sou grande.

— Sabe que não é verdade, Peregrino — disse ele gentilmente. — O que teria sido sem mim? Com sua língua fluente e seus ternos elegantes? Um ator? Um vendedor de automóveis? *Um ladrão?*

Whitehead encolheu-se, não tanto por causa das palavras.

O vapor, atrás de Mamoulian, movia-se estranhamente, como se fantasmas estivessem dentro dele.

— Você não era nada. Pelo menos tenha a decência de admitir.

— Eu o desafiei — observou Whitehead.

— Oh, sim — concordou Mamoulian. — Você tinha apetite, não nego. Tinha-o em abundância.

— Você precisa de mim — retrucou Whitehead.

O Europeu o ferira; agora apesar de tudo, estava disposto a ferí-lo também. Afinal, este era o seu mundo. O Europeu era um invasor, desarmado, sozinho. E queria a verdade. Muito bem, ia ouvi-la, fantasma ou não fantasma.

— Por que iria eu precisar de você? — perguntou Mamoulian. — Uma nota de desprezo entrava agora em sua voz. — O que é que você vale?

Whitehead ficou calado por um momento; então as palavras começaram a sair, sem se importar com as consequências.

— Para viver por você, porque você era muito covarde para viver por si próprio! Por isso me escolheu. Para saborear tudo por meu intermédio. As mulheres, o poder, tudo.

— Não...

— Você parece doente. Mamoulian...

Tinha chamado o Europeu pelo nome. Viram isso? Meu Deus, com que facilidade. Chamara o miserável pelo nome, e não olhou para outro lado quando aqueles olhos fuzilaram, porque estava dizendo a verdade, não estava? Ambos sabiam disso. Mamoulian estava pálido, quase sem nenhuma cor. Esvaziado do desejo de viver. De repente Whitehead compreendeu que podia vencer aquele confronto, se fosse esperto.

— Não tente lutar — disse Mamoulian. Receberei o que me é devido.

— E o que é?

— Você. Sua morte. Sua alma, por falta de palavra melhor.

— Já recebeu tudo o que eu devia a você e mais ainda, há muitos anos.

— Isso não estava no trato, Peregrino.

— Nós todos fazemos tratos e depois mudamos as regras.

— Isso não é jogar o jogo.

— Existe um único jogo. Você me ensinou isso. Desde que eu ganhe esse... o resto não importa.

— Vou receber o que é meu — repetiu Mamoulian num tom de calma decisão... É um assunto resolvido.

— Por que não se contenta em mandar me matar?

— Você me conhece, Joseph. Quero terminar isto limpamente. Estou dando tempo para que organize seus negócios. Para fechar os livros, limpar os quadros negros, devolver a terra aqueles de quem a roubou.

— Nunca pensei que fosse comunista.

— Não estou aqui para discutir política. Vim para dizer meus termos. Então, pensou Whitehead, a data da execução está longe. Rapidamente afastou todos os pensamentos de fuga, com medo que o Europeu os farejasse. Mamoulian enfiou a mão no bolso do paletó. A mão mutilada retirou um grande envelope dobrado.

— Vai dispor dos seus bens exatamente de acordo com estas instruções.

— Tudo para amigos seus, naturalmente.

— Não tenho amigos.

— Para mim tudo bem — Whitehead deu de ombros. — Ficarei até satisfeito em me livrar disto.

— Não lhe avisei que iria ficar um fardo pesado demais?

— Eu darei tudo. Serei um santo, se quiser. Ficaré satisfeito, então?

— Desde que você morra, Peregrino.

— Não.

— Você e eu juntos.

— Vou morrer quando chegar minha hora, não na sua.

— Não vai querer ir sozinho.

Atrás do Europeu os fantasmas estavam inquietos. O vapor fervia com a presença deles.

— Não vou a *lugar nenhum* — disse Whitehead. Pensou ver rostos nas espirais de vapor. Talvez a atitude desafiadora não fosse prudente, pensou — ... Que mal faz? — murmurou, começando a se levantar para afastar as coisas que estavam dentro do vapor. As luzes da sauna começaram a enfraquecer. Os olhos de Mamoulian brilhavam na escuridão que aumentava e luz saía da sua garganta também, manchando o ar. Os

fantasmas estavam absorvendo substâncias dessa luz, crescendo e se tornando mais palpáveis a cada segundo.

— Pare — pediu Whitehead, mas era uma esperança vã.

A sauna desapareceu. O vapor estava desembarcando seus passageiros. Whitehead sentia os olhos perfurantes deles. Só então sentiu-se nu. Inclinou-se para apanhar a toalha e quando endireitou o corpo Mamoulian tinha partido. Apertou a toalha contra a virilha. Via os fantasmas no escuro caçoando do seu peito, dos seus órgãos sexuais encolhidos, da indecência absurda da sua carne envelhecida. Eles o haviam conhecido em tempos maravilhosos, quando o peito era largo, os órgãos sexuais arrogantes, a carne impressionante vestida ou nua.

— Mamoulian... — murmurou ele, esperando que o Europeu desfizesse aquela miséria, antes que as coisas fugissem completamente ao controle. Mas ninguém respondeu ao seu apelo.

Deu um passo arrastado pelos azulejos escorregadios, na direção, da porta. Se o Europeu se fora, então podia simplesmente sair dali, procurar Strauss e um quarto para se esconder. Mas os fantasmas não tinham terminado ainda. O vapor escurecido e arroxeadado, diminuiu um pouco e nas suas profundezas algo borbulhou. A princípio não percebeu o que era, a brancura incerta, o tremor, como flocos de neve.

Então, vinda de lugar nenhum, uma brisa. Pertencia ao passado e cheirava ao passado. Cheiro de cinza e pó de tijolos; de corpos que não se lavavam há décadas, de ar queimado, de fúria. Mas havia outro cheiro serpenteando entre esses todos, e quando Whitehead o respirou, o significado daquele borbulho no ar ficou bem claro, e ele esqueceu a toalha e cobriu os olhos, lágrimas e súplicas numa procissão sem fim.

Mas os fantasmas continuaram a se aproximar, trazendo consigo o perfume de pétalas.

Carys parou no patamar na frente do quarto de Marty e escutou. De dentro do quarto vinha o som de um sono tranquilo. Hesitou um momento — sem saber se devia entrar ou não —, depois desceu a escada, sem acordar Marty. Era muito conveniente deitar na cama ao lado dele, chorar na curva do seu pescoço onde o pulso batia, desabafar todo o seu temor e pedir que ele fosse forte por ela. Conveniente e perigoso. Não havia segurança verdadeira ali na cama dele. Tinha de descobri-la por mesma e em si mesma, em nenhum outro lugar.

Na metade do segundo lance de escadas parou. Havia um tremor estranho no corredor escuro. Uma rajada fria de ar noturno, e algo mais... Esperou, fina como uma sombra, na escada, até seus olhos se acostumarem com o escuro. Talvez fosse melhor voltar para cima, trancar a porta do quarto e procurar algumas pílulas para passar as horas até o nascer do sol. Seria muito mais fácil do que viver como estava vivendo, com cada nervo eletrificado. No corredor que levava à cozinha percebeu um movimento. Um vulto negro desenhou-se na porta e desapareceu.

É só o escuro, pensou ela, fazendo truques. Passou a mão pela parede, sentindo o desenho do papel ondulando-se sob seus dedos, até encontrar o interruptor. Acendeu a luz. O corredor estava vazio. A escada atrás dela, estava vazia. O patamar vazio. Murmurou “tola” e desceu os três últimos degraus entrando no corredor em direção à cozinha.

Antes de chegar lá, suas suspeitas sobre o ar frio se confirmaram. A porta dos fundos ficava bem na frente da porta interna que dava para a cozinha, e ambas estavam abertas. Era estranho, quase chocante na verdade, ver a casa sempre hermeticamente fechada, exposta à noite. A porta aberta era como um ferimento no seu flanco.

Passou do carpete do corredor para o frio linóleo da cozinha e estava quase chegando à porta para fechá-la quando viu o vidro brilhando no chão. A porta não tinha sido aberta por acidente; alguém forçara a entrada. Um cheiro — sândalo — invadiu suas narinas. Enjoativo, mas o que ele encobria era muito pior.

Precisava informar Marty; essa era a prioridade número um. Não seria necessário voltar ao piso superior. Havia um interfone na parede da cozinha.

Seu ânimo se dividiu. Uma parte avaliava friamente o problema e suas soluções: onde estava o telefone, o que deveria dizer a Marty quando ele atendesse. A outra, a parte que vivia submetida à heroína a que estava

sempre assustada, dissolvia-se em pânico. Alguém está aqui perto (sândalo), dizia essa parte de seu espírito alguém letal, escondido nas sombras, apodrecendo no escuro.

A cabeça fria controlou a situação. Caminhou — satisfeita agora por estar descalça, porque não fazia nenhum barulho — para o telefone. Apanhou o aparelho e discou dezenove, o número do quarto de Marty. Tocou uma vez, outra vez. Carys concentrou-se no desejo de que ele acordasse logo. Suas reservas de controle eram extremamente limitadas, ela sabia.

— Atenda, atenda já... — murmurou ela.

— Foi quando ouviu um ruído atrás dela; pés pesados amassando os pedaços de vidro que vira no chão. Voltou-se e ali estava um pesadelo de pé na porta, empunhando uma faca e tendo uma pele de cachorro dependurada no ombro. O telefone escorregou-lhe da mão e sua parte que vivia dominada pelo pânico tomou conta dela toda.

“Bem que eu lhe disse !”, gritava sua mente. “Bem que lhe disse!”

Um telefone tocou nos sonhos de Marty. Sonhou que acordava, levava o fone ao ouvido e falava com a morte do outro lado da linha. Mas continuou tocando mesmo depois de sair do sono, apanhar o fone e não obter nenhuma resposta do outro lado.

Desligou o aparelho. Teria de fato tocado? Talvez não... Porém, não valia a pena voltar ao sonho: sua conversa com a morte tinha sido inconsequente. Levantou-se, vestiu a calça jeans e chegou à porta, com olhos sonolentos, quando lá de baixo veio o som de vidro quebrado.

O Carniceiro tinha-se atirado para ela — jogando fora a pele de cachorro para facilitar o abraço. Carys o evitou uma vez, duas vezes. Ele era imenso e ela sabia que se pusesse as mãos nela, seria o fim. Ele estava agora entre Carys e a porta que dava para o interior da casa, Carys foi obrigada a se mover na direção da porta dos fundos.

— Eu não iria lá fora — aconselhou ele, a voz, como o cheiro, um misto de coisa doce e podridão. — Não é seguro.

O aviso foi a melhor recomendação que ela podia ter ouvido. Esgueirou-se em volta da mesa da cozinha e saiu pela porta dos fundos, tentando evitar os cacos de vidro. Conseguiu fechar a porta — mais vidro caiu e se partiu — e então começou a se afastar da casa. Atrás dela ouviu que a porta se abria com tanta violência como se tivesse sido arrancada das

dobradiças. Agora ouvia os passos do matador de cochorros — trovejando no solo — atrás dela.

O animal era lento; Carys ágil. Ele era pesado, ela leve, quase invisível. Ao invés de se manter perto das paredes da casa, que a levariam para a parte da frente, onde o gramado estava iluminado, afastou-se, pedindo a Deus que o animal não enxergasse no escuro.

Marty desceu correndo a escada, procurando ainda expulsar o sono. O frio no corredor o despertou completamente. Seguiu a corrente de ar até a cozinha. Teve apenas alguns segundos para ver o vidro e o sangue no chão e ouviu os gritos de Carys.

+ + +

De algum lugar inimaginável, alguém gritou. Whitehead ouviu a voz, uma voz de mulher, mas, perdido como estava no deserto, não localizou o grito. Não sabia há quanto tempo estava ali chorando, vendo os condenados que entravam a saíam; parecia uma eternidade. Sua cabeça flutuava com hiperventilação, a garganta estava rouca de soluços.

— Mamoulian... — implorou outra vez — não me deixe aqui.

O Europeu estava certo — ele não queria ir sozinho para aquele nada. Embora tivesse pedido para ser salvo daquilo uma centena de vezes sem resultado, agora, finalmente, a alucinação começava a esmaecer. Os ladrilhos, como tímidos caranguejos brancos, voltavam aos seus lugares sob seus pés; o cheiro do próprio suor o assaltou outra vez, mais bem-vindo do que qualquer outro que já sentira. E agora o Europeu estava ali na sua frente, como se nunca tivesse saído.

Vamos conversar, Peregrino? — perguntou.

Whitehead tremia, apesar do calor. Seus dentes batiam.

— Vamos — respondeu.

— Tranquilamente? Com dignidade e polidez?

Outra vez:

— Vamos.

— Você não gostou do que viu, não é?

Whitehead passou a mão pelo rosto flácido, apertando a base do nariz, entre os olhos, com o polegar e o indicador, como para afastar as visões.

— Não, maldito seja!

As imagens não se moviam. Nem agora, nem jamais.

— Talvez possamos conversar em outro lugar — sugeriu o Europeu.

— Não tem um quarto onde possamos ficar à vontade?

— Ouvi Carys. Ela gritou.

Mamouliau fechou os olhos por um momento, apanhando um pensamento da jovem.

— Não se preocupe! Ela está bem.

— Não faça mal a ela. Por favor. É tudo que eu tenho.

— Não lhe aconteceu nada de mal. Apenas ela encontrou uma parte do trabalho de meu amigo.

Breer não tinha apenas esfolado o cão, tinha também tirado suas entranhas. Carys escorregou naquela coisa pegajosa e nojenta e o grito escapou antes que se pudesse controlar. Quando o eco de sua voz morreu, aguçou o ouvido para ouvir os passos do Carniceiro. Alguém corria para ela.

— Carys!

Era a voz de Marty.

— Estou aqui.

Ele a encontrou olhando para a cabeça esfolada do cão.

— Que monstro fez isso! — gritou ele.

Ele está aqui — respondeu Carys. — Veio atrás de mim.

Marty tocou-lhe o rosto.

— Você está bem?

— É só um cachorro morto — disse ela. — Foi o choque.

Voltando para a casa, ela lembrou-se do sonho. Vira um homem sem rosto cruzando o gramado — estariam andando por onde ele tinha passado? — com uma onda de imundície nos seus calcanhares.

— Há mais alguém lá dentro — disse ela com absoluta certeza — além do matador de cachorros.

— Você tem idéia de quem seja?

Carys fez um gesto negativo, o rosto sem expressão e segurou o braço de Marty.

— Mas é pior do que o outro, meu bem.

— Tenho um revólver. Está no meu quarto.

Tinham chegado à porta da cozinha; a pele do cão estava ainda ali.

— Não sabe mesmo quem são? — perguntou Marty.

Carys balançou a cabeça.

— Ele é gordo — foi tudo o que pode dizer —, com cara de idiota.

— E o outro. Você conhece?

O outro? Naturalmente que conhecia, era tão familiar como seu próprio rosto. Pensara nele milhares de vezes por dia na última semana, algo lhe dizia que sempre o tinha conhecido. Ele era o Arquiteto que desfilava no seu sono, que passava os dedos no seu pescoço, que tinha vindo agora para libertar o bolo de imundície que o acompanhava no jardim. Teria havido algum tempo em que Carys não vivera à sua sombra?

— Em que está pensando?

Marty a olhava com tanta ternura, tentando parecer heróico na sua confusão.

— Algum dia lhe contarei — respondeu ela. — Agora precisamos pegar aquela maldita arma.

A casa estava perfeitamente silenciosa. Nada de passos ensanguentados, nada de gritos. Marty apanhou a arma no seu quarto.

— Agora, procuremos Papá — disse ela —, vamos ver se ele está bem.

Com o matador de cachorros ainda à solta, a procura foi cuidadosa, e portanto, lenta. Whitehead não estava em nenhum dos quartos, nem nos quartos de vestir. Os banheiros, a biblioteca, a sala de trabalho e as salas de estar também desertos. Foi Carys quem sugeriu ir até à sauna.

Marty empurrou a porta da sauna. Uma parede de calor úmido bateu no seu rosto e o vapor espiralou para o corredor. O lugar sem dúvida tinha sido usado recentemente. Mas na sala de vapor, a jacuzzi e o solário estavam vazios. Depois de uma revista rápida voltou e encontrou Carys trémula encostada no batente da porta.

— ... de repente fiquei enjoada — explicou ela. — Foi de repente.

Marty a segurou e as pernas de Carys se dobraram.

— Sente-se por um minuto. — Ele a conduzia para um banco. Sobre ele um revólver descansava, coberto de suor.

— Estou bem — insistiu ela. — Vá procurar Papá. Fico aqui.

— Você não parece bem...

— Obrigada — disse ela. — Agora, quer ir, por favor? Prefiro vomitar sem ninguém me olhando, se não se importa.

— Tem certeza?

— Vá embora, que diabo! Me deixe em paz. Estou ótima.

— Tranque a porta quando eu sair — recomendou ele.

— Sim, senhor — respondeu Carys, com um olhar enjoado.

Ele a deixou na sauna e esperou até ouvir a chave girar na fechadura. Não o tranquilizava muito, mas era melhor do que nada.

Cuidadosamente voltou para o vestíbulo e resolveu dar uma volta rápida pela frente da casa. As luzes do gramado estavam acesas e se o velho estivesse ali poderia encontrá-lo facilmente. Isso fazia de Marty um alvo fácil, mas pelo menos estava armado. Destrancou a porta da frente e saiu. Os holofotes espalhavam sua iluminação perfeita. Estava mais claro do que a luz do dia, mas estranhamente morto. Marty olhou para a direita e para a esquerda. Nem sinal do velho.

Atrás dele, no corredor, Breer viu o herói sair em busca do patrão. Só quando Marty desapareceu da sua vista o Engolidor de Giletes saiu do esconderijo e se encaminhou, com as mãos cheias de sangue, para onde estava o alvo do seu desejo.

DEPOIS DE trancar a porta, Carys voltou atordoada para o banco e concentrou-se em controlar seu agitado sistema nervoso. Não sabia ao certo o que lhe tinha provocado a náusea, mas estava resolvida a dominá-la. Então iria juntar-se a Marty e ajudar na procura de Papá. O velho tinha estado ali há pouco tempo, isso era evidente. O fato de ter saído sem levar a arma não era bom sinal.

Uma voz insinuante a despertou da meditação e ela ergueu os olhos. Havia uma mancha no vapor à sua frente, uma palidez projetada no ar. Entrecerrou os olhos tentando ver melhor. Parecia ter a textura de pontos

brancos. Carys levantou-se e a ilusão — ao invés de desaparecer — ficou mais intensa. Filamentos se estendiam para ligar um ponto ao outro e ela quase riu, compreendendo, quando, de repente, o quebra-cabeças apareceu completo. Estava vendo uma árvore florida, cabeças brancas e brilhantes refletiam a luz do sol ou das estrelas. Agitados por um vento vindo de lugar nenhum, os galhos lançavam para baixo chuvas de pétalas. Pareciam tocar seu rosto, mas quando tentava encostar os dedos nelas não encontrava nada.

Desde que ficara viciada em heroína, jamais havia sonhado com algo tão benigno na aparência e, ao mesmo tempo, tão carregado de ameaça. Não era sua essa árvore. Não era criação da sua mente. Pertencia a outra pessoa que tinha estado ali antes dela: o Arquiteto, sem dúvida. Tinha mostrado esse espetáculo a Papá, e a imagem pairava ainda no ar.

Tentou afastar a vista, olhar para a porta, mas seus olhos estavam grudados na árvore. Não podia desviá-los. Tinha a impressão de que a árvore estava inchando, como se mais botões fossem se abrir. A brancura da árvore — de assustadora pureza — enchia seus olhos, a brancura congelando e aumentando.

Então, em algum lugar sob os galhos pesados e dançantes, uma figura se moveu. Uma mulher com olhos de fogo ergueu a cabeça desfigurada na direção de Carys. Sua presença fez voltar a náusea. Carys sentiu que ia desmaiar. Não era hora de perder a consciência. Não com a árvore ainda brotando e aquela mulher saindo de seu esconderijo debaixo dos galhos e se aproximando dela. Devia ter sido bela, acostumada à admiração. Mas o destino interviera. O corpo estava cruelmente desfigurado, a beleza desfeita. Quando finalmente saiu do esconderijo, Carys a reconheceu como coisa sua.

— Mamãe!

Evangeline Whitehead abriu os braços e ofereceu à filha manifestação de carinho que jamais lhe dera quando viva. Teria ela descoberto na morte, a capacidade para amar e ser amada? Não. Nunca! Os braços abertos eram uma armadilha, Carys sabia. Se deixasse envolver por eles, a árvore e seu Criador tomariam posse dela para sempre.

Com a cabeça latejando, fez um esforço para desviar os olhos. Seus membros pareciam feitos de geléia; imaginou se teria forças para se mexer. Cambaleando, virou a cabeça para a porta. Chocada, viu que estava escancarada. A fechadura fora arrombada.

— Marty?! — perguntou.

— Não.

Voltou-se outra vez, agora para a esquerda e o matador de cães estava a menos de dois metros dela. Tinha lavado das mãos e do rosto as manchas de sangue, e cheirava a perfume.

— Você estará segura comigo — disse ele.

Carys olhou rapidamente para a árvore outra vez. Estava se dissolvendo, sua vida ilusória desfeita pela brutal interrupção. A mãe de Carys, braços ainda estendidos, afinava-se e se desfazia. No último momento, antes de desaparecer, abriu a boca e vomitou uma torrente de sangue negro na direção da filha. Então a árvore e seus horrores se foram, havia só o vapor, e os azulejos, e um homem com sangue de cachorro sob as unhas, de pé ao lado dela. Carys não tinha ouvido o ruído da porta arrombada, o devaneio na frente da árvore a isolara do mundo exterior.

— Você gritou — explicou ele — Ouvi seu grito.

Carys não se lembrava de ter gritado.

— Quero Marty — disse ela.

— Não — respondeu o homem delicadamente.

— Onde está ele? — quis saber Carys e fez um movimento, hesitante, na direção da porta.

— Eu disse *não*!

Colocou-se na frente dela. Não precisava tocá-la. Sua proximidade era bastante para fazer Carys parar. Pensou em passar ao lado dele, para o corredor, mas até onde chegaria antes que ele a alcançasse? Havia duas regras básicas para se tratar com cães danados e psicopatas. A primeira: não corra. A segunda: não demonstre medo. Quando ele estendeu a mão Carys tentou não recuar.

— Não vou deixar ninguém machucar você — disse ele.

Passou a ponta do polegar pelas costas da mão dela, encontrando uma gota de suor e empurrando-a para fora. Seu toque era como o de uma pena e gelado.

— Vai me deixar tomar conta de você, belezinha?

Carys não respondeu; o toque da mão dele a chocou. Não era a primeira vez nessa noite que desejava não ser sensitiva; nunca sentira tanta tristeza com o toque do dedo de alguém.

— Eu gostaria de fazer com que você ficasse à vontade... continuava ele — Compartilhar... parou, como se as palavras lhe escapassem — ... seus segredos.

Carys ergueu os olhos para ele. Os músculos dos maxilares do homem tremiam enquanto ele fazia suas propostas, nervoso como um adolescente.

— E em troca — propôs ele — eu lhe mostro meus segredos. Quer ver?

Não esperou a resposta. Enfiou a mão no bolso do paletó manchado e tirou um punhado de giletes. As lâminas brilhavam. Era absurdo demais; um espetáculo de feira de diversões, mas encenado sem alegria. Aquele palhaço, cheirando a sândalo, ia comer giletes para ganhar seu amor. Ele pôs para fora a língua seca e colocou nela a primeira lâmina. Carys não gostou nem um pouco; lâminas a deixavam nervosa.

— Não faça isso — pediu ela.

— Está tudo bem — respondeu o homem, engolindo com força. — Sou o último da tribo. Está vendo? — abriu a boca e esticou a língua — Desapareceu.

— Extraordinário — exclamou Carys. E era. Revoltante mas extraordinário.

— Isso não é tudo — confirmou ele, satisfeito com a reação dela.

Era melhor deixar que ele continuasse com aquela demonstração bizarra, pensou Carys. Quanto mais tempo levasse mostrando suas perversidades, mais chance havia de Marty voltar.

— O que mais você sabe fazer? — perguntou.

O homem largou a mão dela e começou a abrir a fivela do cinto.

— Vou mostrar — disse, desabotoando a calça.

“Oh, Cristo!”, pensou Carys. “Que coisa idiota, idiota, idiota!” A excitação do homem com o espetáculo que ia dar era evidente, mesmo antes dele tirar a calça.

— Consegui superar a sensação da dor — explicou ele. — Qualquer dor, não importa o que faça em mim mesmo. O Engolidor de Giletes não sente nada.

Estava nu sob a calça.

— Está vendo? — disse ele, orgulhoso.

Ela viu. Sua virilha era completamente raspada e com uma coleção de enfeites. Ganchos e argolas enfiados na gordura do baixo ventre e nos órgãos genitais. Os testículos estavam cheios de agulhas.

— Toque aqui — convidou ele.

— Não... obrigada — respondeu Carys.

Ele franziu a testa; o lábio superior contraiu-se mostrando dentes que sobre a pele pálida pareciam amarelos e brilhantes.

— Quero que me toque insistiu ele, e estendeu o braço para ela.

— Breer!

O Engolidor de Giletes ficou completamente imóvel. Só seus olhos se mexiam.

— Deixe a moça em paz.

Ela conhecia a voz, conhecia muito bem. Era o Arquiteto, naturalmente; o guia dos seus sonhos.

— Eu não a machuquei — resmungou Breer. — Machuquei? Diga a ele que eu não a machuquei.

— Vista-se — ordenou o Europeu.

Breer ergueu a calça como um garoto surpreendido no meio da masturbação e se afastou de Carys, com um olhar cúmplice para ela. Só então o dono da voz entrou na sala. Era mais alto do que nos sonhos, e mais triste.

— Desculpe — disse ele, com o tom do perfeito maitre pedindo desculpas por um garçon desajeitado.

— Ela estava doente — explicou Breer. — Por isso arrombei a porta.

— Doente?

— Falando com as paredes — explicou ele. — Chamando sua mãe.

O Arquiteto compreendeu imediatamente. Olhou para Carys com atenção.

— Então você viu? — respondeu.

— O que era aquilo?

— Nada que precise suportar outra vez — respondeu.

— Minha mãe esteve aqui. Evangeline.

— Esqueça tudo isso — disse ele. — Esse horror é para os outros, não para você.

A voz dele era hipnótica. Carys teve dificuldade para lembrar seus pesadelos de nulidade; a presença dele cancelava a lembrança.

— Acho que talvez você deva ir comigo, continuou o Arquiteto.

— Por quê?

— Seu pai vai morrer, Carys.

— É mesmo?

Carys sentia-se completamente distante de si mesma. Temores eram coisas do passado naquela presença tão amável.

— Se ficar aqui, só vai sofrer com ele e não há necessidade disso.

Uma oferta sedutora; nunca mais viver sob o domínio do velho, nunca mais ter que suportar seus beijos, que tinham aquele gosto tão velho. Carys olhou para Breer.

— Não tenha medo dele — garantiu o Arquiteto, colocando a mão na nuca de Carys. Estará segura comigo.

— Ela pode fugir — protestou Breer, quando o Europeu deixou que Carys fosse ao quarto apanhar suas coisas.

— Ela jamais me deixará — respondeu Mamouljian. — Não quero lhe fazer nenhum mal e ela sabe disso. Eu a embalei nestes braços, certa vez.

— Ela estava nua?

— Uma coisinha tão pequena, tão vulnerável. — Sua voz tornou-se um murmúrio — Merecia coisa melhor do que ele.

Breer não disse nada; simplesmente encontrou-se com ar insolente na parede, tirando sangue seco de baixo das unhas com uma gilete. Estava deteriorando mais depressa do que o Europeu tinha imaginado. Esperava que Breer conseguisse sobreviver até terminar com aquela missão mas conhecia o velho, ele ia negociar e trapacear e o que podia levar apenas alguns dias levaria semanas e, então, a condição do Engolidor de Giletes estaria péssima. O Europeu sentiu-se muito cansado. Encontrar e controlar um substituto para Breer representaria um grande desgaste de suas energias já tão esvaziadas.

Nesse momento, Carys desceu a escada.

De certa forma ele sentia perder uma espiã no território inimigo, haveria muitas variáveis se não a levasse dali. Para começar, ela sabia da sua existência, um conhecimento talvez mais profundo do que ela própria percebesse. Conhecia instintivamente seus terrores da carne; a prova era como o havia repellido quando estava com Strauss. Conhecia também seu cansaço, a precariedade da sua fé. Mas tinha outro motivo para levá-la. Whitehead tinha dito que Carys era seu único conforto. Se a levassem agora, o Peregrino ficaria sozinho, e isso seria agonia. Mamouljian esperava que fosse insuportável.

Depois de procurar na parte iluminada pelos holofotes sem ver sinal de Whitehead, Marty voltou para cima. Estava na hora de desobedecer o mandamento de Whitehead e procurar o velho em território proibido. A porta do quarto no fim do corredor, ao lado do quarto de Carys e de Whitehead, estava fechada. Com o coração na boca, Marty aproximou-se e bateu.

— Senhor?

A princípio não ouvia nada. Então, a voz de Whitehead, como se estivesse acordando.

— Quem é?

— Strauss.

— Entre.

Marty empurrou a porta levemente e ela se abriu.

Sempre havia imaginado o interior daquele quarto como uma arca de tesouros. Mas a verdade era bem outra. O quarto era espartano. As paredes brancas e os poucos móveis ofereciam um espetáculo gelado. Tinha um único tesouro. Um retábulo encostado em uma das paredes, sua riqueza deslocada no ambiente áustero. O painel central representava uma crucificação de sublime sadismo; toda ouro e sangue.

O seu dono estava sentado com um opulento roupão na extremidade do quarto, atrás de uma grande mesa. Olhou para Marty sem agrado e sem acusação, seu corpo jogado na poltrona como um saco vazio.

— Não fique parado no porta, homem. Entre.

Marty fechou a porta depois de entrar.

— Sei que me disse, Senhor, para nunca vir aqui. Mas temia que alguma coisa lhe tivesse acontecido.

— Estou vivo — disse Whitehead, abrindo as mãos espalhadas.
— Tudo está bem.

— Os cães...

— ... estão mortos. Eu sei. Sente-se.

Apontou para a cadeira na frente dele, no outro lado da mesa.

— Devo chamar a polícia?

— Não é preciso.

— Podem estar ainda por perto.

Whitehead balançou a cabeça.

— Já se foram. Sente-se, Martin. Sirva-se de um copo de vinho.
Parece que esteve correndo muito.

Marty puxou a cadeira que estava sob o tampo da mesa e sentou-se. A lâmpada da luz nua no centro do quarto não favorecia o ambiente. Sombras pesadas, pontos excessivamente iluminados; um espetáculo de fantasmas.

— Deixe o revólver. Não vai precisar dele.

Marty colocou o revólver sobre a mesa, ao lado do prato com fatias finas de carne. Havia também uma vasilha com morangos, pela metade, e um copo de água. A frugalidade da refeição combinava com o ambiente: o arranjo descuidado da vasilha de morangos e copos. Tudo investido de uma precisão arbitrária, transmitindo uma sensação sobrenatural de beleza pura.

Entre Marty e Whitehead um grão de poeira girou no ar, flutuando entre a lâmpada e a mesa, conduzido pela mais leve exalação de ar.

— Experimente a carne, Martin.

— Obrigado, mas não estou com fome.

— Está maravilhosa. Meu visitante a trouxe.

— Então sabe quem são eles...

— Sei, claro que sei. Agora, coma.

Relutantemente Marty cortou um pedaço da fatia fina e experimentou. A carne dissolveu-se sobre a língua, delicada e apetitosa.

— Coma tudo, — determinou Whitehead.

Marty obedeceu. O exercício daquela noite abriu seu apetite. Um copo de vinho tinto foi servido para ele; tomou todo.

— Naturalmente sua cabeça está cheia de perguntas — disse Whitehead. — Por favor, pergunte. Procurarei responder do melhor modo.

— Quem são eles? — perguntou Marty.

— Amigos.

— Invadiram a casa como assassinos.

— Não é possível que amigos, com o tempo, se transformem em assassinos?

Marty não estava preparado para aquele tipo de paradoxo.

— Um deles sentou onde você está sentado — continuou Whitehead.

— Como poderei ser um guarda-costa eficiente se não souber diferenciar seus amigos dos seus inimigos?

Whitehead olhou fixamente para Marty.

— E você realmente se importa com isso? — perguntou, depois de um instante.

— O Senhor tem sido bom para mim — respondeu Marty, insultado com a pergunta — Que tipo de bandido insensível pensa que sou?

— Meu Deus... — Whitehead balançou a cabeça — Marty...

— Explique-me bem. Quero ajudar.

— Explicar o quê?

— Como pode convidar para jantar um homem que quer matá-lo?

Whitehead observou o grão de poeira girando entre eles. Considerou a pergunta indigna de ser respondida ou talvez não tivesse resposta para ela.

— Você quer mesmo me ajudar? — perguntou finalmente. — Então, enterre os cães.

— É só para isso que sirvo?

— Poderá chegar o momento...

— É o que está sempre dizendo — observou Marty, levantando-se.

Não ia conseguir muitas respostas, era evidente. Só carne e bom vinho. Por essa noite, era o bastante.

— Posso ir agora? — perguntou e, sem esperar resposta, deu as costas para o velho e se dirigiu para a porta.

Quando a abriu, Whitehead lhe disse, em tom muito baixo:

— Perdoe-me.

Tão baixo que Marty não podia dizer se estava falando com ele ou não.

Fechou a porta e percorreu a casa para verificar se os intrusos já tinham ido realmente. Não havia ninguém. A sauna estava vazia. Carys devia ter voltado para seu quarto.

Com uma certa insolência, Marty entrou na sala de trabalho e serviu-se de uma dose de uísque da garrafa de cristal, depois sentou-se na poltrona de Whitehead ao lado da janela, bebendo devagar e pensando. O álcool não ajudou a clarear sua mente, simplesmente aliviou a dor da frustração que sentia. Subiu para seu quarto antes que a madrugada delineasse distintamente as trouxas de pele no jardim.

VII. Sem Limites

40

NÃO ERA uma boa manhã para enterrar cachorros; o céu estava muito alto e promissor. Aviões a jato, deixando trilhas de fumaças, passando em direção à América, os bosques brotavam e pássaros voavam cheios de vida. Porém, o trabalho tinha de ser feito, por mais desagradável que fosse.

Só à luz inclemente do dia foi possível ver toda a extensão da carnificina. Além de matar os cães nos jardins da casa, os intrusos tinham entrado nos canis e assassinado sistematicamente todos seus ocupantes, inclusive Bella e os filhotes. Quando Marty chegou ao canil, Lillian já estava lá. Parecia estar chorando há dias. Nas mãos embalava um dos filhotes. A cabeça dele parecia ter sido amassada com uma prensa.

— Veja — disse ela, estendendo o corpo do animal nos braços.

Marty não tinha conseguido comer nada de manhã; só em pensar no trabalho que o esperava perdera o apetite. Agora, desejou ter comido alguma coisa; seu estômago vazio se apertou. Quase ficou tonto.

— Se ao menos eu estivesse aqui — murmurou ela.

— Provavelmente estaria morta também — observou Marty.

Nada mais verdadeiro.

Lillian colocou o animalzinho morto sobre a palha e acariciou o pêlo manchado do corpo de Bella. Marty era mais cuidadoso do que ela. Mesmo usando grossas luvas de couro, não queria tocar nos corpos. Mas o que faltava nele de respeito era compensado pela eficiência, e usou a aversão que sentia para apressar o trabalho. Lillian, embora tivesse insistido em ajudar, não conseguia fazer nada. Ficou ali olhando e vendo Marty colocar os corpos nos sacos de lixo negros, amontoá-los na traseira do jipe e conduzir o carro funerário improvisado para uma clareira no bosque. Lá deviam ser enterrados, a pedido de Whitehead, onde não podia ser visto da casa. Marty apanhou duas pás, esperando que Lillian o ajudasse, mas

evidentemente ela não podia fazer coisa alguma. Fez tudo sozinho enquanto ela observava com as mãos nos bolsos da jaqueta suja.

Não era trabalho fácil. O solo era uma rede de raízes que se entrecruzavam indo de uma árvore para outra e Marty logo estava suando, tendo de partir as raízes com a borda cortante da pá. Depois de cavar um buraco raso, rolou os corpos para dentro dele e começou a cobrir a cova. A terra tamborilava nas mortalhas de plástico como gotas de chuva. Quando tudo estava coberto, Marty bateu com a pá na terra formando uma elevação.

— Vou voltar e tomar uma cerveja, vem comigo?

Ela balançou a cabeça.

— Último respeito — murmurou.

Marty a deixou no meio das árvores e atravessou o jardim. Enquanto andava, pensou em Carys. Devia estar acordada, sem dúvida, embora as cortinas da sua janela estivessem fechadas. Como devia ser bom ser um passarinho e espiar por uma abertura da cortina, vê-la espreguiçando-se nua na cama, preguiçosa como sempre, os braços erguidos acima da cabeça, a penugem nas axilas, a penugem onde as pernas se encontravam. Entrou na casa com um sorriso e um início de ereção.

Encontrou Pearl na cozinha, disse-lhe que estava com fome e subiu para um banho de chuveiro. Quando desceu encontrou um lanche frio: carne assada, pão, tomates. Comeu com apetite.

— Viu Carys esta manhã? — perguntou, com a boca cheia.

— Não — respondeu ela.

Pearl não estava nem um pouco comunicativa, o rosto crispado com alguma coisa fermentando no íntimo. Marty imaginou, vendo-a se movimentar pela cozinha, como seria ela na cama; por algum motivo, estava cheio de pensamentos sujos nessa manhã, como se sua mente, recusando-se a sentir-se deprimida pelo enterro dos cães, estivesse ávida por um esporte mais excitante. Mastigando uma porção de carne, ele disse:

— Você serviu vitela ao velho na noite passada?

Pearl não se voltou para responder:

— Ele não comeu a noite passada. Deixei peixe para ele, mas nem tocou.

Mas havia carne na mesa dele. Eu comi a que restou. E morangos também.

— Ele deve ter descido para apanhar. Sempre morangos — disse ela. — Um desses dias vai morrer engasgado com eles.

Então Marty lembrou que Whitehead dissera alguma coisa sobre seu convidado ter levado a carne para ele.

— Fosse o que fosse, estava muito bom, — observou. Não foi preparado por mim — disse Pearl, ofendida, como uma mulher descobrindo que o marido a traía.

Marty resolveu terminar a conversa; não adiantava irritar Pearl, quando ela já estava de mau humor.

Acabou de comer e foi ao quarto de Carys. A casa estava completamente silenciosa; depois da orgia letal da noite anterior, parecia ter recuperado sua compostura. Os quadros que se enfileiravam na parede da escada, os tapetes no chão, tudo afastava qualquer lembrança de desgraça. O caos era tão absurdo ali dentro como um tumulto numa galeria de arte. Todos os precedentes usuais o negavam.

Bateu de leve na porta do quarto de Carys. Nenhuma resposta. Bateu outra vez, com mais força.

— Carys?

Talvez ela não quisesse falar com ele. Marty jamais conseguia prever, de um dia para o outro, se iam ser amantes ou inimigos. Entretanto, as ambiguidades de Carys não o aborreciam mais. Era seu modo de experimentá-lo, e estava bem para ele, desde que finalmente Carys admitisse que o amava mais do que a qualquer outro garanhão na face da terra.

Tentou a maçaneta; a porta não estava trancada, o quarto se achava vazio. Não só Carys estava ausente como também qualquer traço de sua existência. Os livros, os artigos de toalete, as roupas, os enfeites, tudo que definia o quarto como de Carys tinha sido removido. Os lençóis tirados da cama, as fronhas dos travesseiros. O colchão nu parecia deserto.

Marty fechou a porta e desceu a escada. Tinha pedido explicações várias vezes com poucos resultados. Mas isso era demais. Desejou que Toy estivesse presente; ele pelo menos, o tratava como um animal pensante.

Luther estava na cozinha, os pés sobre a mesa no meio de uma porção de louça por lavar. Pearl, evidentemente, abandonava seus domínios nas mãos dos bárbaros.

— Onde está Carys? — foi a primeira pergunta de Marty.

— Você não desiste nunca, não é? — replicou Luther.

Apagou o cigarro no prato que Marty tinha usado e virou a página da revista que estava lendo.

Marty sentiu a proximidade do estouro. Não gostava de Luther, mas tinha aturado durante meses suas observações maldosas porque o sistema proibia o tipo de resposta que gostaria de lhe dar. Agora, com o sistema desmoronando rapidamente, Toy desaparecido, cães mortos, calcanhares sobre a mesa da cozinha; quem, diabo, ia se importar se amassasse Luther?

— Quero saber onde está Carys.

— Nenhuma dama com esse nome por aqui.

Marty deu um passo para a mesa. Luther percebeu logo que aquela resposta não caíra bem. Largou a revista, o sorriso desapareceu.

— Não fique nervoso, cara.

— Onde ela está?

Passou a mão na página aberta sobre a figura esbelta e nua.

— Foi-se embora — respondeu ele.

— Para onde?

— Embora, cara. Isso é tudo. Você é surdo, idiota ou as duas coisas?

Marty atravessou num segundo a cozinha e ergueu Luther da cadeira. Como sempre acontece com a violência espontânea, não havia nenhuma elegância nos seus movimentos. O ataque impetuoso tirou o equilíbrio dos dois. Luther caiu para trás, o braço estendido batendo numa xícara de café que caiu, partindo-se em pedaços, enquanto os dois procuravam se equilibrar. Luther foi o primeiro a conseguir e atingiu com o joelho a virilha de Marty.

— Jesus!

— Tire essas mãos de merda de cima de mim, cara — gritou Luther, assustado com aquela explosão. — Não quero brigar com você, está bem? — Era um chamado à sanidade. — Vamos, cara. Acalme-se.

Marty respondeu lançando-se sobre o outro homem, os punhos fechados. Um soco, mais por sorte do que por intenção, atingiu o rosto de Luther e Marty desfechou mais três ou quatro socos no estômago e no peito. Luther, recuando para evitar o ataque, escorregou no café frio no chão e caiu. Ofegante e ensanguentado ficou ali mesmo, onde era mais seguro, enquanto Marty, os olhos cheios de água ainda por causa da joelhada nos testículos, esfregou as mãos doloridas.

— Só quero que me diga onde ela está... — arguejou ele.

Luther cuspiu catarro sanguinolento antes de responder.

— Você está completamente louco, cara, sabe disso? Não sei para onde ela foi. Pergunte ao grande pai branco. É ele quem fornece a porra da heroína.

Agora, sim, as coisas faziam sentido... Nessa revelação estava a resposta para uma meia dúzia de mistérios. Explicava a relutância de Carys em deixar o velho; explicava sua lassidão também, a incapacidade de ver além do dia seguinte, da próxima dose.

— E você providencia a droga, não é isso?

— Talvez. Mas não a viciiei, cara. Nunca fiz isso. Foi ele; o tempo todo, foi ele! Fez isso para que ela ficasse. Para ficar com ela, o miserável. — Falava com genuíno desprezo. — Que tipo de pai faz isso? Vou dizer, aquele velho fodido pode nos ensinar alguns truques sujos. — Parou enfiando um dedo explorador na boca; evidentemente não tinha intenção de se levantar enquanto a furia de Marty não tivesse se acalmado — Nunca faço perguntas — continuou ele. — Só sei que tive de tirar tudo do quarto dela esta manhã.

— Para onde foram suas coisa?

Ele não respondeu por alguns segundos.

— A maior parte, queimada — respondeu finalmente.

— Pelo amor de Deus, por quê?

— Ordens do velho. Já acabou?

Marty fez um gesto afirmativo.

— Já acabei.

— Você e eu — disse Luther — desde o começo que não vamos um com a cara do outro. Sabe por que?

— Por que?

— Nós dois não passamos de merda — declarou sombriamente. — Merda sem nenhum valor. Só que eu sei o que sou. Posso até viver com a ideia. Mas você, seu pobre infeliz, pensa que se bajular bastante durante algum tempo, um dia vão perdoar seus pecados.

Marty assoou na mão e limpou na calça jeans.

A verdade dói — provocou Luther.

— Está certo — respondeu Marty —, se é bom assim com a verdade, quem sabe pode me dizer o que está acontecendo por aqui.

— Eu já disse que não faço perguntas.

— Jamais quis saber?

— Naturalmente que quis. Pensava nisso sempre que trazia a droga para a garota ou via o velho começar a suar quando a noite chegava. Mas por que precisava significar alguma coisa? Ele é um lunático; essa é a resposta. Ficou biruta quando a mulher foi embora. Muito de repente. Ele não aguentou. Desde então está completamente doido.

— Isso explica tudo o que está acontecendo?

Luther limpou do queixo a saliva com sangue usando as costas da mão.

— Não ouço, não falo, não vejo nenhuma maldade — concluiu Luther.

— Não sou macaco — respondeu Marty.

41

SÓ DEPOIS do anoitecer o velho consentiu em receber Marty. Então, sua raiva já tinha se acalmado, o que talvez tenha sido a intenção de demora. Whitehead tinha abandonado a sala de trabalho e a cadeira ao lado da janela nessa noite. Estava na biblioteca. A única lâmpada acesa ficava atrás da sua cadeira, um pouco afastada dele. Assim, era quase impossível ver seu rosto, e a voz soava tão inexpressiva que não se podia determinar seu estado de espírito. Mas Marty de certa forma já esperava aquele ambiente teatral, e estava preparado. Perguntas precisavam ser feitas e não ia se deixar intimidar pelo silêncio.

— Onde está Carys? — perguntou.

A cabeça se moveu suavemente no encosto da cadeira. As mãos fecharam um livro que tinha no colo e o colocaram na mesa. Um dos livros de ficção científica; leitura leve para uma noite escura.

— Por que isso o interessa? — perguntou Whitehead.

Marty estava certo de ter previsto todas as respostas — suborno, mentiras — , mas essa, que lançava o ônus da interrogação sobre ele, não esperava. Pedia outras perguntas: Whitehead sabia do seu relacionamento com Carys, por exemplo? Durante toda a tarde Marty tinha se torturado

com a ideia de que ela contara tudo ao pai depois daquela primeira noite e que, nas noites seguintes, ia ao velho para contar tudo sobre a sua inexperiência, sua ingenuidade.

— Preciso saber — respondeu simplesmente.

— Bem, não vejo nenhuma razão para não dizer — continuou a voz sem expressão —, embora Deus saiba que é uma dor muito particular. Porém sobram muitos poucos em quem posso confiar.

Marty tentou ver os olhos de Whitehead, mas a luz atrás da cadeira ofuscava os seus. Só podia ouvir a modulação uniforme da voz e tentar compreender as inferências.

— Ela foi levada daqui, Marty. A meu pedido. Para um lugar onde seus problemas podem ser tratados adequadamente.

— As drogas?

— Deve ter percebido que o vício se intensificou consideravelmente nas últimas semanas. Eu esperava controlar, dando a ela o suficiente para suas necessidades, reduzindo gradualmente as doses. Estava dando certo, até recentemente. — Suspirou, levou uma das mãos ao rosto. — Fui um idiota. Devia ter me considerado vencido há muitos anos e mandado Carys para uma clínica. Mas não queria que a tirassem de mim; era só isso. Então ontem à noite — nosso visitante, o matador de cachorros — compreendi como tinha sido egoísta, sujeitando-se a essas pressões. É tarde demais para ser possessivo ou ter orgulho. Se as pessoas souberem que minha filha é viciada, que saibam.

— Compreendo.

— Você gostava dela.

— Gostava.

— É uma bela mulher, e você está solitário. Ela falava de você com carinho. Tenho certeza de que daqui a algum tempo a teremos de volta.

— Gostaria de visitá-la.

— Isso também com o tempo. Dizem que exigem, isolamento nas primeiras semanas do tratamento. Mas fique descansado, está em boas mãos.

Tudo tão persuasivo. Mas mentiras. Mentiras, sem dúvida. O quarto de Carys vazio de tudo; isso parecia antecipação de que ela voltaria em algumas semanas? Outra ficção. Porém, antes que Marty pudesse protestar, Whitehead falou outra vez, com uma cadência controlada.

— Você está tão perto de mim agora, Marty. Como Bill costumava estar. Na verdade, acho que deve ser recebido no círculo secreto, não acha? Vou dar um jantar no próximo domingo. Gostaria que comparecesse. Nosso convidado de honra. — Agora estava lisonjeado. Sem nenhum esforço o velho estava senhor da situação. — Nesta semana acho que deve ir a Londres comprar alguma coisa decente para vestir. Meus jantares são sempre muito formais.

Estendeu a mão para o livro e o abriu.

— Aqui está um cheque. — Estava dentro do livro, já assinado, pronto para Marty. — Deve dar para um bom terno, camisas, sapatos. Qualquer outra coisa a que você quiser comprar. — Segurou o cheque entre os dedos indicador e médio. — Tome, por favor.

Marty adiantou-se e segurou o cheque.

— Obrigado.

— Pode ser descontado no meu banco, no Strand. Estarão à sua espera. O que não gastar quero que use para jogar.

— Como, Senhor? — Marty não estava certo de ter ouvido bem.

— Insisto para que jogue o dinheiro que sobrar, Marty. Cavalos, cartas, o que quiser. Aproveite. Faz isso por mim? E quando voltar pode me fazer inveja contando suas aventuras.

Então era suborno, afinal de contas. O cheque era mais uma prova de que o velho mentia sobre Carys, mas não teve coragem de insistir no assunto. Porém, não era só a covardia que o impedia, era uma excitação crescente. Fora subornado duas vezes. A primeira com o dinheiro; a segunda com o convite para o jogo. Há anos não tinha uma oportunidade igual a essa. Dinheiro em abundância, tempo nas mãos. Podia chegar o tempo em que odiaria Papá por despertar o vírus dormente no seu corpo: mas antes disso uma fortuna podia ser ganha e perdida novamente. Ficou parado na frente do velho com a antiga febre já o consumindo.

— Você é um bom homem, Strauss — as palavras de Whitehead erguiam-se da poltrona na sombra, como as de um profeta na rocha. Embora não pudesse ver o rosto do potentado, Marty sabia que estava sorrindo.

Apesar DOS anos na ilha ensolarada Carys tinha um saudável senso da realidade, que manteve até a levarem para aquela casa fria e vazia na Rua Caliban. Ali, nada mais era certo. Obra de Mamoulian. Essa talvez fosse a única certeza. As casas não são assombradas, só as mentes humanas. Fosse o que fosse que se movesse no ar, ou esvoaçasse pelas tábuas nuas com a poeira e as baratas, fosse o que fosse que cintilasse, como luz na água, nos cantos dos seus olhos, tudo era obra de Mamoulian.

Durante três dias, depois que chegou àquela casa, recusou-se até a falar com seu anfitrião ou captor, como ele se classificava. Não se lembrava por que tinha ido, mas sabia aque ele a convencera — seu espírito respirando dentro dela — e Carys se ressentia dessa manipulação. Breer, o brutamontes, levava comida para ela e, no segundo dia deu-lhe a droga também, mas ela não comia e nem falava. O quarto onde a trancaram era bastante confortável. Tinha livros e uma televisão, mas a atmosfera era instável demais para se sentir à vontade. Não podia ler, não podia assistir às idiotices na tela. Às vezes tinha dificuldade até para se lembrar do próprio nome; era como se a proximidade constante do Arquiteto a estivesse esvaziando. Talvez tivesse poderes para isso. Afinal, tinha entrado nela, não tinha? Insinuara-se furtivamente em seu cérebro, só Deus sabia quantas vezes. Tinha estado dentro dela, dentro dela, pelo amor de Deus, e ela nem percebera...

— Não tenha medo.

Eram três horas da madrugada do quarto dia, de outra noite insone. Ele entrou no quarto tão silenciosamente que Carys olhou para baixo para ver se seus pés estavam em contato com o chão.

— Detesto este lugar — informou ela.

— Gostaria de fazer uma exploração, ao invés de ficar trancada aqui?

— Parece mal-assombrado..., respondeu Carys, esperando que ele risse. Mas ele não riu. Então, ela continuou. — Seria você o fantasma?

— O que sou é um mistério — respondeu ele — até mesmo para mim. — Sua voz se suavizou, tornando-se introspectiva. — Mas não sou fantasma, pode ter certeza disso. Não tenha medo de mim, Carys. Qualquer coisa que sentir, eu a compartilharei com você, até certo ponto.

Carys lembrou claramente a repulsa do homem ao ato sexual. Que coisa pálida e doentia ela era, apesar de todo o seu poder. Não conseguia odiá-lo, embora tivesse bons motivos para isso.

— Não gosto de ser usada.

— Não lhe fiz mal algum. Não estou fazendo mal a você — agora, estou?

— Quero ver Marty.

Mamouliau tentou fechar a mão mutilada.

— Temo que seja impossível — O tecido cicatricial da mão, esticado, brilhava, mas a anatomia mal curada não cedeu.

— Por que não? Por que não me deixa ver Marty?

— Vai ter tudo o que precisar. Muita comida, heroína.

Ocorreu subitamente a Carys que Marty devia estar na lista de execução do Europeu. Na verdade, talvez já estivesse morto.

— Por favor, não faça mal a ele — pediu.

— Ladrões vêm e vão — respondeu Mamouliau. — Não posso ser responsável pelo que acontecer com ele.

— Nunca o perdoarei — afirmou Carys.

— Perdoará, sim — respondeu ele, em voz baixa que parecia inexistente. — Sou seu protetor agora, Carys. Se me tivessem deixado eu a teria criado desde pequena, e você teria sido poupada das humilhações que ele a fez passar. Mas é tarde demais. Tudo o que posso fazer é protegê-la de corrupção adicional.

Desistiu da tentativa de fechar a mão. Carys percebeu o quanto a mão ferida o aborrecia. Se pudesse, ele a deceparia, pensou; não é só sexo que ele odeia, a carne também.

— Chega — disse ele, referindo-se à mão, à discussão ou a coisa alguma.

Quando saiu, para que ela dormisse, não trancou a porta.

No dia seguinte ela começou a explorar a casa. Não havia nada notável para ver; era simplesmente uma casa de três andares, grande e vazia. Na rua, do outro lado das cortinas sujas, as pessoas passavam, envolvidas demais nos próprios pensamentos para olharem em torno de si. Embora seu primeiro instinto fosse bater no vidro, fazer algum apelo mudo aos passantes, essa idéia foi rapidamente posta de lado pela razão. Se fugisse, do que estaria escapando, ou para o quê? Ali tinha uma espécie de segurança e a droga. Embora a princípio tivesse tentado resistir a ela, era

atraente demais para ser jogada no vaso sanitário. Depois de alguns dias utilizando apenas os comprimidos, cedeu à heroína também. O suprimento era regular: nunca demais, nunca pouco, e sempre de boa qualidade.

Só Breer, o gordo, a aborrecia. Às vezes ele aparecia e ficava olhando para ela, os olhos semicerrados como metades de ovos pochês. Carys falou com Mamoulian a respeito e, no dia seguinte, ele já não parou perto dela; deixou os comprimidos e retirou-se imediatamente. E os dias passavam; às vezes Carys não se lembrava de onde estava nem de como tinha ido parar ali; às vezes lembrava-se do próprio nome, outras vezes não. Uma vez, talvez duas, tentou inutilmente enviar seu pensamento até Marty, mas ele estava muito longe. Era por isso, ou porque aquela casa diminuía seus poderes. Fosse o que fosse, seus pensamentos se perdiam o alguns quilômetros além da Rua Caliban, e a ela voltavam, deixando-a cheia de medo.

Já estava na casa há quase uma semana quando as coisas pioraram.

— Gostaria que fizesse uma coisa para mim — pediu o Europeu.

— O quê?

— Queria que encontrasse a Sr. Toy. Lembra-se do Sr. Toy? Naturalmente que se lembrava. Não muito bem, mas lembrava. O nariz quebrado, aqueles olhos cautelosos que sempre olhavam para ela com tanta tristeza.

— Acha que pode localizá-lo?

— Não sei como.

— Deixe que a força de seu espírito vá até ele. Você sabe como é, Carys.

— Por que você mesmo não faz isso?

— Porque ele está à minha espera. Deve ter preparado alguma defesa, e estou muito cansado para lutar com ele agora.

— Ele está com medo de você?

— Provavelmente.

— Por quê?

— Você era um bebê de colo quando o Sr. Toy e eu nos vimos pela última vez. Nós nos separamos como inimigos; ele sabe que ainda somos inimigos...

— Vai fazer mal a ele, não é?

— Isso é assunto meu, Carys.

Ela ficou de pé, apoiando-se na parede contra a qual estava sentada.

— Não creio que o deseje encontrar para você.

— Não somos amigos?

— Não, disse ela. Não somos e jamais seremos.

— Ora, não seja tão dura...

Deu um passo na direção dela. A mão mutilada a tocou; o contato era leve como o de uma pena.

— Acho que você é mesmo um fantasma. — comentou Carys.

Abandonou-o no corredor e entrou no banheiro, para pensar, trancando a porta. Sabia sem sombras de dúvidas que ele faria mal a Toy se o levasse a ele.

— Carys — confirmou ele em voz baixa.

Estava do outro lado da porta. Sua proximidade eriçava os cabelos de Carys.

— Não pode me obrigar — ela disse.

— Não me provoque.

De repente, o rosto do Europeu surgiu, nítido, em seu espírito. Ele repetiu:

— Conheci você antes que começasse a andar, Carys. Muitas vezes a carreguei no colo. Você chupou meu polegar.

Falava com os lábios juntos da porta; a voz baixa ecoava na madeira contra a qual Carys estava encostada.

— Não foi por culpa sua nem minha que nos separamos. Acredite. Estou satisfeito por ver que você tem os dons do seu pai, porque ele jamais os usou. Não percebeu a grande sabedoria que poderia ter encontrado com eles. Desperdiçou tudo, pela fama, pela riqueza. Mas você... posso ensinar a você, Carys. Tantas coisas...

A voz era tão sedutora que parecia atravessar a porta e envolvê-la, como os braços dele, há tantos anos. De repente, sentiu-se pequenina em suas mãos; ele falava ternamente, fazia caretas tolas para ver o sorriso desabrochar no rostinho de anjo.

— Encontre Toy para mim. Será pedir muito, em troca de todos os meus favores?

Carys sentiu-se balançar ao ritmo do embalo dos braços dele.

— Toy nunca a amou — ele continuava —, ninguém jamais a amou.

Era mentira, e um erro tático. Essas palavras foram como um jato de água fria no seu rosto sonolento. Ela *era* amada! *Marty a amava!*

Mamoulian percebeu seu erro.

— Não me desafie — rosnou ele, a ternura desaparecendo de sua voz.

— Vá para o inverno!

— Como quiser...

Havia um tom final em suas palavras, como se o assunto estivesse liquidado. Mas permaneceu onde estava, ao lado da porta Carys sentia-lhe a presença. Estaria esperando que ela se cansasse e saísse, pensou. Sem dúvida, a persuasão por meio de violência física não era o estilo dele; a não ser que fosse uso de Breer. Carys preparou-se para essa possibilidade. Arrancaria aqueles olhos lacrimejantes.

Os minutos passaram e ela estava certa de que o Europeu continuava no outro lado da porta, embora não ouvisse movimento nem respiração.

E, então, os canos do banheiro começaram a roncar. Em alguma parte do sistema um fluxo de água se movia. O lavatório emitiu um som de repuxo, a água esguinchou no vaso, a tampa se abriu e se fechou outra vez e uma rajada de ar fedorento veio lá de baixo. Obra dele, embora parecesse um tanto sem sentido. O vaso arrotou novamente; o cheiro era insuportável.

— O que está acontecendo? — perguntou ela num murmúrio.

Uma onda de imundície começou a escorrer da borda do vaso para o chão. Vermes retorciam-se nela. Carys fechou os olhos. Era sem dúvida mais uma ilusão provocada pelo Europeu, para dominar sua revolta; o melhor era ignorar o que estava acontecendo. Mas, mesmo assim, a imagem persistiu. A água começou a sair com maior intensidade e a torrente lançava coisas pesadas e úmidas no chão do banheiro.

— E então? — perguntou Mamoulian.

Carys xingou as ilusões e seu criador com palavras contundentes.

Algo deslizou pelo seu pé descalço. Não ia abrir os olhos e dar a ele outro sentido para ser assaltado, mas a curiosidade foi mais forte.

Os pingos do vaso eram agora uma torrente, como se o esgoto tivesse retrocedido no seu curso, descarregando o conteúdo aos seus pés. Não simplesmente excremento e água; a onda de imundície morna tinha gerado monstros. Criaturas que só poderiam ser encontradas numa zoologia alucinada; coisas que um dia havia sido peixes, caranguejos; fetos eliminados pela descarga de clínicas de abortos antes que as mães pudessem

voltar a si da anestesia; animais que se alimentavam de excremento cujos corpos eram um cópia deformada do que comiam. Por toda a parte naquele lixo nauseabundo, restos e escória erguiam-se sobre membros trémulos e voavam ou nadavam para ela.

— Mande essa nojeira embora! — implorou Carys.

Mas ela não dava o menor sinal de se afastar: continuava avançando, sendo cada vez mais abundante a fauna vomitada pelo vaso.

— Encontre Toy — prôpos a voz no outro lado da porta.

As mãos suadas de Carys seguravam a maçaneta mas a porta não se abriu. Não se oferecia a menor esperança de salvação.

— Deixe-me sair daqui!

— Então diga que sim.

Carys achatou-se contra a porta. A tampa do vaso se abriu com a maior força e permaneceu aberta. A torrente engrossou e os canos estalaram como se alguma coisa mais larga do que eles estivesse forçando passagem para a abertura. Carys ouviu arranhando os canos, e um apavorante rilhar de dentes.

— Diga que sim.

— Não!

Um braço brilhante ergueu-se do vaso borbulhante e se balançou no ar até os dedos encontrarem o lavatório. Então começou a se erguer, os ossos apodrecidos pela imersão parecendo feitos de borrachas.

— Por favor! — gritou ela.

— Diga sim.

— Sim! Sim! Qualquer coisa! Sim!

Assim que acabou de falar, a maçaneta da porta se moveu. Carys deu as costas ao horror que emergia do vaso e apoiou todo o seu peso na maçaneta ao mesmo tempo que a outra mão procurava abrir a chave. Atrás dela ouviu o som de algo se contorcendo para se libertar. Virou a chave para o lado errado, depois para o lado certo. A água imunda espirrou na sua perna. Estava muito perto dela. Quando abriu a porta, dedos úmidos agarraram seu tornozelo, mas ela se atirou para fora do banheiro antes de ser apanhada, batendo a porta assim que saiu.

Mamoulían, sua vitória assegurada, não estava ali.

Depois disso, Carys não conseguia mais ir ao banheiro. A seu pedido, o Engolidor de Giletes passou a levar-lhe um balde, que entregava e depois

apanhava com reverência.

O Europeu não tocou mais no incidente. Nem era preciso. Naquela noite ela fez o que ele queria. Concentrando seu espírito, saiu à procura de Bill Toy, e o encontrou em poucos minutos. Logo depois o Europeu também chegava até ele.

DESDE OS dias tranquilos dos seus grandes lucros nos cassinos, Marty não tinha tanto dinheiro quanto agora. Duas mil libras não eram uma fortuna para Whitehead, mas levariam Marty a alturas incríveis. O que o velho lhe dissera sobre Carys talvez fosse mentira. Nesse caso, tiraria a verdade dele, como o tempo. Devagarinho, devagarinho, para pegar o macaquinho, como costumava dizer Feaver. O que diria se visse Marty agora com o dinheiro amontoado aos seus pés?

Deixou o carro perto de Euston e tomou um táxi para o Strand para descontar o cheque. Depois, tratou de comprar um bom terno para a noite. Whitehead lhe tinha sugerido uma loja numa travessa de Regent's Street. Os vendedores o trataram com certa má vontade a princípio, mas, assim que lhes mostrou a cor do seu dinheiro, ela se transformou logo em bajulação. Disfarçando um sorriso, Marty bancou o freguês exigente; eles adejavam e se esforçavam. Marty deixou que o bajulassem. Só depois de três quartos de hora de toda aquela atenção exagerada, descobriu o que queria: uma escolha conservadora, mas de estilo imaculado. O terno e o guarda-roupa completo, sapatos, camisas e gravatas escolhidas, custaram mais do que esperava, mas deixou que o dinheiro escorresse como água entre os dedos. O terno e algumas outras peças levou na hora. O resto mandou entregar no Santuário.

Saiu da loja na hora do almoço e começou a procurar um lugar para comer. Havia um restaurante chinês na Rua Gerard que ele e Charmaine frequentavam sempre que as finanças permitiam; voltou a ele agora. Embora a fachada tivesse sido modernizada para acomodar um luminoso maior, o interior continuava o mesmo, a comida tão boa quanto antes.

Sentou-se em esplêndido isolamento e comeu e bebeu tudo o que estava indicado no menu, feliz por bancar o homem rico em todos os detalhes. Depois pediu meia dúzia de charutos, tomou alguns conhaques e deu gorjetas como um milionário. Papá ficaria orgulhoso de mim, pensou. Quando estava satisfeito e meio embriagado, saiu para a tarde agradável. Estava na hora de seguir o resto das instruções de Whitehead.

Caminhou pelo Soho por alguns minutos até encontrar um posto de apostas. Quando entrou no ambiente enfumaçado, uma sensação de culpa o assaltou, mas Marty fez calar sua consciência estraga-prazeres. Estava obedecendo ordens.

— Havia corridas em Newmarket, Kempton Park e Doncaster — cada um desses nomes evocando lembranças agrídoces — e ele apostou largamente em todas. Não demorou muito, e o velho entusiasmo eliminou qualquer traço de culpa. Esse jogo era como a vida, porém mais saboroso. Era a dramatização, com suas promessas de ganho, ou de perdas fáceis, da idéia que ele se fazia, quando criança, da vida de adulto. De como, depois de superado o tédio, os homens cresciam para o mundo secreto, barbado e erétil da masculinidade, onde cada palavra tinha uma carga de risco e de promessas, cada respiração era uma vitória sobre o infortúnio!

No começo, o dinheiro gotejava de suas mãos; não apostou pesadamente, mas a frequência das perdas começou a solapar suas reservas. Então, depois de três quartos de hora, as coisas começaram a melhorar; cavalos que ele escolhia aleatoriamente venciam, pagando quantias absurdas, um depois do outro. Numa só corrida recuperou tudo o que havia perdido nas duas anteriores, e ainda mais. O entusiasmo se transformou em euforia. Era essa a sensação que tentara com dificuldade descrever para Whitehead — estar comandando a sorte.

Finalmente, as vitórias começaram a ficar enfadonhas. Recebeu o que tinha ganho sem verificar o total e saiu. O dinheiro fazia volume considerável no seu paletó, pedindo para ser gasto. Seguindo o instinto, foi até Oxford Street, escolheu uma loja elegante e comprou um casaco de peles de 900 libras para Charmaine, depois tomou um táxi para a casa dela. Foi uma viagem lenta; os escravos assalariados começavam a escapar da escravidão e as ruas estavam congestionadas. Mas seu estado de espírito não admitia qualquer irritação.

Mandou o táxi parar na esquina da rua porque queria andar até a casa. As coisas tinham mudado desde sua última visita há dois meses e meio. O começo da primavera era agora começo do verão. Eram quase seis horas da tarde e o calor do dia não se tinha dissipado ainda; o tempo se encompridava à sua frente. Além disso, pensou ele, não era só a natureza que tinha amadurecido e avançado, ele também.

Sentia-se real. Meu Deus, era isso. Finalmente podia agir no mundo outra vez, afetar as coisas, moldá-las.

Charmaine abriu a porta, agitada. Ficou mais agitada quando Martin entrou, beijou-a e colocou a caixa com o casaco nos seus braços.

— Tome. Trouxe um presente para você.

Ela franziu a testa.

— O que é, Marty?

— Veja. É para você.

— Não, não posso aceitar.

A porta ainda estava aberta. Charmaine o empurrava para ela, ou pelo menos tentava. Mas Marty não se movia. Percebeu algo sob o embaraço dela; raiva, pânico mesmo. Charmaine empurrou a caixa para ele, sem abrir.

— Vá, por favor — pediu.

— É uma surpresa — insistia Marty, resolvido a não ser expulso.

— Não quero surpresa nenhuma! Vá embora. Telefone amanhã.

Marty recusou-se a pegar a caixa estendida que acabou caindo entre os dois e se abrindo. O brilho suntuoso do casaco apareceu; Charmaine não se conteve e o apanhou.

— Oh, Marty... — murmurou ela.

Quando olhou para os cabelos brilhantes de Charmaine, alguém apareceu no topo da escada.

— Qual é o problema?

Marty ergueu os olhos. Flynn estava de pé no patamar da escada só de cueca e meias. O rosto não estava barbeado. Por alguns segundos não disse nada, pesando as opções. Então, o velho sorriso, a costumeira panacéia, inundou seu rosto.

— Marty! — exclamou ele —, o que há de novo?

Marty olhou para Charmaine, que olhava para o chão. Ela estava segurando o casaco, como se fosse um animal morto.

— Estou entendendo murmurou Marty.

Flynn desceu os poucos degraus. Seus olhos estavam congestionados.

— Não é o que está pensando. Não é mesmo — disse ele, parando no meio da escada, esperando para ver se Marty ia atacá-lo.

— *É exatamente o que está pensando, Marty* — interrompeu Charmaine em voz baixa. — Sinto que tenha descoberto desse modo, mas você não me telefonou. Eu bem lhe disse para sempre me telefonar antes de vir.

— Há quanto tempo? — perguntou Marty.

— Dois anos mais ou menos.

Marty olhou para Flynn. Tinham se divertido juntos com aquela garota negra — Úrsula, não era? — há apenas duas semanas e, quando terminaram, ele havia saído de mansinho. Tinha voltado para Charmaine. Será que se lavara, pensou Marty, antes de se deitar com Charmaine na sua cama de casal? Provavelmente não.

— Por que ele? — perguntou. — Por que ele, pelo amor de Deus? Não podia ter arranjado coisa melhor?

Flynn não disse nada para se defender.

— Acho que você deve ir, Marty — aconselhou Charmaine, desajeitadamente, tentando guardar o casaco na caixa.

— Ele é uma merda! Não vê que ele é uma merda?

— Ele estava aqui — respondeu ela com amargura. — Você não estava.

— Pelo amor de Deus ele é uma porra de cafetão!

— Isso mesmo! — gritou ela, largando a caixa e ficando de pé, olhos furiosos, para dizer toda a verdade afinal. — Isso mesmo, tem razão! E por que acha que comecei a andar com ele?

— Não, Char...

— Foram tempos difíceis, Marty. Acha que eu podia sobreviver com a brisa e suas cartas de amor?

Charmaine tinha se prostituído por ele; o filho da puta tinha feito dela uma prostituta. Na escada, Flynn estava pálido.

— Calma aí, Marty — disse ele. — Nunca a obriguei a fazer o que não queria.

Marty deu alguns passos para a escada.

— Não é verdade? — Flynn apelou para Charmaine. — Diga a ele, mulher. Obriguei você a fazer alguma coisa que não queria?

— Não faça isso! — gritou Charmaine.

Mas Marty já estava subindo a escada. Flynn ficou firme só por dois degraus, depois recuou.

— Ei, vamos, vamos...

— ergueu as mãos abertas para aparar os golpes.

— Você fez da minha mulher uma prostituta?

— Acha que eu faria uma coisa dessas?

— Você fez dá minha mulher uma porra de prostituta!

Flyn voltou-se tentando chegar ao andar superior. Marty subiu correndo atrás dele.

— Seu filho da puta!

O plano de escape funcionou; Flynn estava a salvo atrás da porta do quarto girando a chave antes que Marty chegasse ao fim da escada. A única coisa que pode fazer foi dar murros na porta exigindo que Flynn o deixasse entrar. Mas bastou uma pequena interrupção para dissolver sua raiva. Quando Charmaine chegou ao topo da escada, Marty não batia mais na porta; estava encostado na parede, os olhos ardendo como fogo. Ela não disse nada. Não tinha meios nem desejo de atravessar o abismo que os separava.

— Ele — foi tudo que Marty pode dizer — Logo ele!...

— Ele tem sido muito bom para mim.

Não tinha intenção de defender seu caso. O intruso era Marty. Não devia desculpas a ele.

— Não foi como se eu a tivesse abandonado.

— A culpa foi sua, Marty. Você perdeu por nós dois. Nunca pude dar minha opinião. — Ela tremia, Marty percebeu, mas com fúria, não com mágoa. — Você jogou fora o que tínhamos. Tudo! E perdeu por nós dois.

— Não estamos mortos ainda...

— Estou com trinta e dois anos, mas sinto como se tivesse o dobro.

— Ele faz você se cansar.

— Você é tão idiota — disse ela, com voz inexpressiva; o desprezo frio deixou Marty envergonhado.— Você nunca percebeu o quanto tudo era frágil entre nós; apenas continuou a ser o que queria: um idiota e um egoísta.

Marty mordeu o lábio, observando a boca de Charmaine dizendo aquelas verdades. Pensou em agredí-la, mas isso não a tornaria menos certa,

apenas certa e machucada... Balançando a cabeça, passou por ela e desceu correndo a escada. Charmaine ficou lá em cima, em silêncio.

Ele passou pela caixa, pelo casaco abandonado. "Que trepem em cima dele," pensou. "Flynn ia gostar disso." Apanhou a sacola com seu terno e saiu. O vidro na janela estremeceu quando Marty bateu a porta com força.

— Pode sair agora — disse Charmaine para a porta fechada do quarto.
— O tiroteio acabou.

44

MARTY NÃO conseguia afastar um pensamento da cabeça; que Charmaine tinha falado com Flynn a respeito dele, contando os segredos da vida dos dois. Imaginava Flynn na cama com as meias, acariciando Charmaine, enquanto ela despejava toda a sujeira. Como Marty tinha gasto todo o dinheiro nos cavalos ou no pôquer; como nunca teve uma maré de sorte em toda a vida que durasse mais de cinco minutos (devia me ver hoje, queria dizer a ela, as coisas são diferentes agora, estou mais do que quente); como ele só era bom na cama raras ocasiões em que ganhava e desinteressado o resto do tempo; como começou perdendo o carro para Macnamara, depois a televisão, depois os melhores móveis e que devia ainda uma pequena fortuna. Como tinha tentado roubar para cobrir as dívidas, mas até nisso falhara miseravelmente.

Marty reviveu tudo isso, agudamente. O carro cheirando à escopeta de Nygaard; o suor gelado nos poros de Marty com o vento da janela aberta, adejando no seu rosto como pétalas. Tudo tão claro como se tivesse acontecido na véspera. Tudo desde então, quase dez anos de sua vida, girando em torno daqueles poucos minutos. Sentiu um mal-estar quase físico pensando naquilo. Desperdício. Tudo desperdício.

Estava na hora de se embriagar. O dinheiro no bolso — somando ainda quatro dígitos — queimava, exigindo ser gasto ou apostado. Andou pelo Commercial Road e tomou outro táxi, sem saber ao certo o que ia fazer. Eram quase sete horas; a noite à sua frente precisava ser cuidadosamente planejada. “O que o Papá?” pensou. “Traído e desprezado, o que faria o grande homem?”

O que o coração desejasse, foi a resposta; o que seu bendito coração desejasse.

Foi até a Estação e passou meia hora no banheiro, lavando-se, depois, vestiu a camisa e o terno novo, saindo de lá outro homem. As roupas usadas deu ao encarregado dos banheiros, com uma nota de dez libras.

Quando acabou de se vestir, a sensação de bem-estar tinha voltado. Gostou do que os espelhos mostravam; a noite podia se transformar em vitória ainda, desde que ele não forçasse a barra. Bebeu em Convent Garden, o bastante para temperar o sangue e o hálito com álcool, depois jantou num restaurante italiano. Quando saiu, as pessoas estavam deixando os cinemas e teatros; Marty ganhou um punhado de olhares apreciativos, especialmente de mulheres de meia-idade e de jovens muito bem penteados. “Provavelmente me tomam por gigolô”, pensou; a disparidade entre seu rosto e as roupas que vestia anunciava um homem representando um papel. A ideia o agradou. Dali em diante ia fazer o papel de Martin Strauss, homem do mundo, com todo o empenho de que fosse capaz. Ser ele mesmo não o levaria muito longe. Viver um personagem de ficção talvez melhorasse

O índice de seu progresso.

Andou a esmo por Charing Cross e mergulhou na agitação de pedestres e carros em Trafalgar Square. Uma briga tinha ocorrido nos degraus de St. Martin’s-in-the-Field, e dois homens trocavam palavrões enquanto suas mulheres observavam.

Ao lado da praça, na parte de trás do Mall, o tráfego era mais calmo. Levou alguns minutos para se orientar. Sabia para onde queria ir, pensou que sabia como chegar lá, mas agora não tinha tanta certeza. Fazia muito tempo que não passava por aqueles

lados e quando finalmente chegou ao beco onde ficava a Academia — o clube de Bill Toy —, foi mais por sorte do que por intenção.

Seu coração acelerou-se um pouco quando subiu os degraus. Sabia que à sua espera estava um importante papel a ser representado, e que, se falhasse, arruinaria aquela noite. Parou por um momento para acender um charuto, e depois entrou.

No seu tempo tinha frequentado um grande número de cassinos de alta classe; este tinha a mesma imponência antiquada dos outros que conhecia. Painéis de madeira escura recobrimo as paredes, carpetes cor de ameixa, retratos de luminaires esquecidos. Com a mão no bolso da calça, o paletó aberto mostrando forro brilhante, atravessou o vestíbulo de mosaico na direção do balcão. A segurança devia ser severa, os que tinham dinheiro esperavam estar salvo. Marty não era sócio nem esperava se tornar um de uma hora para outra; não sem padrinhos e referência. O único meio de conseguir uma boa noite de jogo era blefar para entrar.

A boneca na portaria sorriu de modo promissor.

— Boa noite, Senhor.

— Como está você hoje?

O sorriso dela não se alterou nem por um momento, embora não soubesse quem ele era.

— Muito bem. E o Senhor?

— Linda noite. Bill já chegou?

— Como disse, Senhor?

— O sr. Toy. Já chegou?

— Sr. Toy — ela consultou o livro de convidados, percorrendo com a unha longa e pintada a lista dos jogadores daquela noite.

— Creio que ainda não...

— Talvez não tenha assinado — disse Marty. — Mas, pelo amor de Deus, você deve saber que ele é sócio. — A leve irritação em sua voz perturbou a jovem.

— Oh... compreendo. Acho que não o conheço ainda.

— Bem, não tem importância. Vou subir. Diga a ele que me encontrará nas mesas, está bem?

— Espere, Senhor. Eu não...

Ela estendeu a mão, como para segurar na manga dele, mas pensou melhor. Marty a compensou com um sorriso encantador enquanto subia a escada.

— Quem devo dizer que o espera?

— Sr. Strauss — respondeu ele, fingindo uma pequena irritação.

— Está bem. Naturalmente. — Um reconhecimento fingido iluminou o rosto dela. — Sinto muito, Sr. Strauss. É que...

— Tudo bem — disse ele num tom benigno, deixando-a lá embaixo olhando para ele.

Levou cinco minutos para se orientar. Roleta, pôquer, vinte-e-um, tudo isso e muito mais. A atmosfera era de concentração; frivolidade não era bem-vinda num lugar onde o dinheiro podia ser ganho ou perdido em tão grande escala. Se os homens e poucas mulheres que frequentavam aquele ambiente fechado e exclusivo estavam ali para se divertir, não demonstravam. Para eles era trabalho, trabalho sério e pesado. Algumas trocas de palavras em voz baixa nas escadas e nos corredores — e naturalmente os avisos dos crupiês, fora isso o interior do clube era quase tão reverentemente silencioso como um templo.

Marty foi de sala em sala, parando perto de um jogo e de outro, familiarizando-se com a etiqueta do lugar. Ninguém lhe concedeu mais do que um rápido olhar; Marty encaixava-se perfeitamente naquele paraíso obsessivo.

A expectativa do momento em que finalmente se sentasse para um jogo o excitava; procurou prolongá-la um pouco mais. Afinal de contas, tinha a noite toda para esse prazer, e sabia muito bem que o dinheiro que tinha no bolso ia desaparecer em minutos se não fosse cauteloso. Foi até o bar, pediu um uísque com água e observou os homens que estavam bebendo. Todos estavam ali para a mesma coisa; arriscar a sorte. Alguns bebiam sozinhos, preparando-se psiquicamente para o jogo. Mais tarde, quando fortunas tivessem sido ganhas, podia haver dança nas mesas, um strip-tease improvisado de uma companheira embriagada. Mas era cedo ainda.

O garçom apareceu. Jovem, no máximo vinte anos, com um bigode que parecia desenhado no rosto; já possuía aquele misto de subserviência e superioridade característico da profissão.

— Desculpe, Senhor... — disse ele.

O estômago de Marty deu uma reviravolta. Será que alguém ia desmascarar seu blefe?

— O que é?

— Scotch ou Bourbon, Senhor?

— Oh. Bem... Scotch.

— Muito bem, Senhor.

— Leve para a mesa.

— Onde vai estar, Senhor?

— Na roleta.

O garçom se afastou. Marty foi ao caixa e comprou 800 libras de fichas, depois foi para a sala da roleta.

Nunca fora muito amigo das cartas. Exigiam técnicas que achava aborrecidas; e, por mais que admirasse a arte dos grandes jogadores, para ele, essa mesma arte obscurecia o confronto essencial. Um bom jogador de cartas usava a sorte, o grande jogador a dirigia. Mas a roleta, embora tivesse também um sistema e uma técnica, era um jogo mais puro. Nada possuía o encanto da roda girando, os números se misturando, a bola estalando quando era jogada e saltando outra vez.

Sentou-se entre um árabe muito perfumado que só falava francês e um americano. Ninguém disse uma palavra; não havia boas-vindas e nem adeus ali. Todas as delicadezas do relacionamento humano eram sacrificadas ao trabalho a ser feito.

Era uma doença estranha. Os sintomas eram semelhantes aos de uma paixonite — palpitações, insônia. A única cura certa: a morte. Uma ou duas vezes Marty vira sua própria imagem no espelho do bar do cassino ou no vidro do caixa, uma expressão faminta e assombrada. Mas nada — nem aversão por si mesmo ou o desprezo dos amigos — nada conseguia diminuir o apetite.

O garçom colocou a bebida ao lado do seu cotovelo, o gelo tamborilando no copo. Marty deu-lhe uma boa gorjeta.

A roda girou, mas Marty não chegara a tempo de fazer sua aposta. Todos os olhos estavam fixos nos números que giravam...

Uma hora depois Marty levantou-se da roleta, só para ir ao banheiro e voltar ao mesmo lugar. Jogadores chegavam e saíam. O americano, fazendo a vontade do jovem de rosto aquilino que o acompanhava, perdeu uma fortuna antes de se retirar. As reservas de Marty estavam ficando mais baixas. Ganhava, perdia, ganhava; então perdeu, perdeu e perdeu. As perdas não o preocupavam muito. Não era seu dinheiro e, como Whitehead dizia sempre, havia muito mais no lugar de onde aquele tinha vindo.

Com fichas apenas suficientes para mais uma aposta que valesse a pena, retirou-se da mesa para um descanso. Às vezes conseguia mudar a sorte saindo do campo por alguns minutos e voltando com uma nova visão do jogo.

Quando se levantou, os olhos repletos de números, alguém passou pela porta da sala da roleta e olhou para dentro, antes de seguir em frente. Poucos segundos foram suficientes para que Marty o reconhecesse.

Da última vez em que tinham se encontrado, o homem estava barbado e pálido de dor, iluminado pelos holofotes da cerca do Santuário. Agora Mamoulian estava transformado. Não era mais o vagabundo, encurralado e angustiado. Marty caminhou para a porta como que hipnotizado. O garçom apareceu ao seu lado, “Outro drinque, Senhor?”, mas a pergunta ficou sem resposta e Marty saiu para o corredor. Sentimentos contraditórios o invadiam; um misto de medo de confirmar que aquele era o homem e uma excitada curiosidade com a presença dele. Certamente não se tratava de coincidência. Talvez Toy estivesse com ele. Talvez todo o mistério fosse esclarecido ali mesmo. Viu Mamoulian entrar na sala do bacará. Uma disputa acirrada estava tendo lugar ali e os espectadores se agrupavam para assistir o resultado final. A sala estava cheia; jogadores de outras mesas haviam abandonado seus jogos para observar a batalha em andamento. Até os garçons demoravam-se na periferia dos assistentes tentando ver alguma coisa.

Mamoulian abriu caminho entre as pessoas agrupadas para ver melhor sua figura magra e cinzenta dividindo a assistência em duas partes. Tendo encontrado um lugar vantajoso parou, a luz no feltro

da mesa refletindo-se no seu rosto pálido. A mão mutilada estava no bolso do paletó, escondida, a imagem inexpressiva. Marty o observou durante mais de cinco minutos. Nem uma vez os olhos do Europeu se desviaram do jogo à sua frente. Parecia uma estátua de porcelana; uma fachada vitrificada na qual um artista descuidado tivesse rabiscado algumas linhas. Os olhos afundavam-se nas órbitas e pareciam incapazes de outra coisa que não fosse aquele olhar fixo e inexorável. Havia uma grande força no homem. Era arrepiante notar como as pessoas procuravam se afastar dele, preferindo se apertar umas as outras a ficar perto de Mamoulian ao lado da mesa.

No outro lado da sala, Marty viu o garçom de bigode fino. Abriu caminho entre os espectadores e aproximou-se do jovem.

— Uma palavrinha — ele.

— Sim, Senhor?

— Aquele homem. Com o terno cinzento.

O garçom olhou para a mesa, depois de novo para Marty.

— É o senhor Mamoulian.

— Sim. O que sabe sobre ele?

O garçom lançou um olhar de reprovação para Marty.

— Desculpe, Senhor. Não temos liberdade para discutir os sócios.

Deu meia volta e entrou no corredor. Marty o acampanhou. O corredor estava vazio. Lá embaixo, a moça na portaria — não a mesma com quem tinha falado ao chegar — estava numa conversa de risadinhas com o encarregado dos agasalhos.

— Espere um pouco.

Quando o garçom olhou para trás, Marty estava tirando a carteira do bolso, ainda com volume suficiente para prometer um bom suborno. O rapaz olhou para o dinheiro com indisfarçada avidez.

— Só lhe quero fazer algumas perguntas. Não me interessa saber o número da conta dele no banco.

— De qualquer modo, isso eu não saberia... o garçom sorriu malicioso — O Senhor é da polícia?

— Só estou interessado no Sr. Mamoulian — disse Marty, tirando cinco notas de dez libras. — Algumas informações básicas.

— O garçom agarrou o dinheiro e o guardou com a rapidez de um experiente subornado.

— Pergunte.

— Ele vem sempre aqui?

— Umas duas vezes por mês.

— Para jogar?

O garçom franziu a testa.

— Agora que falou nisso, acho que nunca o vi jogando.

— Só para observar, então?

— Bom, não tenho certeza. Mas acho que se, tivesse jogado, eu teria visto. Estranho. Porém, temos alguns sócios que fazem isso.

— E ele tem amigos? Chega com alguém, sai com alguém?!

— Não que eu me lembre. Costumava ser muito amigo de uma senhora grega que às vezes vinha aqui. Ela sempre ganhava uma fortuna. Nunca deixava de ganhar.

Essa era uma história de jogador equivalente àquelas de pescador, a crônica dum jogador com um sistema tão perfeito que jamais falhava. Marty já a ouvira centenas de vezes, sempre a respeito do amigo de um amigo, um personagem mítico que nunca chegamos a conhecer. Contudo, pensando no rosto de Mamoulian, tão calculista na sua suprema indiferença, quase podia acreditar na realidade dessa ficção.

— Por que está tão interessado nele? — quis saber o garçom.

— Tenho uma sensação estranha a respeito dele.

— O que quer dizer?

— Ele nunca me disse ou fez alguma coisa para mim, compreende — explicou o garçom — Sempre dá boas gorjetas, embora, Deus sabe, só beba água destilada. Mas havia um cidadão que costumava vir aqui, há uns dois anos, um americano, de Boston. Ele viu o senhor Mamoulian e, vou lhe contar, o homem parece que ficou meio biruta por isso. Parece que tinha jogado com alguém que era igualzinho a ele, isso lá pelos anos 20. Foi uma sensação. Quero dizer, o senhor Mamoulian não parece do tipo de quem tenha um passado recente ou não...

O garçom tinha alguma razão, era impossível imaginar Mamoulian criança ou adolescente espinhento. Teria sofrido com um

primeiro amor? A perda de animais de estimação? A morte dos pais? Parecia tão improvável que chegava a ser cômico.

— É tudo o que sei, de verdade.

— Obrigado — disse Marty. Era o bastante.

O garçom se afastou, deixando Marty com uma braçada de possibilidades. Histórias apócrifas, sem dúvida: a grega com um sistema de jogo, o americano em pânico. Um homem como Mamoulian naturalmente provocava comentários; seu ar de aristocracia perdida convidava à criação de histórias. Como uma cebola sendo descascada e descascada outra vez, cada pele dando, não para o miolo, mas para outra pele.

Cansado, atordoado com muita bebida e pouco sono, Marty resolveu ir para casa. Usaria as cento e poucas libras que ainda tinha no bolso para convencer um motorista de táxi a levá-lo de volta ao Santuário e apanharia seu carro no dia seguinte. Estava bêbado demais para dirigir. Deu uma última olhada na sala do bacará; Mamoulian não tinha saído do lugar.

Marty desceu para o banheiro. Estava alguns graus mais frio do que no interior do clube, e os motivos recocós da decoração pareciam ridículos em função do uso tão pragmático daquele lugar. Olhou para seu rosto cansado refletido no espelho, e dirigiu-se ao mictório para se aliviar.

Num dos compartimentos alguém começou a soluçar, baixinho, como que procurando abafar o som. Apesar da bexiga dolorida, Marty não conseguiu urinar; o sofrimento anônimo o abalou demais. Vinha do outro lado da porta trancada do reservado. Provavelmente algum otimista que havia perdido a camisa no jogo dos dados, e contempleva agora as conseqüências. Marty não interferiu. Não podia fazer nem dizer coisa alguma, sabia por amarga experiência.

No vestíbulo, uma mulher o chamou de dentro do guichê.

— Sr. Strauss? — Era a boneca da portaria. Apesar da hora, não demonstrava ainda qualquer ar de abatimento. — Encontrou o Sr. Toy?

— Não, não o encontrei.

— Oh, é estranho. Ele esteve por aqui.

— Tem certeza?

— Tenho. Estava com o Sr. Mamoulian. Eu lhe disse que o Senhor estava lá dentro, e tinha perguntado por ele.

— E o que foi que ele disse?

— Nada — respondeu a moça. — Nem uma só palavra. — Abaixou a voz. — Ele está bem? Quero dizer, parecia horrível, se me permite dizer. Uma cor terrível.

Marty olhou para o alto da escada, para os patamares.

— Ele ainda está aqui?

— Bem, não estive na portaria a noite toda, mas não o vi sair.

Marty subiu a escada de dois em dois degraus. Queria muito ver Toy. Perguntas tinham de ser feitas, confidências trocadas. Examinou as salas, procurando o rosto de couro usado. Mamoulian ainda estava lá, tomando aos goles sua água, mas Toy não estava com ele. Nem em nenhum dos bares. Evidentemente tinha entrado e saído. Desapontado, Marty voltou para baixo, agradeceu a jovem pela ajuda, deu uma boa gorjeta e saiu.

Só quando estava a uma boa distância da Academia, andando no meio da rua para apanhar o primeiro táxi que aparecesse, lembrou-se dos soluços no banheiro. Diminuiu o passo. Finalmente parou na rua, a cabeça ecoando as batidas do coração. Seria mera impressão, ou aquela voz sombria lhe tinha soado familiar, ruminando seu sofrimento? Seria Toy, sentado na discutível privacidade de uma privada, chorando como uma criança perdida?

Indeciso, Marty olhou para trás, para o caminho que tinha percorrido. Se suspeitava que Toy estivesse ainda no clube, não devia voltar lá e verificar? Mas sua cabeça fazia conexões desagradáveis. A mulher no telefone em Pimlico, com a voz horrível demais para ser ouvida; a pergunta da moça do balcão: “Ele está bem?”; a profundidade do desespero que ouvira atrás da porta trancada. Não, não podia voltar. Nada, nem a promessa de um sistema infalível para derrotar todas as mesas do cassino o faria voltar. Existia afinal, uma coisa chamada margem razoável de dúvida e, em certas ocasiões, ela podia ser um bálsamo sem concorrente.

VIII. Desordem

45

NO DIA da Última Ceia, como Marty veio a chamá-lo depois, ele se barbeou três vezes, uma de manhã, duas vezes à tarde. A sensação inicial de lisonja provocada pelo convite há muito tinha desaparecido. Agora rezava por uma desculpa conveniente, um meio de escapar educadamente do que sabia que ia ser uma noite terrível. Não havia lugar para ele no séquito de Whitehead: os valores deles não eram os seus; o mundo em que viviam era um lugar onde ele não passava de um funcionário. Nada havia em Marty que lhe pudesse proporcionar mais do que um momentâneo entretenimento.

Só depois de vestir novamente o smoking foi que começou a se sentir mais corajoso. Neste mundo de aparências, por que não seguir com a ilusão como qualquer outro homem? Afinal, tivera sucesso na Academia. O truque consistia em conhecer a superfície — o código da roupa, o lado correto de passar o Porto. Começou a ver a noite à sua frente como um teste dos seus talentos e seu espírito competitivo entusiasmou-se com o desafio. Ele os enfrentaria em seu próprio campo, entre as taças tilintantes e a conversa sobre ópera e altas finanças.

Triplamente barbeado, vestido e perfumado com água de colônia, desceu para a cozinha. Estranhamente, Pearl não estava na casa; Luther era o encarregado dos acepipes da noite. Estava abrindo garrafas de vinho, que espalhavam por toda a cozinha os seus variados buquês. Embora Marty soubesse que seriam poucos os convidados, várias dúzias de garrafas estavam sobre a mesa; os rótulos de muitas delas não podiam ser decifrados de tão sujos. Era como se a adega tivesse sido despida das suas melhores safras.

Luther examinou Marty da cabeça aos pés.

— De quem foi que você roubou esse traje?

Marty apanhou uma das garrafas abertas e cheirou o gargalo, ignorando a pergunta. Nessa noite, não ia permitir que o irritassem; nessa noite, tinha tudo preparado, e não ia deixar ninguém estragar sua jogada.

— Eu lhe perguntei, de quem foi...

— Já ouvi da primeira vez. Comprei-o.

— Com o quê?

Marty colocou a garrafa na mesa com certa força. Os copos tilintaram uns os outros.

— Por que não cala essa boca?

Luther deu de ombros.

— O velho deu para você?

— Já lhe disse para parar com essa matraca.

— Me parece que você está indo fundo, cara. Sabe que é o convidado de honra da festinha?

— Fui convidado para conhecer alguns amigos do velho, só isso.

— Quer dizer Dwoskin e aqueles cabeças de bagre? Mas não é mesmo um felizardo?

— E você, o que é esta noite: o garçom dos vinhos?

Luther fez uma careta e tirou a rolha de outra garrafa.

— Eles não usam garçons nessas festas particulares. São muito particulares.

— O que quer dizer?

— Ora veja só — Luther deu de ombros. — Sou um macaco, certo?

Entre oito e oito e meia os carros começaram a chegar ao Santuário. Marty esperou no quarto pelo chamado para se juntar aos outros convidados. Ouviu a voz de Curtsinger e as vozes das mulheres; risadas, algumas estridentes. Imaginou se tinham levado só as mulheres ou as filhas também.

O telefone tocou.

— Marty — era Whitehead.

— Senhor?

— Por que não sobe e junta-se a nós? Estamos à sua espera.

— Pois não.

— Estamos na sala branca.

Outra surpresa. Aquele quarto vazio, com o feio retábulo, não parecia o ambiente apropriado para um jantar.

A noite já estava chegando lá fora, e, antes de subir para a reunião, Marty ligou os holofotes do gramado. Eles chamejaram, a luz ecoando pela casa. Seu nervosismo inicial fora substituído por um misto de desafio e fatalismo. Desde que não cuspiasse na sopa, pensou, ia conseguir enfrentá-los.

— Entre, Marty.

A atmosfera no quarto branco já estava sufocante com a fumaça de charutos e cigarros. Nada tinha sido feito para melhorar a aparência do lugar. A única decoração era o tríptico, a cena da crucificação tão impressionante quanto Marty se lembrava dela. Whitehead levantou-se quando Marty entrou e estendeu-lhe a mão com um sorriso quase brilhante.

— Feche a porta, por favor. Venha, sente-se.

Havia um único lugar vazio na mesa. Marty dirigiu-se para ele.

— Você já conhece o Felix, não é?

Ottaway, o advogado da dança do leque, acenou com a cabeça. A lâmpada desguarnecida iluminava sua cabeça, acentuando a linha da peruca.

— E Lawrence?

Dwoskin — o magro — estava no meio de um gole de vinho. Murmurou um cumprimento.

— E James?

— Como vai? — cumprimentou Curtsinger. — É bom vê-lo outra vez.

O charuto que ele segurava era o maior que Marty já vira.

Depois dos rostos familiares, Whitehead apresentou-lhe as três mulheres que estavam sentadas entre os homens.

— Nossas convidadas desta noite.

— Como vai?

— Este é Martin Strauss, entre outras coisas meu guarda-costas.

— Alô Martin — Oriana, uma mulher com trinta e poucos anos, olhou para ele com um sorriso de canto de boca — É um prazer conhecê-lo.

Whitehead não citou nenhum sobrenome, o que deixou Martin na dúvida se ela era mulher de um dos homens ou apenas uma amiga. Era bem mais nova do que Ottaway e Curtsinger, entre os quais estava sentada. Talvez fosse amante de um deles. A idéia excitou-o

— E esta é Stephanie.

Stephanie, uns dez anos mais velha do que a primeira apresentada, brindou Marty com um olhar que pareceu despí-lo. Foi tão desconcertantemente claro que ele imaginou se mais alguém em volta da mesa tinha percebido.

— Ouvimos falar tanto de você — disse ela, colocando a mão carinhosamente sobre a de Dwoskin. — Não é verdade?

Dwoskin sorriu afetadamente. A antipatia de Marty pelo homem continuava em plena forma. Era difícil imaginar como ou por que qualquer ser humano podia querer tocar nele.

— E finalmente, Emily.

Marty voltou-se para cumprimentar o terceiro rosto novo. Quando se virou para ele, Emily derrubou um copo de vinho tinto.

— Oh, Jesus! — exclamou ela.

— Não faz mal — disse Curtsinger com um sorriso. Marty notou logo que ele já estava bêbado; o sorriso era exagerado demais para ser sóbrio. — Não tem a mínima importância, meu bem. De verdade, não tem importância alguma.

Emily ergueu os olhos para Marty. Ela também já havia bebido bastante, a julgar pela cor do rosto. Era muito mais nova do que as outras duas e quase encantadoramente bela.

— Sente-se, sente-se — disse Whitehead. — Não se importem com o vinho, pelo amor de Deus. — Marty sentou-se ao lado de Curtsinger. O vinho derramado por Emily continuava pingando da ponta da mesa, livremente.

— Estávamos dizendo — observou Dwoskin — que é uma pena que Willy não possa estar aqui.

Marty olhou rapidamente para o velho a fim de verificar se a menção do nome de Toy — o som dos soluços voltaram quando pensou nele — tinha provocado alguma reação. Nenhuma. Ele, também — Marty percebeu então — já tinha bebido demais.

As garrafas que Luther estava abrindo — claretos, borgonhas — enchiam a mesa; a atmosfera estava mais para piquenique improvisado do que para um jantar formal. Não havia nada da cerimônia que esperava; nenhum pedido meticuloso dos acepipes, nenhum regimento de talheres ao lado dos pratos. A comida — latas de caviar com colheres enfiadas nelas,

queijos, biscoitos muito finos — cediam o passo à bebida. Embora Marty não fosse conhecedor de vinhos, a suspeita de que o velho estivesse esvaziando a adega confirmava-se pela conversa em volta da mesa. Tinham se reunido naquela noite para beber o que havia de melhor no Santuário, as safras mais célebres.

Beba! — disse Curtsinger. — É a melhor coisa que vai engolir na vida, pode acreditar. — Procurou uma garrafa entre aquele amontoado sobre a mesa. Onde está o Latour? Não acabamos com ele, acabamos? Stephanie, minha querida, você está escondendo o Latour?

Stephanie ergueu os olhos do copo. Marty duvidou que ela tivesse entendido o que Curtsinger estava dizendo. Aquelas mulheres não eram esposas, disso tinha certeza. Duvidara até mesmo que fossem amantes.

— Aqui está ele! — Curtsinger encheu o copo de Marty, derramando a metade. — Veja o que acha disto.

Marty não gostava muito de vinho. Era uma bebida para ser tomada aos golinhos, bochechada, e não tinha paciência para isso. Mas o buquê no seu copo soletrava qualidade, mesmo para seu nariz não-conhecedor. Tinha uma riqueza que lhe deu água na boca antes de tomar um bom gole, e o gosto não o desapontou; era soberbo.

— Bom, não é?

— Saboroso.

— *Saboroso!* — gritou Curtsinger para a mesa, fingindo-se ofendido. — O rapaz diz que o Latour é *saboroso*...

Acho melhor passar o vinho antes que ele tome todo — observou Ottaway.

Temos de acabar com *tudo* — esclareceu Whitehead. — Esta noite!

Tudo? — espantou-se Emily, olhando para as outras duas dúzias de garrafas que estavam encostadas na parede, licores e conhaques entre os vinhos.

Sim, tudo! Uma queima total, para acabar com o que temos de melhor.

Que negócio era aquele? Pareciam um exército em retirada, arrastando o terreno, procurando não deixar nada para os próximos ocupantes.

— O que vai beber na próxima semana? — perguntou Oriana, uma colher cheia de caviar pairando sobre seu decote.

— Na próxima semana? — repondeu Whitehead. — Não vai haver mais festa na semana que vem. Vou entrar para um mosteiro. — Olhou para

Marty. — Marty sabe que sou um homem angustiado.

— Angustiado? — perguntou Dwoskin.

— Preocupado com minha alma imortal — continuou Whitehead sem tirar os olhos de Marty.

Essas palavras provocaram uma risada zombeteira de Ottaway, que estava rapidamente perdendo o autocontrole.

Dwoskin inclinou-se e encheu de novo o copo de Marty.

— Beba, meu caro. Temos muito ainda pela frente.

Ninguém estava saboreando com vagar o vinho que passava pela mesa; os copos eram cheios, engolidos e enchidos novamente, como se fosse com água. Havia algo de desesperado na forma como todos bebiam. Mas, como ele bem sabia, Whitehead não fazia nada pela metade. Para não ficar atrás, Marty liquidou o segundo copo com dois goles e o encheu até a borda novamente.

— Gosta? — perguntou Dwoskin.

Willy não aprovaria — comentou Ottaway.

— O quê? O senhor Strauss beber? — perguntou Oriana. O caviar ainda não tinha encontrado sua boca.

— Não, nada a ver com Martin. Ele censuraria este consumo indiscriminado...

Mal conseguiu pronunciar as últimas palavras. Dava um certo prazer vê-lo com a fala tão atrapalhada quanto a do dançarino do leque.

— Toy que se foda — resmungou Dwoskin.

Marty quis dizer alguma coisa em defesa de Bill, mas a bebida tinha retardado seus reflexos e, antes que pudesse falar, Whitehead ergueu o copo.

— Proponho um brinde — anunciou ele.

Dwoskin levantou-se cambaleante, derrubando uma garrafa vazia, que por que sua vez derrubou outras três. O vinho jorrou de uma delas, esparramando pela mesa e pingando no chão.

— A Willy! — brindou Whitehead. — Esteja ele onde estiver.

Os copos se ergueram, bateram uns nos outros, até mesmo o de Dwoskin. Um coro de vozes brindou.

— A Willy!

E os copos foram esvaziados ruidosamente. O de Marty foi enchido por Ottaway.

— Beba, homem, beba!

A bebida, caindo no estômago vazio de Marty, estava provocando uma desordem. Sentia-se deslocado do que acontecia ali no quarto, das mulheres, da crucifixão na parede. O choque inicial ao ver os homens daquele modo, vinho nos guardanapos e nos queixos, dizendo obscenidades, tinha passado há muito tempo. O comportamento deles não era importante. O que importava era mandar a maior quantidade possível daquelas ótimas safras garganta abaixo. Trocou um olhar tristonho com Cristo. “Que se foda!”, disse em voz baixa. Curtsinger ouviu o comentário.

— Exatamente minhas palavras — murmurou ele.

— Onde está Willy? — perguntou Emily. — pensei que ia estar aqui.

Fez a pergunta para a mesa, mas ninguém parecia disposto a tomar a responsabilidade resposta.

— Foi embora — respondeu Whitehead finalmente.

— Era uma homem tão bonzinho — comentou a moça. Cutucou as costelas de Dwoskin. — Não achava que ele era bonzinho?

Dewoskin irritou-se com as interrupções. Estava ocupado com o fecho éclair nas costas do vestido de Stephanie. Ela não fazia objeções às suas investidas em público. O copo que ele segurava na outra mão derramava vinho no seu colo. Dwoskin não via ou não se importava.

Whitehead olhou para Marty.

— Estamos divertindo você, não estamos? — perguntou.

Marty apagou o sorriso dos lábios.

— Você não aprova — perguntou Ottaway.

— Não compete a mim julgar.

— Sempre tive a impressão de que as classes criminosas são extremamente puritanas no íntimo, — continuou ele. — Estou certo?

Marty desviou os olhos do rosto inchado de bebida do dançarino do leque e balançou a cabeça. A piada estava abaixo da crítica, bem como o piadista.

— Se eu fosse você Marty, — disse Whitehead do outro lado da mesa —, quebraria o pescoço dele.

Marty deu de ombros.

— Não compensa o trabalho.

— Parece que afinal de contas você não é tão perigoso — continuou Ottaway.

— Quem lhe disse que sou perigoso?

O sorriso zombeteiro do advogado se alargou.

— Bem... Estávamos esperando um ato animalesco, entende? — Ottaway afastou uma garrafa da sua frente para ver melhor Marty. — Nos prometeram... — A conversa ao redor da mesa cessou, mas Ottaway não pareceu notar. — Porém, nada do que foi anunciado, aconteceu até agora, sabe? Estamos desapontados. Pergunte a qualquer um desses desventurados cavalheiros.

— A mesa era uma natureza morta; o braço de Ottaway girou no ar, incluindo todos os presentes nas suas afirmações. — Bem sabemos — não sabemos? — como a vida pode nos desapontar.

— Cale a boca — interrompeu Curtsinger agressivamente. Seus olhos de bêbado fixaram-se em Ottaway. — Não queremos ouvir suas besteiras.

— Podemos não ter outra oportunidade, querido James — respondeu-lhe Ottaway com uma delicadeza cheia de desprezo.

— Não acha que devemos admitir a verdade? Estamos *in extremis!* Oh, sim, meus amigos. Devemos cair de joelhos e confessar!

— Sim, sim — exclamou Stephanie. Tentou se levantar, mas suas pernas tinham outra idéia. O vestido, com o fecho aberto nas costas, ameaçava cair. — Vamos todos nos confessar.

Dwoskin puxou-a para baixo, fazendo com que sentasse outra vez.

— Vamos passar a noite toda aqui — disse ele. Emily deu uma risadinha nervosa.

Ottaway, sem se impressionar, continuou falando.

— Temos a impressão de que talvez seja o único inocente entre nós. Nem mesmo sabe do que estou falando.

As observações começavam a irritar Marty. Mas de nada valeria ameaçar o advogado. No seu estado, Ottaway ia desmoronar com o primeiro soco. Os olhos lacrimejantes pareciam muito próximos da inconsciência.

— Você me desaponta — disse Ottaway com sentimento genuíno. — Pensei que íamos acabar melhor do que isto...

Dwoskin levantou-se.

— Vou fazer um brinde — anunciou. — Quero saudar as mulheres.

— Ora, uma ótima idéia — concordou Curtsinger — Mas, para isso precisaríamos de uma fogueira.

Oriana deu uma risadinha, achando que essa era a melhor que tinha ouvido aquela noite.

— Às mulheres! — declarou Dwoskin, erguendo o copo.

Mas ninguém escutou. Emily, que até então se portara mansamente, resolveu que estava na hora de tirar a roupa. Empurrou a cadeira para trás e começou a desabotoar a blusa. Não tinha nada por baixo; seus mamilos pareciam pintados de vermelhos, como se tivesse se preparado para esse desnudamento. Curtsinger aplaudiu; Ottaway e Whitehead juntaram-se a ele com um coro de palavras encorajadoras.

— O que acha? — Curtsinger perguntou a Marty. — É o seu tipo? E é tudo natural, não é, querida?

— Quer verificar? — ofereceu Emily. — Tirou a blusa e estava agora nua da cintura para cima. — Vamos, convidou, segurando a mão de Marty e apertando-a contra seu seio, com um movimento circular.

— Oh, sim — disse Curtsinger com um sorriso malicioso para Marty. — Ele gosta. Posso garantir que gosta.

— Naturalmente que gosta — Marty ouviu Whitehead dizer.

Seus olhos, um tanto fora de foco, procuraram o rosto velho. Whitehead o encarou firmemente, sem humor ou excitação nos olhos de pálpebras caídas.

— Vá em frente — insistiu ele. — Ela é toda sua. Para isso está aqui.

Marty ouviu essas palavras, mas não as entendeu. Retirou a mão do corpo da mulher como se ele o estivesse queimando.

— Vá para o inferno!

Curtsinger estava de pé.

— Ora, não seja um desmancha-prazeres — censurou —, só queremos ver do que é feito.

Oriana começou a rir outra vez. Marty não sabia bem por quê. Dwoskin batia com a mão aberta na mesa. As garrafas pulavam acompanhando o ritmo.

— Vá em frente — insistiu Whitehead.

Estavam todos olhando para ele. Voltou-se para Emily. Ela estava de pé há um metro dele, tentando abrir o fecho da saia. Havia algo inegavelmente erótico naquele exibicionismo. A calça de Marty começou a ficar apertada. A cabeça também. Curtsinger estava com as mãos nos ombros de Marty

tentando tirar seu paletó. A batucada de Dwoskin na mesa, reforçada agora por Ottaway, fazia dançar a cabeça de Marty.

Emily conseguiu abrir o colchete e a saia estava aos seus pés. Então, sem aviso prévio, tirou a calcinha e ficou na frente de todos apenas com as pérolas e os sapatos de saltos altos. Nua, parecia uma garota: quatorze, quinze no máximo. A pele era macia. A mão de alguém — de Oriana, ele pensou — estava massageando a ereção de Marty. Ele se voltou, não era ela, mas Curtsinger. Marty empurrou-lhe a mão com força. Emily deu um passo para ele e começou a desabotoar sua camisa de baixo para cima. Marty tentou ficar de pé e dizer alguma coisa a Whitehead. As palavras não estavam ali ainda, mas queria desesperadamente encontrá-las, queria dizer ao velho que ele era uma fraude. Mais do que uma fraude, era ralé, ralé com a mente suja. Por isso o tinham convidado, amaciado com vinho e conversa suja. O velho queria vê-lo nu e no cio.

Marty empurrou a mão de Curtsinger pela segunda vez; o toque dele era extremamente habilidoso. Olhou para Whitehead na outra extremidade da mesa. O velho estava se servindo de mais vinho. Os olhos de Dwoskin estavam pregados na nudez de Emily, os de Ottaway em Marty. Ambos tinham parado de bater na mesa. O olhar parado do advogado dizia tudo: estava com uma palidez doentia, o suor da expectativa brilhando no rosto.

— Vamos — murmurou ele, a respiração ofegante —, vamos, agarre a moça. Dê-nos um espetáculo inesquecível. Ou não tem nada digno de ser mostrado?

Marty percebeu o sentido tarde demais para responder; a garota nua apertava seu corpo contra o dele e alguém (Curtsinger) tentava desabotoar-lhe o cinto da calça. Marty fez uma última e desajeitada tentativa para se equilibrar.

— Parem com isso — murmurou, olhando para o velho.

— Qual é o problema? — perguntou Whitehead calmamente.

— Acabou a piada — respondeu Marty. A mão de alguém, dentro da sua calça tentava alcançar sua ereção — essa porra de mão de mim! — Empurrou Curtsinger com mais força do que pretendia. O homenzarrão cambaleou e caiu contra a parede. — *O que há com vocês todos?!*

Emily recuou para evitar o braço que Marty sacudia. O vinho fervia no seu estômago e em sua garganta. Havia uma protuberância na frente de sua

calça. Ele olhou, ele sabia, absurdo. Oriana continuava a rir, não só ela, mas também Dwoskin e Stephanie. Ottaway só olhava.

— Nunca viram uma porra de um tesão antes? — perguntou furioso.

— Onde está seu senso de humor? — respondeu Ottaway. — Só queremos um espatéculo. Que mal há nisso?

Marty apontou o dedo na direção de Whitehead.

— Eu confiei em você — gritou. As únicas palavras que encontrou para dar forma à sua frustração.

— Isso foi um erro, não foi? — comentou Dwoskin, como se estivesse falando com um imbecil.

— Cale essa porra de boca!

Controlando o impulso de partir a cara de alguém — qualquer uma servia — Marty vestiu o paletó e com um movimento rápido jogou no chão umas dozes garrafas que estavam na mesa, a maioria cheia ainda. Emily gritou quando elas se espatifaram aos seus pés, mas Marty não queria ver o prejuízo que tinha causado. Afastou-se da mesa e foi cambaleante até a porta. A chave estava na fechadura; abriu a porta e saiu para o corredor. Atrás dele, Emily começou a chorar como uma criança acordada no meio de um pesadelo, ouvia o choro dela até o fim do corredor escuro. Pedia a Deus que suas pernas bambas aguentassem. Queria sair, para o ar, para a noite. Desceu aos trancos a escada dos fundos, a mão passando na parede para apoio, os degraus diminuindo sob seus pés. Chegou à cozinha, tendo caído uma só vez e abriu a porta dos fundos. A noite estava esperando. Nada para vê-lo, nada para conhecê-lo. Respirou o ar negro e frio que pareceu queimar suas narinas e seus pulmões. Cambaleou pelo gramado, quase cego, sem saber para onde estava indo, até se lembrar do bosque. Parou um momento para se orientar e correu para ele, implorando sua discrição.

Marty CORREU, o mato rasteiro se agarrando a suas pernas, até chegar a um ponto de onde não via a casa e nem luzes. Só então parou, o corpo todo latejando como um imenso coração. A cabeça parecia soltar no pescoço; um gosto amargo borbulhava no fundo da garganta.

— Jesus! Jesus! Jesus!

Por um momento a cabeça num rodopio perdeu todo controle, seus ouvidos zumbiam, os olhos se obscureciam. Subitamente não tinha certeza de nada, nem da sua existência física. O pânico arrastou-se das suas entranhas, raspando o tecido dos intestinos e do estômago na subida.

— Deixe-me em paz — murmurou.

Só uma vez, antes, sentira-se tão perto de perder a razão — de lançar a cabeça para trás e gritar —, e isso foi na primeira noite em Wandsworth, a primeira de muitos anos de noite trancado em uma cela de três metros por dois. Tinha sentado na beirada do colchão e sentido o que estava sentindo agora. O animal cego subindo dentro dele, espremendo a adrenalina do seu baço. Tinha dominado o terror então, podia dominá-lo agora. Enfiou brutalmente os dedos bem no fundo da garganta e foi recompensado com uma ânsia de vômito. Uma vez ativado o reflexo, deixou que o corpo fizesse e resto, jogando para fora todo o vinho não-digerido. Era uma experiência imunda e purificadora e não fez nenhum esforço para controlar os espasmos até não ter nada mais para vomitar.

Com os músculos do estômago doloridos devido às contrações, arrancou algumas folhas de samambaia e limpou a boca e o queixo, depois lavou as mãos na grama úmida e levantou-se. O tratamento rigoroso produziu efeito; sentia uma melhora acentuada em sua condição geral.

Deu as costas aos restos do seu estômago e continuou a andar para longe da casa. Entre a copa cerrada dos galhos penetrava um pouco da luz das estrelas, o bastante para emprestar uma tênue solidez aos troncos e aos arbustos. A caminhada no bosque fantasmagórico o encantou. Deixou que o suave espetáculo de luz e sombra curasse sua vaidade ferida. Compreendeu que todos os sonhos de encontrar um lugar permanente de confiança no mundo de Whitehead eram meras pretensões. Era, e sempre seria, um homem marcado.

Caminhou silenciosamente ali onde as árvores eram mais numerosas e o mato rasteiro, privado de luz, mais fraco. Pequenos animais fugiam à sua aproximação; insetos noturnos zumbiam na relva. Marty ficou imóvel para

ouvir melhor a música. Então, percebeu um movimento com o canto dos olhos. Voltou-se procurando ver através do corredor de troncos. Não era ilusão. Havia alguém, cinzento como as árvores, de pé a uns trinta metros dele — ora parado, ora andando. Concentrando-se, Marty vislumbrou a figura sombria dentro da sombra mais profunda.

Um fantasma, sem dúvida. Tão quieto, tão despreocupado. Marty o observou como um gamo observa o caçador; sem certeza de tê-lo visto mas sem intenção de se mostrar. O medo percorreu seu couro cabeludo. Não o medo que se pode sentir diante duma lâmina visível; há muito tempo tinha enfrentado esses terrores e os dominara. Era o medo arrepiante que se tem na infância; o medo essencial. E paradoxalmente, ele fazia de Marty um todo. Não lhe importava no momento se tinha quatro ou trinta anos, era a mesma criatura, no íntimo. Já tinha sonhado com bosques assim, com noites assim envolventes. Tocou seu terror com reverência, paralisado, enquanto a figura cinzenta — muito ocupada com o que estava fazendo para notá-lo — observava a terra entre as árvores.

Ficaram assim, ele e o fantasma, por um tempo que lhe pareceu de vários minutos. Um bom tempo se passou até Marty ouvir um ruído, que não era nem de coruja, nem de algum roedor, filtrando-se entre as árvores. Tinha estado ali o tempo todo, mas não percebera antes do que se tratava: era o som de alguém cavando a terra. A criança nele disse, é o deixe para lá, deixe tudo. Mas estava muito curioso para isso. Deu dois passos hesitantes na direção do fantasma. Este não pareceu ouvir e nem ver Marty. Tomando coragem, ele avançou mais alguns passos, procurando ficar o mais perto possível da árvore, assim, se o fantasma olhasse para seu lado poderia se esconder rapidamente. Avançou dez metros na direção da sua presa. Estava bastante perto agora para ver o fantasma, o reconhecê-lo.

Era Mamoulian.

O Europeu olhava ainda para a terra aos seus pés. Marty deslizou para trás de uma árvore e escondeu-se ali, de costas para a cena. Havia alguém cavando a terra aos pés de Mamoulian; provavelmente ele tinha asseclas por perto. Para maior segurança era melhor ficar quieto e rezar para que ninguém o estivesse espiando como tinha espiado Mamoulian.

Finalmente, o trabalho terminou e com ele, como se por acordo tácito, a música noturna. Fantasmagórico. Todo o conjunto, insetos e animais, parecia prender a respiração, consternado.

Marty deslizou pelo tronco agachando-se, os ouvidos aguçados para qualquer coisa que indicasse o que estava acontecendo. Arriscou uma olhadela. Mamoulian estava se afastando, indo na direção da casa. O mato obscurecia sua visão; não via o homem que estava cavando, nem outros discípulos que provavelmente acompanhassem o Europeu. Mas ouviu sua passagem: o arrastar dos seus pés. Deixe que se vão, pensou. Não podia mais proteger Whitehead. O contrato fora revogado.

Sentou-se, os joelhos dobrados contra o peito, e esperou que Mamoulian desaparecesse. Então, contou até vinte e levantou-se. Suas pernas estavam adormecidas, como que cheias de alfinetes a agulhas e teve de fazer uma massagem para que a circulação voltasse. Só então dirigiu-se para o lugar onde Mamoulian tinha estado.

Antes mesmo de chegar, reconheceu a clareira, embora da primeira vez tivesse chegado a ela vindo da casa. Sua caminhada noturna o tinha feito andar em semicírculo. Estava agora no mesmo lugar em que havia enterrado os cães.

A sepultura estava aberta e vazia; as mortalhas de plástico negro tinham sido rasgadas, o conteúdo removido sem nenhuma cerimônia. Marty olhou para a cova sem compreender a piada. Para que serviam cães mortos?

Percebeu um movimento na cova, algo se mexendo sob os lençóis de plástico. Recuou um pouco, seu estômago sensível demais naquele momento para coisas desse tipo. Um bolo de vermes, provavelmente, ou talvez um verme do tamanho do seu braço, engordado com carne de cachorro; quem sabe o que se escondia ali no fundo da terra?

Dando as costas à cova, caminhou na direção da casa, seguindo o caminho feito por Mamoulian até as árvores se tornarem mais espaçadas e a luz da noite mais brilhante. Ali, na divisa entre o bosque e o gramado Marty parou até que os sons da noite se refizessem em volta dele.

STEPHANIE pediu licença e foi para o banheiro, deixando a histeria atrás dela. Quando fechou a porta, um dos homens — Ottaway, pensou ela — sugeriu que voltasse e urinasse em uma garrafa para ele. Não se dignou a responder. Por mais que lhe estivessem pagando, não queria envolver-se com aquele tipo de coisa; não era limpo.

O corredor estava pouco iluminado; o brilho dos vasos, a maciez espessa do tapete sob seus pés — tudo falava de riqueza, e em visitas anteriores tinha sentido prazer com o luxo excessivo daquela casa. Mas nessa noite todos estavam estranhos — Ottaway, Dwoskin, o próprio velho —, havia um ar de desespero no modo como bebiam e no que insinuavam, que lhe tirava todo o prazer de estar ali. Nas outras noites, todos ficavam agradavelmente embriagados e então havia as cenas habituais, às vezes transformando em algo mais sério com um ou dois deles. Na maioria das vezes, contentavam-se em olhar. E no fim da noite o pagamento era generoso. Mas nessa noite era diferente, Havia crueldade no que faziam, e ela não gostava disso. Dinheiro ou não, não voltaria mais àquela casa. De qualquer modo estava mesmo na hora de se aposentar; deixar o caminho livre para mulheres mais jovens, ou que, pelo menos, parecessem menos usadas do que ela.

Inclinou-se bem na frente do espelho, tentando refazer a linha em volta dos olhos, mas sua mão estava trêmula por causa da bebida e escorregou. Disse um palavrão e enfiou a mão na bolsa à procura de um lenço de papel para limpar o risco fora do lugar. Então ouviu pés se arrastando no corredor. Dwoskin, imaginou. Não queria que o gárgula a tocasse outra vez, pelo menos não antes dela ficar tão paralisada com a bebida a ponto de não se importar. Foi até a porta na ponta dos pés e trancou-a. O barulho lá fora tinha cessado. Voltou para o lavatório e abriu a torneira; água fria para lavar o rosto cansado.

+ + +

Dwoskin tinha de fato saído atrás de Stephanie. Pretendia pedir-lhe que fizesse algo ultrajante para ele, alguma coisa grosseira para essa noite das noites.

— Onde vai? — alguém lhe perguntou, quando já estava no corredor — ou teria apenas imaginado essas palavras? Havia tomado alguns comprimidos antes da festa, o que sempre o deixava mais descontraído, e eles o faziam ouvir vozes, quase sempre a de sua mãe. Tivesse ou não alguém feito a pergunta, resolveu não responder: continuou pelo corredor chamando Stephanie. A mulher era extraordinária, pelo menos era o que sua libido bêbada lhe dizia. Tinha supernádegas. Ele queria ser sufocado por aquela bunda; morrer debaixo dela.

— Stephanie — chamou ele. Mas não apareceu. — Ora, vamos — tranquilizou ele —, sou eu, mais ninguém.

Havia um mau cheiro no corredor, como se fosse uma emanção de esgoto. Dwoskin respirou fundo. “Que fedor”, pensou ele, não sem certa apreciação. O cheiro estava ficando mais forte, como se a sua origem estivesse ali perto e se aproximando. “É melhor acender as luzes”, decidiu ele, procurando o interruptor na parede.

Alguns metros adiante, no corredor algo começou a se mover na sua direção. A luz era fraca demais para permitir-lhe distinguir o que era, mas sabia que era um homem e viu que não estava sozinho. Havia outros vultos, da altura dos seus joelhos, reunindo-se na escuridão. O cheiro era agora insuportável. A cabeça de Dwoskin começou a dançar com um dilúvio de cores; imagens pavorosas piscavam no ar acompanhando o cheiro. Só depois de alguns instantes compreendeu que aqueles grafites no ar não eram produto de uma imaginação. Vinha do homem à sua frente. Traços e pontos de luz espoucavam e rodopiavam desaparecendo no ar.

Quem é você? — perguntou Dwoskin.

Como resposta, os grafite se incendiaram, como um caleidoscópio sobrenatural sem saber se estava produzindo algum som, o Rei-Duende começou a berrar.

Stephanie deixou cair o lápis da maquiagem no lavatório quando ouviu o grito. Não reconheceu a voz. Era bastante aguda para ser de mulher, mas não era de Emily nem de Oriana.

Seus tremores se acentuaram. Agarrou-se na beirada do lavatório para se equilibrar, enquanto os ruídos se multiplicavam; eram uivos agora, e pés

correndo. Alguém estava gritando; ordens incoerentes. Era Ottaway, pensou ela, mas não ia sair para verificar. Fosse o que fosse que estava acontecendo do outro lado da porta — perseguição, captura, assassinato mesmo —, não queria saber. Apagou a luz do banheiro para que não aparecesse sob a porta. Alguém passou correndo, invocando Deus; agora havia desespero. Pés soaram na escada; alguém caiu. Portas batiam; os gritos aumentavam.

Afastou-se da porta e sentou na beirada da banheira. Ali, no escuro, começou a cantar "Deus esteja comigo" — ou o pouco que se podia lembrar desse cântico — em voz muito baixa.

Marty também ouviu os gritos, sem querer ouvir. Mesmo àquela distância, estavam tão carregados de cego terror que seu corpo se cobriu de suor.

Ajoelhou-se na terra, entre as árvores, e tampou os ouvidos com as mãos. A terra cheirava a fruto maduro e sua mente fervia com pensamentos involuntários como a vontade de se deitar de costas no solo, morto talvez, mas na expectativa da ressurreição, como um homem adormecido prestes a acordar, com medo do dia.

Depois de algum tempo o pandemônio se tornou intermitente. Logo pensou ele, abriria os olhos, ia se levantar e caminhar para a casa e ver o porque de toda aquela comoção. Logo, mas ainda não.

Quando o barulho no corredor e na escada tinha cessado há algum tempo, Stephanie foi cuidadosamente até a porta do banheiro, girou a chave e espiou para fora. O corredor estava completamente escuro. As lâmpadas apagadas ou destruídas. Mas seus olhos, acostumados à escuridão do banheiro, perceberam logo a luz fraca que vinha do poço da escada. A galeria estava vazia dos dois lados. O ar impregnado do cheiro de um açougue de terceira, em dia de muito calor.

Tirou os sapatos e começou a subir a escada. O conteúdo de uma bolsa de mulher estava espalhado pelos degraus e havia alguma coisa molhada sob seus pés. Stephanie olhou para baixo; o carpete estava manchado; de vinho ou de sangue. Avançou rapidamente para o corredor. Encontrou-o gelado: as duas portas do vestíbulos estavam escancaradas. Ali também nenhum sinal de vida. Os carros tinham desaparecidos da frente da casa; as

salas do andar térreo — biblioteca, salas de estar, cozinha —, tudo vazio, correu para cima novamente pensando em apanhar suas coisas do quarto branco e sair dali.

Quando estava voltando pela galeria, ouviu passos macios atrás dela. Voltou-se. Um cahorro estava no alto da escada; provavelmente a tinha seguido até lá em cima. Mal podia ver o animal com a pouca luz, mas não ficou com medo. “Bom garoto” murmurou, satisfeita com aquela presença viva na casa morta.

O cão não rosnou, também não abanou a cauda, simplesmente caminhou para ela. Só então Stephanie percebeu seu erro. O açougue estava ali, de quatro: ela recuou.

— Não... — gritou — Eu não... oh, Cristo... deixe-me em paz!

Ele não parou e com cada passo que dava na direção de Stephanie ela via melhor os detalhes da sua condição. As entranhas dependuradas ao lado do corpo. O focinho apodrecido, só dentes e podridão. Stephanie dirigiu-se para o quarto branco, mas o animal cobriu a distância que os separava em três saltos. As mãos da jovem escorregaram pelo corpo do cão quando ele saltou sobre ela e com nojo ela viu o pêlo se separar da carne quando ela agarrou os flancos da criatura. Stephanie caiu de costas; o animal avançou, a cabeça balançando estranhamente no pescoço magro, fechou as mandíbulas em volta da sua garganta e sacudiu-a. Stephanie não podia gritar — ele estava devorando sua voz —, mas seus braços se enfiaram no corpo frio e encontraram a coluna. O instinto fez com que ela a agarrasse, os músculos se desfazendo em fios finos e o animal a largou, curvando o corpo para trás enquanto a mão de Stephanie partia vértebra após vértebra. Quando ela retirou o braço, o animal deixou escapar um silvo prolongado. Levou a outra mão ao próprio pescoço; o sangue jorrava no carpete caindo com um som surdo; precisava de ajuda ou ia sangrar até a morte.

Começou a se arrastar para o topo da escada. A quilômetros de distância alguém abriu uma porta. A luz caiu sobre ela. Traumatizada demais para sentir dor, virou a cabeça. Whitehead apareceu em silhueta na porta distante. Entre eles estava o cão. Incrivelmente tinha se levantado, ou pelo menos a parte da frente se levantara e se arrastara sobre o tapete em direção a ela, a maior parte do seu corpo inútil agora, a cabeça mal se erguendo do chão. Mas mexendo-se ainda, como continuaria a se mover até que seu ressuscitador lhe permitisse descansar.

Stephanie ergueu o braço para que Whitehead visse. Se ele a viu no escuro, não demonstrou. Stephanie chegou ao topo da escada. Não tinha mais forças. A morte estava chegando depressa. Pare! dizia seu corpo, pare! Seu ânimo concordou e ela caiu, o sangue que saía do pescoço escorrendo pelo degraus enquanto seus olhos, que aos poucos perdiam a visão, observavam. Um degrau, dois degraus.

Contar coisas era uma cura perfeita para insônia.

Três degraus, quatro. Não viu o quinto degrau, nem outro qualquer naquela descida apavorante.

Marty não tinha vontade alguma de voltar à casa, mas fosse o que fosse que acontecera lá dentro, estava terminando, e começava a sentir muito frio ali ajoelhado na terra. O terno comprado com a autorização de Whitehead estava irremediavelmente sujo; a camisa manchada e rasgada, os sapatos imaculados cobertos de lama seca. Parecia um vagabundo. A idéia quase o deixou satisfeito.

Atravessou o gramado cautelosamente. Via as luzes da casa à sua frente. A claridade era tranquilizadora, mas Marty sabia que não passava de ilusão. Nem toda casa é um refúgio. Às vezes era mais seguro estar no mundo, do lado de fora, sob o céu, onde ninguém podia bater na porta à sua procura, onde nenhum teto podia cair sobre sua cabeça.

Entre a casa e as árvores, um jato rosnou lá em cima, muito alto, suas luzes estrelas gêmeas. Marty parou e ficou olhando até perdê-lo de vista. Talvez fosse um dos aviões monitores que, segundo tinha lido, passavam constantemente sobre a Europa — um americano e um russo — com seus olhos elétricos examinando as cidades adormecidas; gêmeos de cuja benevolência dependiam milhões de vidas. O som do jato transformou-se em murmúrio depois em silêncio. A caminho para espionar descobriu outras cabeças. Ao que parecia, os pecados da Inglaterra não seriam mortais naquela noite.

Começou a andar para a casa um pouco mais animado, tomando o caminho que levava à parte da frente e ao falso dia dos holofotes. Quando cruzou o palco iluminado, na direção da porta, o Europeu saiu da casa.

Marty não podia evitar ser visto. Ficou parado, pregado ao chão, vendo Breer aparecer na porta, e os dois companheiros tão disparatados se afastaram da casa. Fosse qual fosse a tarefa que os levaria até ali, evidentemente estava consumada.

Mamouliau deu alguns passos no caminho de cascalho e voltou-se. Seus olhos encontraram Marty imediatamente. Por um longo momento o Europeu olhou fixamente através da extensão de telegrama brilhante. Então acenou com a cabeça, um movimento brusco simplesmente indicando que o tinha visto. Vejo você, dizia, e não lhe quero fazer mal. Então continuou a andar e, acompanhado do coveiro, desapareceu na sombra dos ciprestes que se enfileiravam ao longo do caminho.

Quarta Parte. A HISTÓRIA DO LADRÃO

"As civilizações não degeneram por causa do medo, mas porque esquecem que o medo existe."

FREYA STARK, *Perseus in the Wind*

48

Marty parou no corredor, procurando ouvir passos ou vozes. Nada. As mulheres sem dúvida já tinham partido, bem como Ottaway, Curtsinger e o Rei-Duende. Talvez o velho tivesse ido com eles também.

Poucas luzes estavam acesas. Aquelas que permaneciam, tornavam a casa quase bidimensional. O poder estivera à solta por ali. Seus restos deslizavam pelos metais; o ar tinha um tom azulado. Subiu a escada. O segundo andar estava às escuras, mas achou o caminho por instinto, chutando sem ver pedaços de porcelana — algum tesouro quebrado — enquanto andava. Havia mais do que porcelana no chão. Coisas úmidas, coisas esfaceladas. Marty não olhou para baixo, mas foi direto para o quarto branco, a expectativa ansiosa aumentando a cada passo.

A porta estava entreaberta e uma luz, não elétrica, mas de vela, queimava lá dentro. Entrou. A chama fraca oferecia uma iluminação medrosa — sua entrada a fez saltar em sobressalto —, mas Marty viu que todas as garrafas tinham sido quebradas. Pisou em um lago de vidro partido e vinho derramado; o quarto rescendia a borra de vinho. A mesa estava virada e algumas cadeiras reduzidas a palitos de fósforo.

O Velho Whitehead estava a um canto do quarto. Havia nódoas de sangue em seu rosto, mas era difícil dizer se era dele ou não. Parecia um homem fotografado logo depois de um terro-moto; o choque pintara de branco seu rosto.

— Ele veio cedo — murmurou Whitehead, acentuando sua surpresa em cada sílaba. — Imagine! Pensei que respeitasse acordos solenes. Mas ele veio mais cedo para me pegar de surpresa.

— Quem é ele?

Enxugou as lágrimas do rosto com a palma da mão, esparramando o sangue.

— O miserável mentiu para mim.

— O senhor está ferido?

— Não — respondeu Whitehead, como se a pergunta fosse completamente ridícula — Ele não encostaria a mão em mim. Sabe que não pode fazer isso. Quer que eu vá voluntariamente, compreende?

Marty não compreendia.

— Há um corpo no corredor — observou Whitehead calmamente. — Eu a tirei da escada.

— Quem?

— Stephanie.

— Ele a matou?

— Ele? Não. Suas mãos estão tão limpas que você poderia tomar leite nelas.

— Vou chamar a polícia.

— Não faça isso!

Whitehead deu alguns passos imprudentes no meio do vidro quebrado para segurar o braço de Marty.

— Não! Nada de polícia!

— Mas uma pessoa está morta.

— Esqueça. Você poderá esconder seu corpo mais tarde, ouviu? — A voz era quase de súplica, seu hálito, agora que ele estava mais perto, tóxico. — Você vai fazer isso, não vai?

— Depois de tudo o que o Senhor fez?

— Ora, não passou duma pequena brincadeira — respondeu Whitehead. Forçou um sorriso. Seus dedos no braço de Marty eram como um torniquete. — Ora, vamos! Uma brincadeira, nada mais.

Era como ser abordado por um bêbado numa esquina. Marty livrou o braço.

— Já fiz tudo o que pretendi fazer pelo Senhor — disse Marty.

— Quer voltar para casa, é isso? — O tom de Whitehead tinha-se azedado rapidamente. — Quer voltar para trás das grades onde pode esconder a cabeça?

— O Senhor já tentou intimidar-me com esse truque.

— Estou sendo repetitivo? Oh, meu Deus, Cristo no céu. —

Fez um gesto com a mão para que Marty fosse embora. — Vá então! Desapareça! Você não tem a minha classe. — Cambaleou até apoiar-se na parede, de onde ficou a encará-lo. — Que porra estou fazendo, esperando que você se resolva?

— O Senhor armou tudo — respondeu Marty com desprezo — desde o começo.

— Eu já lhe disse.. Não passou duma brincadeira.

— Não me refiro apenas a esta noite, mas ao tempo todo. Sempre mentindo para mim... me subornando. Disse que precisava de alguém em quem pudesse confiar e me tratou como merda. Não admira que todos o acabem abandonando!

Whitehead voltou-se, furioso.

— Está bem! — gritou. — O que é que você quer de mim?

— A verdade.

— Tem certeza?

— Tenho, maldito seja, tenho!

Ele franziu os lábios pensando a situação. Quando falou sua voz estava calma.

— Está bem, rapaz... Está bem. — O velho brilho tremeluziu outra vez nos seus olhos e por um momento a derrota foi incendiada por um novo entusiasmo. — Se está tão ansioso para ouvir, vou contar-lhe. — Apontou um dedo trêmulo para Marty. — Feche a porta.

Marty chutou uma garrafa quebrada e fechou a porta. Era estranho fechar a porta a um assassino só para ouvir uma história. Mas era uma história que há muito esperava para ser contada; não comportava mais qualquer adiamento.

— Quando foi que você nasceu, Marty?

— 1948. Dezembro.

- A Guerra tinha terminado.
- Tinha.
- Não sabe o que perdeu.
- Estranho começo para uma confissão.
- Que tempos aqueles...
- Teve uma boa guerra?

Whitehead estendeu a mão para uma das cadeiras menos danificadas e a colocou de pé, sentando-se nela então. Durante alguns segundos não disse nada.

— Eu era um ladrão, Marty — começou finalmente. — Bem... gente do mercado negro soa melhor, eu acho, mas no fim é a mesma coisa. Eu falava adequadamente três ou quatro línguas e sempre fui inteligente. As coisas se acomodavam para mim com muita facilidade.

— A sorte o ajudou.

— A sorte não teve nada a ver com isso. A sorte procura pessoas sem auto-controle; eu o tinha de sobra, mas naquele tempo eu ainda não sabia. Portanto, eu fiz a minha sorte, se preferir. — Fez uma pausa. — Precisa compreender, a guerra não é como se vê no cinema; pelo menos a minha não foi. A Europa estava desmoronando. Tudo caía pelas tabelas. Fronteiras mudando, pessoas embarcadas para a morte; o mundo estava à espera de quem o agarrasse primeiro. — Balançou a cabeça. Você não pode imaginar. Tem vivido num período de relativa estabilidade. Mas a guerra muda as regras que norteiam nossas vidas. De repente, é bom odiar, é bom aplaudir a destruição. As pessoas têm permissão para mostrar o que realmente são...

Marty indagou-se onde essa introdução os levaria, mas Whitehead estava apenas entrando no ritmo da história. Não era hora de distraí-lo.

— ... e quando estamos rodeados por tanta incerteza, o homem capaz de moldar o próprio destino pode ser rei do mundo. Desculpe a hipérbole, mas é como realmente me sentia. Rei do Mundo! Eu era esperto, compreende! Não tinha instrução, isso veio depois, mas era inteligente. O que chamam agora de sabedoria das ruas. E estava resolvido a tirar o máximo daquela guerra maravilhosa, mandada por Deus para mim. Passei dois ou três meses em Paris, um pouco antes da ocupação, e saí enquanto as coisas ainda estavam boas. Mais tarde, fui para o sul. Aproveitei a Itália, o Mediterrâneo. Não me faltava nada. Quanto pior ficava a guerra, melhor para mim. O desespero das outras pessoas fizeram de mim um homem rico.

Naturalmente eu jogava dinheiro fora. Jamais guardei o que ganhava por mais do que alguns meses. Quando penso nos quadros que passaram por minhas mãos, os *objects d'art*, todo o resultado daquela pilhagem. Nem me dava conta, então, de que se estendesse as mãos tocaria num Rafael. Comprava e vendia aquelas coisas aos montes. Quase no fim da guerra na Europa fui para o norte, para a Polónia. Os alemães estava em péssima situação; sabiam que o jogo estava chegando ao fim e pensei que podia fazer alguns bons negócios. Finalmente — na verdade foi um erro — fui parar em Varsóvia. Praticamente não havia mais nada quando cheguei lá. O que os russos não tinham arrasado, os nazistas destruíram. Era um deserto de ponta a ponta. — Suspirou e fez uma careta, procurando as palavras certas. — Imagine só, Varsóvia tinha sido uma grande cidade. Mas naqueles dias? Como posso fazer com que compreenda? Você tem de ver com meus olhos, do contrário nada disto tem sentido.

— Estou tentando, disse Marty.

— Você vive em você mesmo — continuou Whitehead.

— Como eu vivo em mim. Temos idéias definidas do que somos. Por isso damos valor a nós mesmos; por aquilo que é específico em nós. Entende o que estou dizendo?

Marty estava muito absorto para mentir. Balançou a cabeça.

— Não, não completamente.

— O se das coisas, é o que quero dizer. O fato de que todas as coisas de valor, no mundo, são especificamente elas mesmas. Exaltamos a individualidade da aparência, do ser, e supomos que uma parte dessa individualidade dura para sempre, nem que seja só na lembrança dos que a experimentara. Foi por isso que dei valor à coleção de Evangeline, por sentir prazer na coisa especial. O vaso que é diferente de todos os outros, o tapete que foi tecido com arte fora do comum...

Então, subitamente, estavam de volta a Varsóvia.

— Tinha havido tanto esplendor ali, você sabe. Belas casas, belas igrejas, grandes coleções de quadros. Tanta coisa! Mas, quando cheguei, já não havia mais nada, tudo destruído, transformado em pó...

Por toda a parte era a mesma coisa. Sob os pés, lama, lama cinzenta. Secava nas nossas botas, a poeira pairava no ar, forrava nossas gargantas. Quando espirrávamos, o ranho saía cinzento; as fezes a mesma coisa. E olhando bem de perto víamos que não era apenas terra, era carne, era lixo,

eram fragmentos de porcelana, jornais. Varsóvia inteira estava naquela lama. As casas, os cidadãos, a arte, a história, tudo moído, transformado em algo que raspávamos das botas.

Whitehead estava inclinado para a frente. Mostrava bem os setenta anos que tinha: era um velho perdido nas lembranças. O rosto contorcido, as mãos fechadas. Mais velho do que seria o pai de Marty se tivesse sobrevivido ao seu pobre coração só que seu pai jamais seria capaz de falar assim. Faltava a ele o poder da articulação e, pensou Marty, a profundidade da dor. Whitehead estava numa agonia. A lembrança da lama. Mais do que isso: a expectativa dela.

Pensando no pai, no passado, Marty chegou a uma lembrança que dava algum sentido à reminiscência de Whitehead. Tinha cinco ou seis anos quando uma mulher, que morava a umas três casas da sua, morreu. Aparentemente não tinha família, pelo menos ninguém que se importasse em retirar da casa seus poucos objetos. O conselho Municipal da Habitação desapropriou a casa e a esvaziou sumariamente, mandando todos os móveis para o leilão. No dia seguinte, Marty e seus amigos encontraram alguns objetos da mulher amontoados na passagem atrás das casas. Os homens do Conselho, apressados, simplesmente tinham esvaziado as gavetas cheias de objetos pessoais sem valor e feito uma pilha deles, que deixaram por ali. Maços de cartas antigas, amarradas com fitas desbotadas; um álbum de fotografias (ela aparecia muitas vezes, uma garotinha, uma noiva, uma megera de meia-idade, diminuindo de tamanho à medida que a idade a secava); muito *bric-à-brac* sem valor; lacre, canetas sem tinta, um abridor de cartas. Os garotos caíram em cima daqueles restos como hienas à procura de alguma coisa interessante. Não encontrando nada, rasgaram as cartas espalhando os pedaços pela passagem; arrancaram as folhas do álbum e riram até as lágrimas das fotografias, embora algum sentimento supersticioso os tivesse impedido de rasgá-las. Não precisavam rasgar. Os elementos logo se encarregaram dessa destruição mais eficientemente do que qualquer esforço que tivessem feito. Com uma semana de chuva e geada noturna, os rostos nas fotografias estavam deformados, sujos e finalmente desapareceram. Talvez os últimos retratos existentes de pessoas já mortas tenham se transformado em papa naquela passagem atrás das casas, e Marty, que passava por ela diariamente, assistiu à extinção gradual; viu a tinta nas cartas espalhadas escorrer pelo papel até desaparecer todo o

memorial da velha mulher, como seu corpo tinha desaparecido. Se tivessem virado a bandeja onde estavam suas cinzas sobre os restos vandalizados dos seus pertences, uma coisa não poderia ser diferenciada da outra; ambas terra cinzenta, o significado irremediavelmente perdido. A lama dominava.

Tudo isso Marty lembrou confusamente. Não se tratava de ver exatamente as cartas, a chuva, os garotos — mas de retocar os sentimentos despertados por tudo aquilo; a sensação recôndita de que o que aconteceu naquela passagem era insuportavelmente comovente. Agora, sua lembrança misturou-se com a de Whitehead. Tudo o que o velho tinha dito sobre a lama, sobre o ser das coisas, fazia bastante sentido para ele.

— Entendo bem o que me diz, — murmurou.

Whitehead olhou para ele.

— Talvez — observou. — Naqueles dias eu era um jogador, muito mais do que sou hoje. A guerra desperta isso em nós, eu acho. Ouvem-se histórias o tempo todo, de como um homem de sorte escapou de morrer porque espirrou num dado momento, ou morreu pela mesma razão. Histórias de benigna providência, ou de azar fatal. Depois de certo tempo, começamos a ver o mundo de modo diferente; começamos a ver o acaso influenciando em toda a parte. Despertamos para os seus mistérios. E, naturalmente, também para seu outro lado, para o determinismo. Porque, acredite, existem homens que fazem a própria sorte. Homens que podem moldar o acaso como se fosse argila. Você falou em sentir comichão nos dedos. Como se, naquele dia, fizesse o que fizesse, não pudesse perder.

— Isso mesmo... — aquela conversa parecia ter sido há séculos; era história antiga.

— Pois bem: quando estive em Varsóvia, ouvi falar sobre um homem que jamais perdia um jogo. Um senhor, jogador de cartas!...

— Nunca perdia? — perguntou Marty incrédulo.

— Isso mesmo, e tive a mesma dúvida que você está sentindo. Durante algum tempo, considerei serem fábulas as histórias que ouvia. Mas, por onde quer que passasse, as pessoas falavam dele. Comecei a ficar curioso. Na verdade, resolvi ficar na cidade, embora Deus soubesse que pouca coisa me atraía ali, e localizar esse milagreiro.

— Com quem ele jogava?

— Aparentemente, com quem chegasse. Alguns diziam que chegara à cidade poucos dias antes da entrada dos russos, jogando com os nazistas e

então, quando o Exército Vermelho tomou a Capital, que continuou onde estava.

— Mas, por que diabo jogar naquele ambiente de caos? Não devia haver muito dinheiro por ali.

— Praticamente nenhum. Os russos apostavam suas rações, suas botas.

— Então, por que?

— Era isso que me fascinava. Também queria saber por que. E não acreditava que ele ganhasse sempre, por melhor que fosse.

— Não entendo como continuasse a encontrar quem quisesse jogar com ele.

— Porque sempre existe alguém que acredita poder derrotar um campeão. Eu era um desses. Saí à procura dele para desmentir aquelas histórias. Elas ofendiam meu senso de realidade, se posso dizer assim. Comecei a passar todas as horas do dia andando pela cidade à sua procura. Finalmente encontrei um soldado que tinha jogado com ele e naturalmente, perdido. O tenente Konstantin Vasiliev.

— E o jogador... como se chamava?

— Acho que você já deve saber... respondeu Whitehead.

— Sim —, murmurou Marty depois de um momento. — Sim, eu o vi, sabe onde? No clube de Bill.

— Quando foi isso?

— Quando saí para comprar a roupa. Lembra-se de que me autorizou a jogar o dinheiro que sobrasse das compras?

— Mamouljian estava na Academia? Jogando?

— Não. Ao que parece, ele nunca joga.

— Tentei fazer com que jogasse, na última vez que estive aqui, mas ele não quis.

— E em Varsóvia? Chegaram a jogar?

— Oh, sim. Era exatamente isso o que ele estava esperando. Sei disso agora. Durante todos esses anos fingi que a iniciativa foi minha, que eu tinha ido até ele, que ganhei por minha própria habilidade...

— Ganhou?! — exclamou Marty.

— Claro que ganhei! Mas sei que ele deixou. Era seu modo de me seduzir, e isso funcionou. Fez com que parecesse difícil, naturalmente, para dar mais peso à ilusão, mas eu fiquei tão cheio de orgulho que nem uma vez pensei na possibilidade dele ter perdido o jogo de caso pensado. Quero

dizer, não havia qualquer razão para ele fazer isso, havia? Não que eu pudesse perceber, pelo menos naquele tempo.

— Por que acha que o deixou ganhar?

— Eu já disse: para seduzir-me.

— O que, está dizendo que ele queria ir para a cama com o Senhor?

Whitehead ergueu levemente os ombros.

— É possível, sim. — A idéia parecia divertí-lo; a vaidade brilhou em seu rosto. — Sim, acho que provavelmente foi uma tentação. — O sorriso desapareceu. — Mas sexo não é nada, certo? Quero dizer, quando se trata de verdadeira possessão, fazer amor com alguém não passa de brincadeira. O que ele queria de mim era algo muito mais profundo e mais permanente do que um ato físico.

Sempre ganhou ao jogar com ele?

Nunca mais jogamos junto, foi a primeira e a última vez. Sei que parece mentira. Ele era um jogador e eu também. Mas, como já disse, ele não se interessava pelas cartas apenas com a motivação das apostas.

— Era uma espécie de teste...

— Isso mesmo. Para ver se eu era digno dele. Se servia para construir um império. Depois da Guerra, quando começaram a reconstruir a Europa, ele costumava dizer que não havia sobrado um só europeu verdadeiro — todos tinham sido exterminados num holocausto ou noutro — e ele era o último duma linhagem. Acreditei nele. Toda aquela conversa sobre impérios e tradições. Fiquei lisonjeado por ser tratado como pessoa importante por ele. Era mais culto, mais persuasivo, mais intuitivo do que qualquer homem que eu já conhecera — Whitehead perdia-se no devaneio, hipnotizado pela lembrança. — Agora só lhe resta o invólucro. Você não pode na verdade saber a impressão que ele produzia. Nada havia que não pudesse fazer, se quisesse. Mas quando lhe perguntei por que se incomodava com uma pessoa como eu, por que não entrava para a política, em alguma esfera onde pudesse excercer diretamente o poder, olhou para mim com aquele seu modo característico e disse: “Tudo já foi feito”. A princípio, pensei que estava dizendo que tudo isso era previsível. Mas acho que o significado era outro. Acho que estava me dizendo que já tinha sido esse tipo de pessoa, já fizera essas coisas.

— Como é possível? Um homem só.

— Não sei. Tudo é conjectura. E assim foi desde o começo. E aqui estou eu, quarenta anos depois, ainda falando sobre o que diziam dele.

Levantou-se. Pela sua expressão, estava claro que a imobilidade lhe provocara certa rigidez nas juntas. Ficando de pé, apoiou-se de novo na parede e ergueu os olhos para o teto vazio.

— Mamoulian tinha um grande amor. Uma paixão que o consumia: o acaso. Era obsecado por ele. “A vida toda é um acaso”, costumava dizer. “O truque consiste em descobrir como usá-lo.”

— E tudo isso fazia sentido para o Senhor?

— Foi preciso tempo, mas compartilhei desse fascínio durante muitos anos. Não por interesse intelectual. Nunca tive muito desse tipo de interesse. Mas porque sabia que ele me poderia proporcionar o poder. Se se consegue fazer com que a Providência trabalhe para nós — olhou para Marty —, se descobirmos seu sistema, por assim dizer, o mundo é nosso!

— A voz ficou amarga. — Quero dizer, olhe para mim. Veja como me saí bem... — deu uma risada curta e dolorosa — ... o fato é que ele trapaceava

— Whitehead voltou ao começo da conversa. — Não obedecia às regras do jogo.

— Este jantar devia ser a Última Ceia — interrompeu Marty.

— Certo? Para escapar antes que ele o alcançasse...

— De certo modo.

— Como assim?

Whitehead não respondeu. Recomeçou a conversa de onde tinha parado.

— Ele me ensinou tanta coisa. Depois da Guerra viajamos durante algum tempo, e amealhamos uma pequena fortuna. Eu com minhas habilidades, ele com as dele. Então viemos para a Inglaterra e me meti na indústria de produtos químicos.

— E ficou riquíssimo.

— Muito além dos sonhos de Cresco. Levou alguns anos, mas o dinheiro veio a rodo, e com ele o poder.

— Com a ajuda de Mamoulian...

Whitehead fraziu a testa à observação importuna.

— Sim, apliquei seus princípios. Mas ele prosperou tanto quanto eu. Compartilhou as minhas casas, meus amigos. Até minha própria mulher.

Marty ia dizer alguma coisa mas Whitehead continuou:

— Já lhe contei a história do tenente? — perguntou.

— Mencionou apenas. Vasiliev.

— Ele morreu, contei isso?

— Não.

— Não pagou suas dívidas. Seu corpo foi pescado dos esgotos de Varsóvia.

— Mamoulian o matou?

— Não pessoalmente. Mas sim, acho... — Whitehead parou no meio da frase, inclinou a cabeça levemente para o lado, escutando. — Ouviu alguma coisa?

— O quê?

— Não. Tudo bem. Está na minha cabeça. O que eu estava dizendo?

— O Tenente.

— Ah, sim. Esta parte da história... não sei se vai entender bem... mas tenho de explicá-la, porque sem ela o resto não faz sentido. A noite em que encontrei Mamoulian foi uma noite incrível. Não adianta tentar descrevê-la, mas você sabe como é quando o sol ilumina o topo das nuvens, e elas ficam rosadas, da cor do amor. Eu estava tão seguro, tão certo de que nada podia me fazer mal. — Parou e molhou os lábios, antes de continuar. Eu era um imbecil — as palavras estavam carregadas de autodesprezo. — Caminhei pelas ruínas, cheiro de podridão por toda a parte, lama sob meus pés, sem me importar, porque não era a minha ruína, a minha podridão. Eu estava acima de tudo aquilo, especialmente naquela noite. Sentia-me vitorioso, porque eu estava vivo e os mortos estavam mortos. — As palavras perderam o impulso por um momento. Quando voltou a falar foi em voz tão baixa que o esforço para ouvi-la era demais para os ouvidos. — O que eu sabia? Nada. — Cobriu o rosto com a mão trêmula e disse. — Oh, Jesus! — muito baixinho.

No silêncio que se seguiu, Marty teve a impressão de ouvir alguma coisa no outro lado da porta, um movimento no corredor. Mas era um som leve demais para ter certeza e a atmosfera no quarto exigia absoluta atenção. Mover-se naquele momento, falar, arruinaria a confissão, e Marty, como uma criança hipnotizada por um experiente contador de histórias, queria ouvir o fim da narrativa. Naquele momento, isso era mais importante do que tudo para ele.

O rosto de Whitehead estava escondido na mão e ele tentava controlar as lágrimas. Depois de alguns minutos retomou a narrativa —

cautelosamente, como se ela pudesse matá-lo num segundo.

— Jamais contei isto a ninguém. Pensei que guardando silêncio, deixando que se transformasse num novo boato, mais cedo ou mais tarde desapareceria.

Outro ruído no corredor, um silvo como o do vento através de uma pequena abertura. E, então, como se estivessem arranhado a porta. Whitehead não ouviu. Estava em Varsóvia outra vez, numa casa com uma fogueira, um lance de escadas e um quarto com uma mesa e um chama mortiça. Na verdade, quase como o quarto em que estavam agora, mas com cheiro de madeira queimada e não de vinho que já começava a azedar.

— Eu me lembro que quando o jogo terminou Mamoulian levantou-se e apertou minha mão. Mãos frias. Mãos geladas. Então a porta se abriu atrás de mim. Voltei-me. Era Vasiliev.

— O tenente?

— Horrivelmente queimado.

— Ele sobreviveu — murmurou Marty.

— Não — veio a resposta. — Estava bem morto.

Marty pensou que devia ter perdido alguma coisa da história que justificava essa afirmação ridícula. Mas não, a insanidade era apresentada como a pura verdade.

— Mamoulian era o responsável — continuou Whitehead. Tremia, mas as lágrimas tinham parado, evaporadas pelo calor da lembrança. — Ele resgatou o tenente do mundo dos mortos, compreende? Como Lázaro. Acho que precisava de funcionários.

Whitehead fez uma pausa e recomeçaram os arranhões na porta, num inconfundível pedido para entrar. Dessa vez Whitehead os ouviu. Aparentemente seu momento de fraqueza tinha passado. Ergueu a cabeça com brusquidão.

— Não atenda — ordenou.

— Por que não?

— É ele — respondeu com olhar apavorado.

— Não. O Europeu já foi embora. Eu o vi sair.

Não é o Europeu — respondeu Whitehead. — É o tenente. Vasiliev.

Marty não acreditou.

— Não pode ser, isso é impossível!

— Você não sabe do que Mamoulian é capaz.

— Isso me parece ridículo!

Marty levantou-se e caminhou cuidadosamente entre os vidros quebrados. Atrás dele ouviu Whitehead dizer “Não!” outra vez, “por favor, Jesus, não”, mas girou a maçaneta e abriu a porta. A luz mortiça da vela encontrou o recém-chegado.

Era Bella, a Madona dos canis. Ela parou hesitante na porta, os olhos — ou o que restava deles — erguidos tristemente para Marty, a língua um farrapo de músculo, cheio de vermes, dependurada para fora, como se não tivesse forças para mantê-la na boca. De alguma parte do interior do seu corpo exalou um fino assobio de ar, o ganido de um cão à procura de consolo humano.

Marty recuou cambaleando.

— Não é ele — disse Whitehead sorrindo.

— Jesus Cristo!

— Está tudo bem, Marty. Não é ele.

— Feche a porta! — exclamou Marty, incapaz de se mover. Os olhos, o fedor do animal o repeliam.

— Ela não quer fazer mal. Vinha aqui em cima às vezes para algumas guloseimas. Era a única na qual eu confiava. Raça maldita.

Whitehead desencostou da parede e foi até a porta, chutando garrafas vazias no seu caminho. Bella virou a cabeça, olhou para ele e começou a abanar a cauda. Marty desviou os olhos, nauseado, seu espírito debatendo-se à procura de uma explicação racional, mas não havia nenhuma. O animal estava morto; ele próprio o havia embrulhado no plástico. Não havia qualquer possibilidade de havê-la enterrado prematuramente.

Whitehead olhava para Bella, o batente da porta entre os dois.

— Não, não pode entrar — disse ele, como se ela fosse uma coisa viva.

— Mande-a embora — gemeu Marty.

— Sente-se solitária — respondeu o velho, censurando a falta de compaixão de Marty.

Passou-lhe pela cabeça a idéia de que Whitehead estivesse louco.

— Não acredite, cachorros não significam nada para ele.

Marty lembrou-se de Mamoulian parado no bosque, olhando para o solo. Não tinha visto quem estava cavando porque não havia ninguém. Os

corpos exumaram-se sozinhos; saindo das mortalhas de plásticos e se arrastando para fora.

— É fácil com cães — continuou Whitehead. — Não é, Bella? Você foi treinada para obedecer.

Bella farejava o próprio corpo, satisfeita por ter visto Whitehead. Seu Deus estava ainda no seu Céu e tudo estava bem com o mundo. O velho deixou a porta aberta e voltou para Marty.

— Não precisa ter medo. Ela não vai nos fazer mal.

— Ele trouxe os cães para a casa?

— Trouxe, para interromper minha festa. Puro despeito. Seu modo de me fazer lembrar do que é capaz.

Marty inclinou-se para colocar outra cadeira de pé. Tremia com tanta violência que se não sentasse com certeza ia cair.

— O tenente foi pior — continuou o velho — porque ele não obedecia como Bella. Sabia que tinham perpetrado uma abominação com ele. E estava furioso.

Bella tinha acordado com apetite. Por isso subiu até o quarto do qual se lembrava com maior carinho; um lugar onde havia um homem que conhecia o melhor lugar para coçar atrás das suas orelhas, que dizia palavras carinhosas e que dava petiscos do seu prato. Mas nessa noite as coisas estavam diferentes. O homem estava esquisito com ela, a voz dele dissonante, e havia mais alguém no quarto, alguém cujo cheiro ela conhecia vagamente mas não conseguia identificar. Ainda estava com fome, uma fome tão intensa, e perto dela havia aquele cheiro tão apetitoso. De carne deixada na terra, como gostava, ainda no osso e começando a apodrecer. Farejou, quase às cegas, procurando a origem do cheiro e, quando encontrou, começou a comer.

— Não é uma cena muito bonita. — Bella estava devorando o próprio corpo, tirando pedaços cinzentos e gordurosos do músculo apodrecido das ancas. Whitehead observou o animal se devorando. A passividade dele em face do novo horror descontrolou Marty.

— Não deixe que ela faça isso! — empurrou o velho para o lado.

— Mas ela está com fome. — respondeu ele, como se aquele horror fosse a coisa mais natural do mundo.

Marty apanhou a cadeira onde estivera sentado e a jogou contra a parede. Era pesada, mas seus músculos estavam transbordantes e a

violência era uma descarga necessária. A cadeira se quebrou.

O cão ergueu a cabeça; a carne que começava a engolir caía para fora pelo corte na garganta.

— É demais! — gritou Marty, apenando uma perna da cadeira e atravessando o quarto na direção da porta, antes que Bella pudesse perceber o que ele pretendia. No último instante ela apareceu entender que ele ia atacá-la e tentou ficar de pé. Uma das pernas traseiras, com a anca quase completamente devorada, não aguentou o peso do corpo e ela cambaleou, os dentes à mostra, quando Marty desferiu o golpe com a arma improvisada. A força do golpe esfacelou-lhe a cabeça. O rosnado cessou. O corpo recuou, arrastando a cabeça amassada no pescoço que parecia uma corda, a cauda enfiada entre as pernas, cheia de medo. Dois ou três passos para trás e não conseguiu prosseguir.

Marty esperou, pedindo a Deus que não precisasse dar outro golpe. Enquanto olhava, o corpo pareceu murchar. A protuberância do peito, os restos da cabeça, os órgãos dependurados na abóbada do torso, tudo se desfez numa abstração, uma parte indistinta da outra. Marty fechou a porta e deixou cair a arma ensanguentada.

Whitehead tinha se refugiado na outra extremidade do quarto. Seu rosto estava tão cinzento quanto o corpo de Bella.

— Como ele fez isso? — perguntou Marty — Como é possível?

— Ele tem poderes — declarou Whitehead. Aparentemente simples. — Pode roubar a vida e dar a vida.

Marty procurou no bolso o lenço de linho comprado especialmente para aquela noite de jantar e conversa. Balançou-o para abrir, as pontas imaculadas, e enxugou o rosto. O lenço voltou com manchas de podridão. Marty sentia-se tão vazio quanto o saco lá fora no corredor.

— Certa vez me perguntou se eu acreditava no Inferno. Lembra-se disso?

— Lembro.

— É o que pensa de Mamoulían? Uma coisa... — teve vontade de rir — uma coisa do Inferno?

— Já pensei na possibilidade. Mas não sou, por natureza, dado a coisas sobrenaturais. Céu e Inferno. Toda essa parafernália. Meu organismo se revolta com a idéia.

— Se não são demônios, o que são?

— É tão importante assim?

Marty enxugou o suor das palmas das mãos na calça. Sentia-se contaminado por aquela obscenidade. Levaria muito tempo para se limpar daquele horror, se o conseguisse algum dia. Cometera o erro de se aprofundar muito e a história que tinha ouvido — assim como o cão na porta — eram a consequência.

— Você parece doente. — Comentou Whitehead.

— Nunca pensei...

— O quê? Que os mortos podem andar? Oh, Marty, pensei que fosse cristão, apesar dos seus protestos.

— Vou dar o fora daqui — exclamou Marty. — Nós dois vamos sair.

— Nós dois?

— Carys e eu. Vamos para longe. Para longe dele, e do Senhor.

— Pobre Marty. É mais tolo do que pensei. Nunca mais vai ver Carys.

— Por que não?

— Ela está com ele, que diabo! Não pensou nisso? Ela foi com ele!

Então essa era a solução incrível para o desaparecimento dela.

— Voluntariamente, é claro.

— Não acredito nisso!

— Oh, sim, Marty. Mamoulian tinha domínio sobre ela desde o começo. Ele a embalou quando Carys nasceu. Quem sabe que tipo de influência teve sobre ela. Naturalmente eu a recuperei, durante algum tempo. — Suspirou. — Ele fez com que ela me amasse.

— Ela queria ficar longe do senhor.

— Nunca. Ela é minha filha. É tão manipuladora quanto eu. Qualquer coisa entre vocês dois não passou de conveniência para ela.

— Você é um safado!

— Isso é subentendido, Marty. Sou mesmo um monstro. Concordo. — Ergueu as mãos com as palmas para a frente: — inocente de tudo, menos da culpa.

— Acabou de me dizer que Carys o amava. Mas ela se foi.

— Já lhe disse, ela é minha filha. Pensa exatamente como eu penso. Foi com ele para aprender a usar seus poderes. Eu fiz o mesmo, lembra-se?

Aquela linha argumentativa, mesmo para um verme como Whitehead, fazia algum sentido. Sob as estranhas atitude de Carys não havia sempre à espreita um desprezo por Marty e pelo velho, desprezo devido ao fato de

não conseguirem compreendê-la? Dada a oportunidade, será que Carys não dançaria com o demônio, se isso a fizesse compreender melhor a si mesma?

— Não se preocupe com ela — disse Whitehead. — Esqueça-a, ela se foi.

Marty tentou fixar a imagem do rosto dela, que já estava esmaecendo. De repente sentiu que estava muito cansado, exausto até os ossos.

— Descanse um pouco, Marty. Amanhã podemos enterrar juntos a prostituta.

— Não pretendo me envolver nisto.

— Eu já lhe disse uma vez, não disse, que se ficar comigo posso levá-lo aonde queira chegar. Isso é mais verdadeiro agora do que nunca, pois saiba que Toy está morto.

— Bill?! Quando? Como?

— Não perguntei pelos detalhes. O fato é que ele se foi. Somos só nós dois agora.

— Você me fez de tolo.

O rosto de Whitehead era a imagem da persuasão.

— Foi, de fato, uma coisa de mau gosto. Perdoe-me.

— É tarde demais para isso.

— Não quero que me deixe, Marty. Não vou permitir que me deixe! Está ouvindo? — balançou o dedo em riste no ar. — Veio para cá para me ajudar. O que foi que fez? Nada! Nada!

A lisonja se transformara em acusação de deslealdade em poucos segundos. Num momento, lágrimas; no outro, palavrões e, atrás de tudo isso, o mesmo terror de ficar sozinho. Marty observou as mãos trémulas do velho fechando-se e se abrindo.

— Por favor... — suplicou — ... não me deixe.

— Quero que termine a história.

— Bom menino.

— Tudo, está entendendo? Tudo.

— O que mais há para contar? Fiquei rico. Entrei num dos mercados de crescimento mais rápido do pós-guerra: produtos farmacêuticos. Em cinco anos eu estava lá em cima com os líderes mundiais. — Sorriu. — E, o que é mais importante, fiz fortuna com um mínimo de atividade ilegal. Ao contrário de muitos, joguei de acordo com as regras.

— E Mamoulian? Ele o ajudou?

— Ensinou-me a não me preocupar excessivamente com os aspectos morais.

— E o que queria em troca?

Whitehead entrecerrou os olhos.

— Você não é tão burro assim, certo? — replicou satisfeito. — Quando convém, vai direto ao assunto.

— É uma pergunta óbvia. Você fez um trato com ele.

— Não! — interrompeu Whitehead indignado. — Não fiz trato algum, não do modo que está pensando. Houve talvez um acordo entre cavalheiros, mas isso foi há muito tempo. Ele recebeu tudo o que jamais vai receber de mim.

— E o que foi?

— Viver a vida através de mim — respondeu Whitehead.

— Explique isso — pediu-lhe Marty. — Não estou entendendo.

— Ele queria vida, como qualquer outro homem. Tinha apetites. E os satisfazia por meu intermédio. Não me pergunte como. Eu também não consigo entender. Mas, às vezes, eu o sentia no fundo dos meus olhos...

— E deixou que ele o invadisse assim?

— A princípio eu nem sabia, tinha outras coisas com que me preocupar. Estava ficando mais rico a cada hora, ao que parecia. Tinha casas, terras, objetos de arte, mulheres. Era fácil esquecer que ele estava sempre ali, observando, vivendo por procuração. Então, em 1959, me casei com Evangeline. Nosso casamento teria envergonhado a realeza, foi noticiado nos jornais daqui até Hong-Kong. Riqueza e Influência casa-se com Inteligência e Beleza, o par ideal. Coroou minha felicidade, realmente.

— E estava mesmo apaixonado por ela?

— Era impossível não amar Evangeline. Creio — parecia surpreendido com as próprias palavras —, creio que ela também até chegou a me amar.

— O ela achava de Mamoulian?

— Ah, aí está o problema. Evangeline detestou Mamoulian desde o começo. Dizia que ele era puritano demais, que sua presença a fazia sentir-se constantemente culpada. E tinha razão. Ele detestava o corpo; todas as suas funções o enojavam. Mas não podia se libertar dele, nem dos seus apetites. Era um tormento para ele. E com o passar do tempo esse ódio piorou.

— Por causa dela?

— Não sei. Talvez. Pensando nisso agora, provavelmente ele a desejava, como tinha desejado as belezas no passado. E naturalmente ela o desprezou, desde o começo. Quando se tornou dona da minha casa a guerra de nervos ficou mais intensa. Finalmente Evangeline me disse para me livrar dele. Foi logo depois do nascimento de Carys. Disse que não gostava que Mamoulian pegasse o bebê, o que ele parecia gostar de fazer. Ela simplesmente não o queria na nossa casa. Eu o conhecia há vinte anos nessa época tinha morado em minha casa, compartilhado a minha vida e compreendi que não sabia coisa alguma sobre ele. Era ainda o lendário jogador de cartas que eu conhecera em Varsóvia.

— Alguma vez lhe perguntou?

— Perguntei o quê?

— Quem era ele? De onde vinha? Como tinha conseguido essa força?

— Ah, sim, eu perguntei. E a cada vez a resposta era um pouco diferente da anterior.

— Ele estava mentindo, então?

— Descaradamente. Era uma espécie de piada, eu acho, sua idéia de divertimento social, nunca ser duas vezes a mesma pessoa. Como se não existisse realmente. Como se o homem chamado Mamoulian fosse uma construção cobrindo outra coisa qualquer.

— O quê?

Whitehead deu de ombros.

— Não sei. Evangeline costumava dizer: ele é vazio. Era o que achava dele. Não era a presença de Mamoulian na casa que a aborrecia, era a sua ausência, a nulidade que ele era. E comecei a pensar que talvez fosse melhor me livrar dele, mesmo, por Evangeline. Em verdade, já tinha aprendido tudo o que ele podia me ensinar. Não precisa mais de Mamoulian. Além disso, ele estava se tornando embaraçoso socialmente. Meu Deus, quando me lembro, pergunto-me, sem entender, como permiti que nos dominasse por tanto tempo. Sentava-se à mesa do jantar e era quase tangível a depressão que envolvia os convidados. E quanto mais velho ficava, mais sua conversa tornara-se fútil. Não que estivesse envelhecendo na aparência, nada disso. Não parece nem um ano mais velho hoje do que no dia que o conheci.

— Nenhuma mudança?

— Fisicamente não. Talvez alguma coisa tenha sido alterada. Há nele, agora, uma expressão de derrota.

— Pois não me pareceu derrotado coisa alguma...

— Ah! Você devia ter visto Mamoulian no seu auge. Era aterrador, acredite. As pessoas se calavam quando ele entrava em qualquer lugar; parecia sugar a alegria de todos, matando-a imediatamente. Chegou ao ponto de Evangeline não poder ficar na mesma sala que ele. Ficou paranóica dizendo que ele planejava matá-la e à nossa filha. Arranjou uma pessoa para ficar ao lado de Carys a noite toda, para que ele não a tocasse. Pensando bem, foi Evangeline que me convenceu a comprar os cães. Sabia que Mamoulian não suportava cachorros.

— Mas não fez o que ela pediu? Quero dizer, não o expulsou da casa?

— Oh, eu sabia que teria de agir mais cedo ou mais tarde; só que não tinha coragem. Então ele começou com seus jogos mesquinhos de poder, só para provar que eu ainda precisava da sua ajuda. Foi um erro de tática. O valor da novidade de ter em casa um puritano não funcionava mais. Eu disse isso a ele. Disse que precisava mudar seu comportamento ou ir embora. Naturalmente recusou. Eu sabia que ia recusar. Tudo o que eu queria era um pretexto para desfazer nosso relacionamento e ele me entregou um de bandeja. Olhando para trás agora, vejo que ele sabia perfeitamente o que estava fazendo. Seja como for, o resultado foi que o expulsei da casa. Bem, não eu pessoalmente. Toy fez o serviço.

— Toy era seu empregado particular?

— Oh, sim. E foi também idéia de Evangeline; era muito protetora comigo. Sugeri que contratasse um guarda-costas. Escolhi Toy. Tinha sido lutador de box e era tão honesto quanto o tempo. Nunca se impressionou com Mamoulian. Nunca teve medo de lhe dizer o que pensava. Assim, quando o mandei se livrar do homem, ele obedeceu ao pé da letra. Cheguei em casa certo dia e o jogador de cartas tinha ido embora. Respirei mais livremente naquele dia. Era como se tivesse usado durante todo o tempo uma pedra no pescoço, sem saber. De repente ela tinha desaparecido. Fiquei atordoado. Qualquer temor que pudesse ter das consequências disso logo pareceram infundados. Minha fortuna não se evaporou. Continuei com o mesmo sucesso sem ele. Talvez até mais. Tinha mais confiança.

— E não o viu mais?

— Oh, eu o vi. Ele voltou duas vezes, sempre sem avisar. Aparentemente as coisas não estavam boas para ele. Não sei o que tinha acontecido, mas Mamoulian perdera o toque mágico. Da primeira vez estava tão decrépito que quase não o reconheci. Parecia doente, cheirava mal. Se você o visse na rua, teria atravessado para o outro lado para evitá-lo. Mal acreditei na transformação. Não quis nem mesmo entrar na casa. Só queria dinheiro, que eu dei, e ele se foi.

— E era tudo genuíno?

— O que quer dizer com genuíno?

— O papel de mendigo; era real? Quero dizer, não era outra das invenções dele?

Whitehead ergueu as sobrancelhas.

— Durante todos esses anos... nunca pensei nisso. Sempre pensei... — parou de falar e recomeçou depois, mudando de assunto. — Você sabe, não sou um homem sofisticado, a despeito das aparências em contrário. Sou um ladrão. Meu pai foi um ladrão, e provavelmente o pai dele também. Toda esta cultura à minha volta é pura fachada. Coisas que aprendi com outras pessoas. Recebi o bom gosto, pode-se dizer. Mas depois de alguns anos a gente começa a acreditar na própria publicidade; começamos a pensar que somos realmente sofisticados, homens do mundo. Começamos a nos envergonhar dos instintos que nos levaram até onde chegamos porque fazem parte de uma história embaraçosa. Aconteceu comigo. Perdi o senso do que realmente era. Bem, acho que está na hora do ladrão voltar a ser ele mesmo outra vez; na hora de começar a usar próprios olhos, seus instintos. Você me ensinou isso, embora, Deus sabe, não tenha percebido.

— Eu?

— Somos iguais. Não compreende? Dois ladrões. Duas vítimas.

A autopiedade dessa afirmação foi demais.

— Não venha me dizer que é uma vítima — replicou Marty —, vivendo do modo que viveu.

— O que sabe dos meus sentimentos? — Respondeu Whitehead secamente — Não faça suposições, está ouvindo? Não pense que entende, porque não entende! Ele me tirou tudo, tudo! Primeiro Evangeline, depois Toy, agora Carys. Não venha me dizer se sofri ou não!

— O que quer dizer com ele tirou Evangeline? Pensei que ela tinha morrido em um acidente.

Whitehead balançou a cabeça.

— Há um limite no que posso lhe contar. — Certas coisas não posso dizer com palavras. Nunca direi. — A voz era sombria.

Marty deixou o assunto e passou adiante.

— Disse que ele voltou duas vezes.

— Isso mesmo. Voltou um ou dois anos depois da primeira visita. Evangeline não estava em casa naquela noite. Foi em novembro. Toy abriu a porta, eu me lembro, e mesmo sem ouvir a voz de Mamoulian eu sabia que era ele. Fui até o vestíbulo. Ele estava de pé no degrau, sob a luz da entrada. Caía uma chuva fina. Posso vê-lo agora, o modo como seus olhos procuraram os meus. “Sou bem-vindo?”, perguntou. Ficou ali parado e disse apenas “Sou bem-vindo?”. Não sei por que o deixei entrar. Não parecia estar mal. Talvez eu tenha pensado que ele ia se desculpar, não me lembro. Eu teria continuado amigo dele se se desculpasse. Não nos mesmo termos de antes. Conhecidos comerciais, talvez. Abaixei minhas defesas. Começamos a falar sobre o passado — Whitehead ruminou a lembrança tentando extrair dela um melhor sabor — e então ele começou a me dizer que estava muito solitário, que precisava da minha companhia. Eu lhe disse que Varsóvia já estava no passado remoto. Eu era um homem casado, um pilar da comunidade, e não pretendia mudar meu modo de vida. Ele começou a ficar agressivo, acusando-me de ingratidão. Disse que eu o tinha enganado. Rompido nosso trato. Respondi-lhe que não havia trato algum entre nós, apenas eu tinha ganho um jogo de cartas numa cidade distante e, como resultado, ele decidira me ajudar, por motivos pessoais. Disse que tinha concordado com suas exigências o bastante para pagar qualquer dívida. Ele havia compartilhado minha casa, meus amigos, minha vida durante dez anos; tudo o que eu possuía era dele para usar. “Não é o bastante”, respondeu-me e recomeçou com as mesmas súplicas de antes, as mesmas exigências, querendo que eu desistisse daquela fachada de respeitabilidade e fosse para algum lugar com ele, como um nômade, como seu pupilo, para aprender coisas novas e terríveis sobre as coisas do mundo. E devo dizer que ele fez com que a proposta fosse quase atraente. Em certos momentos eu me cansava daquela mascarada; quando eu sentia o cheiro da guerra, da terra; quando via as nuvens sobre Varsóvia e sentia saudades da vida de aventuras que levava então. Mas não ia jogar tudo fora por amor à nostalgia. Disse isso a ele. Acho que Mamoulian sabia que não poderia me

convencer, porque ficou desesperado. Começou a dizer frases desconexas, que longe de mim tinha medo, que se sentia perdido. Eu, a quem tinha dado anos de sua vida, sua energia, como podia ser tão insensível e frio? Encostou as mãos em mim, chorou, tentou acariciar meu rosto. Fiquei horrorizado. O melodrama era repulsivo; eu não queria nada com aquilo, nada com ele. Mas Mamoulian não ia embora. Os pedidos se transformaram em ameaças e acho que perdi a paciência. Acho, não! Perdi, mesmo! Nunca fiquei tão furioso. Queria dar um basta a Mamoulian e a tudo o que ele representava: meu passado miserável. E o agredi fisicamente. Não com violência, a princípio, mas quando vi que não tirava os olhos de mim perdi o controle. Não tentou se defender e sua passividade só serviu para me enfurecer mais ainda. Eu o espanquei e espanquei, e ele apenas recebeu os golpes. Oferecia o rosto — Whitehead respirou tremulamente. — Deus sabe que já fiz coisa piores. Mas nada de que me envergonhasse tanto. Só parei quando as juntas das minhas mãos ficaram feridas. Então, eu o entreguei a Toy, que lhe aplicou um castigo em regra. E durante todo esse tempo, nem um pio de Mamoulian. Fico gelado só de lembrar. Vejo-o ainda encostado na parede, com Bill apertando o seu pescoço e os olhos de Mamoulian não procurando localizar o próprio golpe, mas fixos em mim. Lembro-me de quando ele me perguntou: Você sabe o que fez? Só isso. Em voz muito baixa, o sangue saindo junto com as palavras. Então aconteceu alguma coisa. O ar se espessou. O sangue no rosto dele começou a rastejar como se estivesse vivo. Toy o soltou. Mamoulian deslizou para o chão, deixando uma mancha de sangue na parede. Pensei que estava morto. Foi o pior momento da minha vida, ah parado com Toy, nós dois olhando aquele saco de ossos que tínhamos espancado. Esse foi nosso erro, naturalmente. Nunca devíamos ter recuado. Devíamos ter terminado o serviço, acabado com ele.

— Jesus!

— É isso mesmo! Uma estupidez não ter terminado. Bill era leal, não haveria consequências. Mas não tivemos coragem. Eu não tive coragem. Mandei Toy limpar Mamoulian, levá-lo para o centro da cidade e despejá-lo lá.

— Não teriam conseguido matá-lo nem que quisessem... — murmurou Marty.

— Você insiste em ler minha mente — observou Whitehead com voz cansada. — Era o que ele queria. Para isso foi me procurar. Teria deixado

que eu o executasse se minha coragem não tivesse falhado. Ele estava farto da vida. Eu podia ter posto um fim ao seu sofrimento e tudo estaria terminado.

— Acha que ele é mortal?

— Tudo tem sua hora. A dele já passou. E ele sabe disso.

— Então, só precisa esperar, certo? Mais algum tempo e ele vai morrer.

Marty já estava farto daquela história, ladrões, sorte. Toda a patética narrativa, verdadeira ou não, lhe parecia repulsiva.

— Não precisa mais de mim — finalizou. Levantou-se e foi até a porta. O som dos seus pés sobre os vidros era alto demais para o quarto.

— Onde vai? — perguntou o velho.

— Vou-me embora. O mais longe daqui possível.

— Você me prometeu que iria ficar.

— Prometi ouvir, e já ouvi. E não quero nada mais com este maldito lugar.

Marty começou a abrir a porta. Whitehead falou atrás dele.

— E você acha que o Europeu o vai deixar em paz? Você o viu, viu do que ele é capaz. Vai ter de silenciar você mais cedo ou mais tarde. Já pensou nisso?

— Vou arriscar;

— Está seguro aqui.

— Seguro? — repetiu Marty incrédulo. — Não fala sério. Seguro? O Senhor é mesmo patético, sabia?

— Se você for... — advertiu Whitehead.

— O quê? — Marty voltou-se, cheio de desprezo. — O que vai fazer, seu velho?

— Em não mais do que dois minutos ponho toda a Polícia atrás de você; estará violando sua condicional.

— Pois esteja certo de que, se me encontrarem, contarei tudo. Contarei da heroína, daquela puta lá fora, no corredor. Conto toda a sujeira de que puder me lembrar. Não ligo a mínima para suas ameaças cretinas, está ouvindo?

Whitehead fez um gesto afirmativo.

— Certo. Empatamos.

— É o que parece — respondeu Marty, saindo para o corredor sem olhar para trás.

Uma mórbida surpresa o esperava: os filhotes tinham encontrado Bella. A mãe ressuscitadora de Mamoulian não os havia poupado, embora não tivessem nenhuma utilidade prática. Pequenos demais, cegos demais. Estavam deitados à sombra da barriga vazia da mãe, suas bocas procurando tetas de há muito desaparecidas. Marty notou que faltava um. Seria o sexto filhote aquela coisa que tinha visto mexer-se na cova, talvez enterrado mais profundamente ou apodrecido demais para acompanhar os outros.

Bella ergueu o pescoço quando Marty passou. O que restava da cabeça virou para o lado dele. Marty desviou os olhos, enojado, mas uma batida surda e cadenciada o fez virar para trás. Aparentemente o animal tinha esquecido sua violência. Satisfeita agora, com os filhotes ao lado, olhou para ele com olhos vazios, enquanto a cauda apodrecida batia no tapete.

NA sala que Marty acabava de deixar, Whitehead estava recostado na cadeira, exausto.

Embora lhe tivesse sido difícil no princípio, a coisa foi ficando mais fácil à medida que contava, e ele estava satisfeito por ter desabafado. Tantas vezes pensou em contar para Evangeline. Mas, com aquela sua elegância, ela deixara claro que, se Whitehead tinha segredos, não queria saber deles. Todos aqueles anos, vivendo com Mamoulian na mesma casa, Evangeline nem uma vez perguntou diretamente por como se soubesse que não existia resposta, apenas outra pergunta.

A lembrança de Evangeline o inundou de dor. O Europeu a matara, não tinha dúvida nenhuma. Ele ou seus agentes deviam estar na estrada com ela; sua morte não foi obra do acaso. Se fosse, Whitehead saberia. Seu instinto infalível teria percebido uma certa ordem na fatalidade, por maior que fosse a dor que sentia. Mas não houve nada disso, apenas o reconhecimento da sua cumplicidade indireta naquela morte. Evangeline fora morta como um ato de vingança contra ele. Um entre muitos atos desse tipo, mas o pior de todos.

Teria o Europeu se apossado dela, depois da sua morte? Teria entrado sorrateiramente no mausoléu fazendo-a reviver, como tinha feito com os cães? A idéia era repugnante, mas Whitehead estava resolvido a pensar o pior, temendo que, se não o fizesse, Mamoulian inventaria novos terrores para tormentá-lo.

— Não vai conseguir, disse em voz alta para a sala de vidro. Não vai conseguir me assustar, me intimidar, me destruir.

Havia muitos meios e modos. Podia escapar ainda, esconder-se nos confins da terra. Encontrar um lugar onde pudesse esquecer a história de sua vida. Havia uma coisa que não tinha contado; uma fração da História, não central, mas de interesse mais do que passageiro, uma coisa que não contara a Strauss e que não contaria a nenhum interrogador. Talvez não pudesse ser definida com palavras. Ou talvez estivesse tão profundamente relacionada com as ambiguidades que o tinham perseguido nos desertos da sua vida, que falar sobre ela seria revelar a cor da sua alma.

Pensou nesse último segredo, e estranhamente, a lembrança o animou: terminado aquele jogo, o primeiro e último jogo com o Europeu, saiu agachado pela porta semi-aberta para a Praça Muranowski. Não havia estrelas no céu; a única luz era da fogueira às suas costas.

Parado no escuro, procurando se reorientar, o frio subindo pelas solas das botas, viu a mulher surgir à sua frente. Fez um sinal chamando-o. Pensou que ia levá-lo de volta por onde tinham vindo e a seguiu. Mas as intenções dela eram outras. Levou Whitehead para uma casa longe da praça com janelas fechadas com tábuas e, sempre curioso, ele entrou atrás dela, certo de que naquela noite das noites nada de mal lhe podia acontecer.

Nas entranhas da casa havia um quatinho com as paredes recobertas por pedaços de pano, trapos, pedaços empoeirados de veludo que haviam outrora drapejado janelas majestosas. Ali, naquele boudoir improvisado, havia um único móvel: uma cama, na qual o falecido tenente Vasiliev — que ele vira recentemente na sala de jogos de Mamoulian — estava fazendo amor. Quando o ladrão entrou e a mulher sem lábios ficou ao seu lado, Konstantin levantou a cabeça do seu trabalho, o corpo continuando a fazer pressão sobre a mulher deitada embaixo dele no colchão feito com as bandeiras da Rússia, da Alemanha e da Polónia.

O ladrão, sem poder acreditar no que via, teve vontade de dizer a Vasiliev que não estava fazendo a coisa certa, que tinha confundido um buraco com o outro, e que o orifício que estava usando com tanta brutalidade era um ferimento.

E claro que o tenente não teria ouvido. Sorria enquanto trabalhava, a estaca vermelha entrando e saindo, entrando e saindo. O cadáver embaixo dele balançava com o ritmo, indiferente às atenções do apaixonado.

Por quanto tempo o ladrão tinha observado? O ato não dava sinal de ser consumado. Finalmente a mulher sem lábios murmurou no seu ouvido “Chega?” e o ladrão voltou-se um pouco, deixando que ela enfiasse a mão na sua calça. Não parecia surpresa com a ereção dele, embora em todos aqueles anos o ladrão jamais tivesse conseguido compreender como fora possível. Há muito tempo aceitava que os mortos pudessem ser ressuscitados. Mas o fato de se excitar na presença deles — era um crime completamente diferente, mais terrível para ele do que o primeiro.

Não existe inferno, pensou o velho, afastando a lembrança do boudoir e do Casanova queimado. Ou, então, o inferno é um quarto e uma cama e um apetite eterno e estive lá e vi esse prazer e, se o pior acontecer, eu o suportarei.

Quinta Parte. O DILÚVIO

"Do navio em chamas, que de nenhum outro modo,
Senão afundando, podia ser salvo do fogo,
Alguns homens saltaram e quanto mais chegavam
Perto dos navios inimigos, mais silenciavam seus tiros;
Assim, todos se perderam: os que foram atingidos no navio,
Os que foram eliminados no mar,
os que naufragaram com o navio em chamas."

JOHN DONNE, "*A Burnt Ship*"

IX Má Fé

49

O dilúvio desabou no mais seco mês de julho de que se tem memória; mas, afinal, nenhum sonho revisionista do Armagedon é completo sem seu paradoxo. Relâmpagos surgindo no céu claro; carne transformando-se em sal; os mansos herdando a terra; todos eles fenômenos aparentemente impossíveis.

Naquele mês de julho entretanto, não houve transformações espetaculares. Não surgiram luzes celestiais entre as nuvens. Não choveu salamandras nem crianças. Se anjos chegaram e se foram naquele mês — se o Dilúvio procurado desabou — então foi, como o mais verdadeiro dos Armagedons, uma metáfora.

É verdade que houve certas coisas estranhas que devem ser contadas, mas a maior parte delas ocorreu em lugares distantes, em corredores mal iluminados, em desertos perdidos entre colchões encharcados de chuva e as cinzas de fogueiras. Fatos locais, quase particulares. Suas ondas de choque — na melhor das hipóteses — despertaram comentários entre cães selvagens.

Entretanto, a maioria desses milagres — jogos, chuvas e salvamentos — foi colocada com tanta habilidade atrás da fachada da vida comum que só a vista mais aguçada, ou aqueles em busca do improvável, perceberam o Apocalipse exibindo seus esplendores a uma cidade banhada de sol.

50

A cidade não recebeu Marty de volta com os braços abertos, mas ele estava satisfeito por ter abandonado a casa de uma vez por todas, por ter dado as costas ao velho e à sua loucura. Fossem quais fossem as consequências a longo prazo — e precisava pensar com muito cuidado se devia ou não se entregar agora — pelo menos tinha um espaço para respirar, tempo para pensar e resolver as coisas.

A temporada turística estava no auge. Londres estava repleta de visitantes, que tornavam estranhas as ruas familiares. Passou os dois primeiros dias andando a esmo, acostumando-se à liberdade de movimento e de ação outra vez. Tinha pouco dinheiro, mas se fosse preciso podia arranjar um emprego. Em pleno verão, as construções não rejeitariam homens para trabalho pesado. A idéia de um dia de trabalho honesto, sua produção de suor paga em dinheiro, era atraente. Se fosse necessário, poderia vender o Citroen que retirara do Santuário num último e talvez imprudente gesto de rebelião.

Depois de dois dias de liberdade, seus pensamentos voltaram ao velho tema: América. Tinha a palavra tatuada no braço como lembrança dos seus sonhos na prisão. Agora talvez fosse o momento de transformá-los em realidade. Na sua imaginação, o Kansas o chamava, com os campos plantados estendendo-se até onde a vista alcança em todas as direções, sem nenhuma coisa feita pelo homem a perturbá-la. Estaria seguro ali. Não só da polícia e de Mamoulian, mas da história, das histórias contadas e recontadas em círculo vicioso, um mundo sem fim. Em Kansas começaria uma nova história, cujo fim não podia adivinhar. E não seria essa uma definição prática de liberdade, ainda não estragada pela mão dos europeus, pela certeza dos europeus?

Para ter onde ficar enquanto planejava sua fuga, alugou um quarto em Kilburn, um sombrio quarto-sala com o banheiro dois andares abaixo, a ser compartilhado, o proprietário informara, com mais seis pessoas. Na verdade havia pelos menos quinze ocupantes nos sete quartos da casa, incluindo uma família de quatro pessoas. O choro da criança mais nova perturbava seu sono, por isso levantava-se cedo, afastando-se dali e daquele desconforto durante todo o dia, só voltando quando os pubs fechavam e, assim mesmo, relutantemente. Garantia a si mesmo porém, que não seria por muito tempo.

É claro que havia muito a resolver quanto à viagem, sendo das mais importantes a obtenção de um passaporte visado. Sem isso não iam lhe permitir que botasse os pés em solo americano. Precisava conseguí-lo numa operação rápida, pois tinha quase certeza de que Whitehead havia denunciado sua violação da condicional e desmentido previamente as explicações que ele pudesse dar. Talvez as autoridades já estivessem nas ruas à sua procura.

No dia três de julho, uma semana e meia depois de deixar a casa, resolveu pegar o destino à unha e visitar a casa de Toy. Apesar de Whitehead ter afirmado que Toy estava morto, Marty mantinha intacta sua esperança. Papá já tinha mentido antes, muitas vezes, por que não sobre isso também?

A casa ficava num bairro elegante em Pimlico; uma rua com fachadas discretas e automóveis caros encostados nas calçadas. Tocou a campainha umas seis vezes, mas não havia nenhum sinal de vida. As persianas estavam fechadas nas janelas do andar térreo; na caixa de cartas viu uma maço de correspondência — a maior parte circulares.

Estava parado no degrau olhando para a porta, sabendo muito bem que não ia ser aberta, quando uma mulher apareceu na entrada vizinha. Não a dona da casa, tinha certeza, provavelmente uma faxineira. O rosto bronzeado — quem não estava bronzeado naquele verão escaldante? — tinha a expressão expectante de quem gosta de dar más notícias.

— Desculpe. Posso ajudar? — perguntou ela, esperançosa.

Marty ficou satisfeito por estar de paletó e gravata; a mulher parecia do tipo que comunica à polícia a menor suspeita.

— Estava procurando Bill. O Sr. Toy.

O jeito dela era de desaprovação, seja de Marty ou, então de Toy.

— Ele não está em casa — respondeu a mulher.

— Por acaso sabe para onde ele foi?

— Ninguém sabe. Ele a deixou. Foi embora e a deixou.

— Deixou quem?

— A mulher dele. Bem... sua amiga, para ser mais clara. Eles a encontraram há umas duas semanas, não leu nos jornais? Estava em todos. Eles me entrevistaram. Eu disse a eles que ele não era boa coisa, não era mesmo.

— Acho que não li.

— Estava em todos os jornais. Estão à procura dele agora.

— Do Sr. Toy?

— O Departamento de Homicídios.

— É mesmo?

— O senhor não é repórter?

— Não.

— Acontece que estou disposta a contar minha história se pagarem bem. As coisas que posso contar.

— É mesmo?

— Aparentemente ela estava num estado horrível...

— O que quer dizer?

Cuidando da vendabilidade de sua história, a matrona não pretendia divulgar os detalhes, mesmo que os conhecesse, o que Marty duvidava. Mas estava decidida a oferecer um trailer emocionante.

— Houve mutilação — garantiu ela — A mulher ficou irreconhecível, até mesmo para os mais chegados e mais queridos.

— Tem certeza?

A mulher ficou ofendida com esse ataque à sua credibilidade.

— Ou ela mesma fez isso, ou outra pessoa a recortou, prendendo-a lá dentro para sangrar até morrer. Por dias e dias. O cheiro quando abriram a porta...

A voz arrastada e perdida que tinha atendido o telefone voltou à lembrança de Marty e não teve dúvidas de que a amiga de Toy estava morta quando falou com ele no telefone. Mutilada e morta, mas ressuscitada como telefonista para manter as aparências durante um tempo útil. As palavras soaram nos seus ouvidos: “Quem é?” foi o que ela perguntou. Apesar do calor e da luz daquele julho brilhante, ele começou a tremer de frio. Mamoulian tinha estado ali. Tinha cruzado aquela porta à procura de Toy. Tinha contas a ajustar com Bill, Marty sabia agora; o que um homem poderia planejar, enquanto a humilhação o corroía, em troca de tanta violência?

Marty viu que a mulher olhava intrigada para ele.

— O senhor está bem?

— Obrigado. Estou.

— Precisa dormir um pouco. Tenho o mesmo problema. Em noites quentes como estas, fico nervosa.

Marty agradeceu outra vez e afastou-se apressado da casa, sem olhar para trás. Era bem fácil imaginar os horrores ocorridos ali; eles tinham vindo sem aviso, saídos do nada.

E não iam embora. Nunca mais. A lembrança de Mamoulian permanecia dentro dele — noite e dia e noite, sem descanso — para sempre. Começou a perceber (seria apenas a manifestação de um sonho que, sem poder se manifestar nas noites insones, lhe estaria invadindo as horas de vigília?) outro mundo, pairando além ou atrás da fachada da realidade.

Não havia tempo a perder. Precisava ir embora. Esquecer Whitehead, Carys e o Código Penal. Sair clandestinamente do país e entrar na América; ir para um lugar onde o real fosse real, onde os sonhos ficassem onde deveriam ficar, sob as pálpebras.

51

Raglan era especialista da fina arte de falsificação. Dois telefonemas o localizaram, e Marty fez um trato com o homem. O visto podia ser falsificado em um passaporte por uma soma modesta. Se Marty lhe levasse uma fotografia, o trabalho podia ser feito em um dia, no máximo dois.

Era o dia 15 de julho; o mês escaldava, a alguns graus abaixo da fervura. O Rádio, gritando no quarto ao lado, prometia um dia de azul tão perfeito quanto o anterior. Mais do que azul, branco. O céu estava cego naqueles dias.

Marty saiu cedo para a casa de Raglan, em parte para evitar a hora mais quente, em parte porque estava ansioso por conseguir os documentos falsos, comprar a passagem e partir. Acontece que não foi além da estação do metrô de Kilburn High Road.

Lá estava; na primeira página do Daily Telegraph: *Milionário Recluso Encontrado Morto*. Logo abaixo um retrato de Papá ; um Whitehead mais jovem, sem barba, fotografado no apogeu da elegância e da influência. Marty comprou o jornal e mais dois que davam a notícia em manchetes e os

leu de pé, no meio da calçada, enquanto os apressados lhe davam trancos e reclamavam quando desciam a escada da estação.

Foi anunciada hoje a morte de Joseph Newzam Whitehead, o milionário dono da Companhia Whitehead, cujos produtos farmacêuticos, até a recente queda da Bolsa, faziam dela uma das empresas de maior sucesso da Europa Ocidental. O Sr. Whitehead, 69, foi encontrado no seu refúgio em Oxfordshire nas primeiras horas da manhã de ontem por seu motorista. Acredita-se que tenha morrido de um ataque cardíaco. A polícia diz que não existem circunstâncias suspeitas. Leia o obituário na página sete.

O obituário era a amálgama habitual de informações retiradas das páginas do *Who's Who*, com uma breve descrição dos êxitos da Companhia Whitehead, mais o tempero da conjectura, especialmente no que se referia à queda financeira recente ocorrida com suas ações. Havia uma breve história da vida de Whitehead, os primeiros anos bastante vagos, como se houvesse dúvidas quanto aos detalhes. O resto da história estava ali, embora um tanto vaga. O casamento com Evangeline; a ascensão espetacular nos anos pródigos do final da década de 50; os períodos de consolidação e realizações; depois, o recolhimento, com a morte de Evangeline, num misterioso e inexplicável silêncio.

Ele estava morto.

A despeito de todas as palavras corajosas, de toda a atitude desafiadora, de todo o desprezo pelas conspirações do Europeu, a batalha estava perdida. Se tinha sido morte natural, como diziam os jornais, ou obra de Mamoulian, Marty não podia saber. Mas sem dúvida estava curioso. Mais do que curioso, triste. O fato de sentir a morte do velho era um choque para ele; talvez maior do que o próprio sentimento de perda. Não esperava essa reação.

Cancelou o encontro com Raglan e voltou ao quarto alugado para estudar com atenção os jornais, relendo várias vezes a notícia, retirando do texto sobre as circunstâncias da morte de Whitehead toda a informação possível. Naturalmente as pistas eram poucas; todas as notícias usavam a linguagem branda e formal desse tipo de informação. Depois do exame exaustivo da palavra escrita foi até o quarto vizinho e pediu o rádio emprestado. A jovem que ocupava o quarto, uma estudante, pensou ele, levou algum tempo para ser persuadida, mas finalmente cedeu. Marty ouviu os boletins informativos de meia em meia hora enquanto o calor aumentava

no seu quarto. A história talvez alguma proeminência até o meio dia, mas, depois disso, os acontecimentos em Beirute e uma ação policial num caso de drogas em Southampton dominaram o noticiário, a notícia da morte de Whitehead passou de especial para resumida e desapareceu no meio da tarde.

Devolveu o rádio, declinou o convite para uma xícara de café com a jovem e seu gato, naquele cubículo onde o cheiro de comida do bichano pairava no ar como a ameaça de tempestade e voltou ao seu abrigo para pensar. Se Mamoulian matara Whitehead — e Marty sabia que o Europeu poderia ter feito isso sem deixar qualquer vestígio, nem para o mais experimentado patologista —, indiretamente a culpa era sua. Se tivesse ficado na casa, talvez o velho ainda estivesse vivo. Era pouco provável. O mais provável era estarem ambos mortos. Mas o sentimento de culpa ainda o incomodava.

Nos dois dias seguintes Marty não fez muita coisa; a entropia derramara chumbo derretido em suas entranhas. Seus pensamentos giravam em círculo, quase obsessivos. No cinema particular de sua mente passava os filmes domésticos que havia colecionado; nos primeiros, havia desde vistas imprecisas da vida privada dos poderosos às últimas lembranças — minuciosas, por demais detalhadas — daquele homem solitário em sua jaula com assoalho de vidro; os cães; a escuridão. Na maioria deles, não em todos, aparecia o rosto de Carys; às vezes intrigado, às vezes descuidado; quase sempre fechado para ele, espiando entre as cortinas das suas pestanas, como se o invejasse. Tarde da noite, quando o bebê do apartamento de baixo adormecesse e o único som fosse do tráfego em High Road, reveria os filmes dos momentos mais íntimos entre eles, momentos preciosos demais para uma recordação indiscriminada, pois seu poder talvez se enfraquecesse com a repetição.

Por algum tempo tentou esquecê-la, era mais conveniente.

Agora agarrava-se à lembrança daquele rosto, cheio de saudade. Imaginou se a veria outra vez.

Os jornais de domingo tinham mais notícias sobre a morte. O Sunday Times publicou no seu suplemento ilustrado um artigo intitulado *O Mais Misterioso Milionário da Grã-Bretanha*, escrito por Lawrence Dwoskin “durante muitos anos sócio e confidente do Howard Hughes britânico”.

Marty leu o artigo duas vezes, não podendo evitar a associação das palavras impressas com a voz insinuante de Dwoskin:

“.. ele foi, de muitos modos, um exemplo”, dizia,... “embora a história do seu isolamento e boatos, muito deles dolorosos para um homem com a sensibilidade de Joseph. Durante todos os anos de sua vida pública, exposto ao escrutínio de uma imprensa nem sempre benevolente, jamais se revoltou com as críticas, implícitas ou explícitas. Para os poucos de nós que o conhecíamos bem, revelava uma natureza mais suscetível a certo tipo de críticas do que podia sugerir sua aprência externa de indiferença. Quando ouvia rumores de censura à sua suposta má conduta, ou aos excessos que lhe imputavam, isso o feria profundamente, mesmo porque, desde a morte de sua adorada esposa Evangeline, em 1965, Joseph tornara-se o mais austero dos homens, sexual e moralmente.”

Marty leu essa cantilena melosa sentindo um gosto amargo na boca. A canonização do velho já estava começando. Logo, sem dúvida, viriam as biografias autorizadas — e depois expurgadas — pelos herdeiros, transformando sua vida em um série de fábulas elogiosas, pelas quais seria lembrado. O processo o deixava nauseado. Lendo as banalidades no texto de Dwoskin, Marty sentiu que estava adotando uma atitude imprevisível de defesa das fraquezas do velho homem, como se tudo o que o fazia realmente único — que o fazia real — estivesse ameaçado do ser apagado para sempre.

Leu o artigo de Dwoskin até seu final piegas e pôs de lado o jornal. O único detalhe interessante era a menção dos serviços fúnebres, que seriam realizados numa pequena igreja em Minster Lovell no dia seguinte. O corpo seria então cremado. Por mais perigoso que isso fosse, Marty resolveu que iria prestar seus últimos respeitos.

NA verdade os serviços fúnebres atraíram tantos curiosos, desde observadores casuais até os habituais farejadores de escândalo, que a

presença de Marty passou praticamente despercebida. Tudo aquilo tinha uma aura de irrealidade, como se tivesse sido planejado para que o mundo soubesse que o grande homem estava morto. Havia correspondentes e fotógrafos de toda a Europa além do clã de Fleet Street; e entre os presentes, alguns dos rostos mais famosos da vida pública: políticos, autoridades em várias profissões, capitães de indústria e até mesmo alguns astros de cinema cuja única reivindicação à fama era a própria fama. A presença de tantas celebridades atraiu centenas de curiosos inveterados. A pequena igreja, o pátio em volta dela e a rua em volta do pátio, estavam repletos. O serviço foi transmitido para os que estavam do lado de fora por meio de alto-falantes, um detalhe curioso e perturbador. A voz do oficiante se tornava fina e teatral no sistema de som, seu elogio pontuado pela percussão amplificada de tosses e arrastar de pés.

Marty não gostou de ouvir o serviço fúnebre desse modo, assim como não gostou dos turistas, impropriamente vestidos para um funeral, que passavam pelas lajes do cemitério da igreja e se agrupavam no gramado, esperando com mal contida impaciência o fim daquela interrupção no seu devaneio. Whitehead havia despertado o misantropo que dormia em Marty e ocupava agora um lugar permanente na sua visão do mundo. Olhando aquele grupo afogueado pelo calor e de olhos vazios, no pequeno cemitério, sentiu-se invadido por um grande desprezo. Teve vontade de dar as costas àquela mistura e sair dali. Mas o desejo de ver representada aquela cena final superou o impulso, e ele esperou entre a multidão, enquanto vespas zuniam sobre as cabeças lambuzadas das crianças e uma mulher com o físico de um louva-deus flertava com ele do topo de um túmulo.

Alguém estava lendo o evangelho. Um ator, a julgar pelo tom pomposo. Foi anunciado um trecho dos Salmos, mas Marty não o reconheceu.

Quando a leitura estava quase no fim, um carro parou na frente do portão principal. Cabeças se voltaram e câmeras funcionaram quando duas pessoas saíram dele. Um murmúrio percorreu a multidão; aqueles que se haviam sentado levantaram-se curiosos. Alguma coisa despertou Marty da letargia e ele também ficou na ponta dos pés para ver os retardatários, que faziam uma entrada quase triunfal. Espiou por entre as cabeças à sua frente, conseguiu ver, perdeu-os de vista outra vez, disse “não” em voz baixa, sem acreditar no que via; depois abriu caminho entre o povo, tentando acompanhar Maumolian, que, com Carys de véu negro ao seu lado,

deslizava do portão até o pórtico e desaparecia na igreja. “Quem eram?” alguém perguntou a Marty. “Sabe quem são eles?”

O Inferno, Marty pensou em responder. O próprio Demônio.

Mamoulian estava ali! Em plena luz do dia, o sol na sua nuca, caminhando de braço dado com Carys como marido e mulher, deixando que as câmeras os registrassem para a edição do dia seguinte. Aparentemente ele não tinha medo. Aquela chegada tardia, tão calculada, tão irônica, era um gesto final de desprezo. E por que ela estava fazendo o seu jogo? Por que não tirava a mão dele do seu braço e o denunciava como o monstro anormal, que ele era? Porque ela devia ter voluntariamente ingressado em seu séquito, tal qual Whitehead havia previsto. A procura do quê? Se alguém que estimulasse aquela tendência para o niilismo que havia nela, que lhe ensinasse as belas artes da morte? E o que devia estar dando em troca? Ah, eis a questão nevrálgica.

O serviço fúnebre finalmente terminou. Então, para alegria e espanto das pessoas ali reunidas, um saxofone fanhoso rompeu a solenidade e uma execução jazística de Fools Rush In explodiu estrondosa nos alto-falantes. Provavelmente uma sarcástica brincadeira póstuma de Whitehead. Conseguiu as risadas que talvez pretendesse, e algumas pessoas chegaram até a aplaudir. De dentro da igreja veio o ruído das pessoas se levantando. Marty esticou o pescoço para ver melhor a entrada e, não conseguindo, voltou, abrindo caminho, até uma sepultura de onde tivesse melhor visão. Havia muitos pássaros nas árvores emurchecidas pelo calor, e ele se distraiu com suas revoadas alegres. Quando olhou para a igreja outra vez, o caixão estava quase paralelo com ele, carregado, entre outros, por Curtsinger e Ottaway. A urna, de tão simples, parecia quase indecentemente exposta. Marty imaginou o que deviam ter vestido no velho, se haviam aparado sua barba e costurado suas pálpebras.

A procissão dos acompanhantes seguiu o caixão, um cortejo negro que dividiu o mar colorido dos turistas. À esquerda e à direita as máquinas fotográficas funcionavam; algum idiota disse. “Olha o passarinho!” O jazz continuava. Tudo satisfatoriamente absurdo. O velho, pensou Marty, devia estar sorrindo dentro do caixão.

Finalmente Carys e Mamoulian emergiram da sombra do pórtico para o brilho da tarde, e Marty viu com certeza que ela examinava a multidão cautelosamente para que seu companheiro não notasse. Estava à procura

dele, não tinha dúvida. Sabia que Marty devia estar ali, em algum lugar e o procurava. A mente de Marty disparou, tropeçando sobre si mesma no turbilhão. Se fizesse um sinal para ela, por mais discreto que fosse, era quase certo que Mamoulian perceberia, o que ia ser perigoso para ambos. Melhor esconder-se então, embora lhe fosse doloroso não poder trocar um olhar com Carys.

Desceu relutantemente do túmulo quando a procissão chegou à sua frente, mas ficou à espreita, protegido pela multidão. O Europeu estava de cabeça baixa e, pelo que Marty podia observar, Carys havia desistido da procura talvez tendo perdido a esperança de que ele estivesse ali. Quando o caixão e sua grande cauda negra saíram do pátio da igreja, Marty se afastou e passou por cima duma mureta para observar de um ponto mais favorável.

Na rua, Mamoulian conversava com alguns dos acompanhantes. Trocaram apertos de mão; Carys recebeu os pêsames. Marty observara impaciente. Talvez ela e o Europeu se separassem no meio de tanta gente e ele poderia se mostrar, nem que fosse por alguns momentos, para que ela soubesse de sua presença. Mas não aconteceu. Mamoulian era o perfeito guardião, mantendo Carys perto dele o tempo todo. Terminados os cumprimentos e as despedidas, entraram no Rover verde escuro com motorista e partiram. Marty correu para o Citroen. Não podia perdê-la agora, não importando o que acontecesse; era talvez sua última oportunidade de saber onde Carys estava. A perseguição não foi fácil. Tão logo se livrou das pequenas estradas vicinais e entrou na principal, O Rover acelerou com insolente facilidade. Marty o seguiu discretamente, dentro do que lhe permitiam os imperativos da tática e da excitação.

No banco traseiro do carro Carys teve um pensamento estranho e fugidio. Sempre que fechava as pálpebras para piscar ou para proteger os olhos do brilho do sol, um vulto aparecia: um homem correndo. Ela o reconheceu imediatamente: o jog-ging cinzento, a nuvem de vapor saindo na frente do capuz, indicaram-lhe o nome antes que visse o seu rosto. Teve vontade de olhar para trás, para ver se ele estava realmente perto deles, em algum lugar. Mas não era tola: Mamoulian perceberia que algo estava acontecendo, se não tivesse percebido ainda.

O Europeu olhou para ela. “Que garota fechada”, pensou. Nunca sabia realmente o que Carys estava pensando. Nesse ponto era igual à mãe. Mamoulian, depois de algum tempo, conseguia ler o rosto de Joseph, mas Evangeline raramente deixava transparecer o que estava sentindo. Durante alguns meses pensou que ela era indiferente à sua presença na casa; só o futuro lhe contaria a verdadeira história da sua conspiração contra ele. Às vezes suspeitava que Carys estivesse fazendo o mesmo. Não era obediente demais? Agora, por exemplo, havia nos seus lábios a leve sugestão de um sorriso.

— Achou divertido? — perguntou ele.

— O quê?

— O funeral.

— Não — respondeu ela imediatamente. — É claro que não!

— Mas você estava sorrindo.

O leve traço de sorriso evaporou-se; o rosto dela ficou sombrio.

— Havia um ar um tanto grotesco de farsa, acho eu — continuou com voz inexpressiva — aquela gente toda posando para as fotografias...

— Não acredita no sentimento deles?

— Eles nunca o amaram.

— E você?

Carys pensou antes de responder.

— Amor... — deixou que a palavra flutuasse no ar quente para ver no que se transformava. — Sim. Acho que o amava.

Ela o preocupava. Gostaria de ter mais domínio sobre a mente de Carys, mas seus esforços não tinham resultado. O medo das visões terríveis que ele podia criar era certamente responsável por aquele verniz de delicadeza, mas Mamoulian duvidava que com isso a pudesse controlar completamente. Os terrores era um estímulo útil, mas a lei das reações decrescentes se aplicava; cada vez que lutava contra ela, Mamoulian era obrigado a procurar algo novo e mais assustador e isso o deixava exausto.

E agora, para acrescentar o insulto à injúria, Joseph estava morto. Partira — de acordo com o que tinha ouvido no funeral — “tranquilamente enquanto dormia”. Nem mesmo diziam morreu; essa vulgaridade fora exorcizada do vocabulário de todos os interessados. Tinha partido, para além ou para longe; estava dormindo. Mas morto nunca. A vulgaridade e o

sentimentalismo que haviam acompanhado o ladrão à sepultura revoltavam o Europeu. Mas revoltava-se mais ainda contra si mesmo, por ter deixado Whitehead partir. Não uma vez, mas duas vezes, traído pelo próprio desejo perfeccionista de encerrar o jogo com atenção aos mínimos detalhes, assim como a preocupação em convencê-lo a entrar voluntariamente no vazio. Esse adiamento causara sua ruína: enquanto apenas o ameaçava blefando com visões, o velho bode silenciosamente escapara da plenitude de sua vingança.

Podia não ter sido esse o fim da história. Afinal, Mamoulian tinha o poder de seguir Whitehead até o mundo dos mortos e trazê-lo de volta, desde que conseguisse chegar até perto do cadáver. Mas o velho havia previsto essa possibilidade. O corpo não fora visto nem mesmo por seus companheiros mais chegados. Eles o haviam mantido num cofre no banco (tão adequadamente!) e guardado noite e dia para grande prazer dos tablóides, que adoravam tais excentricidades. Naquela mesma noite estaria transformado em cinzas e a última oportunidade de Mamoulian para uma reunião permanente estaria perdida.

Contudo...

Por que lhe vinha aquela idéia de que os jogos de que tinham participado durante todos aqueles anos — os jogos da Tentação, da Revelação, da Rejeição, da Aviltamento e da Maldição — não estavam completamente terminados? Sua intuição, não menos do que sua força física estava enfraquecendo, mas algo lhe dizia que alguma coisa estava errada. Pensou no sorriso da mulher ao seu lado; no segredo em seu rosto.

— Ele está morto? — Mamoulian perguntou bruscamente.

A pergunta aparentemente a deixou confusa.

— Claro que está!

— Está mesmo, Carys?

— Pelo amor de Deus, acabamos de comparecer a seus funerais.

Carys sentiu a presença de seu espírito como algo sólido pressionando-lhe a nuca. Haviam representado essa cena várias vezes nas últimas semanas — o teste de força entre duas vontades — e sabia que ele cada vez ficava mais fraco. Não a ponto de ser ignorado, porém; podia ainda conjurar terrores sem conta, se o quisesse.

— Diga-me o que está pensando... — pediu ele — ... para que eu não precise cavar para descobrir.

Se não respondesse e ele penetrasse à força, na certa veria o homem correndo.

— Por favor — pediu ela, fingindo-se acovardada, — não me faça sofrer.

— Ele está morto, mesmo? — perguntou Mamoulian outra vez.

— Na noite em que ele morreu... — começou ela. O que mais podia contar a não ser a verdade? Nenhuma mentira seria suficiente, ele ia saber — ... na noite que disseram que ele morreu, não senti nada. Nenhuma mudança. Não foi como quando mamãe morreu.

Olhou timidamente para Mamoulian, realçando o ar de servidão.

— E o que é que você deduz disso? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu honestamente.

— O que você supõe?

Honestamente, mais uma vez:

— Que ele não está morto.

Apareceu o primeiro sorriso que Carys já vira nos lábios do Europeu. Uma leve insinuação, mas estava lá. Sentiu que ele retirava as garras do seu pensamento contentando-se com a própria meditação. Não insistiria mais. Planos demais a serem feitos.

“Oh, Peregrino”, murmurou Mamoulian para si mesmo, censurando o inimigo invisível como se ele fosse um filho amado, mas erradio, “você *quase* me enganou”.

Marty seguiu o carro quando ele saiu da estrada e atravessou a cidade até a casa na Rua Caliban. A noite começava quando essa perseguição terminou. Estacionado a uma distância prudente, viu-os sair do carro. O Europeu pagou ao motorista e, depois de alguma demora em abrir a porta da frente, ele e Carys entraram na casa cujas cortinas sujas e pintura descascada não sugeriam nada de anormal naquela rua onde todas as casas precisavam de uma reforma. Uma luz se acendeu no andar do meio, uma cortina foi fechada.

Ficou no carro durante uma hora, vigiando a casa, mas nada aconteceu. Ela não apareceu na janela, nenhum bilhete foi jogado para fora, enrolado em pedras e em beijos para o herói ansioso. Mas Marty na verdade não

esperava uma dessas cenas de ficção, pois aquilo ali era real: paredes sujas, janelas sujas, terrores sujos movendo-se sorrateiros em suas entranhas.

Desde a notícia da morte de Whitehead, Marty não tinha feito uma só refeição decente; agora, pela primeira vez desde aquela manhã sentiu uma fome saudável. Deixando a casa ser envolvida pelo lusco-fusco crescente, saiu à procura de alguma coisa para comer.

Luther estava fazendo as malas. Os dias que se seguiram à morte de Whitehead tinham sido um turbilhão, e ele estava atordoado. Com tanto dinheiro no bolso, e cada minuto pensava numa nova opção, uma fantasia agora realizável. A curto prazo tinha resolvido voltar à Jamaica, para umas longas férias. Deixara sua terra quando tinha oito anos, há dezenove anos; suas lembranças da ilha eram maravilhosas. Estava preparado para se desapontar, mas, se não gostasse, não tinha importância. Um homem com uma nova fortuna não precisava ter planos específicos; podia ir para outro lugar. Outra ilha, outro continente.

Tinha quase terminado os preparativos da partida quando alguém o chamou lá embaixo. Não reconheceu a voz.

— Luther? Você está aí?

Foi até o topo da escada. A mulher com quem tinha compartilhado aquele alojamento se fora, há seis meses, levando os filhos. Para todos os fins e efeitos a casa deveria estar desocupada, mas eis que havia alguém lá a procurar por ele lá embaixo; não uma, mas duas pessoas. Seu interlocutor, um homem alto, imponente, olhou para cima, a luz do patamar refletindo na testa larga e lisa. Luther reconheceu-lhe ligeiramente o rosto: do funeral, talvez? Atrás dele, na sombra, estava um vulto mais pesado.

— Uma palavrinha — disse o primeiro.

— Como entrou aqui? Que diabo é você?

— Só uma palavrinha. Sobre seu patrão.

São da imprensa, é isso? Escutem, já disse tudo que sabia. Agora, dêem o fora daqui antes que eu chame a polícia. Não têm o direito de invadir a casa.

O segundo homem saiu das sombras e olhou para cima. Seu rosto estava maquilado, mesmo daquela distância dava para perceber. A carne empoadada, as faces com ruge; parecia uma prostituta de pantomima. Luther recuou, assustado com o que via.

— Não tenha medo — tranquilizou-o o primeiro homem, mas o tom de sua voz aumentou o receio de Luther. Quanta coisa se podia esconder atrás daquela delicadeza...

— Se não saírem em dez segundos... — avisou ele.

— Onde está Joseph? — perguntou o homem cortês.

— Morto.

— Tem certeza?

— É claro que tenho. Eu o vi no funeral, não vi? Não sei quem é...

— Meu nome é Mamoulian.

— Muito bem, estava lá, não estava? Viu tudo. Ele está morto.

— Eu vi um caixão.

— Ele está morto, cara — insistiu Luther.

— Se não me engano, foi você quem o encontrou — continuou o Europeu, dando alguns passos silenciosos até o primeiro degrau da escada.

— Isso mesmo. Na cama — respondeu Luther. Talvez fossem mesmo da imprensa. — Eu o encontrei na cama. Morreu dormindo.

— Venha até aqui. Descreva os detalhes, por favor.

— Estou muito bem aqui.

O Europeu olhou para o rosto intrigado do motorista: seu poder mental tocou-lhe, tentativamente, a nuca. Estava muito quente e muito suja, desaconselhando uma prospecção. Havia outros métodos, mais grosseiros entretanto. Fez um sinal para o Engolidor de Giletes, cuja presença com cheiro de sândalo ele sentia muito perto.

— Este é Anthony Breer — apresentou Mamoulian. — Ele é capaz de despachar crianças e cães — lembra-se dos cachorros, Luther? Com admirável perfeição. Ele não tem medo da morte. Na verdade, tem uma profunda camaradagem com ela.

A cara de pantomima brilhou lá embaixo, os olhos cheios de desejo.

— Agora, por favor — insistiu —, para o bem de nós dois, diga-me a verdade.

A garganta de Luther estava tão seca que as palavras saíram com dificuldade.

— O velho está morto. É tudo que eu sei. Se soubesse mais, eu diria.

Mamoulian fez um gesto afirmativo; sua expressão, quando falou, era de compaixão, como se realmente temesse o que podia acontecer.

— Está me dizendo uma coisa em que eu gostaria de acreditar; e a diz com tanta convicção que estou quase acreditando. Em princípio, até posso ir embora, satisfeito, e você segue seu caminho. Só que... — suspirou pesadamente — só que não acredito o *bastante*.

Escute, esta é a porra da minha casa! — explodiu Luther, percebendo que devia tomar medidas extremas. O homem chamado Breer estava desabotoando o paletó. Não usava camisa debaixo dele. Espetos cruzavam a gordura do seu peito, enfiados horizontalmente nos mamilos. Ergueu a mão e retirou dois; não sangrou. Armado com aquelas agulhas de aço, andou pesadamente até a escada.

— Eu não fiz nada! — implorou Luther.

— É o que você diz.

O Engolidor de Giletas começou a subir. O tórax não-empoado era sem pêlos e amarelado.

— Espere!

Ao grito de Luther, Breer parou.

— Então? — perguntou Mamoulian.

— Mande ele ficar longe de mim!

— Se tem alguma coisa para me dizer, diga logo. Estou mais do que disposto a ouvir.

Luther fez um gesto afirmativo. O rosto de Breer registrou desapontamento. Luther engoliu em seco antes de falar. Tinha recebido o que para ele era uma pequena fortuna para não contar o que ia contar agora, mas Whitehead não lhe tinha dito que a coisa podia engrossar. Esperava uma confusão de repórteres curiosos, talvez até alguma oferta lucrativa para dar uma entrevista aos jornais de domingo, mas não isto; não aquele ogre, com cara de boneca e ferimentos sem sangue. Havia um limite para o silêncio que o dinheiro podia comprar, pelo amor de Deus!

— O que tem para dizer? perguntou Mamoulian.

— Ele não está morto — respondeu Luther. Pronto! Não fora tão difícil, afinal. — Foi tudo arranjado. Só duas ou três pessoas sabem: eu sou uma delas.

— Por que você?

Luther não tinha muita certeza disso.

— Acho que ele confiava em mim — respondeu, erguendo os ombros.

— Ah.

— Além disso, alguém tinha de encontrar o corpo e eu era o candidato mais confiável. Ele só queria desaparecer. Recomeçar a vida onde não pudesse ser encontrado

— E onde é isso?

Luther balançou a cabeça.

— Não sei, cara. Em qualquer lugar, eu acho, onde ninguém o conheça. Ele não me disse.

— Deve ter insinuado.

— Não.

— Breer se entusiasmou com o laconismo de Luther, seu olhar brilhou.

— Ora, vamos — disse Mamoulian persuasivo. — Você me deu o filão principal, que mal há em dizer o resto?

— Não há nada mais.

— Por que criar dor para você mesmo?

— Ele não me contou, cara! — Breer subiu um degrau; e outro; e outro.

— Deve ter dado alguma idéia — insistia Mamoulian. — Pense! Pense! Disse que confiava em você.

— Mas não tanto! Ei, tira ele de perto de mim, está bem?

Os espetos cintilaram.

— Pelo amor de Deus, tire ele daqui!

XXX

Era uma pena. Para começar, uma pena que um ser humano pudesse praticar aquele tipo de brutalidade sorridente em outro. Depois, pena porque Luther não sabia mesmo de mais nada. Seus fundos de informações eram,

como tinha dito, estritamente limitados. Quando o Europeu se convenceu da ignorância de Luther, não havia nada mais a fazer. Bem, isso não era bem verdade. Sua ressurreição até que era perfeitamente plausível. Mas Mamoulian tinha coisas melhores para fazer com sua decrescente energia; além disso, deixar que o homem continuasse morto era um modo de compensar seu sofrimento inútil. “Joseph. Joseph. Joseph”, censurou Mamoulian. E as trevas desceram.

X Nada; e Depois

54

Depois de providenciar tudo o que precisava para uma longa vigilância nas proximidades da casa da Rua Caliban — material de leitura, comida, bebida —, Marty voltou e vigiou quase a noite toda, tendo por companhia uma garrafa de *Chivas Regal* e o rádio do carro. Um pouco antes do amanhecer, abandonou o posto, voltou bêbado para seu quarto e dormiu quase até o meio-dia. Quando acordou, sua cabeça parecia do tamanho de um balão, mas ele se deu um objetivo concreto para o dia que começava. Nada de sonhar com o Kansas, agora; concentrar-se-ia naquela casa e no fato de Carys estar trancada lá dentro.

Depois de comer alguns hambúrgueres, voltou à Rua Caliban, estacionando o carro a uma distância prudente, mas de onde podia ver quem saía e quem entrava. Passou os três dias seguintes — nos quais a temperatura subiu de quase trinta graus para quase quarenta — no mesmo lugar. Às vezes cochilava des-confortavelmente no carro; mas quase sempre ia até Kilburn para uma ou duas horas de sono. Passou a conhecer a fornalha da rua em todas as suas modalidades. Ele a via um pouco antes do nascer do sol, cintilando para se firmar. Ele a via no meio da manhã, jovens mulheres saindo atarefadas e apressadas com seus filhos; nas tardes brilhantes também; e, ao cair da noite, quando a luz caramelada do sol poente fazia exultar o tijolo e a pedra. As vidas públicas e privadas dos calibaneses desenrolavam-se na frente dele. A criança espasmódica do número sessenta e sete, cuja lúria era um vício secreto; a mulher do número oitenta e um, que recebia um homem em sua casa todos os dias, às 12:45. O marido, policial, a julgar pela camisa e gravata, era recebido à porta, todas as noites, com um ardor amoroso proporcional ao tempo que o amante e a mulher tinha passado juntos na hora do almoço. Havia mais: dez, vinte histórias que se entrelaçavam e voltavam a se separar.

Quanto à casa que vigiava, percebera alguma atividade ocasional nela, mas não viu Carys nem uma vez. As persianas nas janelas do centro ficavam abaixadas durante o dia todo e só se abriam no fim da tarde, quando o calor mais forte já tinha passado. A única janela do último andar parecia permanentemente fechada por dentro.

Marty concluiu que só havia duas outras pessoas na casa, além de Carys. Uma, naturalmente, era o Europeu. A outra era o açougueiro, o monstro que quase tinha encarado no Santuário: o matador de cachorros. Ele entrava e saía uma ou duas vezes por dia, geralmente para algum serviço trivial. Uma visão repugnante, com o rosto maquilado, o andar gingado, os olhares sorrateiros que lançava às crianças na rua.

Naqueles três dias Mamoulian não saiu de casa; pelo menos Marty não o viu sair. Podia aparecer rapidamente na janela do andar térreo e olhar para a rua cheia de sol, mas era raro. E enquanto ele estivesse na casa, Marty sabia que não adiantava tentar nada. Nenhum grau de coragem — e ele sabia não possuí-la em suprimento ilimitado — seria arma à altura dos poderes do Europeu. Não. Devia esperar por uma oportunidade mais segura.

No quinto dia de vigilância, com o calor ainda subindo, a sorte o favoreceu. Às oito e cinquenta da noite, quando a escuridão invadia a rua, um táxi parou na frente da casa e Mamoulian, vestido para o cassino, entrou nele. Quase uma hora depois o outro homem apareceu na porta, seu rosto indefinido na escuridão que se adensava, mas de certo modo faminto. Marty o viu trancar a porta e olhar para a direita e para a esquerda antes de se afastar. Esperou que o vulto oscilante desaparecesse na esquina da Rua Caliban e saiu do carro. Resolvido a não incorrer no menor erro nessa primeira — e provavelmente única — chance de salvar Carys, foi até a esquina a fim de verificar se o açougueiro não estava apenas dando um passeio noturno. Mas o vulto do homem, inconfundível, caminhava na direção da cidade, envolvido nas sombras do caminho. Só quando seu vulto desapareceu ao longe foi que Marty voltou para perto da casa.

Todas as janelas estavam trancadas, na frente e nos fundos; não se via luz alguma. Talvez — que dúvida torturante! — ela nem estivesse na casa; talvez tivesse saído enquanto ele cochilara no carro. Pediu aos céus que não; rezando, abriu a porta dos fundos com uma gazua comprada exatamente para isso. Tinha consigo uma lanterna: os instrumentos básicos de todo arrombador que se preze.

Dentro, a atmosfera era estéril. Começou a revistar sala por sala do andar térreo, determinado a ser tão sistemático quanto possível. Não era hora de comportamento não-profissional; nada de gritos, nada de pressa; apenas uma investigação cautelosa e eficiente. As salas estavam todas vazias, de gente e de móveis. Algumas peças, deixadas pelos antigos moradores, enfatizavam, ao invés de mitigá-las, a sensação de isolamento. Subiu o primeiro lance de escadas.

No segundo andar encontrou o quarto de Breer. O mau-cheiro era terrível: uma mistura pavorosa de perfume e carne putrefata. No canto, uma televisão branco e preto, de tela grande, estava ligada, o som reduzido a um murmúrio sibilante; apresentava um programa de perguntas e respostas. O apresentador gritava silenciosamente, fingindo desespero com a derrota de um candidato. A luz ondulante e metálica iluminava os poucos objetos do quarto: uma cama com colchão nu e alguns almofadões manchados; um espelho enconstado numa cadeira, em cujo assento havia frascos de cosméticos e água de colônia. Nas paredes havia fotografias arrancadas de um livro sobre atrocidades de guerra. Marty olhou para elas rapidamente, mas os detalhes, mesmo naquela luz, eram impressionantes. Fechou a porta daquele antro e tentou o quarto ao lado. Era a privada. Depois, vinha o banheiro. A quarta e última porta do andar ficava escondida em um meio corredor e estava trancada. Marty girou a maçaneta uma, duas vezes, para um lado e para o outro e depois encostou o ouvido na porta, esperando ouvir algum barulho.

— Carys?

Nenhuma resposta, nenhum som.

— Carys? É Marty. Está me ouvindo? — Sacudiu a maçaneta com mais força — É Marty.

A impaciência o dominou. Ela estava ali — do outro lado da porta —, de repente teve certeza absoluta da presença dela. Chutou a porta, mais por frustração do que por outra coisa; depois, erguendo o calcanhar à altura da fechadura, empurrou com toda a força. A madeira começou a rachar. Mais uma meia dúzia de golpes e a fechadura se partiu; Marty encostou o ombro na porta e empurrou.

O quarto cheirava a ela; estava quente com seu calor. A não ser porém por sua presença e seu calor, estava praticamente vazio. Um balde num canto e alguns pratos vazios; livros espalhados, um cobertor, uma mesinha

com todo o material: agulhas, seringa, pires, fósforos. Carys estava enrodilhada num dos cantos do quarto. Em outro havia um abajur com lâmpada de baixa voltagem, sua cúpula parcialmente coberta com um pedaço de camiseta e bermuda. Outras peças de roupa, jeans, suéteres, blusas, espalhavam-se pelo chão. Quando ela olhou para ele, Marty viu que seu cabelo grudava na testa coberta de suor.

— Carys.

A princípio ela não pareceu reconhecê-lo.

— Sou eu. Marty!

A testa brilhante se franziu de leve.

— Marty? — perguntou ela, a voz um murmúrio. O franzido se acentuou.

Marty não tinha certeza de que ela o estivesse vendo; os olhos de Carys nadavam nas órbitas.

— Marty — repetiu ela e dessa vez o nome pareceu significar alguma coisa.

— Sim, sou eu!

Atravessou o quarto e Carys pareceu chocada com a rapidez da sua aproximação. Os olhos se abriram mais, o reconhecimento inundou-os, com o medo ao lado. Carys ergueu um pouco o corpo com a camiseta grudada e molhada de suor. A parte interna do braço estava cheia de picadas e manchas roxas.

— Não chegue perto de mim.

— O que há?

— Não chegue perto de mim!

Marty recuou um passo com a ferocidade da ordem. Que diabo tinham feito com ela?

Carys sentou-se e pôs a cabeça entre as pernas, os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Espere... — murmurou ela.

Sua respiração estava regular. Marty esperou, percebendo pela primeira vez que o quarto parecia vibrar. Talvez não só o quarto; talvez aquele zumbido — como um gerador zunindo em algum lugar da casa — estivesse no ar desde que chegara. Mas ele não tinha notado. Agora, esperando que ela terminasse o ritual, fosse qual fosse, o ruído começou a irritar Marty. Sutil, mas tão persuasivo que era impossível, depois de ouvi-lo por alguns

segundos, dizer se não era alguma alucinação auditiva. Engoliu em seco; seus seios nasais estalaram. O som continuou, monótono. Finalmente Carys ergueu os olhos.

— Tudo bem. Ele não está aqui.

— Eu podia ter dito isso. Ele saiu há duas horas. Eu o vi sair.

— Ele não precisa estar aqui fisicamente — explicou ela, massageando a nuca.

— Você está bem?

— Estou ótima. — Falava como se tivessem estado juntos na véspera.

Marty sentiu-se tolo, como se seu ato de salvamento, seu desejo de apanhar Carys e correr fosse impróprio, até mesmo redundante.

— Vamos cair fora — disse ele. — Eles podem voltar.

Carys balançou a cabeça.

— Não adianta.

— O que quer dizer com não adianta?

— Sei muito bem! Já o vi fazê-las.

Pensou em Bella, a pobre Bella com os filhotes mamando a podridão. Já tinha visto mais do que suficiente.

— Não adianta tentar escapar — insistiu Carys. — Ele tem acesso à minha cabeça. Sou um livro aberto para ele.

Era um exagero. Ele a controlava cada vez menos. Mas Carys estava cansada da luta, quase tão cansada quanto o Europeu. Às vezes imaginava se ele não lhe tinha transmitido seu cansaço do mundo, se algum vestígio dele no seu córtex não havia liquidado todas as possibilidades com o receio de sua dissolução. Sentia isso agora, ao olhar para Marty, com cujo rosto sonhava, cujo corpo tinha desejado. Antevia seu envelhecimento, sua fraqueza e sua morte, pois tudo enfraquecia e morria. Por que ficar de pé, perguntava a doença no seu organismo, se é só uma questão de tempo até cair outra vez?

— Você não consegue bloquear a prisão de seu espírito? — perguntou Marty.

— Sou fraca demais para resistir. Com você ficarei mais fraca ainda.

— Por quê? — As palavras dela o chocaram.

— Assim que eu relaxar, ele entra. Compreende? No momento em que eu me entregar a qualquer coisa, a qualquer pessoa, ele pode me invadir.

Marty pensou no rosto de Carys no travesseiro e como, por um momento insano, outro rosto pareceu espiar por entre seus dedos. O Último Europeu estava espiando, compartilhando a experiência. Um *ménage à trois* com o homem, a mulher e o espírito possuidor. A obscenidade tocou cordas de profunda raiva dentro dele; não a raiva superficial do homem honesto, mas sua rejeição profunda do Europeu em toda a sua decadência. Fossem quais fossem as consequências, não ia se deixar convencer e abandonar Carys aos caprichos de Mamoulian. Se fosse preciso, ele a levaria à força. Quando estivessem fora daquela casa cheia de zumbidos, onde o desespero descascava o papel da parede, ela se daria conta do quanto a vida pode ser boa; ele a faria lembrar-se disso Marty aproximou-se outra vez e se abaixou para tocá-la. Carys se encolheu.

— Ele está ocupado — garantiu Marty —, está no cassino.

— Ele vai matar você — disse ela simplesmente — se souber que esteve aqui.

— Ele vai querer me matar de qualquer modo, agora. Eu me intrometi. Já estive no seu covil e vou destruí-lo antes de sair, para que não se esqueça mesmo de mim.

— Faça o que quiser — ela ergueu os ombros. — O problema é seu. Mas me deixe em paz.

Então Papá estava certo — resmungou Marty com amargura.

— Papá? O que foi que ele disse?

— Que você sempre quis estar com Mamoulian.

— Não.

— Você quer ser igual a ele!

— Não, Marty, não!

— Suponho que ele lhe fornece droga da melhor qualidade, não é? E eu não posso, certo? — Ela não negou; apenas fechou a cara. — Que droga estou fazendo aqui? Você está feliz, não está? Cristo, você está feliz!

Era risível pensar como se havia enganado quanto àquele salvamento. Ela estaria satisfeita naquele antro, desde que tivesse a droga. A conversa das invasões mentais de Mamoulian era fingimento. No seu coração podia perdoar qualquer crime que ele tivesse cometido, desde que lhe desse a droga.

Marty levantou-se.

— Onde fica o quarto dele?

— Não, Marty.

— Quero ver onde ele dorme. Onde é?

Carys levantou-se segurando o braço dele. Suas mãos estavam quentes e úmidas.

— Por favor, vá embora, Marty. Isto não é um jogo. Não é do tipo em que tudo é perdoado no fim, sabe? Não acaba nem quando você morre. Compreende o que estou dizendo?

— Oh, sim. Eu compreendo. — Encostou a palma da mão no rosto dela. O hálito de Carys era azedo. O dele também, pensou Marty, mas por causa da bebida.

— Não sou mais tão inocente quanto era. Sei o que está acontecendo. Não tudo, mas já sei bastante. Vi coisas que peço a Deus não ver nunca mais, ouvi histórias... Cristo, eu compreendo. — Como podia convencê-la? — Estou morrendo de medo. Nunca tive tanto medo em toda a minha vida.

— Tem razão para isso — replicou ela secamente.

— Não se importa com o que pode acontecer com você?

— Não muito.

— Eu arranjo a droga para você. Se isso é tudo o que prende você aqui; eu arranjo.

Teria uma dúvida passado pelo rosto dela? Marty pressionou.

— Vi você me procurando no funeral.

— Você estava lá?

— Por que estava me procurando, se não queria que eu viesse?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Pensei que tivesse ido com Papá.

— Morto, quer dizer?

Ela franziu a testa.

— Não. Que tivesse ido embora. Para onde ele foi.

Marty precisou de alguns momentos para entender. Finalmente perguntou:

— Está querendo me dizer que ele não está morto?

Ela balançou a cabeça.

— Pensei que soubesse. Pensei que estivesse envolvido na fuga.

Ah! Agora estava claro! O velho finório não estava morto. Grandes homens não se deitam para simplesmente morrer nos bastidores. Ganham tempo durante os atos intermediários — reverenciados, chorados ou

vilipendiados — para ainda voltarem a aparecer numa grande cena final. Uma cena de morte, ou até um casamento...

— Onde ele está? — perguntou.

— Não sei, e Mamoulian também não sabe. Ele me tentou obrigar a encontrá-lo, como encontrei Toy, mas não consegui. Perdi o foco. Até tentei encontrar você uma vez. Foi inútil. Mal conseguia levar meu pensamento além das portas da frente.

— Mas encontrou Toy?

— Isso foi no começo. Agora... estou acabada. Digo a ele que isso me machuca. Como se alguma coisa estivesse para se quebrar dentro de mim.

— Dor, lembrada e real, apareceu no seu rosto.

— E ainda assim quer ficar?

— Tudo vai acabar logo. Para nós todos.

— Venha comigo. Tenho amigos que podem nos ajudar — pediu ele, segurando-lhe os pulsos. — Meu Deus, não vê que preciso de você? Por favor. Preciso de você.

— Não sirvo para nada. Sou fraca.

— Eu também. Também sou fraco. Somos dignos um do outro.

A ideia, com todo seu cinismo, aparentemente a agradou.

Pensou por um momento antes de dizer:

— Talvez tenha razão — em voz muito baixa.

Seu rosto era um labirinto de indecisão; droga e dúvida. Finalmente, decidiu-se:

— Vou me vestir.

Ele a abraçou com força, respirando o cheiro do cabelo não-lavado, sabendo que essa primeira vitória poderia ser a única, mas mesmo assim cheio de júbilo. Ela soltou-se suavemente do abraço e começou a se preparar para partir. Marty a observou enquanto ela vestia a calça jeans, mas o ar de embaraço de Carys o fez desviar a vista. Saiu para o corredor. Fora da presença dela, o zumbido encheu seus ouvidos; mais alto agora, pensou, do que antes. Acendendo a lanterna subiu o último lance de escadas para o quarto de Mamoulian. A cada passo o zumbido aumentava; ecoava nas tábuas dos degraus e nas paredes — uma presença viva.

No último andar havia apenas uma porta; aparentemente o quarto tomava o andar inteiro. Mamoulian, o aristocrata inato tinha ficado com o melhor espaço da casa. A porta não estava trancada. O Europeu não temia

nenhum intruso. Quando Marty a empurrou ela se abriu um pouco, mas a lanterna não penetrava mais do que um metro a escuridão do interior. Marty ficou ali parado, como uma criança hesitando em dar uma volta no trem-fantasma.

Por mais superficial que fosse, seu conhecimento de Mamoulian havia despertado intensa curiosidade a respeito do homem. Havia maldade nele, sem dúvida, talvez uma terrível capacidade para a violência. Mas, assim como o rosto de Mamoulian tinha aparecido sob o de Carys, talvez houvesse um rosto sob o do Europeu. Mais de um, quem sabe. Meia centena de faces, cada uma mais estranha do que a outra, regredindo até chegar a um estado mais antigo do que a Belém dos tempos bíblicos. Precisava dar uma espiada, certo? Uma olhada só, por amor aos velhos tempos. Enchendo-se de coragem, entrou na escuridão viva do quarto.

— Marty?

Alguma coisa cintilou na sua frente, uma bolha explodiu em sua cabeça quando Carys o chamou.

— Marty! Estou pronta!

O zumbido no quarto parecia ter aumentado quando ele entrou. Agora, enquanto Marty recuava, decresceu, transformando-se em um gemido de desapontamento. *Não vá, parecia suspirar. Por que ir? Ela pode esperar. Deixe que ela espere. Fique um pouco e veja o que há para ver.*

— Não temos tempo — disse Carys.

Quase zangado por ter sido chamado, Marty fechou a porta isolando a voz e desceu.

— Não me sinto bem — declarou ela quando ele chegou perto.

— É ele? Está tentando alcançar você?

— Não. Só estou atordoada. Não sabia que estava tão fraca.

— Tenho um carro lá fora — informou ele, estendendo a mão.

Carys não a aceitou.

— Tenho um embrulho com minhas coisas — disse. — No quarto.

Marty voltou e estava apanhando o embrulho quando ela deu um pequeno gemido e tropeçou no escada.

— Você está bem?

— Estou. — Quando Marty apareceu na escada, com a fronha do travesseiro embrulhando suas coisas, Carys olhou para ele muito pálida. — A casa quer que eu fique — murmurou.

— Vamos com cuidado — disse ele, descendo na frente com medo de que ela tropeçasse outra vez. Chegaram lá embaixo sem maiores incidentes.

— Não podemos sair pela frente — falou ela em voz baixa. — Está trancada por fora.

Quando se dirigiam para os fundos da casa, ouviram o barulho da porta de trás sendo aberta.

— Merda — rosnou Marty em voz baixa.

Soltou o braço de Carys, voltou no escuro para a porta da frente e tentou abri-la. Como Carys tinha dito, tinha fechadura dupla. O pânico começava a crescer dentro dele, mas em sua confusão, uma vez macia, que ele sabia ser a voz do quarto lá em cima, disse: *Não precisa se preocupar. Suba. Fique seguro comigo. Esconda-se em mim.* Marty afastou a tentação. O rosto de Carys estava virado para ele.

— É Breer — murmurou.

O matador de cachorros estava na cozinha. Marty podia ouvi-lo, sentia seu cheiro. Carys bateu com a mão na manga de Marty e apontou para uma porta com tranca sob a escada. Porão, pensou ele. Com o rosto muito branco no escuro, ela apontou para baixo. Marty acenou afirmativamente.

Breer, ocupado com alguma coisa, cantarolava. Era estranho imaginar Breer feliz, aquele monstruoso carniceiro; contente com sua sorte a ponto de cantar.

Carys retirou a tranca da porta. Degraus, mal iluminados pela luz da cozinha levavam ao fundo. Cheiro de desinfetante e serragem: cheiros saudáveis. Desceram a escada cuidadosamente, encolhendo-se a cada roçar dos pés no chão, a cada estalo dos degraus. Mas o Engolidor de Giletes, ao que parecia, estava ocupado demais para ouvir. Nenhum berro, nenhuma perseguição. Marty fechou a porta do porão, desesperadamente desejando que Breer não notasse que a tranca tinha sido retirada e escutou.

Primeiro o som de água correndo, depois de xícaras, um bule talvez; o monstro estava fazendo chá de camomila.

Os sentidos de Breer já não eram mais tão afiados quanto antes. O calor do verão o deixava inquieto e fraco. Sua pele derretia, seu cabelo estava caindo, os intestinos quase não funcionavam ultimamente. Precisava de umas férias, decidiu. Depois que o Europeu encontrasse Whitehead e o despachasse — e isso certamente era uma questão de dias —, ia ver a Aurora Boreal. Isso significava abandonar a hóspede forçada da casa —

sentia a proximidade dela, a poucos metros de distância —, mas a essa altura talvez já tivesse perdido seu encanto. Sentia-se agora mais volúvel do que antes, e a beleza era coisa passageira. Em duas semanas, três, com tempo frio, todos os encantos de Carys desapareceriam de sua memória.

Sentou-se à mesa e serviu-se de uma xícara de chá de camomila. O perfume, que antes lhe dava tanto prazer, era agora sutil demais para seus seios nasais entupidos, mas tomou o chá por amor à tradição. Mais tarde subiria ao quarto para ver na televisão as novelas de que tanto gostava; talvez desse uma olhada em Carys, para vê-la dormindo; obrigá-la, se acordasse, a urinar em sua presença. Perdido no devaneio dessa educação de higiene, tomou o chá aos golinhos.

Marty tinha esperado que o homem fosse tomar o chá no quarto, deixando livre o acesso à porta dos fundos, mas evidentemente Breer ia ficar ali por algum tempo.

Estendeu a mão para trás à procura de Carys. Ela estava na escada, tremendo da cabeça aos pés, como Marty. Idiotamente tinha deixado a gazua, sua única arma, em algum lugar da casa, provavelmente no quarto de Carys. Se tivesse de enfrentar Breer, estava desarmado. Pior ainda, o tempo estava passando. Quando voltaria Mamoulian? O coração de Marty se apertou com a ideia. Deslizou pela escada, as mãos no tijolo frio da parede, passou por Carys e entrou no porão. Talvez encontrasse alguma arma ali. Até mesmo, esperança das esperanças, uma saída da casa. A luz era pouca. Não podia exergar nada que sugerisse um alçapão ou uma abertura para entrada de carvão. Certificando-se de que não estava na frente da porta acendeu a lanterna. O porão não estava completamente vazio. Uma lona dependurada o dividia, formando uma parede artificial.

Encostou a mão no teto baixo e foi caminhando passo a passo, segurando nos canos para se equilibrar melhor. Puxou a lona para o lado e iluminou com a lanterna o espaço atrás dela. Seu estômago subiu até a boca. Quase gritou; abafou a voz antes que se soltasse da garganta.

A um metro ou dois de onde estava havia uma mesa. Ao lado dela sentava-se uma garotinha olhando fixamente para Marty.

Levou um dedo aos lábios pedindo silêncio antes que ela gritasse. Mas não era preciso. Ela não se moveu, não falou. O olhar parado não era por deficiência mental. A menina estava morta. Estava coberta de poeira.

— Oh, Cristo — gemeu Marty em voz baixa.

Carys o ouviu. Voltou-se e começou a descer a escada.

— Marty? — murmurou.

— Fique onde está disse ele, sem poder tirar os olhos da menina.

Havia mais para ser visto. As facas e o prato na mesa, na frente dela, o guardanapo desdobrado cuidadosamente no seu colo. Havia carne no prato, fatias finas cortadas por um açougueiro experiente. Marty passou pelo corpo, tentando evitar seu olhar. Quando deu a volta a mesa, esbarrou no guardanapo de seda que escorregou por entre as pernas da menina.

— Então dois horrores simultâneos, gêmeos brutais, apareceram um depois do outro. O guardanapo cobria a parte interna da coxa da menina de onde a carne fora cortada, Marty lembrou-se no mesmo momento de outra coisa: tinha comido carne igual, a convite de Whitehead, na sala do Santuário. Uma das coisas mais deliciosas que já tinha experimentado, tanto que limpou o prato.

A náusea o invadiu. Deixou cair a lanterna tentando controlar a ânsia de vômito, mas estava além das suas forças. O cheiro forte do ácido do estômago encheu o porão. Subitamente não havia refúgio, não havia ajuda para aquela insanidade a não ser vomitar e arcar com as consequências.

Na cozinha, o Engolidor de Giletes ergueu a cabeça da xícara de chá, empurrou a cadeira e saiu para o corredor.

— Quem? — perguntou a voz pastosa. — Quem está aí embaixo?

Foi diretamente para a porta do porão e a abriu. A luz fria e morta rolou pela escada.

— Quem está aí? — repetiu ele, agora acompanhando a luz, seus pés pesados nos degraus de madeira. — O que você está fazendo? — Gritava histericamente. — Não pode ir aí embaixo!

Marty olhou para cima, atordoado e ofegante, e viu Carys andando para ele. Seus olhos pousaram-se na mesa e ela manteve um controle admirável: ignorando o corpo, apanhou a faca e o garfo que estavam ao lado do prato. Com um gesto apressado, puxou a toalha junto com os talheres. O prato e as fatias cobertas de moscas caíram no chão; facas se amontoaram sobre ele.

Breer parou no fim da escada para observar a violação do seu templo. E, então, chocado, avançou furiosamente para os sacrílegos, o tamanho do corpo acrescentando impulso ao ataque. Como que diminuída pelo tamanho dele, Carys voltou-se quando Breer a atacou rugindo. Ela praticamente desapareceu. Marty não podia dizer quem era quem. Mas a confusão durou

apenas alguns segundos. Agora, Breer erguia as mãos cinzentas, como se tentasse afastar Carys, balançando a cabeça de um lado para o outro. O monstro uivava, era mais queixa do que um grito de dor.

Carys esquivou-se dos braços do carniceiro e deslizou para o lado, escapando do seu alcance. A faca e o garfo não estavam mais nas mãos dela. Breer tinha-se atirado diretamente em cima deles. Mas parecia não se importar com os talhares enfiados na sua barriga. Sua preocupação maior era com a menina, cujo corpo escorregava, desmoronando molemente no chão. Correu para erguê-la, ignorando na sua angústia os dois profanadores. Carys viu o rosto de Marty, uma bola oleosa, endireitando o corpo com a ajuda dos canos do teto.

— Corra! — gritou.

Esperou até ver que ele tinha reagido ao comando e correu para a escada. Quando subia para a luz, ouviu o Engolidor de Giletes gritando atrás dela: “Não! Não!”. Carys olhou para trás. Marty chegava ao primeiro degrau exatamente quando as mãos de Breer — manicuradas, perfumadas e letais — se estendiam para agarrá-lo. Marty desfechou um violento golpe com uma das pernas e Breer soltou a presa. Mas era apenas um momento de graça, não mais do que isso. Marty estava ainda no meio da escada quando seu atacante voltou à carga. O rosto, todo lambuzado de ruge, erguia-se das profundezas do porão, tão contorcido de raiva que mal parecia humano.

Dessa vez a mão de Breer agarrou a calça de Marty, os dedos apertando os músculos e penetrando a pele. Marty gritou quando a calça se rasgou e o sangue correu. Estendeu uma das mãos para Carys, que, aplicando toda a força de que ainda dispunha, o puxou para ela. Breer, desequilibrando-se soltou a perna de Marty, que subiu a escada aos tropeções, empurrando Carys na sua frente. Carys correu para o corredor e Marty a seguiu, com Breer logo atrás, na escadas. Marty voltou-se rapidamente e deu um pontapé que atingiu a barriga furada do Engolidor de Giletes. Breer caiu para trás, as mãos se agitando no ar à procura de apoio, sem encontrar nenhum. Suas unhas arranharam a parede de tijolos quando tropeçou e rolou pesadamente escada abaixo, batendo no chão de cimento do porão com uma pancada surda. Lá, pernas e braços abertos, ficou imóvel; um gigante pintado.

Marty bateu a porta e colocou a tranca. Estava abalado demais para examinar o ferimento na perna, mas sabia, pelo líquido quente que

encharcava seu sapato, estar sangrando muito.

— Será que você pode... arranjar alguma coisa... — pediu — ...só para cobrir isto?

Ainda sem fôlego para responder, Carys fez um gesto afirmativo e, virando no corredor, foi para a cozinha. Havia um pano de pratos no escorredor de louças, mas sujo demais para ser colocado sobre um ferimento. Começou a procurar alguma coisa limpa, por mais primitiva que fosse. Já deviam ter saído; Mamoulian não ia ficar fora de casa a noite toda.

No corredor, Marty tentava ouvir algum barulho do porão; tudo estava quieto.

Entretanto, outro ruído estava com ele, o ruído que quase tinha esquecido. O zumbido da casa voltou à sua cabeça e a voz melodiosa no meio dele como uma corrente subterrânea de sonho. O bom senso mandava que não lhe desse ouvidos. Mas, quando prestava atenção, tentando entender as palavras, parecia que a náusea e a dor na perna diminuían.

Nas costas de uma cadeira da cozinha Carys encontrou uma das camisas cinza-escuro de Mamoulian. O Europeu era exigente com a lavagem de sua roupa. A camisa estava limpa; uma atadura ideal. Carys rasgou-a, embora o algodão de boa qualidade resistisse —, depois embebeu um pedaço em água fria para limpar o ferimento e fazer tiras com o resto, para enfaixar a perna. Quando terminou, voltou para o vestibulo. Mas Marty tinha desaparecido.

Ele precisava ver. E, se não adiantasse — o que era ver, afinal? Mera sensualidade —, tentaria então um novo modo de descobrir. Essa a promessa que o quarto murmurava nos seus ouvidos: uma nova coisa para conhecer e um meio de explicá-la. Subiu a escada, uma das mãos depois da outra no corrimão, sentindo menos a dor à medida que se aproximava da escuridão murmurante do quarto de Mamoulian. Queria tanto andar no trem fantasma... Nele havia sonhos que jamais sonhara, que jamais teria a chance de sonhar outra vez. Seu pé dentro do sapato chapinhava em sangue; Marty riu ouvindo o barulho. Um espasmo começou em sua perna; ele o ignorou.

Os últimos degraus estavam perto; subiu com esforço decidido. A porta estava aberta.

Chegou ao topo da escada e foi mancando para o quarto.

Estava completamente escuro no porão, mas isso não incomodava o Engolidor de Giletes. Há muitas semanas já que seus olhos não funcionavam tão bem quanto antes e ele havia aprendido a substituir a vista pelo tato. Levantou-se e tentou pensar com clareza. Logo o Europeu estaria em casa. Seria punido por ter deixado a casa sem ninguém e permitido essa fuga. Pior ainda, não ia mais ver a moça; não ia mais vê-la urinar, aquela urina cheirosa que ele guardava para ocasiões especiais. Estava desolado.

Ouviu que ela se movia no corredor, acima de sua cabeça; estava subindo a escada. O ritmo dos pezinhos dela era conhecido; Breer o tinha escutado durante longas noites e dias caminhando de uma lado para o outro na sua prisão. O teto do porão ficou transparente em sua imaginação; espiou entre as pernas dela enquanto Carys subia a escada; aquela pequena fresta tentadora era como uma boca aberta. Ficou zangado por estar perdendo isso e a moça. Ela era velha, naturalmente, não como a belezinha ao lado da mesa, ou as outras na rua, mas em certos momentos sua presença era a única coisa que o preservava da insanidade.

Voltou tropeçando no escuro, para sua pequena auto-canibal, cujo jantar fora interrompido tão grosseiramente. Antes de chegar onde ela estava, seu pé bateu em uma das facas de destrinchar que ele havia deixado na mesa para o caso dela querer se servir sozinha. Ficou de quatro e passou as mãos no chão até encontrá-la, e então subiu a escada e começou a esfaquear a porta, a luz que passava pelas frestas da madeira mostrava onde estava o ferrolho.

+ + +

Carys NÃO queria subir ao último andar outra vez. Tinha medo de tanta coisa que havia lá. Intuição mais do que fato, mas o suficiente para que se sentisse mais fraca. Por que Marty tinha subido? — ele só podia estar lá —

Carys não entendia. Apesar dele dizer que compreendia, tinha muita coisa para aprender ainda.

— Marty? —, chamou lá de baixo, esperando que ele aparecesse sorrindo e descesse mancando, para que ela não precisasse subir. Mas o chamado só encontrou silêncio e a noite avançava. O Europeu podia surgir na porta a qualquer momento.

Relutantemente, começou a subir.

Na realidade Marty não tinha compreendido nada até aquele momento. Não passava de uma alma virgem, vivendo em um mundo inocente daquela penetração profunda e extasiante, não só do corpo mas da alma também. O ar no quarto fechou-se em volta de sua cabeça, logo que entrou. As placas do seu crânio pareciam se esfregar umas contra as outras; a voz do quarto, não mais precisando murmurar, gritava no seu cérebro. *Então você veio! Naturalmente que veio! Bem-vindo ao País das Maravilhas!* Marty percebia vagamente que as palavras eram ditas com sua voz, o tempo todo. Estava falando sozinho como um lunático. Mesmo percebendo o truque, a voz voltou, em tom mais baixo — *É um belo lugar para estar, não acha?*

Ouvindo a pergunta, Marty olhou em volta. Não havia nada para ver, nem paredes. Se existiam janelas deviam estar hermeticamente fechadas. Nem uma migalha do mundo exterior penetrava ali.

— Não vejo nada — murmurou, em resposta à bazófia do quarto.

A voz riu; ele riu também.

Nada a temer aqui, disse a voz. Depois de uma pausa zombeteira: *Não há nada aqui.*

E era verdade, não era? Nada! Não só por causa da escuridão que o impedia de ver mas por causa do próprio quarto. Olhou nevoso para trás: já não via a porta, embora soubesse que a deixara aberta. Devia haver pelo menos a sugestão da luz do outro andar entrando no quarto. Mas a iluminação tinha sido devorada como a da sua lanterna. Uma névoa cinzenta e abafada chegou tão perto dos seus olhos que nem enxergava a mão na frente do rosto.

Você está bem aqui, tranquilizou o quarto. *Nenhum juiz, nenhuma grade.*

— Estou cego? — perguntou.

Não, respondeu o quarto. Está vendo as verdades pela primeira vez.

— Eu... não... gosto disto.

É claro que não. Mas vai aprender com o tempo. A vida não é para você. Fantasmas de fantasmas, isso é que são os vivos. Você quer se deitar, livrar-se dessa brincadeira. Nada é essencial, rapaz..

— Quero sair daqui.

Acha que eu estou mentindo?

— Quero sair... por favor.

Está em boas mãos.

— Por favor.

Marty lançou-se para a frente, sem saber onde estava a porta. Atrás ou na frente? Com os braços erguidos como um cego na beira de um penhasco, cambaleou, procurando um ponto seguro. Não estava sendo a aventura que esperava; isto era o nada. *O nada é essencial.* Uma vez dentro dele, aquele ermo sem fronteiras não tinha distância nem profundidade, norte ou sul. E tudo fora dele — a escada, o patamar, o outro lance de escadas, o corredor, a própria Carys —, tudo era mentira. Mero sonho de palpabilidade, não um lugar real. Não existia outro lugar real senão aquele ali. Tudo o que tinha vivido e experimentado antes, todas as alegrias, todas as tristezas, tudo era insubstancial. Paixão era pó. Otimismo, auto-ilusão. Duvidava agora até da memória dos seus sentidos; texturas, temperaturas. Cor, forma, desenho. Tudo diversões — tudo jogos inventados pelo espírito para disfarçar aquele insuportável zero. E por que não? Olhar por muito tempo para o abismo enlouquece o homem.

Não louco de verdade? indagou o quarto, saboreando a ideia.

Sempre, mesmo nos piores momentos (deitado no beliche na cela abafada, ouvindo o homem no beliche de baixo soluçar dormindo) havia alguma coisa a esperar do futuro: uma carta, uma aurora, liberdade; uma pequena centelha de significado.

Mas ali, o sentido de tudo estava morto. Futuro e passado mortos. Amor e vida mortos. A própria morte estava morta, porque qualquer coisa que excitasse as emoções era indesejada. Só o nada; para sempre o nada.

— Ajude-me — pediu ele, como uma criança perdida.

Vá para o inferno, respondeu o quarto respeitosamente; e, pela primeira vez na vida, Marty entendeu o que isso queria dizer.

No SEGUNDO andar Carys parou. Ouvia vozes. Não! Agora que escutava com mais atenção, não eram vozes, mas a mesma voz — a voz de Marty — falando e respondendo. Era difícil saber de onde vinha a conversa; as palavras pareciam estar em toda a parte e em lugar nenhum. Olhou no seu quarto, depois no de Breer. Finalmente, tomando coragem para enfrentar a possível repetição do pesadelo, olhou no banheiro. Marty também não estava lá. Não havia, pois, evitar como a conclusão revoltante. Ele tinha ido lá para cima, para o quarto de Mamoulian.

Quando atravessou o patamar para a escada que levava ao último andar, outro som chamou sua atenção: lá embaixo, em algum lugar, uma faca estava perfurando madeira. Compreendeu imediatamente que era o Engolidor de Giletes. Estava louco para pegá-la. “Que maldita casa é esta”, pensou Carys, “apesar de sua fachada tão inocente. Só outro Dante poderia descrever sua profundezas e suas alturas: crianças mortas, Engolidores de Giletes, viciados, psicopatas e tudo o mais. Sem dúvidas as estrelas dependuradas no seu zénite deviam se contorcer; sob a terra, o magma com certeza se congelava”.

No quarto do Europeu, Marty gritou, uma súplica confusa. Chamando o nome dele e pedindo a Deus que a ouvisse, Carys chegou no topo da escada e com o coração na boca dirigiu-se para a porta.

Ele ESTAVA ajoelhado; o que restava de seu instinto de conservação era um pensamento esfarrapado e desesperançado, cinza sobre cinza. Até a voz tinha se calado agora. Entendiada com a zombaria sem fim. Além disso, sua lição tinha sido bem aprendida. *Nada é essencial*, dissera, mostrando a ele o porquê e o como; ou melhor, desenterrando de dentro dele aquilo que Marty sempre soubera. Agora, só lhe restava esperar que o progenitor do elegante silogismo aparecesse e o despachasse. Deitou-se, sem saber se estava vivo ou morto, se o homem que estava para chegar ia matá-lo ou ressuscitá-lo, sabendo apenas que deitar-se era mais fácil naquele mundo, o mais vazio de todos os mundos.

CARYS já TINHA estado nesse Lugar Nenhum antes. Aspirado seu ar parado e inútil. Mas, nas últimas horas, havia divisado algo para além da sua aridez. Tinham ocorrido algumas vitórias naquele dia; não grandes, talvez, mas ainda assim vitórias. Pensou na chegada de Marty, com mais do que desejo nos olhos. Isso era uma vitória, não era? Despertara-lhe aquele sentimento, de algum modo incalculável. Não se deixaria vencer agora por este último opressor, essa besta embolorada que abafava seus sentidos. Era apenas o resíduo do Europeu. Fragmentos de sua degradação, deixado por ele como adorno do seu refúgio. Detritos, lixo. Tudo isso, e ele também, eram coisas desprezíveis.

— Marty? — chamou. — Onde é que você está?

— Em lugar nenhum... — uma voz respondeu.

Carys seguiu o som, cambaleando. A desolação a invadia insistente...

+ + +

Breer parou por um momento. Ouviu vozes distantes. Não dava para entender as palavras, mas o que elas provavam era claro: não tinham escapado ainda, e isso era o importante. Tinha planos para eles quando saísse dali, especialmente para o homem. Ele o cortaria em pedaços tão pequenos que nem aqueles que o amavam seriam capazes de dizer o que tinha sido antes um dedo, ou o seu rosto.

Começou a escavar a madeira com renovado entusiasmo. Sob o ataque incessante, a porta finalmente começou a rachar.

Carys seguiu a voz de Marty através da névoa, mas ele fugia dela. Ou ele se estava movendo de um lado para o outro, ou o quarto a estava confundindo, suas paredes ecoando-lhe a voz, ou até mesmo imitando-a. Então a voz de Marty chamou seu nome, bem perto. Carys voltou-se no escuro, completamente desorientada. Não havia nem sinal de porta por onde tinha entrado — tudo tinha desaparecido, portas e janelas. Os alicerces da sua coragem começaram a se desfazer. A dúvida invadiu-a insidiosa e zombeteira.

Ora, ora. E quem é você?, alguém perguntou. Talvez ela mesma.

— Sei quem sou — murmurou ela. Não ia confundí-la daquele modo.
— Sei quem sou!

Era pragmática, que diabo! Não se dispunha a acreditar que o mundo resumisse às coisas do espírito. Por isso tinha procurado a heroína porque o mundo era real demais. Agora, ali estava aquele vapor nos seus ouvidos, dizendo-lhe que ela era nada, que tudo era nada, lama sem nome.

— Merda — xingou ela. — Você não passa de merda. Merda dele!

A voz não se dignou a responder. Carys aproveitou a vantagem enquanto durava.

— Marty! Está me ouvindo? — Nenhuma resposta. — Isto é apenas um quarto, Marty. Está me ouvindo? É só isso! Um quarto!

Você já esteve em mim antes, afirmou a voz em sua cabeça. *Lembra?*

Oh, sim, Carys lembrava-se. Havia uma árvore em algum lugar daquela névoa; tinha visto na sauna. Uma árvore ilusória carregada de flores; e embaixo dela tinha visto coisas horríveis. Seria onde Marty estava? Estaria pendurado na árvores naquele momento, como se fosse uma nova espécie de fruta?

Que diabo, não! Não se devia permitir tais pensamentos. Era só um quarto. Poderia encontrar as paredes se se concentrasse, talvez até mesmo uma janela.

Sem se preocupar com o que podia estar no chão, virou para a direita e deu quatro passos, cinco, até tocar a parede com a mão estendida; era chocante e esplendidamente sólida. “Ha!”, pensou, “fodam-se você e sua árvore! Veja o que encontrei.” Encontrou as palmas das mãos na parede. Agora, esquerda ou direita? Jogou para o alto uma moeda imaginária. Deu coroa e ela começou a andar para a esquerda, seguindo a parede.

Não vai fazer isso, o quarto murmurou.

— Tente me impedir.

Não há nenhum lugar para ir, só vai ficar dando voltas. Você sempre esteve dando voltas, não é mesmo? Mulher fraca, preguiçosa, ridícula!

— Você me chama de ridícula? Você?! Uma névoa falante!

A parede parecia se estender interminavelmente. Depois de uns doze passos Carys começou a duvidar da teoria que estava testando. Talvez fosse mesmo um pedaço manipulável, afinal de contas. Talvez ela se estivesse afastando de Marty, ao longo duma nova Muralha da China. Mas agarrou-se à superfície fria com a tenacidade de um alpinista em um penhasco

íngreme. Se fosse preciso daria volta ao quarto até encontrar a porta, Marty, ou ambos.

Prostituta ordinária! xingou o quarto. *É só o que você é. Não sabe nem achar a saída de um pequeno labirinto como este. Melhor deitar de costas e aceitar tudo, como devem fazer as boas prostitutas.*

Não haveria uma nota de desespero nessa nova ofensa?

Desespero? disse o quarto. *Eu me alimento com ele, sua puta!*

Chegou a um canto do quarto. Começou a seguir a outra parede.

Não, não vá por aí, disse o quarto.

— “Vou sim!” pensou Carys.

Eu não iria por aí. Oh, não. Francamente, eu não iria. O Engolidor de Giletes está aqui com você. Não está ouvindo? Está apenas a alguns centímetros à sua frente. Não, não faça isso! Oh, por favor, não faça! Detesto o cheiro de sangue.

Puro jogo de cena; era tudo o que podia inventar. Quanto mais aumentava o pânico do quarto, mais decidida Carys se sentia.

Pare! Para seu próprio bem! Pare!

Com a exclamação ainda dentro de sua cabeça, Carys encontrou a janela. Por isso estava tão assustado.

Desgraçada! gritou. *Vai se arrepender, sua puta. Eu lhe prometo. Oh, Sim!*

Não havia cortinas nem persianas; a janela estava completamente fechada com tábuas, para que nada estragasse aquela perfeita nulidade. Os dedos de Carys procuraram erguer uma das tábuas: já era tempo de fazer entrar um pouco do mundo exterior. Mas a madeira estava muito bem pregada. Puxou com força, mas a madeira não cedia.

“Solte-se, que diabo!”

A tábua estalou, lascas voaram.

Sim! — encorajou Carys — é isso mesmo! — A luz, um fiozinho hesitante filtrou-se entre as tábuas. — Vamos! — incidiu em Carys e através do ar poeirento, ela começou a enxergar as próprias mãos.

Não foi a luz do dia que penetrou entre as tábuas. Só o brilho das lâmpadas da rua e dos faróis dos carros, de estrelas talvez, de televisões ligadas em uma dezena de casas na Rua Caliban. Mas era o bastante! A abertura crescia centímetro a centímetro e com ela a certeza entrava no quarto; forma e substância.

Marty também sentiu a luz, em outro lugar do quarto. Ficou irritado, como se tivessem aberto as cortinas para a luz do sol no quarto de um moribundo. Começou a se arrastar pelo chão, tentando esconder-se na névoa antes que ela se dispersasse, procurando pela voz tranquilizante afirmando que nada é essencial. Mas ela se fora. Ele estava abandonado e a luz entrava em pinceladas cada vez maiores. Viu uma mulher em silhueta contra a janela. Ela acabou de tirar a tábua e jogou-a no chão. Agora tentava tirar outra. “Venha a mim!”, dizia ela, e a luz obedecia, definindo-a com detalhes nauseantes cada vez mais intensos. Marty não queria saber de nada daquilo; esse negócio de ser era uma carga pesada. Deixou escapar um suspiro de dor e impaciência. A mulher voltou-se para ele.

— Aí está você — Carys, aproximando-se e ajudando-o a se levantar. — Precisamos andar depressa.

Marty olhava para o quarto, agora revelado em toda a sua banalidade. Um colchão no chão; uma xícara de porcelana de cabeça para baixo; ao lado dela uma jarra de água.

— Acorde — Carys sacudiu-o.

Não preciso ir, pensou ele; nada tenho a perder se ficar aqui e o cinzento voltar.

— Pelo amor de Deus, Marty! — gritou ela.

Lá de baixo vinha o som de madeira se partindo. Ele está vindo, preparado ou não, pensou Carys.

— Marty! — gritou. — Está ouvindo? É Breer!

O nome despertou horrores. Uma menina gelada, sentada à mesa com fatias de sua própria carne. Aquela terrível, indescritível piada. A cena desalojou a névoa da cabeça de Marty. A coisa que tinha feito aquele horror estava lá embaixo; lembrava-se muito bem agora. Olhou para Carys com olhos despertos, mas cheios de medo.

— O que aconteceu?

— Não temos tempo para falar disso agora — respondeu ela.

Marty a acompanhou, mancando, para a porta. Carys tinha na mão uma das tábuas da janela com os pregos ainda no lugar. O barulho lá embaixo aumentou, o alarido de portas e mentes despregadas.

A dor na perna de Marty, que o quarto tão habilmente aliviara, voltou com força. Precisou se apoiar em Carys para descer o primeiro lance de

escadas. Desceram juntos, a mão dele, ensanguentada, marcando sua passagem na parede.

No meio do segundo lance de escada, a cacofonia do porão cessou.

Ficaram imóveis, esperando o próximo movimento de Breer. Ouviram o estalo quando o Engolidor de Giletes abriu a porta completamente. A não ser a luz fraca da cozinha, que precisava dar várias voltas para chegar ao vestíbulo, nada mais iluminava a cena. Caçador e presa, ambos camuflados pela escuridão, imobilizaram-se naquele tênue momento, sem saber se o seguinte traria a catástrofe. Carys deixou Marty para trás e desceu rapidamente os últimos cinco degraus. Seus passos lhe pareceram ruidosos na escada sem tapete, mas, depois da privação de sentidos no quarto de Mamoulian, Marty podia até ouvir o coração dela batendo.

Nada se movia no corredor; Carys chamou Marty para perto dela. O corredor estava silencioso e aparentemente vazio. Breer estava perto, ela sabia, mas onde? Ele era grande e desajeitado, não seria fácil se esconder. Talvez, implorou ela, não tivesse escapado do porão, apenas disistido, exausto. Deu um passo à frente.

Sem nenhum aviso, o Engolidor de Giletes emergiu da porta da sala da frente, rugindo. A faca de açougueiro desceu num golpe violento. Ela conseguiu desviar o corpo, mas, ao fazer isso, perdeu o equilíbrio. A mão de Marty segurou seu braço e a afastou do segundo golpe de Breer. O impulso do carnicheiro o levou para além de onde ela estava, fazendo-o chocar-se com a porta da frente, cujo vidro chocalhou.

— Fora! — Disse Marty, vendo o caminho livre. Mas desta vez Carys não estava com a intenção de correr. Havia um tempo para fugir e um tempo para enfrentar; nunca mais teria oportunidade de agradecer a Breer por todas as humilhações. Soltou o braço da mão de Marty e segurou com as duas mãos a tábua cheia de pregos.

O Engolidor de Giletes recuperou o equilíbrio e com a faca ainda na mão, deu um passo furioso para ela. Mas Carys previu o ataque. Erguendo a tábua, correu para ele e atingiu-o no lado da cabeça. O pescoço, já quebrado pela queda, partiu-se. Os pregos entraram-lhe na cabeça e Carys foi obrigada a deixar sua arma presa ali, como um quinto membro que descesse do crânio de Breer. Ele caiu de joelhos. A mão tremeu espasmodicamente e soltou a faca, enquanto a outra se erguia arrancando a tábua da sua cabeça. Carys deu graças à escuridão; o fluxo de sangue e as batidas dos pés dele no

assoalho nu já eram pavor suficiente. Breer ficou ajoelhado com o corpo ereto por alguns minutos, depois caiu para a frente, enfiando até o cabo a faca na barriga.

Carys ficou satisfeita. Dessa vez, quando Marty a puxou pelo braço, ela o acompanhou.

Quando caminhavam pelo corredor ouviram alguém arranhando a parede. Pararam. E agora o que mais? Mais espíritos?

— O que é? — ele perguntou.

O barulho cessou, depois recomeçou, dessa vez acompanhado por uma voz.

— Fiquem quietos, está bem? Tem gente querendo dormir aqui.

— O vizinho — disse Carys.

A reclamação a divertiu e, quando saíram da casa, depois de passarem pela porta esfacelada do porão e pelo chá frio de camomila de Breer, estava rindo.

Foram até o carro, pela passagem dos fundos, e ficaram sentados por alguns minutos, lágrimas de riso chegando em ondas alternadas; “dois loucos!”, teriam pensado os calibaneses, “ou adúlteros, divertindo-se com uma noite de aventuras”.

XI O Outro Mundo

56

Chad schuckman e Tom Loomis há três semanas vinham pregando a mensagem da Igreja dos Santos Ressuscitados ao povo de Londres, e estavam cheios disso até a raiz dos cabelos. “Belo modo de passar as férias”, resmungava Tom todos os dias quando planejavam sua rota. Memphis parecia muito distante, e estavam ambos morrendo de saudades. Além disso, a campanha estava sendo um fracasso. Os pecadores que encontravam nas portas daquela cidade esquecida de Deus eram tão indiferentes à mensagem do Reverendo sobre o Apocalipse quando à sua promessa de Salvação.

Apesar do tempo (ou talvez por causa dele), o pecado não era assunto tão quente na Inglaterra naqueles dias. Chad os via com desprezo: “Não sabem o que os espera”, dizia para Tom, que sabia de cor todas as descrições do Dilúvio, mas sabia também que soavam melhor vindas dos lábios de um rapaz louro e simpático como Chad. Suspeitava, mesmo, que os poucos que se dignavam a parar para ouvir só o faziam porque Chad parecia um anjo dourado e não porque queriam escutar as palavras inspiradas do Reverendo. A maioria simplesmente não lhes dava a menor atenção.

Mas Chad era obstinado.

— Existe pecado aqui — garantia ele a Tom — e onde há pecado há culpa. E onde há culpa há dinheiro para o Trabalho do Senhor.

Era uma equação simples, e se Tom tinha alguma dúvida sobre a ética da mesma, guardava-a em segredo. Melhor o silêncio do que a desaprovação de Chad; tudo o que tinham naquela cidade estranha era um ao outro, e Tom não ia se arriscar a perder a luz que o guiava.

Às vezes porém, era difícil manter intacta a fé. Especialmente em dias escaldantes como aquele, quando o terno de poliester espetava o pescoço e

o Senhor, se estava no seu Céu, mantinha-se bem escondido. Nem a sugestão de uma brisa para refrescar o rosto, nem uma nuvem de chuva à vista.

— Ele não é tirado de alguma coisa? — Tom perguntou a Chad.

— O quê? — Chad contava os panfletos que ainda tinham de distribuir naquele dia.

— O nome da rua — respondeu Tom — *Caliban** É tirado de alguma coisa.

— É mesmo? Chad terminou de contar. — Só nos livramos de cinco folhetos até agora.

Entregou a Tom a braçada de literatura e tirou um pente do bolso interno do paletó. Apesar do calor, parecia descansado e impecável. Tom, em comparação, sentia-se mal vestido, suado e, pensava ele, alvo fácil para alguma tentação de se afastar do bom caminho. Qual seria essa tentação ele não podia dizer, mas sentia-se vulnerável. Chad passou o pente nos cabelos, restaurando com um movimento elegante o brilho perfeito do seu topete. Era importante, ensinara-lhe o Reverendo, ter a melhor aparência possível. “Vocês são agentes do Senhor”, dizia. “Ele quer que sejam limpos e bem-vestidos, que brilhem através de cada abertura e fenda.”

— Tome — disse Chad, trocando o pente pelos folhetos. — Seu cabelo está uma desordem.

Tom apanhou o pente, com fios dourados entre os dentes.

(*) CALIBAN — Escravo de Próspero em *A Tempestade*, de Shakespeare — Anagrama de Canibal. (N. do T.).

Tentou sem muita convicção controlar sua juba, enquanto Chad o observava. O cabelo de Tom recusava-se a ficar no lugar como o de Chad. O Senhor provavelmente não gostava disso; não devia gostar nem um pouco. Mas, afinal, do quê o Senhor gostava? Não aprovava o fumo, a bebida, fornicação, chá, café, Pepsi, montanha russa, masturbação. E sobre as fracas criaturas que se entregavam a uma ou, que Deus nos livre, a todas essas coisas, a ameaça do Dilúvio pairava ameaçadora.

Tom só pedia que suas águas, quando chegassem, fossem geladas.

O HOMEM DE terno escuro que atendeu a porta no número 82 da Rua Caliban lembrava o Reverendo, como logo notaram Tom e Chad. Não fisicamente, é claro. Bliss era um homem bronzeado e gorducho, enquanto que aquele senhor era magro e pálido. Mas havia nos dois a mesma autoridade implícita; a mesma seriedade de propósito. E pareceu encantado com os folhetos, o primeiro interesse real que viam naquela manhã. Chegou mesmo a citar o Deuteronômio para eles — um texto que não conheciam — e depois, ofereceu um drinque, convidando-os a entrar.

Era como o lar longe do lar. As paredes e o assoalho nus; o cheiro de desinfetante e incenso, como se alguma coisa acabasse de ser limpa. Para dizer a verdade, Tom achou que o homem levava o ascetismo ao exagero. O quarto dos fundos para o qual os levou tinha duas cadeiras, nada mais.

— Meu nome é Mamoulian.

— Como vai? Sou Chad Schuckman, este é Thomas Loomis.

— Ambos santos, não é?

Os jovens ficaram confusos.

— Seus nomes. Nomes de dois santos.

— Santo Chad? — perguntou o louro.

— Oh, naturalmente. Foi um importante bispo inglês, lá pelas alturas do século VII. *Thomas*(*), naturalmente, o que duvidava.

Ele os deixou por um momento para apanhar água. Tom remexeu-se na cadeira.

(*) Em português — São Tomé. (N. do T.).

— Qual é o problema? — perguntou Chad irritado. — É o primeiro possível convertido que encontramos hoje.

— Ele me dá arrepios.

— Pensa que o Senhor se importa com isso?

Uma boa pergunta e Tom estava preparando-se para responder quando o anfitrião reapareceu.

— Sua água.

— O senhor mora sozinho? — perguntou Chad. — Uma casa tão grande para uma pessoa só.

— Ultimamente tenho estado sozinho — respondeu Mamoulian, entregando os copos com água. — E devo dizer que estou precisando muito

de alguém que me ajude.

Aposto que sim, pensou Tom. O homem olhou para ele quando essa idéia lhe entrou na cabeça, quase como se aquele rapaz tivesse falado em voz alta. Tom corou e tomou a água para disfarçar o embaraço. A água estava morna. Será que os ingleses nunca ouviram falar em geladeira? Mamoulian voltou a atenção outra vez para Santo Chad.

— O que vocês dois vão fazer nos próximos dias?

— O trabalho do Senhor — respondeu Chad imediatamente.

Mamoulian assentiu com um gesto.

— Ótimo!

— Difundir a palavra sagrada.

— “Farei de vocês pescadores de homens”.

— Mateus. Capítulo IV — concordou Chad.

— Talvez — disse Mamoulian —, se eu permitisse que salvassem minha alma imortal, estariam dispostos a me ajudar?

— Fazendo o quê?

Mamoulian ergueu os ombros.

— Preciso da ajuda de dois animais jovens e saudáveis como vocês.

Animais? Esse jeito de falar não parecia o de um fundamentalista. Será que aquele pobre pecador nunca tinha ouvido falar no Paraíso? Não, pensou Tom, olhando para os olhos do homem; não, provavelmente nunca.

— Sinto muito, mas temos outros compromissos — respondeu Chad delicadamente. — Mas ficaríamos muito satisfeitos com a sua companhia quando o Reverendo chegar, e puder batizá-lo.

— Gostaria de conhecer o Reverendo — disse o homem. Tom ficou em dúvida se não se tratava duma brincadeira. — Temos tão pouco tempo até que a ira do Criador desça até nós — continuou Mamoulian. Chad assentiu com fervor. — Então seremos como destroços de um naufrágio — não é mesmo? —, como destroços na enchente.

Essas palavras eram quase exatamente as do Reverendo. Tom as ouviu saindo dos lábios finos daquele homem e a acusação de ser o santo que duvidava o atingiu em cheio. Mas Chad estava extasiado. Tinha aquela expressão angelical que lhe aparecia durante os sermões; a expressão que Tom invejava, mas que agora achava decididamente tocada de fanatismo.

— Chad... — começou de.

— Destroços na enchente — repetiu Chad. — Aleluia!

Tom pôs o copo no chão, ao lado da cadeira.

— Acho que precisamos ir — disse, levantando-se. Estranhamente, as tábuas nuas do assoalho pareciam muito mais distantes dos seus olhos, do que o habitual metro e oitenta, a uns dezoito metros talvez. Embora sentindo-se como uma torre prestes a cair, seus alicerces se firmaram. — Temos muitas ruas para percorrer — continuou tentando chamar a atenção de companheiro para o problema imediato que era, em suma, como sair daquela casa antes que acontecesse alguma coisa horrível.

— O dilúvio — anunciou Mamoulian — está quase sobre nós.

— Tom estendeu a mão a Chad, para acordá-lo do transe em que o via, mas seus dedos pareciam a milhares de quilômetros dos próprios olhos.

— Chad! — chamou. Santo Chad, aquele do halo dourado, urinando arco-íris.

Você está bem, rapaz? — perguntou o estranho, virando os olhos de peixe para Tom.

— Estou me sentindo...

— Sentindo o quê? — perguntou Mamoulian.

Chad também olhava para ele, o rosto inocente de preocupação; na verdade, inocente de qualquer sentimento. Talvez — a idéia lhe surgiu pela primeira vez — fosse por isso que o rosto de Chad parecia tão perfeito. Branco, simétrico, e completamente vazio.

— É melhor sentar-se — aconselhou o estranho. — Antes que caia.

— Está tudo bem — garantiu Chad.

— Não! — Replicou Tom. Os joelhos não lhe obedeciam. Suspeitava que iam ceder muito em breve.

— Confie em mim — pediu Chad.

Tom queria confiar. Chad geralmente estava com a razão.

— Acredite — continuou Chad —, temos uma boa coisa a fazer por aqui. Sente-se, como o cavalheiro mandou.

— Será o calor?

— É, sim! — Chad respondeu por Tom. — É o calor. Também faz muito calor em Memphis, mas temos ar-condicionado.

— Voltou-se para Tom e pôs a mão no seu ombro.

Tom cedeu à fraqueza e sentou-se. Sentia um adejamento na nuca, como se um beija-flor estivesse pairando sobre ela, mas não tinha força suficiente para espantá-lo.

— Vocês se dizem agentes? — perguntou o homem, quase num sussurro. — Acho que não sabem o que significa essa palavra.

Chad saiu rapidamente em defesa dos dois.

— O Reverendo diz...

— O Reverendo? — interrompeu o homem com desprezo.

— Pensam que ele tem alguma ideia do quanto vocês valem?

Chad ficou confuso. Tom tentou dizer ao amigo para não se deixar adular, mas as palavras não saíam. Sua língua era como um peixe morto dentro da boca. Aconteça o que acontecer agora, pensou ele, pelos menos vai acontecer a nós dois. Sua amizade vinha desde o curso primário; tinham experimentado a adolescência e a metafísica juntos e, segundo Tom pensava eram inseparáveis. Esperava que o homem entendesse: para onde Chad fosse, Tom iria também. O adejamento em sua nuca tinha cessado; uma sensação morna de segurança invadia sua cabeça. As coisas, afinal, não eram tão más.

— Preciso da sua ajuda, jovens.

— Para fazer o quê? — perguntou Chad.

— Para começar o Dilúvio — respondeu Mamoulion.

Um sorriso, incerto a princípio, mas alargando-se à medida que a ideia dominava sua imaginação, apareceu nos lábios de Chad. Seu rosto, geralmente sóbrio de ardor, incendiou-se.

— Oh, sim — concordou ele. Olhou para Tom — Escutou o que este homem está nos dizendo?

Tom fez um gesto afirmativo.

— Está ouvindo, cara?

— Estou. Estou ouvindo.

Durante toda a sua abençoada vida Chad tinha esperado por esse convite. Pela primeira vez visualizava a realidade literal corroborando a destruição que havia proclamado diante de centenas de portas. Em sua visão, as águas — vermelhas, furiosas — cresciam — em ondas de crista espumante e se lançavam sobre aquela cidade pagã. Somos como destroços na enchente, disse ele, e as palavras traziam imagens com elas. Homens e mulheres — mas especialmente mulheres — correndo nus na frente das ondas ameaçadoras. A água era quente; caía como chuva nos rostos apavorados, nos seios balouçantes. Era isso que o Reverendo prometia e ali estava aquele homem pedindo que o ajudassem a tornar possível, tornar

realidade aquele destruidor e espumante Dia dos Dias. Como poderiam recusar? Sentiu que precisava agradecer ao homem por considerá-los dignos. A idéia gerou a ação. Seus joelhos se dobraram e ele caiu aos pés de Mamoulian.

— Muito obrigado — disse ao homem de terno escuro.

— Vão me ajudar, então?

— Vamos!... respondeu Chad; sua genuflexão não era um sinal significativo? — claro que vamos!

Atrás dele, Tom murmurou seu consentimento.

— Obrigado — disse Chad. — Muito obrigado!

Quando ergueu os olhos, o homem, aparentemente convencido da sua devoção, já tinha saído da sala.

Marty E Carys dormiram juntos na cama de solteiro dele; um sono longo e reparador. Se o bebê no apartamento de baixo chorou durante a noite, não ouviram. Também não ouviram as sirenes na Estrata Kilburn, polícia e bombeiros dirigindo-se a um incêndio em Maida Vale. O nascer do dia entrando pelas janelas sujas também não os acordou, embora as cortinas estivessem abertas. Mas uma vez, de madrugada, Marty virou-se na cama e seu olhos se abriram, vendo a primeira luz do dia nos vidros. Não se desviou dela mas deixou que pousasse em suas pálpebras novamente fechadas.

Passaram metade do dia juntos no pequeno apartamento antes de começar a necessidade; tomaram banho, café, falaram muito pouco. Carys lavou e fez curativo no ferimento de Marty; trocaram de roupa, jogando fora o que tinham usado na noite anterior.

Só no meio da tarde conversaram realmente. O diálogo começou na maior calma, mas o nervosismo de Carys foi aumentando à medida que crescia sua necessidade duma dose e a conversa logo se transformou numa

distração desesperada de suas entranhas inquietas. Contou como tinha sido o período que passara com o Europeu; as humilhações, as mentiras, a impressão de que ele conhecia seu pai, e a ela também, muito mais do que ela havia pensado. Marty, por sua vez, tentou relembrar para Carys a história contada por Whitehead naquela última noite, mas ela estava inquieta demais para se concentrar. Sua fala tornou-se excessivamente agitada.

— Preciso de uma dose, Marty.

— Agora?

— O mais rápido possível.

Marty temia esse momento. Não que não pudesse arranjar a droga, sabia que daria um jeito. Mas porque, de certo modo, esperava que ela conseguisse resistir à carência da droga estando com ele.

— Estou me sentindo muito mal, explicou ela.

— Menos do que pensa... Você está comigo.

— Ele virá, você sabe.

— Não agora. Garanto-lhe que não virá agora.

— Vai ficar furioso e virá nos procurar.

A memória de Marty retornava constantemente à experiência que vivera naquele quarto do último andar da Rua Caliban. O que tinha visto, ou melhor, *o que não tinha visto* o apavorara muito mais do que os cachorros ressuscitados ou Breer. Estes eram apenas perigos físicos, mas o que acontecera naquele quarto era um perigo diferente. Pela primeira vez na vida tinha sentido que sua alma — um conceito que rejeitava até então como invenção dos cristãos — fora ameaçada. Não tinha certeza do que isso significava, sabia apenas que não era o que os Papas explicavam. Mas uma parte dele, mais essencial do que seus membros ou sua vida, tinha sido quase eclipsada e Mamouliam fora responsável por isso. O que mais podia aquela criatura fazer, se fosse provocada? Sua curiosidade, agora era, mais do que um desejo de saber o que se escondia atrás do véu; era uma necessidade. Como poderiam se armar contra aquele demagogo sem ter pelo menos uma pista sobre sua natureza?

— Não quero saber — disse Carys, lendo os pensamentos dele. — Se ele vier paciência. Não podemos fazer nada.

— A noite passada... — começou a dizer Marty, para lembrar a vitória dos dois.

Carys afastou esse pensamento, antes que ele terminasse a frase. A tensão no rosto dela era insuportável; a carência pela droga a estava torturando.

— Marty...

Olhou para ela.

— ...você me prometeu — disse Carys acusadoramente.

— Não me esqueci.

Marty tinha feito os cálculos: não do preço da droga, mas do preço do orgulho. Teria de arranjar a heroína com Flynn; não conhecia mais ninguém em quem pudesse confiar. Ele e ela eram agora fugitivos de Mamoulian e da lei.

— Tenho de dar um telefonema — disse ele.

— Telefone então.

Na última meia hora Carys parecia ter sofrido uma alteração física. Sua pele estava cor de cera; os olhos tinham uma expressão desesperada; o tremor aumentava a cada minuto.

— Não facilite as coisas para ele.

Marty franziu a testa.

— Facilitar, como?

— Ele pode me obrigar a fazer coisas que não queria — explicou ela, lágrimas assomando em seus olhos. Nenhum soluço, apenas lágrimas escorrendo pelo rosto. — Talvez até fazer mal a você.

— Está tudo bem. Vou me pôr em campo: um cara que vive com Charmaine pode me arranjar a droga, não se preocupe. Quer vir comigo?

Carys abraçou com força o próprio corpo.

— Não. Só vou atrapalhar. Vá logo!

Marty vestiu o paletó, procurando não olhar para ela; aquela combinação de fragilidade e necessidade faminta o assustava. O suor brotava-lhe de todos os poros, juntando-se na macia concavidade atrás das clavículas e fazendo desenhos em seu rosto.

— Não deixe ninguém entrar, está bem?

Ela fez um gesto afirmativo com os olhos incandescentes postos nele em desespero. Quando Marty saiu, Carys trancou a porta por dentro e tornou a sentar-se na cama. As lágrimas voltaram, correndo livremente. Não lágrimas sentidas, apenas água salgada. Bem, talvez houvesse algum

sofrimento nelas, por esta fragilidade redescoberta e pelo homem que acabava de sair.

Ele era responsável por seu sofrimento atual, pensou. Tentou convencê-la de que era capaz de se manter de pé sozinha. E para onde isso a tinha levado? Para onde tinha levado os dois? Para aquela cela sufocante em que se encontrava, no meio de uma tarde de julho, com tanta maldade prestes a se abater sobre ambos...

Não era amor o que sentia por ele. Amor era uma carga pesada demais para carregar. Era na melhor das hipóteses um entusiasmo, misturado à sensação de perda iminente, que sempre sentia quando se ligava muito a alguém, como se a cada momento que passassem juntos ela lamentasse intimamente os momentos em que ele já não estaria mais com ela.

Ouviu a porta bater, lá embaixo, quando Marty saiu para a rua. Carys deitou-se na cama, pensando na primeira vez em que tinham feito amor. Lembrou que até esse ato tão íntimo tinha tido a participação do Europeu. A lembrança de Mamoulian, uma vez começada, funcionava como uma bola de neve numa descida íngreme. Rolava, acelerando e aumentando de tamanho, até ficar monstruosa. Uma avalanche, a neve cobrindo tudo.

Por um momento duvidou de que estivesse simplesmente recordando; uma sensação era tão clara, tão real. Então, não teve mais dúvida.

Levantou-se e as molas da cama rangeram. Não era lembrança.

Ele estava ali!

— Flynn?

— Alô — A voz do outro lado da linha estava rouca de sono — Quem está falando?

— Marty. Eu te acordei?

— Que diabo você quer?

— Preciso de ajuda.

Um longo silêncio no outro lado.

— Você ainda está aí?

— Estou. Estou.

— Preciso de heroína.

A sonolência desapareceu da voz, substituída por incredulidade.

— Você? Está nessa agora?

— Preciso para um amigo — Marty podia ver o sorriso se abrindo no rosto de Flynn. — Pode me arranjar alguma? Rapidamente?

— Quanto?

— Eu tenho cem mangos.

— Não é impossível.

— Logo?

— É, logo. Se quiser. Que horas são? — A idéia de dinheiro fácil e um viciado desesperado pôs em funcionamento a mente de Flynn. — Uma e quinze? Certo. — Uma pausa para fazer o cálculo. — Mais ou menos daqui a três quartos de hora.

— Muito eficiente. A não ser que, como Marty suspeitava, Flynn estivesse tão envolvido com o mercado de drogas que tinha acesso fácil a elas: o bolso do seu paletó, por exemplo.

— É claro que não posso garantir cem por cento — disse, para manter aceso o desespero. — Mas vou fazer o melhor possível. Nada mais justo, certo?

— Obrigado. Eu lhe agradeço.

— Basta trazer o dinheiro, Marty. É todo o agradecimento que eu quero.

Flynn desligou. Tinha uma habilidade especial para ficar sempre com a última palavra. "Filho da mãe" resmungou Marty para o fone, desligando-o com força. Estava um pouco trêmulo; seus nervos desgastados. Entrou em um bar, comprou um maço de cigarros e voltou para o carro. Era hora do almoço; o tráfego no centro de Londres devia estar intenso e levaria uns quarenta e cinco minutos para chegar ao bairro em que tinha morado. Não dava tempo para voltar e ver se Carys estava bem. Além disso, tinha certeza de que ela não ia gostar se se demorasse demais para levar-lhe a droga. Precisava dela mais do que precisava dele.

O europeu apareceu de repente, não dando tempo a Carys para mantê-lo à distância. Mas, fraca como estava, não teria mesmo forças para lutar. Além disso havia alguma coisa diferente nesse ataque de Mamouliam.

Estaria ele mais desesperado desta vez? A nuca lhe parecia ter sido fisicamente ferida quando ele penetrou seu pensamento. Carys a massageou com a mão suada.

Encontrei, você, afinal! disse ele em sua mente.

Carys olhou em volta à procura de um meio de expulsá-lo.

Não adianta, disse ele.

— Deixe-nos em paz.

— *Você me tratou mal, Carys. Devia castigá-la. Mas não vou fazer isso; não, se você me der seu pai. Não estou pedindo muito, estou? Tenho direito sobre ele. Sabe disso, no fundo do seu coração. Ele me pertence.*

Carys sabia que não devia confiar naquele tom brando. Se encontrasse Papá, o que o Europeu faria então? Ia permitir que ela vivesse sua vida? Não, ele a levaria também, como tinha levado Evangeline e Toy e só ele sabia quantos outros; para aquela árvore, para aquele Lugar Nenhum.

Seus olhos encontraram o pequeno, fogareiro elétrico no canto do quarto. Levantou-se, as pernas e braços trêmulos, e caminhou até ele. Se o Europeu percebesse sua intenção, melhor. Ele estava fraco, Carys sentia. Cansado e triste; um olho no céu à procura de abutres, sua concentração falhando. Mas sua presença era ainda bastante deprimente para perturbar o processo de raciocínio de Carys. Quando chegou perto do fogareiro, mal conseguia se lembrar por que estava ali. Pressionou a mente para a potência máxima. Recusa! Era isso. O fogareiro significava recusa! Estendeu a mão e ligou uma das duas bocas.

Não faça isso, Carys, disse ele. *Não é prudente.*

O rosto dele surgiu em sua mente. Vasto, apagando o contorno do quarto em volta dela. Carys balançou a cabeça tentando se livrar, mas Mamoulian não cedeu. Havia outra ilusão além do rosto. Carys sentia braços em volta do seu corpo; não opressivos, mas um abraço protetor. Braços que a embalavam.

— Não pertenço a você — gritou ela, tudo contra a vontade de ceder aquele embalo. No fundo da sua mente ouvia a canção, o ritmo acompanhando a cadência soporífica do balanço. Cantada em russo, não em inglês. Era uma canção de ninar, sabia — embora sem entender as palavras, e ouvindo-a era como se toda a dor desaparecesse. Era um bebê outra vez, nos braços dele. Ele a embalava para dormir com a canção murmurada.

Através do manto rendado de sono que já a envolvia, Carys viu um desenho mais claro. Não podia entender o significado, mas lembrava-se que tinha sido importante em algum momento aquela espiral cor de laranja que cintilava não muito longe dela. Mas o que queria dizer? O problema a irritou, afastando o sono. Abriu os olhos um pouco mais para verificar o que era, de uma vez por todas e depois desistir.

O fogareiro se desenhou na frente dos seu olhos, a resistência em brasa numa das bocas, o ar sobre ela reluzindo tremulamente . Agora se lembrava, e a lembrança afastou definitivamente o sono. Estendeu o braço para o calor.

Não faça isso, repetiu a voz dentro de seu espírito. Só vai se machucar.

Mas Carys sabia o que estava fazendo. O sono nos braços dele era mais perigoso do que qualquer dor nos próximos momentos. O calor era desagradável, embora sua mão estivesse ainda a alguns centímetros da boca, e por um momento desesperado sua determinação se perdeu.

Vai ficar marcada para o resto da vida, disse o Europeu, percebendo a hesitação dela.

— Deixe-me em paz.

É que não quero ver você machucada, criança. Eu a amo muito. A mentira foi o impulso decisivo. Carys encontrou a coragem necessária, ergueu a mão e a colocou, palma para baixo, sobre a resistência.

O Europeu gritou primeiro; Carys ouviu a voz dele antes do seu grito começar. Tirou a mão do fogo sentindo o cheiro de carne queimada. Mamoulian se afastou; sentiu que ele tinha partido. O alívio a inundou. Então a dor tomou conta dela e uma breve escuridão a envolveu. Não sentiu medo. Era segura aquela escuridão. Ele não estava dentro dela.

Ele se foi, disse ela, e desmaiou.

Quando voltou a si, menos de cinco minutos depois, seu primeiro pensamento foi de que estava segurando um punhado de lâminas de barbear.

Arrastou-se até a cama e apoiou nela a cabeça, até recuperar completamente a consciência. Quando teve coragem suficiente, olhou para a mão. O desenho da boca de fogo estava reproduzido na palma, uma tatuagem em espiral. Levantou-se e foi até a pia para lavar a queimadura. A

água fria acalmou-lhe um pouco a dor; o ferimento não era tão extenso quanto tinha pensado, embora tivesse parecido um século, a mão não ficara em contato direto com o metal por mais de um ou dois segundos. Enrolou a mão numa camiseta de Marty. Depois lembrou que queimaduras deviam ficar descobertas e deixou-a livre. Exausta, deitou-se e ficou esperando que Marty lhe trouxesse um pouco do paraíso.

OS RAPAZES do Reverendo Bliss ficaram no quarto dos fundos, no primeiro andar da casa da Rua Caliban, por mais de uma hora perdidos no seu devaneio de castigo pela água; durante esse tempo Mamoulian procurara por Carys, encontrara-a e fora repellido por ela. Mas sabia onde ela estava. Mais do que isso, ficou sabendo que Strauss — o homem a quem totalmente ignorara no Santuário — saíra em busca de heroína para ela. Estava na hora, pensou ele, de deixar de ser compassivo.

Sentia-se como um cão espancado; tudo o que queria era deitar e morrer. Especialmente nesse dia — ainda mais depois da astuciosa rejeição de Carys — estava sentindo o peso de cada hora de sua longa vida, muito longa, em todos os tendões do corpo. Olhou para a própria mão, que doía ainda com a queimadura recebida através de Carys. Talvez ela finalmente compreendesse a inevitabilidade de tudo isso. O jogo final que ela estava por começar era mais importante do que as vidas dela e de Strauss, ou a de Breer, ou a dos dois rapazes idiotas que tinha deixado sonhando no quarto dos fundos.

Desceu para o primeiro andar e entrou no quarto de Breer. O Engolidor de Giletes estava deitado de costas na cama, no canto do quarto, o pescoço em ângulo agudo, a barriga impalada, a boca aberta como um peixe maluco. Nos pés da cama, muito perto, porque a visão de Breer estava desaparecendo, a televisão tagarelava tolices.

— Você vai partir em breve — disse Mamoulian.

— Já a encontrou?

— Sim, eu a encontrei. Em um lugar chamado Rua Bright. A casa... — aparentemente a idéia o divertia — é pintada de amarelo. Segundo andar, eu acho.

— Rua Bright — murmurou Breer sonhadoramente. — Vamos buscá-la então?

— Não, nós não.

Breer virou um pouco mais a cabeça para o lado do Europeu; tinha colocado uma tela improvisada no pescoço, o que lhe dificultava o movimento.

— Eu quero ver a moça — pediu ele.

— Não devia ter permitido que ela fugisse, para começar.

— Ele veio; aquele da casa. Eu já disse.

— Oh, sim — replicou Mamoulian. — Tenho planos para Strauss também.

— Quer que eu o procure para o Senhor? — perguntou Breer. As velhas imagens de execuções surgiram à sua frente, como se acabassem de sair de um livro de atrocidades. Uma ou duas mais definidas do que nunca, como se estivessem prestes a ser realizadas.

— Não precisa Tenho dois acólitos ansiosos para fazer isso para mim.

Breer fechou a cara.

— Então, que posso fazer?

— Pode preparar a casa para nossa partida. Quero que queime tudo o que possuímos. Quero que pareça que nós dois nunca existimos.

— O fim está próximo, não é?

— Agora que sei onde ela está, sim.

— Ela pode fugir.

— Está fraca demais. Não vai conseguir se mover antes que Strauss lhe leve a droga. E, naturalmente, ele nunca vai chegar lá.

— Vai mandar matá-lo?

— Tanto ele quanto qualquer outra pessoa que se achesse no meu caminho, a partir de agora. Não tenho mais energia para ser compassivo. Quantas vezes repeti esse erro, deixar escapar os inocentes. Você já recebeu suas ordens Anthony. Comece a trabalhar!

Saiu do quarto fedorento e desceu para falar com seus novos agentes. Os dois americanos se levantaram respeitosamente quando ele abriu a porta.

— Estão prontos? — perguntou.

O louro, mais dócil desde o começo, começou a expressar seu eterno agradecimento outra vez, mas Mamoulian o fez calar. Deu as ordens, que aceitaram como se ele lhes estivesse oferecendo doces.

— As facas estão na cozinha — insistiu ele. — Vão apanhá-las e usem-nas com saúde!

Chad sorriu.

— Quer que matem a mulher também?

— O Dilúvio não tem tempo para ser seletivo.

— E se ela não tiver pecado? — perguntou Tom, sem saber porque tinha pensado nessa tolice.

— Oh, ela pecou — respondeu o homem, com olhos cintilantes, e isso foi suficiente para os garotos do Reverendo Bliss.

LÁ EM CIMA, Breer ergueu-se do colchão com dificuldade e cambaleou até o banheiro para se ver no espelho rachado. Há muito tempo os ferimentos não estavam mais exudando, mas ele estava horrível.

— Fazer a barba — disse ele. — E botar loção de sândalo.

Temia que as coisas estivessem andando com muita velocidade agora e que, se não tomasse cuidado, talvez ficasse fora dos planos. Estava na hora de pensar em si mesmo. Botaria uma camisa limpa, gravata e paletó e depois ia sair para namorar. Se o fim do jogo estava tão próximo que toda a evidência tinha de ser destruída, então era melhor ele se apressar. Melhor terminar seu romance com a menina antes que ela seguisse o destino de toda carne.

Levou muito mais do que três quartos de hora para atravessar Londres. Estava programada uma grande demonstração anti-nuclear, e vários grupos de manifestantes estavam se reunindo por toda a cidade, a fim de marchar para o grande comício em Hyde Park. O centro, sempre difícil de atravessar, estava praticamente intransponível, repleto de pessoas que iam tomar parte na marcha, e com o tráfego engarrafado. Marty só percebeu a situação

quando já estava no meio dela, tarde demais para voltar ou para procurar outro caminho. Praguejou contra sua falta de atenção; sem dúvida devia haver avisos para os motoristas, antes de chegarem ao centro. Não tinha visto nenhum.

Não podia fazer nada, a não ser talvez deixar o carro e ir de metrô ou a pé. Nenhuma dessas opções o agradava. O metrô devia estar cheio, e andar naquele calor terrível seria debilitante. Marty precisava de todas as energias de que dispunha. Estava vivendo de adrenalina e cigarros há muito tempo. Sentia-se fraco. Só esperava — esperança vã — que a oposição estivesse mais fraca.

Chegou à casa de Charmaine no meio da tarde. Deu uma volta no quarteirão à procura de uma vaga para o carro e encontrou na esquina, logo depois da casa. Seus pés pareciam relutantes; a humilhação que previa não era nada atraente. Mas Carys estava esperando.

A porta da frente estava entreaberta. Assim mesmo, tocou a campainha e esperou na calçada, sem querer entrar diretamente na casa. Talvez estivessem lá em cima na cama, ou tomando um banho de chuveiro frio juntos. O calor continuava tremendo, embora a tarde estivesse quase no fim.

No fim da rua um caminhão de sorvetes apareceu tocando desafinado o Danúbio Azul e parou na esquina à espera dos fregueses. Marty olhou para ele. A valsa já havia atraído duas pessoas. Por um momento a atenção de Marty fixou-se nelas: jovens com ternos discretos, de costas para ele. Um deles tinha cabelos louros e brilhantes que cintilavam ao sol. Estavam apanhando os sorvetes agora; pagaram. Satisfeitos, desapareceram na esquina, sem olhar para trás.

Desistindo de esperar que atendessem a porta, Marty a empurrou. Ela raspou no capacho de fibra de côco com a palavra Bem-Vindo já meio desbotada. Um folheto, meio para fora da caixa de correspondência, caiu para o lado de dentro com a capa para baixo. A tampa de mola da caixa fechou-se com um estalo.

— Flynn? Charmaine?

Sua voz era uma intrusão; foi levada escada acima onde partículas de poeira voavam no raio de sol que entrava pela janela do primeiro patamar; entrou na cozinha onde o leite da véspera coalhava na mesa ao lado da pia.

— Tem alguém em casa?

De pé no vestíbulo ouviu uma mosca voando. Ela circulou em volta da sua cabeça e Marty a espantou. Despreocupada, ela seguiu zumbindo pelo corredor na direção da cozinha, atraída por alguma coisa. Marty a seguiu, chamando Charmaine enquanto andava.

Ela estava à sua espera na cozinha, e Flynn também. Os dois com os pescoços cortados.

Charmaine estava caída contra a máquina de lavar. Sentada no chão, uma perna dobrada sob o corpo, olhando para a parede oposta. Flynn debruçado na pia, como se fosse molhar o rosto. A ilusão de vida era quase perfeita, até o barulho de líquido escorrendo.

Marty parou na porta enquanto a mosca, não tão delicada quanto ele, voava pela cozinha, extasiada. Marty só olhou. Nada para ser feito; só podia olhar. Estavam mortos. E sem precisar fazer nenhum esforço de dedução, Marty sabia que os assassinos estavam vestidos de cinzento, e que tinham virado a esquina do fim da rua com os copinhos de sorvete nas mãos, acompanhados pelo Danúbio Azul.

Chamavam Marty de Dançarino de Wandsworth — aqueles que o chamavam de alguma coisa —, porque Strauss era o Rei da Valsa. Imaginou se teria contado isso para Charmaine em uma das suas cartas. Não, provavelmente não contara e agora era tarde demais. As lágrimas começaram a subir para as bordas das suas pálpebras. Marty tentou controlá-las. Iam interromper a visão e ele não tinha ainda olhado bastante.

A mosca que o havia levado até ali circulava em volta da sua cabeça outra vez.

— O Europeu — murmurou Marty para o inseto —, ele os mandou.

A mosca zigue-zagueou frenética. *“Naturalmente”*, zumbiu ela.

— Eu vou matá-lo.

A mosca riu. *“Não tem idéia do que ele é. Pode ser o próprio Demônio”*.

— Porra de mosca! O que sabe você?

“Não banque o importante comigo”, respondeu a Mosca. *“Você anda sobre a merda tanto quanto eu”*.

Marty observou o inseto dando voltas à procura de um lugar para apoiar os pés imundos. Pousou finalmente no rosto de Charmaine. Era atroz não vê-la erguer a mão preguiçosa para afastar a mosca; terrível era estar ali jogada, a perna dobrada, o pescoço cortado, deixando o inseto passear no

seu rosto, subir para o olho, descer para o nariz, alimentando-se aqui e ali descuidadamente.

A mosca tinha razão. Ele era ignorante. Se pretendia sobreviver, precisava descobrir a vida secreta de Mamoulian porque isso lhe daria poder. Carys sabia disso o tempo todo. Não se podia fechar os olhos e dar as costas ao Europeu. O único modo de se livrar dele era conhecê-lo, olhar para ele pelo tempo que a coragem permitisse e vê-lo em cada detalhe revoltante.

Deixou os amantes na cozinha e foi procurar a heroína. Não precisou procurar muito. O pacote estava no bolso interno do paletó de Flynn jogado casualmente no sofá da sala. Guardando a droga, Marty foi para a porta da frente, sabendo que sair daquela casa em plena luz do dia era o mesmo que pedir uma acusação de assassinato. Seria visto e facilmente reconhecido; em poucas horas a polícia estaria no seu encalço. Mas não podia fazer outra coisa; fugir pela porta dos fundos seria mais suspeito ainda.

Parou na porta e apanhou o folheto caído da caixa de correspondência. Tinha o rosto sorridente de um evangelista, o Reverendo Bliss, que estava de pé, microfone na mão, os olhos erguidos para o céu. “junte-se à Multidão”, dizia a flâmula, “e Sinta o Poder de Deus em Funcionamento. Escutem as Palavras! Sinta o Espírito!” Marty o guardou no bolso para referência futura.

De volta a Kilburn, parou numa cabine telefônica e informou à Polícia sobre os crimes. Quando perguntaram quem era, ele disse, admitindo também que estava violando a condicional. Quando lhe disseram para se entregar na delegacia mais próxima, respondeu que se entregaria, mas precisava terminar um trabalho pessoal primeiro.

Voltando para Kilburn pelas ruas cheias de lixo deixado pela passeata de protesto, procurava uma pista possível do paradeiro de Whitehead. Onde o velho estivesse, cedo ou tarde Mamoulian estaria. Naturalmente podia pedir a Carys para encontrar o pai. Mas pretendia pedir outra coisa a ela, algo que ia exigir muito mais de que delicada persuasão para ser atendida. Teria de localizar Whitehead por seus próprios meios.

Só quando já estava voltando e viu a placa indicando a entrada para Holborn, lembrou-se do Sr. Halifax e dos morangos.

Marty sentiu o cheiro assim que abriu a porta, mas por alguns segundos pensou que se tratava de carne de porco no fogo. Só quando chegou perto da cama viu a queimadura na mão aberta.

— Eu estou bem — disse ela com voz gelada.

— Ele esteve aqui?

Ela assentiu.

— Mas já se foi.

— Deixou algum recado? — perguntou com um sorriso irônico.

Carys sentou-se na cama. Alguma coisa estava muito errada com ele. A voz estranha, o rosto da cor de peixe morto, além de se manter longe dela como se o menor contato pudesse fazê-lo em pedaços. Olhando para Marty quase se esqueceu da necessidade que a consumia.

— Recado — disse — para você? — Carys não compreendeu. — Por quê? O que aconteceu?

— Eles estavam mortos.

— Quem?

— Flynn. Charmaine. Alguém lhes cortou o pescoço.

O rosto de Marty parecia prestes a desabar. Este era sem dúvida o nadir. Não podiam cair mais.

— Oh, Marty...

— Ele sabia que eu ia à minha casa

— Carys procurou ouvir acusação nas palavras, mas não havia. Mesmo assim defendeu-se.

— Não pode ter sido por meu intermédio. Nem sei onde você mora.

— Oh, mas ele sabe. Tenho certeza que se empenha em saber tudo.

— Por que matar os dois? Não vejo motivo.

— Engano de identidade.

— Breer conhece você.

— Não foi Breer.

— Você viu quem foi?

— Acho que sim. Dois garotos — tirou do bolso o folheto.

Os assassinos o tinham posto lá. Alguma coisa nos seus ternos discretos, e no cabelo de um deles, lembrava esses evangelistas que vão de porta em

porta, rostos inocentes e letais. O Europeu na certa devia gostar desse paradoxo.

— Cometeram um erro — continuou Marty, tirando o paletó e começando a desabotoar a camisa encharcada de suor. Entraram na casa e assassinaram o primeiro casal que encontraram.

Só que não era eu, era Flynn. — Puxou a camisa de dentro da calça e a tirou jogando para o lado. — É tão fácil não é mesmo? Ele não se importa com a lei, acha que está acima dela. — Marty não podia deixar de ver a ironia em tudo aquilo. Ele, o ex-condenado, que desprezava uniformes, defendendo a autoridade da lei. Não era um refúgio atraente, mas o melhor que tinha no momento. O que ele é, Carys? O que lhe dá tanta certeza da impunidade?

— Carys estava olhando para o rosto fervoroso do Reverendo Bliss. “Batismo no Espírito Santo!”, ele prometia jovialmente.

— Que importância tem o que ele seja? — perguntou ela.

— Se não soubermos, tudo estará acabado para nós dois.

Carys não respondeu. Marty foi até o lavatório e lavou o rosto e o peito com água fria. Para o Europeu, eles eram como carneiros dentro do cercado. Não só naquele quarto, em qualquer quarto. Onde quer que se escondessem, com o tempo ele os descobriria e ia aparecer. Talvez houvesse uma pequena luta — será que os carneiros lutavam contra a execução? Devia ter perguntado para a mosca. A mosca devia saber.

Voltou-se, a água pingando do queixo e olhou para Carys. Ela olhava para o chão e estava se coçando.

— Vá para ele — disse Marty de repente.

Desde que chegara tinha tentado umas doze vezes começar essa conversa suavemente, mas por que dourar a pílula?

Carys ergueu os olhos vazios.

— O que você disse?

— Volte para ele, Carys. Entre nele, como ele entra em você. Inverta o processo.

Ela quase riu; uma resposta desdenhosa se preparava para aquela obscenidade.

— Dentro dele? — perguntou.

— Isso mesmo.

— Você está louco.

— Não podemos lutar contra o que não conhecemos. E não podemos conhecer se não olharmos. Você pode fazer isso, pode fazer por nós dois. — Deu alguns passos para ela, mas Carys abaixou a cabeça outra vez. — Descubra o que ele é. Descubra uma fraqueza, uma sugestão de fraqueza, qualquer coisa que possa nos ajudar a sobreviver.

— Não.

— Porque, se não fizer isso, podemos tentar qualquer coisa, nos esconder em qualquer lugar que ele virá, ele ou um dos seus asseclas, e vai cortar minha garganta como cortou a de Flynn. E você? Deus sabe, vai desejar ter morrido também.

Era brutal, e Marty sentia-se sujo com aquelas palavras, mas sabia que ela ia resistir apaixonadamente. Se ameaças não dessem resultado, tinha ainda a heroína. Agachou-se na frente dela, e olhou para seus olhos.

— Pense nisso, Carys. Dê uma chance à ideia.

O rosto dela se crispou.

— Você viu o quarto dele? Vai ser o mesmo que me trancar num asilo de loucos.

— Ele nem vai perceber. Não está preparado.

— Não vou discutir isso. Dê-me a dose, Marty.

Ele se levantou com o rosto impassível. Não me faça ser cruel, pensou.

— Quer que eu lhe dê a dose e me cale, não é isso?

— É — disse ela com voz fraca. E depois, mais decidida:

É isso mesmo!

— Você acha que não vale mais do que isso? — Ela não respondeu. Era impossível interpretar sua expressão. — Se pensa assim, por que se queimou?

— Eu não queria ir. Não sem... ver você outra vez. Estar com você. — Seu corpo estava tremendo. — Não podemos ganhar — terminou ela.

— Se não podemos ganhar, o que temos para perder?

— Estou cansada — respondeu, balançando a cabeça. — Dê-me a dose. Talvez amanhã, quando me sentir melhor — olhou para ele com olhos brilhantes nos halos roxos das olheiras. — Dê-me a dose!

— Assim você pode se esquecer de tudo, não é?

— Marty, não faça isso. Vai estragar... — Parou no meio da frase.

— Estragar o quê? Nossas últimas horas juntos?

— Preciso da droga, Marty.

— Muito conveniente. Eu que me dane com o que acontecer comigo...

De repente achou que essa era a verdade, que ela não se importava com o que ele pudesse sofrer, que nunca tinha se importado. Havia entrado em sua vida e, agora que a droga estava ali, ele podia desaparecer outra vez, deixando-a entregue aos seus sonhos. Teve vontade de agredir Carys. Deu as costas para ela, controlando-se.

Carys disse:

— Podemos tomar uma dose — você também, Marty, por que não? Então estaremos juntos.

Ele não respondeu por um longo tempo. Finalmente disse:

— Não vou dar.

— Marty?

— Só depois de procurar Mamoulian.

Carys levou alguns segundos para entender a chantagem. Não havia dito, há muito tempo, que Marty a desapontara porque ela esperava um homem brutal, e ele não era? Tinha falado cedo demais.

— Ele vai saber — murmurou ela. — Vai saber assim que eu chegar perto.

— Não, se chegar até ele caminhando suavemente. Pode fazer isso, sabe que pode. Você é esperta. Já entrou em minha cabeça muitas vezes.

— Não posso — protestou ela. Será que ele não entendia o que estava pedindo?

Marty fez uma careta, suspirou e foi até o paletó que estava no chão, onde ele o tinha deixado. Procurou nos bolsos até encontrar a heroína. Era um pacote muito pequeno e, como conhecia Flynn, a droga devia estar adulterada. Mas era assunto dela, não seu. Ela olhou para o pacotinho quase em transe.

— É todo seu — disse Marty jogando-lhe o papelote, que caiu sobre a cama, ao lado dela. — Faça bom proveito.

Carys continuou a olhar fixamente, agora para a mão dele vazia. Marty apanhou a camisa suada e a vestiu outra vez.

— Onde você vai?

— Já a vi dominada por essa porcaria. Já ouvi as sujeiras que você diz nessas horas. Não quero me lembrar de você assim.

— Não posso viver sem ela...

Carys o odiou; olhou para ele, de pé sob uma mancha de sol do fim de tarde, a barriga e o peito nus, e odiou cada fibra dele. A chantagem ela entendia, era brutal e funcional. Mas o abandono era algo muito mais cruel.

— Mesmo que eu fizesse o que você quer... — disse em tom inseguro, a ideia parecendo diminuir-lhe o tamanho — ...não vou descobrir nada.

Ele deu de ombros.

— Escute, a droga é sua. Já tem o que queria.

— E você? O quê que você quer?

— Quero viver. E acho que é nossa única chance.

Uma chance muito tênue, em verdade; uma minúscula fresta na parede, pela qual poderiam, se o destino os amasse, fugir daquilo tudo.

Carys pesou as opções; por que estava pensando naquilo não se podia explicar. Em outras circunstâncias, poderia ter dito: por amor ao amor. Finalmente, decidiu-se:

— Está bem! Você ganhou.

Marty sentou-se observando Carys preparar-se para a jornada. Primeiro ela se lavou. Não só o rosto, mas o corpo todo, de pé sobre uma toalha ao lado do pequeno lavatório no canto do quarto, com o aquecedor roncando e jorrando água quente. Marty teve uma ereção, mas envergonhou-se por pensar em sexo quando tanta coisa importante estava em jogo. Mas isso era um preconceito puritano; não haveria culpa em sentir o que era agradável. Carys tinha lhe ensinado isso.

Quando terminou, Carys vestiu a mesma roupa de baixo e uma camiseta. Marty notou que era o que vestia quando ele chegara à casa na Rua Caliban; roupas simples e folgadas. Ela sentou-se nas cadeiras. Estava toda arrepiada. Marty queria que ela o perdoasse, queria ouvi-la dizer que essa manipulação era justificável e que — acontecesse o que acontecesse depois — compreendia que ele tinha agido para o bem dos dois. Carys não fez qualquer comentário. Disse apenas;

— Acho que estou pronta.

— O quê que eu posso fazer?

— Muito pouco. Mas fique aqui, Marty.

— E se... você sabe... se alguma coisa der errado? Poderei ajudá-la de alguma forma?

— Não — foi a resposta.
— Como vou saber que você chegou lá?
Olhou para ele como se a pergunta fosse idiota e disse:
— Vai saber.

NÃO FOI DIFÍCIL encontrar o Europeu; seu espírito o alcançou com uma rapidez desconcertante, como se estivesse voltando para os braços de um compatriota há muito perdido. Sentia claramente o poder de atração dele, embora notasse não se tratar agora de magnetismo consciente. Quando seus pensamentos chegaram à Rua Caliban e entraram no quarto do último andar, confirmou-se a manifestação da passividade dele. Mamoulian estava deitado sobre o piso de madeira, parecendo completamente exausto. Talvez, pensou ela, eu possa mesmo fazer isto. Como uma amante ardilosa, aproximou-se sorrateiramente dele e penetrou no seu espírito.

Começou a murmurar algo ininteligível.

Marty fez uma careta. A garganta de Carys se movia e ele teve a impressão de ver as palavras se formando ali dentro. “Fale comigo”, pediu ele mentalmente. “Diga que tudo está bem.” O corpo dela estava rígido. Ele a tocou. Seus músculos pareciam pedras, como se tivesse olhado nos olhos duma Esfinge.

— Carys?

Ela murmurou qualquer coisa outra vez, o pescoço palpitando, mas não se ouviu uma só palavra, mal se notava sua própria respiração.

— Pode me ouvir?

Se podia, não deu o menor sinal. Os segundos se transformaram em minutos e Carys parecia ainda uma parede contra a qual suas perguntas se chocavam e caíam no silêncio.

Então ela respondeu.

— Já cheguei lá. — A voz parecia não ter substância, lembrava uma estação estrangeira na faixa de ondas curtas, suas palavras vindo de algum

lugar desconhecido.

— Está com ele? — perguntou Marty.

— Sim.

Nada de hesitação agora, pensou ele. Carys voltara até o Europeu, a seu pedido, ele precisava usar a coragem dela do modo mais eficiente possível e estar atento para chamá-la de volta antes que alguma coisa saísse errada. Fez a pergunta mais difícil em primeiro lugar, aquela cuja resposta era mais importante para ele.

— O que ele é, Carys?

— Não sei.

Com a ponta da língua ela molhou os lábios.

— Está tão escuro — murmurou.

Estava escuro nele: a mesma escuridão palpável do quarto da Rua Caliban. Mas, pelo menos naquele momento, as sombras eram passivas. O Europeu não esperava intrusos. Não havia deixado terrores guardando os portões do seu espírito. Carys penetrou mais profundamente. Fachos rápidos de luz espoucavam nos cantos da sua visão mental, como as cores que vemos quando esfregamos os olhos, só que mais brilhantes e mais fugidias. Apareciam e desapareciam tão rapidamente que não tinha certeza de ver alguma coisa nelas ou iluminada por elas, mas enquanto se aprofundava e as luzes se tornavam mais frequentes, começou a divisar formas: vírgulas, rendas, grades, pontos, espirais.

A voz de Marty interrompeu o devaneio com uma pergunta idiota que a irritou. Ela o ignorou, que esperasse. As luzes começavam a ficar mais complexas, os desenhos interferindo uns nos outros, ganhando profundidade e peso. Agora parecia ver túneis e cubos invertidos; mares de ondas luminosas; fissuras que se abriam e se fechavam; chuvas de ruído branco. Olhou extasiada o modo como cresciam e se multiplicavam, o mundo do pensamento dele surgindo naqueles céus cintilantes que via; caindo como chuva sobre ela e à sua volta. Vastos blocos de formas geométricas entrelaçadas trovejaram sobre sua cabeça, pairando a centímetros do seu cérebro, com o peso de pequenas luas.

Um segundo depois, tão inesperadamente como tinham surgido, desapareceram. Escuridão outra vez, tão implacável como sempre, pressionando-a de todos os lados. Por um momento teve a impressão de estar sendo sufocada; tentou respirar em pânico.

— Carys?

— Estou bem — murmurou em resposta à pergunta longínqua. Marty estava a um mundo de distância, mas preocupava-se com ela, pelo menos era do que se lembrava vagamente.

— Onde você está? — quis saber ele.

Carys não sabia, por isso balançou a cabeça. Para que lado se dirigiria, se é que devia continuar? Esperou no escuro, preparando-se para o que pudesse acontecer.

Subitamente as luzes surgiram outra vez no horizonte. E agora — para o segundo espetáculo — os desenhos adquiriam forma. Em lugar de espirais, via colunas de fumaça. Ao invés de mares de luz, uma paisagem, com a luz do sol intermitente golpeando encostas distantes. Pássaros se erguiam com asas queimadas e se transformavam em páginas de livros, adejando de incêndios que surgiam de todos os lados.

— Onde está você? — Ele perguntou outra vez.

Os olhos dela giravam doidamente sob as pálpebras fechadas, observando aquela paisagem que desabrochava. Marty não podia compartilhar nada, a não ser por intermédio do que ela dissesse, mas Carys estava muda de admiração ou terror, ele não sabia ao certo.

Havia som também. Não muito; o promontório no qual ela caminhava havia sofrido muita destruição para que o pudesse descrever. Sua existência estava quase no fim. Corpos se espalhavam ao fundo, tão desfigurados que pareciam despencados do céu. Armas, cavalos, rodas. Carys via tudo isso como se estivesse diante de um espetáculo de fogos de artifício, cada cena mostrada apenas uma vez. No momento de escuridão entre um clarão e o outro, todo o cenário mudava. Num segundo estava numa estrada aberta, com uma menina nua correndo para ela, chorando, gritando, no seguinte, via-se numa encosta, olhando para um vale arrasado, visão rápida varando uma parede de fumaça. Agora uma moita de bétulas prateadas, em seguida, nada. Mas sempre o fogo por perto; fuligem e gritos enchendo o ar; a sensação de perseguição implacável. Teve a impressão de que aquelas cenas podiam continuar para sempre, de mudança em mudança — num momento uma paisagem, no outro uma atrocidade — sem que tivesse tempo de relacionar aquelas imagens disparatadas entre si.

Então, com a mesma rapidez com que os primeiros desenhos tinham desaparecido, o fogo desapareceu também e a escuridão a envolveu

novamente.

— Onde?

A voz de Marty a alcançou. Estava tão confuso e agitado, que ela respondeu.

— Estou quase morto — disse calmamente.

— Carys? — Marty pensou apavorado que dizendo o nome dela poderia despertar Mamoulian, mas tinha de saber se falara por si própria ou por ele.

— Não sou Carys — respondeu ela. Sua boca se modificou, os lábios se afinaram. Era a boca de Mamoulian, não a dela.

Carys ergueu a mão como para tocar no rosto.

— Quase morto — disse outra vez. — Perdi a batalha, compreende? Perdi toda a maldita guerra...

— Que guerra?

— Perdida desde o começo. Não que isso importe, sabe? Vou encontrar outra guerra. Sempre há uma por perto.

— Quem é você?

Ela franziu a testa.

— Para que quer saber? — perguntou irritada — Não é da sua conta.

— Não importa — replicou Marty. Temia exagerar o interrogatório. Mas sua pergunta foi respondida.

— Meu nome é Mamoulian. Sou sargento do 3º Batalhão de Fuzileiros. Correção: era sargento.

— Não é mais?

— Não, não sou mais. Agora sou ninguém. É mais seguro ser ninguém nestes dias, não acha?

O tom era tetricamente casual, como se o Europeu soubesse exatamente o que estava acontecendo e tivesse resolvido falar com Marty através de Carys. Outro jogo, talvez?

— Quando penso nas coisas que fiz — prosseguiu ele — para me livrar de encrencas. Sou um covarde, compreende? Sempre fui. Detesto ver sangue. — Começou a rir em Carys, uma risada não-feminina.

— Você é apenas um homem? — perguntou Marty. Mal podia acreditar no que Mamoulian estava contando. Nenhum demônio se escondia no córtex do Europeu, somente aquele sargento semi-louco perdido em algum campo de batalha. — Apenas um homem? — perguntou outra vez.

— O que queria que eu fosse? — respondeu o sargento, rápido como um raio — Ficarei feliz em satisfazer sua vontade. Farei qualquer coisa para sair desta merda.

— Com quem pensa que está falando?

O sargento franziu a testa no rosto de Carys, refletindo antes de responder.

— Estou ficando louco — explicou tristemente. — Há dias venho falando sozinho. Não sobrou mais ninguém, compreende? O 3º foi dizimado. E o 4º e o 5º. Todos para o inferno! — Parou de falar com expressão tristonha. — Não tenho mais parceiros para jogar cartas, diabo! Não posso jogar com homens mortos, posso? Não têm nada do que eu quero... — Não terminou a frase.

— Que dia é hoje?

— Um dia de outubro, não é? — respondeu o sargento, voltando à fala. — Perdi a noção do tempo. Porém, faz um frio de merda de noite, isso eu sei. Sim, deve ser pelo menos outubro. Ontem tinha neve no vento. Ou foi anteontem?

— Qual o ano?

O sargento riu.

— Não estou tão mal assim — respondeu. — O ano é 1811. Sim, é isso. Vou fazer trinta e dois em novembro. E não pareço ter nem um dia a mais do que quarenta.

1811. Se o sargento estava dizendo a verdade, Mamoulian tinha duzentos anos.

— Tem certeza? — perguntou Marty. — O ano é 1811, tem certeza?

— Cale a boca! — foi a resposta.

— O quê?

— Problemas.

Carys cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse presa. Sentia-se encurralada — mas por quem ou o quê, não sabia ao certo. A estrada aberta onde estava tinha desaparecido subitamente, e agora sentia-se deitada no escuro. Era mais quente ali do que na estrada, mas não era um calor agradável. Cheirava à podridão. Cuspiu, não uma, mas três ou quatro vezes para se livrar de golfadas de imundície. Onde estava, pelo amor de Deus?

Ouviu o ruído de cavalos que se aproximavam. Era um som abafado mas a enchia, ou melhor, enchia de pânico o homem que ela ocupava. A sua

direita alguém gemeu.

— Sss... — sibilou ela. Será que o homem que gemia não tinha ouvido os cavalos? Seriam descobertos e embora não soubesse por quê, tinha certeza de que isso seria fatal.

— O que está acontecendo? — Perguntou Marty.

Carys não ousou responder. Os cavaleiros estavam perto demais para arriscar uma palavra. Ouviu que desmontavam e se aproximavam do seu esconderijo. Recitou uma oração silenciosamente. Os homens estavam falando agora; eram soldados, pensou ela. Discutiam sobre quem se encarregaria de uma tarefa desagradável. Talvez, rezou ela, desistissem da busca antes mesmo de começá-la. Mas não. A discussão terminou e alguns deles começaram o trabalho queixando-se e resmungando. Ouviu que arrastavam uns sacos e os jogavam para baixo. Uma dúzia, duas dúzias. A luz entrou rapidamente no lugar em que estava deitada prendendo a respiração. Mais sacos; a luz caiu sobre ela. Abriu os olhos e finalmente descobriu o refúgio escolhido pelo sargento.

— Deus todo Poderoso — gemeu ela.

Não eram sacos o que estavam jogando. O sargento estava escondido sob uma pilha de cadáveres. Era o calor da putrefação que o fazia suar.

Agora essa pilha estava sendo destruída pelos cavaleiros que esperavam cada corpo retirado dali para distinguir os mortos dos vivos. Os poucos que ainda respiravam eram mostrados ao oficial. Ele determinou que nada mais havia a fazer com eles, e foram despachados sumariamente. Antes que a baioneta o espetasse, o sargento rolou para o lado e revelou sua presença.

— Eu me rendo — gritou ele.

Mesmo assim, enfiaram-lhe a baioneta num ombro. Ele gritou. Carys também.

Marty estendeu a mão para tocá-la; o rosto dela crispava-se de dor. Mas achou mais prudente não interferir no que era sem dúvida um momento crucial; podia fazer mais mal do que bem.

— Ora, ora — sorriu o oficial lá em cima, no seu cavalo. — Você não me parece muito morto.

— Eu estava apenas praticando — respondeu o sargento.

A piada foi recebida com outro golpe. A julgar pelas caras dos homens que o rodeavam, ele teria muita sorte se conseguisse evitar que o eviscerassem. Estavam dispostos a um pouco de diversão.

— Você não vai morrer — disse o oficial, batendo com a mão no pescoço brilhante do cavalo. A presença de tanta podridão deixava o animal inquieto.

— Primeiro queremos respostas a algumas perguntas. Depois, então, você terá um bom lugar na cova.

Atrás do capacete emplumado do oficial o céu estava escuro. Enquanto ele falava, a cena começou a perder coerência, como se Mamoulian tivesse esquecido o que vinha depois.

Sob as pálpebras, os olhos de Carys começaram a se agitar outra vez. Outro tumulto de impressões a assaltava, cada momento delineado com absoluta precisão, mas tudo rápido demais para fazer sentido.

— Carys? Você está bem?

— Estou, estou — disse ela, ofegante. — Apenas momentos... momentos difíceis.

Viu um quarto, uma cadeira. Sentiu um beijo, uma bofetada. Dor, alívio; dor outra vez. Perguntas, risadas. Não tinha certeza, mas parecia que, sob pressão, o sargento estava contando ao oficial inimigo tudo o que queria saber e mais ainda. Dias se passaram em um segundo. Deixou que escorressem entre seus dedos, sentindo que a mente adormecida do Europeu movia-se com velocidade crescente para algum fato crucial. Era melhor deixar que ele fosse na frente; conhecia melhor do que ela o significado dessa corrida.

A jornada terminou com brusquidão chocante.

Um céu da cor de ferro frio abria-se acima de sua cabeça. A neve caía, macia penugem de ganso descendo preguiçosamente que, ao invés de aquecer, dava-lhe dor nos ossos. No quarto-sala claustrofóbico, com Marty suado e de peito nu ao seu lado, os dentes de Carys começaram a bater.

Os captores do sargento tinham terminado o interrogatório, ao que parecia. Levaram-no com outros cinco prisioneiros esfarrapados para um pequena praça. Ele olhou em volta. Era um mosteiro, pelo menos fora até ser ocupado. Um ou dois monges abrigados no corredor do claustro observavam filosoficamente as cenas que se desenvolviam no pátio.

Os seis prisioneiros esperavam em fila enquanto a neve caía. Não estavam amarrados. Não havia qualquer possibilidade de fuga daquela praça. O sargento, no fim da fila, roía as unhas, tentando organizar seus pensamentos. Iam morrer ali, isso era um fato inevitável. Não eram os

primeiros a ser executados naquela tarde. Perto do muro, arrumados para inspeção póstuma, estavam cinco homens mortos. Suas cabeças decepadas tinham- lhe sido encaixadas, a última difamação, na algura das virilhas. De olhos abertos, como que sobressaltados pelo golpe mortal, olhavam para a neve que descia, para as janelas, para a única árvores plantada em um quadrado de terra entre as pedras. No verão certamente ela dava frutos; pássaros cantavam idiotamente nos seus galhos. Agora estava sem folhas.

— Eles vão nos matar — disse ela calmamente.

Tudo muito informal. O oficial em comando, um casaco de pele nas costas, estava de pé aquecendo as mãos num braseiro, sem se voltar para os prisioneiros. O carrasco estava com ele, a espada ensanguentada sobre um dos ombros. Gordo e desajeitado, riu de alguma coisa que o oficial disse e tomou um copo de bebida para esquentar, antes de voltar ao trabalho.

Carys sorriu.

— O que está acontecendo agora?

Ela não respondeu; seus olhos estavam pregados no homem que ia matá-los; ela sorriu outra vez.

— Carys. O que está acontecendo?

Os soldados se aproximaram dos prisioneiros e os empurraram para o centro da praça. Carys inclinou a cabeça, expondo a nuca.

— Vamos morrer — murmurou para seu confidente distante.

Na outra extremidade da fila o carrasco ergueu a espada e desferiu o golpe com precisão profissional. A cabeça do prisioneiro pareceu saltar do pescoço, impelida por um geiser de sangue. Era chocante o contraste com os muros cinzentos e a brancura da neve. Caiu com o rosto para baixo, rolou, um pouco e parou, o corpo desmoronou no chão. Com o canto dos olhos Mamoulian observava a cena, tentando evitar que seus dentes batessem. Não estava com medo, e não queria que pensassem que estava. O segundo homem começou a gritar. Dois soldados se adiantaram a um comando gritado do oficial e seguraram o homem.

De repente, depois de um silêncio em que se ouvia a neve caindo no solo, toda a fila explodiu em súplicas e preces; o terror do homem abriu uma represa. O sargento ficou calado. Tinham sorte de morrer daquele modo, pensou: a espada era para aristocratas e oficiais. Mas a árvore não estava ainda desenvolvida para enforcamentos. Viu a espada descer pela

segunda vez, imaginando se depois da morte a língua continuava a se mover, na cabeça que se esvaía.

— Não estou com medo — dizia-se a si próprio. Para que serve o medo? Não pode ser comprado nem vendido, não se pode fazer amor com ele. Não podemos nem usá-lo como agasalho se tirarem nossa camisa.

A terceira cabeça rolou na neve; e a quarta. Um soldado riu. O sangue soltava fumaça. O cheiro de carne era apetitoso para um homem que há uma semana não comia.

— Não estou perdendo nada — continuava ele, à guisa de prece. — Tive uma vida inútil. Se acabar aqui, o que importa?

O prisioneiro à sua esquerda era jovem, não mais de quinze anos. Um tambor, imaginou o prisioneiro. Ele chorava silenciosamente.

— Olhe só para aquilo — disse-lhe Mamoulian. — Nunca vi deserção igual!...

Fez um sinal com a cabeça na direção dos corpos esparramados no chão, que começavam a ser abandonados pelos parasitas. Pulgas e piolhos, percebendo que o hospedeiro não vivia mais, arrastavam-se e saltavam da cabeça e do corpo, ansiosos para encontrar nova morada antes que o frio os matasse.

O garoto olhou e sorriu. O espetáculo lhe serviu de diversão no instante em que o carrasco se colocou perto dele e desferiu o golpe mortal. A cabeça saltou; o líquido quente atingiu o peito do sargento.

Calmamente, Mamoulian virou a cabeça e examinou o carrasco. O homem estava levemente manchado de sangue; a não ser por isso, sua profissão não estava escrita nele. Um rosto inexpressivo, a barba descuidada e olhos redondos como ovos cozidos. Vou ser assassinado por essa coisa? pensou o sargento; bem, não estou envergonhado. Estendeu os braços aos lados do corpo, o gesto universal de submissão e inclinou a cabeça. Alguém puxou sua camisa para expor o pescoço.

Ele esperou. Um ruído como de um tiro soou em sua cabeça. Abriu os olhos, esperando ver a neve aproximando-se da cabeça decepada; mas não. No centro da praça um soldado caía de joelhos, o peito esfacelado por um tiro vindo de uma das janelas do claustro. Mamoulian olhou para trás. Soldados apareciam de todos os lados da praça. Balas mergulhavam na neve. O oficial comandante, ferido, caiu sobre o braseiro e seu casaco de pele incendiou-se. Encurralados sob a árvore, dois soldados foram

liquidados ao mesmo tempo, caindo juntos como amantes sob os galhos sem folhas.

Vamos embora! — Com a voz dele, Carys murmurou a ordem. — Rápido! Vamos embora!

Enquanto os soldados lutavam à sua volta, o sargento arrastou-se sobre as pedras geladas, mal acreditando que tinha sido poupado. Ninguém olhou para ele. Desarmado e esquelético, não representava perigo para ninguém. Uma vez fora da praça e na parte dos fundos do mosteiro, parou para respirar. Fumaça começava a encher os corredores gelados. Inevitavelmente, um lado ou outro estava incendiando o mosteiro; talvez os dois. Eram todos uns imbecis; o sargento não gostava de nenhum deles. Caminhou para o labirinto da construção, esperando achar a saída sem se encontrar com fuzileiros desgarrados.

Em uma passagem distante da luta ouviu passos — sandálias, não botas — que vinham em sua direção. Voltou-se para enfrentar o perseguidor. Era um monge, o rosto magro e pálido do típico ascético. Segurou o sargento pelo colarinho esfarrapado.

— Você é uma dádiva de Deus — exclamou ele. Estava ofegante, mas seus dedos seguravam com força.

— Deixe-me em paz. Quero sair daqui.

— A luta está se espalhando pelo mosteiro, nenhum lugar é seguro.

— Eu vou arriscar — disse o sargento sorrindo.

— Você foi escolhido, soldado — respondeu o monge, sem largar o colarinho. — O acaso o favoreceu. O garoto inocente ao seu lado morreu, mas você está vivo. Não compreende? Pergunte a você mesmo porque.

Tentou livrar-se do homem de cabeça raspada; a mistura de incenso e suor antigo era horrível. Mas o homem segurava com força, falando rapidamente:

— Existem túneis secretos sob as celas. Podemos fugir sem ser massacrados.

— Podemos?

— É claro. Se me ajudar.

— Como?

— Preciso salvar alguns manuscritos; o trabalho de uma vida. Preciso dos seus músculos, soldado. Não se preocupe, vai receber alguma coisa em troca.

— O que o Senhor pode ter que eu queira? — Perguntou o sargento. De fato, o que poderia possuir aquele flagelante de olhos doidos?

— Preciso de um acólito — disse o monge. — Alguém a quem ensinar o que eu sei.

— Poupe-me de sua orientação espiritual.

— Posso ensinar-lhe muitas coisas: como viver para sempre, se é isso que deseja. — Mamoulian começou a rir mas o monge continuou sua conversa de sonho. — Como retirar a vida das outras pessoas e fazer uso dela para aumentar a sua. Ou, se quiser, dar vida aos mortos, ressuscitando-os.

— Nunca!

— É um conhecimento antigo — continuou o monge. — Mas eu o reencontrei, escrito em grego. Segredos que eram antigos quando o mundo ainda era jovem. E que segredos!

— Se pode fazer tudo isso, porque não é o Czar de Todas as Rússias? — perguntou Mamoulian.

O monge largou o colarinho dele, observando-o com desprezo recém-chegado aos seus olhos.

— Qual homem — retrocou lentamente —, qual homem com verdadeira ambição na alma se contentaria em ser apenas o Czar?

A resposta apagou o sorriso do sargento. Palavras estranhas, cujo significado — se lhe perguntassem — teria dificuldade para explicar. Mas havia nelas uma promessa que a confusão não apagava. E pensou: “Bem, talvez seja assim que se adquira conhecimento; como a espada não caiu sobre mim, por que não experimentar esta novidade?”

— Mostre o caminho — pediu.

Carys sorriu; um sorriso breve mas radiante. No espaço de um piscar de olhos o inverno derreteu. A primavera floresceu, havia verde por toda a parte, especialmente sobre as covas.

— Para onde está indo? — perguntou Marty.

Era evidente pela expressão feliz de Carys que as coisas tinham mudado. Durante alguns minutos tinha deixado escapar palavras que indicavam a vida que compartilhava na mente do Europeu. Marty mal conseguia compreender o ponto essencial do que estava acontecendo. Esperava que ela pudesse fornecer os detalhes mais tarde. Em que país estava. Que guerra era aquela.

De repente ela disse:

— Terminei. — Sua voz estava despreocupada, quase alegre.

— Carys?

— Quem é Carys? Nunca ouvi falar nele. Provavelmente morto. Todos estão mortos, menos eu.

— O que foi que você terminou?

— O aprendizado, é claro. Tudo que ele pôde me ensinar. E era verdade. Tudo que ele prometeu era verdade. Velha sabedoria.

— O que aprendeu?

Ela ergueu a mão queimada e a abriu.

— Posso roubar a vida — respondeu Carys. — Facilmente. É só encontrar o lugar, e beber. Fácil de tomar, fácil de dar.

— Dar?

— Durante algum tempo. O tempo que eu quiser. — Ela estendeu um dedo: como Deus para Adão. — “Que haja vida.”

Ele começou a rir com o rosto de Carys outra vez.

— E o monge?

— O que tem o monge?

— Ainda está com você?

O sargento balançou a cabeça de Carys.

— Eu o matei, quando acabou de me ensinar tudo o que sabia. — Ergueu as mãos estrangulando o ar. — Eu o estrangulei uma noite, enquanto ele dormia. Naturalmente acordou quando sentiu meus dedos em sua garganta. Mas não lutou; não fez o menor gesto para se salvar. — O sargento ria zombeteiramente descrevendo o ato. — Deixou que eu o matasse. Eu mal podia acreditar na minha sorte; há semanas vinha planejando aquilo, com medo de que ele lesse meus pensamentos. Quando ele se foi com tanta facilidade fiquei extasiado... — O sorriso desapareceu. — como fui idiota — ele murmurou com a boca de Carys.

— Tão, tão idiota!

— Por que?

— Não percebi a armadilha que ele me havia preparado. Não vi que tudo tinha sido planejado, tratar-me como um filho sabendo que eu seria seu assassino quando chegasse a hora. Nunca percebi — nem por um momento — que tinha sido mero instrumento nas mãos dele. Ele queria morrer.

Queria passar sua sabedoria — disse a palavra com desprezo — para mim, e depois me fez matá-lo.

— Por que ele queria morrer?

— Não compreende o quanto é horrível viver quando tudo à nossa volta perece? E quanto mais o tempo passa, mais a idéia da morte gela nossas entranhas, porque, quanto mais a evitamos, pior ela será. E começamos a desejar — oh, como desejamos — que alguém tenha pena de nós, que alguém nos abrace e compartilhe nossos terrores. E, no fim, alguém para entrar nas trevas conosco.

— E você escolheu Whitehead — concluiu Marty, quase num sussurro — do mesmo modo que foi escolhido, ao acaso.

— Tudo é acaso, e nada é acaso — sentenciou o homem adormecido; então riu-se outra vez, dele mesmo, amargamente. — Sim, eu o escolhi com um jogo de cartas. E então fiz um trato com ele.

— Mas ele o enganou.

Carys assentiu com a cabeça, lentamente, a mão fazendo um círculo no ar. Girando e girando.

— O que vai fazer agora?

— Encontrar o peregrino. Onde quer que ele esteja, vou encontrá-lo! Levá-lo comigo. Juro que não vou permitir que escape. Vou apanhá-lo e mostrar a ele.

— Mostrar o quê?

Nenhuma resposta. Ela suspirou, espreguiçou-se suavemente e balançou a cabeça de um lado para o outro. Com uma sensação de choque, Marty compreendeu que estava ainda vendo Carys repetir os movimentos de Mamoulian; que, durante todo aquele tempo, o Europeu estava dormindo, e agora, com as energias recuperadas, começava a acordar. Repetiu a pergunta, resolvido a obter uma resposta ao que considerava de vital importância.

— Mostrar o que a ele?

— *O inferno!* — respondeu Mamoulian. — Ele me enganou! Desperdiçou todos os meus ensinamentos, todo o meu conhecimento, jogou tudo fora a favor da sua cobiça, a favor da vida do corpo. *Apetite!* Tudo acabado por causa do apetite. Todo meu precioso amor, desperdiçado!

Marty ouvia naquela litania a voz do puritano — a voz de um monge, talvez? —, a fúria de uma criatura que queria o mundo mais puro e vivia em

tormento porque só encontrava sujeira e carne suando para fazer mais carne, mais sujeira. Que esperança podia haver de sanidade em tal lugar? A não ser encontrar uma alma para compartilhar seu tormento, um amante para odiar o mundo com ele. Whitehead tinha sido esse companheiro. E agora Mamoulian estava sendo leal à alma do seu amado; desejando, no fim, entrar na morte com a única criatura em quem havia confiado.

— Iremos para o nada — murmurou ele e o murmúrio era uma promessa — Todos nós, iremos para o nada. Para baixo! Para baixo!

Estava acordando. Não havia tempo para outras perguntas, por mais curioso que Marty estivesse.

— Carys.

— Para baixo! Para baixo!

— Carys! Está me ouvindo? Saia de dentro dele! Rápido!

A cabeça dela rolou de um lado para o outro.

— Carys!

Ela gemeu.

— Rápido!

Na cabeça de Mamoulian começavam novamente os desenhos, tão encantadores quanto antes. Explosões de luz que, ela sabia, logo se transformariam em quadros. O que seriam desta vez? Pássaros, flores, árvores floridas. Que mundo das maravilhas era aquele!

— Carys!

A voz de alguém que havia conhecido a chamava de algum lugar muito distante. Mas as luzes a chamavam também. Começavam a se definir. Ela esperou, mas dessa vez o que começou a aparecer não foram lembranças...

— Carys! Rápido!

... eram cenas do mundo real, aparecendo enquanto o Europeu abria os olhos. O corpo de Carys ficou tenso. Marty segurou a mão dela com força. Carys soltou o ar dos pulmões lentamente, um queixume passando entre os dentes e subitamente acordou para o perigo iminente. Retirou o pensamento da mente do Europeu atravessando os quilômetros até Kolburn. Por um momento angustiante sentiu que sua vontade enfraquecia, e que estava caindo para trás, de volta para a mente que a esperava. Apavorada, arfou como um peixe fora d'água, enquanto sua mente lutava para se movimentar.

Marty a fez levantar-se, mas as pernas de Carys dobraram sob o corpo. Ele a manteve de pé, abraçando-a com força.

— Não me deixe — ele murmurou no cabelo de Carys. — Senhor Amado, não permita que ela me deixe!

De repente ela abriu os olhos.

— Marty — murmurou —, Marty.

Era ela; Marty a conhecia bastante para não ser enganado pelo Europeu.

— Você voltou, afinal! — exclamou com um sorriso nos lábios.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, simplesmente abraçados. Quando falaram, Carys não teve pressa em recontar o que tinha passado. Marty dominou a curiosidade. Bastava saber que não estavam sendo perseguidos pelo demônio.

Apenas a velha humanidade, enganada no amor e pronta a puxar o mundo sobre sua cabeça.

Então, talvez tivesse uma chance de viver, afinal. Mamoulian era um homem, apesar de todas as suas faculdades sobrenaturais. Tinha uns duzentos anos talvez, mas o que eram uns poucos anos entre amigos?

A prioridade agora era encontrar Papá e avisá-lo do que Mamoulian pretendia fazer, depois planejar a melhor defesa contra a ofensiva do Europeu. Se Whitehead não quisesse ajudar, era sua prerrogativa. Pelo menos Marty teria tentado, pelos velhos tempos. E à luz do assassinato de Flynn e Charmaine, os crimes de Whitehead contra Marty não passavam de falta de cortesia. Ele era sem dúvida dos males o menor.

Quanto ao modo de encontrar Whitehead, a única pista que tinham eram os morangos. Pearl havia dito que o Velho Whitehead não passava um dia sem seus morangos. Isso há vinte anos, segundo ela. Portanto, era possível que continuasse a satisfazer esse capricho, mesmo escondido como estava agora. Era uma pista muito tênue. Mas o apetite, como Marty tão recentemente descobrira, era a chave desse enigma.

Tentou convencer Carys a acompanhá-lo, mas ela estava exausta, a ponto de entrar em colapso. Suas viagens, disse ela, estavam terminadas; vira demais por um dia. Tudo o que desejava agora era sua Ilha Ensolarada, e disso não abriu mão. Com relutância, Marty a deixou com a droga e saiu para conversar sobre morangos com o Sr. Halifax, em Holborn.

Sozinha, Carys logo encontrou o esquecimento. As coisas que tinha visto na mente de Mamoulian foram relegadas para o vago passado de onde vieram. O futuro, se houvesse algum, era ignorado ali, onde só havia tranquilidade. Banhou-se com um sol de absurdos, enquanto lá fora uma chuva fina começava a cair.

XII A Dança do Homem Gordo

64

Breer não se importava com a mudança do tempo. Na rua estava abafado e a chuva, com seu simbolismo de limpeza, era um alívio para ele. Embora há muitas semanas não sentisse nenhuma dor, seu corpo coçava com o calor. Não era propriamente uma coceira. Era uma irritação mais profunda; a sensação de algo se arrastando sobre ou sob sua pele, que nenhum remédio aliviava. Mas a chuva fina parecia diminuir o desconforto, e Breer era grato. A chuva ou o fato de que ia ver a mulher que amava. Carys o havia atacado muitas vezes (ele usava os ferimentos como troféus), mas ele perdoava esses pecados. Ela o compreendia melhor do que ninguém. Ela era única — uma deusa, apesar dos pêlos no corpo — e ele sabia que se pudesse vê-la outra vez, mostrar-se para ela, tocá-la, tudo ficaria bem.

Mas primeiro tinha de chegar à casa. Não foi fácil encontrar um táxi disposto a parar para ele e quando conseguiu, o motorista, no meio do caminho, mandou que ele saltasse porque, explicou o homem, o cheiro era tão repulsivo que ninguém mais entraria no seu táxi. Envergonhado com essa rejeição tão pública — o motorista o fez saltar e foi embora —, Breer procurou as travessas menos movimentadas, onde esperava não ser motivo de zombaria e repulsa.

Foi numa dessas travessas, a poucos minutos a pé de onde Carys o esperava que um jovem com andorinhas azuis tatuadas no pescoço saiu de uma porta para oferecer ajuda ao Engolidor de Giletes.

— Ei, cara. Você parece doente, sabe? Deixe que o ajude.

— Não, não — resmungou Breer, esperando que o Bom Samaritano o deixasse em paz. — Estou bem, é verdade.

— Mas eu insisto — continuou o Andorinha, apressando o passo para ficar à frente de Breer e impedir que ele continuasse seu caminho. Olhou

para os lados antes de empurrar Breer para a entrada de uma casa de tijolos.

— Fique de boca fechada, cara — disse ele, tirando uma faca do bolso e encostando-a na garganta enfaixada de Breer — e tudo vai dar certo. Esvazie os bolsos. Rápido! Rápido!

Breer não fez nenhum movimento para obedecer. O inesperado do ataque o deixou atordoado e, quando o jovem segurou seu pescoço, ficou tonto. O Andorinha apertou a ponta da faca um pouco mais sobre as ataduras para confirmar o que estava dizendo. A vítima fedia e ele queria acabar o trabalho o mais depressa possível.

— Os bolsos, cara! É surdo? — Apertou mais a faca. O homem nem tremeu. — Eu faço mesmo, cara — avisou o ladrão. — Corto sua porra de garganta.

— Oh. — disse Breer calmamente. Mais para tranquilizar o larápio do que por medo, enfiou a mão no bolso do sobretudo e encontrou uma porção de coisas. Algumas moedas, balas de hortelã, que ele chupava até secar seu estoque de saliva e uma garrafa de loção pós barba. Estendeu tudo para o homem com um ar de desculpa no rosto maquilado.

— É só o que tem? — O Andorinha estava ofendido. Abriu o sobretudo de Breer.

— Não faça isso — sugeriu o Engolidor de Giletes.

— Um pouco quente para usar sobretudo, não está? — perguntou o ladrão. — O que está escondendo?

Os botões caíram quando ele puxou o paletó que Breer vestia sob o sobretudo, e agora o ladrão estava olhando espantado, boquiaberto, para os cabos da faca e do garfo enfiados ainda na barriga do Engolidor de Giletes. As manchas de líquido seco que tinham escorrido dos ferimentos eram pouco menos nojentas do que a podridão marrom que se espalhava das suas axilas e da virilha. Em pânico, o ladrão enfiou a faca com mais força no pescoço de Breer.

— Cristo, cara...

Anthony, tendo perdido sua dignidade, sua auto-estima e, como se ele não soubesse, sua vida — só tinha a perder a paciência. Ergueu a mão gordurosa e segurou a faca do ladrão. O homem a soltou um segundo tarde demais. Breer, mais rápido do que sugeria seu corpo, girou a mão e a arma quebrando o pulso do assaltante.

Andorinha tinha dezessete anos. Na sua opinião, tinha vivido bastante para tão pouca idade. Vira duas mortes violentas, tinha perdido a virgindade — com a meia-irmã — aos quatorze anos, criado coelhos, visto filmes pornô, experimentado todo o tipo de comprimido que suas mãos ávidas podiam alcançar; uma existência movimentada, pensava ele, repleta de sabedoria adquirida. Mas aquilo ali era novo. Nada como aquilo ali, antes, nunca. Sentiu dor na bexiga.

Breer segurava ainda o braço quebrado do ladrão.

— Solte-me... por favor...

Breer olhou para ele, o paletó ainda aberto, aqueles estranhos ferimentos à mostra.

— O que você quer, cara? Está me machucando.

O paletó do Andorinha também estava aberto. Dentro dele havia outra arma, enfiada num dos bolsos mais fundos.

— Faca? — perguntou Breer, olhando para o cabo.

— Não, cara.

Breer estendeu a mão para a arma. O jovem, ansioso para agradar, tirou-a do bolso, jogando-a aos pés de Breer. Era um facão de mato. A lâmina estava oxidada, mas o fio era cortante.

— É sua, cara. Vamos, pegue. Mas largue meu braço, cara.

— Pegue-a você. Abaixese e pegue-a — ordenou Breer, soltando o pulso quebrado. O garoto abaixou-se, apanhou o facão e entregou para Breer. O Engolidor de Giletes segurou a arma. A cena, ele de pé, a vítima ajoelhada, a lâmina em sua mão, significava alguma coisa para Breer, mas não sabia exatamente o quê. Uma ilustração do seu livro de atrocidades, sem dúvida.

— Eu podia te matar — disse ele com voz inexpressiva.

O pensamento já tinha ocorrido ao Andorinha. Fechou os olhos e esperou. Mas o golpe não veio. O homem disse simplesmente:

— Muito obrigado — e foi embora.

Ajoelhado na entrada da casa, Andorinha começou a rezar. Surpreendeu a si mesmo com esse impulso de religiosidade, recitando de cor as orações que ele e Hosanna, sua meia-irmã, tinham rezado juntos, antes e depois de pecar.

Estava rezando ainda dez minutos mais tarde, quando a chuva começou a cair com força.

Breer levou alguns minutos procurando, até encontrar a casa amarela na Rua Bright. Depois de localizá-la, ficou alguns minutos no lado de fora, preparando-se. Ela estava ali, a sua salvação. Queria que o encontro fosse o mais perfeito possível.

A porta da frente estava aberta. Crianças brincavam no limiar, expulsas da rua, dos seus jogos de amarelinha e outros, pela chuva. Breer passou por elas cautelosamente, com medo que seus pés pesados amassassem uma mãozinha. Uma menina muito bonita ganhou um sorriso dele, mas não retribuiu. Ficou parado no vestíbulo, tentando lembrar onde o Europeu tinha dito que Carys estava escondida. No segundo andar, não era isso?

Carys ouviu passos no corredor fora do quarto, mas aquela passagem de madeira suja e papel de parede descascado ficava do outro lado de estreitos intransponíveis, muito longe da sua ilha. Estava segura ali.

Então bateram na porta; uma batida hesitante de cavalheiro. A princípio ela não respondeu, mas quando bateram outra vez disse “Vá embora”.

Depois de alguns segundos de hesitação experimentaram a maçaneta.

— Por favor... — murmurou ela, o mais delicadamente possível — vá embora. Marty não está aqui.

Mais uma vez giraram a maçaneta, agora com mais força. Carys ouviu dedos cuidadosos forçando a madeira, ou seria o barulho das ondas na praia da sua ilha? Não sentia medo, nem preocupação. A heroína que Marty tinha arranjado era boa. Não da melhor — essa só Papá conseguia —, mas apagara cada linha do seu medo.

— Não pode entrar — disse ao possível intruso. — Tem de ir embora e voltar mais tarde.

— Sou eu — tentou dizer o Engolidor de Giletes.

Mesmo através da ofuscação do sol da ilha ela reconheceu a voz. Como Breer podia estar murmurando na porta, desse modo? No seu espírito, algo estava fazendo brincadeiras desagradáveis.

Sentou na cama enquanto a pressão na porta aumentava. Subitamente, cansado da sutileza, ele empurrou. Uma vez, duas. A fechadura cedeu com facilidade e Breer cambaleou para dentro do quarto. Não era uma brincadeira desagradável afinal... Ali estava ele, em toda a sua glória.

— Encontrei você — disse Breer, o príncipe perfeito.

Fechou a porta cuidadosamente e se apresentou. Carys olhou sem acreditar no que via: o pescoço quebrado, com uma tala de madeira feita em casa e ataduras, as roupas sujas. Breer tentou tirar as luvas de couro, mas não conseguiu.

— Vim ver você — murmurou ele, a voz embargada.

— Sim.

Ele tirou a luva, com um barulho macio e pegajoso. Carys olhou para a mão descoberta. Grande parte da pele tinha saído com a luva. Ele estendeu aquela coisa úmida e desfeita para ela.

— Você quer me ajudar.

— Você está sozinho? — perguntou Carys.

— Estou.

Pelo menos era alguma coisa. Talvez o Europeu nem soubesse que ele estava ali. A julgar pela patética tentativa de civilidade, Breer estava ali para namorar. O namoro para ele tinha começado naquele primeiro encontro na sauna. Carys não tinha gritado nem vomitado, ganhando assim a eterna lealdade de Breer.

— Ajude-me — gemeu ele.

— Não posso ajudar você. Não sei como.

— Deixe-me tocar em você.

— Você está doente.

A mão estava ainda estendida. Ele deu um passo à frente. Será que ele pensava que Carys era um ícone ou coisa parecida, um talismã que — uma vez tocado — curava qualquer doença?

— Bonitinha.

O cheiro de Breer era insuportável, mas a mente drogada de Carys estava preguiçosa. Sabia que era importante escapar, mas como? A porta talvez; a janela? Ou apenas pedir que fosse embora, que voltasse no dia seguinte?

— Quer fazer o favor de ir embora?

— Só tocar.

A mão estava a poucos centímetros do rosto dela. O nojo a dominou, superando a letargia provocada pela ilha. Com um movimento brusco afastou o braço dele, apavorada com a idéia de qualquer contato, por mais breve que fosse, com aquela carne. Breer ficou ofendido.

— Você tentou me machucar — lembrou ele. — Tantas vezes. Eu nunca machuquei você, nem uma vez.

— Mas queria.

— Ele, eu nunca. Quero que você fique com todos os meus outros amigos, onde nada lhe possa fazer mal.

A mão que tinha voltado para o lado do corpo ergueu-se bruscamente agarrando-a pelo pescoço.

— Você nunca vai me deixar.

— Está me machucando, Anthony.

Breer a puxou para mais perto e inclinou a cabeça para ela tanto quanto permitia o pescoço quebrado. Carys viu alguma coisa se movendo num pedaço de pele sob o olho direito dele. Quanto mais perto ele chegava, mais ela via com clareza as larvas gordas e brancas depositadas como ovos no rosto dele, para amadurecer à espera das asas. Será que ele sabia que era hospedeiro de vermes? Seria um ponto de orgulho servir de ninho para varejeiras? Ele ia beijá-la, Carys tinha certeza. Se ele puser a língua na minha boca, pensou, eu a arranco com os dentes. Não vou permitir que faça isso. Deus amado, prefiro morrer.

Breer encostou os lábios nos dela.

— Você é — disse uma voz muito baixa.

A porta estava aberta.

— Solte a moça.

O Engolidor de Giletes soltou Carys, afastando-se do rosto dela. Carys cuspiu para se livrar do beijo e ergueu os olhos.

Mamouliau estava na porta. Atrás dele, dois jovens bem vestidos, um com cabelos dourados, ambos com largos sorrisos.

— Impossível — repetiu o Europeu, voltando os olhos vazios para Carys. — Vê o que acontece quando foge da custódia? Vê os horrores que chegam?

Carys não respondeu.

— Está sozinha, Carys. Seu antigo protetor está morto.

— Marty? Morto?

— Na casa dele, quando foi apanhar sua heroína.

Carys levou segundos de vantagem, percebendo o engano dele. Talvez desse algum tempo mais a Marty, se pensavam que estava morto. Mas não seria prudente fingir que chorava. Não era atriz trágica. Melhor fingir descrença; dúvida pelo menos.

— Não. Não acredito.

— Minhas próprias mãozinhas — informou o Adónis louro atrás do Europeu.

— Não — insistiu ela.

— acredite — disse o Europeu —, ele não vai voltar. Confie em mim pelo menos nisso.

— Confiar em você? — murmurou ela. Era quase engraçado.

— Não acabo de evitar um estupro?

— Ele é criatura sua.

— É, e vai ser punido, pode estar certa. Agora quero que pague minha bondade em ter vindo até aqui encontrando seu pai para mim. Não vou suportar nenhuma demora, Carys. Vamos voltar para a Rua Caliban e você vai encontrá-lo para mim, ou por Deus, eu viro você do avesso. É uma promessa. Nosso Santo Thomas a acompanhará até o carro.

O sorriso de cabelos castanhos passou na frente do companheiro e ofereceu a mão a Carys.

— Não tenho tempo para perder, menina — disse Mamoulian e a mudança no tom de voz confirmava a declaração. — Assim, por favor, vamos acabar logo com este negócio miserável.

Tom acompanhou Carys na escada. Quando partiram, o Europeu voltou a atenção para o Engolidor de Giletes.

Breer não tinha medo dele; não tinha mais medo de ninguém. O quarto minúsculo em que se enfrentavam estava quente; via isso pelo suor no rosto e sobre o lábio de Mamoulian. Breer, por sua vez, estava frio; era o homem mais frio da criação. Nada o fazia sentir medo. Mamoulian sem dúvida sabia disso.

— Feche a porta — o Europeu ordenou para o garoto louro. — E procure alguma coisa para amarrar este homem.

Breer deu um largo sorriso.

— Você me desobedeceu — disse o Europeu. — Mandei terminar o serviço na Rua Caliban.

— Eu queria ver a moça.

— Ela não é sua para ver. Fiz um trato com você e, como todos os outros, abusou da minha confiança.

— Foi só um joguinho — defendeu-se Breer.

— Nenhum jogo é um joguinho, Anthony. Está comigo há tanto tempo e ainda não sabe disso? Cada ato tem um certo peso de significado. Especialmente um jogo.

— Não me importa o que você diz. Tudo palavras, só palavras.

— Você é desprezível — disse o Europeu.

O rosto lambuzado de Breer voltou-se para ele sem o menor traço de ansiedade ou contrição. Embora o Europeu soubesse que a supremacia era sua, algo na atitude de Breer o perturbou. Mamoulian durante sua vida fora servido por criaturas muito mais desprezíveis. O pobre Konstantin, por exemplo cujos apetites *post-mortem* iam muito além de beijos. Por que então Breer o deprimia?

Santo Chad havia rasgado várias peças de roupa; as tiras de pano mais um cinto e uma gravata eram suficientes para o que Mamoulian queria.

— Amarre o homem na cama.

Chad teve de se esforçar para tocar em Breer, mas pelo menos o homem não resistiu. Aceitou o jogo da punição com o mesmo sorriso idiota nos lábios. A pele sob as mãos de Chad — não parecia sólida, como se sob a superfície esticada os músculos tivessem se transformado em geléia e pus. O santo trabalhou com a maior eficiência possível enquanto o prisioneiro de divertia, vendo as moscas em volta da cabeça dele.

Dentro de três ou quatro minutos Breer estava com mãos e pés amarrados. Mamoulian fez um gesto de satisfação.

— Ótimo. Pode ir e esperar no carro com Tom. Desço logo.

Respeitosamente Chad se retirou, limpando as mãos no lenço. Breer continuava olhando para as moscas.

— Preciso deixar você agora — disse o Europeu.

— Quando vai voltar?

— Nunca.

Breer sorriu.

— Então estou livre. — falou.

— Você está morto, Anthony — respondeu Mamoulian

— O quê? — o sorriso de Breer começou a desaparecer.

— Está morto desde o dia em que o encontrei dependurado no teto. Acho que de algum modo você sabia que eu ia chegar e se matou para escapar de mim. Mas eu precisava de você. Portanto, dei a você um pouco da minha vida para que trabalhasse para mim.

O sorriso de Breer tinha desaparecido por completo.

— Por isso não sente dor; você é um cadáver ambulante. A deterioração que seu corpo devia ter sofrido nestes meses quentes foi adiada. Não completamente evitada, sinto dizer, mas foi consideravelmente mais lenta.

Breer balançou a cabeça. Seria esse o milagre da redenção?

— Agora não preciso mais de você. Por isso retiro a minha dádiva...

— Não!

Tentou um pequeno gesto de súplica, mas os pulsos estavam amarrados um ao outro e o pano apertava os músculos, fazendo-os dobrar e se partir como argila mole.

— Diga como posso reparar meu erro — pediu ele — Qualquer coisa.

— Não é possível.

— Qualquer coisa que pedir. Por favor.

— Peça que você sofra — respondeu o Europeu.

— Por quê?

— Pela traição. Por ser, no fim, igual aos outros.

— ... não... foi só um joguinho...

— Então que isto seja um jogo também, se isso o diverte. Seis meses de deterioração condensados no mesmo número de horas.

Mamouljian aproximou-se da cama e colocou a mão na boca soluçante de Breer fazendo um gesto de quem tira alguma coisa.

— Está acabado, Anthony.

Breer sentiu um movimento no baixo ventre, como se alguma coisa irriquieta tivesse tremulado e perecido ali. Acompanhou a saída do Europeu com os olhos voltados para cima. Matéria, não lágrimas, os enchi até a borda.

— Perdoe-me — implorou ao seu salvador. — Por favor, perdoe-me.

Mas o Europeu tinha saído silenciosamente, fechando a porta atrás de si.

Uma pequena disputa no peitoril da janela. Breer desviou os olhos da porta. Dois pombos tinham disputado algum petisco e agora voavam para longe. Pequenas penas brancas pousaram na janela como neve em pleno verão.

— Sr. Halifax, não é?

O homem que examinava as caixas de frutas no pátio atrás da loja, sem nenhuma brisa e cheiro de abelhas voltou-se para Marty.

— Sim. Em que posso servi-lo?

O Sr. Halifax tinha tomado banho de sol imprudentemente. Seu rosto estava semidescascado e a pele parecia sensível. O homem estava acalorado e desconfortável e, Marty imaginou, de péssimo humor. O tato era a ordem do dia se quisesse ganhar a confiança do Sr. Halifax.

— Os negócios vão bem? — perguntou Marty.

Halifax ergueu os ombros.

— Dá para o gasto — respondeu, demonstrando pouca vontade de prosseguir com o assunto. — Muitos dos meus fregueses habituais estão fora da cidade nesta época do ano. — Olhou atentamente para Marty — Eu não o conheço?

— Conhece. Estive aqui várias vezes — mentiu Marty. Para apanhar os morangos do Sr. Whitehead. Por isso eu vim hoje. Para apanhar o pedido de sempre.

Halifax não teve nenhuma reação; colocou a bandeja de pêssegos que segurava, sobre a mesa.

— Desculpe. Não forneço para nenhum Sr. Whitehead.

— Morangos — explicou Marty.

— Ouvi o que o senhor disse — respondeu Halifax obstinado —, mas não conheço ninguém com esse nome. Deve estar enganado.

— O senhor lembra de mim?

— Não, não me lembro. Agora, se quiser comprar qualquer coisa, Theresa pode atendê-lo. — Fez um sinal com a cabeça na direção da loja. — Quero terminar aqui antes de ficar cozido neste calor maldito.

— Mas me mandaram apanhar os morangos.

— Pode comprar quantos quiser — disse Halifax, abrindo os braços. — Temos bastante. Peça à Theresa.

Marty via o fracasso pairando ameaçador. O homem não ia ceder nem um milímetro. Tentou outra abordagem final.

— Não tem nenhuma fruta separada para o Sr. Whitehead? Em geral tem tudo embrulhado, pronto para ele.

O detalhe significativo fez com que Halifax voltasse a atenção novamente para Marty. A dúvida apareceu.

— Escute... — disse ele. — ... acho que não entendeu bem... — Abaixou a voz, embora não houvesse ninguém por perto. — Joe Whitehead está morto. Não leu nos jornais?

Uma abelha gorda pousou no braço de Halifax, navegando com dificuldade entre os pêlos vermelhos. Ele não a espantou.

— Não acredito em tudo que leio nos jornais — respondeu Marty em voz baixa. — O senhor acredita?

— Não sei do que está falando.

— Dos morangos dele — respondeu Marty. — É tudo que eu quero.

— O Sr. Whitehead está morto.

— Não, Sr. Halifax, Joe não está morto. Nós dois sabemos disso.

A abelha levantou vôo do braço de Halifax e deu algumas voltas entre os dois. Marty a espantou com a mão, ela voltou zunindo com mais força.

— Quem é você? — perguntou Halifax.

— Guarda-costas do Sr. Whitehead. Já disse, estive aqui antes.

Halifax inclinou-se para trás, para a bandeja com pêsegos; mais abelhas se reuniram sobre um pêsego machucado.

— Sinto muito. Não posso ajudá-lo — disse ele.

— O senhor já levou os morangos pessoalmente, não é isso? — Marty pôs a mão no ombro de Halifax. — Já levou?

— Não tenho liberdade para lhe dizer nada.

— Sou amigo.

Halifax olhou para Marty.

— Eu jurei — disse ele, com a determinação de um comerciante experiente.

Marty tinha imaginado o enredo até aquele impasse: Halifax confessando que sabia de alguma coisa, mas recusando a dar detalhes. O que fazia agora? Agredia o homem, tirava a confissão a pancadas?

— Joe corre grande perigo.

— Oh, eu sei — murmurou Halifax. — Pensa que não sei disso?

— Eu posso ajudá-lo.

Halifax balançou a cabeça.

— O Sr. Whitehead foi um ótimo freguês durante anos — explicou. — Sempre comprava aqui os morangos. Nunca vi um homem que gostasse tanto de morangos.

— Ponha os verbos no presente — comentou Marty.

Halifax continuou, como se não tivesse sido interrompido.

— Costumava vir aqui pessoalmente, antes da morte da esposa. Então não veio mais. Mas continuou a comprar as frutas. Mandava alguém apanhar para ele. E no Natal sempre havia um cheque para meus filhos. Por falar nisso, ainda manda dinheiro para eles.

A abelha estava agora pousada nas costas da mão dele, onde o suco doce de algumas frutas tinha secado. Halifax deixou que ela se afastasse, Marty gostou dele. Se Halifax não quisesse dar a informação voluntariamente, não seria capaz de obrigá-lo a falar.

— Agora o Senhor vem aqui e diz que é amigo dele — continuou Halifax. — Como vou saber que é verdade? Certa gente tem amigos capazes de cortar seus pescoços.

— Ele mais do que a maioria.

— Certo. Tanto dinheiro, tão pouca gente para cuidar dele — Halifax parecia triste. — Acho que deve manter segredo do lugar onde ele está escondido, não acha? Do contrário, em quem mais ele pode confiar neste mundo?

— Tem razão — concordou Marty.

O que Halifax estava dizendo fazia sentido e demonstrou generosidade, e Marty não estava preparado para fazer com que mudasse de idéia.

— Muito obrigado — disse, intimidado com a lição. — Sinto ter perturbado seu trabalho. Deu alguns passos na direção da loja e Halifax disse:

— Foi você.

Marty voltou-se rapidamente.

— O quê?

— Você veio apanhar os morangos. Lembro agora. Só que estava diferente.

Marty passou a mão na barba de vários dias; barbear-se era uma arte esquecida nessas manhãs.

— Não a barba — disse Halifax — Parecia mais violento. Não gostei de você.

Marty esperou com certa impaciência que Halifax terminasse o sermão de despedida. Sua mente estudava outras possibilidades. Só quando prestou mais atenção ao que o homem dizia compreendeu que Halifax tinha mudado de idéia. Ele ia contar. Fez sinal para Marty voltar para o pátio.

— Acha que pode ajudá-lo?

— Talvez.

— Espero que alguém possa.

— O senhor o viu?

— Vou contar. Ele telefonou para a loja para falar comigo. Engraçado, reconheci a voz imediatamente, mesmo depois de todos esses anos. Pediu para levar alguns morangos. Disse que não podia vir pessoalmente. Foi terrível.

— Por que?

— Ele está tão assustado — Halifax hesitou, procurando as palavras certas. — Eu me lembrava dele como um homem grande, sabe? Impressionante. Entrava na loja e todos abriam caminho para ele. Agora? Parece que encolheu. O medo fez isso. Já vi acontecer. Minha cunhada, a mesma coisa aconteceu com ela. Tinha câncer. O medo a matou muitos meses antes que o tumor a matasse.

— Onde ele está?

— Vou dizer, voltei para casa e não disse uma palavra a ninguém. Só tomei meia garrafa de Scotch de uma vez. Nunca tinha feito isso na vida. Só queria tirar da cabeça o que tinha visto. Meu estômago ficou enjoado vendo e ouvindo o homem naquele estado. Quero dizer — se pessoas como ele ficam assustadas desse modo, o que dizer do resto de nós?

— O senhor está seguro — disse Marty, pedindo a Deus que a vingança do Europeu não chegasse ao fornecedor de morangos. Halifax era um bom homem. Marty convenceu-se disso olhando para o rosto redondo e vermelho. Ali estava a bondade. Falhas também, sem dúvida; pecados aos montes, talvez. Mas a bondade merecia ser exaltada, por mais faltas que o homem tivesse. Marty teve vontade de tatuar a data desse encontro na palma da mão.

— Há um hotel — informou Halifax — Acho que antigamente chamava-se Orpheus. É em Edware Road, Staple Corner. Horrível, um

lugar em ruínas. Não me surpreenderia se estivesse à espera da turma da demolição.

— Ele está sozinho?

— Está — Halifax suspirou, pensando em como caíam os poderosos. — Talvez — sugeriu, depois de alguns momentos — queira levar alguns pêssegos também para ele?

Entrou na loja e voltou com um mapa da cidade, Londres de A a Z, muito usado. Folheou as páginas amareladas à procura do mapa certo, durante todo o tempo falando do seu desapontamento com os fatos e sua esperança de que tudo acabasse bem.

— Muitas ruas já desapareceram perto do hotel — explicou. — Estes mapas estão muito desatualizados.

Marty olhou para a página escolhida por Halifax. Uma nuvem, levando a chuva que já havia molhado Kilburn e pontos a noroeste, cobriu o sol quando o indicador manchado de Halifax traçou o caminho desde as ruas de Holborn até o Hotel Pandemônio.

XIII No Hotel Pandemônio

67

O inferno é reimaginado a cada nova geração. Seu terreno é examinado para a verificação dos absurdos e reconstruído em novo molde; seus terrores são analisados e, se necessário, reiventados para servir ao mais recente clima de atrocidade; sua arquitetura redesenhada para chocar os olhos dos novos condenados. Em tempos passados, *Pandemonium* — a primeira cidade do inferno — ficava numa montanha de lava com relâmpagos rasgando as nuvens acima dele e fochos de luz brilhavam em seus muros para atrair os anjos caídos. Agora, esse tipo de espetáculo tem mais a ver com Hollywood. O inferno mudou de lugar. Nada de relâmpagos, nada de abismos de fogo.

Em qualquer terreno baldio, a centenas de metros de uma auto-estrada, encontra sua nova encarnação: suja, degenerada, esquecida. Mas aqui, onde a fumaça engrossa a atmosfera, terrores menores adquirem nova brutalidade. O céu, à noite, adquire todas as configurações do inferno. Assim também o Hotel Orpheus — daqui por diante chamado Hotel Pandemônio.

No passado era uma construção impressionante e ainda poderia ser se os proprietários estivessem dispostos a investir nele. Mas a tarefa de reconstruir e redecorar um hotel tão grande e antiquado era por certo financeiramente impraticável. Há algum tempo um incêndio tinha assolado o hotel, devorando o térreo, o primeiro e o segundo andares antes de ser apagado. O terceiro andar e os outros acima foram bastante prejudicados por ele, tendo restado somente vagos sinais do antigo esplendor.

Os caprichos da Secretaria de Planejamento Urbano contribuíram também para destruir as chances de restauração do hotel. Como dissera

Halifax, os terrenos laterais tinham sido preparados para um projeto de desenvolvimento habitacional, mas nada de prático fora feito. O hotel mantinha-se em esplêndido isolamento, num labirinto de vias de acesso à rodovia M1, a não mais de trezentos metros, pois de uma das mais movimentadas auto-estradas do sul da Inglaterra. Milhares de motoristas olhavam para ele todos os dias, mas sua grandeza desgastada era agora tão familiar que, provavelmente, mal registravam sua existência. Muito esperto, pensou Marty, esconder-se em um lugar tão visível.

Estacionou o carro o mais próximo possível do hotel, depois passou por uma abertura na cerca de chapas de ferro que cercava o terreno e dirigiu-se para a área semi-deserta em torno do prédio, ou do que restava dele. As proibições na cerca — “Entrada Proibida” e “Proibido Jogar Lixo” — evidentemente eram ignoradas. Sacos de plástico negro, repletos de lixo, amontoa-vam-se entre entulho e restos de fogueiras. Vários sacos tinham sido abertos por crianças ou cães. Lixo doméstico e industrial espalhavam-se pelo chão, centenas de trapos — restos de fábricas de roupas —, comida podre, as infalíveis latas de cerveja, almofadas, cúpulas de lâmpadas e motores de automóveis — tudo abandonado num leito de poeira e grama cinzenta.

Alguns dos cães — selvagens, imaginou Marty — levantaram as cabeças quando ele se aproximou, seus flancos pálidos imundos, os olhos amarelos na luz do fim de tarde. Pensou em Bella e na sua família; aqueles vira-latas mal pareciam pertencer à mesma espécie animal. Quando olhou para eles, os cães abaixaram as cabeças e continuaram a vigiá-lo indiretamente, como espiões mal treinados.

Avançou diretamente para a entrada principal do hotel; a palavra ORPHEUS estava ainda claramente gravada sobre a porta; havia colunas de falso-dórico dos dois lados dos degraus e fino trabalho de azulejo na entrada. Mas a porta tinha tábuas pregadas e avisos de que os invasores seriam processados na forma da lei. Aparentemente, havia poucas probabilidades de que isso acontecesse. As janelas do primeiro, segundo e terceiro andares estavam fechadas com tábuas, como a porta; as do térreo tinham sido fechadas com tijolos. Uma porta nos fundos do prédio não tinha tábuas, mas estava trancada por dentro. Provavelmente Halifax tinha entrado por ali, mas Whitehead devia ter facilitado seu acesso, pois sem arrombar e invadir não era possível entrar no hotel.

Só depois de dar uma segunda volta no prédio, Marty pensou na escada de incêndio, um belo trabalho em zigue-zague de ferro batido, agora bastante enferrujada. Maior mutilação fora provocada por alguma firma de salvados de incêndio, que havia soltado a escada da parede até o primeiro andar, sem dúvida para aproveitar os fragmentos de metal. Assim, faltavam os degraus mais baixos e a escada começava a três ou três metros e meio do solo. Marty estudou o problema. As portas de incêndio tinham sido fechadas com tábuas em quase todo os andares, mas uma delas, no terceiro, parecia ter sido aberta. Seria por ali que o velho tinha entrado? Naturalmente precisou de ajuda; Luther talvez.

Marty examinou a parede abaixo da escada. Estava cheia de graffiti, mas era lisa. Não tinha nenhum ponto de apoio para o pé ou para as mãos que permitisse a escalada até o primeiro andar. Olhou para o terreno baldio, à procura de inspiração e, depois de alguns minutos de busca à luz do fim do dia, descobriu alguns móveis, entre eles uma mesa, com três pernas, Mas que podia ser usada. Levou-a até a parede e colocou alguns sacos de plástico no lugar da perna que faltava. Subiu na mesa mal equilibrada mas não conseguiu alcançar a escada de incêndio. Teve de saltar para chegar com a mão nos primeiros degraus e depois de quatro tentativas conseguiu e ficou dependurado por um braço. Uma chuva de escamas de ferrugem caiu no seu rosto e no cabelo. A escada estalou. Reunindo todas as forças, Marty ergueu o corpo mais alguns centímetros e depois estendeu a mão esquerda para o degrau seguinte. As articulações dos seus ombros reclamaram, mas conseguiu subir, um degrau depois do outro, com as mãos, até poder levantar a perna e apoiar o corpo todo.

Alcançando o primeiro estágio, parou para respirar e começou a subir. A estrutura nada tinha de estável, o pessoal de salvamento sem dúvida a havia separado da parede por um bom pedaço. A cada passo um gemido áspero parecia anunciar sua capitulação.

“Agente firme”, Marty murmurou para o ferro enferrujado, subindo com o passo mais leve possível. Seus esforços foram recompensados no terceiro andar. Como tinha imaginado, a porta fora aberta recentemente e com imenso alívio passou da segurança duvidosa da escada de incêndio para o interior do hotel.

Cheirava ainda ao fogo que o tinha assolado; o cheiro amargo de madeira queimada e carpete chamuscado. Lá embaixo, ele via — à luz fraca

da saída de emergência — os andares devorados pelas chamas. Paredes chamuscadas, a tinta nos corrimões descascada e cheia de bolhas. Mas, logo acima de onde estava, a devastação pelo fogo fora sustada.

Marty começou a subir a escada para o quarto andar. Chegou a um longo corredor com quartos dos dote lados. Passou ele, examinando rapidamente cada quarto. As portas numeradas davam para espaços vazios; todos os móveis e objetos de decoração ainda em bom estado tinham sido retirados há anos.

Talvez devido à sua posição isolada e à dificuldade para entrar nele, o prédio não tinha sido ocupado nem vandalizado. Os quartos estavam quase que absurdamente limpos, o carpete espesso de cor bege — de remoção muito trabalhosa ao que parecia — era flexível como relva de montanha sob seus pés. Verificou todos os quartos do quarto andar antes de voltar e subir para o seguinte. A cena era a mesma, embora as suítes — que no passado provavelmente tinham uma bela vista — fossem maiores e em menor número e os carpetes, por incrível que parecesse, ainda mais espessos e macios. Era estranho subir das profundezas queimadas do hotel para aquele lugar imaculado e silencioso. Talvez muitas pessoas tivessem morrido nos corredores fechados lá embaixo, asfixiadas ou queimadas com suas roupas de dormir. Mas ali em cima não havia o menor vestígio da tragédia.

Faltava um andar para ser investigado. À medida que subia o último lance de escadas, a luz começou a ficar mais forte até se tornar clara como o dia. Vinha dos faróis dos automóveis que penetravam pelas clarabóias e pelas janelas mal lacradas. Marty explorou o sistema labiríntico dos quartos com a maior rapidez possível, parando apenas para olhar pela janela. Lá embaixo viu seu carro estacionado perto da cerca e os cães ocupados com um estupro em massa. Na segunda suíte deparou com uma pessoa que olhava para ele da outra extremidade da vasta sala de estar, e só depois de um segundo percebeu que era a sua própria imagem refletida no espelho que cobria toda a parede.

A porta da terceira suíte, nesse último andar, estava trancada, a primeira suíte fechada que Marty encontrava. Prova positiva, se é que precisava, de que tinha um ocupante.

Satisfeito Marty bateu levemente na porta.

— Alô? Sr. Whitehead?

Nenhuma resposta, nenhum movimento. Bateu outra vez com mais força, examinando a porta para ver se era possível abrí-la a força, mas parecia sólida demais para isso. Se fosse necessário, teria de voltar ao carro e apanhar algumas ferramentas.

— É Strauss, Sr. Whitehead. Marty Strauss. Sei que está aí. Responda.

Esperou. Não obtendo resposta, bateu pela terceira vez, agora com a mão fechada e com força. Subitamente veio a resposta, chocantemente próxima. O velho estava encostado na porta; provavelmente o tempo todo.

— Vá para o inferno — disse a voz. Um pouco arrastada, mas inegavelmente de Whitehead.

— Preciso falar com o senhor — pediu Marty. — Deixe-me entrar.

— Como diabo me encontrou? — perguntou Whitehead. — Seu miserável!

— Fiz algumas perguntas, só isso. Se posso encontrá-lo, qualquer um pode.

— Não se ficar com essa maldita boca fechada. Quer dinheiro, é isso? Veio buscar dinheiro, certo?

— Não.

— Eu consigo dinheiro para você, a quantia que quiser.

— Não quero dinheiro.

— Então é um idiota — disse Whitehead, rindo para si mesmo, uma risada áspera e tremula. O homem estava bêbado.

— Mamoulian anda à sua procura — informou Marty. — Sabe que está vivo.

Whitehead parou de rir.

— Como?

— Carys.

— Você a viu?

— Vi. Está a salvo.

— Bem... Eu subestimei você. — Fez uma pausa; um barulho leve, quando se encostou na porta. Depois de algum tempo, falou outra vez. Parecia exausto.

— Para que você veio, se não é por dinheiro? Ela tem certos hábitos muito caros, você sabe.

— Não por informação sua.

— Tenho certeza de que, com o tempo, vai achar tão conveniente quanto eu achei. Ela faz qualquer coisa por uma dose.

— Você é imundo, sabia?

— Mas mesmo assim veio me avisar, não é? — O velho fez uso do paradoxo rapidamente, sempre pronto para atingir o flanco do adversário.

— Pobre Marty — murmurou com voz arrastada, abafada pela falsa piedade. Então, muito alerta: — Como me encontrou, afinal?

— Os morangos.

Marty ouviu algo que parecia alguém se engasgando, mas era apenas a risada de Whitehead outra vez, agora rindo de si mesmo. Levou alguns instantes para recuperar a compostura.

— Morangos... — murmurou — Puxa vida! Você deve ser muito persuasivo. Quebrou os braços dele?

— Não. Deu a informação voluntariamente. Não quer vê-lo rastejar e morrer.

— Não vou morrer! — resmungou o velho irritado — Quem vai morrer é Mamoulian. Pode crer! O tempo dele está acabando. Tudo o que tenho a fazer é esperar. Este é um lugar tão bom quanto qualquer outro. Estou muito confortável. A não ser por Carys. Sinto falta dela. Por que não a traz para mim, Marty? Seria um grande presente.

— Nunca mais verá Carys.

Whitehead suspirou.

— Vou sim —, ela voltará quando se cansar de você. Quando precisar de alguém que realmente aprecie seu coração de pedra. Vai ver. Bem... obrigado pela visita. Boa noite, Marty,

— Espere.

— Eu disse boa noite.

— ...Quero perguntar... — começou Marty.

— Perguntas, perguntas... — a voz já se afastava.

Marty chegou mais perto da porta para a preciosa isca final.

— Descobrimos quem é o Europeu; o que ele é!

Mas não teve resposta. Tinha perdido a atenção de Whitehead. De qualquer modo não adiantava. Não tinha nada para aprender ali; apenas um velho bêbado repetindo seus velhos jogos de poder. Em algum lugar, lá dentro, uma porta se fechou.

Todo contato entre os dois homens foi sumariamente interrompido.

Marty desceu os dois lances de escada de volta para a porta de incêndio e deixou o prédio pelo mesmo caminho. Depois do cheiro de fogo morto lá dentro, até o ar poluído pela rodovia parecia leve e fresco.

Parou por alguns minutos no topo da escada de incêndio, olhando os carros que passavam na estrada, divertindo-se com os motoristas que faziam ultrapassagens arriscadas. Lá embaixo, dois cães lutavam no meio do lixo, cansados do esporte de estupro. Motoristas e cães não estavam interessados na queda de potentados; por que ele, Marty, devia se interessar? Whitehead, como o hotel, era uma causa perdida. Tinha feito o máximo para salvar o velho, sem resultado. Agora ele e Carys iam tentar uma nova vida e deixar a cargo de Whitehead os preparativos para terminar a sua. Deixar que cortasse os pulsos num estupor de remorso, ou morresse sufocado no próprio vômito enquanto dormia; Marty não se importaria mais.

Desceu a escada, saltou para a mesa e atravessou o terreno baldio em direção ao carro, olhando uma vez para trás para ver se Whitehead estava na janela. Não é preciso dizer que as janelas do quinto andar estavam vazias.

Quando chegaram à Rua Caliban, Carys estava ainda tão dopada que era difícil se comunicar através dos seus sentidos quimicamente ativados. O Europeu encarregou os evangelistas da limpeza e da cremação que havia ordenado a Breer e levou Carys para o quarto no último andar da casa. Ali, começou imediatamente o trabalho de convencê-la a encontrar o pai. A princípio, a droga dentro dela apenas escarneceu dele. A frustração de Mamoulian começou a se transformar em fúria. Quando Carys riu das suas ameaças — aquela risada lenta e descontraída que era a mesma do peregrino, como se soubesse alguma coisa engraçada sobre ele —, o controle do Europeu se desfez e desencadeou um pesadelo de depravada crueldade que pareceu tão repulsivo a ele próprio quanto apavorante para ela. Carys viu, sem poder acreditar, aquela mesma imundície que se havia espalhado no banheiro, saindo agora do seu corpo.

— Tire isso daqui! — gritou ela, mas Mamoulian apenas intensificou a ilusão, até o colo dela ficar repleto de monstruosidades. De repente, a bolha protetora da droga estourou. Um brilho de insanidade apareceu nos seus olhos, enquanto ela se refugiava num canto do quarto, aquelas coisas saindo de todos os orifícios do seu corpo, esforçando-se para sair, depois agarrando-se a ela com os membros criados pela ilusão. Carys estava a um milímetro da loucura, mas Mamoulian fora longe demais para suspender o ataque agora, por mais enojado que ele próprio ficasse com aquela depravação.

— Encontre o peregrino — ordenou ele — e ficará livre disso tudo.

— Está bem, está bem — implorou ela. — Tudo o que quiser.

Mamoulian levantou-se e observou enquanto ela obedecia às suas ordens, lançando-se no mesmo estado de fuga de quando procurava Toy. Mas levou mais tempo para encontrar o peregrino, tanto tempo que o Europeu suspeitou que Carys tivesse cortado todos os elos com o próprio corpo, deixando-o por conta própria, sem vontade de voltar para ele. Mas finalmente voltou. Tinha encontrado o pai em um hotel a meia hora de carro de onde estavam. Mamoulian não se surpreendeu. Não era da natureza das raposas afastarem-se muito do seu habitat; Whitehead simplesmente entrara na toca.

Exausta pela viagem e pelo pavor de alguns minutos antes, Carys foi quase carregada por Chad e Tom até o carro. O Europeu fez uma inspeção de despedida na casa, para se certi ficar de que não havia nenhum vestígio da sua presença. A menina no porão e o lixo de Breer não podiam ser eliminados em tão pouco tempo, mas isso era um pequeno requinte. Os que viessem depois podiam pensar o que bem entendessem das fotografias de atrocidades nas paredes e dos vidros de perfume tão amorosamente dispostos. O que importava era não deixar nenhuma prova da existência do Europeu na casa — ou em outro lugar qualquer. Logo ele seria lenda outra vez; motivo de conversa entre pessoas assombradas.

— Hora de partir — disse ele, trancando a porta. — O Dilúvio está para chegar.

No CARRO, Carys começou a recuperar as forças. O ar morno que entrava pela janela da frente acariciava seu rosto. Abriu um pouco os olhos

e observou o Europeu. Não estava olhando para ela; olhava para fora, o perfil aristocrático abrandado mais do que nunca pela fadiga.

Carys imaginou como o pai ia se sair no jogo final iminente. Ele estava velho, mas Mamoulian era muito mais velho; no confronto, a idade seria vantagem ou desvantagem? E se o jogo terminasse sem derrota e sem vitória? Um final bem ao século vinte — só ambiguidades. Carys não queria isso; queria um resultado definitivo.

Fosse como fosse, sabia que havia pouca possibilidade dela sobreviver ao dilúvio que estava para chegar. Só Marty poderia fazer a balança se inclinar a seu favor, e onde estava ele agora? Se voltasse para Kilburn e não a encontrasse, ia pensar que o tinha abandonado voluntariamente? Não podia prever o que ele faria; a tentativa de chantagem com a heroína fora um choque para ela. Havia a possibilidade de uma manobra desesperada: levar seu pensamento até ele e dizer onde estava e porque. Era um lance arriscado. Apanhar pensamentos soltos era uma coisa — não passava de truque de salão —, mas tentar a entrada em sua cabeça e comunicar-se, com ele, mente com mente, exigia maior força mental. Mesmo supondo que tivesse forças para isso, quais seriam as consequências para Marty? Estudou o dilema num atordoamento ansioso, sabendo que os minutos estavam passando e que logo seria tarde demais para qualquer tentativa de fuga, por mais desesperada que fosse.

MARTY dirigia para o sul na direção de Cricklewood quando começou a sentir uma dor na nuca, que rapidamente espalhou-se por toda a sua cabeça, cada vez mais forte, e em dois minutos transformando-se em algo jamais sentido antes. Seu instinto mandava que acelerasse para chegar a Kilburn o mais depressa possível, mas Finchley Road estava com tráfego intenso, e o melhor que podia fazer era se arrastar, acompanhando o fluxo, a dor aumentando a cada dez metros. Sua mente — preocupada com a espiral ascendente da dor — concentrava-se em fragmentos cada vez menores de informação, a percepção diminuindo sensivelmente. À frente do Citroen, a rua parecia envolta em névoa. Quase cego, só a perícia do motorista do caminhão de carne congelada evitou o acidente. Marty, compreendendo que seria fatal continuar a dirigir, procurou afastar-se do tráfego — as buzinas

gritando na frente e atrás — e estacionou, com pouca elegância, ao longo do meio-fio, saindo às pressas do carro para respirar melhor. Completamente desorientado, saiu para o meio da pista. As luzes dos veículos que vinham na sua direção eram um muro de cores intermitentes. Seus joelhos começaram a se dobrar para não cair no meio da rua, agarrou-se na porta do Citroen e passou pela frente do carro para o outro lado, para a segurança da calçada.

Uma gota solitária de chuva na sua mão. Marty olhou para ela, concentrando-se para colocá-la em foco. Era vermelha. Sangue, pensou ele vagamente. Não chuva, sangue. Levou a mão ao rosto. Seu nariz sangrava copiosamente. O líquido morno escorria pelo braço dentro da manga arregaçada da camisa. Tirou o lenço do bolso e apertou-o contra o nariz, depois cambaleou até a loja à sua frente. A vitrine refletiu sua imagem. Peixes nadavam atrás dos seus olhos. Lutou contra a ilusão, mas ela persistiu: brilhantemente colorida, exótica, formando bolhas dentro da sua cabeça. Afastou-se da vitrine e leu o que estava escrito nela: Material para Aquários Crucklewood. Deu as costas aos peixinhos brilhantes e às carpas ornamentais e sentou no estreito parapeito. Começou a tremer. Isso era obra de Mamoulian, foi só o que pôde pensar. Se eu ceder, eu morro. Preciso lutar. A qualquer custo, lutar.

Carys falou, a palavra escapando dos seus lábios antes que pudesse evitar.

— Marty.

O Europeu olhou para ela. Estaria sonhando? Viu o suor sobre o lábio inchado; sim, estava sonhando. Nas suas relações com Strauss, sem dúvida. Por isso tinha dito o nome dele com tanta urgência.

— Marty.

Sim, naturalmente estava sonhando com o ferimento e a flecha. E como tremia. Como as mãos se moviam entre as pernas; um espetáculo vergonhoso.

— Quanto falta ainda? — perguntou a Santo Thomas que estava consultando o mapa.

— Cinco minutos — respondeu o jovem.

— Bela noite para isso — comentou Chad.

Marty?

Olhou para cima apertando os olhos para ver melhor a rua, mas não viu ninguém. A voz estava na sua cabeça.

Marty?

Era a voz de Carys, horrivelmente distorcida. Quando ela falava seu crânio parecia a ponto de se partir, o cérebro inchando até ficar do tamanho de um melão. A dor era insuportável.

— *Marty?*

“Cale a boca!”, teve vontade de dizer, mas ela não estava ali. Além disso, não era ela, era ele, a coisa, o Europeu. A voz foi substituída por um som de respiração, que não era a dele. A de Marty era um resfolegar angustiado, aquela tinha o ritmo do sono. A rua escurecia, a dor de cabeça estava tão envolvente como o céu e terra. Marty sabia que se não conseguisse ajuda ia morrer.

Levantou-se completamente cego. Agora um zumbido soava nos seus ouvidos, abafando o barulho do tráfego a poucos metros dele. Caiu para a frente. Mais sangue escorreu do seu nariz.

— Alguém me ajude...

Uma voz anônima filtrou-se entre o caos da sua cabeça. As palavras eram incompreensíveis, mas pelo menos não estava sozinho. Sentiu que alguém tocava seu peito e seu braço. A voz que tinha ouvido ergue-se em pânico. Marty não tinha certeza de ter respondido. Nem sabia se estava de pé ou caindo. De qualquer modo, não se importava mais.

Cego e surdo, esperou que alguma alma bondosa lhe dissesse que ele podia morrer.

Pararam na rua a poucos metros do Orpheus Hotel. Mamoulian desceu e deixou que os evangelistas levassem Carys. Ela estava começando a cheirar mal, ele havia notado, aquele cheiro ácido associado à menstruação. Foi na frente, passou pela abertura na cerca para o terreno baldio que rodeava o hotel. Gostava da desolação. Os montes de entulho, as pilhas de móveis abandonados; à luz doentia da estrada o lugar tinha certo encanto. Se iam

ser realizados os últimos ritos, que lugar podia ser melhor? O peregrino tinha feito boa escolha.

— É aqui? — perguntou Santo Chad atrás dele.

— É aqui. Quer procurar um ponto de acesso para nós?

— Com todo prazer.

— Mas faça-o em silêncio, por favor.

O jovem saiu saltitando pelo terreno esburacado, parando só para escolher um pedaço de metal retorcido no meio do entulho, para forçar uma entrada. Tão cheios de recursos, esses americanos, pensou Mamoulian acompanhando Chad, não admira que sejam os senhores do mundo. Engenhosos, mas não discretos. Chad estava arrancando as tábuas da porta de frente sem se preocupar com a possibilidade de um ataque de surpresa. Está me ouvindo? Mamoulian enviou o pensamento para o peregrino. Sabe que estou aqui, tão perto de você, finalmente?

Ergueu os olhos frios para o último andar do prédio. Tinha um ardor no estômago, pela antecipação; uma película de suor lhe recobria a testa e as palmas das mãos. Nervoso como um amante, pensou. Tão estranho que o romance tenha de acabar deste modo, sem um observador de mente sã para testemunhar os atos finais. Quem saberia, quando terminasse? Quem ficaria para contar? Não os americanos. Não sobreviveriam às próximas horas, com sua sanidade mental intacta, ou o que restava dela. Nem Carys; ela não sobreviveria de modo nenhum. Não haveria ninguém para contar a história, o que — por algum motivo muito profundo — ele lamentava. Seria isso que fazia dele um Europeu? Desejar que sua história fosse contada mais uma vez, passada para outro ouvinte atento, que, no futuro, esqueceria a lição e repetiria seu sofrimento? Ah, como amava a tradição!

A porta da frente estava destruída. Santo Chad, sorrindo satisfeito, tinha suado a camisa e a gravata.

— Vá na frente — convidou Mamoulian.

O jovem inpetuoso entrou; o Europeu o seguiu. Carys e Santo Thomas fechavam a retaguarda.

Lá dentro, o cheiro era hipnotizante. Associações mentais eram a maldição da idade avançada. Nesse caso, o perfume de madeira carbonizada e os restos das ruínas no chão lembravam dezenas de cidades pelas quais tinha andado; mas uma, especialmente. Seria por isso que Joseph tinha escolhido aquele lugar? Porque o cheiro da fumaça e os degraus rangentes

da escada traziam lembranças daquela sala ao lado da Praça Muranowski? A habilidade do ladrão igualou a sua naquela noite. Havia algo de sagrado no jovem de olhos brilhantes; a raposa que não havia demonstrado nenhum temor respeitoso; apenas sentou-se à mesa resolvido a arriscar a própria vida desde que pudesse jogar. Mamoulian acreditara que o peregrino se fora esquecendo de Varsóvia à medida que sua fortuna crescia; mas aquela ascensão pela escada semi-queimada era prova positiva de que não se esquecerá.

Subiram no escuro, Santo Chad na frente fazendo o reconhecimento, avisando que faltava um pedaço de corrimão aqui, um degrau mais adiante. Entre o terceiro e quarto andar, Mamoulian os fez parar e esperou que Carys e Tom os alcançassem. Então mandou que levassem a moça para ele. Estava mais claro ali em cima e Mamoulian viu a expressão de derrota no rosto delicado da jovem. Ele a tocou, detestando o contato mas achando que era o que devia fazer.

— Seu pai está aqui — informou.

Ela não respondeu, nem a expressão de dor desapareceu do seu rosto.

— Carys... está me ouvindo?

Ela piscou os olhos. Mamoulian achou que estava fazendo algum contato com ela, por mais primitivo que fosse.

— Quero que fale com Papá. Você compreende? Quero que diga a ele para abrir a porta para mim.

Suavemente Carys balançou a cabeça.

— Carys — censurou ele. — Sabe muito bem que não pode desobedecer-me.

— Ele está morto — murmurou Carys.

— Não — retrucou o Europeu secamente — está lá em cima, no outro andar.

— Eu o matei.

Que ilusão era essa?

— Quem? — perguntou com aspereza. — Matou quem?

— Marty. Ele não responde. Eu o matei.

— Calma... calma... — Os dedos frios acariciaram o rosto dela. — Então ele está morto? Pois então, está morto. É tudo o que se pode dizer.

— ...eu o matei...

— Não, Carys. Não foi você. Foi algo que tinha de ser feito; não se preocupe com isso.

Segurou o rosto pálido com as duas mãos. Tantas vezes tinha segurado assim aquela cabeça, quando ela era criança, orgulhoso do fato de Carys ser fruto do peregrino. Naqueles abraços dera a ela os poderes que Carys possuía, sentindo que chegaria um tempo em que ia precisar dela.

— Abra a porta, Carys. Diga que está aqui e ele abrirá.

— Eu não quero...vê-lo.

— Mas eu quero. Estará me prestando um grande serviço. E quando tudo terminar nunca mais precisará ter medo. Eu prometo.

Carys pareceu achar algum sentido nessas palavras.

— A porta... — disse ele.

— Está bem.

Tirou as mãos do rosto dela e Carys caminhou para a escada.

No conforto acarpetado da suíte, o jazz tocando no *hi-fi* portátil que Luther tinha carregado para ele em seis lances de escada, Whitehead não ouviu nada. Tinha tudo o que precisava. Bebida, livros, discos, morangos. Um homem podia passar pelo apocalipse naquela suíte sem perceber coisa alguma. Havia levado até alguns quadros: o Matisse do escritório, Nu Reclinado, Quai St. Michel; um Miró e um Francis Bacon. Este último fora um erro. Era morbidamente sugestivo, com as insinuações de carne flagelada; estava virado para a parede. Mas o Matisse era uma alegria, mesmo à luz de vela. Estava olhando para ele, com o encanto que jamais diminuía diante de sua espontânea facilidade, quando ouviu a batida na porta.

Levantou-se. Há muitas horas — perdera a noção do tempo — Strauss tinha estado ali; teria voltado? Um pouco grogue com vodca, Whitehead atravessou a entrada da suíte e encostou o ouvido na porta.

— Papá...

Era Carys. Não respondeu. Era suspeita a presença dela ali.

— Sou eu, Papá, sou eu. Você está aí?

A voz era tão hesitante; parecia uma criança outra vez. Seria possível que Strauss tivesse atendido ao que ele pedira, e levado a jovem até lá, ou teria ela voltado voluntariamente, como Evangeline sempre voltava depois

e uma discussão? Sim, era isso. Carys estava ali porque, como a mãe, tinha de voltar. Começou a destrancar a porta, os dedos desajeitados com a expectativa.

— Papá...

Afinal conseguiu abrir a chave e a maçaneta... Ela não estava ali. Não havia ninguém. Pelo menos foi o que pensou a princípio. Mas, quando recuou para o vestíbulo da suíte, a porta foi violentamente aberta por um jovem que o agarrou pelo pescoço e pela cintura, jogando-o contra a parede. Whitehead deixou cair o copo de vodka e ergueu as mãos, rendendo-se. Quando o assaltante o deixou, olhou para além dos ombros dele e seus olhos embaçados viram o homem que havia entrado atrás do jovem.

Baixinho, sem nenhum aviso, ele começou a chorar.

Deixaram Carys no vestiário ao lado do quarto principal da suíte. Tinha apenas um guarda-roupa embutido e uma pilha de cortinas que haviam sido tiradas das janelas e esquecidas. Carys aninhou-se nas dobras emboloradas. Um único pensamento girava em sua cabeça: Eu o matei. Havia sentido a resistência do Marty à sua investigação; sentiu a tensão que crescia dentro dele. E depois, nada.

A suíte, que ocupava um quarto do último andar tinha duas vistas. Uma para a estrada: uma fita multicolorida de luzes. A outra, do lado leste do hotel, era mais sombria. A janela do pequeno quarto de vestir dava para esta segunda vista: um pedaço de terreno baldio, depois a cerca e mais além a cidade. Mas para quem estava deitada no chão nada disso era visível. Carys viu apenas um pedaço do céu, no qual passaram as luzes piscantes de um jato.

Observou a manobra circular de sua descida, pensando no nome de Marty.

Marty.

Estavam-no colocando numa ambulância. Sentia ainda o estômago enjoado depois da estranha experiência que vivera. Não queria ficar consciente, porque, com a consciência, voltava-lhe a náusea. O zumbido tinha desaparecido e sua visão estava intacta.

— O que aconteceu? Atropelamento e fuga? — alguém perguntou.

— Ele caiu de repente — respondeu uma testemunha. — Eu vi. Caiu no meio da calçada. Eu estava saindo da banca de jornais quando...

— *Marty*.

... e lá estava ele...

Marty.

Seu próprio nome ressoava-lhe na cabeça, claro como um sino numa manhã de primavera. Um filete de sangue saiu-lhe do nariz, mas não sentiu dor dessa vez. Levou a mão ao rosto para estacar o fluxo, mas outra mão já estava ali, secando e limpando.

— Vai ficar bom — disse uma voz de homem.

Marty sentiu que era verdade, embora nada tivesse a ver com os cuidados do homem. A dor tinha desaparecido e o medo com ela. Era Carys falando dentro da sua cabeça. Carys o tempo todo. Agora, alguma parede em sua mente tinha sido aberta — a força, talvez, e dolorosamente, mas o pior já havia passado — e ela pensava no nome dele e Marty conseguia apanhá-lo como se fosse uma bola alta de tênis. Suas dúvidas anteriores pareciam ingênuas agora. Era um ato simples, essa transmissão de pensamento, uma vez aprendido.

Carys sentiu que ele acordava para ela.

Por alguns segundos ficou deitada no ninho de cortinas enquanto o jato piscava no outro lado da janela, sem acreditar no que lhe diziam os instintos — que ele a ouvia, que estava vivo.

Marty?, pensou. Desta vez a palavra, ao invés de se perder entre sua mente e a dele, atingiu diretamente o alvo e foi recebida no córtex de Marty. Ele não sabia como responder, mas isso era uma questão acadêmica naquele momento. Desde que pudesse ouvir e compreender, Marty podia ir até ela.

“No hotel”, pensou ela. “Compreende, Marty? Estou com o Europeu num hotel”. Tentou lembrar o nome que tinha visto na Porta. Orpheus, era isso. Não sabia o endereço, mas fez o possível para descrever o prédio, esperando que ele entendesse sua informação impressionista.

Marty sentou-se na ambulância.

— Não se preocupe. Vão cuidar de seu carro — disse o atendente, procurando fazer com que se deitasse outra vez. Estava agasalhado com um

cobertor vermelho. Vermelho para que o sangue não aparecesse, pensou Marty, descobrindo-se.

— Não pode se levantar — disse o atendente. — Não está nada bem .

— Estou ótimo — respondeu Marty, empurrando a mão solícita. — Vocês todos foram maravilhosos, mas tenho um compromisso.

O motorista estava fechando as portas duplas na parte de trás da ambulância. Pela abertura Marty viu um círculo de curiosos inevitáveis, que esticavam os pescoços para a última cena do espetáculo. Mergulhou por ela afora.

Os espectadores ficaram assombrados com aquela ressurreição de Lázaro e, o que era pior, por vê-lo sorrindo como um maluco ao sair, pedindo desculpas, pela porta traseira do veículo. Será que o desconhecido não tinha qualquer noção de postura?

— Estou ótimo — Marty disse para o motorista, recuando na direção dos curiosos. — Foi alguma coisa que comi.

O motorista olhou para ele sem compreender nada.

— Está todo ensanguentado — gaguejou.

— Nunca me senti melhor — respondeu Marty e de certo modo, apesar da exaustão que ia até os ossos, era verdade. Ela estava ali, na sua cabeça e ainda havia tempo para consertar as coisas, se se apressasse.

O Citroen estava parado a alguns metros; manchas de sangue tingiam a calçada ao lado dele. As chaves estavam ainda no contato.

— *Espera por mim, meu bem*, disse ele. E voltou para o Hotel Pandemônio.

NÃO ERA a primeira vez que Sharon ficava trancada fora de casa enquanto a mãe recebia um homem que a menina nunca vira antes e que nunca, como sempre acontecia, veria outra vez; mas nessa noite a expulsão era especialmente desagradável. Estava sentindo o começo de um resfriado de verão e queria estar em casa, assistindo televisão, não na rua, de noite,

tentando em vão inventar novas distrações. Andou pela rua, começando um jogo solitário de amarelinha e parando no quinto quadrado. Estava na frente do número oitenta e dois. A casa da qual a mãe tinha avisado para se afastar. Uma família de asiáticos morava no térreo — doze pessoas dormindo numa só cama, como a Sra. Lennox tinha contado à mãe de Sharon — em condições de miséria criminosa. Mas, apesar da reputação, o número oitenta e dois fora um desapontamento durante todo o verão; até aquele dia. Nesse dia Sharon tinha visto um movimento inusitado na casa. Um grupo de pessoas tinham chegado de carro e levado uma mulher que parecia doente. E agora, ali parada no jogo de amarelinha, viu que havia alguém nas janelas do primeiro andar, uma figura grande que chamava por ela.

Sharon tinha dez anos. Faltava um ano para sua primeira menstruação e, embora tivesse uma vaga idéia do que acontecia entre um homem e uma mulher, pelas informações da meia-irmã, achava tudo ridículo. Os meninos que jogavam futebol na rua tinham boca suja, eram criaturas nojentas ; não podia nem imaginar a possibilidade de desejar sua afeição.

Mas a figura na janela era de homem e tocou em alguma coisa dentro de Sharon; levantou uma rocha. Embaixo dela estavam os primeiros sinais de vidas não prontas ainda para a luz do sol. Elas se contorceram, provocando comichões nas pernas da menina. Para fazer cessar o comichão foi que desobedeceu a proibição de se aproximar do número oitenta e dois e entrou na casa quando a porta se abriu e subiu para onde devia estar o estranho.

— Oi — cumprimentou ela, de pé no patamar, do lado de fora do quarto.

— Pode entrar — disse o homem.

Sharon nunca sentira antes o cheiro da morte, mas reconheceu-o instintivamente: apresentações eram supérfluas. Parou na porta e olhou para o homem. Podia correr ainda, se quisesse, sabia disso também. Estava mais segura pelo fato do homem estar amarrado na cama. Mesmo com a pouca luz, ela percebeu. Sua mente curiosa não viu nada de estranho naquilo; havia adultos que brincavam como crianças.

— Acenda a luz — sugeriu o homem.

Sharon estendeu a mão para o interruptor na parede e fez o que ele pedia. A lâmpada fraca iluminou estranhamente o prisioneiro; mas parecia a pessoa mais doente que Sharon já tinha visto. Evidentemente tinha arrastado a cama até a janela e com o esforço, as tiras de pano tinham

penetrado na pele cinzenta e um líquido brilhante e marrom — nada parecido com sangue — cobria suas mãos e sua calça, e pingava no chão aos seus pés. No rosto tinha manchas negras sobre a pele brilhante e pintada.

— Oi — saudou ele também. A voz era fanhosa com se viesse de um rádio barato. Sharon achou engraçado aquele tom sobrenatural.

— Oi — respondeu.

O homem sorriu-lhe meio torto, e a luz da lâmpada iluminou seus olhos úmidos, tão fundos que Sharon mal os via. Mas, quando se moviam, como agora, a pele em volta deles estremecia.

— Desculpe por tirar você dos seus brinquedos — disse ele.

Sharon ficou na porta sem saber se devia ficar ou ir embora.

— Eu não devia estar aqui — observou.

— Oh... — o homem girou os olhos até só o branco ficar visível. — Por favor, não vá.

Sharon achou que ele era engraçado com o paletó sujo e olhos girando daquele jeito.

— Se Marilyn descobrir que estive aqui...

— Sua irmã?

— Minha mãe. Ela me bate.

O homem fez cara de pena.

— Ela não devia fazer isso.

— É, mas ela faz.

— É uma vergonha — comentou ele, tristemente.

— Oh, mas ela não vai descobrir — garantiu Sharon. O homem tinha ficado mais impressionado com a conversa da mãe bater nela do que Sharon esperava. — Ninguém sabe que estou aqui.

— Ótimo! Não gostaria que lhe acontecesse alguma coisa por minha causa.

— Por que está todo amarrado? — perguntou — Uma brincadeira?

— Isso mesmo. Um brincadeira. Diga, como se chama?

— Sharon.

— Tem razão, Sharon, é uma brincadeira. Só que não quero mais brincar. Está começando a me machucar. Você esta vendo.

Ele ergueu as mãos tanto quanto podia para mostrar as marcas das ataduras. Um enxame de moscas, assustado com o movimento, zumbiu em

volta da cabeça dele.

— Você é boa para desfazer nós? — perguntou ele.

— Não muito.

— Quer tentar? Por mim?

— Acho que sim.

— Só que estou muito cansado. Entre, Sharon. Feche a porta. Sharon obedeceu. Não havia nenhuma ameaça ali. Só um mistério (ou dois talvez: a morte e os homens) e ela queria saber mais. Além disso, o homem estava doente; não lhe podia fazer mal algum naquelas condições. Quanto mais se aproximava, pior ele parecia. A pele estava cheia de bolhas e gotas de algo parecido com óleo negro pintavam seu rosto. Sob o cheiro do perfume que ele usava, muito forte, havia algo amargo. Sharon sentiu pena dele, mas teve receio de tocá-lo.

— Por favor... — disse o homem, estendendo as mãos atadas. As moscas zumbiam irritadas. Eram muitas, e todas interessadas nele; nos olhos, nas orelhas.

— Devia ir chamar um médico. Você não está bem.

— Não há tempo para isso — insistiu ele. — Apenas me solte que vou procurar um médico, e ninguém precisa saber que você esteve aqui.

Sharon fez um gesto afirmativo, vendo lógica no que ele dizia e se aproximou, no meio das nuvens de moscas, para desatar as amarras. Seus dedos não eram fortes e, além do mais, roía as unhas, mas trabalhou nos nós com determinação, um franzido encantador marcando a pele perfeita de sua testa. Os esforços eram prejudicados pelo fluxo de líquido pegajoso que saía da carne ferida, que grudava tudo. Uma vez ou outra erguia os olhos castanhos para ele; o homem imaginava se ela tinha idéia da degeneração que ocorria diante de seus olhos. Se tinha percebido, o desafio de desatar os nós a impedia de ir embora, estava tentando soltá-lo por estar consciente de que fazia algo importante naquele momento.

Só uma vez ela demonstrou sinais de ansiedade: alguma coisa no peito dele pareceu falhar, como se uma peça do organismo se transformasse num lago afogando suas entranhas. Ele tossiu exalando tal mau-hálito que o esgoto cheiraria a rosas se comparado com ele. Sharon virou a cabeça e fez uma careta. Ele se desculpou, em tom delicado, e ela lhe pediu para não fazer mais aquilo, voltando ao problema que tinha para resolver. Ele esperou pacientemente, sabendo que qualquer tentativa para apressá-la

podia interromper-lhe a concentração. Mas, finalmente, ela descobriu a chave do enigma e as tiras de pano começaram a se soltar. A carne dele, que tinha agora a consistência de sabão molhado, soltou-se dos ossos dos pulsos quando libertou a mão.

— Obrigado — ele agradeceu. — Obrigado. Foi muito boa-zinha.

Abaixou-se para desamarrar as tiras, dos pés, sua respiração, ou o que passava por respiração, um estertor áspero no peito.

— Vou embora agora — disse ela.

— Ainda não, Sharon — falar era agora um sacrifício. — Por favor, não vá ainda.

— Mas preciso ir para casa.

O Engolidor de Giletes olhou para o rosto macio; parecia tão frágil ali de pé sob a lâmpada. Tinha se afastado dele quando terminou o trabalho, como se o nervosismo inicial tivesse voltado. Ele tentou sorrir, para tranquilizá-la, mas seu rosto não obedeceu. A gordura e os músculos estavam dependurados no crânio; seus lábios pareciam incapazes de movimento. Ele sabia que em pouco tempo não ia mais poder falar. Teria de se comunicar por sinais. Estava indo para um mundo mais puro — um mundo de símbolos, de rituais —, um mundo ao qual os Engolidores de Giletes realmente pertenciam.

Seus pés estavam livres. Em movimentos podia atravessar o quarto para onde ela estava. Mesmo que ela se voltasse e corresse, podia apanhá-la. Ninguém para ver ou ouvir; e, mesmo que houvesse, o que podiam fazer para castigá-lo? Era um homem morto.

Atravessou o quarto. A coisinha viva ficou parada na sombra dele sem um movimento para fugir. Teria ela também calculado suas chances e compreendido a futilidade de uma perseguição? Não; era simplesmente confiante. Ela piscou os olhos rapidamente, mas não fez nenhum gesto para evitar o contato. Ele desejou ter ainda a sensação do tato para sentir aquela maciez. Ela era tão perfeita; seria uma bênção colocar um pedaço dela no seu corpo para apresentar como prova de amor nas portas do paraíso.

Mas o olhar dela era suficiente. Lembrar-se-ia dele e ficaria satisfeito; apenas a doçura sombria como um talismã, como moedas nos olhos para pagar a passagem.

— Adeus — despediu-se ele, caminhando desconjuntado para a porta.

Ela adiantou-se e abriu a porta para ele, depois desceu a escada na frente dele. Uma criança chorava em um dos quartos próximos, o choro perdido da criança que sabe que não será atendida. Na porta da frente, Breer agradeceu a Sharon e eles se separaram. Ele ficou olhando enquanto ela corria para casa.

Quanto a ele, não sabia ao certo — pelo menos não conscientemente — para onde estava indo agora, nem porque. Mas quando chegou na calçada, suas pernas o levaram para um lugar onde nunca tinha estado antes e ele não se perdeu, embora estivesse em território desconhecido. Alguém o chamava. Chamava por ele, com seu facão de mato e seu rosto cinzento e desfeito. Caminhou tão depressa quanto permitia seu resto de vida, como um homem chamado pela história.

Whitehead não tinha medo de morrer; só tinha medo de descobrir, na hora da morte, que não vivera o bastante. Foi essa sua preocupação quando viu Mamoulian no vestíbulo da suíte de cobertura, e ainda o atormentava ali, sentado na sala de estar, com o ruído da rodovia às suas costas.

— Chega de fugir, Joe — disse Mamoulian.

Whitehead não respondeu. Foi até um canto da sala, apanhou uma vasilha com os morangos de primeira qualidade de Halifax e voltou para a cadeira. Passando os dedos experientes pelas frutas, escolheu um morango especialmente apetitoso e começou a comer devagarinho.

O Europeu o observava, não revelando nada dos seus pensamentos. A caçada terminara; agora, antes do fim, esperava que pudessem conversar sobre os velhos tempos por alguns minutos. Mas não sabia como começar.

— Diga-me — provocou-o Whitehead, mordendo a polpa da fruta até o fim — Você só trouxe esses dois valetes com você? — Mamoulian olhou fixamente para ele. — Esqueceu-se das cartas? — gracejou o velho.

— Naturalmente que não — respondeu o Europeu — Sempre as tenho comigo.

— E esses belos rapazes, será que também jogam? — apontou para Chad e Tom, que estavam de pé, ao lado da janela.

— Nós viemos para o Dilúvio — explicou Chad.

Uma linha apareceu na testa do velho.

— O que é que você andou inventando para eles? — perguntou.

— Já o traziam na cabeça. — respondeu Mamoulian.

— O mundo vai acabar continuou — Chad, penteando o cabelo com precisão exagerada e olhando para a estrada lá fora, de costas para os dois velhos. — Não sabia?

— É mesmo? — perguntou Whitehead.

— Os pecadores serão levados pelas águas.

O velho pôs a vasilha de morangos sobre a mesa.

— E quem vai julgá-los? — perguntou,

Chad parou de pentear o cabelo.

— Deus do céu — respondeu.

— Vamos ver o que dizem as cartas? — perguntou Whitehead.

Chad voltou-se e olhou interrogativamente para ele; mas a pergunta era para o Europeu.

— Não — respondeu Mamoulian.

— Pelos velhos tempos — insistiu Whitehead. — Só um jogo.

— Sua habilidade de jogador me impressionaria, peregrino, se eu não soubesse que é só para ganhar tempo.

— Então, não vai jogar?

Os olhos de Mamoulian cintilaram. Quase sorriu quando disse:

— Vou. É claro que vou jogar.

— Há uma mesa no quarto ao lado. Quer mandar um dos seus amiguinhos apanhar?

— Não são meus amiguinhos!

— Ah! Já esta muito velho para isso, não é?

— Os dois são homens tementes a Deus. O que é bem mais do que posso dizer a seu respeito.

— Esse sempre foi meu problema — disse Whitehead, concordando com a provocação com um largo sorriso.

Como nos velhos tempos; a troca de ironias, a conversa agridoce, a certeza, compartilhada a cada momento, de que as palavras disfarçavam um sentimento tão profundo que envergonharia um poeta.

— Quer apanhar a mesa? — Mamoulian pediu a Chad.

O rapaz não se moveu. Estava muito interessado na luta de vontades entre aqueles dois homens. Grande parte do que diziam ele não entendia, mas a tensão reinante na sala era quase tangível. Algo terrível apontava no horizonte. Talvez uma onda; talvez não.

— Você vai — ordenou a Tom.

Não queria tirar os olhos dos combatentes nem por um instante. Tom, feliz por ter alguma coisa que afastasse sua mente das dúvidas, obedeceu.

Chad afrouxou o nó da gravata, o que, para ele, era o mesmo que se despir. Deu um largo sorriso para Mamoulian.

— Você vai matá-lo, não vai?

— O que você acha? — perguntou o Europeu.

— O que ele é? O Anti-Cristo?

Whitehead riu com prazer, tal o absurdo da ideia.

— Você andou falando... — disse para o Europeu com ar de censura.

— É isso que ele é? — perguntou Chad ansioso. — Diga. Eu aguento a verdade.

— Sou pior do que isso, garoto — respondeu Whitehead.

— Pior?

— Quer um morango? — Whitehead escolheu uma fruta e ofereceu. Chad olhou para Mamoulian com o canto dos olhos.

— Não estão envenenados — garantiu o Europeu.

— São frescos. Pode levar. Vá para o quarto ao lado e deixe-nos em paz.

Tom voltou com a mesinha. Colocou-a no centro da sala.

— Se for até o banheiro — continuou Whitehead —, vai encontrar um bom suprimento de bebida. A maior parte é vodca. Um pouco de conhaque também eu acho.

— Nós não bebemos — disse Tom.

— Abra uma exceção, hoje — recomendou Whitehead.

— Por que não? — respondeu Chad com a boca cheia de morangos, o suco escorrendo-lhe pelo queixo. — Porra, por que não? Estamos chegando ao fim do mundo, certo?

— Certo — respondeu Whitehead fazendo um gesto afirmativo. — Agora vão embora, comam, bebam e brinquem um com o outro.

Tom olhou zangado para Whitehead, que fingiu arrependimento.

— Desculpe, não podem nem se masturbar?

Tom fez um ruído de desaprovação e saiu do quarto.

— Seu amigo está infeliz — Whitehead disse para Chad. — Vá, leve-lhe o resto das frutas. Tente animar o rapaz.

Chad não sabia se Whitehead estava caçoando dele ou não, mas apanhou a vasilha e foi para a porta.

— Você vai morrer — gritou para Whitehead, como se lhe estivesse dando um tiro de misericórdia. E fechou a porta.

Mamouliau pôs o baralho na mesa. Não era o baralho pornográfico que tinha mandado destruir na Rua Caliban, com seus poucos livros. As cartas na mesa tinham alguns séculos a mais do que as outras. As figuras eram coloridas à mão, as ilustrações primitivas.

— Preciso mesmo? — perguntou Whitehead, como se estivesse continuando a conversa com Chad.

— Precisa o quê?

— Morrer.

— Por favor, peregrino...

— Joseph. Me chame de Joseph, como costumava fazer.

— ... poupe a nós dois.

— Eu quero viver.

— Naturalmente que quer.

— O que aconteceu entre nós dois não prejudicou você, certo?

Mamouliau ofereceu as cartas para Whitehead embaralhar e cortar; e oferecimento foi ignorado e ele mesmo fez o trabalho, manipulando as cartas com a mão não-deformada.

— Então. Prejudicou?

— Não — respondeu o Europeu, — Não, não prejudicou.

— Muito bem então. Por que fazer mal a mim?

— Você não está entendendo meus motivos, peregrino. Não vim aqui para me vingar.

— Por que então?

Mamouliau começou a dar as cartas para o vinte-e-um.

— Para concluir nosso trato, é claro. Será que é tão difícil de entender?

— Não fiz trato nenhum.

— Você me privou, Joseph, de uma grande parte da vida. Você me expulsou quando eu não tinha mais utilidade para você e deixou que eu

apodrecesse. Perdoo tudo isso. É coisa do passado. Mas a morte, Joseph, — parou de embaralhar as cartas — a morte é o futuro. O futuro próximo. E não quero estar sozinho quando entrar nela.

— Já lhe pedi desculpas antes. Se você quer atos de contrição, diga-me.

— Nada.

— Quer meus testículos? Meus olhos? Pois tire-os!

— Jogue, peregrino.

Whitehead ficou de pé.

— Não quero mais jogar!

— Mas foi você quem pediu...

Whitehead olhou para as cartas na mesinha.

— Foi assim que você me fez entrar nisto — disse em voz baixa. — Aquele maldito jogo!

— Sente-se, peregrino.

— Você me fez sofrer os tormentos dos condenados.

— Fiz mesmo? — perguntou Mamoulian, uma sugestão de solicitude na voz. — Você sofreu de verdade? Se sofreu, eu sinto muito. O verdadeiro significado da tentação é verificar que algumas das coisas a ganhar merecem o preço que se deve pagar por elas.

— Você é o Demônio?

— Bem sabe que não sou — respondeu Mamoulian, magoado com esse novo melodrama. — Cada homem é seu próprio Mefistófeles, não acha? Se eu não tivesse aparecido, você teria feito um acordo com outro poder qualquer. E teria tido sua fortuna, suas mulheres e seus morangos. Todos esses tormentos que padeceu por minha causa...

Whitehead ouvia sua voz suave distribuindo ironias. Naturalmente que ele não tinha sofrido! Teve uma vida de delícias! Mamoulian leu o pensamento no seu rosto.

— Se tivesse realmente desejado seu sofrimento, — disse ele, lentamente — eu poderia ter-me dado essa satisfação duvidosa há muitos anos. E você sabe disso.

Whitehead fez um gesto afirmativo. Da vela que o Europeu colocara agora sobre a mesa, ao lado das cartas, a cera escorreu.

— O que quero de você é algo muito mais permanente do que o sofrimento. — continuou Mamoulian. — Agora, jogue. Sinto comichão nos dedos.

Marty SAIU do carro e ficou por alguns minutos olhando para o vulto pesado do Hotel Pandemônio. Não estava completamente às escuras. Uma luz muito fraca brilhava na janela do último andar. Pela segunda vez naquele dia começou a atravessar o terreno baldio, com um tremor em todo o corpo. Carys não tinha feito mais contato com ele desde que começou a jornada de volta ao hotel. Não questionava o silêncio dela; muitas eram as razões plausíveis para ele, nenhuma agradável.

Quando se aproximou do hotel, viu que a porta da frente tinha sido arrombada. Pelo menos poderia entrar diretamente e não pela escada de incêndio. Passou por cima das tábuas espalhadas no chão e pela entrada grandiosa chegou ao saguão, parando para acostumar os olhos à escuridão antes de começar a cuidadosa subida pelas escadas queimadas. No escuro, cada som que fazia era como um tiroteio no meio de um funeral, chocantemente alto. Por mais que procurasse andar cautelosamente, os obstáculos na escada não permitiam o silêncio; a cada passo tinha certeza de que o Europeu estava ouvindo, preparando-se para exalar sobre ele um vazão mortal.

Chegando ao lugar por onde tinha entrado da primeira vez, a escalada tornou-se mais fácil. Só quando começou a avançar pelas regiões acarpetadas lembrou-se — e a lembrança o fez sorrir — de que não tinha arma nem um plano, por mais primitivo que fosse para tirar Carys dali. Só esperava que ela já não fosse mais um item de tanta importância na agenda do Europeu, que ele a esquecesse por alguns momentos que poderiam ser vitais. Chegou ao topo da escada e viu sua imagem refletida num dos espelhos do corredor: magro, barbado, vestígios de sangue ainda no rosto, a camisa manchada de sangue — parecia um lunático. O que viu no espelho refletia exatamente o que pensava — um homem desesperado, bárbaro — e isso o encorajou. Ele e sua imagem concordavam: Marty estava fora de si.

+ + +

Pela segunda vez em seu longo relacionamento, Mamoulian e Whitehead sentaram-se um na frente do outro com a mesinha entre eles e jogaram vinte-e-um. O jogo estava equilibrado; parecia que as forças de ambos estavam mais igualadas do que na Praça Muranowski, há quarenta e tantos anos. E, enquanto jogavam, conversavam. Uma conversa calma e sem dramas: sobre Evangeline, sobre a queda do mercado nos últimos tempos, sobre a América e, até mesmo, enquanto o jogo progredia, sobre Varsóvia.

— Você alguma vez voltou lá? — perguntou Whitehead.

O Europeu balançou a cabeça.

— Foi terrível, o que eles fizeram.

— Os alemães?

— Os planejadores da cidade.

Continuaram o jogo. As cartas eram embaralhadas e distribuídas, embaralhadas e distribuídas. A brisa provocada por seus movimentos fazia a luz da vela tremular. O jogo pendeu para um lado, depois para outro. A conversa era interrompida e recomeçada: descontraída, quase banal. Era como se naqueles últimos minutos juntos — quando tinham tanto para dizer — não pudessem dizer nada importante, temendo abrir as comportas da enchente. Só uma vez a conversa mostrou sua verdadeira cor passando de simples observações para a metafísica, em poucos segundos:

— Acho que você está roubando — observou o Europeu casualmente.

— Se eu estivesse, você saberia. Todos os truques que uso são seus.

— Ora, deixe disso.

— É verdade. Tudo que aprendi sobre trapaça, aprendi com você.

O Europeu parecia quase lisonjeado.

— Mesmo agora.

— Mesmo agora, o que?

— Você ainda está trapaceando, não está? Não devia estar vivo, não com sua idade.

— É verdade.

— Parece o mesmo homem de Varsóvia, uma cicatriz ou outra a mais ou a menos. Quantos anos tem? Cem? Cento e cinquenta?

— Mais.

— E o que ganhou com isso? Está mais assustado do que eu. Precisa de alguém que segure sua mão na hora da morte, e me escolheu.

— Juntos, talvez, nunca precisássemos morrer.

— É mesmo?

— Podíamos ter criado mundos.

— Duvido.

Mamouliau suspirou.

— Então, tudo era apetite? Desde o começo?

— A maior parte.

— Nunca procurou o significado de tudo isso?

— Significado? Não existe significado algum. Você me disse isso, sua primeira lição. Tudo é acaso.

O Europeu jogou as cartas na mesa, tendo perdido aquela mão.

— ... sim — disse ele.

— Outra partida? — ofereceu Whitehead.

— Só mais uma. E então precisamos partir.

No topo da escada Marty parou. A porta da suíte de Whitehead estava entreaberta. Não tinha ideia da disposição do interior da suíte — as duas que havia investigado no mesmo andar eram completamente diferentes uma da outra —, não podia prever a geografia dessa que não conhecia. Pensou na sua conversa com Whitehead. Quando terminaram de falar, Marty teve a impressão exata de que ele havia dado alguns passos antes de fechar a porta interna encerrando a conversa. Um longo corredor, talvez, possivelmente com algum lugar para se esconder.

Não adiantava esperar; ficar ali parado tentando imaginar as possibilidades aumentava a expectativa nervosa que sentia. Precisava agir.

Chegando perto da porta, parou outra vez. Um murmúrio de vozes vinha lá de dentro, mas abafado, como se as pessoas estivessem atrás de portas fechadas. Empurrou a porta de entrada com a ponta do dedo. Empurrou-a um pouco mais e espiou para dentro. Como tinha imaginado, um corredor vazio levava ao interior da suíte; havia quatro portas no corredor. Três

fechadas, uma aberta. Detrás de uma das portas fechada vinham as vozes que tinha ouvido. Concentrou-se, tentando distinguir as palavras no murmúrio, mas ouviu apenas uma ou outra. Entretanto reconheceu as vozes: Whitehead e Mamoulian. E o tom da conversa era evidente também: educada, civilizada.

Mais uma vez Marty desejou ter o poder de alcançar Carys como ela o havia alcançado; localizá-la apenas com a mente e discutir o melhor meio de fuga. Mas, como sempre, tudo o que tinha nas mãos era o acaso.

Caminhou pelo longo corredor até a primeira porta fechada e a abriu cautelosamente. Embora a fechadura fizesse algum barulho, as vozes continuaram no outro quarto, sem perceber sua presença. Espiou para dentro; um guarda-casacos apenas. Fechou a porta e caminhou mais alguns metros pelo corredor atapetado. Pela porta aberta percebeu movimento e tilintar de copos. Uma sombra à luz de vela passou rápida pela parede. Marty ficou imóvel, relutando em recuar, agora que tinha ido tão longe. Vozes vinham do quarto próximo.

— Merda, Chad — o homem parecia a ponto de chorar. — Que droga estamos fazendo aqui? Não consigo pensar direito.

A queixa foi recebida com uma risada.

— Não precisa pensar. Estamos fazendo o trabalho de Deus aqui, Tommy. Beba.

— Algo terrível está para acontecer — disse Tom.

— Mais do que certo — respondeu Chad. — Por que pensa que estamos aqui? Agora, beba.

Marty identificou imediatamente os dois. Estavam fazendo o trabalho de Deus, incluindo assassinato. Ele os vira comprando sorvete na tarde ensolarada, com suas facas ensanguentadas nos bolsos. Mas o medo suplantou o desejo de vingança. Como estavam as coisas, já tinha pouca chance de sair vivo da aventura.

Faltava uma porta para ser investigada, diretamente oposta ao quarto onde estavam os americanos. Para chegar até ela precisaria cruzar pela frente da porta entreaberta.

A voz preguiçosa começou outra vez.

— Você está com cara de quem vai vomitar.

— Por que não me deixa em paz? — respondeu o outro. Ao que parecia ele estava se afastando, ou seria apenas o que Marty queria que

acontecesse? Ouviu então o barulho inconfundível de alguém vomitando. Marty prendeu a respiração. Será que o outro jovem ia ajudar o companheiro? Rezou para que fosse.

— Você está bem. Tommy? — O som da voz mudou à medida que se afastava. Sim, ele estava indo para longe da porta. Agarrando a sorte pela garganta, Marty desencostou rapidamente da parede e abriu a última porta, fechando-a assim que entrou.

O quarto não era grande, mas estava escuro. Conseguia distinguir o vulto, enrodilhado no chão. Era Carys. Estava dormindo, sua respiração num ritmo suave.

Marty aproximou-se dela. Como acordá-la? Esse era o problema agora. No quarto ao lado, separado apenas por uma parede, estava o Europeu. Se Carys fizesse o menor som ao acordar, ele ouviria sem dúvida. E se não ouvisse, os americanos ouviriam.

Marty agachou-se e pôs a mão delicadamente na boca de Carys, depois sacudiu seu ombro. Ela parecia não querer acordar. Franziu a testa resmungou uma queixa. Marty inclinou-se mais e arriscou murmurar o nome dela urgentemente junto ao seu ouvido. Deu resultado. Os olhos se abriram, arregalados como os de uma criança assustada; a boca formou uma exclamação sob a palma de Marty. O reconhecimento chegou uma fração de minuto antes que ela desse voz ao espanto.

Marty retirou a mão. Não apareceu nenhum sorriso de boas-vindas nos lábios de Carys; o rosto estava pálido e sombrio, mas tocou os lábios dele com as pontas dos dedos. Marty levantou-se estendendo a mão para ela.

Uma briga começou no quarto ao lado. As vozes suaves erguiam-se agora em acusações mútuas; móveis eram revirados. Mamoulian chamou Chad. Em resposta ouviu-se ruídos surdo de passos vindos do banheiro.

— Droga.

Não havia tempo para pensar em uma tática, teriam de fugir agora, aproveitando o que o momento oferecia, fosse mau, fosse bom. Puxou Carys pelo braço, fazendo-a ficar de pé e foi para a porta. Com a mão na maçaneta, voltou-se para ver se ela o seguia, mas o rosto de Carys registrava desastre. Marty virou para a porta e para o motivo — Santo Thomas, o queixo sujo de vômito — estava de pé na frente da porta. Aparentemente o susto foi mútuo. Aproveitando a hesitação do jovem, Marty saiu para o corredor e empurrou o peito de Tom. O americano

recuou, o nome “Chad!” escapando dos seus lábios enquanto cambaleava para dentro do quarto derrubando uma vasilha com morangos. As frutas rolaram no chão.

Marty encostou-se na porta fechada do guarda-casaco e passou para o corredor, mas o americano recuperou o equilíbrio rapidamente e estendeu o braço para agarrar sua camisa por trás. Foi o bastante para diminuir o impulso de Marty e quando se voltou para livrar-se da mão do homem, viu o segundo americano saindo do quarto onde estavam os dois velhos. Havia uma apavorante serenidade nos olhos do jovem louro quando avançou para Marty.

— Fuja! — foi tudo que conseguiu gritar para Carys, mas o deus louro a interceptou no meio do corredor, empurrando-a para o quarto, murmurando “Não”, enquanto continuava na direção de Marty.

— Segure a moça — ordenou ao companheiro, sem interromper seu avanço.

Tom desapareceu atrás de Carys e ouviu-se um barulho de luta, mas Marty não teve muito tempo para analisar, pois Chad o acertou com um soco no estômago. Marty, confuso pela rapidez da ação, não preparado para a dor, deu um gemido e caiu contra a porta da frente da suíte, fechando-a. O rapaz louro o seguiu pelo corredor e com os olhos ofuscados pelas lágrimas, Marty só viu o golpe seguinte um segundo antes dele o atingir. Não viu o terceiro, nem o quarto. Não havia tempo entre os socos e pontapés para se levantar e respirar. O corpo de camponês que o atacava era ágil e forte, superior a Marty. Em vão ele tentava responder aos golpes. Estava tão desesperadamente cansado e enjoado. Seu nariz começou a sangrar outra vez e os olhos serenos continuavam fixos nele enquanto os punhos o massacravam. Tão calmos, aqueles olhos, pareciam de um homem rezando. Mas quem estava ajoelhado era Marty. Marty, cuja cabeça se inclinava para trás tentando se desviar das cusparadas do garoto louro; Marty quem disse “ajude-me” — ou alguma dolorosa distorção dessas palavras — antes de cair desacordado.

Mamouljian saiu do quarto de jogo, deixando o peregrino entregue às lágrimas. Tinha feito tudo o que o velho pedira uma ou duas partidas pelos velhos tempos. Mas agora a indulgência tinha terminado. E o que era aquele caos no corredor; pernas e braços na porta de frente, sangue na parede? Ah, era Strauss. De um certo modo, o Europeu tinha esperado uma visita de

última hora para os rituais, mas não havia previsto quem seria. Saiu para o corredor a fim de verificar o prejuízo e olhou para o rosto desfigurado e coberto de cuspe, com um suspiro. Santo Chad, com os punhos ensanguentados, estava um pouco suado: o cheiro do jovem leão era doce.

— Ele quase fugiu — informou o santo.

— Verdade? — perguntou o Europeu, fazendo um gesto para que ele se afastasse.

Deitado no chão no corredor, Marty ergueu os olhos para o Último Europeu. O ar entre os dois parecia elétrico. Marty esperou. Sem dúvida, o golpe mortal não demorava. Mas nada aconteceu, a não ser o olhar parado e inexpressivo. Mesmo naquele estado lastimável, Marty viu a tragédia na máscara do rosto de Mamoulian. Não o apavorava mais, simplesmente o fascinava. Aquele homem era a origem do aniquilamento que quase o havia matado na Rua Caliban. Havia talvez o fantasma daquele ar cinzento escondido no fundo dos seus olhos, vazando das narinas e da boca como se chamas ardessem lentamente no seu crânio?

No quarto onde tinha jogado cartas com o Europeu, Whitehead se moveu cuidadosamente para o travesseiro do leito improvisado. A desordem no corredor mudara por um momento o foco das coisas. Enfiou a mão sob o travesseiro e apanhou o revólver, depois esgueirou-se para o quarto de vestir e desapareceu atrás do guarda-roupa. De onde estava podia ver Santo Thomas e Carys de pé no corredor, olhando para a porta da frente. Ambos estavam absortos na ação entre os gladiadores e não notaram sua presença no quarto escuro.

— Ele está morto...? — perguntou Tom, de onde estava.

— Quem sabe? — Whitehead ouviu a resposta de Mamoulian. — Levem-no para o banheiro, fora do caminho.

Whitehead viu o corpo inerte de Strauss ser carregado para o quarto ao lado. Mamoulian aproximou-se de Carys.

— Você o trouxe aqui — disse ele simplesmente.

Ela não respondeu. A mão que segurava a arma estremeceu. Naquela posição, Mamoulian era um alvo fácil, mas Carys estava na frente. Será que uma bala nas costas dela atravessaria seu corpo atingindo Mamoulian? A idéia, embora chocante, não podia ser desprezada; a sobrevivência estava em jogo. Mas o momento de hesitação roubou sua oportunidade. O Europeu

conduzia Carys para a sala de jogo, fora do alcance de tiro. Não importava; a costa estava livre.

Saiu do esconderijo e correu para a porta. Quando chegou ao corredor, ouviu a voz de Mamoulian:

— Joseph?

Whitehead transpôs os poucos metros até a porta de entrada, sabendo que a probabilidade de escapar sem luta era quase inexistente. Segurou a maçaneta e girou.

— Joseph — disse a voz atrás dele.

A mão de Whitehead ficou imóvel e dedos invisíveis apertaram sua nuca. Ignorou a pressão e forçou a maçaneta. Ela escorregou na palma suada. O pensamento que adejava sua nuca pressionava as vértebras axiais, a ameaça inequívoca. Muito bem, pensou ele, a escolha está fora das minhas mãos. Soltou a maçaneta e voltou-se enfrentando o jogador de cartas. Estava no fim do corredor, que parecia começar a escurecer, transformando-se em um túnel que saía dos olhos de Mamoulian. Ilusões tão poderosas. Mas apenas isso: ilusões. Podia resistir o tempo suficiente para abater o homem que as criava. Whitehead ergueu a arma e apontou para o Europeu. Sem dar ao jogador mais tempo para confundi-lo, atirou. O primeiro tiro atingiu Mamoulian no peito; o segundo no estômago. Uma expressão perplexa inundou o rosto do Europeu. O sangue saía dos ferimentos, espalhando-se pela camisa. Mas ele não caiu. Com voz tranquila, como se os tiros nunca tivessem sido disparados, respondeu?

— Você quer sair, peregrino?

Atrás de Whitehead a maçaneta da porta estava sendo sacudida.

— É isso que você quer? Ir lá fora!

— É!

—Então vá.

Whitehead afastou-se da porta quando ela se abriu com tamanha força que a maçaneta entrou na parede do corredor. O velho deu as costas a Mamoulian para fugir, mas antes que pudesse dar um passo a luz do corredor foi absorvida pela escuridão do outro lado da porta e para seu horror, percebeu que o hotel tinha desaparecido. Não havia tapetes nem espelhos, nenhuma escadaria levando para o mundo exterior. Apenas o deserto no qual havia caminhado na outra metade de sua vida: uma praça, um céu repleto de estrelas trémulas.

— Saia — convidou o Europeu. — Está à sua espera há tantos anos. Continue. Vá!

O assoalho sob os pés de Whitehead tornou-se escorregadio; estava escorregadio para o passado. O ar fresco banhava seu rosto, deslizando para o corredor ao seu encontro. Tinha cheiro de primavera, do Vístula que rolava barulhento para o mar a dez minutos dali; cheirava a flores também. Naturalmente cheirava a flores. O que tinha tomado por estrelas eram pétalas brancas erguidas pela brisa e levava até ele. A visão das pétalas era persuasiva demais para ser ignorada; deixou que as o levassem de volta à noite gloriosa, quando durante umas poucas horas cintilantes todo um mundo lhe fora prometido. Nem bem entregou os sentidos à noite a árvore apareceu, tão fenomenal quanto nos seus sonhos, a copa branca balançando suavemente. Alguém se esgueirava na sombra atrás dos galhos carregados; seus menores movimentos provocavam cascatas de pétalas. A mente hipnotizada fez um esforço final para alcançar a realidade do hotel, e ele estendeu a mão para a porta da suíte, mas no escuro não a achou. Não tinha tempo para procurar outra vez. O observador emergia do abrigo dos galhos. A sensação do *déjà vu* o invadiu; exceto que, na primeira visita apenas havia divisado a sombra do homem atrás da árvore. Agora a sentinela misteriosa se revelou. Com um sorriso de boas-vindas, o Tenente Konstantin Vasiliev mostrou o rosto queimado para o visitante do futuro. Nessa noite o tenente não ia escapar para um encontro com uma mulher morta; nessa noite ia abraçar o ladrão, que estava enrugado e barbudo, mas cuja presença tinha esperado durante uma vida inteira.

— Pensamos que você nunca ia chegar — disse Vasiliev.

Empurrou um galho para o lado e saiu para a luz morta daquela noite fantástica. Mostrava-se com orgulho, mesmo com o cabelo completamente queimado, o rosto negro e vermelho, o corpo cheio de buracos. Sua calça estava aberta, o membro ereto. Talvez mais tarde pudessem ir juntos ao encontro da sua amante, ele e o ladrão. Beber vodca como velhos amigos. Sorriu para Whitehead:

— Eu disse a eles que você viria finalmente. Sabia que viria. Para nos ver outra vez.

Whitehead ergueu a arma que tinha ainda na mão e atirou no tenente. A ilusão não foi interrompida por essa violência, ao contrário, foi reforçada. Gritos — em russo — soaram em algum lugar além da praça.

— Ora, veja o que você fez — continuou Vasiliev. — Agora os soldados vão nos achar.

O ladrão reconheceu o próprio erro. Jamais tinha usado uma arma depois do toque de recolher; era um convite à prisão. Ouviu pés calçados com botas correndo para onde estavam.

— Precisamos correr — insistiu o tenente, cuspiendo tranquilamente a bala que tinha apanhado entre os dentes.

— Não vou com você — disse Whitehead.

— Mas esperamos tanto tempo — respondeu Vasiliev, sacudindo o galho como deixa para o próximo ato. A árvore ergueu os galhos como uma noiva, sacudindo seu enxoval de flores. Em minutos o ar ficou denso com uma chuva de pétalas. Quando se acomodaram, espalhando sua radiância pelo chão, o ladrão começou a distinguir os rostos conhecidos que esperavam entre os galhos. Pessoas que, durante aqueles anos tinham chegado àquela praça deserta, àquela árvore, reunindo-se sob ela com Vasiliev para apodrecer e chorar. Evangeline estava entre elas, os ferimentos tão artisticamente disfarçados para o funeral, à mostra agora. Ela não sorriu mas estendeu os braços, a boca formando silenciosa seu apelido, Jojo, enquanto caminhava para ele. Bill Toy estava atrás dela, vestido a rigor como se estivesse indo para o Academia. Suas orelhas sangravam. Ao lado dele, o rosto rasgado dos lábios até a testa, estava uma mulher com vestido longo. Havia outros também, alguns que conhecia, outros que nunca tinha visto. A mulher que o havia levado ao jogador estava presente, seios descobertos, como Whitehead lembrava. O sorriso horrível como sempre. Havia soldados também, outros que haviam perdido para Mamoulian, como Vasiliev. Um deles, além dos orifícios de bala, estava com uma saia. Sob as pregas apareceu um focinho. Saul — sua carcaça devastada — farejou o antigo dono e rosnou.

— Vê há quanto tempo estamos esperando? — perguntou Vasiliev.

Todos os rostos perdidos estavam voltados para Whitehead, as bocas abertas. Mas sem som.

— Não posso ajudá-los.

— Queremos acabar com isso — disse o tenente.

— Pois então, acabem.

— Não sem você. Ele não morrerá sem você.

Finalmente o ladrão compreendeu. Esse lugar, que tinha visto rapidamente na sauna do Santuário existia dentro do Europeu. Os fantasmas eram criaturas devoradas por ele. Evangeline! Até ela. Esperavam, aqueles restos apodrecidos, na terra de ninguém, entre a carne e a morte, que Mamoulian se cansasse de viver e se deitasse e morresse. Então eles também, provavelmente, seriam libertados. Até esse momento seus rostos continuariam naquele zero silencioso, naquele apelo melancólico.

O ladrão balançou a cabeça.

— Não.

Não ia entregar sua vida. Nem por um pomar cheio de árvores, nem por uma nação de rostos desesperados. Deu as costas para a Praça Muranowski e para os fantasmas lamentosos. Os gritos dos soldados estavam muito próximo; logo chegariam. Olhou para trás, para o hotel. O corredor do último andar ainda estava ali, do outro lado da porta de uma casa bombardeada; uma justaposição irreal de ruínas e luxo. Atravessou os destroços na direção dele, ignorando as ordens dos soldados para que parasse. Os gritos de Vasiliev sobrepujavam os dos outros, “Miserável” berrava ele. O ladrão ignorou aquelas vozes e saiu da praça, de volta para o calor do corredor, erguendo a arma imediatamente.

— Coisa velha — disse ele —, não me assusta com elas.

Mamoulian estava ainda de pé na outra extremidade do corredor; os minutos passados pelo ladrão na praça não tinham passado ali.

— Não tenho medo! — gritou Whitehead. — Está ouvindo, seu miserável sem alma? Não tenho medo! — Atirou outra vez, agora na cabeça no Europeu. O tiro atingiu o rosto. Sangue jorrou, Antes que Whitehead pudesse atirar outra vez, Mamoulian revidou.

— Não há limites — gritou, com voz trémula — para o que vou fazer!

Seu pensamento agarrou o ladrão pelo pescoço e torceu, os membros do velho agitaram-se convulsivamente; a arma voou de sua mão; a bexiga e intestinos perderam o controle. Atrás dele, na praça, os fantasmas aplaudiram. A árvore sacudiu com tamanha veemência que as poucas flores ainda nos galhos espalharam-se no ar. Algumas voaram para a porta, derretendo-se no limiar entre o passado e o presente, como flocos de neve. Whitehead caiu contra a parede. Com o canto do olho viu Evangeline

cuspidando sangue em cima dele. Começou a escorregar para o chão, o corpo em convulsões epiléticas. Emitiu uma palavra entre os dentes que rangiam.

— Não!

No chão do banheiro, Marty ouviu o grito de negação. Tentou acordar, mas sua mente estava confusa e o corpo castigado doía da cabeça aos pés. Segurando na borda da banheira conseguiu se ajoelhar. Tinham esquecido dele; sua parte na peça era apenas um intervalo de comodidade. Tentou se levantar, mas as pernas não lhe obedeciam dobravam-se sob o corpo, e ele tornou a cair, o impacto fazendo-o sentir cada golpe recebido.

No corredor, Whitehead estava agachado contra a parede, a boca aberta e mole. O Europeu se aproximou para o *coup de grâce*, mas Carys o interrompeu.

— Deixe-o em paz — gritou ela.

Saindo da concentração, Mamoulian voltou-se para ela. O sangue era uma linha da face até o queixo.

— Você também — murmurou ele — sem limites.

— Carys recuou para o quarto de jogo. A lâmpada sobre a mesa ficou mais forte. Energia andava solta na suíte e a chama estava repleta dela. O Europeu olhou para Carys com olhos famintos. Havia um apetite nele — uma resposta instintiva à perda de sangue — e tudo o que via nela era alimento. Como o ladrão; faminto por outro morango, embora estivesse de estômago cheio.

— Eu sei o que você é — disse Carys, evitando o olhar dele.

No banheiro, Marty percebeu o plano dela. Bobagem, pensou ele, dizer isso ao Europeu.

— Sei o que você fez.

Os olhos do Europeu se arregalaram, enfumaçados.

— Você é ninguém — continuou a moça. — Não passa de um soldado que conhece um monge e o estrangulou enquanto dormia. Do que pode se orgulhar? — A fúria de Carys o esbofeteava. — Você é ninguém. Ninguém e nada!

Mamoulian estendeu o braço para apanhá-la. Carys esquivou-se para o outro lado da mesa de jogo, mas ele a derrubou, as cartas espalhando-se no chão, e agarrou a moça. Seus dedos eram como uma grande sanguessuga no braço dela, chupando sangue e deixando só o vazio, só trevas sem sentido. Ele era novamente o Arquiteto dos seus sonhos.

— Deus me ajude — murmurou ela.

Seus sentidos desmoronaram e o cinzento chegou para substituí-los. Mamoulian a retirou de dentro de seu corpo com um puxão violento e a absorveu no dele, deixando cair no chão o invólucro vazio. Enxugou a boca com as costas da mão e olhou para os evangelistas. Estavam de pé na porta, olhando para ele. A gula provocou enjôo em Mamoulian. Ela estava dentro dele — toda de uma vez — e era demais. E os santos pioravam as coisas, olhando para ele como se fosse algo nojento, o moreno balançando a cabeça.

— Você a matou! — disse ele. — Você a matou!

O Europeu deu de costas à acusação, seu organismo fervendo, e apoiou o cotovelo e o braço na parede como um bêbado a ponto de vomitar. A presença de Carys dentro dele era um tormento. Não ficava quieta, cada vez mais enfurecida. E aquela turbulência libertou muito mais: Strauss esfaqueando suas entranhas; os cães nos seus calcanhares, criando um cenário de sangue e fumaça; e então para trás, antes daqueles poucos meses terríveis, para outros sofrimentos: pátios e neve e luz das estrelas e mulheres e fome, sempre a fome. E nas suas costas continuava sentindo os olhos dos cristãos.

Um deles falou; o garoto louro que no passado ele teria desejado. Ele e ela e todos.

— Isso é tudo? — quis saber o jovem. — Isso é tudo, seu mentiroso miserável. Você nos prometeu o Dilúvio.

O Europeu apertou a mão contra a boca para fazer cessar a fumaça que saía e imaginou uma grande vaga despencando sobre o hotel, sobre a cidade, descendo para acabar com a Europa.

— Não me tente — advertiu ele.

No corredor Whitehead com o pescoço quebrado sentiu vagamente um perfume no ar. De onde estava via o patamar do lado de fora da suíte. A Praça Muranowski com sua árvore fatal há muito tempo desaparecera, deixando só os espelhos e os tapetes. Agora, deitado ao lado da porta, ouviu que alguém subia a escada. Percebeu um vulto movendo-se nas sombras; era o perfumado. O recém-chegado aproximou-se lentamente mas com decisão; hesitou apenas um momento na porta, depois passou por cima do corpo de Whitehead, na direção do quarto onde os dois homens tinham jogado. Em certo momento da conversa, enquanto jogavam, o velho tinha

imaginado que podia ainda fazer outro trato com o Europeu, escapando assim por mais alguns anos da catástrofe inevitável. Mas tudo tinha saído errado. Brigaram por uma coisa sem importância, como brigam os amantes, e numa matemática incompreensível, a discussão tinha escalado até isto: morte.

Rolou o corpo e olhou para a sala onde tinham jogado. Carys estava caída no chão no meio das cartas espalhadas. Via o corpo dela pela porta aberta. O Europeu a tinha absorvido.

Agora o recém-chegado interrompia sua visão, aproximando-se da porta. De onde estava, Whitehead não vira o rosto do homem. Mas viu o brilho da faca de mato em sua mão. Tom viu o Engolidor de Giletes antes de Chad. Seu estômago rebelde revoltou-se com a mistura de fedor de sândalo com putrefação, e vomitou na cama de Whitehead quando Breer entrou no quarto. Vinha de muito longe e os quilômetros não haviam sido clementes, mas estava ali.

Mamoulian tirou o braço da parede e enfrentou Breer.

Não ficou muito surpreso ao ver o rosto podre, embora não soubesse muito bem por que. Será que sua mente não tinha libertado Breer do seu poder e o homem estava ali a seu chamado? Breer olhou para Mamoulian através do ar brilhante, como se esperasse novas instruções antes de agir. Os músculos do seu rosto estavam tão deteriorados que cada piscada dos olhos ameaçava arrancar a pele das órbitas. Parecia, pensou Chad — meio alto com conhaque — um homem prestes a estourar, soltando borboletas. As asas delas tatalavam nos confins da sua anatomia; moíam seus ossos com seu entusiasmo. Logo o movimento incansável ia abrir aquele corpo e o ar cheio delas.

O Europeu olhou para a faca de mato na mão de Breer.

— Por que você veio? — perguntou.

O Engolidor de Giletes tentou responder, mas a língua não quis cumprir o dever imposto. O que saiu foi uma palavra que tanto podia ser “demo” ou “Deus”, mas que não era nada disso.

— Veio para ser morto? É isso?

Breer balançou a cabeça. Não era essa sua situação, e Mamoulian sabia. A morte era o menor dos seus problemas. Ergueu a faca para indicar o que pretendia.

— Eu posso acabar com você — disse Mamoulian.

Mais uma vez Breer balançou a cabeça.

— Mofo — disse ele, o que Mamoulian interpretou e repetiu:

— Morto.

— Morto... — murmurou Chad. — Deus do céu. O Homem está morto.

O Europeu murmurou uma afirmativa.

Chad sorriu. Talvez fossem privados da onda destruidora. Talvez os cálculos do Reverendo estivessem errados e o dilúvio só chegasse depois de alguns meses. Que importava? Tinha histórias para contar, que histórias! O próprio Bliss, com toda aquela conversa de demônios na alma do hemisfério, jamais vira uma cena igual a essa. O santo ficou atento passando a língua nos lábios, na expectativa.

No corredor, Whitehead conseguira se arrastar uns três ou quatro metros da porta e agora via Marty, que finalmente estava de pé. Apoiado na parede do banheiro, Marty sentiu os olhos do velho. Whitehead ergueu a mão, chamando-o. Estonteado, Marty arrastou-se até o corredor, sua presença ignorada pelos atores, no outro quarto. Estava escuro ali fora; a luz da sala de jogo, aquela vela lívida, não chegava onde estavam, impedida pela porta entreaberta.

Marty ajoelhou-se ao lado de Whitehead. O velho agarrou sua camisa.

— Tem de pegar Carys — disse ele, a voz quase inaudível. Seus olhos estavam saltados, havia sangue na barba e mais saía a cada palavra, mas os dedos seguravam com força a camisa de Marty. — Apanhe Carys — sibilou ele.

— Do que está falando?

— Ele está com ela. Dentro dele. Tire-a de lá, pelo amor de Deus, ou vai ficar lá para sempre, como os outros. — Voltou os olhos para fora da porta, lembrando o horror da Praça Muranowski. Será que Carys já estava lá? Prisioneira sob a árvore, com as mãos ávidas de Vasiliev no seu corpo? Os lábios do velho começaram a tremer. — Não pode... permitir que ele fique com ela, rapaz. Ouça o que estou dizendo. Não pode permitir que ele fique com ela.

Marty não conseguia compreender o sentido daquelas palavras. Whitehead estava sugerindo que ele entrasse em Mamoulian para retirar Carys? Era impossível.

— Eu não posso — murmurou.

O velho fez cara de nojo e largou a camisa dele como se estivesse segurando excremento. Com esforço, virou a cabeça para o lado.

Marty olhou para a sala de jogo. Pela porta entreaberta via Mamoulian aproximando-se da figura inconfundível do Engolidor de Giletes. Havia uma certa fragilidade no rosto do Europeu. Marty o observou por um momento, depois olhou para os pés de Mamoulian. Carys estava ali deitada, uma expressão sobressaltada pela cessação da vida, a pele brilhante. Não podia fazer nada; por que Papá não o deixava fugir para a noite lá fora e curar seus ferimentos? Ele não podia fazer nada.

E se fugisse; se encontrasse um esconderijo, para se recuperar, poderia depois se livrar do cheiro da covardia? Esse momento — as estradas se dividindo outra vez — não ficaria marcado a fogo para sempre nos seus sonhos? Olhou para Papá. Mas, a não ser pelo fraco movimento dos lábios, parecia morto.

— Tire-a de lá — repetia, um catecismo para ser recitado até sua respiração se apagar. — Tire-a de lá. Tire-a de lá.

Marty havia pedido algo semelhante para Carys — entrar no covil do louco e voltar com uma história. Tinha de devolver o favor. Tire-a de lá. Tire-a de lá. As palavras de Papá enfraqueciam com cada batida do coração esgotado. Talvez fosse possível recuperar Carys, pensou Marty, tirando-a de alguma parte do fluxo do corpo de Mamoulian. Se não, se não, seria tão difícil morrer tentando salvá-la e acabar com aquela divisão dos caminhos e todas as escolhas se transformando em cinzas?

Mas como? Tentou lembrar como Carys tinha feito, mas o processo era muito complicado — o banho, o silêncio e sem dúvida Marty tinha poucas probabilidades de realizar a viagem antes que as circunstâncias se alterassem. Sua única fonte de esperança vinha do fato de sua camisa estar ensanguentada — do modo como tinha sentido, a caminho do hotel, que Carys havia rompido alguma barreira no seu cérebro que o dano, uma vez causado, era permanente. Talvez sua mente pudesse chegar até ela através do ferimento feito, seguido seu cheiro com a mesma constância com que ela havia seguido o seu.

Marty fechou os olhos, isolando-se do corredor, de Whitehead e do corpo aos pés de Mamoulian. A visão era uma armadilha; Carys disse isso certa vez. Esforço também. Devia relaxar. Deixar que o instinto e a imaginação o levasse onde o intelecto não podia levar.

Pensou em Carys, sem esforço, afastando da mente a visão do corpo inerte e evocando seu sorriso cheio de vida. Disse-lhe mentalmente o nome, e ela veio até ele em vários momentos: rindo, nua, intrigada, arrependida. Mas ele ignorou os detalhes, deixando apenas a presença essencial de Carys em sua cabeça dolorida.

Marty estava sonhando com Carys. O ferimento estava aberto e tocar nele outra vez era doloroso. O sangue escorria para sua boca aberta, mas a sensação era um fenômeno distante. Pouco tinha a ver com sua condição atual, da qual cada vez se distanciava mais. Teve a impressão de estar despindo o próprio corpo. Era redundante: matéria sem valor. A facilidade do processo o deixou assombrando; só temia ficar ávido demais; precisava controlar seu entusiasmo para não esquecer a cautela e ser descoberto. Marty não via nada, não via nada. O estado em que se movia — estaria se movendo? — não era suscetível aos sentidos. Agora, embora não tivesse provas, tinha certeza de estar fora do próprio corpo. Lá estava ele, abaixo de Marty: uma concha vazia. Na sua frente, Carys. Ia sonhar seu caminho até ela.

E, então, quando pensou que teria prazer nessa jornada extraordinária, o inferno se abriu à sua frente...

Mamouljian, com a atenção voltada para o Engolidor de Giletes, não sentiu quando Marty o penetrou. Breer lançou-se para a frente, erguendo o facão do mato para atingir o Europeu. Ele deu um passo para o lado, com perfeita economia de movimento, mas Breer girou para o segundo golpe com rapidez assustadora e dessa vez, mais por acaso do que por pontaria, a faca passou raspando pelo braço de Mamouljian, cortando a manga do terno cinza escuro.

— Chad — chamou o Europeu, sem tirar os olhos de Breer.

— Sim? — respondeu o garoto louro. Estava encostado na parede, perto da porta, como um herói indolente; tinha encontrado os charutos de Whitehead, guardado alguns no bolso e acendido outro. Soltou uma nuvem de fumaça azul e olhou os gladiadores através da ofuscação do álcool. — O que você quer?

— Procure o revólver do peregrino.

— Para quê?

— Para nosso visitante.

— Mate você mesmo — respondeu Chad calmamente — você pode.

A mente de Mamoulian se revoltou com a idéia de encostar sua carne naquela podridão; melhor uma bala. À queima-roupa acabaria com o Engolidor de Giletes. Sem cabeça, nem os mortos podem andar.

— Apanhe a arma! — ordenou.

— Não — retrucou Chad. O Reverendo sempre disse que a melhor coisa era falar claro.

— Não é hora para brincadeiras — gritou Mamoulian, desviando os olhos de Breer para Chad. Foi um erro. O homem morto brandiu o facão outra vez e atingiu o ombro de Mamoulian, acertando o músculo ao lado do pescoço. O Europeu deixou escapar um rosnado quando o golpe o atingiu e outro quando Breer puxou a lâmina do seu corpo.

— Pare! — gritou Mamoulian para seu assaltante.

Breer balançou a cabeça. Para isso estava ali, não era? O prelúdio de um ato que esperava há tanto tempo.

Mamoulian levou a mão ao ferimento no ombro. Balas podia receber e sobreviver; mas um ataque mais traumático, que comprometia a integridade da sua carne, era perigoso. Precisava acabar com Breer e, se o santo não fosse apanhar a arma, teria de matar o Engolidor de Giletes com as mãos nuas.

Breer aparentemente percebeu suas intenções.

— Não pode me ferir — tentou dizer, as palavras saindo em desordem — Estou morto.

Mamoulian balançou a cabeça.

— Membro por membro — murmurou. — Se for preciso. Membro por membro.

Chad sorriu ao ouvir a promessa do Europeu. Jesus amado, pensou, era assim que o mundo ia acabar. Um conjunto de quartos, carros na rodovia, a caminho de casa pela última vez, o morto e o quase morto trocando golpes à luz de vela. O Reverendo estava errado. O Dilúvio não era uma grande onda, era? Era homens cegos com facas de mato; era os grandes de joelhos, pedindo para não morrer pelas mãos dos idiotas; era a avidez do irracional transformada em epidemia. Observou, pensando em como ia descrever a cena para o Reverendo, e pela primeira vez nos seus dezenove anos sua bela cabeça sentiu um espasmo de puro prazer.

Marty só compreendeu o quanto a experiência daquela viagem tinha sido maravilhosa até ali — passageiro puro — quando mergulhou no corpo de Mamouliau. Sentiu-se como um homem esfolado entrando em óleo fervente. Agitou-se, sua essência implorando um fim para aquele inferno da condição física de outro homem. Mas Carys estava lá. Precisava manter essa ideia acima de qualquer outra, como um talismã.

Naquele turbilhão, seus sentimentos por ela tinham a pureza da matemática. As equações — complexas, mas elegantes em suas provas — ofereciam uma precisão que era igual à verdade. Precisava manter essa ideia. Se descuidasse, estaria perdido.

Embora desprovido de sentidos, sentiu que o novo estado lutava para impor uma visão de si mesmo. Nos cantos dos seus olhos cegos luzes se acendiam — perspectivas se abriam e se fechavam rapidamente —, sóis ameaçavam se acender acima de sua cabeça e eram apagados antes que pudessem dar calor ou luz. Foi assaltado por uma estranha irritação: um comichão de loucura. *Arranhe-me*, dizia ela, *e não precisará se esforçar mais*. Mas conseguiu vencer a sedução pensando em Carys.

Ela já entrou, disse o comichão, *mais profundamente do que você ousará penetrar. Muito mais*.

Talvez fosse verdade. Mamouliau a havia engolido inteira, levando-a para baixo, para onde guardava suas coisas favoritas. Para o lugar de onde provinha o zero que ele usava na Rua Caliban, face a face com aquele vácuo, Marty feneceria: desta vez não haveria salvação. *Um lugar tão terrível*, dizia o comichão. *Quer ver?*

— Não.

Venha, olhe! Olhe e trem! Olhe e morra! Queria saber o que ele era, muito bem, está para ver de muito perto.

Não estou ouvindo, pensou Marty. Procurou se aprofundar mais e, embora — como na Rua Caliban — não houvesse a parte de cima nem a parte de baixo, nem a parte da frente ou a de trás, teve a impressão de estar descendo. Seria por causa das metáforas que levava com ele, a ideia de que o inferno era um abismo? Ou estava penetrando as entranhas do Europeu até os intestinos, onde Carys estava escondida?

Naturalmente, você nunca mais vai sair daqui, sorriu o comichão. *Não depois de descer até lá. Não existe caminho de volta. Ele jamais evacuará você. Vai ficar trancado aqui dentro de uma vez por todas*.

Carys saiu, pensou ele.

Ela estava na cabeça dele, lembrou o comichão. Estava folheando seus livros. Você está enterrado no monte de esterco; e profundamente, oh, sim, meu caro, profundamente.

Não!

Pode estar certo.

Nãol

Mamoulian balançou a cabeça. Estava cheia de dores estranhas; vozes também. Ou seria apenas o passado conversando com ele? Sim, o passado. Tinha zumbido e bisbilhotado nos seus ouvidos nessas últimas semanas em voz mais alta do que nas últimas décadas. Sempre que sua mente relaxava, a atração da história a reclamava e ele voltava ao pátio do mosteiro com a neve caindo e o pequeno tambor à sua direita grasnando e os parasitas deixando os corpos que começavam a esfriar. Duzentos anos de vida saltavam daquela conspiração de momentos. Se o tiro que matou o carrasco fosse disparado segundos mais tarde, o machado teria caído, sua cabeça teria rolado e os séculos que viveu não lhe teriam contido a presença; nem ele a deles.

E por que voltava agora esse ciclo de pensamentos, enquanto olhava para Anthony no outro lado do quarto? Estavam a milhares de quilômetros e dezessete décadas daquele fato. Não estou em perigo, disse para si mesmo, então, por que me queixar? Breer estava a beira do colapso total; despachá-lo era uma tarefa simples e nojenta.

Moveu-se rapidamente, segurando o pescoço de Breer antes que o outro tivesse oportunidade de revidar. Os dedos finos do Europeu enterraram-se na carne putrefata e se fecharam em volta do estômago de Breer. Então, o Europeu puxou com força. Um bom pedaço do pescoço de Breer soltou-se em um jato de gordura e líquido. O som era de vapor escapando.

Chad aplaudiu com o charuto na boca. No canto, onde tinha caído, Tom parou de choramingar e observava também a mutilação. Um homem lutando por sua vida, o outro por sua morte. Aleluia! Santos e pecadores juntos.

Mamoulian jogou para longe o punhado de imundície. Apesar do ferimento, o Engolidor de Giletes ainda estava de pé.

— Preciso fazê-lo em pedaços? — perguntou Mamoulian. Sentiu alguma coisa movendo-se dentro dele. A moça estava ainda procurando

escapar?

— Quem está aí? — perguntou em voz baixa.

Carys respondeu. Não para Mamoulian, mas para Marty. Aqui, disse ela. Marty ouviu. Não, não ouviu: sentiu. Ela chamou e ele estava ali.

O comichão em Marty estava no sétimo céu. *Tarde demais para ajudá-la*, dizia: *tarde demais para qualquer coisa agora*.

Mas ele estava perto, ele sabia, sua presença controlando o pânico que ele sentia. Estou com você, disse ela. Somos dois agora.

O comichão não se impressionou. Sorriu com zombaria à idéia de fuga. *Estão presos para sempre*, disse, *melhor admitir. Se ela não pode sair, você também não pode*.

Dois, disse Carys. Somos dois agora. Por alguns tênues momentos Marty compreendeu a intenção em suas palavras. Estavam juntos, e juntos eram mais do que a soma das suas partes. Pensou em suas anatomias entrelaçadas — o ato físico que era a metáfora dessa outra unidade. Nunca tinha compreendido até aquele momento. Sua mente se encheu de júbilo. Ela estava com ele, ele com ela. Eram um pensamento indivisível, um imaginando o outro.

Vá!

E o Inferno se dividiu; não tinha escolha. A província fragmentou-se quando se libertaram das garras do Europeu. Experimentaram alguns momentos perfeitos como uma só mente, e depois a gravidade — ou fosse qual fosse a lei que dominava aquele estado — exigiu sua parte. Chegou a divisão — uma expulsão violenta do paraíso momentâneo —, e estavam se lançando para seus corpos, a unidade terminada.

Mamoulian sentiu a fuga dos dois como um ferimento mais traumático do que um infligido por Breer. Levou um dedo à boca com uma expressão dolorosa de perda. As lágrimas correram livremente, diluindo o sangue no seu rosto. Breer aparentemente percebeu: seu momento tinha chegado. Uma imagem surgiu espontânea no seu cérebro liquefeito — como uma das fotografias granuladas do seu livro de atrocidades —, só que essa imagem tinha movimento. A neve caía; as chamas do braseiro dançavam.

A faca em sua mão ficava cada vez mais pesada quase como uma machadinha. Breer a ergueu; a sombra da arma caiu sobre o rosto do

Europeu. Mamoulian olhou para os traços desfeitos de Breer e os reconheceu; compreendeu como tudo tinha levado àquele momento. Sob o peso dos anos, caiu de joelhos.

Nesse momento, Carys abriu os olhos. A volta tinha sido áspera e terrível; pior para Marty do que para ela, que estava acostumada àquela sensação. Mas nunca era muito agradável sentir os músculos e a gordura solidificando-se de novo em volta do espírito.

Os olhos de Marty abriram-se também e ele examinava o corpo que ocupava. Era pesado, usado. Grande parte dele — camadas de pele, cabelos, unhas — era matéria morta. Sua própria substância o revoltou. Esse estado era uma paródia de liberdade que acabava de experimentar. Endireitou o corpo com uma exclamação de nojo, como se tivesse acordado e encontrado o corpo cheio de insetos.

Olhou para Carys, para se tranquilizar, mas a atenção dela estava voltada por alguma coisa que ele não via, de onde estava.

Carys observava um espetáculo que já tinha visto, mas não sabia onde. Porém, o ponto de vista era diferente, e só depois de algum tempo localizou a cena: o homem de joelhos, o pescoço exposto, os braços um pouco afastados do corpo, dedos abertos no gesto universal de submissão; o carrasco, o rosto indefinido, erguendo a lâmina para decapitar a vítima passiva; alguém rindo ali perto.

Na última vez que tinha visto a cena estava atrás dos olhos de Mamoulian: um soldado num pátio coberto de neve, esperando o golpe que cancelaria sua jovem vida. O golpe que nunca chegou; ou melhor, que tinha sido adiado até aquele momento. Teria o carrasco esperado por tanto tempo, vivendo em um corpo e descartando-o por outro, seguindo Mamoulian através das décadas, até que afinal o destino juntasse as peças para a reunião? Ou seria tudo obra do Europeu? Teria sua vontade chamado Breer para terminar uma história acidentalmente interrompida há tantas gerações?

Carys jamais saberia. O ato, começado pela segunda vez, não devia ser adiado novamente. A arma desceu, quase separando a cabeça do pescoço com um só golpe. Uns poucos tendões obstinados a mantiveram num balanço — o nariz no peito —, dependurada no tronco, até que mais dois golpes sucessivos a separaram, e rolou então entre as pernas do Europeu, parando aos pés de Tom. O rapaz a chutou para longe.

Mamouliau não fez nenhum ruído; mas agora, sem cabeça, o rosto deu vazão aos sentimentos. Com o sangue o corpo emitiu lamentos que pareciam sair de cada poro. E com o som chegaram os fantasmas enfumaçados de quadros não-desenhados, erguendo-se dele como vapor. Coisas amargas surgiam e fugiam; sonhos, talvez, ou fragmentos do passado. Era tudo a mesma coisa agora. Na verdade, sempre fora assim. Ele havia surgido de histórias; ele o lendário, ele o impermanente, ele cujo próprio nome era uma mentira. O que importava se agora sua biografia, fugindo para o nada fosse tomada por ficção?

Breer, não-satisfeito, começou a trabalhar com a faca no pescoço do cadáver, cortando primeiro para baixo, depois para o lado, no esforço para trincar o inimigo em pedaços cada vez menores. Um braço foi sumariamente separado; ele o apanhou, separando a mão do pulso, antebraço do braço. Em poucos momentos o quarto, quase sereno durante a execução, transformou-se em um abatedouro.

Marty chegou na porta a tempo de ver Breer cortar o outro braço de Mamouliau.

— Veja só o trabalho dele! — disse o garoto americano, brindando o banho de sangue com a vodca de Whitehead.

Marty observou a carnificina, impassível. Tudo acabado. O Europeu era um homem morto. A cabeça dele estava de lado no chão sob a janela; parecia pequena, vestigial.

Carys, encostada na parede ao lado da porta, segurou a mão de Marty.

— Papá? — perguntou ela — E Papa?

O corpo de Mamouliau ainda ajoelhado caiu para frente. Os fantasmas e os ruídos que saíam dele tinham acabado. Agora só o sangue escuro jorrava. Breer inclinou-se para continuar a chacina, abrindo o abdome com dois cortes profundos. Urina jorrou da bexiga furada.

Carys, enjoada, saiu do quarto. Marty demorou-se um pouco mais. A última coisa que viu foi o Engolidor de Giletes apanhar a cabeça pelos cabelos, como uma fruta exótica, e desfechar um golpe lateral nela.

No corredor, Carys estava agachada ao lado do pai; Marty abaixou-se perto dela. A moça acariciou o rosto do velho.

— Papa!

Whitehead não estava morto, mas também não estava verdadeiramente vivo. Seu pulso era um bruxuleio. Os olhos estavam fechados.

— Não adianta... — murmurou Marty vendo-a sacudir o ombro do velho — está praticamente morto.

Na sala de jogo Chad começou a rir alto. Aparentemente as cenas de matadouro alcançavam novas alturas da arte do absurdo.

— Não quero estar aqui quando ele se cansar da brincadeira — disse Marty. Carys não se moveu. — Não podemos fazer nada pelo velho — observou ele.

Carys olhou para ele, confusa com o dilema.

— Ele já se foi, Carys. E nós precisamos ir também.

Um silêncio envolvia agora o matadouro. De certo modo era pior do que o riso ou o som de trabalhador de Breer.

— Não podemos ficar esperando aqui — insistiu Marty.

Fez Carys se levantar com um gesto bruto e a empurrou para a porta da suíte. Ela resistiu fracamente.

Enquanto desciam a escada, lá em cima o americano louro começou a aplaudir outra vez.

O homem morto concentrou-se no seu trabalho durante um longo tempo. Muito depois do tráfego doméstico da rodovia ficar reduzido a um filete de luzes, resumindo a passagem dos caminhões de carga de longa distância que iam rugindo para o norte. Breer não ouvia nada. Há tempos seus ouvidos não funcionavam, e sua vista, antes tão aguçada, mal conseguia discernir a carnificina que o rodeava. Mas quando a visão se apagou completamente, restava o sentido do tato. Que ele usou para terminar sua tarefa, dividindo a subdividindo a carne do Europeu até ser possível dizer qual era a parte que falava e a parte que urinava.

Chad cansou da diversão muito antes disso. Apagando o segundo charuto com o salto do sapato, saiu para ver como iam as coisas fora dali. A moça tinha ido embora; o herói também. Deus os ama, pensou ele. O velho estava ainda no corredor, segurando a arma que conseguia recuperar em

algum momento do espetáculo. Os dedos dele se contraíam e relaxavam uma vez ou outra, nada mais. Chad voltou à câmara de sangue, onde Breer estava ajoelhado entre a carne e as cartas, cortando ainda, e ergueu Tom do chão. Ele estava semidesmaiado, os lábios quase azuis, e só depois de muito tempo Chad conseguiu fazer com que se mexesse. Mas Chad era um prosélito inato e com uma pequena conversa instilou algum entusiasmo no amigo.

— Não podemos fazer nada agora, sabe? — disse Chad. — Somos homens batizados. Quero dizer, já vimos tudo, não vimos? Não existe nada neste imenso mundo que possa ser usado pelo demônio para lutar contra nós, porque nós estivemos lá. Não estivemos?

Chad estava dopado com a liberdade recém-descoberta. Queria demonstrar sua tese e, dizendo ao compaheiro "Você vai gostar disto Timmy", teve a bela idéia de defecar no peito do velho. Tom parecia não se importar com coisa alguma e ficou observando enquanto Chad baixava as calças para o serviço sujo. Mas seus intestinos não queriam cooperar. Porém, quando começou a se levantar, Whitehead abriu os olhos repentinamente e a arma disparou. A bala passou a um milímetro dos testículos de Chad, fez uma marca vermelha na parte interna da sua coxa muito branca e assobiando perto do seu rosto, foi se fixar no teto. Então o intestino de Chad funcionou, mas o velho estava morto; morreu com o tiro que quase tinha estourado a masculinidade de Chad.

— Foi por um triz — disse Tom, sua catatonia desaparecendo com a quase-mutilação de Chad.

— Acho que eu tenho sorte — respondeu o garoto louro.

Então, vingaram-se do melhor modo possível, e foram embora.

Sou o último da tribo, pensou Breer. Quando eu morrer, os Engolidores de Giletes serão coisa do passado.

Saiu do Hotel Pandemônio sabendo que qualquer coerência que existia ainda no seu corpo estava diminuindo rapidamente. Os dedos mal conseguiam segurar a lata de gasolina roubada de um carro antes de chegar ao hotel, e que tinha deixado à espera dos últimos ritos, no saguão. Era tão difícil segurar algo com a mente quanto com as mãos, mas ele fez o melhor possível. Não sabia os nomes das coisas que farejavam sua carcaça quando

se abaixou no meio do lixo; não podia nem mesmo lembrar quem era, apenas que certa vez, tinha visto coisas maravilhosas.

Desatarrachou a tampa da lata de gasolina com mãos incertas e encharcou o próprio corpo. A maior parte do líquido espalhou-se em volta dele. Então, deixou cair a lata e procurou, às cegas, o fósforo. O primeiro e o segundo não acenderam. Só o terceiro. As chamas o envolveram imediatamente, No meio do fogo, o corpo se enrodilhou, na atitude pugilística das vítimas de imolação, as articulações se encolhendo à medida que eram queimadas, levando pernas e braços a uma atitude de defesa.

Quando finalmente o fogo se apagou, os cães chegaram para aproveitar o que fosse possível. Porém, muitos se afastaram ganindo, as bocas cortadas por uma porção de carne no meio da qual, como pérolas na ostra, estavam as giletes que Breer havia degustado como um gourmet.

XIV Depois da Onda

73

O VENTO tomou conta do mundo.

Naquela noite soprou exatamente de leste para oeste, carregando as nuvens, leves depois de um dia de chuva, na direção do sol poente, como se caminhassem apressadas para um Apocalipse, bem acima do horizonte. Ou talvez — esta idéia era pior — estivessem correndo para convencer o sol a atrasar sua descida por mais uma hora, ou minuto — qualquer coisa para adiar a chegada da noite. E naturalmente o sol não ia fazer isso e aproveitava-se do pânico daqueles flocos de lã para escondê-los sob a borda do mundo.

Carys tentou convencer Marty de que tudo estava bem, sem resultado. Agora, apressando-se na direção do Hotel Orpheus mais uma vez, com as nuvens suicidas e a noite descendo, Marty teve certeza das suas suspeitas. O mundo visível era todo ele uma prova da conspiração.

Além disso, Carys falava ainda no seu sono. Não com a voz de Mamoulian talvez, aquela voz cautelosa, elaborada e irônica que ele conhecia e odiava. Nem chegava a formar palavras realmente. Apenas fragmentos de som: o barulho de caranguejos, de pássaros presos no sótão. Farfalhos e unhas arranhando, como se Carys, ou algo dentro dela, se esforçasse para inventar um novo vocabulário. Não havia nada de humano naquilo, ainda, mas Marty *tinha certeza* de que o Europeu estava escondido dentro dela. Quanto mais ouvia, mais parecia perceber uma certa ordem nos murmúrios, mais o ruído feito pela língua dela parecia um palato se esforçando para falar. A idéia o fazia suar.

E então, na noite anterior à das nuvens apressadas, Marty acordou sobressaltado às quatro horas da manhã. Sonhos terríveis, naturalmente, que, ele supunha, continuariam por muitos anos. Mas nessa noite não se

limitavam ao confinamento de sua mente. Lá tinham estado. Lá estavam ainda.

Carys não estava ao seu lado na cama estreita. Estava de pé no meio do quarto, olhos fechados, o rosto infestado de pequenos trejeitos inexplicáveis. Estava falando outra vez, ou pelo menos tentando, e dessa vez Marty tinha certeza, sem sombra de dúvida de que, de algum modo, Mamoulian estava com ela.

Disse o nome dela, mas Carys não acordou. Saiu da cama e foi para ela, mas com seu primeiro movimento o ar pareceu sangrar trevas. O murmúrio de Carys tornou-se mais urgente e Marty sentiu que a escuridão se solidificava. Seu rosto e seu peito começaram a coçar e os olhos ardiam.

Mais uma vez disse o nome dela, gritando-o agora. Nenhuma resposta. Sombras começaram a adejar sobre ela, embora não houvesse luz no quarto. Marty olhou para os lábios que não paravam de se mover; as sombras pareciam provocadas pela luz filtrando-se através de galhos floridos, como se ela estivesse debaixo de uma árvore.

Acima dele alguma coisa suspirou. Marty ergueu os olhos. O teto tinha desaparecido. Em seu lugar espalhava-se um entrelaçado de galhos que cresciam enquanto ele observava. As palavras dele estavam na raiz da árvores, Marty não tinha dúvida, e a raiz ficava mais forte e mais complexa com cada sílaba. Os brotos se abriam, gerando galhos finos, que em segundos ficavam pesados de folhas. Mas, apesar do viço aparente, a árvore era corrompida em cada botão. As folhas eram negras e brilhavam, não com seiva mas com o açúcar da podridão. Vermes desciam e subiam pelos galhos; flores fedorentas caíam como neve, deixando o fruto exposto.

Frutos terríveis! Um molho de facas atado com uma fita, como presente para um assassino. Uma cabeça de criança dependurada pelos cabelos. Um galho carregado de intestinos humanos, de outro pendia uma gaiola na qual um pássaro estava sendo queimado vivo. Recordações, lembranças de atrocidades passadas. E estaria o colecionador ali, entre todas as suas relíquias?

Algo se moveu na escuridão turbulenta acima de Marty e não era um rato. Ouvia uma troca de murmúrios. Havia seres humanos lá em cima, descansando na podridão. E estavam descendo para juntarem-se a eles.

Estendeu o braço no ar fervente e segurou o braço de Carys. A carne parecia esponjosa, como a ponto de sair na sua mão. Sob as pálpebras, as

palavras que evocavam a árvore.

— Pare — pediu Marty, mas ela continuou falando.

Segurou-a com as duas mãos gritando para que se calasse, sacudindo-a com força. Acima deles, os brotos se abriam; um monte de pequenos galhos caiu sobre os dois.

— Acorde, que diabo — gritou Marty. — Carys! É Marty, eu, Marty! Acorde, pelo amor de Deus!

Sentiu alguma coisa nos cabelos e erguendo os olhos viu uma mulher cuspiendo um filete aperolado de saliva sobre ele. Caiu no seu rosto, frio como gelo. Com pânico crescente, Marty começou a gritar com Carys para fazê-la parar e, não obtendo resultado, esbofeteou-a com violência. Por um instante de fluxo de evocação foi interrompido. A árvore e seus habitantes queixaram-se com um rosnado. Marty a esbofeteou outra vez, com mais força. Percebeu que a febre sob as pálpebras começava a diminuir. Gritou o nome dela outra vez e a sacudiu. A boca de Carys se abriu molemente; os trejeitos e a terrível ausência deixaram seu rosto. A árvore tremeu.

— Por favor... — implorou ele — Acorde.

As folhas negras murcharam; os galhos frenéticos perderam suas ambições.

Ela abriu os olhos.

Murmurando sua dor, a podridão apodreceu desaparecendo no nada.

A marca da mão de Marty estava ainda no rosto de Carys, mas ao que parecia ela não tinha tomado conhecimento da violência. Com voz arrastada de sono, perguntou.

— O que há?

Marty a abraçou com força, sem encontrar uma resposta ao alcance da sua coragem. Respondeu apenas:

— Você estava sonhando.

Olhou para ele intrigado.

— Não me lembro — e então, percebendo o tremor nas mãos dele: — O que aconteceu?

— Um pesadelo.

— Por que não estou na cama?

— Eu estava tentando acordar você.

Carys olhou atentamente para ele.

— Não quero que me acorde. Já estou cansada demais. — Soltou-se dos braços dele. — Quero voltar para a cama.

Marty deixou que ela voltasse para os lençóis amarrotados. Antes de chegar perto dela, Carys estava dormindo outra vez. Marty não se deitou, mas ficou sentado até o raiar do dia, vigiando o sono de Carys, tentando afastar as lembranças.

— VOU VOLTAR ao hotel — declarou Marty no meio do dia seguinte; neste dia. Esperava que Carys tivesse uma explicação para os acontecimentos da noite anterior — fraca esperança! — que pudesse garantir que não passava de uma ilusão passageira da qual já se libertara. Mas Carys não podia tranquilizá-lo. Quando Marty lhe perguntou se ela se lembrava de alguma coisa, a resposta foi de que não tinha sonhado nas últimas noites e estava contente por isso. Nada. Marty repetiu a palavra como se fosse uma sentença de morte, pensando no quarto vazio da Rua Caliban; pensando em como o nada era a essência do seu medo.

Percebendo a depressão dele, Carys estendeu a mão e tocou seu rosto. A pele de Marty estava quente. Chovia lá fora, mas o quarto estava quente e úmido.

— O Europeu está morto — disse.

— Tenho de ver por mim mesmo.

— Não precisa, meu bem.

— Se ele está morto e acabado, por que você fala nos seus sonhos?

— Eu falo?

— Fala, e cria ilusões.

— Talvez eu esteja escrevendo um livro. — A tentativa de levar a coisa na brincadeira não deu resultado. — Temos muitos problemas sem precisar voltar ao hotel, Marty!

Era verdade; havia muita coisa a ser decidida. Como contar essa história, para começar; e como fazer com que alguém acreditasse. Como se entregarem à lei sem ser acusados de crimes conhecidos e desconhecidos... Em algum lugar uma fortuna esperava por Carys; era a única herdeira do pai. Essa era também uma realidade a ser enfrentada.

— Mamoulian está morto — repetiu ela. — Não podemos nos esquecer dele por algum tempo? Quando encontrarem os corpos contaremos toda a

história. Mas não agora. Quero descansar por alguns dias.

— Ontem à noite você fez aparecer uma coisa. Aqui, neste quarto. Eu vi.

— Por que tem tanta certeza de que fui eu? — respondeu Carys. — Por que tenho de ser eu a obcecada? Tem certeza de que não é você que está mantendo essa coisa viva?

— Eu?

— Sem poder se libertar dela?

— Nada me faria mais feliz!

— Então esqueça, que diabo! Deixe isso, Marty! Ele se foi. Morto e acabado! E esse é o fim de tudo!

Carys saiu e Marty pensou na idéia. Talvez fosse ele; talvez tivesse sonhado com a árvore e a culpava por sua paranóia. Mas na ausência de Carys suas dúvidas voltaram. Como podia confiar nela? Se o Europeu estivesse vivo — de algum modo, em algum lugar —, não poderia colocar os argumentos nos lábios dela para evitar interferência de Marty? Passou todo o tempo em que ela esteve fora numa agonia de indecisão, sem encontrar um caminho que não estivesse eivado de suspeita, mas sem coragem para enfrentar o hotel outra vez e tirar as dúvidas de uma vez por todas.

Então, no fim da tarde ela voltou. Conversaram um pouco depois de algum tempo Carys foi para a cama, queixando-se de dor de cabeça. Depois de meia hora no quarto, vendo-a dormir, ouvindo cada respiração (sem murmúrios), saiu para um uísque e o jornal, que leu atentamente à procura de notícias da descoberta ou da perseguição. Nada. Os acontecimentos mundiais dominavam o noticiários; onde não havia ciclones ou guerras havia histórias em quadrinhos e os resultados das corridas. Voltou para o apartamento, decidido a esquecer as dúvidas e dizer a ela que estava com a razão. Encontrou a porta do quarto trancada e lá de dentro a voz dela — suavizada pelo sono — evoluindo com esforço para uma nova coerência.

Marty arrombou a fechadura e tentou acordá-la, mas dessa vez nem sacudidelas nem bofetadas causaram impressão no sono possesso.

Estava quase chegando lá agora. Sem agasalho adequado para o frio que aumentava, insidioso, Marty tremia atravessando a desolação a caminho do Hotel Pandemônio. O outono fazia-se sentir mais cedo nesse ano, nem esperando o começo de setembro para esfriar. Nas semanas seguintes à sua última visita o verão cedera lugar à chuva e ao vento. Não se queixava dessa deserção. O calor do verão em quartos pequenos jamais traria lembranças agradáveis para ele.

Ergueu os olhos para o hotel. A luz fugidia o pintava de coral — os detalhes das marcas do fogo e do graffiti excessivamente reais. Um retrato feito por algum maníaco obsessivo, cada detalhe em perfeito foco. Observou a fachada por algum tempo à procura de algum sinal. O piscar de uma janela, a careta de uma porta: qualquer coisa que o preparasse para o que podia encontrar lá dentro. Mas tudo permaneceu como estava. Apenas um prédio sólido, o rosto desgastado pela idade e pelas chamas, iluminado pela última luz do dia.

A porta da frente fora fechada pelo último visitante a deixar o hotel, mas ninguém havia tentado recolocar as tábuas. Marty empurrou, ela se abriu, rangendo no entulho e sujeira do chão. Dentro, tudo estava na mesma. O candelabro tilintou quando uma rajada de vento invadiu o sanctum; uma garoa seca de poeira esvoaçou na frente dele.

Enquanto subia os dois primeiros lances de escada começou a sentir um cheiro; algo mais forte do que umidade ou cinza. Provavelmente os corpos ainda estavam onde tinham sido deixados. A podridão devia estar adiantada. Marty não sabia a duração do processo, mas depois das experiências das últimas semanas estava preparado para o pior; nem a intensificação do cheiro, à medida que subia, o impressionou.

Parou para um gole de Scotch da garrafa que tinha levado, tirou a tampa e, olhando para os degraus que faltavam para subir, levou o gargalo aos lábios. O gole da bebida irrigou sua gengivas e sua garganta e desceu quente para o estômago. Resistiu à tentação de um segundo gole. Fechou a garrafa e a guardou no bolso, antes de continuar a subida.

Lembranças começaram a envolvê-lo. Esperava mantê-las afastadas, mas chegavam sem ser chamadas e Marty não tinha forças para resitir. Não eram imagens, apenas vozes. Ecoavam dentro da sua cabeça como espaço vazio, como se ele fosse um animal irracional respondendo ao chamado de uma mente superior. O impulso de dar meia volta e fugir o assaltou, mas sabia que, se capitulasse agora, e voltasse para ela, os temores se intensificariam. Logo estaria suspeitando de cada movimento do braço dela, imaginando se o Europeu a estava preparando para um assassinato. Seria outro tipo de prisão; paredes de suspeita, grades de dúvida, e seria condenado a ela para o resto da vida. Mesmo que Carys o deixasse, não continuaria olhando por sobre o ombro com o passar dos anos, esperando que aparecesse alguém com um rosto por detrás do rosto dela e os olhos implacáveis do Europeu?

Contudo, a cada passo, seus temores se multiplicavam. Agarrou com força o corrimão imundo e se obrigou a continuar para a frente e para cima. Não quero ir, dizia a criança que havia nele. Não me obrigue a ir, por favor. Fácil seria voltar, muito fácil deixar tudo para mais tarde. Veja! Seus pés podem fazer isso, diga apenas uma palavra. Volte! Ela vai acordar; tenha paciência. Volte!

E se ela não acordar?, respondia a voz da razão. E isso o fez continuar.

Deu mais um passo e algo se moveu no patamar superior. Um ruído insignificante, nada mais; tão leve que Marty mal ouvia. Um rato talvez? Provavelmente. Todo o tipo de animais carniceiros procurariam aquele lugar, na expectativa do banquete.

Marty havia pensado nesse horror também e estava preparado.

Chegou ao patamar. Nenhum rato fugiu com sua chegada, pelo menos não viu nenhum. Mas havia alguma coisa ali. No topo da escada, um pequeno verme marrom arrastava-se sobre o carpete, contorcendo-se rapidamente no afã de chegar a algum lugar. Lá embaixo, provavelmente, no escuro. Não o examinou com atenção. Fosse o que fosse, era inofensivo. Deixe que encontre um nicho para engordar e para se transformar em mosca, depois de algum tempo, se era essa sua ambição.

Atravessou o penúltimo patamar e começou a subir o lance final de escada. Depois dos primeiros degraus, o cheiro piorou bruscamente. O fedor de carne deteriorada o assaltou e, agora, apesar do Scotch e de todo o preparo mental, seu estômago se contorceu como o verme na escada.

Parou nos primeiros degraus, tirou a garrafa do bolso e tomou dois goles respeitáveis, engolindo tão depressa que seus olhos se encheram de água. Então continuou a subida. Alguma coisa macia deslizou sob seu calcanhar. Olhou para baixo. Outro verme, irmão maior do primeiro, sua descida interrompida pelo pé de Marty; estava amassado. Marty olhou para ele por um segundo antes de continuar rapidamente seu caminho, sentindo a sola do sapato escorregadia; isso, ou estava amassando mais vermes sob os pés.

Os goles de bebida faziam cantar sua cabeça; subiu quase correndo os últimos doze degraus, ansioso para acabar com o pior. Chegou ao topo da escada sem fôlego. Fazia uma idéia absurda da própria pessoa-capricho de bêbado —, como um mensageiro chegando com notícias — batalhas perdidas, crianças assassinadas — ao palácio de um rei de fábula. Só que o rei também estava morto, suas próprias batalhas perdidas.

Foi direto para a suíte; o cheiro muito denso, quase palpável. Como da outra vez, viu sua imagem no espelho; desviou os olhos envergonhado do rosto assustado e — meu Deus! — o carpete se moveu. Não dois ou três, mas uma dezena ou mais de vermes gordos e disformes, esforçavam-se cegamente, ao que parecia, para atravessar o carpete todo manchado por suas viagens. Marty nunca tinha visto insetos iguais, sem nenhuma anatomia visível, cada um de tamanho diferente uns finos como um dedo, outros do tamanho da mão de uma criança, os corpos informes cor de púrpura, riscados de amarelo. Deixavam um rastro de goma e sangue como lesmas feridas. Marty evitou pisar neles. Tinham engordado com a carne que no passado havia conversado com ele. Não queria examiná-los de perto.

Mas, quando empurrou a porta da suíte e entrou cautelosamente no corredor, uma possibilidade chocante entrou em sua mente e instalou-se nela, murmurando obscenidades. As criaturas estavam por toda a parte. As mais ambiciosas escalavam as paredes de cor pastel, grudando pedaços dos seus corpos no papel com líquidos que vertiam delas, avançando como lagartas, com movimentos peristálticos de todo o corpo. A direção era arbitrária; algumas, a julgar pelo rastro, estavam andando em círculos.

À luz fraca do corredor, suas piores suspeitas apenas borbulhavam, mas começaram a ferver quando passou cautelosamente pelo corpo de Whitehead e entrou no matadouro, onde a luz da rodovia criava um dia esbranquiçado. Ali as criaturas eram em maior número. O quarto todo estava cheio delas, desde fragmentos do tamanho de uma pulga a pedaços

do tamanho do coração humano, com filamentos que pareciam tentáculos ajudando seus movimentos. Vermes, pulgas, larvas — uma entomologia completamente nova congregada no lugar da execução.

Mas não eram insetos, nem larvas de insetos, Marty percebia agora. Eram pedaços de carne do Europeu. Ele estava vivo ainda. Em pedaços, em milhares de pedaços inconscientes, mas vivos!

Breer tinha feito um trabalho minucioso de destruição, erradicando o Europeu até onde permitiam sua faca e suas mãos incertas. Mas não foi suficiente. Havia muita vida roubada zumbindo nas células de Mamoulian; e ela rugia, contrariando todas as leis da sanidade, insaciável. Com todo o seu entusiasmo, o Engolidor de Giletes não tinha acabado com a vida do Europeu, apenas a subdividira, deixando-a para se mover naqueles círculos fúteis. E em algum lugar daquele zoológico de lunáticos estava uma besta com o poder da vontade, um fragmento com força suficiente para pensar — embora de modo confuso — na mente de Carys. Talvez não um só, mas muitos — uma soma daquelas partes errantes. Marty não estava interessado na biologia das criaturas. Como aquela obscenidade havia sobrevivido era assunto para uma sociedade de debates de um hospício.

Saiu do quarto e parou tremendo no corredor. O vento batia nas janelas; os vidros exalavam queixas. Ouvia as rajadas lá fora enquanto pensava no que devia fazer. Na outra extremidade do corredor, um pedaço de imundície caiu da parede. Marty a observou contorcendo-se para virar de bruços e recomeçar a subida lenta. Perto dela estava Whitehead. Marty voltou para o corpo.

Os assassinos de Charmaine tinham se divertido a valer antes de sair: a calça e cueca de Whitehead tinham sido arriadas e sua virilha cavucada com uma faca. Os olhos estava abertos; a dentadura fora retirada. Ele olhava para Marty, o queixo caído como uma criança delinvente. Moscas andavam sobre o corpo; havia manchas de podridão no rosto. Mas estava morto, o que, naquele mundo, era alguma coisa. Como insulto final, os garotos haviam defecado no peito dele. As moscas ajuntavam-se ali também.

No passado, Marty tinha odiado aquele homem; e amado também, embora só por um dia; tinha-o chamado de Papá, tinha-o chamado de miserável; tinha feito amor com sua filha, sentindo-se o Rei da Criação. Vira o homem em todo seu poder: um lord! E o tinha visto com medo,

procurando escapar como um rato fugindo do fogo. Conheceu o tipo estranho de integridade do velho e o achou praticável. Tão vantajoso talvez quando as afeições dos mais amorosos dos homens.

Estendeu o braço para fechar aqueles olhos, mas no seu entusiasmo os evangelistas haviam cortado as pálpebras também e os dedos de Marty tocaram o globo pegajoso. Não estava úmido de lágrimas, mas de podridão. Fez uma careta, retirou a mão. enjoado.

Para esconder aquele olhar no rosto de Papa, pôs a mão sob o corpo, pretendendo virá-lo de bruços. Os fluidos já tinham parado de correr e a parte de baixo estava úmida e pegajosa. Com os dentes cerrados, rolou o corpo do homem para o lado e deixou que a gravidade terminasse o serviço. Agora, pelo menos, o velho não precisava assistir ao que viria depois.

Marty levantou-se. Suas mãos fediam. Ele as batizou liberalmente com o resto de scotch, para tirar o cheiro. A ablução serviu para outra coisa; eliminou a tentação de beber. Seria fácil demais ficar um pouco alto e desfocar o problema. O inimigo estava ali. Tinha de ser combatido, terminado para sempre.

Começou onde estava, amassando com os calcanhar os pedaços de carne que rastejavam em volta do corpo de Whitehead, eliminando aquela vida roubada da melhor maneira possível. Naturalmente, não faziam nenhum ruído, o que facilitava a tarefa. Eram apenas vermes, pensou Marty, fragmentos insensíveis de vida sem consciência. E ficou mais fácil quando começou a andar pelo corredor, amassando a carne, transformando-a em manchas de gordura amarela e músculo marrom. As bestas sucumbiam sem discutir. Marty começou a suar, lutando contra o nojo daquele lixo humano, os olhos procurando por todos os lado , para se certificar de que nenhum pedaço ficava vivo. Sentiu um sorriso involuntário nos lábios — uma risada surda, desprovida de humor, escapou da sua garganta. Um! Dois! Três! Aquelas coisas eram mais lentas do que a formiga mais carregada e podia amassá-las calmamente. Todo o poder e sabedoria do Europeu era agora aquela lama nojenta e ele — Marty Strauss — fora eleito para fazer o jogo de Deus e acabar com ela. No fim de tudo, foi-lhe concedida uma terrível autoridade.

Nada é essencial. As palavras que tinha ouvido — e falado — na Rua Caliban finalmente faziam sentido absoluto. Ali estava o Europeu, provando o amargo silogismo com a própria carne e ossos.

Quando terminou o trabalho no corredor, voltou para o quarto principal e continuou a tarefa, a repulsa inicial diminuindo até começar a retirar pedaços das paredes, jogando-os no chão para serem amassados. Quando terminou no quarto de jogo, passou para o patamar e as escadas. Finalmente, quando tudo estava imóvel, voltou à suíte e fez uma fogueira com as cortinas que estavam no quarto de vestir, mais a mesa na qual o velho tinha jogado, mais as cartas e caminhou pelo quarto, apanhando os pedaços maiores de carne e atirando-os no fogo, onde estalavam, encolhiam e eram consumidos. Os pedaços menores ele raspou do chão, rindo ainda sem parar enquanto atirava chuviscos de carne nas chamas. O quarto logo se encheu de fumaça e calor, nenhum dos dois podendo escapar dali. O coração de Marty começou a bater violentamente em seus ouvidos; seus braços brilhavam de suor. Era um trabalho demorado e precisava ser meticuloso, certo? Não podia deixar nem um pontinho com vida, nem um fragmento, temendo que continuasse a viver, se transformasse em mito — crescesse talvez — e o encontrasse.

Quando o fogo se apagou, jogou os travesseiros, os discos e os livros até não sobrar mais nada para a fogueira a não ser ele mesmo. Em certos momentos, olhando quase em transe para as chamas, a idéia de entrar nelas não parecia sem atrativos. Mas ele resistiu. Era só a exaustão. Marty agachou em um canto, olhando o jogo de luz das chamas nas paredes. Os desenhos o fizeram chorar; ou pelo menos alguma coisa provocou seu choro. Quando antes do nascer do dia, Carys subiu a escada para tirá-lo do devaneio, Marty não a viu nem ouviu. O fogo há muito tempo estava apagado. Só os ossos, partidos por Breer, escurecidos e lascados pelo fogo, eram ainda reconhecíveis. Lascas do osso da coxa, das vértebras, o pires do crânio do Europeu.

Carys entrou na suíte como se não quisesse acordar uma criança adormecida. Talvez ele tivesse dormido. Em sua mente havia imagens leves como penas que só podiam ser de sonhos; a vida não era tão terrível.

— Eu acordei. Sabia que você estava aqui.

Marty mal a enxergava no ar enfumaçado; Carys era um desenho a giz em papel negro: tão vulnerável a qualquer rasura. As lágrimas voltaram quando pensou nisso.

— Precisamos ir — disse Carys, não querendo pressionar Marty para explicações. Talvez mais tarde perguntasse, quando aquele olhar

melancólico desaparecesse do rosto dele; talvez jamais perguntasse. Depois de alguns minutos de palavras persuasivas e de encostar o corpo no dele, Marty saiu da meditação à qual se entregara, sentado abraçando os joelhos e deixou que Carys cuidasse dele.

Quando saíram do hotel, o vento os atingiu com força, tão antagônico como sempre. Marty olhou para cima para ver se o vento havia desviado o curso das estrelas, mas estavam todas firmes. Tudo estava no lugar, a despeito da insanidade que havia entrado em suas vidas, e resistindo à urgência de Carys, caminhou devagar, a cabeça inclinada para trás, olhando para as estrelas . Não havia revelações nelas. Apenas pontinhos de luz em um céu claro. Mas pela primeira vez percebeu como aquilo era maravilhoso. Que, num mundo tão cheio de perda e de raiva, elas fossem tão distantes; um mínimo de glória. Enquanto ela o conduzia pelo terreno escuro, mais de uma vez ele não pôde impedir que seus olhos se voltassem para o céu.